"Definitely not your grandmother's Nutcracker tale."
—Marissa Meyer, *New York Times* bestselling author of *CINDER*



New York Times bestselling author

CLAIRE LEGRAND

WINTERSPELL

Salem Witches

Traduções

Staff

Moderadora

Sancta Astra

Tradução - Sancta Astra

Revisão Inicial - FranjinhaJones

Revisão Final & Conferência - Medusa

Formatação - Sancta Astra



Dezembro, 2019

Avisos



A presente tradução foi efetuada pelo grupo Salem Witches (SW), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando posteriormente a aquisição.

O grupo não tem o objetivo de obter lucros, seja direta ou indiretamente.

Selecionamos livros que estão sem previsão de publicação no Brasil, assim, afim de preservar direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá retirar sem aviso prévio, suspender o acesso aos livros que serão lançados por editoras.

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

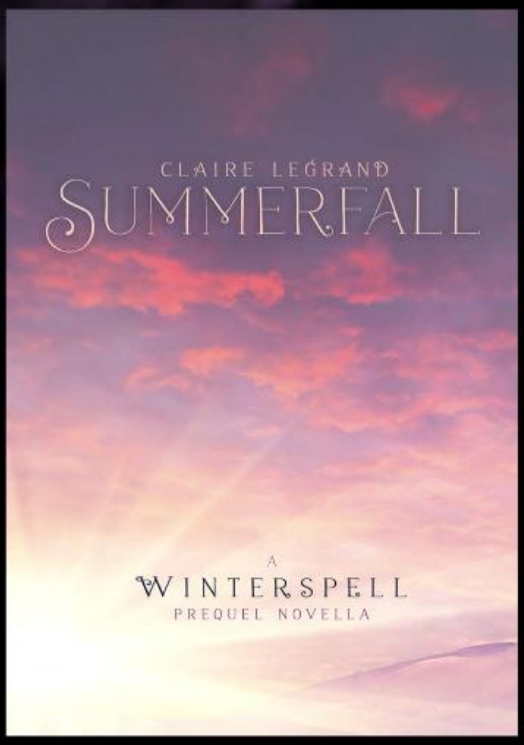
Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autores(as), digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre que puderem os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

WINTERSPELL



DISTRIBUIDO



Sinopse

O relógio toca meia-noite, uma maldição quebra, e uma garota conhece um príncipe... mas o que se segue não é tudo uma doçura.

Nova York, 1899.

Clara Stole, a filha sempre adequada do prefeito, leva uma vida dupla. Desde o assassinato de sua mãe, ela treinou secretamente legítima defesa com o misterioso Drosselmeyer.

Então, na véspera de Natal, ocorre um desastre.

Sua casa é destruída, seu pai sequestrado - por seres distintamente não humanos. Para encontrá-lo, Clara viaja para a terra devastada pela guerra de Cane. Seu único companheiro é o príncipe destronado Nicholas, preso por uma maldição. Se eles querem sobreviver, Clara não tem escolha a não ser confiar nele, mas seus olhos assombrados ardem em segredos - e uma necessidade que ela não pode definir. Com a perigosa e sedutora rainha das fadas Anise os caçando, Clara logo percebe que não deixará Cane ilesa - se ela for embora.


The Sea
Of Stars
The Far
Islands
Wildlands
Wildlands
Mira's
Ring
Wahlkraft
The Kingsmarch
The
Whispering
Sea
Cane
Grauhaft
Abschwig
Kulhafen
Erstadt
Scherk
Verletz
The Howling
Sea
The Summer
Palace
Rohrbirg
Zweilatzer
Pascha's
House
Rosche
Kafflock
Zarko
The
Queen's
Keys
Ebba's
Tears
Mira's
Ring

Nossas histórias dizem que, quando o mundo humano foi criado, nem tudo se encaixava.

Pedaços caíram do todo, como muita massa sendo enfiada em uma panela pequena, e esses pedaços caíram em fendas e foram esquecidos. Nossas histórias, as mais antigas, as que a maioria das pessoas não se lembram mais, dizem que meu país, Cane, é um daqueles lugares esquecidos, escondidos em algum bolso cósmico da existência, em sua maioria separados do mundo humano, mas não inteiramente. Vínculos tênues conectam os dois mundos, como certas músicas de viagem, portas ocultas e magia, se você puder usá-las.

Nem todo mundo em Cane acredita nessa lenda. Por que acreditariam? O mundo deles é o mundo deles, e por que haveria outro? As pessoas mais comuns não gostam de pensar em coisas perturbadoras. Isso atrapalha a sensação de que eles são muito sábios, muito obrigado, ou pelo menos sábios o suficiente para sobreviver, ter boas refeições e uma cama quente no final do dia e saber que não há outros mundos além do próprio.

Mas eu sabia melhor.

O povo mágico - os seres nascidos, como dizem nossas histórias, do mar e das estrelas - também conhecia melhor. Uma vez que o povo mágico caiu do céu e se levantou das profundezas, eles souberam que nós, humanos, somos de outro lugar, que o primeiro de nós não havia nascido aqui em Cane. Mas nosso sangue subiu com a terra. Nós

respiramos, e ele respirou. Essa conexão, esse parentesco, foi um presente das grandes criaturas nativas que nos adotaram como suas, porque antes de nossa chegada havia apenas trevas. Os dragões eram pequenos, brancos e cegos, e as serpentes do mar se contorciam com lama espumosa; os cavalos selvagens das terras do Leste eram frágeis e de ossos quebradiços, e os pássaros noturnos não tinham asas.

Quando os humanos tropeçaram em Cane, trouxemos a luz. É o que dizem nossas histórias.

Assim, o povo mágico nos jurou lealdade em honra ao nosso sangue, nosso sangue gerado com a força vital da própria terra e, por muitos anos, o país prosperou. Os dragões eram fortes e os pássaros noturnos voavam; os rebanhos orientais eram selvagens, e as serpentes do mar atraíam navios para tempestades. As florestas sussurravam segredos e canções, pois o povo mágico as tirava delas. Mais humanos chegaram, por acidente ou por intenção, pois as quatro primeiras famílias humanas precisavam de sangue fresco. Com o tempo, as famílias cresceram e prosperaram - uma na capital e as outras três governando as províncias periféricas como iguais. E depois de muitas eras, Cane rastejava com vida - conosco, os humanos; e com o povo mágico; e às vezes com criaturas ainda mais estranhas do que isso, que escapavam pelas rachaduras secretas entre mundos sem querer.

Mas a paz não durou.

Terminou, como muitas coisas, com traição.

Com um olhar. Um sussurro.

Um beijo.

PARTE UM

A CIDADE TORTA



Um sentimento estranho tomou conta deles quando o anoitecer caiu e, como sempre na véspera de Natal, nenhuma luz foi trazida.

CAPÍTULO UM

Mais uma hora e Clara Stole poderia se tornar criminosa.

Poderia, isto é, se ela conseguisse se manter firme até então, pois todos os olhos da multidão a observavam, esperando que ela dissesse algo impressionante, algo para comemorar o dia. E ela estava tão cansada de se atrapalhar com grandes palavras que nunca eram grandes o suficiente para pessoas tão famintas e sedentas. Famintas por comida, sedentas por uma bebida entorpecente - mas ainda mais famintos, ainda mais sedentos, pela esperança.

Esperança.

O que Hope Stole teria pensado em Clara, neste dia estranho e invernal? O que ela pensaria de sua filha mais velha? Ela ficaria orgulhosa de Clara, certamente, pelo discurso que Clara estava prestes a fazer e por manter vivo o projeto Abrigo da Esperança Bowery, apesar da diminuição gradual do financiamento.

E, com toda a certeza, ela ficaria zangada com Clara pelo que viria depois - a parte criminosa, a parte que envolveria esgueirar-se, roubar, arrombar e entrar.

A parte que o padrinho havia inspirado sem saber.

Sim, Hope Stole teria ficado desapontada, e seus olhos brilhariam daquela maneira famosa e assustadora, e ela provavelmente teria criticado o padrinho sobre responsabilidade por isso e segurança por aquilo. Ela sempre se preocupara com a segurança de suas filhas, ainda mais do que a maioria das mães que Clara conhecia, como se o mundo estivesse cheio de perigos que só ela podia ver. Engraçado que, como sem a influência da mãe, o padrinho não teria sido trazido para a vida deles, e sem o padrinho, Clara talvez nunca tivesse pensado em fazer algo parecido com o que faria em cinquenta e sete minutos agora?

E de qualquer maneira, a filha de uma gangue de Nova York é criminosa por seu próprio sangue. Sendo criminosa, Clara decidiu - ser boa - teria sido como desprezar sua herança.

De alguma forma, ela não achava que sua mãe ficaria impressionada com essa linha de raciocínio.

Mas sua mãe estava morta e já era hora de Clara encontrar respostas. Se ela pudesse, por pouco tempo, conseguir manter a cabeça.

Esse era o credo dela hoje em dia e cada vez mais difícil de seguir: mantenha sua cabeça, Clara, enquanto todos ao seu redor perdem a deles, ou se já não a perderam.

E quando você mesma está perto de fazer o mesmo.

A seu lado, Leo Wiley, a secretária de seu pai, pigarreou. A sugestão dela.

Clara se aproximou da beira dos degraus de pedra, respirando profundamente para acalmar seu coração acelerado. A ansiedade beliscou seu interior; como sempre, ela passou por ela. Não havia

lugar para isso aqui, não quando ela estava interpretando a filha do prefeito boa e glamorosa. Um emaranhado de cabelos ruivos se soltou do nó e caiu sobre seus olhos, como se conhecesse seu verdadeiro estado de espírito. Diante dela, a multidão esperava, mudando, olhando-a, inexpressivamente, cética e, alguns, com esperança.

—Minha mãe amava esta cidade. — Começou Clara. —E as pessoas nela. — Sua voz queria encolher e rachar, e suas mãos tremiam. Ela não era boa nisso, mas tinha que ser, então fingiu. Ela não gostava de usar esse vestido fino; mesmo com suas muitas camadas e seu casaco de inverno, ela se sentia nua, exposta, muito bonita para se sentir segura. Mas ela tinha que olhar a parte, então ela tolerou seu desconforto furioso. Não pela primeira vez naquele dia, ela desejou que seu pai estivesse aqui em vez disso. Deveria ter sido ele dedicando este edifício em homenagem a sua esposa. Mas o pai dela estava diferente agora; ele mudou no ano passado. Tudo tinha mudado.

—Puro... — A voz de Clara parou. A multidão olhou em volta, incerta. Tantos deles, tantas bocas, medos e barrigas vazias, medindo-a. Certamente eles podiam ver através deste laço e cetim e veludo brocado até a nudez tremendo por baixo.

Se recomponha, Clara Stole. Você não pode se dar ao luxo de não fazê-lo.

—Perdoe-me. — Ela enxugou os olhos com um lenço e tocou a cruz de ébano no pescoço. —Ela adoraria estar aqui hoje.

Ah. A multidão assentiu com simpatia, trocou olhares de conhecimento e se adiantou para ver melhor a querida, bondosa e sem mãe. Clara sentiu o Sr. Wiley inchar de prazer; ele ficaria

orgulhoso de seu desempenho. Haveria um resumo caloroso e favorável do evento no jornal de amanhã. Seria uma imprensa fantástica para o gabinete do prefeito.

Clara agarrou o pódio de madeira gasto. Era a única coisa que a impedia de fugir para se esconder, de preferência na loja do padrinho. Lá, os olhos de ninguém estavam nela, exceto o solitário, cinza e afiado - e os pretos severos da estátua no canto.

— Mais uma vez, me perdoem. — Clara limpou a garganta; o som de lágrimas em sua voz, pelo menos, seria genuíno. Agora, cinquenta e cinco minutos, talvez. Ela se agarrou à estimativa com nervosismo escorregadio. Apenas mais cinquenta e cinco minutos. — Minha mãe trabalhou incansavelmente para melhorar a nossa cidade. — Continuou ela, abordando os galhos pretos e nus no parque além, evitando os olhos na multidão. —Ela sonhava com um lugar onde os menos afortunados pudessem procurar abrigo, calor e descanso.

Clara apontou para o estreito edifício cinza atrás dela - o novo Abrigo da Esperança Bowery, o prédio manchado aqui e ali com cinzas do incêndio de 1879 que deixara vários bairros do Leste em ruínas.

—Minha grande esperança é que este abrigo faça justiça à sua memória e ajude a realizar seu sonho de uma cidade que forneça um lugar para todos.

Clara sorriu para a multidão e deu um passo atrás, permitindo que Walter Higgins, o Comissário para a Saúde Humana, subisse ao palco. Como um senhor de Concordia, também conhecido como Açougueiro Feliz, sua habilidade com um cutelo era lenda - mas hoje, ele era uma confiança respeitável. Enquanto ele falava, alguns dos

sorrisos hesitantes da multidão cresceram. Talvez eles tenham acreditado nas palavras dele - que o novo abrigo proporcionaria um ponto de alívio para o crescente número de pessoas forçadas a viver nas ruas e aumentaria a moral da cidade a tempo do Natal. Clara suspirou; ela sabia melhor. Dentro do abrigo, seria mais quente que do lado de fora, sim, mas o edifício era de má qualidade e cheio de pulgas, e em vez de camas, caixões mal construídos, disfarçados de meias-mãos, disfarçados de lonas, cobriam as paredes. Foi a única coisa que Clara conseguiu convencer o pai a fornecer.

—Não há dinheiro, minha querida. — Dizia John Stole várias vezes, enquanto fumava charutos importados e cheirava a álcool fino, e enquanto os outros senhores do sindicato subterrâneo que se chamavam de Império de Concordia assistiam ao teatro com suas esposas, em cartolas de seda e peles pesadas.

Sem dinheiro, de fato.

Clara não era sua mãe; ela podia influenciar muito o pai. Concordia o escolheu como figura de proa dois anos antes, quando Boss Plum ajudou seu pai a se tornar prefeito, subornando e ameaçando o caminho de John Stole para o topo. Mas a que preço? A integridade de seu pai, por exemplo. John Stole mal resistiu às mais hediondas exigências de Concordia naquele primeiro ano no cargo. Clara ouvira as discussões dos pais através da porta do quarto aberta - seu pai insistia que ele se curvasse aos desejos de Concordia, sua mãe incrédula por ele ter se colocado nessa posição.

Mas o assassinato de Hope enfraqueceu John Stole, destruiu no espaço de um dia os últimos vestígios de sua fortaleza em ruínas. Era como se algo o tivesse comido no ano passado, transformando-o em

um fantasma impotente. Às vezes, Clara sentia como se tivesse perdido dois pais em vez de apenas um - um para um assassinato, o outro para os rosnados da teia de Concordia.

Ela ainda conseguia se lembrar das manchetes daquele dia terrível, logo após o Natal do ano passado: HOPE ESTÁ MORTA!

—A manchete se descreve, não é? — Clara ouvira um dos servos escandalizados sussurrar para outro fora da sala da mãe. Lá Clara estava sentada, dezesseis anos e entorpecida, sua irmã de onze anos, Felicity, chorando nos braços, pela primeira vez não se preocupando com o rosto ficando manchado.

A manchete deveria ter lido: A ESPERANÇA ESTÁ ASSASSINADA: BALANÇADANDO E PENDURADA COMO UM BONECO ABERTO AO RIO! Seu pai não tinha permitido que ela visse as fotos do corpo de sua mãe, mas Clara ouvira os senhores de Concordia sussurrando sobre os detalhes terríveis da mansão do prefeito quando eles entraram pela entrada subterrânea e pensaram que ninguém estava ouvindo. A filha mais velha e tranquila do prefeito, que, graças ao padrinho, sabia se esgueirar-se.

E, esgueirando-se pela mansão e por toda a cidade, ela aprendeu muitas coisas. Embora sua mãe tivesse sido oficialmente declarada vítima das guerras de gangues do centro da cidade, o chefe de polícia Greeley confidenciou a um cavalheiro de Concordia:

—A maneira como ela foi morta, a violência desnecessária e desfiguradora. Os Townies não matam assim. Nenhuma das gangues faz. Eu acho que foi algo completamente diferente. —E houve assassinatos semelhantes, mais e mais deles, nos últimos meses - maus, violentos, a maioria pela água e todos eles tão chocantemente

horríveis que Concordia teve. Garantiu que fossem mantidos fora dos jornais, para evitar um pânico em toda a cidade.

Clara também soube que seu pai estava perdendo o favor. Nos últimos meses, durante almoços e reuniões particulares na mansão do prefeito, ele começou a caluniar seu próprio povo - o povo de Concordia. Ele acusava os membros do conselho da cidade, comprava juízes e até o chefe de polícia de crimes impensáveis. Foi conversa amotinada. Conversa amotinada e anti-Concordia. Preso em todos os departamentos da cidade, desde o saneamento e o fogo até as autoridades e os tribunais, o império de Concordia havia notado o descontentamento de John Stole. A princípio, eles os rejeitaram graciosamente como os comentários dos recém-enlutados. Mas a paciência deles havia diminuído agora, quase um ano após o assassinato de Hope, e eles não estavam felizes. Os esforços de John Stole foram amplamente ineficazes; Concordia pôde ver, assim como Clara, que ele era espumante e arrogante, sem nenhum poder real por trás de suas palavras. Mas uma língua solta, mesmo a de uma figura de luto lamentável, de vontade fraca, poderia ser perigosa, e John Stole sabia muitos segredos para que suas ações ficassem impunes.

Clara tinha que agir rápido, antes que sua família perdesse toda a credibilidade com Concordia, antes que ela perdesse a chance de descobrir o que realmente havia acontecido com sua mãe. Pelo menos por esta noite, ela tinha que se tornar a pessoa que o padrinho parecia pensar que poderia ser - alguém não presa pelas circunstâncias e aleijada pelo medo.

Ela tinha que ser mais como sua mãe.

Hope Stole nunca deixou Concordia enfraquecê-la. Ela olhou seus senhores mais cruéis diretamente nos olhos e os criticou sem vacilar por sua corrupção.

Clara se perguntou se eles a mataram por isso.

Independentemente disso, parecia um objetivo inatingível.

—Eu não sou minha mãe! — Ela chorou mais de uma vez durante o treinamento com o padrinho, frustrada por ele esperar tais coisas dela, coisas tão fora de seu alcance - força de sua mãe, coragem de sua mãe.

—Não, você não é. — Dizia ele a cada vez, com o tipo de convicção que escapou de Clara desde a morte de sua mãe. —Mas você é filha dela. Você tem o mesmo fogo dentro de você.

O padrinho dizia para encorajá-la, mas suas palavras serviram apenas para aumentar o medo dela. Sim, sua mãe tinha um incêndio por dentro - e veja o que havia acontecido com ela.

O Sr. Wiley pigarreou; o comissário terminou seu discurso. Clara pegou o par de tesouras oferecido e posicionou as lâminas ao redor da fita de cetim vermelha esticada diante dela. Ela fez uma pausa para que o fotógrafo do Times pudesse ajustar as chapas da câmera dele.

—Belo sorriso, senhorita Stole, aqui estamos. — Disse o Sr. Wiley. —Agradável e brilhante.

Sim, um sorriso. Um sorriso para a cidade ainda se recuperando da depressão recente, para a cidade cheia de violência crescente das gangues do centro e sofrendo com os preços instáveis dos alimentos, para as ruas envenenadas por um medo tão desenfreado e mortal quanto a doença.

Ela tinha que continuar sorrindo, apesar das muitas razões para não fazê-lo. Concordia ficaria desconfiada de outra maneira.

Clara apertou as lâminas das tesouras e cortou.

A fita vermelha brilhante flutuava para os lados. Aplausos tépidos vieram da multidão de olhos cansados.

O Sr. Wiley dirigiu-a para a imprensa: apertar a mão do comissário Higgins, cujo rosto gordo e sorridente brilhava em rosa; colocando a mão no ombro de um velho curvado que fez uma careta para o abrigo. Parece um caixão, sua expressão parecia dizer. Ele sabia - ele não era um tolo - e, no entanto, o que havia para fazer?

Clara engoliu em seco, cada toque do braço de alguém contra o dela, cada olhar de cada cidadão que ela passou fazendo-a recuar. Pois não havia nada a fazer, exceto fingir, pegar o que foi dado e ficar em silêncio.

Nesta cidade, Concordia se tornara lei. E para a filha da sua figura de proa, Concordia se tornou vida.

Então Clara ficou ao lado do velho carrancudo e virou-se para o fotógrafo com um sorriso no rosto. Os ombros do velho tremiam de frio contra o braço dela. Acima deles, um monte de azevinho enfeitado pendia frouxamente de um poste de luz.

Tudo considerado, a decoração parecia ridícula. Paródica. Cruel.

Clara olhou para ele, a multidão se dispersando ao seu redor.

Feliz Natal, de fato.

CAPÍTULO DOIS



Clara moveu as saia e as anáguas, prendendo as bainhas até a cintura com o aparelho de gancho que o padrinho havia criado. Ela poderia soltar o gancho em um instante para se cobrir, se necessário, mas até então, ela precisaria de pernas livres para se mover.

Passaram cinquenta minutos depois de seu discurso, trinta depois que ela se afastou do Sr. Wiley e mentiu mais uma vez para sua pobre empregada, a inocente sra. Hancock. Hope Stole não teria permitido que alguém tão estúpido permanecesse no emprego de sua casa, mas Clara estava agradecida pela credulidade da empregada. Foi o que permitiu a Clara desaparecer com tanta frequência.

Ela levou um momento, aqui neste beco tranquilo ao lado de Rivington Hall, para fechar os olhos e esquecer quem ela era - Clara temerosa, tremendo, fingindo uma Clara que não era - para entrar naquele lugar firme, quente e duro que ela só encontrara depois de uma hora de trabalho. Dando socos no padrinho, quando seus cabelos grudavam na pele e seu corpo doía com machucados. Ela precisava de seu juízo sobre ela, se ela ia fazer isso.

E ela ia fazer isso.

Vozes flutuavam de uma das janelas acima, uma cortina branca tremulando na brisa gelada. Um latido de riso e o toque de sinos de arreios vieram da vizinha rua Essex. O medo tomou conta dela. Ela se agachou, abraçando a parede como se isso pudesse fazer algo para salvá-la, caso ela fosse descoberta.

— Mantenha sua cabeça, Clara. — Ela sussurrou, tentando segurar as saias, os dedos riscando-os com areia de rua. Felicity ficaria horrorizada.

O pensamento deu a Clara um sorriso fugaz - até que seus dedos roçaram as calças de algodão que escondia debaixo dos vestidos todas as manhãs. Sentir os contornos das pernas desimpedidos pelas camadas habituais de tecido a fez estremecer, como se estivesse tocando alguma coisa estranha. As maçanetas dos joelhos, as linhas curvas das coxas... Ela afastou as mãos. Ela não confiava na sensação de formigamento que seu toque produzia e tinha certeza de que a perspectiva de tal sensação, de tanta intimidade, foi o que fez o Dr. Victor observá-la com tanta fome.

Ela se encolheu ao pensar no Dr. Victor, um dos homens mais poderosos de Concordia. Elegante, bonito e repugnantemente rico, ele tinha uma preocupação perturbadora com Clara. Ele ameaçaria os rapazes perfeitamente agradáveis que tentariam conversar desde a estreia dela, assustando-os para sempre; ele a encarava com aquela luz profana em seus olhos que dizia que ele gostaria de nada mais do que encurralá-la e deslizar as mãos, mais ou menos, para onde ele não tinha o direito de ir.

Naqueles momentos, não era o lugar de Clara para revidar. Victor era um homem poderoso demais para desafiar, e sua família

não podia se dar ao luxo de incomodar mais ninguém, especialmente a conta bancária ambulante de Concordia. Ela precisava ser vista como covarde, ameaçadora e, na maioria das vezes, essa percepção era a verdade, um fato que a enchia de vergonha implacável.

Mas não era assim hoje. Hoje ela ousaria seguir o exemplo de sua mãe. Hope Stole merecia que alguém aqui no mundo dos vivos soubesse a verdade sobre sua morte.

Clara forçou sua mente a voltar para seus compartimentos cheios de trocas e trocou suas luvas de renda por couro escuro que moldava seus dedos como uma segunda pele elegante. Vesti-las a transportou para um estado mental mais robusto, fazendo-a sentir-se mortal e capaz, assim como as botas que envolviam suas pernas. O padrinho as modificara para ela meses atrás como presente de aniversário - simples e de cor creme com atacadores simples para quem vislumbrasse embaixo da bainha, mas por baixo das saias elas estendiam-se acima dos joelhos, generosamente flexíveis, lâminas escondidas nos calcanhares. E pronta para desanexar com o lançamento de um mecanismo oculto com mola.

—A cidade é perigosa. — Dissera o padrinho ao presentear elas. E então, com ternura, inclinando o queixo para beijar sua sobrancelha: —Eu não deixarei a mesma coisa acontecer com você.

A palavra não dita permaneceu entre eles como um pesadelo: “assassinato”.

Clara pegou o guarda-sol de onde estava encostado na parede suja de tijolos e fez uma careta ao senti-lo dobrar. Imperdoável, ridículo, incômodo e empolgante. Um homem teria sua bengala, seu canivete, sua arma, talvez. Ele não seria sobrecarregado por rendas e

lenços inúteis. Era como se a sociedade quisesse que suas fêmeas estivessem em risco. Se não fosse o padrinho, Clara não teria a minúscula lâmina automática em seu corpete e a adaga no coldre afivelada em torno de sua coxa, para não falar da habilidade de usá-las.

Ela imaginara, desesperadamente, uma e outra vez - enfiando a lâmina irregular no belo rosto do Dr. Victor. Mas quando o via à luz do dia, seu medo derretia qualquer pensamento de justiça sangrenta, deixando-a desamparada e infeliz.

Às vezes, ela o pegava olhando para ela daquele jeito, como se já fosse dele. Ela tentou o melhor que a moda atual permitiu cobrir as curvas que vinha desenvolvendo nos últimos anos, mas isso não fez nada para dissuadi-lo. E sempre que a via sozinha, ele se aproximava e sussurrava:

—É sua culpa por ser tão bonita, tão devassa. — Sua voz deslizava através das palavras. —Eu não posso me ajudar, Clara Stole. — E Clara iria querer vomitar porque o cheiro químico dele estava tão próximo, e ela acreditaria nele.

Pensando nisso, Clara enxugou lágrimas de raiva dos olhos. Ela era fraca, como ele sempre dizia, pateticamente. Ela não conseguia banir esses pensamentos de sua mente, não conseguia impedir que suas mãos tremessem com o pensamento dos dedos brancos e frios do Dr. Victor sobre ela.

Lutando pela calma, dividida entre o conforto de suas botas e calças e o terror do que o Dr. Victor diria se a visse em tal estado, Clara tirou a trava da haste do guarda-sol e agachou-se para trabalhar. Anos assombrando a loja do padrinho haviam lhe ensinado

muitas coisas - como substituir as engrenagens de um relógio quebrado, como assar figuras de barro em um forno, como abrir uma fechadura.

Como incapacitar alguém com um chute na cabeça.

Evidentemente, Clara não encontrou coragem para isso. Oportunidade, sim, muitas vezes. Mas coragem? Isso era algo completamente diferente.

A fechadura cedeu, e Clara entrou antes que ela pudesse se convencer a não fazê-lo. Ela esperou que seus olhos se ajustassem ao corredor à sua frente, forrado com carpete macio e escuro como sangue e paredes polidas com painéis de madeira. No corredor à sua esquerda, a parede se abriu para revelar uma pequena escada e corrimões ondulados.

Clara rastejou em direção à escada e depois subiu, cada passo medido, cada respiração um risco. Se ela fosse pega por um cavalheiro de Concordia, se não conseguisse soltar as saias a tempo, se a vissem aqui, sem escolta... Se, se, se. A palavra infectou seus pensamentos, um refrão sibilado. Parando a cada poucos passos para ouvir sons de aproximação, ela recitava mentalmente suas desculpas planejadas, se - desculpas sérias e coquete manufaturado que ainda não lhe fariam bem. Apesar de ter sido criada em uma família política, ela era uma péssima mentirosa, como o padrinho sempre dizia.

—Você usa seu coração no rosto. — Ele dizia, e sorria com um sorriso triste.

À medida que avançava por Rivington Hall, os músculos das pernas e dos braços se fortaleceram no último ano de treinamento do padrinho em membros ágeis e prontos para o combate, atados de

apreensão. A cada sugestão de barulho, seus dedos coçavam para soltar os punhais de seus calcanhares. Pinturas de membros do Concordia do passado e do presente observavam seu progresso com frios olhos negros.

Ela parou antes do patamar da grande escadaria. Essa seria a parte complicada - esgueirar-se pelo patamar e entrar no escritório particular de Patricia Plum sem que ninguém a visse. De acordo com os sussurros que Clara havia capturado, a própria Plum estava na cidade para um almoço, o Dr. Victor estava na Casa Harrod durante a tarde, e qualquer pessoa que passeava no Salão naquele momento bebia conhaque, fumava e acariciava as meninas trazidas de lá. Allen Street.

Mas sem Patricia Plum por perto, cheirando a doces e papoulas, deslizando silenciosamente em suas sedas com cavalheiros pendurados em seus braços, Clara esperava entrar furtivamente no escritório da mulher sem problemas. O ar da sede da Concórdia estava sempre mais relaxado com sua rainha viúva em outro lugar, e com relaxamento vinha a desatenção. Clara estava contando com isso.

Do corredor atrás dela, flutuava a doce mordida da fumaça do charuto e o trinado de risadas suaves, o bater de uma porta. Os sons a sacudiram, sacudindo sua determinação. De repente, desejou que o padrinho estivesse aqui; Na última vez em que ela esteve em Rivington Hall, ele estivera ao seu lado, e o perigo não parecera tão terrível.

Esse exercício em particular tinha sido um dos mais emocionantes do Padrinho, um verdadeiro teste de suas habilidades de esgueirar-se - ambos, envoltos em sombras e deslizando pelos

corredores vazios de Rivington Hall nas últimas horas antes do amanhecer. Juntos, eles mapearam cada curva e volta, Clara lutando para memorizar cada cômodo, cada escada. A presença silenciosa do padrinho nunca esteve tão longe e parecia um jogo fantástico. Cada vez que Clara conseguia trancar com sucesso uma fechadura ou desaparecia em silêncio ao lado dele, o padrinho apertava sua mão em aprovação.

Esta noite, no entanto, ela estava sozinha, e o jogo erea muito mais traiçoeiro. Na verdade, o padrinho provavelmente iria se enfurecer com ela da sua maneira querida e protetora, se descobrisse que ela retornara aqui sozinha. Ele chamaria isso de "um risco desnecessário, minha querida Clara".

Risco sim. Desnecessário? Dificilmente. De pé nos degraus do abrigo para os sem-teto que sua mãe deveria estar viva para comemorar, lutando para respirar as dores da memória à medida que o aniversário da morte de sua mãe se aproximava, confirmou a necessidade disso hoje - a necessidade de ação.

Ela não poderia suportar mais um ano de tristeza sem explicação.

Clara saiu para o patamar, o corpo zumbindo de prontidão. Do outro lado, havia um pesado conjunto de portas duplas de madeira, pretas à luz fraca da luz. Escritório de Plum. Se Clara não tomasse cuidado, os senhores de Concordia que descansavam no saguão abaixo podiam olhar para as escadas e facilmente vê-la mexendo na fechadura.

No início de seu treinamento, logo após o assassinato, o padrinho havia ensinado a Clara como se tornar felina quando a

situação o exigia - como se esgueirar e espreitar, como se pressionar nos contornos de uma parede e deslizá-la como um suspiro.

—Como você faria com um amante. — O padrinho havia instruído, antes de fechar os lábios. Suas bochechas pálidas estavam acinzentadas. Era uma peculiar peculiaridade dele, uma de muitas - seu rubor, diferente da maioria das pessoas, tingia suas bochechas afiadas não de rosa, mas de prata e sombras.

Reflexivamente, os olhos de Clara voaram para a enorme estátua no canto da sala desarrumada da oficina - uma figura silenciosa e solene em meio a pilhas de bonecas semiacabadas e esqueletos de relógios. A floresta de lanternas que pendia das vigas lançava fatias suaves de luz âmbar no rosto da estátua, iluminando seu perfil real.

—Eu... padrinho, não sei nada sobre amantes.

—Claro que sim. Perdoe-me, Clara. Eu não quis dizer... — Ele jurou baixinho, desajeitado e irritado. —Por um momento eu esqueci com quem estava falando.

Eles se entreolharam e depois olharam para o outro lado, e o padrinho brincou com a tira do tapa-olho e bagunçou o cabelo castanho grisalho. Quando finalmente retomaram a lição, o padrinho apagou todas as lâmpadas, exceto uma, e demonstrou do outro lado da sala.

—Você vê? — Enquanto ele deslizava através das sombras, movendo-se em silêncio pelo chão cheio de engrenagens, Clara observou atentamente. —Você deve se mover como se estivesse através da água. O quarto é seu para saber, possuir. A energia dentro

de você consome sua energia. Você é o quarto. Você é as sombras. Tente.

Ela o fez, desajeitadamente a princípio, batendo nas mesas e tropeçando em uma pilha de peças de boneca descartadas no chão. O padrinho se esgueirou ao lado dela com instruções do escuro:

—Lentamente, minha Clara. Você não é mais uma garota; você nem é uma pessoa. Você é um gato, você é a escuridão, você é uma tempestade distante demais para ouvir. Tente novamente.

Depois de duas horas, a lâmpada se apagou. Com os músculos doloridos, o suor escorrendo pelas costas, Clara perdeu o padrinho. Ela perdeu o Dr. Victor e Concordia, sua mãe morta e seus nervos - tudo, menos a alegria de se esconder não de alguém, pela primeira vez, mas se esconder com um propósito. Deslizando tão completamente nas sombras que ela não sabia nada além da dor nas pernas e da textura da parede sob as palmas das mãos, ela não era mais Clara; ela era sombra, silêncio e calor flexível. Até a escuridão em suas bochechas parecia formigar.

Então ela bateu contra a estátua no canto, e foi um choque, um despertar tão grande que ela teve que ofegar. Sacudida por seu transe, com os sentidos revirando, ela usou a estátua para se levantar - e prontamente se esqueceu de respirar. As linhas duras das coxas da estátua, barriga, peito, arranharam sua pele, agarrando o algodão de sua camisa, e ela se viu se movendo lentamente para prolongar o contato. Moldando-se no metal, ela suspirou. Com as palmas das mãos suadas, ela deslizou-as pelo peito da estátua para segurar a mandíbula cinzelada e bonita e apertou-se para mais perto. Ela inalou, estremecendo, e provou o cheiro de metal e os óleos que o

Padrinho usava para manter a mancha. Enrolando-se na dobra do braço esquerdo da estátua, ela deixou que a súbita fantasia a ultrapassasse. Como seria se aquele braço musculoso de ferro pudesse ganhar vida e puxá-la para mais perto, seus espinhos cravados na parte de trás do pescoço, os dedos frios passando pelos cabelos?

O toque de uma partida. O assobio da chama.

—Basta. — À luz do lampião, o rosto do padrinho estava sombrio de fúria, mas seu bom olho não estava em Clara; estava no rosto da estátua, como se... repreendesse.

Mortificada, Clara se afastou. Ela lançou um olhar persistente para o braço da estátua, musculoso e selvagem, coberto de espinhos e gravuras estrangeiras. Seu coração batia praticamente fora de suas dobradiças. Ela havia tocado a estátua muitas vezes, mas nunca havia existido... calor.

Nas lutas daquela noite, os golpes do padrinho doíam tanto quanto o brilho dos olhos. Era como se ele conhecesse seus pensamentos febris e quisesse expulsá-los dela por razões que Clara não conseguia entender.

Agora, quando Clara rastejou até o escritório de Plum e começou a trabalhar com a trava, ela manteve em mente a presença tranquilizadora da lojinha estranha do padrinho. Por duas vezes, pensou ter ouvido alguém chegando e parou, sua mente procurando as desculpas memorizadas. Quando a fechadura cedeu, Clara quase riu de alívio e abriu a porta o suficiente para entrar.

Ela examinou o escritório de Patricia Plum - as pesadas gavetas de carvalho, a estante de vidro no canto, os armários nas paredes,

todos com fechaduras destacadas. Mas isso não desencorajou Clara; trabalhando rapidamente, ela usou sua palheta para abrir cada estojo e gabinete. Ela inspecionou cada livro e bugiganga, procurou algo nas paredes e nas costas das estantes e não encontrou nada até que seu olhar pousou na enorme mesa à direita da sala. Ela rastejou por baixo, passando pelas pernas da cadeira de pés de garra de Plum. Até o tapete cheirava a perfume e papoulas, notas doces e perigosas que fizeram a cabeça de Clara girar.

Com a lâmina de sua adaga, ela pulou entre cada borda que continha ranhura nos painéis de madeira da mesa até encontrar o que estava procurando - uma trava escondida, um pequeno clique quando um dos painéis cedeu.

Clara fechou os olhos e exalou. Aqui, ela esperava, estavam os verdadeiros tesouros do escritório de Patricia Plum. Era um truque de Concordia que Clara havia observado ao longo dos anos. Os cavalheiros se consideravam tão espertos, guardando seus papéis importantes em armários secretos e compartimentos ocultos. O próprio pai de Clara fez isso: ele estava sentado atrás de uma estante de livros que, se você conseguisse encontrar o trinco, deslizava de volta para revelar um cofre.

Como era fácil, ao fingir mexer nas saias ou ler um livro, observar secretamente as pessoas ao seu redor. Quão fácil foi pedir licença para tirar uma soneca e se esconder do lado de fora da sala do pai enquanto Patricia Plum murmurava sobre juízes comprados e assassinatos em segredo.

Por alguns instantes, Clara vasculhou o compartimento estreito, procurando entre envelopes e páginas de correspondência. A cada

ligeiro ruído do lado de fora, ela congelava, suor pingando na testa. Então, quando ela começou a perder a esperança, Clara encontrou algo promissor - vários pacotes de couro enrolados com fita e barbante, o primeiro marcado em dezembro de 1898.

O mês do assassinato de Hope Stole.

Arriscando a luz, tonta com nervosismo repentino, Clara acendeu a lâmpada da mesa e vasculhou suas descobertas pelo que pareceram horas. Cada pacote continha recortes de jornal, minúsculos livretos de papel e fotografias - todos documentando assassinato após assassinato brutal. Espancamentos, esfoliações, decapitações. Era uma violência terrível; não era para acreditar... mas então os olhos de Clara caíram sobre uma fotografia em particular e algumas palavras familiares, e a realidade das evidências antes dela a atingiu como um golpe físico. As mãos dela voaram para a boca quando ela forçou o desejo vomitar, correr, voltar à ignorância anterior e ficar feliz com isso.

A mãe dela, morta. Sua mãe, despedaçada.

Essas eram as fotografias que seu pai nunca havia permitido que ela visse ou fosse impressa nos jornais. Não, aquelas fotografias do Times roubadas estavam Hope, abotoadas na garganta e nos pulsos, os cabelos escuros presos com pentes de madrepérola, as mãos no braço do marido e o rosto cheio de luz e travessuras e uma força firme e sólida - tão diferente dos rostos de outras mulheres. Clara costumava ficar na frente do espelho e tentava imitar o olhar, erguendo o queixo e procurando a expressão que faria seus olhos brilharem com o mesmo fogo secreto. Seu pai costumava cobrir o

rosto de sua mãe quando pensava que ninguém estava olhando, sussurrando:

—Seus olhos estão cheios de estrelas. — E a beijava profundamente, e de seu esconderijo nas sombras, Clara queimava de vergonha e curiosidade.

Mas essas fotografias não continham nada da mãe que Clara amou. Seu corpo tinha sido mutilado, arranhado em pedaços, rasgado membro a membro. Seu couro cabeludo estava desaparecido, o rosto coberto de sangue; pedaços de cabelo escuro grudavam no pescoço e no peito, onde símbolos estranhos marcavam sua pele inchada do rio. O sangue dela, estranhamente, parecia mais pálido do que deveria, brilhando no grão da fotografia, a luz da lua se tornou viscosa - mas certamente era um truque da luz da lâmpada.

Clara tentou se afastar do horror do momento e olhou mais de perto, atraída não pelo sangue, mas pelas marcas gravadas na pele de sua mãe. Nenhum dos outros corpos nessas fotos ostentava tais marcações. Um pequeno alarme soou em sua mente, impossível de ignorar. Ela olhou mais de perto, impressionada com a familiaridade das marcações, pois pareciam quase...

Não, não pode ser.

Ela pegou uma folha de papel dobrada da meia e a caneta do padrinho da bota e desenhou tudo o que podia: o número de feridas no corpo da mãe, os desenhos dessas marcas terríveis. Eles eram importantes, esses símbolos. O que eles quiseram dizer e por que eles estavam lá? E poderia ser verdade, esse pensamento horrível?

Uma gargalhada do corredor fez Clara pular. *Como eles se atrevem a esconder isso de mim?* Ela pensou, seus olhos ardendo, suas

mãos tremendo. Como eles ousam? Como ousa, pai? Mas ela continuou até ter copiado tudo o que podia. A investigação foi fria, disseram as notas do caso. Não houve testemunhas, nem relatos de sons ou lutas estranhas à beira do rio lotado. Hope Stole tinha sido vista pela última vez em seu caminho de casa para um almoço no Upper West Side, e ela, o cocheiro e o par de cavalos de carruagem haviam desaparecido de alguma maneira em plena luz do dia sem que ninguém percebesse, até que seus corpos apareceram no dia seguinte embaixo da ponte do Brooklyn.

Hope fora a única pendurada nas vigas de aço, símbolos gravados em sua pele.

Tentando não imaginar o cheiro de carne de cavalo e apodrecimento do rio, Clara leu as anotações do chefe Greeley sobre como eles não tinham pistas, como ele não entendeu esse caso, como o próprio prefeito contratou detetives e até fez acordos com as gangues do centro da cidade. Figuras mais desprezíveis, sem sucesso. A única coisa que alguém poderia dizer, depois de meses de perguntas, buscas e chantagens, era que havia bestas na cidade de Nova York.

A palavra apareceu várias vezes em relatos de depoimentos e entrevistas, nas anotações de detetives contratados que abandonaram o caso e fugiram sem sequer receber o pagamento: “bestas”.

O relatório de um detetive dizia: *fala-se em todos os lugares desde o assassinato da sra. Stole, no centro da cidade e principalmente no rio, de solavancos durante a noite, de humanos e animais aparecendo mutilados, de escritas estranhas nas paredes. Esses casos não são relatados, pois o povo comum tem muito medo do que isso possa significar. É tolice, se eu posso ser*

tão sincero. São os Townies, Gristlers ou Half-Hands, ou uma das outras gangues que infestam o ventre da cidade. Eles estão pregando peças, provocando medo nos corações dos estúpidos e ingênuos para sua própria diversão.

A próxima entrada do detetive disse apenas: devo sair deste lugar. *Eu tenho visto... Não sei o que vi.*

Clara olhou para a confusão de informações em suas mãos. Ainda não conseguia entender o sentido, e tremia de fúria e medo, mas sabia três coisas: o assassinato de sua mãe e os outros assassinatos também não poderia ter sido obra das gangues de rua; que o corpo de sua mãe fora o único marcado dessa maneira estranha e selvagem, e isso era de alguma forma significativo; e que, sim, ela já tinha visto esses símbolos antes.

Na loja do padrinho.

CAPÍTULO TRES

O padrinho Drosselmeyer era um homem de relógios: ele o usava em suas criações e odiava a espontaneidade. Ele ficaria claramente incomodado com o fato de Clara ousar aparecer em sua loja sem aviso prévio. E a desculpa que ela dera à sra. Hancock sobre sair hoje à tarde era pequena. Se Clara demorasse muito em chegar em casa, teria algumas explicações a fazer.

Ela não se importou nem um pouco.

Ela entrou na Trifles & Trinkets na esquina da 23rd Street [1] com a Sexta Avenida, pronta para entrar em erupção. Sorte para ela - e azar para padrinho - esse era o único lugar que ela não precisava reprimir.

—Padrinho? — Ela trancou a porta da loja atrás dela e puxou as cortinas contra a luz do fim da tarde. —Você está ai?

Um barulho metálico, uma maldição cuspida e o padrinho emergiu da sala dos fundos, a boca virada para trás irritada. Hoje ele usava seu sobretudo mais volumoso, aquele com babados antiquados na gola e caindo nas costas; por baixo, um casaco escuro, um colete

[1] A 23rd Street é uma ampla via no bairro de Manhattan em Nova York, uma das principais ruas de mão dupla, leste-oeste da grade do bairro. Assim como as outras ruas "cruzadas" de Manhattan, ela é dividida em suas seções leste e oeste na Quinta Avenida.

de seda vermelho e uma gravata esfarrapada de lavanda; calça listrada desbotada e lindas botas de bico quadrado que pareciam adequadas para um cavalheiro da Concordia; e seu tapa-olho, aquele costurado de seda preta.

A visão familiar de sua excentricidade incomparável normalmente aqueceria Clara; obviamente ele imaginara que ela poderia visitar hoje e se vestira para a ocasião - não importava que, depois de um dia de trabalho, óleo e graxa avistassem suas roupas outrora finas e a ponta do nariz. Mas Clara não sentia tanto calor hoje. Ele sabia das marcas no corpo de sua mãe? E se ele soubesse, por que não havia dito a ela?

Desde a morte de sua mãe, o padrinho era o único com quem ela podia falar honestamente e sem medo. Desde a infância, ele sempre lhe contara tudo - até coisas inventadas, que, no entanto, a fascinavam. Ele contou a ela sobre magia, e como às vezes pode doer usá-la, como você pode acalmar os animais e usá-la para se esconder e, mesmo que fosse de mau gosto, ofender. A magia, ele a advertira, não deveria ser usada para machucar. E ela ouvira cada palavra, extasiada.

Toda aquela conversa fantasiosa, e nada de real importância. Oh, como ela poderia ter tolerado que ele enchesse sua cabeça com tanta bobagem por tantos anos?

—Clara! — Ele sorriu seu sorriso torto e perturbador - como se ele conhecesse segredos que ele não apenas nunca lhe contaria, mas também usaria para pregar peças em você, caso lhe desse uma razão. Que você nunca pudesse ter certeza do que ele faria em seguida ou do que ele estava pensando era uma das coisas que Clara amava nele

- isso e o fato de que, apesar de sua natureza imprevisível, ela sempre podia ter certeza do seu amor por ela.

Ou ela tinha estado até hoje.

—Você sabe, querido coração, que eu prefiro que você faça consultas antes de vir me ver. — Disse ele, sacudindo fuligem de suas roupas quando se aproximou dela. —Eu estava no meio de um projeto muito precário.

Ela esperou até que ele estivesse perto o suficiente para tocar - e então, cedendo à fúria que crescia dentro dela, ela se virou contra ele, empurrando-o contra a parede.

Ele quase caiu. Sua bengala com cabeça de dragão voou, batendo no chão de pedra enquanto ele tropeçava para se recuperar. Normalmente, mesmo com seu extenso treinamento, Clara não seria capaz de derrubá-lo, seu padrinho alto e magro, mas ela o surpreendeu, e sua raiva e confusão lhe deram força antinatural.

As prateleiras atrás dele sacudiram; a figura de um lobo mascarado dançando nas patas traseiras caiu no chão e se despedaçou; um soldado mecânico caiu e se abriu, derramando suas engrenagens e disparando pequenas balas de sua arma. No alto, as lanternas tremiam como morcegos empoleirados. Pássaros do padrinho - corvos, pombos, um pequeno falcão; os animais sempre tiveram uma afinidade por ele - grasnavam e agitavam-se em seus poleiros, perto da vibrante sala dos fundos, na qual Clara nunca fora permitida. O gosto familiar de especiarias, suor e ferramentas inundou sua boca.

—Clara, o que em nome de Deus?

—Eu entrei no escritório de Patricia Plum hoje.

O padrinho parou, piscando. —Você quer dizer que entrou furtivamente em Rivington Hall?

—Essa é a localização do escritório dela, sim.

—Eu te avisei-

—Sim, você me avisou para não ir lá sem você, embora todo o objetivo de você me ensinar como fazer coisas como esgueirar-se para Rivington Hall seja, suponho, para que eu possa realmente fazer coisas como esgueirar-se para Rivington Hall e não de fato, encher minha cabeça de habilidades secretas inúteis. — Seu coração batia forte nos ouvidos. Não era a alegria de uma noite agradável e saudável de discussão; essa era uma nova alegria, furiosa. —Eu estava procurando respostas, porque ninguém mais me daria nenhuma.

O padrinho a interrompeu em voz baixa. —A cerimônia de corte de fita. Foi hoje, não foi? Por isso você fez isso.

Ela olhou para ele, irracionalmente zangada que ele deveria conhecê-la tão bem. —Eu entrei no escritório dela e encontrei algo de grande interesse.

Com isso, Clara enfiou a mão no bolso do casaco, retirou o papel no qual copiara as marcas no cadáver de sua mãe e o enfiou no rosto do padrinho.

Ela observou a expressão dele enquanto ele observava os símbolos esboçados - os símbolos, Clara havia percebido no escritório de Plum, que cobriam o corpo de metal duro da estátua do padrinho às centenas. A pele do padrinho, pálida por muitos dias debruçada sobre seus brinquedos, ficou ainda mais pálida.

— Ah. — Clara sentiu uma satisfação terrível e sombria. — Você os reconhece, não é?

Sua voz era firme, até fria, mas ele não a olhava. — Claro que eu reconheço.

— Como eu. — Ela assentiu em direção à estátua. Suas marcas a repeliram com seu novo significado sinistro, mas a visão da própria estátua ainda aquecia seu sangue. Sempre a fascinou, mesmo em tenra idade; ela fez um jogo estranho e secreto de conversar com ela e imaginar como lhe responderia. Mas nos meses seguintes àquela noite, quando ela aprendeu contra os planos de seu corpo como derreter nas sombras, seu fascínio evoluiu para algo mais, algo que ela não conseguia descrever. Algo, ela costumava pensar, sozinha em seu quarto, como necessidade. Ela começou a enviar o padrinho para a sala dos fundos em busca de coisas inúteis, para buscá-la uma coisa ou outra para um projeto com o qual estava brincando, para que pudesse passar um momento privado com a coisa de aparência assustadora. Ela esgueirava-se para ela e se aproximava, imaginando, em seus momentos mais tolos, um pretendente estoico que, com aqueles braços duros como a cintura, a circundava, dobrava as costas e sussurava segredos nos cabelos.

O grande fato é que, por mais chocantes que suas fantasias crescessem, a estátua nunca fazia nada. Ela ficou ali, imóvel, e não lambeu os lábios nem a encarou com olhares quentes e desconfortáveis.

Mas agora tudo havia mudado. Agora, Clara afastou tais pensamentos, caminhou até a estátua e ergueu seus esboços contra ela. Aglomerados de linhas duras, como os hieróglifos do Egito antigo

que se tornaram totalmente selvagens, ecoaram um ao outro - alguns no papel, outros na estátua.

—Diga-me o que isso significa. —Clara virou a cabeça para encarar o padrinho, que parecia subitamente perdido, antigo e pequeno. —Isso foi esculpido na garganta da mãe, cortado em sua pele. E aqui está uma de suas posses, tão clara quanto a luz do dia, e você nunca me contou. Eles mantiveram as fotografias de mim, mas você... você sabe tudo, padrinho. Você deve saber. — Ela fez uma pausa, sentindo-se infantil e cansada. Ela não conseguiu encontrar o olhar dele. —Você fez? Você sabia que isso foi deixado no corpo dela?

O padrinho a observou em silêncio por um momento. —Eu sabia.

Um soco cruel, cruel no estômago. —Como você sabia?

—Eu não posso te contar todos os meus segredos, Clara. — Aquele olhar cruzou seu rosto, aquele olhar secreto e astuto que às vezes o dominava em seus momentos mais geniais e mais furiosos. Isso nunca deixou de assustá-la. Ela deu um passo para trás, escolhendo suas palavras com cuidado. Ela sempre se sentiu longe dele nesses momentos, nunca mais consciente dele... O padrinho não era como pessoas normais.

—Por que você não me contou sobre elas?

Seu rosto se fechou e ele se virou. —Sua mãe queria que eu mantivesse você e sua irmã a salvo de danos, e foi isso que eu escolhi fazer - obedecer aos desejos dela.

—Como a divulgação de um pouquinho de informação me coloca em perigo?

—Oh. — Ele riu para si mesmo. Ele pegou sua bengala e estudou a cabeça do dragão. —Oh, é tudo menos mísero.

Agora era a hora de pegá-lo. Agora, quando ele estava distraído.

Clara se aproximou dele. Diga-me, padrinho.

—O que significam os símbolos? Por que eles estavam no corpo da mãe e não nos outros? —Ela colocou as mãos nas dele e apertou a bochecha no braço dele. Ele a amava; ele não seria capaz de recusá-la. —A mamãe quer que eu saiba.

Ele se afastou, com o rosto afiado de perfil, os olhos brilhando à luz da lâmpada. —Você sabe muito pouco do que sua mãe gostaria, minha Clara.

Um soco ainda mais cruel. Ela se afastou, quebradiça e confusa. —Como você ousa! Eu conhecia bem minha mãe.

—Eu não quis dizer isso. — O padrinho voltou a si mesmo, como se o verniz da loucura tivesse sido arrancado. —Claro que você a conhecia. Eu só quis dizer que existem coisas que as jovens não devem saber.

—Isso é rico, vindo de você, que me ensina a lutar e me veste calças.

—Tudo bem então. Há coisas que o menor número de pessoas possível deve saber. Coisas perigosas que se tornam mais perigosas à medida que o conhecimento delas se espalha. Essa explicação será suficiente?

Palavras tão enigmáticas. Mesmo quando Clara ficou impaciente com elas, elas a fizeram pensar nas histórias estranhas do padrinho, histórias que ele sempre contara a ela e Felicity quando

eram pequenas, e depois contava a Clara sozinha, pois Felicity ficava com medo do "velho padrinho malvado" e parou de acompanhá-los quando Clara e a mãe nos passeios à loja. E então, quando John Stole afundou ainda mais em Concordia, e Hope Stole teve que lutar mais para mantê-lo à tona, Clara foi, com a relutante permissão de sua mãe, visitar o padrinho sozinha.

E naqueles dias - ah, naqueles dias - suas histórias cresceram em magnitude e frequência. Ele a envolvia em seu casaco como quando ela era pequena, ou sentava-se ao lado dela com canecas de café com especiarias, e contava uma de suas histórias sombrias e peculiares em tons abafados. Posteriormente, em casa, ela flutuava nas terras dos sonhos de dragões cegos e palácios cantantes, e homens encapuzados que viviam nas nuvens da montanha com os pássaros.

Clara franziu o cenho para ele. —Mas ela era minha mãe, não sua. Mereço saber por que o cadáver dela foi profanado dessa maneira, mesmo que seja perigoso saber.

O padrinho ficou parado por um momento, olhando para ela, e então ele caiu em sua cadeira de balanço, renunciou.

Clara deu um sorriso sem entusiasmo. Ele estava rachando. Ajoelhou-se diante dele. —Diga-me o que significam os símbolos, padrinho. Por que eles estavam ali? Eles foram esculpidos...

Ela fez uma pausa, a dor a inundou.

Ele teve pena dela. —A estátua foi dada a mim, como eu sempre te disse. Você lembra?

Era tudo o que ele dizia quando perguntado sobre isso.

—Era um presente. — Dizia ele, carrancudo, e punha o que estava mais próximo dele com qualquer ferramenta afiada que ele segurava na época, terminando imediatamente a conversa.

—Sim, eu lembro. — Disse ela, tentando ser paciente. No que diz respeito ao padrinho, amêndoas de grandes e assustadoras verdades eram muitas vezes enterradas em divagações e fantasias sombrias - se alguém tivesse a persistência de ouvir as bobagens e encontrá-las. —Mas você nunca me disse quem deu a você.

Sua boca torceu. —Foi-me dado por uma rainha louca. Ou pelo menos com raiva.

—Eu imploro seu perdão?

—Foi um castigo, uma provocação. Veja bem, pensávamos que havíamos escapado, mas no último momento... — Ele bateu palmas, assustando um de seus pardais. —E está associada a uma mágica estranha, espessa e sinuosa. Você não sabe com que diligência eu trabalhei para encontrar uma resposta, entender o que elas significam e como isso afetou - como me comeu Clara - mas acho que finalmente consegui.

Ele se levantou e se aproximou da estátua. Com um dedo longo, ele traçou um símbolo no peito da estátua e depois outro no ombro.

—Eu costumava pensar: os símbolos contam uma história? Este pedaço particular da magia da rainha era diferente de tudo que eu já tinha visto. — Ele fez uma pausa, sorrindo distraidamente. —Então. Mas agora, agora estou perto.

Clara mal conseguia manter a calma. —Magia. Você está me dizendo que esses símbolos são algum tipo de mágica.

—Bem, eles não são mágicos, não, mas eu os entendi como uma espécie de manifestação de magia. Uma cruel, vingativa. Não sei se os símbolos significam alguma coisa, na verdade. Eu acho que eles são apenas os restos do que é deixado para trás quando uma mágica terrível é executada. — Ele olhou para o rosto da estátua como se estivesse olhando para algo distante. —Mágica terrível. — Ele sussurrou. —Terrível. E me arrependo de nada que tenha feito.

Clara foi até ele, devagar. Magia terrível, rainhas loucas, vingança. Eram palavras familiares, que Clara ouvira nas histórias do padrinho desde que era pequena.

Hope Stole havia trazido o padrinho - Drosselmeyer, ele dizia ser o nome dele - das ruas quando Clara ainda era bebê. Hope o vira se apresentando na estrada, um mágico de rua comum - mas então, muito mais que isso. Ela sempre disse que sentia nele um talento, um talento de diamante, e que não suportava deixá-lo nas ruas geladas, sem ferramentas ou espaço de trabalho adequados. Ele faria parte da família, dissera a mãe de Clara, como uma espécie de piada, mas ela começou a chamá-lo de padrinho Drosselmeyer, e toda a ideia se manteve. Para as meninas roubadas, ele sempre foi padrinho; e para Clara ele era todo mistério e estranheza com seu tapa-olho e seu murmúrio, mas talvez ela não tivesse gostado tanto dele se ele fosse mais comum.

—Você disse que estava perto. — Clara colocou a mão no ombro dele. —Perto de... o que exatamente?

O padrinho se virou para sorrir para ela, seu sorriso irônico e irritante. —Para desfazer isso, minha Clara.

—Desfazer o que?

Por um momento ele pareceu perto de dizer a ela. Então ele balançou a cabeça e se afastou. —Logo. — Ela pensou que o ouviu murmurar. —Ela saberá em breve.

Clara olhou para a parede de relógios. Cem mãos, aproximando-se das cinco. —Mas o que isso tem a ver com a mãe?

Uma escuridão cintilou no rosto do padrinho. Seu cabelo, comprido demais para estar na moda, havia se soltado da fita.

—Eu acho... acho que elas são...— Mas então era como se algo dentro dele tivesse desligado. Ele balançou a cabeça e andou pela oficina, acendendo lâmpadas. —Eu acho. — Disse ele alegremente, embora para Clara parecesse tenso. —Que é hora de termos uma boa luta.

—Mas, padrinho. — Insistiu Clara, observando frustrada enquanto tirava o sobretudo e arregaçava as mangas, revelando antebraços tão finamente cinzelados quanto as criações que criou. — Você não respondeu minhas perguntas.

—Eu respondi algumas de suas perguntas. Nem todas, mas algumas.

—Todas, menos uma.

—Não insista, Clara. — Ele abriu um espaço para eles no chão, gesticulou para ela tirar o vestido. —Não insista para responder o que não posso responder.

—E não insista para que eu desista de uma resposta que devo ter. — Ela correu para ele e pegou os braços dele. —Padrinho, por favor. O que você sabe? Você está me contando histórias para se divertir? Ou você realmente sabe o que está acontecendo com essas marcações, esses assassinatos? Esses animais?

Com isso, o padrinho parou. —Bestas?

—A palavra preenche os relatórios que encontrei, dos detetives que investigam o assassinato.

—Bestas. — Ele sussurrou. —Sim. Sim, eu lembro delas.

Clara prendeu a respiração; ela estava perto. Os olhos do padrinho estavam arregalados e distantes, procurando - através da memória, através de sua própria loucura? De qualquer forma, ele logo diria a ela, e talvez fosse um absurdo, mas pelo menos seria alguma coisa, e ela poderia pensar em seu quarto naquela noite.

Mas então, tão rapidamente quanto o silêncio o havia ultrapassado, desapareceu e ele gesticulou impaciente para ela.

—Bem? Continue com isso. A menos que você esteja cansada demais de seus muitos esforços secretos.

Clara reprimiu seus protestos. Há muito tempo ela aprendera que era melhor ceder ao humor dele, pois um padrinho feliz era um padrinho mais generoso. Talvez se ela o esgotasse completamente, ele teria mais chances de conversar.

Então, com alguns movimentos do pulso, ela tirou a saia e as anáguas. Meses atrás, o padrinho começou a rasgar seus vestidos e a modelá-los para serem facilmente removíveis; não seria necessário enredar-se nas próprias roupas íntimas durante o combate, se tal infortúnio lhe ocorresse nas ruas da cidade. Clara, portanto, trouxe-lhe todos os bons vestidos novos para desmembramento, e teve imenso prazer em vê-lo refazê-los como versões mais úteis de si mesmos. Às vezes ela se via desejando que ele pudesse fazer o mesmo por ela.

Na camisa, espartilho, calças e botas, Clara circulou em sua direção com os dedos enrolados, os braços firmes. Se era isso o que seria necessário para extrair informações dele... bem, havia piores sacrifícios a serem feitos.

—Venha, padrinho. — Ela se fez parecer brincalhona, mesmo se sentindo longe disso. Mime-o, mime-o. —Bata em mim.

Ele riu, olhando para os olhos e se lançou sobre ela.

Clara o encontrou no meio do caminho, erguendo o braço direito para bloquear o golpe esquerdo. Ele agarrou o pulso dela e torceu, mas ele próprio havia ensinado Clara a não lutar contra o ataque, mas a se mover com ele e girá-lo contra si mesmo. *Torne-se um com as sombras quando você se esgueirar, minha Clara. Torne-se um com o golpe quando lutar.*

Então ela cerrou os dentes quando ele puxou seu braço, puxando-a para um aperto forte, e então ela lhe deu uma cotovelada forte no estômago. Ofegando, ele cambaleou de volta. Clara se soltou e girou nos calcanhares, batendo-lhe com força na orelha direita. Desorientado, furioso, ele soltou um gancho de esquerda desleixado.

Clara se esquivou com facilidade, sorrindo, desfrutando disso apesar de tudo, por isso - nesses momentos voando pela loja do Padrinho, o ar temperado sibilando por seus braços nus, sua pele picada pelos ataques do Padrinho – era quando ela se sentia mais diferente de si mesma. Ela se sentia invencível, livre de tecido e ansiedade. Feita de bronze. Cada golpe que ela dava fogo disparava pelos braços; cada golpe que ela recebia, cada punhalada de dor, alimentava um estranho prazer dentro dela. Ela não estava nervosa,

com medo de Clara aqui; ela era sombra, punhos, suor e músculos ardentes.

Ainda procurando por ela à direita, o Padrinho pulou para frente, mas Clara já havia se movido para a direita, chutando com a perna esquerda. Suas próprias pernas pegariam, ele cairia e Clara venceria. Uma partida tão rápida, ela pensou, decepcionada, mas o padrinho agarrou o pé da bota e deu uma volta cruel.

Clara caiu com força, virando-se para pousar no braço e nas costas para salvar os joelhos. O chão de pedra a sacudiu, sacudindo a cabeça. Ainda haveria outro machucado em seu corpo, que ela estimaria; cada ponto roxo a tornava mais forte, um talismã de dor e orgulho.

Pensando nisso, ela surgiu mais rapidamente do que o padrinho havia previsto, com um chute nas costas que o fez tropeçar em sua bancada, as ferramentas voando. Ele se recuperou rapidamente, voltando para ela com golpes afiados no braço, pescoço, barriga. Ela os bloqueou - cotovelo, antebraço. Ela o desviou - esquerda, direita. Ele era rápido, e ela era mais rápida; ela estava deixando o mundo bem abaixo dela, voando alto, as juntas dos dedos ardendo, os pulmões queimando.

Eufórica, ela riu e deixou de bloquear o golpe na barriga. Dobrando, ela caiu contra a parede. O padrinho o seguiu com um tiro no corpo, mas Clara se moveu no último segundo e ele cortou as pedras.

—Droga. — Ele engasgou, segurando a mão, e Clara parou. As mãos eram importantes para um artesão de sua habilidade. Ela pegou o ombro dele.

—Você está bem?

—Ha! — Ele se virou para agarrar o pescoço dela, mas Clara já havia visto esse truque antes. Ela levantou o braço a tempo de pegá-lo. Eles ficaram por um momento, ofegando, olhando um para o outro. Clara sentiu o cheiro do sangue nas juntas raspadas do padrinho, embora ele tivesse enfiado a mão ferida no bolso.

—Muito bom. — Ele respirou.

Ela sorriu para ele, e por um momento a preocupação em seu coração desapareceu; não havia fotografias horríveis, nem marcas vis. Havia apenas ela, o padrinho e a estátua observando do canto.

Então a porta se abriu.

Ele caiu na parede, deixando os pássaros do Padrinho em um frenesi.

E Clara sabia, antes mesmo que ele falasse, antes de se virar, quem estaria em pé na porta.

—Clara, aqui está você. A Sra. Hancock estava fora de si quando percebeu que você não voltou para casa depois da sua... Onde você disse a ela que estaria? Um passeio no parque? — Ele zombou, pouco mais do que uma expiração. —E todo esse tempo você estava... Bem. Minha Clara, parece que você perdeu a roupa.

O horror de Clara era uma flecha no coração, rápida e mortal; a alegria de lutar desapareceu. Ela demorou demais em chegar em casa e agora - depois de um ano dessas sessões de lutas com Padrinho, um ano glorioso de manter seu segredo em segredo - ele os encontrara:

Dr. Victor.

CAPÍTULO QUATRO

Ele estava parado na entrada da loja, um homem alto, de cabelos claros, magro, musculoso, olhos afiados, com um sorriso de gelo e olhos a condizer. No silêncio repentino, um dos corvos do padrinho sacudiu suas penas e gritou.

—Boa tarde, Dr. Victor. Estávamos... —Mas o terror de Clara a dominou, sufocando qualquer esperança de desculpas ou mentiras. Dr. Victor estava aqui, e ela estava vestida...

—Eu posso ver isso. — O olhar do Dr. Victor rastejou sobre seu corpo, permanecendo na pele que ela normalmente era tão cuidadosa em esconder.

Clara se encolheu, o repentino ataque de vergonha como um golpe físico. Ela desejava não estar respirando com tanta dificuldade, que não estivesse suando e não tivesse tirado a roupa, procurado o padrinho em busca de respostas ou mesmo invadido Rivington Hall. Ela deveria ter voltado para casa logo após a cerimônia, contente-se em ler ou ouvir Felicity sobre um vestido novo recém-chegado de Paris. Poucos segundos antes, Clara havia feito o Padrinho sangrar; agora ela era apenas uma garota, burra, seminua e trêmula, e não podia dizer ao Dr. Victor que parasse de olhá-la com tanta avidez. O

pensamento do que ele poderia fazer em retaliação se Clara lhe dissesse o que ela realmente pensava dele, o que ele poderia fazer contra fazer com a família dela, a mantinha em silêncio.

E, além disso, a culpa era dela, não era, que ele a encarava? Ela poderia ter ido para casa; ela poderia ter ficado vestida. Em vez disso, ali estava ela, obscena, indecente, e enquanto olhava para o chão, corando miseravelmente, sabia o que o Dr. Victor poderia fazer era o que merecia. Uma pequena centelha de indignação gritou em protesto, profundamente dentro dela, mas ela não ouviu.

—Pessoas civilizadas — Começou o padrinho, puxando a camisa amarrotada. —Batem em portas trancadas em vez de chutá-las.

—Um lunático que se calou com uma garota e começou a atacá-la. — Disse Victor suavemente. —Não está em lugar algum para fazer tais declarações. Eu me observaria, velho. Isso iria incomodar Clara, se algo acontecesse com você. Venha, Clara. — Ele acenou para ela, um belo demônio em seu imaculado colete e casaco, calça apertada e botas brilhantes. —Vou acompanhá-la para casa.

Clara abaixou a cabeça e começou a se vestir. A loja ao redor dela nunca esteve tão silenciosa, apesar do coro de relógios e carrilhões tilintantes de carrossel, o zumbido suave de máquinas da sala dos fundos. Ao remontar as saias, Clara começou a chorar. Ela não deixou as lágrimas caírem, pois achou que isso iria deliciar o Dr. Victor, mas sua garganta ardeu com elas. Um nó duro se alojou em seu peito, eclipsando todas as outras sensações, deixando-a como se estivesse encolhida. Rasgada aberta.

— Por favor, Dr. Victor. — Disse Clara, odiando o tremor em sua voz, mas incapaz de controlá-lo. — Foi apenas um pouco divertido. Não há necessidade de alarme.

—Vou decidir o que é necessário, Clara. — Quanto mais suave a voz do Dr. Victor se tornava, maior invadia a fúria. Desde a ascensão de seu pai à prefeitura, Clara ouvira esse amolecimento ameaçador muitas vezes. Ela estremeceu com o chicote do que ele deixou por dizer, e com o medo horrível de quando essa intenção maliciosa oculta poderia entrar em erupção.

O padrinho pegou sua bengala do chão. —A loja está fechada, se você não percebeu. Você não é bem vindo aqui.

—Há quanto tempo você está fazendo isso? — Dr. Victor sussurrou para Clara, ignorando-o.

Clara não conseguiu encontrar os olhos dele. —Eu- eu não sei.

—Seu pai tolerou sua vinda aqui por muito tempo, pelo que entendi. Eu pensei que você teria um julgamento melhor do que isso. Lutando como um pagão. — Ele mudou de posição. —Vestida como uma prostituta.

O padrinho estava furioso. —Você não vai falar com minha Clara assim, você-

— Sua Clara? — Perguntou o Dr. Victor, o mais suave ainda. — Esse negócio de 'padrinho' já dura muito tempo. Você não é a família dela. Você estaria nas ruas, não fosse a graciosa Sra. Stole. — Ele sorriu; piedade tão bonita e praticada. —Deus descanse sua alma—

—Como você ousa falar de Hope! — Gritou o padrinho, avançando, a bengala levantada.

Clara o pegou pelo braço. —Não, padrinho!

—Clara, eu não vou ficar parado e deixá-lo te tratar desse jeito.

—Está tudo bem. — Ela sorriu para ele. Uma palavra do Dr. Victor e ele poderia arruiná-los - fazer o padrinho sair para as ruas, ou até matá-lo, e libertar os cães de Concordia sobre o pai, finalmente.

Era melhor, então, sorrir. Melhor mentir e ceder. E o padrinho sabia tão bem quanto ela. Ela podia ver a resignação e a fúria brigando em seu rosto.

—Mesmo. Não se preocupe. — Ela quase o abraçou - para tranquilizá-lo, para se tranquilizar - mas os braços dele ao redor dela poderiam ter destruído sua determinação. Em vez disso, ela foi para o lado do Dr. Victor e pegou o braço oferecido, deixando os dedos ásperos de metal de sua luva - a marca de um cavalheiro de Concordia - a colocar no lugar ao lado dele. Quando ele sorriu para ela, ela lhe concedeu um sorriso recatado; quando ele espiou o corpete dela, ela o ignorou.

—Clara. — Disse o padrinho, sua voz rouca. A escuridão anterior sombreava seu rosto, a escuridão que acompanhava a conversa de sua mãe. —Nem sempre será assim. Eu juro que não.

—Eu não sei o que você quer dizer. — Ela tentou parecer descuidada, mas estava suando e tremendo. Certamente o Dr. Victor podia sentir isso.

Certamente ele estava gostando.

Ele a levou para fora, segurando-a possessivamente. Seu perfume perpétuo de remédios e produtos químicos e podridão envenenaram sua respiração. Que horrores ele cometeu na Casa Harrod hoje? O pensamento encheu a mente de Clara com imagens terríveis. Ela ouvira rumores das pobres meninas doentes mantidas

na Casa Harrod para as Garotas Rebeldes e das "curas" altamente experimentais do Dr. Victor.

Quando saíram para a penumbra, a neve fresca triturando sob as botas, Clara ouviu o vidro bater e os pássaros gritarem, e o padrinho rugindo em fúria.



—Isso nunca servirá. — Disse Victor mais tarde naquela noite, no salão do segundo andar da mansão do prefeito. —Próximo.

A grande casa de vinte quartos na Quinta Avenida e na Rua Sixty-Sixth não parecia a casa de Clara desde o assassinato de sua mãe, especialmente nos últimos meses. O Dr. Victor ficou muito confortável, indo e vindo com mais frequência para ficar de olho em seu pai, e também, Clara suspeitava, para ficar de olho nela.

Ela estava livre do Dr. Victor quase em lugar nenhum e nunca agora. Depois de fazer sua estreia na temporada passada, que John Stole havia permitido que acontecesse mais cedo do que ele gostaria por causa dos frequentes pedidos de Clara, ela esperava encontrar mais tempo longe do Dr. Victor, se ela estivesse dançando e sendo cortejada na maioria das noites da semana. Mas não. Ele muitas vezes insistia em acompanhá-la na cidade, sempre que podia suportar deixar as meninas na Casa Harrod. Quem, afinal, alguma vez pensaria nisso? O Dr. Victor era um amigo da família muito querido. Que bom, Clara supunha que as pessoas pensavam - ou fingiam

pensar - que o Dr. Victor passasse tanto tempo com a filha debutante sem mãe de John Stole. Quão adorável, quão perfeitamente conveniente para ela agarrar um homem assim - estabelecido, bonito, rico o suficiente para prover a ela e sua família sitiada.

Clara Stole, devem ter pensado, é realmente uma garota de sorte.

Enquanto a sra. Hancock a conduzia para a outra sala e a despia mais uma vez, Clara ficou de olhos vazios e imóvel, recusando-se a olhar seu reflexo no espelho. Ela evitava sempre que possível, de fato. Uma figura tão curvada, contorcida e de aparência patética. Quem queria olhar para aquela imagem e perceber que era sua?

— Sinto muito, senhorita. — Sra. Hancock sussurrou enquanto tirava o último pedaço de veludo verde pesado enfeitado com ouro. Ela adicionou o vestido à pilha de descartes e pegou o próximo. — Estou tentando ir o mais rápido possível.

—Não se preocupe. — Disse Clara brilhantemente. A sra. Hancock lançou-lhe um olhar desesperado, e Clara ficou vermelha de vergonha por ter que ficar aqui sem roupa, mesmo na companhia dessa mulher perfeitamente inofensiva. A sra. Hancock estava olhando as pernas nuas de Clara; ela podia ver a pele arrepiada na pele de Clara. Ela podia ver os machucados no corpo de Clara, os cortes arranhados, e como sempre os ignorou com tato, até arrumou o vestido para escondê-los melhor, embora seus olhos estivessem pesados de preocupação.

A mortificação de Clara a dominou de todos os lados. Afastando-se do horror, seus pensamentos saltaram loucamente para a loja do Poderoso Chefão, para seu calor, estranheza e segurança. Ela

pensou no padrinho, cantando arrogantemente após um reparo bem-sucedido do relógio; e ela pensou na estátua, alta e impassível no canto sombreado - lábios carnudos e cintura estreita, braços na armadura serrilhada. Enquanto imaginava isso, o rubor em sua pele mudou de vergonha para prazer, apesar do perigo que exaltava na sala ao lado.

A sra. Hancock a estimulou a vestir outro vestido, deixando Clara de seus devaneios. Lágrimas de culpa picaram seus olhos - pensamentos atrozes! Aparentemente, ela não conseguiu se conter. Ela era escrava de sua mente errante. Ela era desesperada, depravada.

Vergonhosa, devassa, pecadora.

Por que ela estava tão atormentada por tais impulsos perversos?

Mais alguns puxões, e a sra. Hancock a levou de volta à frente do Dr. Victor, que tomou um gole preguiçoso de seu conhaque. O vento de inverno penetrava pelas janelas, fazendo Clara tremer enquanto estava parada diante dele, sendo avaliada. Ela tentou não se perguntar o que ele poderia estar pensando. O decote desse vestido era decotado demais, as mangas espumosas muito tímidas, o corpete muito perfeito. Deixou pouco de sua forma para a imaginação, e Clara se viu frenética para fugir. A visão do corpo dela nessa exibição vergonhosa afetaria adversamente o Dr. Victor, como sempre, tornando os olhos escuros e as bochechas quentes.

— Há algo de errado com este vestido em particular, Dr. Victor? — Clara se esforçou para falar, mantendo os olhos no chão. —São vestidos tão finos, e este é o melhor até agora. Não podemos escolher e terminar?

Ao lado dela, a sra. Hancock ficou tensa e o estômago de Clara caiu como uma pedra. A quietude do Dr. Victor era muito rápida, muito completa. Ela poderia ter ouvido as cinzas do charuto do Dr. Victor baterem nos tapetes macios. Seu tom tinha sido descortês? Ela de alguma forma o ofendeu?

—Deixe-nos. — Disse Victor finalmente.

A sra. Hancock hesitou por apenas um instante antes de obedecer. Na ausência da empregada, Clara ficou paralisada por seu próprio medo. Não pela primeira vez na companhia do Dr. Victor, ela considerou ligar para o pai. Ela poderia fazer isso; ela poderia gritar por ele. Sem dúvida, ele retornara de seus passeios à tarde. Ele estava lá embaixo cumprimentando os senhores de Concordia quando eles chegavam para o habitual café e conhaque no meio da semana.

Mas então o que ela faria? Acusar o Dr. Victor de... o que exatamente? Olhando para ela? Sorrindo para ela? E se ela sugerisse mais alguma coisa, quem acreditaria nela? O pai dela faria; mesmo agora, com os olhos sempre distantes e nublados e a respiração cheirando perpetuamente a bebida, ele a amava e acreditava nela. Mas a fúria de Concordia se voltaria contra eles se John Stole acusasse o respeitado médico de algo tão hediondo que não valeria o alívio que Clara pudesse sentir.

Então ela permaneceu em silêncio, odiando a própria boca. O Dr. Victor levantou-se de sua espreguiçadeira escarlate no canto, pousou a bebida e se aproximou dela. Ele era um homem musculoso e imponente, o tipo de homem cuja presença inundava uma sala com autoridade e ameaça. Quando ele se aproximou dela, pegando seu braço com unhas perfeitamente cuidadas, Clara pensou que ele não

precisaria fazer mais nada para machucá-la. Ela simplesmente engasgaria com o câncer de sua existência; ela se desintegraria sob o calor ansioso dos olhos dele.

—Estava experimentando vestidos de festa. — Murmurou uma voz da porta.

Dr. Victor deu um passo atrás. Clara se afastou dele para a cadeira perto da janela e segurou as costas altas para ficar em pé.

—Minhas desculpas, Sra. Plum. — A cor brilhou alto nas bochechas do Dr. Victor. —Não quis que você testemunhasse a indecência de Clara. Ela queria ter o melhor visual para a festa amanhã à noite. Eu estava simplesmente oferecendo meus conselhos sobre a melhor forma de aparecer... de bom gosto.

Vestida de preto e com dedos e pescoço brilhando com diamantes, Patricia Plum deslizou para a frente em sussurros farfalhantes, deixando a porta aberta atrás dela. Clara ouviu Plum dizer algo sobre a reunião no andar de baixo, mas seu alívio foi grande demais para ela ouvir mais de perto do que isso. Mesmo quando o Dr. Victor se foi, Clara sentiu seus olhos em seu corpo. Quando Patricia Plum ofereceu um xale a Clara, Clara o pegou sem questionar, envolvendo-se com força.

—Sinto muito. — Ela sussurrou. —Eu não quis...

Plum inclinou a cabeça, divertida. —Desculpe pelo que, exatamente? As perversões do Dr. Victor não são sua culpa.

—Perversões? — Clara piscou para ela. O hábito de fingir que seus pecados haviam desaparecido. —Ele estava simplesmente me ajudando a escolher um vestido.

—Clara, não finja ser estúpida. Não há necessidade disso, não entre você e eu. — Plum se virou para verificar seu próprio reflexo imaculado no espelho perto da porta. — Nós duas sabemos que tipo de homem o Dr. Victor é. Infelizmente, temos que fingir que não.

Clara não sabia o que dizer sobre isso. —O que... tipo de homem?

Plum suspirou irritada. —Você será capaz de se controlar agora? Talvez seja melhor se isolar no seu quarto durante a noite. O bom médico piora com a bebida, como você sabe, e quem pode dizer quanto tempo durará nosso café e conhaque? — Os olhos dela se voltaram para os de Clara no copo. — Concordia tem muito o que discutir esta noite. Negócios de final de ano. — Ela sorriu para si mesma, colocando um cacho escuro de cabelo de volta no lugar. Seus olhos eram feitos de pedra azul.

Clara tentou decifrar o rosto de Patricia Plum, sem sucesso. O padrinho lhe ensinara muito sobre ler os rostos dos outros - suas expressões, seus maneirismos. Mas Patricia Plum era um mistério. Desde o assassinato de Boss Plum, há um ano e meio, nas mãos dos Eastside Delvers, Patricia Plum chefiara Concordia com uma assembleia dos conselheiros mais confiáveis de seu falecido marido. Como ela conseguiu manter o controle e não perder o império para um deles - o Dr. Victor, Walter Higgins ou Hiram Proctor, ninguém sabia. Mas ninguém sabia muita coisa quando se tratava de Patricia Plum.

Ela, por outro lado, conhecia tudo e todos, desde a programação dos artistas de rua na Broadway até os clientes sentados em quais caixas da ópera. Ela se reunia regularmente com bispos, reitores de

universidades e dignitários estrangeiros fascinantes, que a convocavam primeiro, mesmo antes do prefeito. Sobre o que eles conversavam, ninguém sabia, mas às vezes podia-se vislumbrá-los nas belas joias de de Plum, brilhando através das fendas nas janelas com cortinas. As pessoas obedeciam a Patricia Plum quando ela falava, sem questionar, como se ela fosse uma feiticeira do passado, tecendo feitiços com os olhos. Os rumores de suas origens variavam de bruxa a princesa europeia renegada que abandonara o direito de primogenitura e partira para a América.

Algumas pessoas disseram que Patricia Plum nunca amou seu marido, que ela se casou com Boss Plum para garantir Concordia para si mesma. Era uma ambição risível e impensável para uma mulher e, no entanto, quando Clara encontrou os olhos calculistas de Plum, ela sabia que era verdade. Era a única coisa que ela sabia com certeza sobre Patricia Plum.

Isso e quão profundamente Clara a odiava.

Patricia Plum, Clara estava convencida, era a mente por trás dessa recente onda de discórdia, a suspeita sobre a lealdade de seu pai, as ondas de antagonismo contra ele. O palpite de Clara era que Plum conhecia um passivo quando via um e queria livrar Concordia do comportamento cada vez mais irregular de John Stole.

Pensar nisso encheu Clara de súbito desafio e limpou a cabeça.

—Por que você não o parou?

Patricia Plum se virou. —Perdão?

—Dr. Victor. — Clara apertou o xale, horrorizada com a ousadia. Mas ela tinha que ver agora. —Você vê como ele me trata. Como ele me olha. Eu sei que você faz. Você vê tudo. Você mencionou

as 'perversões' dele. Você o manda embora e me diz que tudo ficará bem, mas não faz nada para detê-lo. Ele fica impune, mas você pode puni-lo se quiser. Por que você não faz? Por que se preocupar em fingir se importar se você realmente se importa tão pouco?

Um sorriso lento e frio. —Por que você não o impede?

Clara olhou para ela. — Eu não posso...

—E por que você não pode? Porque você precisa dele. — Plum se sentou em frente a ela, alisando as saias. —Você precisa que ele fique feliz para que ele continue protegendo seu pai e irmã, e assim você pode continuar discutindo com seu padrinho. Para que as coisas possam permanecer como estão.

—Nós não discutimos-

—E eu preciso dele também. Preciso mantê-lo feliz para que eu possa gerenciar o Concordia e ele ainda possa se sentir como se tivesse uma mãozinha nas coisas. Preciso que ele fique satisfeito por não ser nada além de um conselheiro nas sombras, porque nosso bom médico não é um bom médico. — Ela se inclinou para frente, os olhos duros. —Se você soubesse, Clara, os tipos de experimentos que o Dr. Victor realiza em seus laboratórios... mas talvez você possa imaginar.

Ai sim. Clara podia imaginar, e frequentemente fazia, com base nos trechos de informações que ela coletara ao longo dos anos. As imagens eram grotescas: ferramentas de metal que perfuravam o crânio, dentes arrancados de suas raízes, garotas gritando de terror enquanto amarradas às mesas de exame. Clara sentiu o cheiro do formaldeído e do láudano, viu a sujeira ensanguentada na luva do Dr. Victor depois de passar um dia na Casa Harrod.

O sorriso de Plum diminuiu. —Você entende então. Eu preciso dele exatamente onde está, feliz e contente. Ele é muito perigoso, seu gosto é extremo. Mesmo o menor dos criminosos se voltaria contra nós, caso ele ganhasse muito poder. Até os senhores das gangues de rua têm um código moral. Mas ele não. E estou ligada a ele, você vê.

— Você o deixou fazer isso. — Sussurrou Clara, pensando em Casa Harrod, pensando, com culpa, em si mesma e no que o futuro reserva.

—Sim, eu deixei. Eu deixaria que ele abrisse o corpo de toda garotinha órfã dentro de cem milhas, se fosse necessário. E eu faria isso pelo bem da nossa cidade, por ordem. Assim como você deve. Nós, senhoras, devemos ficar juntas, não é? — Plum se levantou, sacudiu as saias e examinou Clara, olhos frios. —Esse é o vestido que você selecionou?

Clara ignorou a pergunta. Era uma jogada perigosa, mas ela teve que fazer isso. —Você não quer mudar as coisas? Você poderia lutar com ele, lutar contra todos eles. Fazendo-os seguir suas regras. Você não quer se esconder diante de pessoas como o Dr. Victor para sempre. Você?

Plum congelou, seu sorriso ficou tenso e depois riu. —Eu não sou boba, Clara. Concórdia é um império. Não vou perder anos de trabalho, sangue e lealdade por causa do meu orgulho. Não correrei o risco de perder o que é meu, não importa o custo.

Terrível entendimento superou Clara. A viúva não ajudaria; o pai dela não podia ajudar. Ela não podia fazer muito para protegê-lo, mas podia fazer uma coisa: poderia permanecer calada. E o padrinho... Clara não poderia perdê-lo. Ela não arriscaria a segurança

dele por conta própria. Ela permaneceria em silêncio e pequena, cuidaria da irmã e do pai da melhor maneira possível e toleraria o que o Dr. Victor seu futuro pudesse trazer.

Patricia Plum deve ter visto a compreensão de Clara. Ela sorriu e endireitou as saias de Clara - pilhas de seda branca e tafetá com rendas.

—Sim, esse será maravilhoso, eu acho. — Plum se virou em direção à porta. —O decote por si só vai tirar o Dr. Victor da cabeça.

CAPÍTULO CINCO



Clara entrou no escritório do pai e fechou a porta silenciosamente atrás dela. O vestido dela ficou preso.

—Maldita renda. — Ela sussurrou, empurrando o tecido até as pernas para libertá-lo. Ela estava tão perto de chorar - já fazia isso há horas, em ataques imprevisíveis - e seus nervos se esticaram para ondas de pânico. Mesmo agora, os convidados estavam chegando no andar de baixo e esperavam uma noite perfeita, uma festa espetacular. John Stole precisava - todos precisavam - esta noite para ir bem.

Então pare de chorar, em outras palavras. Clara enxugou os olhos violentamente. Ela poderia fazer algo além de choramingar nos dias de hoje?

Felicity, escandalizada, correu de seu poleiro ao lado do pai e brincou com as saias de Clara, reorganizando-se sem parar. —Não mostre suas pernas assim. E não se mova com tanta violência. Você vai bagunçar seu cabelo. E não diga 'maldita'.

—Você acabou de dizer.

Felicity apertou os lábios e a respiração de Clara ficou presa. Aqueles cachos vermelhos brilhantes, o nariz impudente e a

mandíbula teimosa, aqueles olhos brilhantes - no rosto de Felicity sussurravam o eco do homem vibrante que seu pai havia sido. Todo mundo dizia que a garota Stole mais velha parecia com a mãe, a filha mais nova, o pai: cabelos ruivos, as sardas de marca registrada, e o queixo, a outra era mais suave.

Claro que Clara era a mais suave. Claro.

—Sim, mas eu estava dizendo isso para te reprovar. — Disse Felicity, impaciente. —Isso não conta.

Clara sorriu, esperando que a tristeza por trás disso não aparecesse. Ela passou os dedos pelos cachos perfeitamente penteados de Felicity. Sua irmã mais nova era tão apropriada, tão adorável, tão preocupada em servir ou não os bolos mais elegantes. Felicity tinha consciência dessas coisas desde tenra idade e, desde que a mãe deles morrera, ela se dedicara ao papel de elegante anfitriã aspirante com um zelo feroz. Era como se, ao fazê-lo, Felicity pudesse capturar um pouco da mulher pronta que sua mãe havia sido - ou talvez, mantendo seus pensamentos tão firmemente no superficial, esquecê-la.

—Considere-me reprovada, então. — Clara se virou, segurando a mão de Felicity na sua e se fortaleceu. Qual seria o humor do pai dela hoje à noite?

—Está na hora. — Clara disse cuidadosamente, avaliando-o. — Os convidados começaram a chegar.

—Você faz parecer que estamos indo para uma execução e não para uma festa. — Disse o prefeito Stole, das sombras de sua mesa. Ele segurou a cabeça nas mãos.

Então era para ser sombrio, então. Perfeito. Era exatamente o que eles precisavam, um anfitrião bêbado e choroso para que todos pudessem fofocar.

—Bem, é mais parecido com o anterior do que com o último. — Disse Clara, impaciente tirando o melhor dela. —Não deveríamos ter isso. Tentei lhe contar, e agora gastamos dinheiro que não temos em uma noite que ninguém se lembrará, exceto para dizer: 'Como é maravilhoso o prefeito organizar festas para seus amigos enquanto o resto de nós morre de fome nas ruas.

—Mas mamãe sempre organizava a festa de Natal todos os anos. — Disse Felicity em voz baixa. Ela sorriu bravamente para Clara. —É tradição e é esperado de nós. Nós devemos- — Felicity respirou fundo, como se recitasse algo. — Mostrar um rosto feliz ao público.

—Tradição. — O prefeito Stole murmurou. —Não podemos romper com a tradição. Hope não aprovaria.

Clara ignorou como a voz dele falhou no nome de sua mãe e diminuiu a dor de ouvir sua tristeza nua dentro de si mesma, com todos os outros pedaços partidos de seu coração. —Pai, você está bêbado?

—Não.

—Você está mentindo.

—Clara, por favor, não. — Felicity agarrou o braço de Clara. — Pai não está se sentindo bem.

Clara riu severamente. —Nem eu, e ainda aqui estou.

O prefeito Stole pegou o copo ao lado dele. —Eu não posso, Clara. Eu não posso enfrentá-los. Estou cansado de enfrentá-los, de fingir lealdade que não sinto mais.

—Você talvez devesse ter pensado nisso anos atrás, quando jogou junto deles. — Clara estava em cima dele em um instante, batendo o copo da mão dele. Ele atingiu o chão e quebrou em pedaços. Ela nunca tinha dito essas coisas para ele antes, optando por protegê-lo, em deferência à sua tristeza. Mas com o estresse de ontem pesado em seus ombros, ela não tinha paciência para mimar. —E eu não ligo para o que você não pode fazer. Não posso me levantar todas as manhãs, me enroscar nos meus vestidos e tentar te cobrir, e ainda assim o faço. Não posso gerenciar nossa equipe da casa e participar de eventos de caridade com os quais você não parece se preocupar, e fazer ligações para impedir que os poucos amigos que nos restam nos abandonem completamente, e ainda assim faço.

—Meus assessores fazem um bom trabalho nisso. — Disse o prefeito, olhando para o vidro caído em choque. —E o Dr. Victor.

—Dr. Victor. — Cuspiu Clara, e embora as palavras condenadoras subissem aos seus lábios, ela não podia dizer. A presença de Felicity serviu como um lembrete: ela não podia dizer nada, não podia sussurrar. E de qualquer maneira, o que seu pai poderia fazer para ajudá-la? Concordia estava além de seu controle agora. Fazia meses.

—Sim, o Dr. Victor faz um bom trabalho, de fato. — Clara disse. Ela não iria quebrar agora, não hoje à noite. —Se limpe e venha ao salão de baile. Sua ausência já foi notada, e o Sr. Krupin está perguntando por você.

—Krupin. — Repetiu o prefeito Stole lentamente. — O banqueiro.

—Ele é um banqueiro rico, sim, e ele se senta no conselho da cidade, e ele não é um homem paciente.

O prefeito Stole piscou, levantando-se. —Eu deveria falar com ele.

—Você deveria.

—E faça a barba também. — O prefeito Stole esfregou o queixo e ajeitou o colete, e esses pequenos movimentos o fizeram parecer tão velho - tão repentinamente, digno de maneira instável - que Clara não conseguiu se conter. Sua impaciência desapareceu; ela foi até ele e abraçou-o. Ele fedia a uísque e cabelo não lavado, e era um abraço estranho com Felicity ainda segurando firmemente em uma mão, mas Clara se agarrou de qualquer maneira, saboreando o cheiro dele, fedor e tudo. Os braços de seu pai a envolveram, hesitantes, e Felicity pressionou o rosto contra o lado dele - delicadamente, para não bagunçar os cabelos - e eles ficaram ali, uma massa de esperança frágil durante a noite. Quando Clara se afastou, ela alisou os cabelos do pai e viu, por um breve momento, um eco no rosto dele - o eco de seu antigo e bonito eu.

Sua determinação endureceu. Seria uma boa noite, uma boa noite. Ela faria isso, e faria isso por ele, por Felicity, pela família que costumavam ser. O Dr. Victor tentaria amedrontá-la, e ela talvez nunca mais visse o Poderoso Chefão, mas ela estava condenada se eles não estavam prestes a ter a festa de Natal mais bem-sucedida de todos os tempos.

—Sim. — Ela disse, e beijou sua bochecha. —Você deveria fazer a barba. Rapidamente, por favor, pai.

—Clara. — Sussurrou Felicity quando Clara a levou em direção à porta. —Você está brava? Por favor, não fique com raiva. Tudo vai ser maravilhoso, não é?

Clara se ajoelhou diante de Felicity e apertou a testa. —Claro que sim querida. Você vai deslumbrá-los hoje à noite, não é? Você vai dançar e dançar?

O rosto perturbado de Felicity floresceu em um sorriso que rasgou o coração de Clara. —Mãe sempre gostou de dançar.

—Sim, você se lembra daquelas noites na sala dela?

—Dançando em nossas camisolas. — Felicity escondeu sua risada com os dedos enluvados. —Colocando penas no cabelo!

—Princesas descalças. Agora prossiga. Tome um assento antes que as mesas de servir fiquem lotadas.

Clara ficou de pé por um momento, reunindo-se, vendo a irmã correr alegremente pelo corredor em direção à conversa dos convidados que chegavam.

—Sinto muito, Clara. — Seu pai sussurrou atrás dela. Ele apertou a mão dela. —Eu sei o que você deve pensar de mim. Mas estou tentando.

Clara piscou para conter as lágrimas. Ela não podia mais olhar para ele; fazer isso a lembrou muito do que eles haviam perdido.

—Eu sei. — Ela sussurrou, e o deixou no escuro.

CAPÍTULO SEIS



De seu esconderijo no mezanino do segundo andar, com vista para o salão de baile, parcialmente escondida atrás de uma cortina de veludo vermelho, Clara sonhava com assassinato.

O nariz dela doía com o eco do cheiro medicinal do Dr. Victor; ele quase não saiu do lado dela a noite toda. Se ela tivesse que suportar mais um momento com ele... bem, ela aguentaria e o faria sem reclamar. Mas ela podia sonhar em arranhar o rosto dele em pedaços; ninguém jamais saberia. Ela imaginou as vísceras dos globos oculares dele embaixo das unhas. Ele ficaria com medo, o medo em seu rosto refletindo o que ele deve ver tantas vezes por conta própria. E o padrinho ficava ao lado dela, balançando a cabeça em aprovação, dirigindo-lhe a melhor forma de cortá-lo em pedaços.

Damas apropriadas não pensam nessas coisas.

Ela foi para um assento próximo à janela, fechou os olhos e respirou fundo a violência - assim como a sensação de paz que a acompanhava. Quando ela abriu os olhos mais uma vez, o frenesi a abandonou e ela era ela mesma novamente - pequena, incerta, nua em seu vestido de várias camadas.

Lá de cima, ela podia ver o fluxo constante de carruagens e cavalos em forma de sino do lado de fora da mansão, quando a alta sociedade de Nova York chegou para andar com força, dançar e fofocar. As ruas cobertas de gelo formavam um mundo misterioso em preto e branco, como se o frio tivesse sugado tudo, menos neve e sombras.

No entanto, dentro do mezanino, com suas salas de estar privativas com cortinas, o salão de baile rodava em cores - cetim e seda chiffon, renda feita à mão e mangas bufantes enfeitadas com fitas, em azuis, violetas, verde floresta e vermelho. Os casacos escuros dos homens tremulavam, suas luvas brilhavam, limpas e brancas. Orelhas, dedos e coletes brilhavam com enfeites. Pentes de joias piscavam a luz do fogo no teto como centenas de olhos travessos.

As luzes do padrinho foram penduradas de canto a canto no teto moldado em meio a grupos de azevinhos e faixas brilhantes de prata e ouro. Pilhas de bolos e pudins, linguiças e presuntos, sopa, gemada, cidra, frutas cítricas e fumegantes com creme cobriam as mesas da sala de bebidas. O mais proeminente era o enorme abeto no canto, tremeluzindo com velas, sinos de prata, bolas coloridas de festas, anjos e polinésias mergulhados em ouro.

Não havia dinheiro para o abrigo ter camas adequadas e, no entanto, parece haver o suficiente para uma festa, Clara pensou sombria.

Como se por sinal, o pai, sentado junto à grande lareira de mármore em uma poltrona escura, riu. Ela o encontrou imediatamente pelos cabelos.

Proibido, o Padrinho brilhou em sua cabeça — Padrinho, acariciando seus cabelos melancolicamente, como se isso o lembrasse de algo precioso e perdido há muito tempo. Por mais inapropriado que tenha sido, Clara sabia como o padrinho adorava sua mãe. Supunha que era natural que um artista se dedicasse tanto à sua padroeira.

Mas não seria bom pensar no Padrinho, que normalmente chegava atrasado às suas festas de Natal, com um grande florescimento e com muitos presentes para as crianças presentes. Naquela manhã, ela lhe enviou um bilhete: fique em casa esta noite. Ela esperava que ele entendesse; O humor do Dr. Victor estava decididamente sombrio desde que a encontrara na loja, e ela não podia arriscar que ele instigasse Padrinho em uma de suas cenas excêntricas na frente da sociedade de Nova York. O Dr. Victor sem dúvida usaria essa oportunidade para trancá-lo publicamente, de uma vez por todas.

Uma vida sem padrinho não era uma vida que Clara queria conhecer - especialmente não antes que ela lhe desse algumas respostas diretas.

O pai dela riu de novo; o som disso deu-lhe uma pausa. Ela deixou seu esconderijo e foi para a escada, alerta e cautelosa.

Talvez alguém não tivesse notado, mas Clara já ouvira o riso genuíno de seu pai com bastante frequência - ele já fora um homem alegre, rindo constantemente das piadas escandalosas de Hope Stole. Mas este não era um som alegre. Isso foi tenso e até assustado.

Algo estava errado.

O Dr. Victor riu também, encostando-se na cadeira do pai, mas seus olhos se inquietaram até encontrar Clara no topo da escada. Ele a prendeu no lugar com eles. Sua mão enluvada, branca em vez de prata em um evento tão público, acenou. *Venha aqui. Agora. Ou você vai se arrepender.*

Clara recuou, agarrando-se à sensação das calças por baixo das saias. Dr. Victor pode ter sido capaz de olhar de soslaio para os seios enquanto eles dançavam, mas ela pelo menos usava as calças, enrolando as pernas com força e mantendo a adaga presa à coxa. Ele não podia tirar isso dela.

Ela se aproximou deles - seu pai e os irmãos Proctor; o alegre açougueiro; Reginald Winchester, do Times; o rico banqueiro Pietr Krupin; e o Sr. Mansfield, que dirigia o Teatro Garrick - bebendo taças de champanhe e perseguindo-as com bombons de cereja cobertos de chocolate. Mas o pai dela estava de pé agora, agitado.

Enquanto ela manobrava através da sala cheia, olhos dançavam para ela, rostos sorridentes assentiam; os convidados conversavam em silêncio, desfrutando de café e bolos. As linhas animadas de "Fiddle Me Lovely" pareciam irritantes; as crianças perto da árvore de Natal, Felicity entre elas, abriram suas pipocas de Natal para uma chuva de confetes, e a série de estalos fez Clara pular.

—Você está linda esta noite, Clara. — Murmurou Patricia Plum, deslizando ao lado de Clara para lhe dar uma cotovelada. Ela cheirava a sidra e fumaça. —Como uma noiva feérica.

—Eu não sou noiva de ninguém. — Clara deixou escapar. Eles chegaram ao lado de seu pai e ela não gostou do olhar nos olhos do Dr. Victor com a palavra "noiva".

O Carniceiro Alegre riu, seu rosto gordo e rosado brilhando. Krupin, Winchester e os Proctors também. —Uma mulher moderna certa, nossa senhorita Stole! — Disse o açougueiro.

Mas o Dr. Victor não riu. Nem o pai dela. Os restos tensos de uma conversa recentemente encerrada pairavam no ar. Clara tentou imaginar o que eles poderiam estar discutindo; nenhuma das possibilidades era particularmente animadora. O pai dela estava reclamando da corrupção de Concordia novamente? Será que ele proibira, notara a fixação do Dr. Victor nela e o reprovara? E por que o açougueiro estava olhando para o pai como se ele fosse um pedaço insatisfatório de carne?

—Clara. — Disse o pai, aproximando-a para um beijo. Ele a esmagou contra o peito, com o hálito azedo; Clara podia ouvir o coração frenético dele contra seu ouvido. Ela se afastou e descobriu que seus olhos estavam vermelhos.

—Pai? O que é isso?

—Desculpe-me, prefeito Stole. — Dr. Victor cortou entre eles. —Acredito que Clara me prometeu uma valsa.

O pânico pelo pai fez Clara ousar. —Você já teve quatro.

—E eu vou ter quantas mais eu quiser. — Ele agarrou sua cintura, virando-a. As pessoas ao redor deles estavam começando a perceber, a sussurrar e apontar. Era impróprio para qualquer homem - mesmo um amigo tão querido da família - lidar com Clara assim, observá-la com olhos tão duros e quentes.

Patricia Plum correu para a frente com um sorriso brilhante.

—Agora, Dr. Victor, isso é o suficiente.

—Você vai largar a minha filha. — Veio a voz do prefeito Stole - baixa, afiada.

Dr. Victor estava incrivelmente incrédulo. —Ah, prefeito Stole, é aí que você está errado.

—Acho que uma taça de champanhe demais para esses dois. — Brincou Patricia Plum para as pessoas mais próximas. —Você sabe como os homens podem ser.

A multidão riu nervosamente quando Plum dirigiu o mais próximo deles, e Clara aproveitou a oportunidade para se desvencilhar das mãos do Dr. Victor - mas então, do outro lado do salão, veio o som de portas se abrindo. Um murmúrio curioso ondulou em direção a Clara, e ela ouviu a pequena voz de Felicity dizer: —Padrinho?

O fato de o padrinho entrar naquele momento era tão coincidentemente terrível que Clara teria rido, se ela não tivesse tanto medo dele.

—Clara! — O padrinho saiu da entrada cortinada do salão de baile em um turbilhão de sobretudo e cartola e cabelos despenteados. Atrás dele, um par de garotos de rua de olhos arregalados, vestindo jaquetas remendadas, carregava um saco de veludo e uma torre coberta de pano sobre rodas.

Clara escapou de um Dr. Victor distraído e interceptou o padrinho no meio do salão de baile. A multidão se separou, a orquestra ficou em silêncio. Por cima do ombro do padrinho, Clara viu Felicity cercada por um bando de outras garotas, olhando os pacotes do padrinho com olhos brilhantes. Clara sabia que eles

esperavam os brinquedos tradicionais da festa de Natal, mas o olhar no rosto do padrinho era a coisa mais distante dessa frivolidade.

—Eles me encontraram. — Sussurrou o padrinho. Ele agarrou os braços de Clara e deixou manchas prateadas para trás; líquido brilhante cobria seus dedos. Também estava em seus cabelos, caindo em emaranhados em seu rosto.

Era mercúrio? Clara se perguntou. Um acidente de solda?

—Eu disse que estava perto, não disse? — Ele continuou. — Mais perto do que eu sabia, minha Clara. Eu tive um avanço. Mas deve ter alertado eles, rompendo minhas proteções...

—Calma, padrinho. — Disse Clara automaticamente. —As pessoas podem ouvi-lo. — Mas a propriedade parecia tola, com uma expressão no rosto do padrinho; Clara nunca o viu parecer tão assustado.

—Deixe-os ouvir. Eles precisam sair. — Ele levantou os braços, virando-se para encarar a sala. A camisa dele estava aberta, revelando um peito tão branco que parecia esculpido em gelo, marcado por feias lacerações enegrecidas. —Vão embora, eu lhes digo! É mais seguro assim. Eles virão aqui; eles estão atrás de mim. E você, Clara. — Ele se inclinou sobre sua bolsa, puxando brinquedos - soldados em chapéus de pele com bocas largas e dobradiças; falcões mecânicos com asas estalantes; espadas de madeira e bonecas de bobo da corte de porcelana. —Você vai me ajudar, não vai? Você vai me ajudar a lutar? Eu tive que vir aqui. A loja foi comprometida. Minha proteção finalmente falhou e um batedor me encontrou. Consegui subjugá-lo, mas minhas habilidades são irregulares e mais o seguirão direto para a loja, se ainda não o tiverem. Aqui, pequenina, pegue isso. — Ele

empurrou um boneco de rato gasto nas mãos de uma garota que ousara se aproximar. A criança fez uma careta por sua feiúra. —Não é muito útil. Não sei como ele entrou aqui. Mas, oh, a deliciosa ironia.

—Tudo bem, eu vou ajudá-lo. — Disse Clara, tentando juntar suas palavras enigmáticas. —Mas devemos ir para outra sala, você não acha? A festa-

O padrinho beijou sua testa, interrompendo-a.

—Minha querida Clara, minha corajosa Clara.

—Por favor, venha sentar comigo em silêncio por um tempo. — Clara virou-se para sorrir para a multidão, a mente acelerada. Ela confiava no padrinho mais do que ninguém; se ele disse que havia perigo, ele estava certo. Mas o que fazer com seus convidados? E que tipo de perigo era esse? —O padrinho já comemorou demais, ao que parece. Não é, padrinho?

Ele olhou para ela. —Oh?

Ela retornou o olhar intencionalmente.

—Oh! — Ele forçou um sorriso. —Sim. Para ter certeza. Estou chateado como um pirata.

Algumas crianças, e não alguns adultos, riram quando Clara levou o padrinho em direção à árvore de Natal. Os garotos sujos da rua, olhando avidamente para as bebidas, os seguiram com a torre coberta de pano a reboque. Na sequência, a orquestra voltou a tocar e a multidão murmurante começou a voltar para a festa.

—Padrinho-

—Pegue seu dinheiro e afaste-se, meninos, o mais longe que puder. — Disse o padrinho, espantando os meninos com um

punhado de moedas. —Não estará seguro aqui por muito mais tempo.

—Padrinho. — Clara o sacudiu. —Você não deveria estar aqui. Eu te disse para não vir. O Dr. Victor tentará arruiná-lo.

—O bom médico é a menor das nossas preocupações, minha Clara. — O padrinho agachou-se ao lado de sua trouxa imensa e puxou o pano de lado um pouco para revelar uma coxa de metal cinzelada, a bota de ferro com pontas, coberta por símbolos selvagens.

A pele de Clara ficou vermelha com a repentina percepção ardente.

A estátua. Como sempre, suas mãos coçavam ao tocá-la. O corpo dela balançou na direção dele. Ela teve que lutar contra o desejo de se aproximar dela, como costumava fazer, para sussurrar olá e contar sobre seu dia daquela maneira embaraçosa que tinha de fingir que se importava, ou até poderia. Mas seus segredos eram tão seguros, mantidos firmemente nas fendas de metal da estátua. Como ela pôde resistir? E houve momentos, ela jurou que houve, quando o rosto da estátua se suavizou quando ela se aninhou perto e conversou sem pensar sobre coisas muito privadas para falar de outras pessoas, até mesmo do padrinho.

Ela engoliu em seco, desviou o olhar da coxa revestida de armadura da estátua. —Por que isso está aqui?

—Eu te disse, minha descoberta. — O padrinho passou os dedos prateados pelos cabelos. —Eles estão atrás de mim há anos, é claro que sim. Ela tem. Prendê-lo não era suficiente; vir aqui não foi suficiente. Eu os senti cutucando. — Ele cutucou os dedos nela. —

Nas proteções por anos, mas nunca chegando mais perto. Hoje à noite, no entanto... Eu quase fiz isso. Quase. — Ele apertou a palma da mão. —Infelizmente, meu trabalho interrompeu a proteção.

—Padrinho, pelo amor de Deus, fale claramente.

—Veja. Eu já fiz, eu digo. Já começou. Veja.

Clara seguiu o dedo manchado e o viu na perna da estátua - uma rachadura fina e irregular no metal, uma costura pronta para estourar e brilhava com uma luz azul pálida.

Ela se afastou, abalada. Anos na companhia dele, e ela nunca tinha visto a estátua fazer isso. —Você precisa tirar isso daqui, padrinho. Se o Dr. Victor vir, ele marcará você como um demônio...

Dr. Victor. No caos da chegada do padrinho, ela havia se esquecido dele, seu pai, Patricia Plum. Com um aperto no coração, ela se virou para procurá-los na multidão.

Eles se foram.

—Oh Deus.

—Receio que isso não ajude nessas questões. — Disse o padrinho, retirando um pacote de ferramentas de couro de seu sobretudo. —Acredite, eu tentei.

Clara o deixou resmungando e encontrou os cachos vermelhos de Felicity no mar de crianças pegando os brinquedos do padrinho.

—Felicity, observe o padrinho por um momento, ok? — Clara mal conseguia falar, a garganta apertada de medo. —Verifique se ele não tem um de seus ataques.

Felicity torceu o nariz. —E como exatamente eu devo fazer isso?

Mas Clara já a havia deixado, passando pelo salão lotado em direção ao corredor sinuoso no lado norte da mansão - o silêncio

pesado do salão da mãe, a cor da sala de música como um turbilhão, as escadas da cozinha.

Pai, onde está você? Ela pressionou perto das paredes com painéis de madeira escura. O barulho da festa diminuiu, deixando Clara sozinha com sua respiração cuidadosa.

No final do corredor, havia um conjunto de grandes portas de madeira, entreabertas - o escritório particular de seu pai. Ela se escondeu entre as sombras no canto mais distante do corredor.

—Eu terminei.

Esse era o pai, rouco, respirando com dificuldade.

—Receio que seja tarde demais para isso, John. — A voz de Patricia Plum, doentia e doce. —Você não pode sair quando quiser. O que diríamos aos nossos cidadãos?

—Que eu renunciei. Prefeitos renunciam.

Clara não podia acreditar. Renunciando-se?

Plum continuou, ignorando-o. —Além disso, pense no que você viu, no que fez e no que deixou acontecer.

—Sim, e eu já tive o suficiente.

Dr. Victor riu. —Teve o sufuciente? Oh agora. John Stole, o rosto de Concordia, está assumindo uma posição moral elevada?

—Eu fui um tolo. — A voz do pai dela falhou na última palavra. Clara não aguentou o som e teve que lutar para não correr para ele. —Durante anos eu fui um tolo.

—Isso é óbvio, como você está agindo. Derramando segredos para o Times, hein, John? Perdendo fundos da cidade?

—Você quer dizer devolvê-los às pessoas a que pertencem.

—Seu idiota honesto. Você está sabotando Concordia. Você acha que não percebemos?

—Por que, John? — Patricia Plum, decepcionada. —Você sabia o que éramos quando se juntou a nós. Você nunca teve escrúpulos.

—Isso foi antes.

Dr. Victor zombou. —Ah, claro. Toda Poderosa Santa Hope.

Algo pesado caiu, vidro batendo junto com ele. Clara pegou a adaga sob a saia e colocou a palma da mão sobre ela. O suor escorria pelo pescoço dela.

O pai dela estava gritando: —Você a matou, maldito seja. Maldito!

— Tire ele de cima de mim. — Rosnou o Dr. Victor, e Clara ouviu brigas, grunhidos, o baque doentio de um soco.

—Eu já disse várias vezes. — Plum disse friamente. — Concordia não participou do assassinato de Hope.

—Ah, como não participamos das guerras de gangues no centro da cidade? O comércio de ópio, a depressão? — John Stole riu, um som sufocado e enlouquecido.

—Casa Harrod, pelo amor de Deus?

—Meu trabalho lá é totalmente respeitável. — Murmurou o Dr. Victor.

—Porra, seu desgraçado doente-

—Tut, tut. Cuidado agora.

—Você não gostou do trabalho que Hope estava fazendo, como ela estava ajudando as pessoas, fazendo-as pensar de maneira diferente, perturbando seu controle.

Plum, ironicamente: —O trabalho de sua esposa nunca foi notável o suficiente para nos preocupar, John. Venha agora, não sejamos ingênuos.

—Você quis dizer 'nosso controle', não foi, John? — A voz do Dr. Victor, perigosamente suave. —Você é, afinal, um de nós.

—Não mais.

Clara ouviu o som de passos furiosos, Patricia Plum dizendo: —Deixe-o ir. — Um momento depois, seu pai emergiu da sala, a gravata desfeita e o rosto coberto pela sombra. Ele engoliu o copo de uísque na mão e cambaleou na esquina.

Clara observou-o sair, imobilizada pelo pânico. Renunciar ao cargo de prefeito, deixar Concordia - essas coisas eram possíveis? Ela se moveu para segui-lo, mas então ouviu o Dr. Victor cuspir:

—Já chega, Patricia. Temos que nos livrar dele.

—Ele é um passivo. — Veio a voz do Merry Butcher. —Ele é imprevisível e sabe demais.

Clara congelou, no meio do caminho.

—E eu esperava que não precisássemos. — Plum suspirou delicadamente. —Mas ele não me permitiu outra escolha. Vamos proceder como planejado. Você encontrou seu homem para a Praça Reginald, Hiram?

Praça Reginald. Cerimônia de Ano Novo. Clara se aproximou da porta.

—Hiram Proctor chiou em seu distintivo chocalho. Podre, tiro limpo. Ele estará na multidão naquela noite, na frente e no centro. Uma vez que o querido Johnny se levanta para fazer seu discurso, como soa?

—Que trágico. — Acrescentou o Dr. Victor. —Que suas feridas vão além da minha habilidade de curar.

—E se o tiro não for fatal? — Perguntou o açougueiro.

—Não tema, meu feliz amigo. Um bom médico sabe matar e curar.

Os joelhos de Clara cederam; ela deslizou para o chão, desajeitada e perturbada demais para se importar.

—Pena que não podemos matá-lo hoje à noite. — Acrescentou o Dr. Victor. —A pobre Clara ficaria histérica. Ela procuraria conforto em braços familiares, e eu seria forçado a obedecer. — Ele cantarolou profundamente na garganta. —Feliz Natal para mim.

—Falando em Clara. — Disse a viúva, sua voz flutuando como uma música, mais perto agora. —Eu sei que você está aí, querida.

CAPÍTULO SETE



Eles a pegaram imediatamente - o açougueiro e o Dr. Victor, puxando-a para dentro da sala. Clara tentou gritar, mas os braços do Dr. Victor eram muito fortes, seu fedor muito sujo; sufocou o fôlego, a enojou com repentino terror.

—Há quanto tempo você se esconde por aí, garota? — Exigiu o Açougueiro. Foi-se o comissário risonho e gordo; este era o açougueiro, cujas mãos cheiravam a sangue. Ele a sacudiu. —Quão mais?

Ela não disse nada. Por um instante, pensou em pegar a adaga pressionada contra sua coxa. Talvez sua mãe pudesse se mover como o padrinho havia ensinado e espetar todos eles - mas o medo de Clara era grande demais. Sua visão girou - o mundo girou. A mão do Dr. Victor estava apertada sobre a boca.

O açougueiro fez uma careta e tirou uma caixa de comprimidos do paletó. —Vou fazer um breve trabalho disso, Plum. Parece que ela teve um demais. Limpeza fácil. Mantenha a boca aberta, doutor.

Dr. Victor riu. - Ela não é sua para reivindicar, Butcher, nem mesmo pela morte. Ela é minha.

—Realmente, Victor. — Disse Hiram Proctor da esquina. — Existem muitas outras pernas a serem interpostas, e algumas delas são mais bonitas que essas.

Revolta, Clara torceu nos braços do Dr. Victor, e os dedos dele apertaram mais o rosto dela.

—Pare de lutar, sua garota má. — Ele assobiou. —Comporte-se.

—Senhores, isso é o suficiente. — A voz de Patricia Plum os silenciou de uma vez e, enquanto ela se movia em direção a Clara, até o Dr. Victor se afastou. Ela pegou o queixo de Clara na mão. —A espionagem é uma prática imprópria para uma jovem, Clara.

—Eu - eu não ouvi nada. — Clara se encolheu ao som de sua própria voz. Tremia como a de uma criança e não era convincente.

Plum a estudou por um longo momento. Clara baixou os olhos e mordeu a língua, como se a dor disso pudesse mantê-la de pé, e decidiu que não tinha certeza de quem odiava mais - a viúva ou a si mesma.

—Eu ficaria com raiva de você por tentar mentir para mim. — Disse Plum levemente. —Se você não fosse tão terrível nisso. Eu sei que você ouviu todas as palavras da nossa conversa.

Talvez na loja do padrinho, Clara pudesse contar histórias e fazer truques, mas não adiantava tentar enganar ninguém nesta sala. Seu próprio medo havia tornado o ar tóxico, e era impossível pensar.
—Mas... por que ele não pode simplesmente renunciar?

Plum a soltou com desdém. — Seu pai faz parte da Concórdia há anos. Ele viu muito e sabe ainda mais. Como devo confiar que ele não usaria esse conhecimento contra nós?

- Ele não a trairia, senhora Plum. Concórdia tem sido a vida dele.

Plum não se mexeu. —Uma vida que ele está disposto a jogar fora, ao que parece.

—Então a única opção é matá-lo. — As palavras de Clara soavam vazias, pesadas, como se seu corpo se recusasse a falar corretamente. Ela se sentiu empurrada para uma névoa de descrença.

Depois de um momento, Plum deu um pequeno sorriso falso. —Ah, Clara. Eu posso ver que você vai ser difícil. Dr. Victor, por favor, busque a jovem Stole?

—Com prazer. — Disse ele, sua voz cheia de dentes.

Em algum lugar dentro de si, em algum lugar escondido e furioso, Clara estava gritando. Ela era a criação do padrinho ali, um turbilhão vingativo, ensanguentando-os com sua lâmina e colorindo a sala de vermelho.

Mas externamente ela estava quase chorando, pegando Plum como uma mendiga. —Não, ela não faz parte disso. Não a traga aqui. Não a machuque. Ela não sabe de nada. Eu não vou dizer nada sobre isso, juro a você. Deixe-nos, por favor.

—Você está absolutamente correta. Você não diz nada sobre isso. Vou cuidar disso.

—Eu não gosto disso, Plum. — Murmurou o açougueiro. — Deixe-me me desfazer da garota. Ninguém precisa saber o que aconteceu aqui.

—Não. Isso desperta muita suspeita e aborrecia o Dr. Victor.

—Pendure o médico. Ele é louco como um chapeleiro...

—E ele fez muito por Concordia, além de servir lealmente como meu tenente pessoal desde a morte do meu querido marido. — A expressão de Plum se tornou mortal, fazendo o açougueiro parecer encolher onde estava. —Você faria bem em lembrar isso.

A porta se abriu e fechou com uma onda de música fraca. Dr. Victor tinha Felicity pelos ombros. Um estranho poderia tê-lo considerado um tio gentil, levando a sobrinha para a cama, mas Clara viu como seu olhar percorria o corpo de Felicity.

—Aqui está, Clara! — Felicity correu para a frente. —Eu tenho procurado em todos os lugares por você. O padrinho está agindo tão estranhamente. Eu odeio quando ele é assim. É humilhante. Ele continua perguntando por você, e eu disse que poderia ajudá-lo se ele precisasse de algo, mas ele disse: 'Não, apenas Clara', e ele está tirando os brinquedos de todos e... O que é isso? Clara, você está chorando.

—Estávamos conversando sobre a mãe. — Clara se virou, encontrando o olhar friamente divertido de Patricia Plum. —Ela adorava essas festas.

—Deus descanse sua alma. — Dr. Victor acrescentou suavemente.

Clara sentiu os braços delgados de Felicity em volta da cintura e a abraçou, respirando os cheiros de canela e bolo e cachos úmidos de dançar.

—Oh, Clara. — Felicity, com ternura, brincou com as saias de Clara. —Mãe não quer que você fique triste. Ela quer que você dance. Você não gosta do seu vestido? Volte para a festa. Você pode dançar comigo, Clara.

Clara olhou para o açougueiro, que olhou furioso, e para o Dr. Victor, cujos olhos brilhavam. A visão a paralisou. Quais era as palavras certas para dizer? Qual era a expressão certa a assumir? Ela não poderia ter se sentido mais impotente diante deles se estivesse olhando além das grades de uma gaiola.

—Sim, eu vou dançar. — Ela sussurrou. —Você vai me esperar nas escadas?

Felicity sorriu para ela. —Ai sim. Eu serei o garoto e liderarei, se você quiser. Eu danço melhor do que qualquer garoto velho.

—É verdade. Os meninos aqui são vacas com quatro pés esquerdos. Continue agora.

Felicity ficou na ponta dos pés para beijar a bochecha de Clara e saiu em uma agitação de saias verde-esmeralda.

Clara manteve os olhos na porta. Respirar - ela deve, impossivelmente, continuar respirando.

—Por que você a trouxe aqui?

—Eu queria lembrá-la de quanto você ama sua irmã. — A voz de Plum era enganosamente doce. —Ela é uma criatura bonita, com certeza. Jovem e inocente. E se você proferir uma palavra do que ouviu aqui para alguém, se fizer alguma coisa para interferir nos nossos planos em relação ao seu pai, eu a matarei.

—Você não pode. — Clara estava afundando sob ondas de choque; eles ameaçaram sufocá-la. —Você não faria. Ela é uma criança, doze anos de idade.

—E eu simplesmente não a mato, não. — Plum avançou, perfeitamente glamourosa, brilhante. —Vou entregá-la ao Dr. Victor primeiro. Ela é um pouco mais nova que os pacientes habituais, sem

mencionar que é mais bonita. Estou certo de que ele apreciaria a chance de experimentar.

O mundo girou em torno de Clara, mas o Dr. Victor não a deixou cair, pegando-a pelo braço e sussurrando em seu ouvido: — Um par - um par adorável de garotas para o bom médico. Quão doce isso seria.

—Você trouxe isso para você, Clara, com seu comportamento deplorável hoje à noite. — Plum deslizou perto o suficiente para Clara sentir o cheiro da respiração da mulher no rosto. —E realmente você deveria agradecer ao Dr. Victor. Sem ele, digamos, parcialidade em relação a você, não teríamos essa conversa. Você deve se considerar sortuda por ter essa escolha: você pode nos deixar seguir o planejado e salvar a vida de sua irmã, ou pode vê-la mutilada nas mãos do seu noivo.

Clara não entendeu a princípio. Ela não podia fazer nada além de mudar a palavra em sua mente como se estivesse examinando um artefato desconhecido. Noivo.

—Oh. — A mão de Plum, pingando anéis, acariciou a bochecha de Clara. —Eu esqueci de mencionar isso, não é? Que descuidado da minha parte! O Dr. Victor solicitou sua mão em casamento. Acho que seu pai não ficou muito satisfeito com a ideia, mas em breve... — Plum acenou com a mão com desdém. —Deveria dar certo. Com seu pai desaparecido, você e sua irmã caem sob nossos cuidados. Ele quer assim. Diz o mesmo em seu testamento.

O mundo havia sido reduzido a um único ponto abrasador, enterrado sob o esterno de Clara. Ela desejava arrancá-lo de seu

corpo, manejar sua própria fúria como uma lâmina. Mas ela só podia ficar ali, cambaleando.

—Eu vou te matar. — Clara sussurrou, frenética. —Eu vou matar você. Eu juro que vou.

Patricia Plum começou a rir.

O Dr. Victor puxou os braços de Clara para trás, torcendo-os até que ela gritou de agonia e caiu de joelhos. A dor pulsava através dela em ondas, e ela descobriu que estava soluçando, que a dormência estava dando lugar ao sofrimento e ao horror incontrolável. *Pare de chorar, Clara, sua garota estúpida*, a voz de sua mente sibilou. Mas ela não podia.

—Oh, sua pobre garota tola. — Disse Plum, ajoelhando-se para segurar suas bochechas. —Não, você não vai. Você fará o que foi solicitado, fique quieta e mantenha as coisas o mais simples possível para você e sua irmã. A véspera de Ano Novo está daqui a uma semana, Clara. Estarei observando você de perto. Se eu não gostar do que vejo, o sangue de sua irmã estará em suas mãos. A escolha é sua.

Clara assentiu, sua visão um borrão, e recostou-se no Dr. Victor. Ela não conseguia ver uma saída, não disso. As paredes do escritório estavam dobrando-a em uma minúscula caixa batendo, e ela a recebeu. Os olhos do Dr. Victor arrancaram suas roupas, e ela os deixou.

—Você pediu por isso, do jeito que você se comportou.

—Então estamos de acordo. — Disse Plum alegremente, e eles a deixaram.

Clara ficou sozinha por longos momentos depois, tonta.

Talvez ela pudesse pegar Felicity hoje à noite e fugir. Mas correr para onde e o pai? Sim, ele estava cada vez mais distante ultimamente, a ponto de os funcionários da casa chegarem a Clara primeiro com suas perguntas, e Clara precisava lembrar o pai para comparecer às consultas, revisar as contas e pentear os cabelos. Sim, ele a enfureceu - e a entristeceu - além da expressão.

Mas ela poderia realmente abandoná-lo assim, mesmo para salvar sua irmã?

Eu o abandono de qualquer maneira, veio o pensamento inconcebível, para o assassinato.

—Para salvar Felicity. — Ela sussurrou para o quarto vazio, mas o lembrete não era conforto. Como ela confiava que Felicity estaria a salvo, mesmo que Clara fizesse tudo o que Concordia pedia? Plum disse ontem que faria qualquer coisa para manter o Dr. Victor feliz. Talvez ele mudasse de ideia, decidisse que ter Clara não era suficiente; talvez ele acabasse voltando suas atenções para Felicity. Clara ficava deitada na cama do marido à noite e ouvia Felicity gritando por socorro, e ficava impotente para salvá-la.

—Marido. — A palavra pesou sobre ela, e o mesmo aconteceu com o futuro - prometendo ser dele, uma esposa desfilando em seu braço, sentindo o cheiro de garotas mortas depois de um dia na Casa Harrod.

Os pensamentos de Clara desceram para um redemoinho na barriga, uma náusea que ela sabia que nunca se dissiparia. Não havia para onde ir, nenhum lugar para se esconder ou fugir. Plum disse que

estaria assistindo Clara, e Clara acreditou nela. Os tentáculos de Concordia serpenteavam por toda a cidade; os olhos do império estavam nas paredes, nas ruas, na própria mansão. A teia de Patricia Plum havia enredado Clara tão completamente quanto as camadas de renda e cetim de seu vestido. Ela só podia esperar que ficar o mais quieta possível para que mantivesse Felicity segura. Se ela não pudesse salvar o pai, poderia salvar a irmã. Ou ela poderia tentar.

Clara tropeçou de volta para o salão de baile. Ela cheirava ao Dr. Victor; o fedor a mantinha instável, mas ela se esforçou para reprimir qualquer sinal externo do que havia acontecido. Ela voltava para a festa e sorria, dançava e representava a graciosa anfitriã até que o último hóspede partisse nas primeiras horas da manhã, o que parecia impossivelmente longo a partir de agora. O enorme relógio do avô do salão de baile - um presente do Poderoso Chefão - tocava onze horas.

Ela também faria o padrinho ir para casa e levar suas bugigangas com ele - incluindo a estátua. Distantemente, ela se perguntou sobre o que ele estava falando - a luz azul, a proclamação do perigo, o líquido prateado cobrindo suas mãos - mas essas perguntas desapareceram diante da ameaça de Patricia Plum. Tanto por treinamento, por excursões à loja, por explicações; talvez nunca soubesse o que aqueles símbolos no corpo de sua mãe significavam, pois suspeitava que o Dr. Victor acabaria com essa parte de sua vida. Certamente agora, depois desta noite. Uma pontada egoísta de perda a dominou com o pensamento.

Quando Clara entrou no salão, gritos irromperam de cima.

—Saiam todos vocês! Agora!

Clara ficou sem fôlego; essa era a voz de seu pai, arrastada e rouca.

Felicity correu em sua direção.

—Clara, pare-o. O pai está bebendo e o padrinho está assustando a todos e, oh, o que eles vão pensar de nós? — Ela torceu as mãos. —Faça alguma coisa. Depressa, Clara querida.

Os convidados pararam de dançar para olhar - alguns com curiosidade, outros com diversão horrorizada - no mezanino, onde John Stole se dirigia à sala, acenando com a bebida.

—Eu já cansei dessa confusão. — Ele berrou, os olhos vermelhos e sem foco, as bochechas úmidas. —Todas vocês comendo minha comida, bebendo minha bebida, fingindo que não sabem o que está acontecendo ao seu redor...

O padrinho saiu correndo da multidão para o lado de Clara, com o pacote de ferramentas na mão. —Bem, isso é inesperado, mas espetacularmente conveniente. Eu estava prestes a dizer para eles saírem - pelo bem deles - e aqui vem seu pai, fazendo isso por mim. — O padrinho esfregou o rosto, deixando prata para trás. Na outra mão, ele segurava um dragão preto para combinar com o de sua bengala. Seus olhos brilhavam vermelhos, como sangue rubi.

—Vá para casa, padrinho. — Disse Clara, sentindo-se um pouco desequilibrada. Os gritos de seu pai, o Poderoso Chefão, as mãos de Felicity puxando freneticamente as saias - eles não poderiam parar por um momento para ver o desastre escrito em seu rosto? —Você não pode mais estar aqui.

—Mas, Clara...

—Não discuta comigo. Você nunca deveria ter vindo aqui hoje à noite. — Sem esperar por uma resposta, ela pegou Felicity pelos ombros e tentou não imaginar o Dr. Victor fazendo o mesmo, levantando-a sobre uma de suas mesas cirúrgicas. — Vá colocar o pai na cama. — Disse ela à irmã. — E se apresse. Mencione o nome da mãe. Isso o fará ouvir.

Felicity começou a chorar. —Clara, todo mundo está olhando para nós.

—Eu não ligo. Agora vá.

—Sim vá. Vá em frente! — O padrinho acenou com os braços para todos que passavam, desfilando como um mestre do ringue enlouquecido. Os convidados começaram a sair, franzindo a testa por cima dos ombros e rindo para si mesmos.

—Fora do roteiro. — Ela ouviu um convidado murmurar. — Enlouqueceu. Foi o assassinato que fez isso.

Patricia Plum flutuou em direção às portas do salão. —Sim, talvez seja melhor chamarmos isso de noite? Parece que o prefeito Stole está ansioso por um pouco de paz e sossego.

—Se paz e sossego vêm em uma garrafa. — Alguém disse, para aliviar o riso.

Clara ficou congelada. Seu pai continuou gritando palavrões no andar de cima, e o padrinho estava correndo, fechando portas e martelando tábuas sobre elas, pregando as janelas. Ele até parecia estar resmungando nas próprias paredes, e ele estava realmente pintando-as com qualquer substância prateada que cobria suas mãos?

Clara ficou horrorizada. Deus me ajude, ele ficou louco.

—Espero que você se lembre de tudo que discutimos hoje à noite. — Patricia Plum passou por ela com um leve beijo na bochecha. —Falaremos novamente em breve. Feliz Natal, Clara.

Clara a observou sair, Dr. Victor logo atrás dela. Ele chamou a atenção de Clara e curvou-se baixo, sorrindo diabolicamente.

Quando o último convidado saiu à noite, Clara ficou sozinha no salão vazio, repleta de pratos e copos vazios, e as criações abandonadas do padrinho. Uma das linhas de luz elétrica tremeluziu. Do lado de fora da rua vinham risadas, impressões espirituosas de John Stole e o ruído gelado das rodas da carruagem.

—Ah, Clara. — Disse o padrinho, correndo. —Finalmente, temos a chance de falar sozinhos.

Se Clara olhasse para ele, ela choraria. Ela olhou para a entrada depois dos convidados que partiram. —Saia.

—Perdão?

—Pegue suas coisas e saia.

—Mas Clara, querida...

—Não me chame assim. — Clara sussurrou. Dr. Victor a chamava assim em sua cama, uma zombaria de um carinho. Ela subiu as escadas com aquela imagem em mente, ignorando o padrinho chamando seu nome. Uma vez na segurança de seu quarto, ela se sentou na beira da cama com os punhos cerrados no colo, lutando por uma calma que não chegaria. O som de Felicity chorando do fundo do corredor puxou sua mente para um coro nocivo:

É sua culpa. Você deveria ter sido mais corajosa. Você deveria ter sido mais esperta. Você deveria ter cuidado melhor deles.

É sua culpa.

Tudo isso é culpa sua.

CAPÍTULO OITO



Não meia hora depois, minutos antes da meia-noite, Clara estava deitada em sua cama, inquieta e desconfortável em seu vestido. Pensamentos desesperados percorreram sua mente, mas nenhum deles teve uma solução; seu mundo havia sido por tanto tempo precário, e agora logo desabaria ao seu redor - a menos, a menos que...

Mas não havia a menos que, e assim que o soluço que estava construindo em sua garganta ameaçasse estourar, Clara ouviu os sons de vidros quebrando.

Ela sentou-se, ouvindo as batidas do seu próprio coração até que ele voltasse - um estrondo do salão de baile.

Eles não confiam em mim, ela pensou imediatamente. Eles vieram para o pai, para Felicity.

Ela rapidamente trocou os chinelos de dança pelas botas e saiu para o corredor, mantendo-se perto da parede, com a adaga do coldre da coxa na mão. O inverno rastejava ao seu redor, através das vidraças e sob as portas fechadas do quarto, provocando arrepios na pele exposta. Seu vestido farfalhou, e ela o xingou pela centésima vez naquela noite, mas não havia tempo para trocar. Tornar-se uma com

as sombras quando se esgueirar. Torne-se um com o frio no inverno. Torne-se as sombras. Torne-se o frio.

Algo passou por seus pés e ela pulou, assustada.

Meia dúzia de ratos pretos magros correram ao longo dos rodapés, em direção à janela no final do corredor, onde havia uma leve rachadura no gesso. Os ratos não eram novos; ela costumava vê-los sobre a cidade. Mas ela nunca os viu lá em cima, e como eles pareciam tão determinados a sair, a voltar ao frio.

No patamar, ela se agachou atrás do corrimão e olhou para o salão de baile, de onde vinham sons de marteladas. Em um canto da sala estava a árvore de Natal, escura e silenciosa. Na entrada principal do salão, o padrinho pregava tábuas nas portas.

Clara suspirou, tonta de alívio.

—Ah, Clara, bom. — Disse o padrinho sem olhar para cima. — Eu estava indo buscá-la.

Ela correu escada abaixo. —O que diabos você está fazendo? Eu disse para você sair.

—Reforços. Eles nos darão tempo extra.

—Hora de quê, exatamente?

Ele se virou, seus olhos selvagens. —Eles estão vindo, Clara. Eu posso sentir as barreiras cedendo. Vomitei apressadamente as coisas, hoje à noite quando cheguei, mas meu trabalho me tirou muito de mim. — Ele cuspiu com nojo: — Não dá nem para fazer os truques mais simples.

Clara parou de ouvir. Elevando-se acima dela, no centro da sala, cercada por uma estranha barricada de móveis e retratos retirados

das paredes, estava a estátua. Seu rosto implacável franziu a testa para ela.

Ela se aproximou como faria com um animal selvagem. A estranheza do momento a emocionou. Sim, a estátua lhe era tão familiar quanto o padrinho; sim, ela projetara em seus humores fachadas, uma voz e uma história imaginada; mas nunca tinha estado aqui antes, nunca em sua casa. Os símbolos gravados em sua superfície a lembraram do corpo mutilado de sua mãe, mas, terrivelmente, isso não a impediu.

—Olá, velho amigo. — Disse ela timidamente, alcançando-o.

Ela afastou os dedos com um silvo; o leve estalo de luz azul na coxa esquerda a queimara. A estátua tremeu brevemente em seu pedestal. Algo dentro dele gritou, baixo e em agonia.

Ela se afastou, emocionada. —Padrinho?

—Ah, você o ouviu, ouviu? Meu avanço. — O padrinho, brilhando de suor, surgiu atrás dela. —Por muitos anos eu trabalhei e agora...

—Ele? — Medo e admiração correram através de Clara com o olhar febril no rosto do padrinho. Imagens das histórias que ele havia contado a ela - dragões e violinistas amaldiçoados, amantes perdidos e túneis esculpidos entre mundos - mordiscavam os limites de sua mente e pareciam, aqui no escuro, tão vivos quanto o Poderoso Chefão. O grito sobrenatural da estátua permaneceu em sua pele - um puxão, um tambor.

—Padrinho, o que está acontecendo? Conte-me.

—Fiz o que ela esperava que nunca fizesse. Eu quebrei a maldição, decifrei. E ela os enviou para mim, é claro que ela enviou.

Eles estão chegando, mesmo agora. O que isso significaria para ela, se eu o libertasse...

Ele riu, afastando uma mecha de cabelo escuro, e Clara o viu como ela quando contou suas histórias à luz de velas, como mais do que um velho e excêntrico fabricante de brinquedos. Ele era antigo, magnífico e outro.

—Quem é ela?

—Anise.

Ele assobiou a palavra e a estátua - Deus me ajude, Clara pensou. Estou ouvindo coisas - grito de novo. O som parecia de alguma forma enfurecido.

—Quem é Anise? Quem vem, padrinho?

Em resposta, algo caiu no telhado. Um grande peso caiu no terraço do segundo andar.

O padrinho pegou do lado da estátua uma espada longa e esbelta com um punho de pedras negras.

—Aqui, Clara. Você vai precisar disso. Eu mesmo fiz isso em um dos meus primeiros experimentos com a magia deles.

Essa elegante arma não era uma espada de madeira do tipo que ela e o padrinho haviam praticado. Quando a mão dela enrolou em seu punho, a parte dela que ganhou vida na segurança da loja do padrinho emocionou-se com o peso da espada; parecia que ela deveria ter tanto poder na mão. Gravuras ao longo da lâmina ecoavam as marcas gravadas na estátua, repelindo e fascinando-a simultaneamente. Como esses elementos estavam conectados e o que isso significava?

Um grito desumano soou na direção dos estábulos, seguido de outro, e então um silêncio sinistro. O padrinho amaldiçoou.

—Os cavalos. — Clara sussurrou, a espada esquecida, substituída pelo pavor. —Esses eram os cavalos?

O padrinho a levou em direção à estátua. —Eles estão aqui.

—Quem?

Coçar soou contra as portas; uma força contundente atingiu as janelas com tábuas.

—Batedores. — O padrinho cuspiu.

—Batedores? O que é isso?

—Você verá em breve. Sinto muito, Clara, pedir uma coisa dessas a você. — Ele deu um beijo feroz na mão dela. —Mas você será gloriosa, feroz. É para isso que estamos trabalhando, você e eu. Para lutar contra o que aparecer, e então...

Ele fez uma pausa, colocou a testa na dela, rindo baixinho.

Ela segurou as bochechas dele, forçando o olhar dele para o dela. —E então o que?

—Fique parada. Não se mexa. — Ele retirou três dragões mecânicos do casaco e abriu a palma da mão com uma faca.

Clara pegou a mão dele. —Padrinho, você está-

"Sangrando" era a palavra, mas não viria, pois o líquido que agora cobria sua mão não era vermelho.

Era prateado.

—O que é isso? — Ela apontou para isso estupidamente. As coisas estavam arranhando as janelas, quebrando o vidro, rasgando a madeira, mas ela só podia olhar para a mão dele. —Padrinho, seu sangue, é-

Ele a ignorou, passando a mão ensanguentada pelos dragões e depois jogando-os pelo chão do salão. Um foi direto, o outro dois para os lados; eles deslizaram pelo chão com asas de relógio batendo e mandíbulas girando, mastigando as ripas de madeira embaixo deles. Cada um deles cuspiu atrás deles outro dragão idêntico, e outro e outro, até que um mar negro deles atravessou a sala inteira.

Eles se espalharam como aranhas enlouquecidas, asas e garras estalando com um zumbido familiar de engrenagens. *Parece o quarto dos fundos*, Clara percebeu. Ela nunca tinha sido permitida lá, e agora ela entendia o porquê.

Na esteira desse mar de dragões, o salão de baile se metamorfoseou em uma floresta de metal preto, ferro e vidro. Escadas se transformavam em montanhas irregulares, brilhando na penumbra e invernal da lua; cadeiras estrategicamente colocadas tornaram-se labirintos de torres finas. Os brinquedos do padrinho, espalhados pela sala, cresceram em enormes versões de si mesmos - cavalos esqueléticos e alados; um esquadrão de soldados mecânicos, engrenagens girando dentro de seus baús abertos. Morcegos extravagantemente pintados e aves de rapina monstruosas dispararam do chão para pousar nos lustres que agora enchiam a sala inteira com emaranhados de fios caídos. As luzes elétricas do padrinho chiavam em branco. O relógio do avô no canto tocava meia-noite, cada carrilhão mais baixo e mais profundo que o anterior, enquanto o mecanismo inteiro aumentava para cinco vezes o tamanho normal.

Da mesma forma, a árvore de Natal cresceu até atingir o teto, onde irrompeu em uma floresta de agulhas de ferro. Ornamentos de

tamanho grande giravam, jogando a luz da lua pelo teto. A barricada que rodeava a estátua se transformou em um labirinto de espelhos negros até Clara ficar cercada por cem versões de si mesma, espiando por trás de cem padrinhos rindo, com as mãos ensanguentadas estendidas.

—Está funcionando! — Ele chorou. —Eu fiz, Clara, finalmente eu fiz!

Os dragões, com o trabalho completo, assentaram-se silenciosamente nas bordas da sala. Milhares de olhos vermelhos observavam das sombras e do teto; milhares de asas de metal zunindo brilhavam com sangue prateado. O ar ardeu de sal e quase a sufocou com a sua acidez.

—O que você fez? — Clara virou-se para o padrinho, dividida entre terror e pavor. Ele estava suando, as bochechas comprimidas e cinza; ela correu para ele e o segurou quando ele recuperou o fôlego.

—Padrinho, você pode me ouvir? — Ela lhe deu um tapa de leve. Os ruídos implacáveis das garras nas janelas aumentaram dez vezes. O medo cresceu dentro dela enquanto observava as tábuas sobre as janelas se curvarem sob a pressão. Eles estavam por toda parte, essas criaturas fantasmas, esses batedores, o que quer que isso significasse. —Você está machucado?

Ele riu fraco. —Um pouco. Essa mágica não é para mim, mas não tive escolha. Não tenho escolha, até que as coisas sejam como deveriam ser mais uma vez. Isso sempre me machuca. — Ele se endireitou, olhando a estátua e balançando o punho no ar. —E ainda assim eu triunfo!

Clara o atraiu de volta para ela. —Padrinho, preste atenção. Algo está surgindo. O que são? O que devemos fazer?

—Vamos fazer o que eu te ensinei. — Disse ele, afastando-a e retirando sua própria espada, esbelta e sem adornos, de onde estava encostada à estátua. —Vamos lutar.

A energia que vibrava do padrinho estava fria, tão tensa quanto um fio de prata. Isso a assustou e energizou. Ela se perguntou se era assim que seria ser atingida por um raio, e se perguntava por que aquilo estava acontecendo, e se tinha algo a ver com a estátua, que tremia furiosamente em sua base.

Nesse momento várias... coisas, pesadas e negras, irromperam pelas janelas do mezanino e colidiram com a floresta que o padrinho havia feito. Gritos infernais encheram o ar e, no fundo de uma janela quebrada, Clara viu a silhueta de um focinho comprido e com presas, costas atadas, um corpo enorme e parecido com um urso coberto de armadura e três caudas nuas.

Ratos, Clara pensou. A semelhança era inconfundível.

Mas não, não ratos. Como o padrinho os chamara? Batedores.

Atrás dos batedores, contra a janela quebrada, uma figura alta e esguia estava pálida e vestida com roupas esfarrapadas. A figura era decididamente masculina, e uma luz em sua têmpora piscava mecanicamente, presa a algum tipo de aparelho elétrico. Ele chamou um comando gutural em um idioma desconhecido, e os batedores gritaram em resposta. Eles estavam se aproximando rapidamente, colidindo com Clara através do labirinto selvagem do Poderoso Chefão.

—Mantenha-os longe de mim. — Disse o padrinho, virando-se para a estátua. —Vou ajudá-la o máximo que puder, mas preciso me concentrar. Você entende?

Ele retirou mais dragões do bolso, mais pequenos, e cortou a palma da mão sem marcas acima deles. Prata pingava nos pescoços serpentinos do dragão. Eles ganharam vida com o contato e se espalharam pela superfície da estátua, rasgando o metal, descascando-o pouco a pouco. Eles enxamearam sobre a estátua, mordendo e rasgando, suas asas de teia de aranha se contorcendo. Eles pareciam seguir as instruções do padrinho através do corpo da estátua; ele estava tentando convencê-los à vida como faria um mestre de marionetes, murmurando coisas baixinho e ocasionalmente abrindo seu antebraço para obter novas gotas de sangue. Enquanto os dragões se moviam, a estátua começou a tremer violentamente, gritando algo desumano demais para ser interpretado. A luz azul brilhou ao longo das costuras de suas placas de metal, iluminando os símbolos gravados por dentro.

—Mantenha-los longe de você? — Clara se afastou da vista, com a espada na mão. Sons de batalha vieram de todo o salão de baile - gritos e garras cortantes, o choque de espadas e muito disso para saber onde treinar sua atenção. As memórias dela brigando com o padrinho, suas noites rindo de socos e esgrima, a dominaram com um novo significado. —Você está me treinando para lutar não por mim, mas por você.

—Clara, não temos tempo para isso. Por favor, apenas...

Do outro lado da barricada protetora, um peso gigantesco caiu no chão. Dentro da estátua algo bateu furiosamente.

Um enorme braço com garras rompeu a parede de espelhos atrás de Clara e a puxou.

Sufocando com seu próprio grito, Clara aterrissou com força contra um corpo eriçado, quente de sangue. Garras negras cortaram seu braço e coxa. Ela viu olhos amarelos, dois longos dentes pretos em uma boca com crostas de pus e um focinho distintamente parecido com um rato. O animal cheirava a esgoto e sujeira. Em volta da cabeça, usava um conjunto de engrenagens e lentes que se desenrolavam sobre o olho direito. Clara lutou para se libertar, chutando e mordendo, mas o aperto do batedor era de ferro. Irritado, recuou sobre as patas traseiras.

Pontos nadaram diante de seus olhos quando o aperto do batedor se apertou. A criatura rugiu palavras ininteligíveis, seu fedor lavando o rosto de Clara. Ela teve a impressão de que havia vencido um jogo e ela era o prêmio. Mas ela ainda tinha uma espada em algum lugar. Ela havia perdido muito do sentimento em seus braços, mas ainda estava em sua mão - ela não a deixara cair. O desespero a estimulou a passar pelo medo frenético e impossível de ser presa nos braços de um monstro. Qualquer pensamento, exceto os de sobrevivência, desapareceu, deixando sua mente afiada. Ela precisava de espaço para manobrar a lâmina na barriga do batedor, mas mal conseguia respirar devido à dor. As lentes sobre o olho da criatura brilharam, chamando sua atenção, e isso pareceu significativo. O homem na janela exibia uma luz semelhante. Ele poderia estar controlando-os? Eles estavam de alguma forma ligados?

—Anise. — Ela sussurrou. Ela não sabia quem ou o que era Anise, mas talvez aquele homem lá em cima soubesse, e talvez isso distraísse o batedor por tempo suficiente para Clara fazê-lo se mover. Ela se forçou a olhar para as lentes piscantes e infundir sua voz com convicção que não sentia. Algo brilhou em seus cabelos - do lustre balançando no alto, talvez?

—Anise! Eu sei que você está ai. E é tarde demais. O padrinho já fez isso.

Clara nem sabia exatamente o que o padrinho estava tentando fazer, mas as palavras claramente significavam algo, pois o aperto do batedor se afrouxou. Ele inclinou a cabeça levemente em perplexidade, ou, talvez, para ouvir algo distante.

Clara não esperou para descobrir. Reunindo forças, gritando de dor quando as costas machucadas se contorciam, ela empurrou a espada na direção da cintura do batedor e rezou para que sua lâmina encontrasse uma brecha no estranho chicote de fios enrolado no meio. O batedor puxou a respiração pútrida correndo pelo rosto. Seu sangue preto fumegante derramou sobre sua perna.

O batedor caiu. Clara caiu com ele e rolou para longe de seu corpo agitado. Enquanto ela assistia morrer, o choque se instalou em sua mente. Seus membros estavam instáveis e o sangue manchava sua pele. Ela matou a coisa que a atacou. A novidade de tal conceito, a revelação de seu próprio poder, enviou uma garantia que a atravessava numa onda de calor.

Ela era invencível, extasiada. Por um instante, o caos ao seu redor desapareceu. Ela se permitiu imaginar abrir a própria barriga

branca do Dr. Victor várias vezes, até que ele não passava de um pedaço de carne ensanguentada, como o batedor diante dela.

As portas principais do salão se abriram com um grande som de estalo, dois batedores entrando, suas caudas como chicotes. No alto, o ferro rangia e as sombras balançavam. Clara olhou para cima e viu um batedor enrolado em um dos lustres, espiando no labirinto por um caminho seguro por onde escalar.

Algo bateu em seu lado não ferido, e ela caiu com força contra uma das longas mesas de serviço, agora lançadas de lado, uma parede negra e montanhosa. No reflexo distorcido da superfície da mesa, Clara viu um batedor se preparando para atacar, mas então uma das criaturas monstruosas do Poderoso Chefão, um soldado mecânico de metal e latão em tamanho real e uma decoração militar meticulosamente trabalhada, avançou e puxou a espada para o alto. A lâmina zumbiu, separando-a em cinco menores. Quando o soldado cortou, cinco fitas escuras apareceram na barriga do batedor.

Um pensamento delirante ocorreu a ela: cada uma das criações do Poderoso Chefão ao longo dos anos foi criada especificamente para um dia chegar a uma vida gigantesca e se defender contra possíveis agressores?

O batedor caiu, mas Clara não esperou para confirmar sua morte. Mais três estavam por trás, correndo em sua direção. Ela fugiu pelo salão de baile, esquivando-se de bestas de carne e bestas de relógio lutando até a morte. Um bando de lobos de metal atacou um batedor, seus uivos mecanizados perfurando o ar. Outro batedor, com os olhos abertos, arrancou cegamente um dragão do ar e o esmagou contra a parede. Era como se essa noite tivesse arrancado

tudo da loja do Poderoso Chefão e o transformado em um sonho monstruoso.

Outro dragão mergulhou baixo, quase atingindo Clara; um dos batedores que a perseguia a derrubou no chão e o vidro quebrado rasgou sua pele. Quando ela parou, olhou para cima e viu centenas de punhais brilhantes e o rosto distorcido de um anjo.

A árvore de natal.

Clara ficou de pé cambaleando, libertando-se de um emaranhado de cordas leves com a espada. Os fios estalaram, pegando um dos batedores na cara. A criatura caiu com um grito abreviado e o ar cheirava a carne carbonizada. Dois permaneciam e, enquanto Clara corria, ela segurava a espada atrás dela, arrastando-a pelos cacos de metal que antes eram agulhas de pinheiro. Adagas negras finas caíam em uma cascata luminosa quando Clara cobriu a cabeça e se jogou no espaço aberto além da árvore de Natal. Atrás dela, os batedores haviam caído, agora não mais que almofadas de alfinetes sangrando de preto.

Do centro da sala, veio um grito terrível. Era desconhecido e profundo - não o padrinho, mas outra pessoa.

A imagem do belo rosto de metal da estátua surgiu na mente de Clara. Ela procurou desesperadamente pelas brechas na barricada do padrinho, mas algo mais alto chamou sua atenção.

Na encosta íngreme do que uma vez fora a escada para o mezanino, apareceu a figura da janela - um homem de roupas rasgadas e coberto de sujeira, como se estivesse engatinhando de bruços pelas entranhas da cidade. O homem chamou sua atenção e sorriu horrivelmente. Ele estava pálido e parecia de alguma forma...

não estar certo, as linhas de seu corpo não são exatamente o que deveriam ser, embora Clara não pudesse identificar o erro mais precisamente do que isso. Ele gritou algo para um batedor próximo, que virou na barricada do padrinho, onde o ar zumbia azul.

Clara correu atrás sem pensar, muito louca por medo ou estratégia. Alguns batedores se separaram de suas escaramuças para segui-la. Ela alcançou a barricada e apertou uma brecha estreita no vidro, captando vislumbres distorcidos de seu reflexo - ensanguentada, machucada, com o vestido desfiado. Batedores arranharam através do vidro atrás dela, gritando.

O padrinho estava agachado ao lado da estátua, guiando os dragões em seu trabalho. Mastigavam entre os dedos de cada estátua e ao longo de cada palma. O metal descascou em tiras onduladas e caiu no chão como chuva. Faíscas azuis dançavam ao longo das costuras de metal. A boca bonita da estátua torceu, emitindo uma luz azul escaldante e gritou de dor. Sua voz era humana e não - estridente como uma máquina, mas tão rica quanto a de um homem. A descrença enraizou Clara no local. Ela sentiu como se tivesse caído em um sonho, alimentada por muitos socos, pouca comida e o peso das ameaças de Concordia.

—Clara! — Padrinho gritou. Isto foi seguido por um grito cruel quando um batedor voou para ela, jogando-a de volta no espelho. Sua espada voou para longe, e ela ofegou por ar, lutando para permanecer consciente. Estrelas dançavam em sua visão - ou talvez fossem a cascata de faíscas agora caindo da estátua.

O padrinho se jogou entre a estátua e o batedor, fogo azul chamuscando seus cabelos.

—É tarde demais, Anise. — Ele apontou para a estátua, rindo cansadamente. —Entende? Não sou mais o tolo do rei, sou?

Clara procurou através do mar de vidro ao seu redor, desesperada por sua espada. A mão dela pousou no calcanhar da bota esquerda.

—Um lugar útil para guardar uma adaga, dentro de uma bota. — O padrinho dissera no dia em que as apresentara a ela, radiante. —Todo mundo sabe disso. Mas eu prefiro usar a bota em si.

Freneticamente, ela se atrapalhou com o mecanismo oculto em seus calcanhares, até que a lâmina se soltou de dentro dela - uma adaga fina, mas seria suficiente.

O batedor levantou a pata para golpear, a ocular piscando. O padrinho fechou os olhos e murmurou algo que parecia uma oração. Atrás dele, as faíscas azuis da estátua se uniram em uma grande torre de luz. Não havia mais tempo; Clara correu para o batedor com sangue nos olhos e pulou, gritando com o esforço enquanto empurrava a adaga para o alto.

O impacto a jogou de volta, o sangue espirrando nela. Ela se jogou para o lado quando o batedor caiu no chão. Não se mexeu.

Padrinho olhou para ela, surpreso. —Clara...

Do olho esquerdo do batedor, sobressaiu o cabo da adaga. A boca da criatura pingou de preto.

Tremendo, Clara colocou a bota na cabeça do batedor e puxou, tentando não vomitar com a sensação do raspar da lâmina da adaga no osso. Ela ficou de pé, segurando o punho como uma corda. Seus joelhos amassados quase dobraram com a enormidade do que ela havia feito e quão perto o padrinho estava da morte.

Os outros batedores assobiaram nas sombras, se afastando. Sinistramente, o homem com a luz na têmpora desapareceu, o que assustou Clara que, cansada como estava, encontrou a espada e a ergueu, pronta.

—Bem? — Ela gritou, afastando os cabelos escorregadios de suor dos olhos. —Você terminou com a gente, então?

A única resposta foi uma conversa relutante das sombras enquanto se arrastavam pelas janelas quebradas. Havia soprado neve durante a luta, deixando o salão de baile um hospício de ângulos pretos e trechos brancos.

Os batedores estavam saindo. Por que eles estavam saindo? E para onde o homem foi? Talvez eles estivessem simplesmente se reagrupando ou mais estivessem a caminho.

Clara se virou, de olhos arregalados, para fazer essas perguntas ao padrinho - mas ele estava de joelhos.

Seu coração ficou frio e afundou. Ela não tinha sido rápida o suficiente. O batedor o matou, seu precioso e estranho padrinho, seu querido amigo.

Ela largou as armas e correu para ele, o nome dele nos lábios dela, mas ele estava rindo; ele estava chorando.

—Olha. — Ele sussurrou, apontando.

Onde a estátua estava havia pilhas trituradas de metal, gritando baixinho quando cada peça fumegava. No meio deles, nu e reluzente de suor, estava um homem ofegante e trêmulo.

CAPÍTULO NOVE

O padrinho começou a trabalhar, colocando o salão de volta em ordem. Clara assistiu, se recuperando de sua própria violência residual e da visão do homem no chão, enquanto o Padrinho refrescava os dragões com sangue do pulso. Ela se perguntou quantas cicatrizes marcavam seu corpo. Talvez fosse por isso que ele se envolvia em camadas tão insondáveis, mesmo durante os meses quentes do verão. Mas não havia tempo para refletir, nem para examinar o trabalho dos dragões enquanto se espalhavam pelo chão coberto de vidro como um enxame de abelhas mecânicas.

Não seria fácil levar o homem para fora dos estábulos - seu corpo era um peso morto - mas o padrinho insistiu que eles dessem aos dragões espaço para trabalhar, e Clara não discutiu; o salão fedia a batedores mortos. Ela deslizou a adaga de volta no calcanhar da bota e, uma vez que o padrinho vestiu o homem com seu próprio casaco, ajudou o padrinho a colocá-lo de pé.

—Não. — O homem sussurrou várias vezes enquanto eles lutavam com ele. Ele não abriu os olhos e Clara ficou feliz. Já era difícil sentir o corpo dele tão perto do dela, esse corpo que outrora fora uma

estátua - sua estátua, sua amiga inexplicável - mas isso era ridículo para ela considerar. Eles não poderiam ser os mesmos.

No pátio do estábulo, encontraram os corpos de um dos garotos do estábulo e o cavalo que ele estava cuidando. Os estômagos dos cadáveres se abriram, cortados por garras monstruosas que haviam deixado para trás o pus descolorido. O fedor fez Clara engasgar, mas uma vez dentro dos estábulos, o padrinho fechou a porta. Isso ofereceu algum alívio, embora as paredes vibrassem com pânico. Os cavalos restantes patinaram no chão e saltitaram inquietos, esbarrando nas divisórias de suas baias, sacudindo a cabeça.

Irritado, o padrinho acenou com a mão para eles e, em seguida, tropeçou como se até esse pequeno movimento lhe tivesse custado energia preciosa. Um frio instável sacudiu o ar e os cavalos se acalmaram. Embora seus pescoços brilhavam de suor, eles pareciam se acalmar, pressionando-se mais com suspiros ansiosos, e o ar cheirava subitamente mais claro.

Esquecendo tudo o mais, Clara olhou maravilhada. —Padrinho, o que você fez?

Ele não respondeu. Ele deitou o homem nu no chão, reorganizando o casaco à sua volta o melhor que podia, mas Clara ainda viu flashes de um torso branco duro entrelaçado com restos de ferro e marcado por tatuagens cruéis - os ecos, ela percebeu, dos símbolos que já haviam sido esculpidos na armadura da estátua. Placas de metal cobriam o ombro direito e a coxa esquerda, os grampos afundando na pele dele. Pedaços mais finos enrolavam seus antebraços e panturrilhas, serpenteavam por sua barriga e pelas costelas como a treliça da teia de uma aranha.

Olá, ela quase disse a ele, quase estendendo a mão para tocar seu braço. Era um desejo automático depois de uma vida inteira fazendo isso, mas era estranho agora, ele não sendo mais uma estátua e sim um homem. O que isso significava?

O que aconteceu aqui hoje à noite?

—Não toque nele. — O padrinho empurrou a mão de Clara. O movimento fez sua cabeça girar. Seus músculos maltratados doíam, sua pele doía por cortes dispersos e, o mais perturbador, seu sangue estava... elétrico. Poderia ter sido, ela supôs, um eco da energia fria que sentira fluindo dos braços estendidos do padrinho antes da chegada dos batedores; era como se uma tempestade tivesse passado muito perto do céu e deixado seu eco em suas veias. A sensação afetou sua percepção estranhamente: a neve que laçava as janelas brilhava mais branca que a neve deveria brilhar; A lanterna do padrinho brilhava mais; e o vento lá fora, mesmo através das paredes estáveis, soprava com mais definição, como se alguém tivesse lhe dado uma faca e esculpido tiras soltas do céu.

Ela bateu a cabeça. Foi isso. Ela bateu a cabeça durante a batalha e sofreu uma concussão.

Preparando-se, ajoelhou-se ao lado do padrinho. —Diga-me o que aconteceu. Plum e Dr. Victor têm cavalheiros de Concordia observando a mansão constantemente. Alguém já ouviu o barulho. Eles virão e a polícia também - talvez todos.

—Então devemos nos apressar, não devemos?

Ela queria sacudi-lo. —Explique-se!

—Dê-me um tempo, Clara, e eu direi tudo o que você quer saber. Mas não é seguro aqui, ainda não.

Ela virou-se para a casa. —Pai e Felicity

—Eles estão bem. Barricado em seus quartos e dormindo. — O padrinho se ajoelhou ao lado do homem e olhou para ela timidamente. —Coloquei um sedativo bastante potente no chá que lhes enviara da cozinha. Enfim, não é com eles que precisamos nos preocupar.

—Você os drogou? E os criados também?

Ele a ignorou.

Clara lutou pela calma. Esta noite foi incompreensível. —Esses - os batedores voltarão?

—Provavelmente. Mas quando e quantos, não sei dizer.

—Quem era aquele homem com eles, o sujo?

O rosto do padrinho ficou sombrio. —Borschalk. Aparentemente, ela não estava com medo de vir sozinha.

—Ela. — Clara pensou rapidamente. Sempre com o padrinho, era uma tarefa poderosa acompanhar; ele exigia decifração constante. —Anise?

O padrinho resmungou em resposta, abrindo o sobretudo na cintura do homem e examinando-o clinicamente. Mil perguntas clamavam pela atenção de Clara no silêncio que se seguiu, mas ela não sabia por onde começar. Várias opções se apresentaram e cada uma parecia louca:

Como você fez aqueles dragões transformarem o salão?

Por que os batedores invadiram a mansão?

Quem é esse homem que você está cuidando e por que ele já foi uma estátua?

Por que seu sangue é prata, padrinho?

Ela decidiu a pergunta menos louca. —Quem é esse homem?

O padrinho começou a arrancar alfinetes de metal e pratos de arestas afiadas do corpo do homem nu com um alicate. A visão fez Clara estremecer, mas ela se forçou a assistir.

—Tudo o que aconteceu hoje à noite — Disse ela. —O salão de baile, os batedores. — Ela olhou para o homem. —Ele. Mãe. Essas coisas estão conectadas, não estão?

O padrinho passou os dedos ensanguentados pelos cabelos e suspirou.

—Você está escondendo coisas de mim. Você mentiu sobre me treinar. Você disse que era para me manter segura aqui na cidade, mas na verdade você estava me treinando para isso, não estava? Para outra coisa? Você disse que havia algo mais, depois desta noite. Você disse: 'E então...'

O padrinho não olhou para ela, concentrando-se em seu trabalho. A cada chave de osso e ferro, o homem nu gemia.

—Quando eu disse que queria que você pudesse se proteger, estava dizendo a verdade. — Ele murmurou. —Eu simplesmente não disse do que. Além disso, a cidade é perigosa. Batedores ou não batedores, eu queria que você estivesse segura.

Clara apertou e abriu os punhos, lutando por paciência. — Omitir detalhes importantes não é muito melhor do que mentir, padrinho.

Ele a ignorou.

—E o resto?

Ele continuou a ignorá-la.

A frustração provocou lágrimas de raiva nos olhos. —Eu mereço respostas, padrinho!

Ele parou então e olhou para ela. Seus olhos estavam macios. — Sim, querido coração, você faz. Você merece respostas e muitas outras coisas. E, se Deus quiser, eu as darei. Mas deixe-me fazer isso primeiro, por favor, e quando estivermos seguros, você poderá me fazer suas perguntas.

Ele segurou o olhar dela por um longo momento e, quando ela assentiu, ele voltou ao trabalho, usando um alicate para puxar um alfinete longo e fino do ombro do homem. O som esfregou metal contra metal e, quando Clara recuou, o homem acordou, sacudindo-se com um rugido que sacudiu a calma frágil de Clara. Ele agarrou seu couro cabeludo, coberto de mechas negras desgrenhadas, úmidas de suor e sangue, e rasgou as feridas que escoavam seu corpo. Ele começou a gritar palavras sem sentido, zangadas e estridente, de outra época ou lugar. Mesmo quando Clara se encolheu, pegando o calcanhar direito da bota no caso de ele se lançar sobre ela, ela tentou decifrá-lo. Que tipo de linguagem era essa? Por um momento, ela pensou russo ou alemão, ou talvez a língua de um demônio. Enviou sentimentos frios pulando por seus braços. Era gutural, estridente.

O homem havia arrancado o casaco do padrinho e agora estava completamente nu diante deles. O restante dos retalhos de metal e as tênues tatuagens eram suas únicas roupas, ecos do que uma vez fora. Clara viu as linhas das placas blindadas familiares, o músculo esculpido e, é claro, os símbolos amaldiçoados.

Ela não conseguia parar de olhar mais baixo do que isso, os olhos deslizando pela barriga branca e esbelta do homem - com muita fome, muito afiada - e para baixo, um pouco mais...

Seus olhos se fecharam, suas bochechas em chamas.

—Nicholas, pare. — Gritou o padrinho. Clara abriu os olhos para ver o padrinho levantar as mãos, tentando em vão subjugar esse homem, isso...

Nicholas. Clara sussurrou: "Nicholas". Suspirou de sua língua.

Talvez ela tivesse dito mais alto do que pensava. A cabeça dele virou na direção dela, permitindo-lhe um vislumbre de maçãs do rosto afiadas e altas; uma mandíbula forte; lábios carnudos rachados de cinza e frio; e uma bagunça de cabelos pretos rebeldes que caíam ao redor de suas bochechas.

—Agora, escute, garoto. — Começou o padrinho.

Nicholas cuspiu aos pés do padrinho. Seus olhos eram tão escuros quanto picantes, suspeitosos, procurando. Clara desviou o olhar. As damas apropriadas, ela tinha certeza, não tinham a intenção de observar homens estranhos e nus. Mas mesmo depois de desviar o olhar, ela podia sentir os olhos de Nicholas percorrendo seu corpo, pés para enfrentar, onde eles pararam.

—Você. — Sua voz era rouca, sem uso... de outros tempos. Quanto tempo, Clara se perguntou, ele estava preso lá? E o que havia lá?

—Oh, me ajude, é você. — Ele sussurrou novamente com aquele sotaque russo-alemão-demônio, e Clara olhou para cima para vê-lo se aproximando dela instável. O padrinho tentou detê-lo, mas Nicholas o empurrou de volta.

Ela deveria se mexer. Damas apropriadas não ficavam olhando quando homens nus caminhavam na direção delas com olhos assim - cheios de admiração, diversão e curiosidade, como se ela fosse uma coisa milagrosa.

Ela não se mexeu.

As mãos dele alcançaram o rosto dela e o seguraram. Como se procurasse algo, os polegares dele traçaram suas bochechas. O toque de sua pele queimava; Clara se perguntou se ele derreteria e a levaria com ele.

—Eu... Eu sou amigo do padrinho. Tenho certeza de que você me viu de... É estúpido dizer "lá dentro", então Clara não. Quero dizer, vou frequentemente à loja dele. Para visitá-lo.

Nicholas estava perto o suficiente para que ela sentisse a respiração dele no rosto, para ver a fina teia de metal abraçando sua bochecha direita. O sangue que o manchava era vermelho, não prateado, Clara ficou feliz em ver. Ele cheirava à beira-mar, sal e salmoura. Ele era alto, com a palidez doentia do sol; seus membros eram longos e magros.

Ele não parava de procurar no rosto dela - pelo que Clara não sabia, nem se importava. Os ecos da estátua estavam sobre ele - sua estátua, que ela apreciava, sussurrara e pressionava no escuro. E, no entanto, era tão diferente agora, essa proximidade, essa realidade. Que vergonha agora pensar que ela fingira que a estátua estava viva; e quão assustador ter essa familiaridade infantil arrancada, substituída por pele e músculo, e... Oh, se ela pensava que o olhar da estátua era penetrante, não era nada comparado ao que a inspecionava agora.

Ele respirou o nome dela: —Clara.

Ela explodiria se não se afastasse dos olhos escuros que a perfuravam nos dela, dos dedos acariciando sua pele - mas ela não conseguia desviar o olhar; ela não faria. —Sim.

Ele sorriu torto, como se estivesse se lembrando de como. —Eu conheço você.

A quebra de sua voz, a idade dela, fez Clara estremecer. Ela se aproximou sem pensar; o pulso dela roçou contra seu estômago nu.

—Você conhece?

Nicholas assentiu, e sob a selvageria de sua testa e a suave diversão em seus olhos havia algo mais profundo, algo quente e sábio. —Eu não lembro de tudo, mas lembro de você. Eu já te vi tantas vezes. Eu ouvi você falar comigo. Eu senti você.

—Isso é o suficiente. — Padrinho puxou Nicholas para longe. —Cubra-se.

Mesmo depois que Nicholas se afastou dela, Clara pôde sentir o fantasma de seu toque em sua pele. Ela desejou poder captar o sentimento antes que ele desaparecesse - a plenitude dentro dela, a sensação de celebração cuidadosa. Sua mente se encheu de lembranças de incontáveis momentos roubados, quando ela foi na ponta dos pés até a estátua e pressionou os lábios no braço, passando os dedos pelas encostas cinzeladas da barriga. Era realmente ele? E se sim, ele a sentiu fazer essas coisas? Ele estava ciente dela todo esse tempo?

O olhar em seus olhos, meio sombreado quando o padrinho colocou o casaco sobre o corpo mais uma vez, pareceu responder sim.

Clara desviou o olhar, o calor a inundou.

Como se o padrinho conhecesse os pensamentos que corriam por sua mente, ele puxou o metal embutido em Nicholas com um descuido que Clara sabia que não vinha naturalmente. Quando ele retirou outro dos pinos compridos, puxando-o da espinha de Nicholas, como se alguém puxasse um fio através de uma agulha, Nicholas gritou de dor, batendo com o punho contra a parede. As palavras ásperas que saíam de sua boca não podiam ser outra coisa senão maldições.

Clara agarrou o braço do padrinho. —Você está machucando ele.

A fúria em seus olhos a assustou. —Eu tenho que tirar esses truques imundos do drekk dele.

Nicholas murmurou alguma coisa, seu olhar amotinado.

—Sinto muito, Alteza. — O padrinho fez uma zombaria. —Eu não quis ofender seus ouvidos exaltados.

Drekk? Clara se perguntou. Sua Alteza?

—Quero limpá-lo um pouco mais antes de partirmos. — O padrinho torceu o alicate com força e retirou um pedaço de metal do pescoço de Nicholas, provocando sangue fresco e outro grito. O padrinho rapidamente tirou um pano do bolso e o pressionou na ferida. Ele bateu na bochecha de Nicholas, ganhando mais um olhar. O ressentimento entre eles parecia praticado, mais seguro do que qualquer outra coisa nesta noite incerta. —Eu preciso que ele seja capaz de acompanhar. Você me ouviu, garoto? Eu não sofro com retardatários.

Um pequeno medo dentro de Clara se virou e cresceu. —Ir? Ir aonde? O que você quer dizer?

—Não podemos ficar na cidade. — A expressão do padrinho era incrédula. —Certamente você percebe isso. Devemos sair, recuperar nossas forças. Uma porta seria a maneira mais segura e rápida, mas não posso abrir uma na minha condição atual.

Nicholas olhou para ele bruscamente.

Clara se afastou. Ele poderia dizer o que ela pensava? —Você está realmente sugerindo...

—Não estou sugerindo nada. Estou dizendo: não podemos ficar aqui. Temos que sair hoje à noite.

—Ir embora. — Clara repetiu. Ela não conseguia entender o que ele queria dizer com sair por uma porta, mas esse não era o objetivo. Ele queria ir embora?

O padrinho assentiu, vasculhando um saco de estopa escondido contra uma parede nas sombras; ele deve ter deixado lá mais cedo naquela noite. —Não se preocupe, Clara. Eu preparei tudo. — Ele pegou pacotes embrulhados de comida; uma bolsa de couro cheia de dinheiro, livros e papéis; e uma das lanternas elétricas de bolso que ele tanto amava. Um pequeno dragão mecânico deslizou da manga e caiu na bolsa aberta. —Aqui está, para você. — Ele jogou uma trouxa de roupas em Nicholas. —Coloque-as, coloque-as. Está frio e está ficando mais frio.

Enquanto Clara o observava, parecia que ela estava saindo de si mesma. Uma dormência a envolveu. Poderia ser tão fácil assim? Seria essa a fuga que ela esperava tão desesperadamente? Parecia perfeito demais para ser confiável, Nicholas nu e batedores de pesadelo de lado. Dúvida sentou-se inquieta em sua barriga.

—Não posso sair da minha cidade. — Ela murmurou, mais para si mesma do que para ele. E, no entanto, por que ela não deixaria esse lugar miserável, cuja visão envenenou todo o seu corpo com ansiedade?

Padrinho zombou. —Sua cidade. E por que você ficaria, Clara? Para as compras? Para os teatros? Para as casas de caixão e príncipes de papoula, os corpos nas ruas? Não, não há nada para você aqui. Quantas vezes você me disse que odeia, que deseja algo melhor? Eu posso te dar isso, se você me deixar. Você ficaria e traria a morte sobre si mesma?

Era tentador, embora uma parte dela protestasse - a parte, ela suspeitava, cultivada por sua mãe, que, fiel ao seu nome, nunca havia perdido a esperança nessa cidade, mesmo com seus muitos problemas.

O padrinho sorriu e a repentina timidez, a vulnerabilidade, a envergonhou. Era um olhar muito doce em seu rosto, muito íntimo. Ele pegou a mão dela. — Podemos deixar esta cidade para trás, você e eu, e também Concordia. Temos coisas melhores, coisas grandiosas, reservadas para nós agora. E eu vou mantê-la seguro. Eu juro.

Nicholas riu, com escárnio no rosto. —Segura? Você?

Segura. A palavra afundou na mente de Clara e se estabeleceu ali suavemente. Como seria a segurança?

—E pai e Felicity? — Ela disse. —Você os manterá seguros também? Você tem suprimentos suficientes? — Ela se virou para as portas do estábulo. —Talvez eu deva reunir algumas coisas antes que mais alguém chegue. Devemos acordá-los agora. Quão poderoso foi o seu medicamento? Eles serão capazes?

Ela parou com o olhar no rosto de Padrinho, uma expressão azeda e contorcida. Ele se virou, sua voz amarga. —Seu pai está perdido para seu próprio império e já faz anos. Por que você se importaria com um homem que, quando sua família mais precisava dele, desapareceu? Um homem que deixa sua filha para cuidar de si mesma em um covil de leões de sua própria criação...

—Filhas. E tem sido difícil desde que a mãe morreu. Você sabe disso. Ele está sofrendo.

—Ele é um covarde, e é hora de partir. Ajude-me a vasculhar minha bolsa. Não podemos esquecer nada.

—E Felicity?

O padrinho fez uma pausa, afastou-se dela. —Ela não é você. Ela nos atrasaria.

—Claro que ela não sou eu. Ela é Felicity-

—E quando olho para ela, vejo seu pai na cara dela, e quando olho para o seu, vejo a de sua mãe. — O olhar do padrinho brilhava calorosamente para ela. —Sempre estivemos perto, Clara. Nós nos entendemos, você e eu.

Ah Lá estava - a razão do estranho desconforto em seu intestino. Tinha sido algum tipo de instinto presciente, tentando avisá-la. Clara recuou, balançando a cabeça. O padrinho se tornara outra pessoa bem na frente dos seus olhos, dizendo-lhe para deixar sua família para trás, que sua irmã não merecia escapar porque não o lembrava de sua mãe.

A mãe dela.

A realização se construiu durante toda a conversa, e agora a atingiu com força física. Ela se afastou dele, uma mão no peito.

—Eles vieram atrás de você. — Ela sussurrou. —Eles estão procurando por você, por ele. — Ela apontou para Nicholas. —Há anos. Eles não têm?

O padrinho ficou em silêncio, ainda. De repente, com medo?

—Mas eles não conseguiram encontrar você. Você estava se escondendo, você disse. Protegendo ele. Então eles foram para outro lugar para matar, encontraram outras vítimas. Os assassinatos pela água, os animais...

Mãe.

Ela deve ter dito isso em voz alta, pois ouviu um som estranho e sufocado pairando no ar. Nicholas se afastou e o padrinho ficou perturbado.

—Eles a mataram porque não conseguiram encontrar você. — Ela sussurrou. —Eles a rasgaram.

—Clara, por favor...

—Ela era inocente. Ela não sabia nada sobre você, suas estátuas e seus segredos. E, no entanto, ela levou a morte destinada a você.

Ele a alcançou e ela deu um tapa nele.

—Você é tão bom quanto a matou. — Suas lágrimas estavam dificultando a visão. —Quando você ia me contar? Ou você estava com vergonha? Você deveria ter vergonha. Que você manteria isso de mim. . . Oh, Deus. — Ela se virou, inclinando-se com força contra a baia mais próxima, tragando ar. O cavalo lá dentro soprou suavemente em seu ombro.

—Eu pensei. — Disse o padrinho, sua voz baixa. —Que você não me amaria mais se eu lhe dissesse.

Ela olhou para ele, momentaneamente sem palavras. Até Nicholas parecia incrédulo.

—Seu velho egoísta. — Clara sussurrou, enojada - para ele, para si mesma por ser tão completamente enganada. Ele quebrou o coração dela duas vezes. Uma vez com o assassinato de sua mãe - que era culpa dele, culpa dele - e agora novamente, hoje à noite.

Ele parecia ferido, mas não o suficiente. Então ela deu um passo atrás e disse baixinho: —Eu te odeio.

Não era verdade, é claro, mas ela tinha que dizer algo para aliviar essa fúria doentia que crescia dentro dela, algo que poderia infligir até uma parte da dor que varria seu interior. Ela não esperou para deixar o choque assentar em seu rosto. Em vez disso, correu para as portas do estábulo. Nicholas chamou o nome dela e ela o ignorou. O padrinho jogou os braços manchados de prata em direção às portas, e elas, impossivelmente, se fecharam em resposta. Mas Clara não pôde ser parada; ela precisava estar o mais longe possível do padrinho. A cada passo, a terrível verdade de sua traição crescia entre eles, um grande abismo intransitável. Ela alcançou as portas, soluçando. Ela precisava ver o rosto do pai, sentir a mão de Felicity na dela; ela precisava abraçá-los e, de alguma forma, tirá-los desta cidade - amanhã, hoje à noite. Eles fugiriam de Concordia, fugiriam do padrinho e de seus segredos mortais, e Clara lideraria o caminho, os manteria a salvo, como ela não foi capaz de fazer por sua mãe. O desgosto inchou dentro dela, dando-lhe uma força desesperada. Ela abriria as portas se necessário.

Não havia necessidade. Eles se abrem, madeira estalando e voando para todos os lados. O homem esfarrapado do salão estava lá, o homem que controlava os batedores.

Os cavalos gritaram, e Nicholas e o padrinho gritaram um aviso, mas o homem foi rápido demais. Ele agarrou Clara pelo braço e a puxou para o quintal do estábulo antes que ela pudesse ofegar. Lá, perto do cavalo que os batedores haviam abatido, luzes suaves - quase invisíveis, como a escuridão da luz do sol em águas calmas - tremeluziam no ar.

O homem a estava arrastando na direção deles.

—Clara, não deixe ele te levar! — Gritou o padrinho. Uma força invisível, gelada, atingiu Clara por trás, derrubando o homem esfarrapado de joelhos - mas ele era rápido e flexível. Seus olhos pegaram fogo azul. Ele ficou de pé e empurrou o antebraço de volta para os estábulos, como se estivesse usando-o para abrir uma porta. Outra força passou por Clara na direção oposta à primeira, tão quente quanto a anterior, estava gelada e fez o Padrinho e Nicholas voar para trás no chão.

Clara chegou na direção deles, mas o homem a puxou para seus pés. —Eu não entendo. — Disse ele, sua voz profunda e sibilante. O ódio que ele virou para ela era impressionante em sua ferocidade. — Eu deveria estar estripando você agora, deixando você apodrecer. Mas eu obedeço minha rainha. A sabedoria dela é absoluta. — Ele cuspiu na cara dela. Ele a xingou em palavras que ela não entendeu. —Lembre-se disso, imundície. Você nunca combinará com ela, não importa o seu sangue.

Ela estava cega de dor; ele a tinha pelos cabelos. —Quem é você? — Ela ofegou.

Mas ele não respondeu. Ele a estava puxando, arrastando-a pelas pedras cobertas de gelo em direção às estranhas luzes no ar. Tudo em Clara resistiu, mas não adiantou; o homem era muito forte, seu aperto era implacável. Ela chutou para ele, mas era como tentar derrubar uma montanha. Ele riu, erguendo-a pela cintura, e o Poderoso Chefão estava gritando atrás dela, e então Nicholas estava lá, em algum lugar no caos, nu, exceto pelo casaco do Poderoso Chefão. Ele correu para o homem, os braços levantados para atacar, mas ele ainda estava tão fraco, e o homem o derrubou facilmente.

—Você é o próximo, príncipe. — Disse o homem, e então ele estava empurrando Clara na direção das luzes, embora suas botas se arrastassem na pedra e ela alcançou a figura manca do padrinho. As luzes estavam ficando mais brilhantes; eles estavam chiando ao lado dela.

—Mova-se! — O homem a empurrou com força em direção ao brilho rodopiante, e embora Clara não soubesse o que era e o que aconteceria se ela passasse por ela, sabia que não poderia ser nada bom.

Ela gritou um protesto sem palavras, arranhando o ar.

O homem a xingou e deu um empurrão final.

Clara fechou os olhos.

Isso a jogou de volta. Algo a jogou de volta. Era como se ela tivesse atingido uma parede, como se sua falta de vontade de atravessar as luzes tivesse se manifestado como alguma repulsa

magnética. O choque a enviou cambaleante, enviou o homem voando contra a parede do estábulo.

As luzes desapareceram.

Por um momento tudo ficou quieto. Nicholas estava deitado amassado ao lado do padrinho, respirando com dificuldade, segurando o lado do corpo, e os olhos de Clara se fixaram nos dele.

Então o homem rugiu algo furioso e ficou de pé. Ele saltou em direção a Clara, mais fera que humana. Ela tentou dar um soco nele e foi facilmente subjugada. Ele a jogou por cima do ombro e correu em direção à mansão, chutou a porta mais próxima e atravessou os destroços do salão de baile e subiu a grande escadaria - passando pelo quarto de Felicity, passando pelo quarto de Clara e entrando no pai dela.

Lá, ele a jogou no chão e foi para a grande cama com dossel que seus pais haviam compartilhado. Com um esforço mínimo, ele arrastou o pai inconsciente dos travesseiros.

—Espere. — Exclamou Clara, lutando para ficar de pé. —Não o machuque!

O homem virou-se para a janela, o pai dela segurado brutalmente pelo colarinho em um punho branco e machucado. Só então Clara percebeu a estranha substância azul que riscava o antebraço do homem. Ela lembrou o sangue prateado do padrinho e congelou.

—Você vai querer prestar muita atenção. — Disse o homem, zombando dela. —A vida dele está em suas mãos. E ela é tudo menos paciente.

Antes que Clara pudesse se mover, o homem chutou a janela. Inverno entrou em erupção. O homem socou a palma da mão no ar da noite e depois a afastou, apertando os dedos em punho.

Com o movimento do braço, um flash surgiu do lado de fora da janela, depois desapareceu nas luzes suaves e mutáveis que Clara vira no pátio do estábulo.

O homem pulou no parapeito da janela, virou-se para apontar um dedo para ela.

—Em suas mãos agora. — Disse ele, e se atirou pela janela, arrastando John Stole atrás dele.

Clara correu para a janela, chocada demais para gritar.

Ela olhou para baixo, temendo a visão de corpos despedaçados na calçada abaixo.

Ela não viu nada.

O homem e o pai desapareceram e as luzes suaves ainda rodavam no ar, como se alguém tivesse desenhado ondulações na superfície de uma piscina.

Por um momento, Clara ficou ali, pendurada pela janela, tremendo. Qualquer explicação para o que havia acontecido a escapou. As luzes no ar a fascinavam, e ela sabia, instintivamente, que tinha que pular as luzes atrás deles.

Ela se afastou da janela, apoiando-se na cama do pai em busca de apoio. —Mas isso não pode estar certo. Isso é impossível.

Uma comoção soou do andar de baixo - portas se abrindo, botas esmagando no vidro.

Clara se virou e correu para a escada, atordoada. Isso fora uma alucinação provocada pelo estresse da noite; ela encontraria o pai esperando por ela lá embaixo.

Não era o pai dela.

Na base da escada, Clara parou. Policiais invadiram a entrada do salão de baile, que voltou ao seu estado anterior. A sala parecia brutalizada, sim, despedaçada - mas o labirinto de espelho e metal havia desaparecido, louça e cortinas e estofados rasgados.

Clara sentiu uma risada louca crescendo dentro dela. Os dragões do padrinho, ao que parecia, haviam feito o trabalho deles.

—Qual é o significado disso, Clara? — Patricia Plum emergiu da multidão, o Dr. Victor logo atrás dela, e puxou Clara para perto. Sua voz, normalmente tão calma, tremia de raiva. Clara nunca a tinha visto assim. —O que aconteceu aqui? Meus homens dizem que viram figuras entrando e saindo da mansão. Plum fez uma pausa, observando a aparência de Clara. Uma repulsa delicada torceu a boca. —O que em nome de Deus aconteceu com você?

Clara não conseguia pensar em nenhuma explicação plausível; a noite esgotara sua pequena capacidade de mentir. —Pai se foi.

Os olhos do Dr. Victor se estreitaram. Plum ficou quieta. —O que você disse? — Ela respirou.

As palavras ditas, Clara sentiu a compostura desmoronar. —Eu não entendo, mas ele se foi... O salão de baile... A cama dele está vazia e eu não sei onde...

Dr. Victor amaldiçoou. Ela disse a ele. Ela disse a ele, e ele ficou com medo e virou a cauda. Ele agarrou o pulso de Clara. —Sua cadela enganosa.

Plum deu um tapa nele, surpreendendo a todos. —Não sei do que você está brincando, Clara. Eu pensei que tínhamos uma barganha.

—Eu não disse nada para ele!

—Obviamente alguém fez. As pessoas não desaparecem na noite sem motivo.

—Clara?

Com a pequena voz da escada, eles se viraram. Felicity estava lá, minúscula em sua camisola e estranhamente grogue, com lágrimas nos olhos.

—O pai se foi?

Dr. Victor foi até ela e a puxou para perto. Além dele, um pequeno grupo de pessoas espreitava nas portas do salão de baile, apesar dos esforços dos policiais para mantê-los fora - um repórter de aparência abatida, vizinhos em suas casas noturnas, senhores de Concordia ainda vestidos aos nove.

—Agora, agora, animal de estimação. — O Dr. Victor cantou, acariciando as costas de Felicity. Seus olhos famintos encontraram os de Clara, fazendo sua pele arrepiar. —Não se preocupe. Sua irmã vai colocar tudo em ordem, não é?

Plum se afastou por um longo momento. Quando ela falou mais uma vez, sua voz, suave como era, se transformou em aço. —Se ele não voltar aqui na véspera de Ano Novo, e com uma boa explicação, a vida de sua irmã será perdida, e eu farei o mais doloroso possível para vocês duas. — Ela agarrou o pulso de Clara, seus movimentos fluidos. Um observador casual pode nunca ter suspeitado da força de ferro de seu aperto. —Nós nos entendemos?

—O que ela está dizendo, Clara? — Felicity disse, esfregando os olhos. —O que está acontecendo?

Naquele momento, com o rosto choroso de Felicity olhando para ela, e o Dr. Victor sorrindo para ela, e o mundo inteiro se transformou em caos - mãe morta e padrinho mentiroso, e foi culpa dele que ela estivesse morta - Clara entendeu o que fazer a seguir. Ela não tinha escolha. Parecia que nunca ela tinha muita escolha.

—Não se preocupe. — Disse ela, virando-se e se livrando de Patricia Plum. Se ela olhasse para Felicity, perderia a coragem de deixá-la. —Eu o encontrarei.

Ela subiu as escadas apressadamente, sem olhar para trás, passando por pinturas arranhadas e carpetes desarrumados. De volta ao quarto de seu pai, ela estava na janela em ruínas. As luzes permaneceram, ondulando lá fora no ar noturno.

O homem levou o pai dela através daquelas luzes, saltou em direção a elas em nada. O mesmo aconteceria com Clara? A força misteriosa mais uma vez a repeliria? Ou, mais simplesmente, ela morreria?

Independentemente disso, ela certamente tinha enlouquecido.

—É uma porta. — Ofegou uma voz atrás dela - a voz de Nicholas.

Clara se virou para vê-lo encostado na parede, o padrinho mancando atrás dele.

—Do que você está falando?

—Cuidado. — Nicholas pegou um pedaço de vidro do tapete e jogou pela janela, em direção às luzes.

O copo desapareceu. Não caiu, nem quebrou, nem flutuou ao vento. Escorregou entre as dobras no ar e desapareceu.

Clara manteve o rosto neutro, observando o ar por algum tipo de truque.

—Clara. — Começou o padrinho, doentio, cinzento e magro, como se os eventos da noite tivessem sugado uma grande vitalidade dele. —Ouça-me atentamente e, o que você fizer, não chegue perto dessa janela.

—Por que eu deveria acreditar em qualquer coisa que você diz? — A visão dele a deixou doente. —Não dê outro passo em minha direção.

—Clara, por favor-

Ela se afastou dele, manteve a voz dura. —Nicholas, me diga o que está acontecendo.

O olhar de Nicholas, cuidadoso e escuro sob os cabelos, deu a Clara um pouco de firmeza inesperada. O sobretudo do padrinho se abriu, revelando uma lasca de formas vis na pele branca e as calças dos suprimentos do padrinho, presas nos quadris. Ela notou que ele enfiara o cinto na espada do padrinho, que ele deve ter recuperado do salão de baile; pendia ao seu lado.

—A porta é exatamente o que parece. — Disse ele, seu discurso ainda interrompendo, recompondo-se. —E eu não sei por quanto tempo ela permanecerá aberto.

Porta. Agora que esse uso da palavra se instalara em sua mente, ela percebeu que a reconhecia, embora vagamente; isso a lembrou de algo que o padrinho poderia ter falado em uma história.

—Aquele homem que nos atacou-

—Borschalk. — Disse o padrinho, à beira de explodir, mas Clara o ignorou.

—Ele pegou meu pai, arrastou-o através da... por aquela porta.

—Provavelmente porque ele não pode te levar. — Disse Nicholas.

As palavras esfriaram Clara. —Por que ele não podia?

Inesperadamente, sua boca se curvou. —Que eu não sei. Mas é interessante, não é?

O padrinho estava fora de si. —O suficiente. Você não irá, Clara. Você não vai me deixar. Você não sabe o que está fazendo. Não sabemos aonde essa porta leva. Espere um momento, deixe-o fechar e abriremos outra, se quiser. Vou mostrar como é feito. Eu responderei suas perguntas.

Nicholas riu, sua expressão cruel. —Você ainda é capaz de tais coisas, velho?

O padrinho encarou o rosto de Nicholas. Seu rosto estava mais escuro do que nunca, tingido de enxofre. Clara percebeu naquele momento que não o conhecia e talvez nunca o conhecesse. Ele era uma criatura desconhecida com uma máscara de padrinho. Ele tentou se endireitar e não conseguiu, gritando e apertando os lados.

—Clara. — Ele murmurou. —Eu sei que errei. Eu não deveria ter escondido a verdade de você, mas, perdoe-me, não sabia como lhe dizer. Você pode me culpar?

Ela o observou, impassível. Ela endureceu seu coração para ele, embora isso a estripasse.

—Eu sempre te mantive segura, não é? Sua mãe confiou em mim para fazê-lo. Você me conhece. Você sabe que eu quero o melhor

para você. — Ele apontou um dedo trêmulo para Nicholas. —Esse garoto é - você não sabe do que ele é capaz. Apenas venha aqui, e nós resolveremos isso. Nós dois, você e eu, como sempre fazemos.

Ao ver seu sorriso débil, Clara não sentiu nada além de desgosto e mágoa, sentimentos que ela nunca havia associado a ele. Ela se afastou em direção à janela.

Nicholas seguiu a uma distância respeitosa. Os olhos dele se fixaram nos dela.

—Se eu passar por essas luzes. — Disse Clara. — O que vou encontrar?

—Nada que vale a pena encontrar. — Disse o padrinho furiosamente.

—Eu não sei o que você encontrará. — Disse Nicholas, sua firmeza em contraste com o temperamento descontrolado do padrinho que Clara se sentiu instantaneamente mais à vontade. — Mas a Porta não fechou. Se você entrar, seguirá o caminho direto de seu pai.

—Esse é o caminho da Porta?

Ele assentiu, perto dela agora. Ela recuou no peitoril da janela, os dedos avançando para o inverno. Cautelosamente, Nicholas ofereceu a mão esquerda. Ao contrário da direita, que estava nua, esta exibia três dedos ainda envoltos em metal. Ele cheirava o mesmo que a estátua - como infância e segurança, agora com um toque estranho do mar.

—Você confia em mim? — Ele perguntou com aquela voz quebrada e reconstrutora.

—Quem é você? — O que você é? Poderia ter sido a pergunta mais incisiva.

—Você confia em mim, Clara?

Confiar? Ela supôs que descobriria em breve. E de todos no mundo, esse homem estranho e meio quebrado parecia o mais provável para ajudá-la. Ela quase riu. Sua estátua, finalmente ganha vida! Suas fantasias de menina haviam evocado um momento tantas vezes, mas nunca tinha sido assim.

O padrinho correu para eles, gritando para eles pararem. O que restou da vidraça quebrou ao se aproximar, como se sua raiva tivesse se manifestado como uma força física. Ele era uma massa de pele cinza, luz branca e sangue prateado, faiscando como se pegasse fogo.

Mas eles já haviam se virado.

Clara se atirou pela janela no mesmo momento em que Nicholas o fez, as mãos entrelaçadas - ar frio e preto; Gritos do padrinho; O aperto de metal firme de Nicholas.

Eles caíram.

Um beijo. Um beijo perverso e proibido. Um beijo para acabar com um reino.

Foi o rei Alban, da família Somerhart, a primeira família, que nos condenou. Ele jogou tudo ao vento e trouxe a condessa das fadas para sua cama.

Rinka era o nome dela, e eles dizem que ela era linda. Como todas as fadas, ela estava pálida como o inverno e tinha longos cabelos brancos, presos em tranças. “Condessa” era um título que impusemos a ela, da mesma forma que impusemos títulos a todos eles, junto com aborrecimentos incômodos como regras e civilização. Pois as fadas não tinham monarca, nem tribunal para falar. Apenas clãs que assombravam as florestas e pintavam círculos sangrentos no chão, e um grande assombro chamado Geschtohl, onde seus prazeres aconteciam a cada turno da temporada.

Nós pensamos que eles apreciariam a estrutura. Pensamos que eles veriam o sentido de ter uma corte, uma nobreza, cidades e campos, em vez de suas cavernas úmidas e aldeias costeiras em ruínas, e suas assombrações sinistras, situadas no fundo das florestas do sul.

Nossas histórias dizem que assombrações nas fadas quase mudam quando você não está olhando. O chão se torna céu, e o céu se torna fogo, e as raízes das árvores sobre as quais você tropeça não são raízes, mas braços fracos, seduzindo você no subsolo.

Dizem que as fadas o deixarão com a sua própria pele, se você deixar.

Todo mundo mágico pode encantar, mas apenas as fadas pareciam gostar de usá-lo como arma.

Dizem que Rinka encantou o rei Alban, que ela se enganou na cama dele e mentiu em seu coração. Dizem que ela convenceu o rei de que sua esposa deixaria para sempre de lhe dar um herdeiro, que sua falta de paixão era criminosa.

Seja qual for o motivo, em um dia de outono, a rainha Liane os encontrou na sala do trono, envoltos nos braços um do outro.

Toda a nobreza, incluindo os Sete, estava nas portas atrás dela.

Nossos historiadores apontam para esse momento como aquele que mudou tudo. Dizem que foi isso que iniciou a guerra.

Eu penso diferente. Talvez uma amante pudesse ter sido perdoada.

Mas uma criança - a filha de um rei humano e de uma fada condessa - era motivo de sangue.

Incapaz de sofrer o insulto não apenas à rainha, mas também à santidade das raças, a família de Liane, os Drachstelles, os portadores do dragão, planejaram um golpe.

Numa noite de outono, quando o ar estava denso e úmido, e Alban estava deitado com a mão na barriga de Rinka, sentindo o filho que logo nasceria chutar, os Drachstelles vieram buscá-lo. Eles massacraram a guarda real e cortaram a garganta do manobrista.

O rei enviou Rinka pela janela, através dos telhados. Por mais ágil que todas as fadas sejam, as histórias dizem que Rinka escorregou muitas vezes nos telhados brancos e escorregadios de

Wahlkraft, pois os gritos agonizantes do rei perturbavam seu equilíbrio.

Eles a perseguiram noite adentro, através de uma tempestade que embebia as florestas frias e negras. Eles atiraram nela com flechas, e os Sete, sob ordens do novo regime, cortaram-na com um raio frio.

E quando ela não pôde mais correr, nossas histórias dizem que a condessa Rinka caiu em agonia, pois a criança havia chegado. A abominável criança mestiça forjada de depravação e luxúria.

Quando os guardas de Drachstelle e os Sete chegaram a Rinka, viram que sua barriga estava cortada. Sangue se acumulava entre suas pernas.

A criança se foi.

Eles assumiram que o bebê havia morrido, ou tinha sido comido por lobos, ou havia sido arrebatado por ladrões ansiosos por resgate.

Mas então veio do sul a notícia de que a filha de Rinka vivia, escondido nas profundezas das cavernas sob Geschtohl. Murmúrios começaram que ela já estava demonstrando uma diferença em relação ao resto deles. As fadas a adornavam, eles disseram.

Anos se passaram. Os viajantes que viajam, chegam à capital para negociar, espalham rumores de que as florestas do sul estavam agora sussurrando coisas estranhas. Uma palavra febril, repetidamente:

Anise.

PARTE DOIS

A TERRA DAS FADAS

Acho que nenhum de vocês teria hesitado por um momento em seguir o Quebra-nozes honesto e de boa índole, que nunca teve um pensamento perverso em toda a sua vida.

CAPÍTULO DEZ



Frio.

Estava frio quando Clara acordou, o tipo de frio tão extremo que levava um momento para senti-lo.

Ela piscou na brancura maçante ao seu redor três vezes. Então o frio a atingiu, com dentes afiados, erguendo os pelos do corpo.

Eu tenho que me aquecer, ela pensou automaticamente.

Ela tentou falar as palavras várias vezes, mas sua garganta as pegou em espasmos de choque. Finalmente, sua voz começou a funcionar:

—Frio.

Rolando para o lado, ela gritou de dor, pois todos os ossos estavam soltos. O crânio dela latejava; seus dentes doíam. Até onde ela caiu?

Onde ela estava?

Ela esfregou os braços para aquecê-los e falhou. Ela percebeu que estava deitada na neve, ou talvez geada. Samambaia congelada, lama, galhos.

Ela tentou pedir ajuda. Mas quem responderia a ela?

Então ela sentiu o vento. Malévolo, astuto, deslizando por suas saias esfarrapadas e cortando sua pele. Seus olhos se fecharam, o gelo martelando seu corpo, e ela sentiu-se começar a tremer violentamente. Até seus pensamentos pareciam tremer.

Talvez tenha sido o próprio tremor que abriu as pálpebras uma última vez. Ou talvez fosse a sensação distante de que ela realmente não estava sozinha. O que quer que fosse, Clara abriu os olhos e o viu:

O homem com colcha de retalhos de metal no corpo, usando o sobretudo do padrinho. Rastejando em direção a ela agora. Alcançando ela.

Qual era o nome dele?

Nicholas.

Clara murmurou a palavra e olhou para a mão estendida, retorcida de metal e azul de geada. Ela piscou; o gelo em suas pálpebras se partiu em flocos finos como papel e caiu.

Ela se lembrava agora. Ela agarrou a mão momentos antes e pulou pela janela.

O padrinho estava mentindo para ela. Padrinho foi a razão de sua mãe estar morta.

Um homem roubou o pai dela e Felicity estava em casa, sozinha.

Não, não sozinha - com Patricia Plum e Dr. Victor.

Quando esses fatos se estabeleceram dentro de Clara, o medo a chocou, deixando-a acordada. Ela se levantou, ignorando a dor de seus ferimentos enquanto arranhava o chão congelado em busca de alavancagem. Os olhos dela haviam perdido um pouco do peso deles; ela viu neve, vastas extensões de neve e um céu escuro com o

amanhecer. Ela assumiu que já era madrugada e se perguntou há quanto tempo eles estavam inconscientes após a queda.

—Pai. — Ela resmungou. Nada além de deserto branco a cercava. —Pai!

—Pegue minha mão. — Nicholas gritou, golpeado pela metade pelo chão pelo vento. Seus lábios eram brancos, partindo em triângulos de pele quebradiços.

—Onde ele está? — Ela agarrou o braço dele, sacudindo-o. — Ele deveria estar aqui! Para onde eles o levaram?

—Eu não sei-

—Você me disse para passar por aquela porta e agora estamos aqui. — Clara estava frenética. O frio fazia seus dentes baterem; a dor em sua cabeça a esfaqueou atrás dos olhos. —Diga-me onde ele está!

Nicholas a segurou imóvel. —Eu disse que não sabia, mas sei disso - morreremos se não sairmos desse frio em breve. Precisamos encontrar abrigo. Pegue minha mão.

Quando Clara concordou com relutância, ele a puxou para mais perto e pressionou sua bochecha na dela.

—Eu prometo a você, Clara. — Disse ele, e mesmo tão perto Clara mal podia ouvi-lo sob o vento uivante. —Nós o encontraremos. Mas não somos bons para ele, mortos.

Ela assentiu, colocou o braço em volta dele e o deixou fazer o mesmo com ela. Eles se levantaram com grande esforço. Encolhidos como um monstro de duas cabeças, eles tropeçaram para a frente, com as mãos livres para proteger os olhos. Relâmpagos, bem acima das rajadas de neve e coloridos de um verde estranho e doentio, iluminavam o caminho deles. Caminharam por um período

interminável de tempo, tropeçando nos montes de neve até os joelhos, procurando futilmente na tempestade um refúgio. Eles poderiam estar andando em círculos, e quando o frio se instalou ainda mais profundamente, entorpecendo Clara a tentação do sono, ela se sentiu dividida entre lágrimas e risadas. Morrer na nevasca, ela supunha, era melhor do que morrer nas mãos do Dr. Victor. Ela se apegou ferozmente a tais pensamentos histéricos; eles mantiveram seus pés em movimento.

Uma forma escura emergiu, emergindo das profundezas brancas espumosas como uma das serpentes do mar das histórias do padrinho. Nicholas estava apontando; ele estava ofegando no ouvido dela. Era um abrigo.

Eles entraram tropeçando depois de lutar para abrir a porta. Ocorreu a Clara que o local já poderia estar ocupado. Também lhe ocorreu que ela não se importava. Nunca houve uma visão tão bonita como essa cabana precária e seu piso de terra preta e dura. Nicholas procurou a porta e fechou-a atrás deles. Eles se atrapalharam com o conteúdo da cabana, vendo pelo toque e não pela visão enquanto seus olhos se ajustavam à escuridão. Pilhas de equipamentos estranhos cobriam as paredes. Havia uma mesa, uma cadeira, um copo vazio, mas nenhum sinal de vida.

Caindo de joelhos, Clara tossiu violentamente no silêncio repentino, como se seu corpo tivesse se acostumado à tempestade e não pudesse funcionar fora dela. Nicholas cambaleou ao lado dela. Ela virou-se, tremendo, para vê-lo balançando ao seu lado. Mesmo através de sua visão nebulosa, ela podia ver as cores raivosas no rosto e no peito dele - manchas de amarelos, vermelhos, reflexos azuis, o

metal preto. A tempestade o queimara - e ela também, ela notou, olhando para seus braços avermelhados.

—Minha pele... — Ela murmurou.

Por um longo momento, Nicholas simplesmente ficou ali de olhos fechados, se recuperando. Então ele disse calmamente:

—Devemos tirar a roupa.

Ela queria ficar horrorizada, mas era incapaz disso, não com os membros meio congelados.

—Por quê? — Ela disse, observando-o mexer nas mangas do casaco, na fivela da calça e na espada na cintura. No último momento, ela se lembrou de desviar o olhar. Como se ela não o tivesse visto completamente nu não faz uma hora. Como se a nudez importasse com um frio tão terrível.

—É mais fácil manter a pele quente com a pele.

—Como você sabe disso?

Através do gelo em seus cílios, os dentes batendo, ele piscou.

—Todo mundo sabe disso, Clara.

Sem saber como responder, ela ficou em silêncio. Ajoelhou-se ao lado dela, um mosaico de grampos de metal e membros pálidos e finos, e começou a desfazer os laços nas costas dela.

Ela ficou rígida com o toque dos dedos dele; era íntimo, terrivelmente.

—Deixe-me fazer isso. — Disse ela, tentando afastá-lo, mas ela estava desaparecendo, e ele também.

Nicholas a soltou imediatamente; sua voz era suave, ou talvez simplesmente exausta. —Será mais rápido com nós dois.

Uma pausa, e Clara concordou, embora seu corpo estivesse rígido com o desejo de se esconder, de fugir da sensação desse homem que a revelava, peça por peça. Lembrou-se, no último momento, de esconder a adaga que estava presa à coxa, antes que Nicholas pudesse notar, e ela a enfiou em uma de suas botas. Quanto menos ele soubesse sobre as armas dela, melhor. Ela poderia ter pulado uma janela com ele, mas ele ainda era um estranho, mesmo que seu rosto parecesse com o da estátua, mesmo que suas mãos estivessem macias sobre ela quando ele se sentou no chão e a puxou para perto.

A princípio, tudo foi um silêncio constrangedor. Clara ainda usava a camisola, mas pouco ajudou a sentir as palmas das mãos de Nicholas nas costas. Vagamente, ela registrou os seios pressionando o peito dele, a coxa dele sobre a dela. As placas de metal ao longo de sua espinha rangeram quando ele mudou seu peso.

—Você sabe onde estamos? — Ela sussurrou finalmente, em seu pescoço.

Ele ficou quieto por um momento. —Não tenho certeza. — Disse ele, parecendo frustrado. —Talvez quando a tempestade se acalmar...

Clara se enterrou nele, tentando não pensar em seu pai, perdido em algum lugar no frio com seu sequestrador, nem em Felicity, sendo enfiada de volta na cama pelo Dr. Victor na mansão, ou pelo padrinho, onde quer que estivesse. Ele tentou segui-los? Ele estava aqui, em algum lugar na neve?

Ela se importava?

Ela fechou os olhos, tentando não pensar neles, e tentando não pensar em si mesma em um abraço com esse homem, menos do que ela gostava de estar sozinha. Ela procurou desesperadamente a calma forçada que tinha durante a cerimônia de corte de fita.

—Não podemos dormir por muito tempo. — Disse ela. —Não tenho muito tempo para levá-lo para casa.

Os lábios de Nicholas estavam frios no ouvido dela. —Vamos esperar a tempestade passar. Já não.

Clara teria que ficar satisfeita com isso. Ela ouviu o batimento cardíaco dele - fraco, mas firme contra a bochecha - e se perguntou se teria batido nesses longos anos, envolto em metal na loja do padrinho, ou se havia sido congelado junto com o corpo dele. Inquieta, exausta, com medo no peito, ela sentiu a escuridão pesada do sono se aproximar e deixou que ela a levasse.

CAPÍTULO ONZE

Clara acordou ao som de um trem.

Os olhos dela se abriram. Ela esperou que a buzina soasse novamente, mas talvez tivesse sido os fragmentos de um sonho, e de qualquer maneira havia uma questão mais urgente - o corpo ao lado dela, em cima dela.

Ela provou metal na língua.

Ah sim. Nicholas - seu peso meio sobre ela; os braços magros a prendendo; seu torso nu, cruzado com aço, pressionava o dela em uma curiosa mistura de linhas duras e carne quente. Quando ela mudou seu peso, sua testa roçou a borda da placa de aço que se curvava sob a orelha direita.

—Você ouviu também? — Veio uma voz suave em sua bochecha.

—Ouviu o quê? — Ela parecia sem fôlego; ela se sentiu sem fôlego.

—A buzina. — Então, com a sugestão de uma provocação: — Você está corando.

A mortificação varreu o corpo de Clara em ondas. —Você está acordado.

—De fato, na verdade.

Ela se afastou e procurou suas roupas, seu corpo abusado protestando.

Nicholas vestiu o sobretudo do padrinho, sacudindo flocos de gelo. —Clara, eu não estava espiando nem nada. Você não me conhece?

Ela olhou para ele por cima do ombro, incrédula. —Não, não conheço.

Um lampejo de dor, rapidamente escondido. —Eu conheço você. Mais do que a maioria, eu acho.

—E eu devo acreditar nisso?

—Você gosta de café. — Ele disse imediatamente, seus olhos cuidadosamente se afastando dela enquanto se vestiam. —Você enrola o cabelo em volta dos dedos quando pensa. Você me disse uma vez que sonhava em se casar com Drosselmeyer, e que a ideia era perturbadora, mas também fazia você se sentir segura, e nunca se sentia segura quando estava acordada. — Ele fez uma pausa para lhe dar um sorriso suave. —Exceto quando você estava na loja, comigo.

Todos aqueles anos de sussurros no canto sombrio, de beijos roubados em metal. A percepção perturbadora de que Nicholas sabia tanto sobre ela, que durante anos fora espião de sua vida, a deixava nervosa e até indignada. Uma coisa era imaginá-lo vivo e outra era saber que ele estivera. Claro, isso não era inteiramente justo. Como se ele pudesse ajudar a ficar preso lá, não tendo escolha a não ser assistir.

Ou ele teve uma escolha? O que exatamente o trouxe à loja do padrinho? Por que ele estava preso lá e como? Surgiu um pensamento surpreendente: ele tinha tanto a culpa da morte de sua mãe quanto o

padrinho? Ou talvez não fosse sobre culpa. Talvez fosse uma circunstância horrível e inevitável e ela deveria perdoá-los.

Ela sacudiu as perguntas sem resposta; eles poderiam esperar. —Você ouviu isso também?

—A buzina do trem? — Ele assentiu. —Mas não poderia ter sido.

—E por que não? — Esquecendo-se, Clara agarrou a mão dele. —Você acha que meu pai pode estar nisso?

Nicholas estava distraído, com os olhos distantes. —Não há trens em Cane. Fizemos questão expressamente de proibir a construção e destruímos rotineiramente qualquer tentativa.

—Cane? O que é isso?

Seu rosto estava perturbado. —Cane é aqui. Eu acho.

—Onde é aqui?

—É um segredo.

—Não brinque comigo.

—Eu estou te dizendo a verdade. É um dos lugares secretos deixados para trás quando seu mundo foi criado. É o que dizem nossas histórias. Muitas pessoas não sabem sobre Cane, e aqueles que tentam mantê-lo assim. — Ele ergueu uma sobrancelha presunçosa; isso o fez parecer mais jovem. —Entende? A própria definição de segredo.

Clara não ficou impressionada. —E aquelas luzes no ar? Aquela porta?

—Uma peça complicada de mágica que muitos não conseguem modelar, e por boas razões.

Ele disse isso com tanta naturalidade, como se essas coisas fossem tão naturais quanto respirar. Clara inspecionou seu rosto em busca de evidências de uma mentira. Amargamente, ela disse:

—O padrinho às vezes falava em Portas. Nas histórias dele.

—Sim. Eu o ouvi lhe contar coisas ao longo dos anos. Coisas verdadeiras. Não muitos delas, misturados com bobagens, mas ainda assim - coisas verdadeiras.

—Confie apenas naqueles cujo poder é verdadeiro. — Disse Clara, lembrando a história de um homem errante com pés cansados, delirante por viajar. —'Então espere pelas luzes'.

—'E siga em frente.' Uma rima infantil.—

Uma emoção incerta tomou conta dela. —Ele é... Ele é daqui, então? Como de você?

—Sim. Fugimos juntos, mas não conseguimos sair antes... — Ele apontou para si mesmo. —Antes de sermos atingidos.

Talvez parecesse mais estranho para Clara que o Padrinho não fosse do seu mundo - mas ela não tinha entretido essas fantasias como uma garota, enquanto o observava trabalhando à luz de velas, quando as sombras brincavam em seu rosto?

Ele sabia, naqueles anos, que sua mãe morreria? E que ele mentiria para Clara sobre isso? A covardia disso, o egoísmo. Com medo de que ela não o amaria mais. Ele estava certo em ter medo disso.

E totalmente errado. Mesmo agora, sua fúria não a impedia de desejar que ele estivesse perto.

Sua garganta estava apertada. —Ele chamou você de 'Sua Alteza'.

—Ele também deveria. Eu estou... — Ele fez uma pausa, sua boca se contorcendo. —Ou devo dizer, eu era um príncipe antes.

—Príncipe. — Ela não conseguiu esconder o ceticismo de sua voz. —O príncipe de Cane, suponho?

Ele cruzou os braços, olhando para ela. —Não seja irreverente. É impróprio.

—E o que significa "antes"?

—Anteriormente. No passado.

—Não seja irreverente. É impróprio.

Ele quase sorriu. —Você sabe, eu sempre me perguntei como seria discutir com você.

—Estou falando sério.

—"Antes" significa exatamente isso - antes de partir, antes de chegar à sua cidade. Antes do golpe, antes da guerra. Antes.

Golpes. Guerras. O padrinho poderia estar envolvido em uma coisa dessas? —Entendo.

—Você?

—Sim. E você sabe o que eu acho?

—O que é isso?

Clara pegou seu espartilho, desfazendo os laços para economizar mais tarde. Eles podem ser úteis, e ela certamente não usaria isso. Muito restritivo. —Acho que devo pensar que você é louco - você e o padrinho - mas não acho que, e mesmo se o fizesse, não posso fazer nada a respeito, porque preciso que você encontre meu pai.

Nicholas parecia pensativo. —Precisa. Sim. É uma coisa curiosa, não é?

Um lampejo de algo na neve, um ruído chamou sua atenção. Os olhos de Clara dispararam em direção à porta e ela alcançou a adaga escondida no cabo de sua bota.

—O que é isso? Eu vi uma figura.

—Como eu. — Os olhos de Nicholas foram para sua lâmina. Um sorriso puxou sua boca. —Ah, seus muitos punhais.

Clara apertou os lábios e jogou o espartilho devastado no canto.

—Roupa íntima pobre e abandonada. — Disse Nicholas. Havia risos em sua voz. —De que crime é culpada?

Olhando fixamente para a nuca dele, Clara puxou as botas e pressionou os mecanismos nos calcanhares. Os punhos saltaram com seus cliques familiares; ela os empurrou de volta no lugar, tranquilizada. Sua terceira adaga, ela manteve-se pronta e em vez de devolvê-la à alça da coxa.

—Não estou com disposição para piadas. — Disse ela com firmeza.

—Espero que esteja com disposição para o café da manhã. — Disse Nicholas, espiando pela janela imunda que Clara não havia notado antes. O mundo além estava quieto e pálido. Manhã? — Podemos ter encontrado alguns.

Não era café da manhã.

Na verdade, era tão completamente o oposto do café da manhã que, quando chegaram perto o suficiente para ver claramente, Clara puxou um Nicholas atordoado atrás de uma árvore que havia sido derrubada pela tempestade. Lá, protegidos por galhos envoltos em gelo, eles observaram. Clara segurou a adaga pronta, incapaz de desviar os olhos da cena diante deles.

—O que é isso? — Ela sussurrou.

Mas Nicholas parecia paralisado de horror. —Sinndrie nos salve.

"Criatura" era uma palavra gentil demais, essa aberração que deveria ter sido um cervo. Mas com fios desgastados saindo de seus quadris e um olho branco piscando, dificilmente poderia ser chamado assim. O pelo marrom emaranhado dava lugar a uma massa sempre variável de túbulos pretos e luzes tremeluzentes, de garras mecanizadas onde os cascos deveriam estar. Estava meio vivo e meio autômato.

Fez uma pausa, os olhos girando, as patas dianteiras levantadas, em uma cadeia de montanhas onde Clara e Nicholas se escondiam. Do outro lado do caminho, escondido em um bosque de árvores, um grupo de figuras humanas se agachava, vestido com peles cobertas de neve. Um deles mudou; um galho rachado. O cervo saltou em movimento, um leque de metal embutido na garganta zumbindo com vida, mas antes que pudesse escapar, uma flecha disparou das árvores e atingiu seu peito.

A criatura estremeceu, seu chamado marcado por alguma nota mecanizada vacilante, como se o som tivesse sido fabricado. A coisa

desabou, as pernas dobrando. Os caçadores saltaram de seus esconderijos e o cortaram em pedaços com machados grosseiros.

Então uma parte da criatura mais carregada de metal e rodas dentadas do que pele e carne se separou do cadáver e começou a se arrastar para longe, como uma aranha. Um casco de metal vivo ganhando vida horrivelmente.

Alguns dos caçadores atacaram com gritos selvagens, cortando loucamente. Os outros permaneceram com o cadáver, cavando as entranhas do animal, colocando carne crua na boca.

—Nicholas... — Sussurrou Clara, desesperada para se libertar do momento.

Mas ele não disse nada, com a mão no pulso dela, e então alguém começou a gritar.

O pedaço de metal se dissolveu em minúsculas formas negras, a luz azul brilhando furiosamente entre elas, e essas formas subiram pelas pernas de um caçador, sua barriga, seus braços.

Elas o comeram. Não havia palavra melhor para isso. Elas enxamearam sobre seu corpo, e o zumbido fraco de mil pequenas bocas mecânicas escavando sob a pele de Clara. Onde quer que elas se movessem, uma escuridão dura derreteu atrás delas.

Como os dragões do padrinho, Clara pensou, lembrando-se do salão de baile transformado - exceto que os dragões pareciam benevolentemente industriosos, e essas criações cheiravam a crueldade.

O silêncio caiu abruptamente. Onde antes havia um homem gritando, agora havia uma estátua negra deformada, pedaços

fundidos onde seus olhos estavam. Congelado em uma contorção final de agonia, ele tombou e bateu na neve.

Os outros caçadores assistiram, sem emoção, devorando a refeição. Eles não fizeram nada para ajudá-lo. Os sons de seus goles ecoavam desumanamente pela floresta branca.

—Os mecânicos. — Nicholas respirou. —É ela.

Clara desviou o olhar do caçador que virou estátua; lembrou-lhe, terrivelmente, o que Nicholas havia sido recentemente, e a semelhança a atingiu como um terrível presságio. —Como você os chamou? Mecânicos?

—Nós não construímos trens. Não construímos armas, pontes levadiças ou relógios. Destruímos aqueles que já existiam. Eles nos tornariam muito vulneráveis. Ela os encontrava, afundava sua magia neles como dentes, os trazia à vida e os tornava contra nós...

Nicholas ficou agitado, com os olhos brilhantes. Clara tentou acalmá-lo antes que os caçadores ouvissem, mas um deles ergueu o rosto ensanguentado, inclinou a cabeça, como um cão. Sua pele estava abatida e queimada pelo vento.

—Nicholas, quieto.

Ele agarrou a placa de metal ao redor do pulso, tentou rasgá-la de sua carne. —Saia, ela vai acordá-los!

Clara colocou a mão na boca dele, apertando com mais força a adaga, mas era desnecessário. O caçador que levantou a cabeça se endireitou e olhou para o horizonte. Os olhos dele se arregalaram. Ele assobiou para os outros e apontou para a brancura.

Como um bando de pássaros, os caçadores se dispersaram, deixando para trás neve vermelha, tufos de pelo e seu companheiro enegrecido.

Clara ouviu antes de vê-lo - uma buzina e uma agitação rítmica distante. Ela se virou para onde o caçador havia apontado.

Agora, quando a tempestade se foi, ela podia ver que, além do barraco - que era algum tipo de estação de caminho? - estendia-se uma longa cordilheira rochosa e trilhos de trem. Além disso, a alguma distância e fantasmagórica na neblina, havia uma imensa parede de sombras cambiantes.

E, bem à direita, uma luz azul constante.

O trem que acordara Clara se aproximou.

CAPÍTULO DOZE



Nicholas deu dois passos surpreendentes para trás.

—Não, não. — Ele murmurou. —Não é isso. Não é um trem.

Ignorando-o, Clara colocou a adaga de volta na bainha e apertou os olhos para o leste - pelo menos, se era aí que o sol nascia naquele lugar. Os trilhos da ferrovia não estavam longe deles; se eles se apressassem, poderiam interceptar o trem, o que certamente os levaria a algum tipo de civilização. Talvez o pai dela estivesse a bordo? Improvável. Muito conveniente para considerar. E mesmo que eles conseguissem subir a bordo sem se matarem, não havia como adivinhar o que o trem continha e se seria ainda mais perigoso do que nevascas e caçadores bárbaros.

Uma aposta tremenda demais - não estavam em risco a vida de sua família.

Resignando-se a isso, Clara endireitou sua postura, fortalecendo-se.

Nicholas puxou-a em direção à cabana e pressionou os dois contra a parede e sumiu de vista. —Eu sei o que você está pensando. Sim, temos que sair daqui, mas não assim. Não podemos confiar nisso.

—O trem?

—Vai ouvi-la. Fará o que ela quiser. — Ele encostou a cabeça na parede, fechando os olhos. —Não podemos confiar, não devemos confiar.

Ela de novo. —Você está falando sobre Anise?

Nicholas abriu os olhos, sua expressão aguda. —O que você sabe sobre Anise?

—Nada, exceto que ela existe, que o padrinho a estava provocando no salão de baile. Embora, é claro, ninguém estivesse lá além de mim. O homem que levou o pai, Borschalk, também mencionou uma mulher duas vezes. — Ela fez uma pausa, frustrada. Se o trem não estivesse se aproximando, ela teria sentado Nicholas naquela cabana e exigido saber tudo sobre a misteriosa Anise. —Falei com um dos batedors sobre ela. Eu não sabia o que estava dizendo, mas parecia distraído pelas minhas palavras de qualquer maneira.

—Como se estivesse ouvindo instruções de longe? — Nicholas sugeriu sombriamente.

—Como se não soubesse quem eu era, e entendeu. — Ela fez uma pausa, pensando. —Ou talvez ela tenha.

Nicholas ficou em silêncio, olhando inescrutável para o céu.

Clara se virou, observando a aproximação do trem. —Se ela tem meu pai, eu devo encontrá-la.

—O que Anise iria querer com seu pai?

Seu tom cético a incomodou. —Você me diz, Alteza.

Depois de uma pausa, Nicholas chegou silenciosamente ao seu lado. —Não está viajando rapidamente. Se ficarmos perto da

cordilheira e corrermos ao longo dos trilhos, poderemos pular a bordo sem que ninguém nos veja.

—Combinado.

—Vai doer.

—Sem dúvida. — Clara olhou para ele, alto e silencioso ao lado dela. —Esses mecânicos. É assim que você os chama, as pequenas coisas mecânicas. Eles te assustaram, não?

Ele levantou a mão entre eles, os olhos assombrados. —Eles são eu. Ou pelo menos eram.

—Foi o que aconteceu com você, não foi? — Dizer isso em voz alta tornou sua suposição anterior ainda mais grotesca. —Você foi comido vivo por aqueles... Mecânicos.

Seu silêncio confirmou. Ela balançou a cabeça. —Eu não entendo. Como eles fizeram isso?

—Magia das fadas. — Ele disse, as palavras cheias de ódio.

A buzina soou mais uma vez. O grande trem preto estava muito mais perto agora e não tinha janelas. Apenas chaminés e paredes em branco.

Ela agarrou a mão de Nicholas, tentando não imaginar aquelas centenas de monstros negros envolvendo-o, selando-o. —Você é forte o suficiente para correr?

Ele levantou uma sobrancelha.

—Sou um príncipe, você sabe. O epítome do atletismo cinzelado.

Ela quase sorriu. —Suponho que você ainda não teve a chance de se olhar no espelho.

—Que grosseria flagrante.

Eles correram para o local, ao longo dos trilhos, mas nunca muito perto. Clara estava relutante em chegar muito perto do próprio trem. Ela sentia o olhar de olhos invisíveis sobre ela, e com aquela risada fraca e feminina que estava no ar?

Vai ouvi-la, dissera Nicholas. Ele fará o que ela quiser.

Clara arrancou seus pensamentos da especulação sobre Anise e concentrou-se na velocidade. Foi uma sorte que o padrinho tivesse insistido que ela sempre treinasse com suas botas; ela poderia ter caído de outra forma ou torcido o tornozelo. Mas a visão dela ainda estava manchada enquanto eles corriam, e ao lado dela a respiração de Nicholas era irregular. Ele estava certo; o trem era lento, como se estivesse sobrecarregado por uma carga maciça. Mas eles precisavam de comida, curativos, descanso. Mesmo com o trem viajando tão devagar, eles poderiam não ser fortes o suficiente para fazê-lo.

No vagão, uma plataforma aberta cercada por grades escuras os esperava. Clara fechou os olhos quando eles se aproximaram e fez uma oração a todos os deuses que reinavam em Cane, de que essa era a decisão certa, de que isso os levaria ao pai.

Ela tentou não pensar em quantas horas se passaram em casa. Há quanto tempo ela se foi? Seis horas? Sete? Ela lutou contra o medo que tais pensamentos provocavam; para sobreviver a isso, ela tinha que ser uma com as sombras, uma com o frio, outra com a dor de seu corpo. Traição ou não, o padrinho pelo menos a ajudou a aprender muito.

Ao lado dela, Nicholas aumentou sua velocidade. Antes que Clara pudesse reagir, ele deu um pulo correndo em direção à plataforma traseira. Seu corpo bateu contra o parapeito, e ela

estremeceu, mas ele se segurou com força e se encostou com um grito. Ele sorriu de volta para ela, embora seu rosto estivesse pálido de exaustão e ele se inclinou com força contra a grade. —Vê? Agilidade de príncipe, mesmo sob coação.

Clara se irritou. Tanta arrogância. Agilidade? Mais como uma facada desajeitada de sorte. Sua irritação a galvanizou, e ela usou a curta rajada de velocidade para saltar atrás dele, os olhos fixos no parapeito como se fosse um alvo a ser atingido. Um grande estrondo quando ela bateu no parapeito; ela bateu a cabeça contra ela e sua visão girou. Os dedos das botas atingiram os trilhos e a arrastaram, quase desequilibrando-a. Mas Nicholas pegou os braços dela, seu aperto doloroso, mas firme. Seus pés encontraram a borda inferior do trem e juntos a puxaram para bordo.

O trem estremeceu, derrubando-a nos braços de Nicholas e fora do caminho de uma flecha que disparou da penumbra da manhã. Grossa e preta, atingiu uma escotilha no vagão, embutindo-se no metal. Pequenas pernas negras saltaram da cabeça da flecha e cavaram a escotilha como se fosse carne e a flecha um inseto. A energia azul estalou ao longo do eixo da flecha, eletrificando os cabelos na pele de Clara.

De algum lugar no deserto branco, soaram gritos selvagens.

Clara se moveu na direção de Nicholas, automaticamente, até que eles ficaram de costas, olhos alertas. Os dedos dela se curvaram na coxa, acima da adaga. Quando ela viu o que se aproximava do oeste, seu coração afundou - formas monstruosas, pálidas no topo e escuras abaixo. Quando se aproximaram, entraram em uma definição terrível.

As formas escuras eram batedores, pontilhadas de luzes e cobertas de armaduras, disparando em direção ao trem como haviam atravessado o salão de baile da mansão. Aqui, porém, eles pareciam mais em casa; eles saltaram através da neve como se não fosse nada. No topo deles estavam pessoas pálidas e fantasmagóricas. Eles carregavam lanças nas mãos, de ponta azul com energia elétrica. Seus gritos de guerra eram altos e fortes, e eles eram, mesmo à distância, surpreendentemente bonitos.

—Nicholas, o que são? — Perguntou Clara, apesar de achar que sabia. —Você sabe?

—Oh, sim. — Seu rosto estava sombrio. —Eles são fadas.

CAPÍTULO TREZE

Nicholas virou-se para a escotilha.

—Não há identificador. — Disse ele. —Apenas uma fechadura.

Clara não conseguiu desviar os olhos ao ver a aproximação das fadas. Seus movimentos eram brutais, elegantes. O grito de guerra deles era quase uma música, um coro de beleza sobrenatural. Eles se moviam silenciosamente através da neve em uma formação em V. Naquele momento, havia uma figura que parecia mais familiar que o resto, embora ele não usasse mais as roupas esfarrapadas do dia anterior.

Borschalk.

A última vez que o viu, ele arrastou o pai pela janela pelo colarinho. Agora, ele montava um batedor, gritando ordens estrangeiras - e o pai dela não estava em lugar algum.

Mas se ela fechasse os olhos, como de repente desejava, talvez fosse mais capaz de ouvir os gritos estridentes das fadas. Talvez ela pudesse decifrá-los de alguma forma e ouvir se eles falavam de seu pai.

—Clara! — Nicholas retrucou.

Ela se virou para olhá-lo, confusa. —O que você quer?

A boca de Nicholas afinou. —Então você não é imune ao charme deles. Tente não ouvi-los com muita atenção. Eles se atualizarão em breve.

—Charme?

—Todas as pessoas que lidam com magia têm. — Ele puxou a manga da camisa, empurrando o braço na direção dela. —Pressa. Retire este alfinete no meu antebraço. Parece do tamanho certo.

Clara hesitou - certamente machucaria. Seu braço era uma massa furiosa de pele danificada e metal preto. Mas não havia tempo para bondade. Ela apertou a mandíbula, agarrou o alfinete e puxou.

A sensação dos sulcos do alfinete se arrastando contra o osso e qualquer metal que ainda estivesse dentro dele fez Clara assobiar entre os dentes. Nicholas amaldiçoou com voz rouca.

Uma segunda flecha preta passou por eles e também se encaixou no vagão. Os gritos das fadas haviam se transformado em um frenesi.

—Escolha a fechadura. — Insistiu Nicholas; seu rosto havia perdido a pouca cor que tinha. —Rapidamente.

Clara começou a trabalhar. O buraco da fechadura era minúsculo, inserido em algum tipo de chapa de ferro. Sem uma alça para aplicar alavancagem, era difícil encontrar onde os pinos dariam e cederiam à palheta na mão dela. O suor escorria por suas costas.

—Clara. — Nicholas avisou, puxando sua espada.

—Quase!

Uma terceira flecha atingiu a parede ao lado dela, e uma mecha de energia azul quente lambeu sua bochecha. Ela gritou e bateu a mão

no rosto. Ela saiu coberto de resíduo cristalino, salpicada de ferro. Outra flecha acertou e outra caiu do parapeito; o ar zumbia com elas.

Um baque sacudiu a plataforma. Clara e Nicholas giraram ao ver uma figura agachada em cima do parapeito. Um rosto branco com maçãs do rosto salientes e orelhas esbeltas e anormalmente longas; cabelos brancos emaranhados em dreadlocks, com fios de aço e vidro preto. Bandas de metal na testa e nos braços, incrustadas de pedras preciosas, dando ao portador um ar de realeza. Um capacete de ferro, um corpo flexível vestido com cordas de couro preto, calça escura e botas pretas.

Dois penetrantes olhos azuis.

—Borschalk. — Clara engasgou.

Em resposta, Borschalk zombou.

Clara voltou para a fechadura quando Nicholas passou a espada pelo rosto de Borschalk. Borschalk rugiu, perdendo o pé, agarrado ao corrimão.

Algo na fechadura estalou e cedeu. A porta se abriu e Clara agarrou o braço de Nicholas e o puxou por ela. Ele chutou a porta atrás deles, e eles correram.

Algo bateu na porta atrás deles, amassando sua superfície. Luzes azuis iluminavam as costuras da porta. Pontas de flecha pretas sangravam direto no metal, abrindo caminho com pinças.

Um peso caiu no teto acima deles, fazendo o carro estremecer nos trilhos. Nicholas puxou Clara através de pilhas de caixas embrulhadas com correntes, pacotes cobertos de lona, barris de metal marcados com símbolos familiares - da estátua, do cadáver de sua mãe. Símbolos das fadas.

Uma luz azul circular brilhava através do teto, piscando rapidamente; um gemido estridente começou a soar, aumentando em volume.

Nicholas viu, amaldiçoando, jogou Clara atrás de uma pilha de caixas e ele mesmo sobre ela.

Uma parte do teto se abriu, expelindo fragmentos de metal com eletricidade azul crepitando atrás deles. Um disco de metal carbonizado - algum tipo de explosivo? - caiu no chão.

Duas fadas caíram do teto. O primeiro mal tocou o chão quando ele ergueu o braço - envolto em metal preto como uma luva escabrosa, fios enrolados ao redor do bíceps e terminando em algum lugar na carne das costas. Um nódulo no topo de suas juntas estalou na vertical como um dos mecanismos de relógio do padrinho e piscou rapidamente em azul.

Nicholas pegou a mão de Clara e a puxou para trás de uma segunda pilha de caixas, no momento em que um raio elétrico disparou da luva da fada.

Clara caiu de joelhos e apertou as presas das botas, soltando as adagas gêmeas nos calcanhares.

Ao lado dos olhos de Nicholas, brilhavam em aprovação.

—Você está bem o suficiente para lutar?

Honestamente, ela não sabia. —Você está? — Ele deu um sorriso duro, e juntos eles saltaram para a briga.

O primeiro quase a derrubou. Suas pernas estavam instáveis, seus sentidos oprimidos, sua confiança em falta. Sua lâmina encontrou a luva de metal em seu braço, o impacto disparando faíscas. Quando ela hesitou, ele passou o braço ao redor e para baixo.

O movimento a jogou para longe dele, e ele a balançou com a palma da mão estendida. Os túbulos sibilantes nos dedos dele poderiam ter aberto seu rosto, mas ela se abaixou a tempo e o pegou com um golpe de punhal na mão, empurrando a lâmina em seu abdômen.

Sangue azul brilhante jorrou sobre sua mão, e a fada caiu.

Quando ele caiu no chão, Clara parou, encarando-o. O sangue dele estava quente em sua mão, e ela o faria novamente se precisasse, mas nunca havia matado alguém antes. O batedor era uma coisa, e horroroso o suficiente, mas esse belo país das fadas, com seus antebraços musculosos e olhos de cílios longos - ele parecia quase humano.

Mais fadas deslizavam pelo teto, e Clara se forçou a se mover.

Ela pegou Nicholas, virou-se e saiu correndo do vagão para o próximo. Ela tentou dar uma boa olhada no país circundante enquanto passavam pelo espaço entre os vagões, equilibrando-se precariamente nos balanços pretos.

Fadas de ambos os lados. Fadas em batedores.

—Quantos existem? — Ela chorou.

Os olhos de Nicholas brilhavam com febre de batalha - e, Clara pensou, mais do que um pouco de medo. —Apenas continue!

A porta do próximo carro foi destrancada e se abriu facilmente. Clara hesitou; isso parecia muito conveniente. Mas eles não tinham escolha. Fadas os seguiam, levantando suas luvas de metal, jogando suas lanças negras. Clara conseguiu evitá-las e quase caiu desequilibrada. Ela tentou se concentrar nas garras de Nicholas e na voz dele, insistindo com ela, e não no quão perto ela estava do colapso de exaustão.

Eles passaram pelo carro e, depois, passaram pela mesma carga, sem nenhum sinal de John Stole nem de outros passageiros além de si mesmos. Explosivos atingindo os telhados, rasgando os tetos acima em uma cacofonia de azul. Nada disso parecia certo. Foi muito fácil, a busca das fadas é muito evitável. As explosões choveram detritos sobre eles, mas nunca o suficiente para retardar seu progresso. Flechas voaram para eles descuidadamente, persistentes, mas nunca atingindo as marcas. Essas fadas eram soldados, era fácil de ver, e os soldados não perderiam.

—É fácil demais. — Ela gritou para Nicholas.

As sobrancelhas dele se ergueram. —Fácil? Você não pode estar falando sério.

Eles surgiram na próxima plataforma. Clara olhou para a direita, pronta para desviar as flechas que se aproximavam. Ela viu a longa curva negra do trem serpenteando por bosques e prados retorcidos de gelo. À frente deles, serpenteando ao longo dos trilhos, estava o imenso muro que Clara vira à distância. Tão perto, ela podia ver as torres de vigia no topo, e que era mecanizada, feita de peças sempre em constante mudança.

Nicholas lutou com a trava do próximo vagão e entrou no vagão.

Clara, inquieta, o seguiu.

Na escuridão repentina, levou um momento para avaliar a situação - Borschalk se elevou sobre Nicholas e estava ladeado por quatro outras fadas, todas com sorrisos terríveis e satisfeitos. Um feixe fino de fios pretos piscou em azul no ouvido de Borschalk. O pai de Clara não estava em lugar algum. Não é surpresa, mas aumentou

o repentino desespero horrorizado de Clara; os joelhos quase dobraram.

—Drachstelle. Estou surpreso que você tenha voltado. — As palavras de Borschalk foram duras, como se essa não fosse a língua nativa dele. —Surpreso, mas feliz por ser o único a te matar. Ela ficará satisfeita.

—Ela não ficaria mais satisfeita. — Disse Nicholas, dando um passo à frente. —Fazendo isso sozinha?

Clara observou, tensa de prontidão. Ela procurou freneticamente o carro em busca de um meio de fuga e não o encontrou.

O rosto de Borschalk se contorceu. —Você não sabe nada dos desejos dela.

—E suponho que sim? Eu lembro de você, em guarda dela. Lembro-me do seu rosto. — Ele puxou o ar. —Você finalmente abriu caminho para a cama dela?

—Chega. — Borschalk levantou o braço, a luva queimando intensamente. Nicholas se endireitou e se manteve firme, e a visão tomou conta de Clara com medo e raiva. Algo frio surgiu em seus membros, como se um interruptor primitivo tivesse sido acionado.

Ela correu para Borschalk, ignorando o grito de protesto de Nicholas. Ela não poderia ter parado se quisesse – um instinto avassalador a levou adiante. Os punhais caíram, esquecidos, das mãos. O ar ao redor dela pulsava tão violentamente que ela ofegou de dor - a tempestade voltou? Ela estendeu a mão para se firmar, para agarrar o nada com as duas mãos em um último gesto fútil. Percebeu que ela estava prestes a morrer, assim como Nicholas, assim como seu

pai e Felicity, além de inúmeras pessoas nova-iorquinas nas garras de Concordia, porque ela não estava lá para salvá-las.

Mas então era como se suas mãos apertadas tivessem puxado algo invisível, e puxando aquele algo era um gatilho para transformar o mundo de dentro para fora.

Inverno invadiu seu sangue.

O vento gelado a golpeou, o frio tomou conta dela - rasgou através dela - liberando uma energia que ela não sabia que existia.

O teto explodiu. O vagão balançou para o lado e, com um clique horrível, saiu dos trilhos. As fadas voaram para fora do trem, impulsionadas por um vento uivante que jogou Nicholas dos pés dele contra a parede. Ele caiu no chão, imóvel.

Apenas Borschalk permaneceu, salvo por seu tamanho e tenacidade; seus dedos sangraram, cortados pelo metal da parede oposta, à qual ele se agarrava. Ele olhou para Clara por um momento - um olhar sondado e horrorizado - e depois saltou do carro. Ele bateu no chão e rolou em segurança.

Ela o viu fugir, depois olhou para o buraco pelo qual ele havia saído do carro, a realização vindo lentamente:

Uma porção inteira da parede oposta havia sido destruída.

O vento bateu no rosto dela, arrancando lágrimas dos olhos. A metade da frente do trem continuou ilesa. Mas o vagão deles saiu dos trilhos, atrapalhando os carros atrás dele. Eles ainda estavam se movendo, indo direto para a grande parede móvel.

Clara se jogou sobre o corpo de Nicholas e fechou os olhos quando o carro começou a rolar. Ela o segurou o mais forte que pôde. Ela sabia logicamente que ela e Nicholas deveriam ser arremessados

ao redor do carro ou jogados completamente nele. Empalado em metal. Batido em pedaços sangrentos.

Pelo que ela sabia, isso estava acontecendo. Talvez ela estivesse além da dor; talvez ela tivesse morrido.

Com um estremecimento, o trem parou.

De repente, o frio que a cercava, assobiando ao seu redor, assobiando dentro dela, desapareceu.

Ela esperou no silêncio crepitante. Impossivelmente, parecia que ela estava viva. Ela cheirava a fumaça, metal quente e neve. Nicholas estava deitado debaixo dela, em paz. Ela tocou sua garganta, sentindo através da teia de metal o pulso dele. Quando o encontrou - rápido, mas firme - ela murmurou rápido, aliviada graças a ninguém em particular.

Instável, ela se levantou. Agora ela conseguia ver a verdadeira extensão do dano - o teto do vagão havia sido completamente arrancado e as paredes explodiram em cachos de metal, escuros com marcas de queimadura, cobertos de gelo. O que poderia ter sido forte o suficiente para rasgar o aço em pedaços?

Clara tocou o que restava do teto baixo; o metal estava congelando incongruentemente, as pontas dos dedos grudando nele. O contato deu-lhe um leve choque. Estranho. Ela examinou a pele e depois o telhado. Ela estava congelando também, naquele momento em que correra para Borschalk, e estava um frio diferente do inverno lá fora - um frio mais intenso, mais pesado, mais vibrante. Houve uma tempestade e ventos. E então o carro explodiu - tudo explodiu - e as fadas foram lançadas como bonecas de pano.

Ela olhou para a parede arruinada.

Atrás deles, a metade traseira do trem estava em ruínas carbonizadas.

Impossível. O medo que vinha de testemunhar algo inexplicável demais para ser acreditado se instalou nela, e ela balançou em pé.

Como isso aconteceu?

Se o pai dela estivesse em algum lugar desse trem, certamente ele agora estava totalmente queimado ou espancado pela força do acidente. Mas talvez ele estivesse em outro lugar, escondido para qualquer resgate ou chantagem que seus sequestradores haviam planejado.

Por favor, por favor, deixe-o estar em outro lugar.

Gritos próximos a puxaram com relutância para a ação. Ela se agachou, piscando para limpar a cabeça do choque e espiou o vagão na direção da enorme parede que se erguia à sua esquerda. O trem havia parado não muito longe dele, e ela se atreveu a pensar no que poderia ter acontecido se tivessem colidido com ele. Figuras saíram correndo da parede, gritando. As placas na superfície da parede se deslocaram juntas e separadas - dando um nó, esticando, dando um nó novamente. Lembrava Clara, horrivelmente, da pele de estátua de Nicholas.

E Borschalk, não longe o suficiente para se sentir segura, sentou-se montado em um batedor mais uma vez, observando-a. A visão dele foi tão inesperada que ela gritou e oscilou, desequilibrada. Ela procurou o vagão em busca de adagas descartadas.

—Clara? — A voz fraca de Nicholas a fez se virar. —O que aconteceu?

Clara correu para ele; nunca estivera tão feliz em ouvir uma voz. Ela colocou as adagas de volta nas botas, bateu na coxa para garantir que a terceira ainda estivesse intacta. —Nicholas, acho que Borschalk está voltando-

—Temos que sair. Agora. — Ele se levantou, balançando contra ela. —Ele vai nos matar.

Clara olhou para trás. Borschalk estava perto o suficiente para ela ver a expressão em seu rosto. Era mais contemplativo do que Clara pensaria - até cauteloso. Ele colocou a mão nos fios no ouvido. Ele estava ouvindo alguma coisa; seu olhar passou por Clara com curiosidade. Furiosamente.

Então ele se virou e deu um tapa nas rédeas de seu batedor e desapareceu na fumaça.

CAPÍTULO QUATORZE

Clara olhou para a figura de Borschalk em retirada. Ele os abandonara - por quê? Ele deveria ter atacado eles agora que estavam vulneráveis. Ele deveria ter completado sua missão. Não era isso que os soldados faziam?

—Clara? — Veio a voz tensa de Nicholas.

O sangue o cobria e cinzas; ele se inclinou contra ela para se equilibrar, e se ela não estivesse com tanto medo, ela poderia ter gostado do fato de que, apesar de toda a sua vanglória de "agilidade sob coação", ela era a mais forte nesse momento.

—O trem — Disse ele. —O que aconteceu com o trem?

Ela quase disse a verdade, mas algo a deteve, uma voz interna que parecia suspeita com a do padrinho.

O trem havia explodido por um motivo, mas até que Clara soubesse disso, ela não podia se arriscar a pensar que Nicholas estava louco. Uma menina louca não valia a pena ajudar.

Mas talvez ela estivesse brava. As pontas de seus dedos formigavam como se tivessem sido congeladas e agora estavam descongelando. O ar ao redor dela permaneceu levemente carregado; qualquer força que varreu sobre eles não foi longe.

—Uma das fadas descarregou alguma coisa. — Ela se ouviu dizendo. —Algum tipo de arma. Não dei uma boa olhada, mas acho que estava com defeito. Explodiu. Havia uma luz brilhante, e algo nos jogou de volta. A próxima coisa que soube foi que nosso vagão saiu da pista e você estava inconsciente.

Os olhos de Nicholas encontraram os dela. Eles permaneceram duros e estranhos, como se ele visse algo no rosto dela que não pudesse decifrar. —Como foi quando aconteceu?

Ela fez uma careta. Uma pergunta estranha. —Estava frio, elétrico. Havia um grande vento, como uma tempestade. Eu nunca vi nada parecido.

Ele se virou e passou a mão pelos cabelos. —Quantas armas diferentes os animais imundos têm?

A luz disparou no alto, explodindo em um borrifo de fogo azul. Os movimentos próximos pareciam outros se aproximando.

Os olhos deles se encontraram; sem uma palavra, eles rastejaram para fora da parede traseira do vagão. O ar estava quente devido ao fogo espalhado pelos destroços. A fumaça flutuava por toda parte, fazendo truques, sufocando a luz do dia. Escondidos atrás de outro carro a alguns metros de distância, eles observaram as fadas uniformizadas em preto angular vasculharem o vagão que acabaram de abandonar.

—Meu Deus. — Clara caiu contra a parede do vagão. —E se você não tivesse acordado?

—Mas eu acordei. — Nicholas examinou a parede e sacudiu a cabeça. —Vamos ir por esse túnel lá. Você vê? Na parede.

Clara seguiu seu olhar. Figuras passavam por um túnel fino na massa negra e fluida da parede, emergindo e desaparecendo. Gritos em uma língua estrangeira dura - língua das fadas? - se afastaram dela. Luzes brilhavam em sua borda, piscando ritmicamente.

—Você não pode estar falando sério. — Sibilou Clara. — Alguém vai nos ver!

—Você vê outro caminho?

Não. Não havia outro caminho. Padrinho querido, ela pensou sombriamente, vamos torcer para que suas aulas de furtividade funcionem tão bem em Cane quanto em Nova York.

—Não. — Ela admitiu, e saiu do esconderijo deles. Eles esgueiram-se pelos escombros, achatando-se contra o metal fumegante, abrindo caminho através de cargas estragadas. Quando chegaram à parede, um par de fadas passou por perto, e Clara e Nicholas fizeram uma pausa, silenciosos nas sombras. Clara olhou para as ruínas tombadas do grande trem, para os bosques tortos não muito longe dos trilhos, alinhados com neve e agora tremeluzindo com o fogo. Uma tempestade estava se formando no horizonte. Um raio multicolorido brilhou, e o chão embaixo deles tremeu suavemente. Cinzas choveram da parede, como se fossem soltas pelo tremor.

Escondido em algum lugar nessa beleza horrível e estranha estava seu pai - ela esperava. Ela tinha que esperar.

Ela olhou para a grande altura da parede. —E se seguirmos o caminho errado? E se o pai estiver lá atrás, no deserto?

—Confie em mim. — Nicholas disse sombriamente. —Se ele está com as fadas, ele não está no deserto.

Clara o observou por um momento enquanto esperavam que mais fadas passassem.

—Quando estivermos em algum lugar seguro. — Disse ela, esforçando-se para firmar a voz. —E temos um momento para descansar, terei muitas perguntas a fazer e espero que, por sua causa, você me responda...

Nicholas olhou para ela, com metade da atenção no túnel.

—Isso é uma ameaça, Clara?

—Eu não quero machucá-lo, mas se você dificultar a busca por meu pai de qualquer maneira, eu irei, sem hesitação.

—Eu acredito em você. — Ele sorriu, abaixando-se para que seus olhos se encontrassem. —Lembre-se: conheço todos os seus melhores movimentos. Não há muito mais o que fazer naquela loja, mas observar.

A boca dela afinou. —Isso não é justo.

—Não se preocupe. Em um bom dia, você é um pouquinho melhor do que eu.

—Em um bom dia?

—Quando você não deixa seu medo e dúvida tirar o melhor de você.

Clara começou a protestar, mas depois se acalmou. A verdade de suas palavras a envergonhou, a deixou se sentindo encolhida e exposta.

—É injusto que você conheça minhas falhas tão bem. — Disse ela calmamente. —Quando eu não conheço você e a suas.

—Você as conhecerá em breve. Estou cheio delas. —Sua voz era leve, mas seu rosto estava cheio de segredos. —Lá, eles pararam. Vá. Depressa.

Ela o fez, ficando perto das paredes do túnel e de suas sombras, e através do vestido podia sentir o toque frio de metal da mão de Nicholas nas costas.

Do outro lado do túnel - depois de meia hora excruciante passando por paredes que se moviam como membranas monstruosas prontas para explodir, e prendendo a respiração para que as fadas passantes pensassem que eram apenas sombras - eles emergiram em um mundo de luz.

Campos e oceanos de luzes, pontes e ruas de luzes. Prédios mais altos do que Clara já vira, cercados de desfiles de luzes.

Era uma cidade, ela supunha - mas Nova York era uma cidade, e isso não era nada disso.

Bem acima deles, ao longe, treliças de aço teciam o céu. Uma linha de movimento fraca, ali, naquela ponte preta curva - mais um trem, este mais elegante, piscando. Apitos de trem enchiam o ar, uma sinfonia discordante. Contra as agitadas nuvens de tempestade verde-azuladas, pássaros escuros circulavam, mas não se moviam como pássaros comuns. Eles eram mais silenciosos, mais precisos. Quando um deles empoleirou-se no topo de um poste de onde

emaranhados de fios se estendiam de todas as formas, Clara viu perto do bico comprido olhos brilhantes, piscando em azul.

E sob as luzes havia uma pilha de uma cidade. Mesmo daqui, Clara podia sentir o cheiro de seu fedor - suor, peixe e carne. Prédios em ruínas; longos e baixos armazéns de pedra escura. Placas bem iluminadas exibiam palavras estrangeiras em mil cores diferentes. Nos limites da cidade, brilhava um rio de água negra, coberto por pontes rústicas e enferrujadas. Casebres agrupavam-se em suas bases, afundando vilas de favelas. A neve fresca cobria tudo; neve suja cobria as calhas, a estrada de ferro, a água.

De dentro do barulho dos trens, veio um rugido murmurante de gritos, movimento e música.

Riso.

Gritos.

Havia pessoas por toda parte - atravessando as pontes, pendurando roupas nos telhados, vendendo mercadorias em carrinhos de rua. Alguns eram escuros e outros eram pálidos, e outros eram fadas, batedores patrulhando.

Depois do rio, um prédio alto e esbelto estremeceu. Uma onda negra rolou por ela. Horror tremulou na garganta de Clara com a visão. Nicholas se encolheu e agarrou a mão dela - para protegê-la, ou a si próprio?

—Os mecânicos? — Ela sussurrou.

—Observe-os. — Foi sua resposta concisa.

Gritos soaram de dentro do edifício, e toda a estrutura desabou, como a torre de blocos de uma criança sendo derrubada no chão em um ataque de pique. Os destroços retumbaram sombriamente e

depois subiram, reformando, reconstruindo. Quando o silêncio caiu, um novo edifício ficou no seu lugar - mais alto, serrilhado, elaborado, decorado com pilares e varandas, pórticos e minaretes e figuras de ferro aladas com línguas pendentes. Pontes atacavam o prédio e se afixavam nos prédios adjacentes.

Foi um eco de risadas delicadas, serpenteando deliciosamente pelo ar?

Antes que Clara pudesse resolver o problema, ele parou. Gritos de dor subiram à distância, mas tudo o mais estava parado. Se eles tivessem saído do túnel alguns minutos depois, ela teria pensado que o prédio sempre estave lá.

O pássaro de olhos azuis agitou suas penas. Eles se juntaram, suspeitosamente metálicos; ele chiou e voou para longe.

Clara sentiu-se fraca e desequilibrada; ela não queria pensar no que havia acontecido com ninguém dentro daquele prédio. E o rosto de Nicholas, para seu desespero, era o de uma criança perdida - oprimida, incrédula. Clara reconheceu a expressão de perda e a fúria de estar desamparada para impedi-la.

—Nicholas, o que é isso? — Ela disse cuidadosamente. —O que é este lugar?

—Ela fez. — Ele sussurrou. —Exatamente como ela disse que faria. Eu esperava que ela não fosse capaz, mas...

Clara tocou o braço dele. —Esta é Cane, não é? Sua casa?

—É Cane, mas não é minha casa, não mais. — Sua voz era sombria, como se algo essencial tivesse sido drenado dele. —É deles. Cane agora pertence às fadas.

CAPÍTULO QUINZE



No desespero no rosto de Nicholas, Clara sentiu a força sangrar. Uma terra cheia de máquinas vorazes. Uma terra governada pelas fadas. O resgate de seu pai parecia cada vez mais impossível.

—Você tem certeza? — Ela cutucou. —Talvez você esteja errado.

Nicholas estendeu a mão para a cidade. —Você viu os mecânicos, Clara. Você sabe o que eles podem fazer. É por isso que lutamos por gerações e agora aconteceu. Eu sei o que vejo e sei o que isso significa.

Clara podia ver o pânico se desenrolar nele, o mesmo que ela sentia em seu próprio coração. Ela se inspirou em algo profundo e criado por padrinho dentro dela e concentrou seus pensamentos.

—Bem, não podemos ficar aqui. — Disse ela. —Se ficarmos, seremos vistos.

—E para onde iremos? Lá dentro? — Ele olhou para a cidade.

—Sim, lá dentro. Podemos encontrar respostas, comida e abrigo.

—Clara, eu não sei o que é essa cidade! Você entende isso? — Ele a agarrou pelos ombros, os olhos brilhando de tristeza. —Eu não sei o que nos espera lá. A casa que eu conhecia se foi agora.

—Você não sabe disso. Deve haver algo familiar para você aqui, algo que pode nos ajudar. — Ela forçou um sorriso que não sentia e apertou os braços dele; com seus corpos se tocando, ela se sentiu mais firme. —Todos os príncipes são tão fatalistas?

Depois de um momento, sua carranca se quebrou. Ele limpou o rosto com a manga.

—Você sempre soube me fazer rir. — Disse ele com tristeza. — Mesmo que ninguém pudesse ouvir.

Que coisa dolorosa de se imaginar, seu riso solitário e preso.

—Venha. Temos que seguir em frente.

Eles rastejaram em direção à cidade através de um campo estreito pontilhado de vegetação rasgada e estradas brutas, por onde soldados das fadas patrulhavam e moviam equipamentos de e para o muro. Árvores retorcidas brilhavam como se fossem esculpidas em vidro preto, e seus galhos pareciam murmurar palavras desconhecidas. Os céus tempestuosos emanavam uma estranha meia-luz; ainda era dia - ou pelo menos Clara pensava assim - mas não parecia.

Atravessaram o rio na orla da cidade por meio de uma ponte de ferro feia manchada de gelo não identificado... permanente, Clara adivinhou. Ela não podia evitar pisar neles, e sua bile subia a cada bater de suas botas. Do outro lado da ponte, Nicholas parou. Seu corpo cedeu como se carregado com peso novo. Quando Clara seguiu seu olhar, seu primeiro pensamento vergonhoso não foi a visão

lamentável diante dela, mas a si mesma: não podemos ficar aqui. Não podemos chamar a atenção deles.

As pessoas daqui, nas favelas do outro lado do rio, tinham afundado as bochechas e os olhos, afiados de desespero ou terrivelmente vagos. Clara não tinha certeza do que a perturbava mais. Suas posturas estavam curvadas, seus passos parando e quebrados. Contusões feias nublavam sua pele, verde e azul e manchadas de preto para combinar com o céu.

Mais notavelmente, eles não eram fadas; eles eram humanos.

Nicholas passou o casaco com mais força pelo corpo.

—Não olhe para eles. — Clara murmurou, com medo.

Ele entendeu e seguiu em frente, encarando seus pés. Ela abaixou a cabeça e fez o mesmo. Mesmo meio congelados e feridos, estavam menos... deformados do que essas pessoas, não tão ocos e finos como uma aranha. Essas pessoas eram fantasmagóricas, de alguma forma frágeis e anormalmente lânguidas, cutucando suas fogueiras com indiferença, roendo pedaços duros de carne cinza.

Um deles, um homem com pele de cobre doentia que antes poderia ser bonita, estava deitado em uma cama de trapos, cabelos presos na cabeça em pedaços descoloridos. Quando ele apertou uma vasilha suja no braço, seus olhos encontraram os de Clara. Uma agulha de prata entrou em sua carne; ele fechou os olhos e soltou um gemido.

Sob sua pele, algo disparou em seu braço, brilhando.

Quando o homem abriu os olhos, eles nadavam com cores não naturais. Uma luz fraca encheu seu rosto. Ele sorriu, umedeceu os lábios.

—Nicholas. — Sussurrou Clara.

Ele parecia revoltado. —Eu vi.

Uma jovem mulher se aproximou deles. Óleo e tinta manchavam sua pele; carvão manchava seus olhos em faixas bagunçadas.

—Uma prata por uma queda, senhor? — Ela disse, aproximando-se de Nicholas. Suas mãos, muito frágeis e finas para uma pessoa tão jovem, agarraram seu casaco desesperadamente. Os olhos dela estavam vermelhos; miséria beliscava seu rosto. —Ou você? — Ela se virou para Clara. —Você gosta de garotas? Eu sou bom com garotas. As fadas dizem que eu sou bom com garotas. Você já esteve no palco das casas externas, mas você ainda precisa ser bom o suficiente, ou eles não vão deixar você entrar. O que você acha? Cinco cobres? Quatro? É um roubo.

Mesmo quando Clara se afastou dessa mulher, ela não pôde deixar de perguntar: —O que aconteceu com você?

A mulher olhou para Clara, indignada, e se levantou. —Você não se trata, amor.

Nicholas gentilmente tirou as mãos da mulher do casaco. —Sinto muito, mas não tenho nada para lhe dar. Por que você não vai para casa?

Ele sorriu para ela, mas a mulher cuspiu a seus pés. Um homem coberto de feridas assobiou para ela de uma cabana próxima, e seus olhos se iluminaram com alívio frenético. Ela os deixou lá, mas sua voz, murmurando sugestões vis para o homem, seguiu Clara para a cidade.

Era um caos lá.

Apartamentos no topo de apartamentos, lojas sobre lojas - em fileiras muito altas e estreitas, oscilando sob o peso da desproporção. Um vasto mercado, agitado com vendedores ambulantes, se espalhava por estradas sinuosas e manchadas de óleo. Os bondes embelezados com pergaminhos de ferro lançavam fumaça negra, e grupos de ferrovias se estendiam acima, como as barras de uma enorme gaiola. Ao longo, uma grade de rios em cores berrantes cheirava a produtos químicos. Todas as portas, todos os telhados e carrinhos de compras pareciam apenas uma concha para o que havia embaixo - fios, engrenagens, barras, pistões, como se as máquinas fossem o sangue e os ossos da cidade, mantendo tudo junto. Eles caíram dos lados dos edifícios, alinharam-se nas calçadas, piscaram luzes azuis das gargantas de animais desfigurados puxados da água por pescadores de olhos vazios. Pedaços grandes e planos de vidro pendurados em todos os lugares - afixados em prédios, pendurados em postes de ferro delgados, conectados ao ventre mecânico da cidade com grossos fios em cachos. Líquido fosforescente borbulhava e fluía suavemente pelas superfícies de vidro, formando imagens, transmitindo som. Clara tentou não ficar boquiaberta. Como uma coisa dessas poderia ser construída?

Multidões de pessoas se aproximaram dela e de Nicholas, e passaram brutalmente batendo em seus ombros. Tudo fedia - de suor, decadência e algo docemente químico. Clara tentou não engasgar com o cheiro, com a proximidade de inúmeros corpos. Dedos deslizaram por ela, ombros batendo contra ela, olhos vagando sobre seu corpo, suas roupas, seu rosto. Alguns deles zombaram; alguns apenas a avaliaram.

Um pensamento alarmante veio a ela, e ela olhou para Nicholas. Seu rosto estava aberto, quebrado, como se ele tivesse esquecido completamente a possibilidade de perigo. Clara simpatizou: se ele estava dizendo a verdade sobre este lugar ter sido sua casa, ela supôs que o choque de ver algo que deveria ter sido familiar tão completamente virado em sua cabeça fosse horrível.

Se ele estava dizendo a verdade.

—Nicholas? — Ela passou o braço pelo dele, puxou-o para perto por privacidade. Uma coisa necessária, mas mesmo agora, naquele momento terrível, ela se sentiu repentinamente tímida. —Você disse que era um príncipe antes. Você será reconhecido?

Nicholas pareceu se sacudir. —Drosselmeyer tinha uma teoria. — Disse ele baixinho. —Outros também. Folclore mágico e estudiosos. Que a passagem do tempo em Cane difere da passagem do tempo além.

—Além?

—Seu mundo. — Ele sorriu fracamente. —Tão mítico para nós quanto Cane seria para você, eu acho. A maioria das pessoas não acredita nisso. Histórias que você conta aos seus filhos.

Clara parou, destruída por um repentino pensamento terrível. Um homem resmungão envolto em roupas com crostas de lixo correu para eles e começou a xingar no alto de seus pulmões, mas Clara mal percebeu. Ela puxou Nicholas para fora do caminho, em frente a um prédio torto, onde uma fileira de barracas esmagadas parecia indicar o local de um mercado. Em uma das barracas, um garoto estendeu uma tigela, na qual uma velha comia com uma colher marrom. Uma

onda de fome quase fez Clara tropeçar, mas primeiro ela teve que perguntar:

—Você quer me dizer que estamos aqui nem um dia. — Ela sussurrou. — Mas mais tempo do que isso poderia ter passado em Nova York?

—Eu não sei. São apenas teorias, eu lhe disse. — Nicholas viu a velha parar debaixo de seus cabelos. —Mas posso lhe dizer o seguinte: quando saí, havia poucos em Cane que não conheciam meu rosto, tantas vezes quanto viajei durante a guerra. E ninguém me reconheceu hoje, nem mesmo aquela mulher nas favelas.

Clara lutou por calma. —Então isso pode significar que mais tempo se passou aqui do que em Nova York. Talvez muito mais tempo. Certamente pelo menos algumas pessoas conheceriam seu príncipe mesmo depois... daqui a quantos anos?

—Dezoito. E você está certa, a menos que todos os que estão vivos durante o meu reinado estejam mortos. — Ele soltou uma risada suave e quebrada. Seus olhos brilhavam com uma angústia que Clara entendia bem. Perda, perda horrível. Dor e raiva, e o mundo sendo puxado para baixo dos pés.

Se ele estava fingindo, ela decidiu, ele era um ator surpreendente. Ela reconhecia o olhar de tristeza; em casa, ela o usara como uma segunda pele. Mas antes que ela pudesse responder, um homem com um olho e cabelos emaranhados de óleo os separou.

—Você é um cliente pago. — Disse ele, com a voz baixa e estridente. —Ou você sai do caminho.

Atrás dele, a velha servindo de despejo os encarava; uma cicatriz velha, grumosa como se fosse uma ferida mal costurada, se estendia por sua bochecha.

Nicholas parecia entediado, mas Clara viu a mão dele se aproximar da espada. —Quanto? — Ele disse desinteressado.

—Cinco cobres. Cada.

Clara tirou as jóias dos ouvidos. —Aqui. E essas? —Ela tentou seguir o exemplo de Nicholas e imitar o sotaque arrastado do homem. —Vale mais do que cinco cobres, aposto.

O homem de um olho embolsou os brincos com um grunhido e acenou com a cabeça para a velha. Ela voltou a ela com um cenho franzido, e então o homem de um olho estava empurrando para eles duas tigelas fumegantes, cor de mingau... "Sopa" parecia uma palavra generosa demais.

—Coma rápido e depois siga em frente. — O homem de um olho só se inclinou mais perto, com a respiração pútrida. —E não tente roubar essas tigelas também, ou você vai se arrepender de ter nascido.

Começaram a comer, com muita fome para responder à ameaça do homem, ou se preocupando com o fato de terem que comer com as mãos - queimando os dedos, driblando a gordura que provava vagamente sujeira nos queixos. Enquanto eles bebiam, a multidão no mercado passou por eles, uma maré sempre em movimento de miséria humana pontilhada com esplendor sombrio. Clara viu mais soldados, fadas de aparência rica em roupas finas com sujeira e até crianças feias - lideradas por seus pais, fantasiados de maneira extravagante, com o rosto primorosamente indiferente à medida que os humanos se separavam para dar lugar a eles.

A atenção de Clara voltou para o homem de um olho. Ele ficou de sentinela a alguns passos de distância, braços cruzados. Um olho. Embora ele não pudesse ter sido mais diferente dele, ela pensou no padrinho de qualquer maneira. O coração dela, traído como estava, doía pelos braços dele, a cadência de sua voz enquanto ele contava uma piada ridícula. Uma imagem horrível - do padrinho preso entre mundos, preso em algum limbo mágico da porta que se fechava quando ele tentara segui-los - a fez estremecer, mesmo quando outra parte dela se contorceu de satisfação culpada com o pensamento. Talvez ele merecesse tal destino, por contribuir com a morte de sua mãe.

Mesmo enquanto pensava nisso, ela não acreditou. Ela olhou para as mãos em busca de âncora. Miséria, como uma lâmina em seu coração. Miséria, fúria e uma terrível falta - uma falta de padrinho, sua vida é uma constante.

—Ele não é o que você pensa que é, você sabe.

Clara ficou satisfeita ao ver Nicholas se encolher quando ela olhou para ele. —De quem você está falando?

—Você sabe. — Ele inclinou a tigela, bebendo o resto de sua sopa. O homem de um olho estava olhando para eles; eles conversaram em pedaços, baixos, os lábios mal se movendo. — Drosselmeyer. Na corte, eles o chamavam de tolo do rei, e ele concordou. Para diminuir as expectativas das pessoas, eu acho. E eu sei que ele era o mesmo para você - um tio tolo para quem você se virou quando sentiu vontade de fugir do mundo. Mas eu o conheço de verdade, para o bem ou para o mal.

Irritada, ela endureceu. —Ele é brilhante e me ama.

—Sim. — Ele disse calmamente. —O que mais posso dizer sobre ele, não posso negar que você era tudo para ele.

Oh, saudade horrível, horrível. Padrinho. Ela queria chorar, mas se recusou a permitir.

—Clara. — disse Nicholas, com os olhos no rosto dela. — Ele nunca mentiria para você sobre sua mãe se não fosse a coisa certa a se fazer. Que bem faria você saber a verdade?

—Isso não muda o fato de que ela ainda estaria viva se não fosse por ele. — Ela fez uma pausa. —Também não foi para você pensar nisso.

—Como se eu pudesse ter feito qualquer coisa para salvá-la, amaldiçoado como estava.

—E você obviamente irritou alguém poderosamente para ganhar esse destino. — Ela continuou, satisfeita por ter encontrado uma vantagem. —Se você não tivesse, a mãe ainda pode estar viva.

Ele não tinha nada a dizer sobre isso. Clara também não deveria, pensou Clara, indignada e insatisfeita. Toda vez que falava da mãe em voz alta, sentia-se recentemente desolada; aqui não era diferente. Ela se abraçou, doente de coração e lutando por uma clareza de pensamento que não viria. Se Nicholas sentiu a pontada de culpa, certamente conseguiu escondê-la. Complicado com aquela nota perpetuamente meio divertida em sua voz. Isso a lembrava de seu pai, estranhamente, ou de algum dos políticos de sua terra natal - nunca genuíno, sempre dando um show.

Desconcertada, e por mais improvável que ela encontrasse seu pai em um espaço público, ela procurou na multidão uma cabeça ruiva e despenteada familiar entre todas as outras - negros e brancos,

verdes, rosa e azuis. Aparentemente, tintura estava na moda. Ao lado dela, Nicholas raspou as laterais da tigela, com o cabelo meio sobre o rosto. Ele estava cantarolando uma melodia baixinha, mas seus olhos estavam afiados no painel fosforescente pendurado na parede oposta a eles. Depois de um tempo, Clara também assistiu, hipnotizada pela sequência de cores e sons.

Um padrão de rolagem de letras azuis fortes dizia: *Agora o toque de recolher para Zarko começa às dez horas. Qualquer pessoa fora de casa após o toque de recolher estará sujeita a realocação. Qualquer pessoa nas zonas de pico será executada.*

Uma sequência brilhante de música, cor e luzes piscantes: *Açúcar! Você quer, precisa, os afortunados sangram. Voe alto, sinta sua força! Sorria largamente, sorria brilhante! Disponível em forma de cápsula nova e conveniente - de alta qualidade! - em sua estufa local.*

Atenção, moradores de Zarko.

Uma imagem formada por uma mulher em diamantes - uma mulher feérica, com aquele rosto elegante e as orelhas compridas e pontudas, apesar de não serem tão longas quanto as de Borschalk, nem tão longas quanto as outras no mercado.

O rosto dela iluminava o painel que Clara estava assistindo, assim como inúmeros outros pendurados nos telhados e nas laterais das pontes. Todos exibiram a mesma imagem, e essa imagem silenciou a multidão de uma vez. Um homem espancando um batedor de carteiras o deixou cair no chão. O rosto severo do homem de um olho ficou frouxo - com admiração? Com alegria.

A mulher nos painéis sorriu.

Nicholas congelou, tigela a meio caminho da boca.

Clara ficou rígida. Ela poderia largar a tigela e recuperar os punhais das botas em questão de segundos, se necessário. —O que é isso?

Seu corpo vibrou com energia, ou talvez esse fosse o próprio mercado; tudo parecia subitamente carregado de tensão.

—É ela. — Ele disse baixo. —É Anise.

—Algo grave chamou minha atenção. — Disse Anise, suas palavras como geada no ar, fresca e leve. —Trazidas a mim há pouco tempo pelos meus oficiais no perímetro. — Ela se inclinou para mais perto. Ela tinha a idade de Clara ou era muito mais velha? Impossível dizer, mas ela era indiscutivelmente adorável. Longas tranças brancas deslizavam sobre um ombro branco e nu. —Temos fugitivos em nosso meio.

Um murmúrio baixo retumbou através da multidão. Pessoas com suspeita nos olhos vasculharam o rosto dos vizinhos.

—Agora, não se assustem. Não é preciso ter medo. — A voz de Anise flutuou acima deles, clara e distante maternal, como uma mãe confortando superficialmente seus filhos. Olhos azuis curiosos passaram pela multidão. Quando eles chegaram onde Clara estava, Clara baixou os olhos para o chão. Anise podia vê-los? Qual foi esse poder que lhe deu a capacidade de projetar essa imagem em toda a cidade?

—Na verdade, vocês devem comemorar. — Disse Anise. — Vamos fazer deste um jogo. Meus soldados já estão caçando, mas nosso país é vasto. Zarko tem muitos residentes, você está mais próximo de seu ponto de entrada. Os fugitivos provavelmente estão entre vocês neste exato momento.

Clara se sentiu subitamente nua. Ela ficou tensa, pronta para correr.

—Vamos correr se for necessário. — Disse Nicholas baixinho.

Clara assentiu, lambeu os lábios. O homem de um olho estava olhando para eles com interesse renovado?

—Se você nos ajudar a rastrear esses invasores. — Continuou Anise. —E entregá-los para mim - vivos - você será generosamente recompensado: trazido para a capital, com quartos em Wahlkraft para uma estadia prolongada de luxo e capricho, hospedado por mim mesma. — Um sorriso apareceu no rosto de Anise, mas Clara estava familiarizada com tais sorrisos. Em casa, ela os via todos os dias - falso, zombador, quase reprimindo o ódio. —Os baixos serão elevados, os escravizados serão reis. Considere isso como um presente, mesmo que você não o mereça.

O mercado palpitava com um desejo repentino e violento. Em aparente êxtase, uma mulher disparou em direção ao painel mais próximo, com os braços estendidos, exclamando agradecimentos, antes de ser arremessada impacientemente ao chão pela multidão. Ela não se levantou novamente.

Ao lado de Clara, Nicholas estava furioso. —Eu vou matá-la. — Ele bateu o punho na coxa. —Sinndrie testemunha, eu vou rasgar seus membros de membros.

—Cale a boca. — Clara assobiou. Mas ninguém lhes deu atenção. Por que eles iriam, com Anise falando?

Clara não podia culpá-los. Os braços de Anise estavam envoltos em seda com gumes de pele. Sua pele brilhava com pó iridescente e prata pingava de seus cabelos em carretéis brilhantes. Quando ela

respirou, os diamantes em seu decote brilhavam à luz. Quando ela sorriu, foi com certeza... sensualidade que Clara nunca tinha visto antes, nem sequer imaginado.

Clara corou e desviou o olhar.

—Ainda não temos muitas informações sobre eles, mas sabemos que existem dois: um jovem e uma jovem, pouco mais que crianças. Mas não se deixe enganar pela juventude deles. — Anise olhou para baixo e passou os dedos por algo invisível. — Conseguimos capturar um único cromógrafo durante a infiltração. Dê uma boa olhada, cidadãos. — A voz dela se curvou desagradável na palavra. —Estes são eles. E lembrem-se, eu os quero vivos.

A boca de Clara ficou seca quando a imagem na tela antes dela passar da de Anise para uma de Nicholas e ela mesma, de mãos dadas, rastejando dos destroços do trem em ruínas.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Imediatamente houve um tumulto.

A multidão entrou em movimento, empurrando e arranhando uma à outra na pressão frenética em direção à parede do perímetro. Gritos excitados e sem palavras ecoaram por todo o mercado. Faíscas azuis das lanças das fadas caíam dos telhados, e risadas zombeteiras ecoavam mesmo acima dos gritos dos pisoteados.

Nicholas puxou Clara para perto, o braço em volta dos ombros dela, e juntos eles manobraram através da multidão fedorenta e ansiosa. Clara nunca se sentiu mais exposta, mais presa. Ela desejou que seus cabelos fossem mais sujos - eles encontrariam sua cabeça ruiva em um instante; eles a encontrariam, e então o que? O pai iria definhar neste mundo, esquecido, e Felicity seria condenada a um inferno próprio, sem explicação para o motivo pelo qual Clara a abandonara.

Um soluço ficou preso no fundo da garganta de Clara com o pensamento.

No alto, os painéis brilhantes haviam retomado sua sequência anterior de avisos de toque de recolher e anúncios de açúcar. Anise se foi.

—Eu os vi! — Uma voz berrou.

Clara se virou e viu o homem de um olho acenando com os braços em busca de atenção, procurando freneticamente pela multidão.

—A garota, ela tinha cabelos ruivos! Eles estavam bem aqui. Eu os servi!

Uma onda de pessoas convergiu para ele, derrubando-o no chão em um frenesi de mãos estendidas e perguntas ofegantes.

—O que há de errado com eles? — Clara engasgou. Era tudo o que ela podia fazer segurando o braço de Nicholas enquanto eles lutavam.

Nicholas riu, uma vantagem nisso. —Eles a amam. Você não vê?

Um tipo estranho de amor, sim, ela podia ver isso - um medo e ódio ofuscados pela obsessão, por uma necessidade que Clara não entendia. Ele fervia no ar acima dos enxames de pessoas; seus olhos brilharam com isso. Uma necessidade de agradar Anise? Uma necessidade de sobreviver. E então, Nicholas havia dito que as fadas podiam encantar, o que quer que isso significasse.

Clara sentiu também: uma compulsão, um desejo inexplicável em seu sangue. Anise era a chave para encontrar o pai; isso era óbvio.

Mas Anise era mais do que isso - essa agitação repentina dentro de Clara era mais do que isso. O sorriso de Anise apareceu em sua mente, uma armadilha brilhando com jóias, e mesmo o caos da multidão não conseguiu abalá-lo.

Eles se abrigaram em um beco, um pedaço sujo e estreito de uma coisa iluminada por lanternas tremeluzentes.

Clara andava de um lado para o outro, estrategicamente, tentando se livrar da mania do mercado. Pelos cálculos aproximados, era o final da tarde, mas as tempestades no céu já haviam mergulhado a cidade na escuridão. Eles seriam capazes de se esconder aqui, pelo menos por um tempo.

—Precisamos mudar. — Disse ela. —Nós precisamos parecer diferentes. A cidade inteira viu nossos rostos, nossas roupas. Somos alvos ambulantes.

—Zarko. — Disse Nicholas, quieto nas sombras enquanto espiava pelo beco. Figuras passaram correndo, gritando; as ruas estavam cheias de entusiasmados novos caçadores de recompensas. —Foi assim que ela chamou.

—Então você não conhece esta cidade?

—Eu te disse, Clara. Não sei nada sobre esse lugar agora. Eu só estou supondo, eu sei tanto quanto você.

—Mas você nunca ouviu falar de Zarko? Não estava aqui antes?

—Não.

Clara se afastou dele e fechou os olhos; ela sabia que não lhes faria nenhum bem se ela fosse em pedaços. Mas como ela poderia se concentrar em encontrar o pai diante de tanta coisa desconhecida, com tantas pessoas em sua busca?

Depois de um momento, ela pôde falar novamente. —Esse painel disse algo sobre o toque de recolher, então seja o que for que Zarko seja, é estritamente regulamentado.

—Eu também ouvi algo sobre açúcar. Embora, suponho, não seja o tipo que você encontraria em uma cozinha.

Clara não respondeu, então retirou uma das adagas e começou a serrar as saias do corpete - elas eram pesadas de qualquer maneira, e agora eram uma marca de identificação. Depois de arrastar as palmas das mãos pelo chão, ela jogou sujeira em si mesma, nas roupas e nos cabelos. Cada movimento em sua pele macia provocava lágrimas. Ela notou, com um sobressalto, que suas feridas - as queimaduras da tempestade de neve, os cortes dos batedores - haviam se curado mais durante a última hora ou duas do que parecia normal. A observação a sacudiu. Ela se perguntou se estava tendo alucinações; seus olhos se espalharam com o pensamento, mas ela não se mexeu para limpar o rosto.

Nicholas assistiu em silêncio.

—Vamos descansar aqui por um tempo. — Disse ela. —Está ficando escuro. As sombras vão nos esconder.

—Concordo.

—Deveríamos encontrar roupas novas quando acordarmos. Enquanto isso, vamos nos disfarçar o mais completamente possível.

—Vou seguir seu exemplo impressionante, mas posso ficar longe do... o que quer que seja que você tenha colado na sua frente.

—Você faria bem em usá-lo. — Sua respiração estava diminuindo; ela achava cada vez mais difícil reprimir os soluços do prédio. —Não é provável que as pessoas se aproximem de um homem coberto de lixo. E você deve disfarçar seus pedaços de metal o máximo que puder.

Nicholas hesitou e depois começou a raspar a sujeira no próprio rosto. O cheiro de ambos fez Clara querer vomitar, mas havia uma certa satisfação no cheiro. Ela mereceu, por esta catástrofe, pelo destino de sua família.

—Clara. — Nicholas disse calmamente depois de um momento. Ele colocou a mão no braço dela. —Desacelere.

Ela não olhou para ele. —Depois de disfarçados, podemos nos mover com mais liberdade. Encontre algum tipo de eixo de informações. Uma estação de soldados, talvez, ou um local de comércio.

—Clara.

—Diga-me tudo o que você sabe. — Ela sabia que ele podia ver suas lágrimas, e ela não se importava. —Tudo que você lembra. Eu preciso saber, mesmo que isso não pareça mais relevante.

Seu rosto era solene enquanto a observava. —Nós vamos encontrá-lo, Clara.

—Vamos? — Ela soltou um som pequeno e instável. Parecia improvável. — Não conheço nada deste lugar, e nem você, ao que parece.

—Então vamos descobrir juntos.

—E cada momento que passamos descobrindo é outro momento mais próximo da morte de meu pai, mais próximo da de minha irmã... Nicholas, se eu não voltar para Nova York dentro de uma semana, com meu pai vivo e inteiro, eles matarão minha irmã. Concordia vai entregá-la ao Dr. Victor para fazer o que ele quiser, e esse será o fim. Dela.

De mim.

Nicholas se virou.

—E eu não sei o que aconteceu com o pobre padrinho. Eu deveria odiá-lo, mas não o faço, e não suporto pensar em nada acontecendo com ele. — Clara se dobrou em um nó imundo no chão, seu desfiladeiro subindo. E este lugar... é nojento.

Ela não quis dizer isso, mas era escandalosamente verdade. Nicholas fez uma pausa e depois começou a rir, e depois de um momento Clara também - risadas erráticas que lutavam com as lágrimas. Ela colocou a mão sobre a boca para segurar tudo. Sua palma cheirava profana, e isso a fez rir ainda mais.

—Oh, Clara. — Nicholas suspirou, deslizando para se sentar ao lado dela, ainda rindo. Ele se virou para ela, sujeira lutando com metal para fazer de seu rosto um mosaico de ângulos estranhos. Mas seus olhos escuros eram alegres e suaves. —Se você pudesse ver como Cane era antes. Você prefereria muito, eu acho. Não foi bem assim... alto. Nem tão disforme.

Alto. O zumbido dos trens no alto fez Clara olhar para cima e tremer. Ele a estava distraindo e, embora a parte urgente dela se sentisse insultada, ela sabia que eles não poderiam fazer mais nada até que tivessem pelo menos uma ou duas horas de sono. Ela uniu os dedos e tirou a família de seus pensamentos, deixando sua mente aberta e pronta.

—Conte-me sobre isso. Cane, antes.

Nicholas ficou quieto por um momento. —Eu acho. — Ele começou devagar. —Que onde estávamos hoje de manhã era o Anel de Mira.

—O que é isso?

—A extremidade do mundo. — Ele sorriu um pouco. —Ou assim as histórias chamam. Então, meus velhos contos de dormir chamavam. O último trecho de terra antes de chegar ao mar. Sempre foi tempestuoso, mas nunca gostou do que vimos. Dizem que o anel de Mira se formou quando uma maga foi traído por seu amante. Seu fantasma vagueia ainda, de coração partido, arrastando o inverno para sempre atrás dela. Ele circunda todo o país.

—Uma maga. — Disse Clara. —O padrinho nunca me falou sobre eles.

Nicholas riu. —Não, provavelmente porque ele temia que, se os mencionasse, seria incapaz de parar de confessar.

—Confessando o que?

—Que ele é um ele mesmo.

Levou um momento para realmente ouvir as palavras. Mago. Isso ecoou em sua mente como o chamado de alguém novo e, de certa forma, querido - um estranho abrindo braços amorosos para ela. Afinidade rápida. Reconhecimento até os ossos.

Claro que o padrinho era um mago. Claro. Homens normais não contavam histórias como o padrinho, homens normais não conseguiam acalmar os cavalos em pânico com uma palavra, e homens normais não tinham sangue prateado.

—O padrinho é um mago. — Disse ela, mais para tentar a idéia em voz alta do que para a confirmação de Nicholas. Foi a frase mais ridícula que ela já pronunciou e a mais satisfatória.

Tantas perguntas não feitas agora respondidas. Um enigma que ela não sabia que precisava ser resolvido.

Nicholas, curioso: —Você está bem?

Ela se virou para ele, sentindo-se brilhante com uma nova clareza, inquieta e ainda não, e balançou a cabeça.

—Suponho que deveria me surpreender. Assombrada e boquiaberta.

—Você não está?

Ela estava? Por um momento ela considerou. —É apenas...— Ela sorriu. Não. Ela não estava. A parte racional dela ficou surpresa. Claro que sim. Mas o resto dela - a maior parte dela, que o padrinho havia criado por muitos anos com tanto cuidado - essa parte dela estava simplesmente satisfeita. Silenciosamente triunfante e conhecedor.

—Você não acredita em mim. — Disse Nicholas.

—De fato eu acredito. Na verdade, eu costumava fingir que ele era algo assim. Um assistente ou... Eu não sei. Eu era jovem, e ele era um homem estranho e temível, que falava sozinho e usava um tapa-olho e construía os brinquedos mais requintados. Qualquer criança pensaria que ele era mágico na forma de um homem. Eu me convenci de que isso era um absurdo, mas...

Eles estavam calados então. A nostalgia de Clara diminuiu em uma tristeza opaca e opressiva, seus pensamentos girando entre o padrinho e a mãe, pai e Felicity e mulheres solitárias com o inverno a seus pés, e Anise com seus olhos azuis afiados e as multidões de pessoas que Clara podia ouvir, mesmo agora, zumbindo nas ruas em busca deles. Magia. Magos. A cabeça dela inclinou-se com vertigem. Ela não seria capaz de dormir.

—Vamos encontrá-lo, Clara. — Disse Nicholas, finalmente, e seu rosto na penumbra era tão sério e carinhosamente infantil que ela

estendeu a mão sem pensar e tocou sua bochecha. Quando seus dedos encontraram a lasca de metal em sua têmpora, sob seus cabelos, memória, familiaridade e admiração se misturaram docemente dentro dela. Uma dicotomia curiosa, essa dura e macia, essa carne quente e aço frio. O familiar e o não familiar, homem e metal.

Entre eles, hálito quente no ar gelado. Um lento rastejar de tensão.

Nicholas deixou os olhos se fecharem. —Você sabe quanto tempo faz desde então...

Ela esperou. —Desde?

—Não importa. — Sua voz era baixa, medida. Gentilmente, ele se afastou do toque dela e colocou o casaco do padrinho sobre os dois ombros. —Nós devemos descansar.

Enervada, Clara ficou em silêncio. Toda vez que Nicholas trocava, ela se encolhia; sempre que um acidente vinha de um apartamento no alto ou um grito ecoava nas ruas, ela olhava de novo para a escuridão. A exaustão lutava com inquietação.

Pai, onde está você? Absurdamente, ela pensou na noite que se aproximava. Se houvesse verdadeiramente mágica em Cane, talvez ele de alguma forma pudesse ouvi-la.

Mas não houve resposta, é claro. Não havia nada além de sons de pessoas e apitos de trem, e a presença calorosa do corpo de Nicholas.

Clara sentiu-se pronta para gritar. Ela não suportava esse silêncio.

—Por que você está me ajudando? — Ela sussurrou. Ela não quis dizer isso em voz alta.

No começo, ela pensou que Nicholas estava dormindo, mas depois ele disse, sem olhar para ela: —Porque você me ajudou. Você lutou com os batedores para que Drosselmeyer pudesse me libertar. Você poderia ter morrido.

—Então é uma questão de dívida?

—Estritamente falando.

Havia mais em suas palavras, mas ela estava preocupada demais para explorá-lo. —E o que você fará se o encontrarmos?

—Quando o encontrarmos.

—Sim. O que então?

—Eu não sei. Eu tinha pensado em retomar meu trono. —Ele disse casualmente, como se não fosse nada. —Quão ingênuo eu era. Eu pensei que poderia voltar e as pessoas me reconheceriam, se juntariam ao meu lado, lutariam com ela comigo, por amor a mim, por lealdade. Mas ninguém me reconhece. E mal me reconheço, ou Cane.

Clara não sabia o que dizer sobre isso, como responder à falsa leveza em sua voz. Obviamente, mascarava o desespero, mas a dela era ótimo demais para oferecer conforto. Então ela não disse nada e tentou forçar um sono que não viria.

—Eu imaginei isso. — Ela o ouviu dizer baixinho depois de um longo tempo. —Na loja. Imaginei estar ao seu lado.

Clara fingiu dormir para não ter que responder, mas seu coração bateu de repente mais rápido, e uma ternura terrível a aqueceu. Ficou aliviada quando ouviu a respiração dele se igualar e tentou esquecer as palavras dele. Eles não fariam nada além de amolecê-la, e, por mais gentil que ele tenha sido, ocorreu à parte dela

treinada suspeitar e defender que esse amolecimento poderia ser sua intenção.

Ela acordou com gritos.

Eles a arrancaram do sono, e Nicholas também. Por um momento eles ficaram quietos, ouvindo.

Então os gritos voltaram.

Clara os viu primeiro - três figuras no final do beco, empurrando uma figura menor entre eles. Era uma menina, e os gritos eram dela.

—Não se mexa. — Clara sussurrou. —Se ficarmos calados, acho que eles não vão nos notar.

Mas Nicholas já estava se levantando. Ele pegou sua espada.

—Temos que ajudá-la.

As figuras jogaram a garota no chão.

—Por favor, não! — A menina gritou. —Por favor!

Clara se levantou e se virou. Ela ansiava por correr até eles, causar estragos com suas lâminas. Mas a ameaça de ser pega a mantinha quieta - sua família dependia dela.

Isso não aliviou a sensação de mal estar no estômago.

—Ignore-os. — Ela respirou. —Tampe seus ouvidos.

No alto, luzes piscavam nas janelas; um par de pássaros de olhos azuis empoleirados em um telhado para assistir. Os gritos da garota ficaram ensurdecedores. Ninguém a ajudaria?

Nicholas olhou para ela. —Você está louca? Não podemos esperar e deixar isso acontecer.

Clara agarrou o braço dele. Garoto estúpido, tolamente nobre.

—E se eles nos virem e formos pegos?

—Nós não estaremos. Lutamos contra um trem cheio de fadas. Fui criado pela guerra e vi seu treinamento. Nós podemos lidar com eles. — Ele se aproximou, seu rosto feroz. — Você é poderosa, Clara. Ou poderia ser, se você deixasse seu medo por tempo suficiente para percebê-lo.

Como se atingida, Clara se afastou dele. De repente, ele pareceu tão impaciente com ela, tão enojado. Ela ficou tentada a dar um tapa nele pelo insulto - mas então, ele estava certo, não estava? Ela estava fraca por tanto tempo.

Ela enrolou as mãos em punhos. Só assim - uma mudança, uma centelha de raiva.

Ela não seria fraca desta vez.

A garota estava lutando para se levantar, mas uma das figuras a empurrou de volta. Clara se inclinou para tirar as facas das botas e seguiu Nicholas, com punhais na mão.

É mais uma dança do que qualquer coisa, lutando, a memória do padrinho sussurrou. *Fique leve nos dedos dos pés. Fique fluida. Fique dois passos à frente deles. A velocidade mata mais rapidamente que a força.*

Os atacantes da garota os ouviram chegando. Clara os viu se virar, apertando os olhos na escuridão.

E então ela e Nicholas estavam neles, pulando nos ombros primeiro. O homem que Clara bateu foi pego de surpresa, e ela o derrubou facilmente. Ele caiu com um grunhido, e ela rolou sobre ele, deixando o movimento a empurrar para seus pés.

O homem a seguiu, mais ágil do que parecia, e se lançou. Seus punhais o agarraram pelo peito, e fitas escuras de sangue floresceram em sua camisa encharcada de suor. Clara hesitou, com repulsa por tirar outra vida, fazendo-a fazer uma pausa - não uma vida normal, nem mesmo uma vida feérica, mas uma vida humana - mas, então, esses homens não eram inteiramente humanos. Como o Dr. Victor, a crueldade deles os definia, despojava-os da personalidade. Não homens, mas animais. Não melhores que os batedores. O pensamento reforçou Clara.

Mas os olhos do homem estavam no rosto dela, e ele sabia.

—É você. — Ele sussurrou. —Da proclamação da rainha.

Rainha?

Ele mergulhou para ela novamente, desta vez ganancioso, desajeitado e de olhos ansiosos. Ela atacou e o esfaqueou no estômago.

A adaga afundou horrivelmente em carne e órgãos com um terrível jorro de sangue quente, mas tinha que ser feito, e ela não se sentiu culpada, com os gritos da menina ainda ecoando em sua cabeça. Ela se virou quando o corpo dele caiu, puxando suas adagas. Onde estava Nicholas? Ela se virou, procurando por ele, mas outro homem estava lá, saltando sobre o corpo de seu antecessor. E ele estava com raiva.

Clara tentou evitá-lo, mas a grande maioria de seu corpo a pegou, derrubando um de seus punhais. Ela bateu com o outro, mas ele se abaixou e pulou nela, pegando-a pela garganta e batendo-a contra a parede. Seu aperto era forte, prendendo a mão dela na pedra, tornando sua adaga restante inútil. Ela sentiu as primeiras pontadas de medo.

Ele viu isso no rosto dela. Seu pescoço estava carregado de joias rudes; o alcatrão revestiu os dentes. —Ah, não é tão corajosa sem suas garras, não é, gatinha?

O movimento sussurrou além dele - grunhidos, suspiros de surpresa. Ele estremeceu e tossiu; sangue voou de seus lábios, respingando em seu rosto. Ele caiu, e ela se contorceu, procurando suas adagas. Ah - lá no chão, prateado brilhante. Ela as agarrou e girou, pronta para saltar.

Nicholas puxou a espada das costas do homem.

O terceiro homem, já abatido, estava inerte atrás dele.

Nicholas, respirando com dificuldade, pegou seu olhar e ela assentiu. Ela estava bem. Tremendo, girando a cabeça, doente com o cheiro de sangue, mas tudo bem. E Nicholas também estava, ela notou, embora seus olhos brilhavam com a mesma luz forte do trem, e ela pensou, como tinha feito a primeira vez, que isso lhe convinha muito bem. Ela reconheceu esse desejo de violência justa, pela euforia que veio depois. Ela pensou nas palavras dele: fui criado pela guerra.

Tantas histórias ainda a serem contadas, tantos segredos a serem descobertos. Isso aconteceria em breve; Clara se asseguraria disso, e se Nicholas tentasse evitá-la, bem, ela ainda teria suas adagas.

E, aparentemente, a habilidade de usá-las contra sua própria espécie, afinal - uma conquista simultaneamente encorajadora e aterradora.

Sombriamente, ela limpou as lâminas no casaco do homem caído mais próximo, embainhou-as e virou-se para encontrar a garota. Ela era uma coisa minúscula, uma bola no chão, braços dobrados sobre a cabeça.

—Olá? — Clara se ajoelhou ao lado dela. —Está tudo bem. Eles foram embora.

—Deixe-a. — Disse Nicholas, examinando a escuridão. —Ela não está ferida. Se ela nos ver...

A garota olhou para eles.

Nicholas suspirou e passou a mão cansada pelo rosto.

Ela era uma criatura minúscula, com pele pálida e olhos pretos e cabelos azuis espetados. Uma variedade de joias penduradas em suas orelhas e duas menores em seu lábio inferior; sua jaqueta de retalhos se abriu e revelou, curiosamente, pequenas fileiras de ferramentas em bolsas amarradas. Seu rosto era jovem, mas sua expressão - fechada, desconfiada, cansada - não era.

Clara tentou sorrir, embora cada segundo que eles demorassem, cada segundo que a garota estudasse seu rosto fosse um relógio sinistro passando dentro dela. —Você está segura agora. Qual o seu nome?

A garota se levantou, seus olhos afiados. Ela cuspiu sangue vermelho. Humana, então. Ou pelo menos não fada. —Nome é Bo.

—Bo. Isso é bonito.

Os olhos de Bo esvoaçaram sobre os corpos dos homens. —Você os matou, matou? Por quê?

Nicholas olhou para cima surpreso. —Eles estavam machucando você.

—Ha. Tudo certo. Então, o que você quer?

Quando Clara não respondeu, perplexa, Bo franziu a testa. —Ninguém luta de graça. Você quer que eu limpe algo, roube algo, o que?

—Esse é realmente o jeito das coisas? — Nicholas disse calmamente.

Os olhos de Bo se estreitaram. —O que você quer dizer?

—Ah, imaginando um lugar onde as meninas não sejam agredidas na rua e depois perguntem aos socorristas qual é o pagamento.

—Olha, quem você é...— Então Bo fez uma pausa. O rosto dela mudou e Clara viu reconhecimento. Seu estômago afundou quando os olhos de Bo passaram entre ela e Nicholas, e voltaram novamente.

—Hã. Então essa escória não estava brincando. Você é a recompensa da rainha. — Bo apontou para Clara. —Pelo menos você é. Eu reconheço você. Mas você... — Ela levantou uma sobrancelha para Nicholas. Ela respirou trêmula, deu um passo à frente e deu um passo para trás. Por um momento, sua dureza desapareceu e ela parecia ter a idade. —Você não conseguia ser visto tão bem. E agora eu vejo o porquê. Provavelmente a rainha não queria que a víssemos tão bem.

Clara mal conseguia respirar. A mão de Nicholas estava em sua espada, mas em seus olhos... oh, seus olhos continham uma luz cuidadosa.

—O que você quer dizer? — Ele disse lentamente.

O rosto de Bo estava duro mais uma vez, oscilando à beira do colapso. Sua expressão guerreava consigo mesma. —Onde você esteve? Hmm? Ou você não é quem eu penso que é?

—Tenho certeza de que não sei-

—Há histórias antigas. — Bo ficou de pé, olhando para ele, duas vezes mais formidável do que ela era alta. —E alguns de nós se lembram delas. Não muitos. E alguns de nós não gostam de falar sobre isso. Não é seguro falar sobre isso. Mas alguns de nós se lembram delas. Alguns de nós fomos ensinados. Mais de nós do que os drekks gostam de pensar. — Ela enfiou um dedo no peito de Nicholas, e sua voz tremia com uma emoção profunda demais para alguém tão jovem suportar. —É você, não é? Afa tem um livro velho, ela tem, tão velho, e há fotos nele. Relatos de estudiosos, aqueles que as fadas não queimaram. E você está nisso. Pelo menos eu acho que você está. Às vezes, as pessoas desenham nas ruas, na sujeira, nas paredes. As fadas os queimam, é claro. Eles não querem que ninguém se lembre. Talvez eu esteja sonhando. Talvez eu esteja morta. Como isso é possível? Você não parece mais velho. — O rosto dela estava amassado agora, mas quando Nicholas a alcançou, ela se afastou.

—Bo. — Ele disse gentilmente. —Sou eu. Eu estive em algum lugar... outro. Em algum lugar onde o tempo funciona de maneira diferente. Eu estava preso lá, então não cresci como teria crescido aqui.

—Prove, então. — Ela cuspiu. Tirou da jaqueta uma pequena faca e a manteve firme. —Ou eu vou estripá-lo, socorristas ou não.

Nicholas se ajoelhou e baixou a espada, e embora Clara quisesse gritar para ele parar, correr, ela não podia. Em seu rosto brilhava uma

tristeza nua - por aquela garota, chorando baixinho, com a faca e a cabeça erguidas; pelas pessoas se despedaçando nas ruas caçando-o; para este lugar que não era nada do que ele pensava que seria.

Com os olhos fixos nos de Bo, Nicholas começou a cantar:

—O cavaleiro e a rainha pirata,

As almas mais valentes que já existiram,

O pedreiro e o violinista também -

Eles vieram para mim, vieram para você....

Clara respirou fundo; era a música de antes, a que ele cantarolava no mercado. Era tão surpreendente ouvir sua voz baixa e sombria dessa maneira que Clara não podia fazer nada além de olhar. Ele parecia cuidadoso, como se tivesse medo de cantar as palavras muito alto e terno - talvez para confortar Bo?

A expressão de Bo estava cheia, tumultuada, embora ela não abaixasse a faca.

Nicholas continuou:

—Sinndrie mandou os falcões para longe,

Com Zoya de pé ao seu lado.

A mensagem deles voou através de rochas e árvores...

Bo se aproximou, seu rosto apertado de emoção e cantou:

—Debaixo das montanhas, sobre o mar.

Nicholas sorriu e, quando eles continuaram, estavam juntos - duas vozes abafadas, uma infantil e uma, Clara se assustou ao perceber, bastante real. E quanto mais eles cantavam, mais sólida se tornava a sensação de retidão ao seu redor, como se o ar naquele beco úmido pudesse ouvir a melodia e estivesse respondendo a ela - florescendo, como faria uma flor. Foi uma sensação tão tangível que

Clara examinou os arredores, esperando que alguém os observasse, mas era apenas a escuridão, e uma sensação de que algo invisível estava puxando, ansiando, por Nicholas e essa criança de cabelos azuis.

Bo deve ter sentido isso também; enquanto cantavam, ela olhou ao seu redor, com medo - com medo de perder essa sensação? Com medo de que ela estivesse imaginando coisas?

—*O violinista veio de gelo e neve,*

O passageiro, onde as areias vermelhas fluem,

O pirata deixou seu trono oriental,

O pedreiro cavou terra e pedra.

Eles nos trouxeram música, luz e vida.

Eles trouxeram um navio, um cavalo, uma faca...

Bo tinha parado, tremendo. Nicholas pegou a mão dela e sorriu.

—*Através de mares tempestuosos e fendas secretas,*

De Além eles vieram....

—*Como presentes*. — Bo terminou. E então ela jogou os braços em volta do pescoço dele, sussurrando: —Sua Alteza, senhor, você voltou. — Em seu ombro. A sensação de magnetismo que vinha construindo em torno de Clara desapareceu abruptamente, deixando-a pequena e despreocupada.

—O que aconteceu aqui? — Ela disse sem fôlego.

Nicholas virou-se para ela, seus olhos urgentes, sua voz frágil. —Eu me perguntei se ainda funcionaria, com seus truques obstruindo o ar. As canções antigas, quando cantadas por um membro de uma das famílias reais, chamam à terra, e então a terra nos reconhece, se aproxima. Uma sensação inconfundível e uma marca de identificação

tão boa quanto qualquer marca da carne. Eu tinha pensado, com a corrupção das fadas... — Ele riu, colocou a mão no chão manchado de óleo como se fosse um velho amigo. —Eu pensei que poderia não funcionar. Eu tinha medo de tentar.

—Nem mesmo as fadas podem estragar as músicas antigas. — Bo disse ferozmente, enxugando os olhos. —Nem mesmo Anise.

Nicholas deu um sorriso agradecido. Toda a troca doeu Clara com ciúmes e medo. Ela duvidava que algum dia sentisse um parentesco tão profundo com Nova York - sofria por sua terra natal, amando como Nicholas, obviamente, amava a dele. Ela havia esquecido como se importar com a cidade que tanto a tirara. Esquecer era a única maneira que ela encontrara para se mover todos os dias. Você não realizava cerimônias de corte de fita para caixões e realmente se preocupava com o que estava fazendo, ou achava que isso importava; dessa maneira havia uma decepção perpétua e esmagadora de almas.

Clara viu Nicholas se levantar com Bo na mão, apreensivo. Ele murmurou garantias para Bo - que ele não estava saindo de novo, não se ele pudesse evitar; que ele lutaria por ela, por todos eles, pelas músicas antigas e pela segurança de fazer novas, por esse lugar que já fora o lar deles e que seria novamente. Ele se virou para Clara com o início de um olhar ardente no rosto - o olhar de resolução - e isso a assustou.

Ela se perguntou se, com essa garota e esse momento, Nicholas havia mudado de ideia sobre ajudá-la em favor de algo muito mais pessoal.

Ela limpou a garganta educadamente, sentindo-se uma intrusa. —Talvez devêssemos nos mudar para algum lugar mais isolado?

Bo levantou o queixo. —Quem é esse, afinal? Sua amiga?

—Sim. — Disse Nicholas, seus olhos encontrando Clara suavemente. —E um querido. Ela salvou minha vida, em mais de um sentido. Ela deve ser tratada com tanto respeito quanto eu. Bem. Talvez não tanto.

Ele piscou, e Bo sorriu de bom humor, mas Clara não achou engraçado, um desconforto dentro dela quando Bo os levou para longe das sombras. Para um lugar seguro, ela prometeu. Mas os trens estavam sempre assobiando no alto e pareciam rir de Clara.

O que vale mais para um príncipe destronado? Ela imaginou. Um prefeito desprezível de uma terra distante?

Ou seu próprio povo, milhares deles, milhões, todos quebrados e morrendo?

A resposta lógica parecia clara para Clara, mas ela se recusou a reconhecê-la.

CAPÍTULO DEZESSETE

Bo os conduziu pela cidade pelo que pareceram horas, seguindo uma rota tortuosa que muitas vezes os fazia voltar pelas ruas e becos que já haviam percorrido. Ela parecia conhecer todos os cantos deste lugar, todo edifício seguro para atravessar e toda ponte que escondia portas secretas.

Clara observou tão de perto quanto ela ousou, atenta aos pássaros que batiam metalicamente no alto, e os painéis multicoloridos - ainda com suas mensagens de toque de recolher, açúcar e várias restrições, e, ocasionalmente, a imagem de Clara e Nicholas saindo do trem - brincando para ruas vazias. Ou seja, vazio, exceto pela figura sombreada aleatória, rápida e veloz, e patrulhas de fadas enluvadas, indolentemente bonitas em seu uniforme preto. Bo parecia saber como evitá-los, e eles passaram despercebidos - três humanos em um mar de perigo.

Perigo vestido de peles e diamantes. Perigo fervendo de azul.

Outra coisa que Clara notou: a cidade estava mudando.

Tinha sido bruta, desorganizada, imunda. Um mercado caído e simbólico. Agora, os paralelepípedos estavam ficando mais limpos, os prédios mais ordenados. Portas de pedra polida exibiam

elaboradas gravuras de figuras dançando e se contorcendo. Lanternas brilhavam em ouro e rosa; as vitrines exibiam enfeites e bugigangas delicadas. O ar ficou perfumado com fragrâncias tão ricas que a cabeça de Clara girou - almíscar e baunilha e especiarias desconhecidas.

Ocasionalmente, o chão retumbava sob seus pés, acompanhado por clarões distantes de um relâmpago verde pálido. Eles se firmariam na parede mais próxima e esperariam os tremores passarem. Choveu poeira sobre suas cabeças, sacudida dos telhados.

—O que é isso? — Clara sussurrou.

—Apresse-se. — Era tudo o que Bo diria, encarando o céu.

Chegaram a um conjunto de edifícios com paredes de pedra cor de pêssego. Antes que Clara pudesse dar uma boa olhada no exterior, Bo levou Clara e Nicholas por um beco e depois por uma grade no chão.

—Nunca permaneça em um lugar por muito tempo. — Disse ela, ajudando-os a entrar em uma passagem surpreendentemente limpa. —Mesmo que seja fora de sua própria casa. A rainha tem espiões por toda parte.

Clara disse imediatamente: —Esses pássaros. Os mecanizados.

Bo assentiu. —Kambots. Coisinhas grosseiras, mas elas têm seu uso se você souber refazê-las. — O sorriso dela brilhava no escuro.

—Eles são ferramentas de vigilância? — Nicholas perguntou.

—Algumas pessoas os chamam de os olhos da rainha. Ela pode olhar através deles, eles dizem. Não sei se é verdade ou não, mas não são pardais sangrentos, se é isso que você quer dizer.

Por mais algumas voltas na passagem, descendo degraus sinuosos de pedra, e eles pararam diante de uma porta afiada com luz âmbar. Bo vasculhou sua jaqueta e puxou um brilhante par de fechaduras.

Instintivamente, Clara se aproximou para dar uma olhada. Bo virou-se com um sorriso de escárnio.

—O que você está olhando? Me dê um pouco de espaço, hein?

—Está tudo bem, Bo. — Disse Nicholas. —Clara é excelente nesse tipo de coisa.

Bo a olhou de cima a baixo. —Isso está certo?

—Eu... tive um bom professor. — Clara disse calmamente.

Depois de um momento, Bo colocou as palhetas nas mãos de Clara. —Bem então. Vamos ver você tentar.

A luz fraca era suficiente para ver a trava - um aparato rude e desconhecido que parecia ser pavimentado com peças de reposição. O mais interessante é que ostentava dois buracos de fechadura, nos quais as palhetas mal cabiam. Por alguns instantes, Clara se encostou na porta, olhos fechados, pressionando as palhetas no lugar, procurando as fechaduras gêmeas. Eram pequenas coisas sutis que, supôs Clara, precisavam ser pressionadas com a combinação simultânea correta de peso e tempo... Ah

As capturas cederam e a trava se abriu.

Bo pegou suas picaretas, sorrindo para Clara. —Sua Alteza não estava mentindo, estava? Nada mal, senhorita.

—Clara. — Nicholas colocou a mão levemente nas costas de Clara, mas isso lhe trouxe pouco conforto. —O nome dela é Clara.

—Bem, Clara, você está bem. — Disse Bo, entrando.

Lá, duas mulheres e um homem - todos humanos - cumprimentaram Bo com vários graus de alívio. O homem fechou os olhos e murmurou palavras. Uma das mulheres - pele dourada pálida, cabelos e olhos escuros - puxou Bo para um abraço apertado.

—Você está atrasada. — Disse a mulher. —Oh, Bo, querida irmã, pensei... Aconteceu alguma coisa?

—Quase. Teria, não fosse por esses dois.

Três pares de olhos se voltaram para Clara e Nicholas.

—A recompensa da rainha. — Disse a outra mulher, alta e de ombros largos, endireitando-se com reconhecimento, mas a mulher que segurava Bo a silenciou. Ela se aproximou de Nicholas com a mesma reverência cuidadosa que Bo tinha na rua.

—Bo. — Ela disse baixo. —Quem é?

Bo não respondeu, observando o rosto da mulher com expectativa.

A mulher colocou a mão em cada lado do rosto de Nicholas, mal o tocando, os olhos procurando. Clara se mexeu desconfortavelmente diante de sua proximidade, mas Nicholas permaneceu imóvel, deixando-a examiná-lo.

—Ele cantou uma das músicas antigas. — Disse Bo, gentil, ao lado da mulher. —Ele cantou comigo, e eu senti.

—A terra? — Os olhos da mulher eram duas faíscas de esperança. —Ela o reconheceu?

Bo assentiu e Nicholas segurou as mãos da mulher. —Sinto muito por ter deixado vocês. — Ele encontrou os olhos dela, totalmente sinceros. —Ter saído foi um grande crime que não pude evitar.

A mulher caiu de joelhos aos pés de Nicholas. —É você. Você voltou.

Bo estava radiante, saltando na ponta dos pés. Os outros dois se aproximaram cautelosamente.

—Afa. — Disse o homem. —Quem exatamente você pensa que é?

—Eu sei quem ele é. — Afa virou-se para ele, apaixonado. —Eu o reconheceria em qualquer lugar. Eu tenho orado pelo retorno dele. Nós todos temos.

Com isso, o homem olhou para Nicholas bruscamente. Atrás dele, Clara percebeu, a outra mulher estava com a mão na faca no cinto.

—Você jura para mim, Bo. — Disse o homem. — Que está dizendo a verdade?

Bo fez uma careta. —E por que eu mentiria para você sobre algo assim? Para risos, suponho?

Nicholas ajudou Afa a se levantar. —Você nunca precisa se ajoelhar diante de mim. — Disse ele gentilmente. —Afa, sim?

Houve um terrível silêncio enquanto ele esperava - pela aprovação do grupo, Clara adivinhou. Ela quase não se atreveu a respirar, tentando ler as emoções correndo desenfreadas em seus rostos - a dúvida dando lugar ao alívio e à cuidadosa alegria. Então, sem aviso, o homem avançou, empurrando Afa de lado para abraçar Nicholas. Seu fervor quase derrubou Nicholas, mas ninguém parecia se importar. A outra mulher estava rindo e limpando os olhos, e Bo estava praticamente girando de prazer.

Clara se afastou e observou. Ela era a desajustada aqui, a presença indesejada. Pelo menos é assim que se sentia - terrivelmente desconfortável e até ameaçadora. Como ela e seus problemas poderiam competir com isso? Havia quatro deles agora, essas pessoas sitiadas e esperançosas, olhando Nicholas com estrelas nos olhos, inspecionando-o como um filho perdido há muito tempo, e certamente logo haveria mais. Clara seria deixada de lado em favor de rebeliões e reclamações. Eles travariam a guerra e passariam semanas - meses - antes que alguém pensasse em se perguntar o que havia acontecido com o pai.

E a essa altura já seria tarde demais.

—E ela. — Ela ouviu Nicholas dizer através de sua angústia crescente. — É Clara.

Ele estendeu a mão e ela a pegou, distraída, completamente à vontade, mesmo com - especialmente com - os olhos de Nicholas firmes e quentes sobre ela, como se estivesse orgulhoso de apresentá-la a essas pessoas.

—Ela é minha amiga mais antiga. Ela salvou minha vida.

Os outros olharam para Clara com renovado interesse.

—E ela é perversa com fechaduras. — Bo entrou na conversa.

—E com batedores. — Disse Nicholas. —Ela lutou com um bando deles para me salvar. Uma matilha dirigida pelo próprio Borschalk.

Com isso, o homem assobiou baixo. Ele inspecionou Clara, recentemente encantado. —Essa coisinha bonita, contra aquela pedra de fada? Contra o amante da rainha?

Bo deu um soco no braço dele. —Só porque o pouco de alguém não significa que não pode lutar. Estripou a escória que me atacou com bastante facilidade. — Ela sorriu para Clara. —Você não?

Clara assentiu fracamente.

—E as fadas têm o pai dela. — A mão de Nicholas apertou a dela. —Eu pretendo ajudá-la a recuperá-lo.

Afa lançou-lhe um olhar de pena. —Se as fadas têm seu pai, receio que não haja nada a ser feito. Eles não têm o hábito de liberar seus sequestrados.

—O que eles querem com ele, afinal? — Perguntou Bo.

—Nós não sabemos. Mas vamos recuperá-lo. Jurei para ela e para mim mesmo.

Clara corou sob o peso de seu olhar. Tanta convicção em sua voz. Deus a ajude, ela realmente acreditava nele, tão determinada e - não havia outra palavra para isso - real era a expressão dele. Mas como ele podia ter tanta certeza do sucesso e ele estava realmente decidido a ajudá-la, mesmo agora, com seus súditos leais a seu lado?

O silêncio dos outros parecia ecoar o próprio ceticismo de Clara.

—Sua Alteza. — Disse a mulher alta. —Com o devido respeito-

—Espere. — Nicholas levantou a mão. —Clara, você estava prestes a dizer alguma coisa.

Ele a faria dizer isso. —Bem, eu pensei... Isto é, eu assumi, agora que você conhece algumas pessoas aqui que o reconhecem...

—Que eu te abandonaria? Que eu esqueceria minha dívida com você?

Ela encolheu os ombros, como se fosse uma coisa inconsequente. —Que sua responsabilidade para com o seu povo tenha precedência. E eu não culpo você por isso.

—Que eu desistiria de encontrar seu pai em favor de recuperar meu trono.

Ela quase se encolheu. —Sim.

Depois de um momento, o rosto sombrio de Nicholas se transformou em um sorriso. Ele puxou Clara para o lado e virou-os juntos para os outros. Eles o observavam com graus variados de prazer, mas apenas os olhos afiados de Bo observaram e Clara também, com o braço de Nicholas em volta da cintura.

—Não vejo — Disse ele. —Por que não posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

CAPÍTULO DEZOITO

Afa os levou para um quarto mais distante da passagem por onde haviam chegado, no final de um corredor alinhado com portas fechadas. Cordas de contas vermelhas e safiras estavam penduradas na entrada, arrastando-se pelos braços de Clara enquanto ela passava. Aqui era limpo e confortável, com piso frio de pedra e tapetes macios, e dois sofás baixos e largos com almofadas profundas.

Todo mundo sentou. Bo subiu em cima de uma cômoda e puxou uma minúscula trava de ouro de dentro de sua jaqueta, girou-a para frente e para trás entre os dedos. Clara percebeu que a mulher alta permanecia em pé perto da porta, observando o corredor. Glyn era o nome dela; o homem, Karras.

Afa virou um canto do tapete para revelar uma pequena escotilha de madeira no chão. Ela abriu e retirou, sem nenhum esforço, um livro enorme - amarelado, envelhecido, mas obviamente bem usado. Não havia coletado poeira.

Ela colocou na frente de Nicholas em uma mesa baixa. —É — Ela disse baixinho. —Um dos poucos documentos que nos restam antes daquela noite, Alteza. Quando eles começaram a queimar tudo.

—A noite do inverno vermelho. — Disse Karras.

A escuridão passou pelo rosto de Nicholas. —Você quer dizer a noite em que Wahlkraft caiu?

—Sim. A noite do golpe de Anise.

Timidamente, Nicholas pegou o livro. Seus dedos percorreram a capa. Ao se aproximar, Clara viu quatro imagens inscritas ali - um grande raptor preto; um monstro marinho; um garanhão, levantando sobre as patas traseiras poderosas; e um dragão. Um dragão como o que está no topo da bengala do padrinho.

—Nightbird. — Nicholas disse, olhando para ela. Ele apontou para o raptor. —Serpente do mar. Um garanhão das planícies. O cavalo. O Dragão. Na última imagem, ele permaneceu. —O sinal da minha família. A família Drachstelle.

—Os legítimos governantes de Cane. — Disse Karras fervorosamente.

Bo riu. —Não de acordo com a rainha.

—Eu reconheço esses animais. — Clara sussurrou, passando os dedos sobre eles. —Padrinho, ele... ele me fez uma cela, para o meu berçário. Essas criaturas, penduradas em correntes delicadas. "*Que coisa monstruosa.* " O pai sempre dizia. —É realmente apropriado para o quarto de uma menina? — Mas a mãe insistiu. Eu insisto. Eu nunca o derrubei.

Ela parou, assombrada, incerta.

Gentilmente, Nicholas abriu o livro. —Então, Anise é rainha agora, não é?

—Uma das primeiras coisas que ela fez foi proclamar-se rainha. — Disse Afa. —E quem foi deixado para desafiá-la?

—Ninguém. — Disse Nicholas. —Não havia mais ninguém. Eu a observei matar a maioria deles.

Ele começou a virar as páginas, lentamente a princípio, e depois em pedaços maiores. O texto estava em um roteiro meticuloso, dividido com imagens - diagramas, mapas, linhagens dispostas em árvores elaboradamente desenhadas. A caligrafia mudou ao longo, como se várias pessoas tivessem gravado o conteúdo do livro. Aqui e ali, Clara via uma página com nada além de sete nomes. Alguns dos nomes eram os mesmos de entrada em entrada, outros não, mas cada um terminava em 'meyer".

Poderia ser?

Clara viu o nome familiar na página seguinte e apontou.

—Padrinho. —, disse ela, incrédula, absurdamente feliz. —Esse é o padrinho!

Bo torceu o nariz. —Quem é o padrinho?—

—Drosselmeyer. — Disse Nicholas. Clara não conseguiu interpretar o tom dele. —Ele era um dos sete quando eu era príncipe. Eles serviram a família real. Ele jurou quando eu era criança.

—Ele era - é - meu padrinho. — Disse Clara, as palavras grudentas na garganta, cheias de dor. —Meu... amigo. Ele me ensinou a lutar, a esgueirar-se e invadir prédios fechados...

Ele é o motivo de minha mãe estar morta. Ele e o homem agora ao meu lado. Talvez quanto mais ela pensasse nas palavras, menos severamente elas o atormentariam e menos a provocariam com desconfiança.

—Espere. — Bo colocou a trava de ouro atrás da orelha. —Você quer dizer que Drosselmeyer, um dos sete, foi o 'bom professor' que você teve?

—Ensinou-a a ser uma criminosa de primeira classe, parece. — Disse Karras, divertido.

—Ele fugiu comigo naquela noite. — Nicholas disse calmamente. —Anise e seu exército invadiram Wahlkraft. Era a noite do festival de inverno. Ninguém estava pronto. As coisas estavam tão quietas por tanto tempo, que pensávamos - esperávamos - que isso significasse uma paz, até temporária. E depois...

Todo mundo estava quieto. Clara sentiu o peso da memória recair sobre ela, uma memória compartilhada da qual ela não fazia parte.

—Eles entraram pelo teto. Dezenas deles. Centenas. Eles invadiram a capital.

—As ruas de Erstadt ficaram pretas naquela noite. — Sussurrou Afa, como se recitasse uma passagem da lenda.

—Preto com sangue. — Glyn entrou na porta.

—E preto de susto. — Bo sussurrou.

—Eles mataram a mãe e o pai. — Nicholas virou a página com o nome de Drosselmeyer. Dois retratos olhavam de volta para ele, para Clara - um homem com a boca de Nicholas e uma mulher com seus olhos ferozes e cabelos escuros. Um terceiro retrato, abaixo dele, vinculado aos dois primeiros com elaborados pergaminhos - Nicholas, bonito e arrumado, esboçava levemente, como se quem estivesse trabalhando nele fosse incapaz de concluir a peça final. — Os Sete nos tiraram a cavalo, mas Anise veio atrás de nós. Meus pais

caíram. Os sete caíram. Exceto por Drosselmeyer. Exceto por mim. Tínhamos dois cavalos e depois um. E havia batedores vindo atrás de nós. Anise levou-os a um frenesi.

—Onde você foi? — Afa perguntou calmamente. Ela colocou a mão no braço dele. —Meu príncipe, onde você está há tantos anos?

Nicholas olhou para Clara. —No Além, onde o tempo passa mais devagar.

Karras parecia confuso. —Mas... Como você chegou lá? E como você voltou?

—Através de uma porta.

Glyn começou a rir. —Mas, senhor, essas são histórias de crianças. Não há outros mundos além do nosso, nem Portas.

—E os contos infantis não podem ser verdadeiros? — Retrucou Nicholas, silenciando-a. —Eu acho que você faria bem em examinar essas histórias mais de perto, Glyn. Há mais verdade neles do que você imagina. O povo mágico sempre soube disso, e a coroa também.

Ninguém disse nada por um momento. Nicholas voltou os olhos preocupados para o livro em seu colo - para sua mãe e pai, para o retrato meio acabado de si mesmo.

—Quantos anos se passaram? — Sua voz era plana.

Afa parecia desconfortável. —O que você quer dizer?

—Eu fui além por dezoito anos. Faz dezoito anos aqui também?

Clara percebeu pelas expressões deles que certamente não tinha.

—Setenta e dois, senhor. — Disse Bo de seu canto quando ninguém mais falou. Ela parecia terrivelmente triste por contar a ele. —É o ano setenta e dois da Idade do Ferro.

Setenta e dois anos. Clara pensou rapidamente. Setenta e dois aqui e dezoito em Nova York. Se essa era a proporção, então... quatro Saiu às quatro. Quatro dias aqui para todos em casa.

Ela se sentiu tonta de alívio. Havia tempo, então, muito mais tempo do que ela pensara. Mas ela não podia deixar que esse conhecimento a embalasse.

Os ombros de Nicholas se moveram - mas com uma risada ou um soluço, era impossível dizer. —Então todo mundo que eu conheço - todo mundo que eu já conheci - está morto. Meus amigos, meus professores...

Ninguém disse nada, esperando por ele... o que? Sofrer? Aceitar uma informação tão ímpia? Clara tentou imaginar voltar para um mundo tão diferente daquele que ela conhecera, sem ninguém familiar a não ser ela mesma; era uma ideia claustrofóbica horrível.

—Então. — Nicholas disse cansado, depois de um momento que parecia ter deixado um novo peso em seus ombros e, em seus olhos. —A Idade do Ferro, não é?

A resposta de Bo foi relutante. —É assim que a rainha chama, senhor.

Clara tentou pensar em algo para dizer nesse silêncio, algo útil ou encorajador, ou mesmo simplesmente estimulante. A questão do que eles fariam em seguida para encontrar o pai - se Nicholas realmente queria ajudar e não estava apenas tentando parecer impressionante na frente de seus novos seguidores - ecoava insistentemente no fundo de sua mente. Quatro dias aqui para todos em casa. Talvez tivesse sido um pouco menos de um agora. Um pouco menos de um dia desde que haviam caído pela porta e caído

na neve. Seis ou mais horas em casa, então. Seria madrugada no dia de Natal.

Felicity estaria acordando para uma manhã que deveria ter sido alegre, para encontrar sua família e Concordia lá. Os punhos de Clara se fecharam e sua garganta se apertou com urgência. Ela tinha que consertar isso - ela consertaria isso.

Uma torção tão pequena de esperança. Ela se agarrou a ela e sugeriu: —Talvez seja útil ver como é a terra agora.

Nicholas olhou para ela surpreso.

—Setenta e dois anos é muito tempo. Você precisa saber o que aconteceu com o reino na sua ausência. Você não concorda?

—Eu concordo. — Disse ele lentamente. —Embora não tenha certeza se quero ver.

—Aqui. — Bo retirou um papel dobrado de sua jaqueta, pulando de seu poleiro e se apressando. —Estou trabalhando para tornar isso atual. Ainda não chegou lá, mas vai servir.

Afa pegou-a severamente. —Bo, você não deve manter isso em sua pessoa. E se você for presa?

—Isso nunca vai acontecer, irmã. Eu sou boa demais para isso.

Juntos, Clara e Nicholas desdobraram o papel e o espalharam sobre a mesa. Era um mapa bruto, não muito bem desenhado, mas reparável. A massa terrestre representada era aproximadamente circular, um grande continente cercado por oceanos. Algo no mapa incomodava Clara, mas, por mais difícil que parecesse, ela não sabia dizer o que era.

Nicholas examinou-o por um longo tempo em silêncio.

—Anel de Mira. — Clara notou, apontando para a banda, quase sempre em branca, na costa do continente.

—Apenas os inocentes moram lá agora. — Disse Bo, sombria. —Se eles ainda vivem.

—Inocentes? — Nicholas perguntou.

Os outros olharam para ele, inquietos. —Senhor. — Disse Afa, —Uma das primeiras coisas que Anise fez após a Noite do Inverno Vermelho foi dividir os humanos sobreviventes em grupos.

Ele franziu a testa. —Para qual propósito?

Afa hesitou. —Para punição. Punição pelos crimes que cometeram contra a nação das fadas.

No silêncio que se seguiu, Bo pigarreou. —Veja, os ladrões - aqueles que roubaram fadas nos ataques e saques durante a guerra - foram enviados para Zarko. — Ela apontou para uma área no mapa dentro da parede escura do perímetro. —É onde você estava hoje. E aqui. — Ela apontou para um tremendo pedaço de terra ainda mais para o interior. — É Rosche, ao norte de onde estamos. É para lá que os que caçam fadas pela coroa foram enviados. —Ela fez uma pausa. —Agora eles são caçados. E os inocentes... —Um olhar engraçado surgiu em seu rosto.

Afa interrompeu gentilmente: —As crianças, disse a rainha, eram inocentes do crime, mas não eram confiáveis, devido à natureza maligna do sangue humano. Então ela os transformou no anel de Mira para cuidar de si mesmos.

Nicholas ficou horrorizado. —Filhos, sozinhos no anel de Mira?

Clara lembrou-se dos caçadores de peles que haviam assistido na neve, o homem comido vivo pelos mecânicos enquanto seus

companheiros de boca ensanguentada observavam. Crianças. Ou eles já foram crianças.

Afastando esse pensamento de pesadelo, Clara apontou para um lugar no mapa, dentro de Rosche, que parecia representar uma cidade pequena e murada. —O que há lá?

—Esse é o Palácio de Verão da rainha. — Disse Bo, revirando os olhos. —Por que ela precisa de dois palácios, tenho certeza de que não sei.

—Ela não gosta do frio. — Disse Nicholas brevemente. — Nenhuma fada gosta. E Wahlkraft está mais ao norte. —Ele apontou para o norte do centro do mapa, em uma cidade claramente marcada como Erstadt. No centro, havia um castelo preto mal esboçado.

—O castelo é Wahlkraft? — Disse Clara.

Nicholas assentiu, conciso. —Parece que ela reestruturou totalmente a maior parte do reino - para isso... distritos.

—Nós os chamamos de bairros. — Disse Bo, prestativa. — Parece mais alegre.

—E ela os expandiu para leste e oeste, mais ao norte. — Nicholas murmurou, seguindo as linhas do distrito com os dedos.

—A rainha disse. — Disse Glyn, tensa de raiva. —Que pretende ter distritos por todo o país.

—Mas e essas terras abertas mais ao norte, que não pertencem a nenhum distrito em particular? — Destacou Clara.

—Não sabemos. — Disse Afa. —Podemos presumir que as terras selvagens ainda são - ruínas da época da guerra, cidades e fazendas abandonadas. A rainha os procurou por sobreviventes,

então não pode haver muitas pessoas, se houver. Mas leva tempo, ela diz, para desenvolver a terra adequadamente.

—Sim. — Disse Karras, irônico. —Especialmente quando você nunca para de desenvolvê-la.

Nicholas olhou para isso. —Como assim, Karras?

—Você pode ter sentido os tremores no solo desde que chegou aqui? Você notou as tempestades? Senhor, ela começou a reconstruir o país após o golpe e nunca parou.

—Ela constrói um distrito e o destrói. — Disse Afa calmamente, —Para reconstruí-lo como algo ainda mais extravagante.

—As ruas cheiram a magia das fadas. — Cuspiu Glyn. —E com açúcar.

—O que é isso? — Clara perguntou. —Vimos anúncios.

—Uma droga. — Disse Afa. —Ele vem em várias formas: agulha, fumaça, pó, cápsula. Quanto mais pobre você é, mais sujo é o seu açúcar. Todo mundo quer, e todo mundo consegue, de um jeito ou de outro. Altamente viciante. A rainha é a única fabricante e fornecedora. — Afa fez uma pausa. —É, você poderia dizer, como um jogo dela, um que você não pode deixar de jogar.

Bo chutou a mesa. —É sujeira, é o que é. Levou o país inteiro de joelhos. Precisamos disso, então precisamos da rainha, e deixamos que ela bombeie nosso sangue - e o sangue das fadas, o sangue de todos - cheio desse veneno. Nós a odiamos, mas precisamos dela. Isso nos mantém presos.

Nicholas desviou o olhar, rígido de fúria.

—Anise também não usa? — Perguntou Clara.

—Oh, ela usa. — Disse Karras secamente. —É claro que, para sua sorte, isso não parece afetá-la da mesma maneira.

—Ela continua a moda e a reforma da terra. — Disse Afa. — Pensamos que, talvez, depois de reconstruir a capital e o país para atender às suas necessidades, depois de livrar a terra da influência humana - toda arquitetura, todo governo - ela ficaria satisfeita. Se ela transformasse Cane no puro país das fadas que sempre desejara, talvez isso fosse suficiente para ela. Mas duvido que ela se satisfaça. Mesmo alguém tão poderoso quanto ela pode se esforçar apenas até agora... Bem. Eu não ficaria surpresa se algum dia ela quebrar, e a terra quebrar junto com ela.

Clara se viu fascinada por essa imagem de Anise em um trono alto e preto, construindo edifícios como uma criança em alguma praia diabólica. —Como ela é tão poderosa?

Os outros ficaram olhando, exceto Nicholas. Sua postura parecia derrotada, seu rosto cheio de ódio.

—Eu disse algo errado? Ela limpou a garganta. — Quero dizer, você fala de gente mágica, fadas e magos. Se há outras pessoas mágicas além dela, então por que elas permitem o poder dela sobre elas? O que lhe dá essa autoridade?

—Bem. — Bo começou hesitante. —Primeiro, a rainha é... Eles os chamavam de dois sangues nas histórias antigas. Mestiços. Um pai humano, um pai do povo mágico.

—Abominações. — Disse Glyn. —Criaturas que não deveriam existir.

Nicholas cuspiu: —Que bom para ela, ser protegida do pior de sua droga pelo seu próprio sangue miserável.

Clara ficou surpresa com a crueldade em suas vozes. —Então, magos, fadas e humanos... eles não cruzam?

—É um dos tabus mais antigos. — Explicou Afa. — Simplesmente não é feito. É repulsivo para nós - todos nós, humanos, magos e fadas. Mas aconteceu uma vez. Muitas gerações atrás, um rei da linhagem Somerhart teve um caso com uma condessa das fadas, e Anise nasceu. Portanto, ela não apenas tem sangue mágico, mas também sangue real, o que lhe dá uma conexão com a terra. Daí a facilidade com que ela pode manipulá-la.

—O que isso tem a ver com ser real?

—Todos nós temos. — Disse Nicholas, sua voz tensa. A conversa estava cobrando seu preço; as sombras sob seus olhos pareciam ter aumentado. —Você sentiu, não é? Quando cantamos? Todos nas famílias reais estão ligados à terra. É uma compulsão em nosso sangue, mantê-la segura e completa, servi-la. E isso nos serve, dando-nos força e idade além daqueles sob nosso domínio. — Ele olhou para Clara, assombrado. — Posso sentir Clara, como uma doença em mim. Eu posso sentir como está esticada, como está gasta.

Depois de um momento pesado, Bo disse, hesitante: - E além de tudo isso, não resta mais ninguém para lutar contra a rainha. Seu próprio povo está com muito medo dela, muito confortável. E os magos... Senhor... Eles foram embora.

Nicholas voltou a atenção com isso. —O que? Todos eles?

—Alguns de nossos filhos mais novos nem conhecem a palavra 'mago' — Disse Afa, sorrindo tristemente. —Não é algo que as pessoas falam, e há tão poucas histórias gravadas.

—Mas certamente alguns deles ainda vivem! — Nicholas foi vencido, um homem golpeado por muitos golpes. Ninguém falou para tranquilizá-lo; ele fechou os olhos e desviou o olhar deles.

Enquanto isso, os olhos de Clara se voltaram para o mapa, para o círculo escuro e denso ao redor da capital, Erstadt, e seu castelo, Wahlkraft. Quanto mais ela olhava para o círculo, mais nítido ficava em sua visão, como se tudo o mais estivesse caindo.

—O que é isso? — Ela disse, apontando. —Aquele lugar escuro, ao redor da capital. É outro distrito?

—É Rieden. — Disse Karras, solene. —Onde o último dos magos lutou. Foi como uma guerra totalmente nova depois que você saiu, Alteza. Ela os caçou, todos os últimos.

O punho de Nicholas estava branco e cerrado no mapa. Sua mão imaculada, Clara notou. O caminho certo, sem metal embutido. Ele parecia favorecer sua mão esquerda, como se não confiasse o suficiente para usá-la.

—Mas por que está marcado especialmente? — Perguntou Clara.

—Há uma floresta lá agora. — Disse Karras. —Você não pode passar por isso. As pessoas tentaram, mas as árvores são tecidas juntas, sólidas como pedras. Não pode cortá-la, não pode escavar um túnel embaixo dela.

—Chegamos a beliscar algumas moagens de uma estufa. — Disse Bo. —Quase chamuscamos nossas peles tentando explodir a floresta. — Ela parecia enojada. —Nada.

—Até a rainha precisa viajar acima dela para vir para a capital. — Acrescentou Afa. —Achamos que esse era o motivo original dela para a construção dos trens.

—Isso e compensando anos de nós destruindo qualquer ferrovia que eles construíram. — Disse Nicholas, sorrindo sombriamente.

—Bem. Sim, senhor, talvez isso também.

—Você acha que... — Clara hesitou, sem saber como dizer o que precisava, ou mesmo se faria sentido, mas o Padrinho, por todas as suas histórias enigmáticas, havia falado um pouco sobre magia - feitiços e encantamentos, músicas que abriam portas inacessíveis. — A floresta é impenetrável porque os magos a fizeram?

Nicholas olhou para ela. —É possível.

—Pensamos que sim. — Disse Afa. —É uma espécie de lenda nas ruas, se você quiser. Alguns gostam de pensar que o criaram como um último gesto desafiador para a rainha.

—E alguns pensam. — Disse Bo com cuidado, com os olhos atentos no rosto de Nicholas. — Que os magos ainda estão lá. Pelo menos alguns deles. Como se eles se prendessem lá dentro, se escondendo.

Karras bateu levemente no braço dela. —Não o provoque com estúpidas histórias de rua como essa.

—Eu não estou brincando! — Bo estava indignada. —Estou dizendo a ele o que sei!

Enquanto brigavam, Clara olhou para o círculo escuro. Rieden. Uma floresta intransitável. Possivelmente com magos dentro? Mais padrinhos, mais seres de sangue prateado com truques sem fim nas

mangas. Algo afiado e frio se instalou dentro dela, algo resoluto e estranho. Ela se sentia à beira de descobrir algo essencial - como se prendesse a respiração, se focasse com precisão suficiente, tropeçaria na inspiração.

O teto começou a vibrar, arruinando o momento. De algum lugar lá em cima veio o som repentino da música. Tambores tocavam e instrumentos de cordas tênues teciam melodias vagamente discordantes.

Clara voltou para si mesma. Ela percebeu que estava traçando a linha de Rieden com o dedo repetidamente, e que Nicholas a observava ilegível. Ela desviou o olhar, envergonhada, mas a sensação de proximidade, de quase, permaneceu em seus membros, e ela ficou feliz por isso.

Algo a chamava - algo a ver com Rieden.

Do lado de fora do corredor, uma série de delicados sinos soou, seguidos pela abertura de portas e passos apressados. Tecidos farfalhantes e vozes murmurantes.

—Shike. — Karras assobiou, correndo em direção à entrada. — Estou em breve. Preciso me arrumar. Vejo vocês duas de manhã, não é? Se você vai ficar aqui, precisará se encaixar. Para sua sorte, estará nas mãos de um mestre. —E então ele se curvou, sorrindo e desapareceu através da cortina de contas. Glyn o seguiu, mais calma. Depois das contas, Clara pôde ver um súbito tumulto de atividade no corredor: formas indo e vindo, flashes brilhantes de jóias.

Nicholas virou-se para Afa, confuso. —O que isso significa?

Afa levantou as sobrancelhas. —Bo não lhe disse que lugar é esse?

—Só que era seguro.

—Bo...

Bo fez uma careta. —Eu queria tirá-los das ruas, não perder tempo conversando.

Afa parecia envergonhada. —Senhor, peço desculpas profundamente. Se eu tivesse outra escolha, eu o alojaria em algum lugar muito mais digno, em algum lugar mais adequado para...

—Ah, Afa, apenas diga. — Bo se virou, revirou os olhos. —É uma casa de prazer. Minha irmã e suas amigas trabalham aqui. Mas não se preocupe, Sua Alteza - as fadas, elas não costumam ir para os nossos quartos. Não gostariam de se manchar.

Clara abriu e fechou a boca, um rubor a ultrapassando, mas Nicholas parecia pensativo. —Estamos neste distrito, aqui? — Ele perguntou, apontando para o bairro no mapa que ficava ao norte de Zarko.

Afa assentiu. —É chamado Kafflock.

—E do que você é culpado, então? O que Anise considerou seu crime?

—Kafflock é um pouco... diferente dos outros distritos. Aqui, Anise não coloca criminosos, mas pessoas bonitas. Aquelas a quem a agradava olhar. As fronteiras são bem guardadas; fadas estão sempre indo e vindo. Afinal, o pessoal dela precisa de entretenimento. — A expressão dela ficou azeda. —Você não pode imaginar as cirurgias às quais as pessoas se submetem na tentativa de se tornarem dignas de Kafflock. Há dança aqui. Há sim... Mais. Eles não nos tocam. Eles nos consideram muito baixos, imundos demais para essas coisas, mas gostam de assistir da mesma forma. Não é uma vida fácil aqui, mas

não é a mais difícil. Nós recebemos comida, abrigo, educação básica. As fadas não têm paciência para idiotas. — Ela suspirou. —Quando minha própria audição se aproximava, eu orava todos os dias para que Anise gostasse do que via.

Clara deixou escapar: - Então você a conheceu? — Nicholas lançou um olhar para ela, mas Clara o ignorou.

—Ah, sim. — Afa sorriu, uma mistura curiosa de sonho e medo. —Ela me olhou, me fez tirar minhas roupas. Ela me disse que tenho uma pele adorável.

Afa, distraidamente, traçou uma linha em seu braço. Seguindo a memória da mão de Anise? Clara a observou, hipnotizada. O pensamento veio a ela, absurdo: Anise pensaria que eu tenho uma pele adorável?

—Ela encantou você, em outras palavras. — Nicholas murmurou.

Em um instante, o sonho desapareceu do rosto de Afa. Clara deu um passo atrás, como se tivesse sido cortada de uma linha esticada. Até Bo parecia atordoado.

—Ela teria feito o mesmo com você, Alteza. — Disse Afa, quieta, mas desafiadora.

A atmosfera na sala havia mudado. A música que vinha do alto mantinha uma qualidade repentina e sinistra. Que atos os humanos no andar de cima estavam sendo forçados a fazer? Ou de bom grado, se isso significava que eles poderiam manter suas camas quentes e seu suprimento limpo de açúcar?

Clara passou os braços em volta de si mesma, sentindo-se perdida e pequena.

—Karras disse algo sobre nos ver de manhã. — Disse Nicholas depois de um momento.

—Enquanto você estiver aqui, precisará parecer que pertence. — Disse Afa. —E lamento dizer que esse não será o disfarce mais digno.

—Dignidade é um luxo com o qual me importo pouco.

—E depois? — Clara precisou continuar; ela tinha. Nicholas poderia ter dito que ajudaria, mas ela era a única verdadeira defensora de sua família. Ela se endireitou para olhá-lo. —Depois de estarmos disfarçados, o que faremos então?

—Vamos fazer estratégias. — Disse Nicholas, dando um pequeno sorriso. —Se quisermos encontrar seu pai nessa bagunça, precisaremos de um plano sólido, não é?

Clara sorriu de volta e, quando ele se levantou, ela pegou sua mão oferecida. Mas ela não a apertou com muita força, mantendo uma pequena separação de ar entre eles, como um amortecedor.

CAPÍTULO DEZENOVE

Naquela noite, Clara sonhou que seu sangue estava congelando.

Seus sonhos nunca fizeram sentido. Eles sempre eram trechos de coisas, imagens semi-encobertas que pareciam familiares em um momento e alienígenas no seguinte.

E eles nunca foram bons sonhos.

Tão recentemente quanto no mês passado, ela saiu da mansão depois de um desses sonhos e fugiu para a loja do padrinho. Ele nunca fez perguntas ou pediu que ela explicasse seus sonhos. Mas ele a sentava e a abraçava como se ela ainda fosse uma criança, e fazia uma xícara de chocolate quente para acalmar seus nervos perturbados.

Então ele contava suas histórias. Às vezes, suas histórias - de Cane, Clara agora percebia - eram sombrias, aterradoras, violentas, e Clara as ouvia com um fascínio mórbido. Nas visitas de seu pesadelo, porém, as histórias dele seriam suaves e cheias de beleza - dóceis dragões brancos, tão cegos quanto os bebês; luz das estrelas em colinas altas e frias; amantes cuja devoção era forte o suficiente para trazer vida a um mundo inteiramente novo.

Mas hoje à noite, em sua cama estreita nesta casa de prazer em expansão, não havia padrinho para contar histórias bonitas e acariciar seus cabelos.

Em vez disso, ela sonhou. Gelo varria seu corpo em ondas brutais. Ela tentou arrancá-lo, abrir a pele e soltar o frio ardente, mas suas mãos estavam atadas. Ela não teve escolha a não ser se levantar, torcer e soluçar rouca, enquanto seu interior estalava com um frio abrasador e o gosto de prata queimava sua língua.

—Clara. — Uma voz gritou através da ofuscante luz prateada que se tornara seu mundo. —Acorde!

Acorde. Era um sonho, então.

Ela acordou.

Acima dela, olhos preocupados inspecionaram seu rosto. Nicholas montou em seus quadris, prendendo os braços no travesseiro. Um fino arranhão vermelho marcava sua bochecha, embaixo de um daqueles pedaços de metal que serpenteavam sob seus cabelos.

Ela tentou falar, mas o pesadelo ainda segurava sua voz.

—Você teve um pesadelo. — Nicholas levantou uma sobrancelha irônica. —E você me bateu quando tentei te acordar. Eu tive que conter você.

—Desculpe. — Clara sussurrou. Imagens de sonho remanescentes, prateadas, brilhavam em sua visão. —Sonhei que meu sangue...

Ela não conseguiu terminar. A sensação era difícil de expressar em palavras e, além disso, a pressão de Nicholas em cima dela estava começando a se transformar de um lembrete tranquilizador de que

ela estava viva e no mundo desperta em outra coisa. Não era agradável nem desagradável; isso era... certo. O peso dele, o calor. Mas perto demais, ou não perto o suficiente?

Na noite anterior, eles se lavaram e receberam uma nova muda de roupa. Afa e Glyn trouxeram pomada e ataduras, cuidaram de seus ferimentos. A limpeza a deixou se sentindo estranhamente exposta. Sem sujeira para mascarar as linhas da mandíbula de Nicholas, e não muito tecido entre elas. Suas túnicas eram de linho insubstancial.

Ela olhou para ele, incerta.

—O quê? — A voz de Nicholas era baixa, curiosa. Ele tocou sua bochecha. —O que você sonhou? Algo sobre o seu sangue?

—Ficou frio.

—Frio? Uma coisa estranha para sonhar. Machucou?

Clara virou a cabeça, afastando-se do toque dele. Os dedos dele eram leves como plumas contra o rosto dela, e a sensação a enervou.

—Você realmente me assistiu de dentro da estátua? Toda a minha vida?

Por um momento, Nicholas não disse nada. Então ele se sentou na beira da cama e ela relaxou.

—Eu fiz. Bem, na maioria das vezes, de qualquer maneira. — Ele inclinou a cabeça, sem sorrir. —Isso me deixa doente, você não acha? Espionando uma garotinha?

Ela deveria se sentar, afastar-se dele, algo, mas não podia. A perna dela estava tocando a dele, e era reconfortante. Se ela fechou os olhos, quase poderia se transportar de volta para a loja, para aquele canto sombrio e seguro.

—Talvez um pouco. — Ela admitiu.

—Mas, novamente, não é como se eu pudesse evitar. E não pensei em nada desfavorável, a princípio. Você era uma coisa estranha e divertida. Você me fez esquecer de vez em quando. Não foi até você ficar muito mais velha que eu comecei a querer...

Agora era ele quem não conseguia terminar. Clara sentiu-se envergonhada por ele e por si mesma, e indizivelmente sintonizada com ele. Ela sentou-se e cobriu a mão dele com uma dela. Ele se virou para ela, seus olhos procurando o rosto dela, e o espaço entre eles ficou carregado... curiosidade, talvez. Nervosismo.

Querendo. O desejo de conforto, proximidade e descoberta, mas, oh, qual era esse aperto insuportável em sua barriga? Medo, talvez. Ninguém nunca esteve tão perto dela, não dessa maneira carregada e cuidadosa. Clara, de fato, fez o possível para evitar isso. Mas os olhos de Nicholas tinham a mesma forma familiar que a estátua, e ela não pôde evitar a atração.

Ela queria se aproximar deles, dele.

Ela se aproximou, uma mera mudança de peso. Mas foi o suficiente.

O olhar dele caiu nos lábios dela.

A porta se abriu.

Clara pulou para longe dele, as bochechas queimando.

Afa pigarreou delicadamente e cruzou as mãos na cintura. Atrás dela, Karras sorriu.

—Bem, então — Disse ele. —Você está começando bem, não é? Talvez seja mais fácil escondê-lo aqui do que pensávamos.

Clara lançou um olhar para Nicholas, mas ele não olhou para ela. Sua testa estava perturbada, as linhas de seu corpo tensas.

—Karras, não seja grosseiro. — Disse Afa suavemente. — Venha. Tome café da manhã com a gente. E depois-

—Vamos trabalhar. — Disse Karras. Ele juntou Clara ao seu lado quando ela saiu da sala. —Quando terminar, você parecerá que nasceu e foi criado aqui.

Um pensamento perturbador. O momento com Nicholas a deixou desequilibrada, e Karras não ajudou em nada, aglomerando a passagem e pressionando-a para mais perto de Nicholas. Ele ficou em silêncio ao lado dela, e ela esperava tão inquieta - embora se ele estivesse, ele escondeu bem.

Isso a irritou. Ela colocou espaço entre eles e levantou o queixo.

—Depois que terminarmos. — Disse ela com firmeza. — Gostaria de discutir o resgate de meu pai.

—Não se preocupe. — Disse Afa. —Bo já está trabalhando duro em um plano. Ela está bastante entusiasmada com vocês dois e considera um dever solene. — Ela sorriu e apertou a mão de Clara. — Nós o encontraremos, Clara. Existem pessoas neste país que ainda têm algum espírito de luta, mais do que você imagina.

Clara esperava que ela estivesse certa - e que pelo menos alguns deles se importassem em ajudar uma estranha.

Ela não tinha certeza, se a situação fosse inversa, que faria o mesmo, não se Felicity ou o pai estivessem em risco.

Lutar pelos desamparados e injustiçados sempre fora o trabalho de sua mãe.

Karras não havia exagerado.

Depois do café da manhã, colocou Clara e Nicholas em um provador ricamente ornamentado, forrado com cortinas vermelhas e prateleiras de frascos de perfume, pentes de joias, latas de pólvora e rouge. Outro homem, alto, silencioso e de peito nu, o acompanhava.

—Não se importe com Lenz. — Disse Karras enquanto colocava Clara em um banquinho e Nicholas em outro. —Ele não fala muito. — Karras encontrou os olhos de Clara no espelho em frente a eles. — Mas entre você e eu, eu não poderia me importar menos com isso. Ele tem mãos verdadeiramente magníficas.

Clara sentiu um rubor aquecer seu corpo, e ela tentou sorrir educadamente e ignorar o olhar de Nicholas. No café da manhã, ele a observou com um novo silêncio sobre ele. Toda vez que ela olhava para ele, ele desviava o olhar. Quando ela se permitiu lembrar o peso dele contra seu corpo naquela manhã, o calor subiu dos dedos dos pés até os lábios.

—Agora. — Disse Karras, recuperando uma xícara fumegante de chá de um fogão no canto. —Primeiro, beba isso.

Clara pegou a xícara e hesitou. O cheiro do chá era amargo.

—O que é isso?

—Proteção, só por precaução. Todos as concubinas femininas bebem. E eu lhe darei um pacote da erva para que você fique com você o tempo todo, para que você possa preparar mais sempre que

achar necessário. Esse copo deve mantê-la segura durante a sua estadia aqui, pelo menos. Mas, dependendo de quanto tempo você permanecer em Cane...

—Segura? — Ela estava completamente perplexa.

Karras estava mexendo em uma gaveta cheia de suprimentos, mas ao som da voz dela, ele se virou, com o rosto suave.

—Segura, sim. A vida de uma concubina é difícil. A vida em Cane é difícil, e em todos os lugares que você vira você encontrará pessoas desesperadas - pessoas que não hesitariam em machucá-la por seu próprio prazer. —Ele colocou a mão no braço dela, talvez vendo a compreensão crescente em seu rosto. —Não estou dizendo que algo vai acontecer com você. Mas existe a possibilidade, e beber regularmente ajudará a proteger seu corpo de qualquer... efeito prolongado de encontros desagradáveis. Você entende?

Ela sentiu medo e vergonha e sentiu profundamente a vulnerabilidade de seu corpo. Ela cruzou os braços e tomou um gole.

—Sinto muito por ter assustado você. — Disse Karras, sua voz suave.

—Não. Está... tudo bem. Sou grata. —E para provar isso, ela jogou o resto de sua bebida de uma só vez e engasgou, tossindo.

O clima melhorou um pouco, Karras sorriu. —Excelente. Agora, como lidar com esse seu cabelo? É como um farol. — Ele pegou uma mecha do cabelo dela entre o polegar e o indicador e o examinou antes de deixá-lo voltar ao lugar. —Mas primeiro você precisa de um banho.

Clara fez uma careta. —Mas nós tomamos banho ontem à noite.

—Ah, mas você não pode tomar muitos banhos, pode? Nossos padrões aqui são excepcionais. Concubinas são muitas coisas, mas imundas não é uma delas.

Lenz riu.

—Bem, pelo menos não literalmente. — Acrescentou Karras, sorrindo.

Ele abriu uma cortina em toda a extensão da sala, separando Clara de Nicholas, e a levou para trás de uma tela de filigrana ornamentada no canto. Ele abriu uma torneira de latão na parede e a água fumegante encheu uma banheira de porcelana pintada com figuras nuas douradas.

—Vá tomar banho. — Disse Karras. —Eu não vou espiar.

Clara fez, o mais rápido possível. Quando terminou, Karras apoiou as costas no banquinho com um roupão tão macio que Clara se sentiu indecente em usá-lo, o tecido a beijando a cada curva. Ela se sentou rígida, curvada, com os braços em volta de si. Talvez se ela não se mexesse, não sentiria o tecido deslizar tão intimamente, não perceberia o quão leve uma cobertura a protegia dos olhos de Karras.

Ele não parecia afetado, no entanto, passando uma pasta escura pelo cabelo dela e cantarolando baixinho.

—Karras? — Clara sussurrou. Ela tinha que dizer alguma coisa. —Eu tenho uma pergunta.

—Pergunta à vontade.

—Você falou de concubinas antes. O que são concubinas? — Clara pensou que sabia, e doía ter que perguntar, mas precisava aprender tudo o que pudesse. Ela não podia ser intimidada por impropriedade - e não podia deixar de ficar curiosa.

—Eu sou um amante. — Disse Karras. —Lenz é um amante - Afa também. Ela é uma das favoritas de Pascha. Nós cuidamos da casa de prazer, entretemos as fadas.

Clara assistiu mechas meio escuras e meio vermelhas flutuando a seus pés enquanto Karras aparava um comprimento curto das pontas dos cabelos. —Quem é Pascha?

—O país das fadas que administra nossa casa. Desagradável maldade de um homem, mas se você o mantém feliz, ele não é tão ruim.

—E. — Clara fechou os olhos, com medo da resposta. Muito parecida com Felicity, muito pequena, muito assustada, apesar de sua bravata. —Bo não é uma concubina, é?

Karras fez um som horrorizado. —Absolutamente não. Não há crianças aqui. Até as fadas, ao que parece, têm seus padrões. Até agora, pelo menos. — Ele lhe entregou um pano úmido. —Agora pegue isso nos seus dentes. Esta parte pode doer.

Evitando as feridas ainda macias, ele colou algo para cima e para baixo nas pernas nuas, do tornozelo até a altura da coxa de Clara, que ela se afastou com medo.

—Não tenha medo, amor. — Ele disse suavemente. —Eu não estou olhando muito perto.

Então ele cobriu a pasta com panos e os rasgou, um por um - junto com todos os cabelos nas pernas de Clara. Ela gritou no pano. Sons semelhantes do lado de Nicholas da sala lhe trouxeram algum conforto.

—Desculpe por isso. — Disse Karras, movendo-se para os braços a seguir. —Mas Pascha gosta de suas concubinas lisas e limpas. Você precisa se misturar.

Clara assentiu e mordeu com força até Karras terminar. Um silêncio caiu entre eles enquanto ele trabalhava, enquanto corria pela sala para pegar esse recipiente e aquele pincel, pintou as unhas de Clara com uma cor profunda que brilhava negra na escuridão e ameixa na luz. Ele lavou a tintura do cabelo dela e amarrou pulseiras de jóias em torno de seus tornozelos. Ele pintou os braços e a barriga dela com tinta cintilante, violeta e dourada, e disfarçou as piores queimaduras e contusões com pó e lenços astuciosamente amarrados. Clara ficou tensa enquanto trabalhava nisso, mas se Karras pensava que seus ferimentos haviam cicatrizado mais rapidamente do que deveriam, ele não disse nada.

Ela tinha certeza que eles tinham. Ela não podia ignorar o que seus olhos viam claramente, mesmo que não pudesse entender. A preocupação queimava dentro dela, mas ela só podia suportar tanta confusão de uma só vez e deixar aquela peça em particular de lado.

Por agora.

Enquanto ele a media em busca de roupas, ela estava no centro da sala em roupas íntimas tão frágeis que poderiam muito bem ter sido o ar. Então ele a vestiu como uma boneca, com tecidos que deslizavam contra a pele dela como línguas frias e frisadas.

Quando Karras recuou para examiná-la, Clara estava tão profundamente desconfortável que ela podia se sentir tremendo. Tal humilhação - praticamente nua, lavada, arrancada e escovada dentro de uma polegada, afastando as mãos de Karras e correndo de volta

para o quarto para se esconder. O que o Dr. Victor pensaria dela? Ela fechou os olhos com o pensamento, lutando contra as lágrimas; ela podia sentir o ar contra tanto de seu corpo, tantas curvas reveladas. Uma exibição tão descarada e desagradável. Ela imaginou como seria, quanta pele veria e se sentiria doente.

Um dedo macio no queixo a levou a abrir os olhos. O rosto de Karras era compassivo.

—Você não pode ter medo. — Disse ele calmamente. —Ou Pascha o encontrará, não importa o quanto tentemos escondê-lo. Ele tem nariz de medo, entende?

—E se... se eu for pega... — Disse Clara, forçando a respiração a voltar a alguma aparência de regularidade. — não encontrar meu pai. — Ela apertou os punhos. Seus dedos estavam pesados com anéis. — Ou voltar para minha irmã.

—Veja, aí está, esse é o espírito. — Ele deu um tapinha no ombro dela - firme, mas não cruel. Então ele deu um passo para trás, puxando aqui, esfregando lá e sorrindo. —Normalmente não sou um tipo egoísta de homem

—Ha! — Lenz riu novamente do outro lado da sala.

—... mas olhe para si mesma. Posso pintar ou não?

Foi um esforço tremendo voltar-se para o espelho e, quando Clara o fez, fez um balanço de si mesma com um olhar clínico. Ela precisava saber como ela era agora, o que as pessoas daqui veriam, mas certamente não precisava examinar todos os detalhes minuciosos. Cachos de ébano tingidos, passando pelos ombros e enfiados com pérolas e rubis; olhos delineados com kohl e pequenas manchas douradas; pele brilhando com tinta; jóias em torno de seu

umbigo; sardas mascaradas com pó. Tecido escuro transparente e cordões dourados trançados cobriam pouco mais do que o essencial. Nos pulsos, grossas faixas de metal vitrificadas com tinta dourada a marcavam como, ela presumiu, uma concubina desta casa.

Antes que Clara pudesse reagir, Afa entrou na sala e assentiu com aprovação.

—Muito bem, Karras. — Disse ela, e afastou a cortina.

Nicholas ficou lá, e Clara mal o reconheceu. Lenz o pintara em um mosaico vivo. Formas cintilantes de tinta preta, azul e prata varreram sua pele, disfarçando artisticamente os restos da maldição - a prata no ombro direito, as lascas de metal serpenteando ao redor dos antebraços como videiras. Fios escuros de jóias pendiam de seu tronco, presos ao pescoço, pulsos e cinto.

Foi um bom trabalho, disse Afa, e Pascha nunca suspeitaria de nada. Pareciam novos recrutas disputando cargos permanentes.

Mesmo assim, Clara se sentiu exposta, frágil. Manchada, e como se ela também maculasse qualquer um que a olhasse, infectando-os com a obscenidade de sua pele nua. Afa os conduziu pelos corredores sinuosos para uma refeição e para se encontrar com Bo, e enquanto Nicholas caminhava ao lado de Clara em silêncio, suas muitas jóias batiam juntas, estremecendo sua calma precária.

Depois de um momento, ele riu baixinho. —Eu não consigo imaginar comer agora. Eu sinto que, se eu me mexer muito, essa linda concha que eles me colocaram vai se partir em pedaços E essas calças me fazem coçar como você não acreditaria.

—Pelo menos. — Disse Clara, buscando leveza. — Sua concha cobre a maioria de vocês. Sinto que a minha serve apenas para apontar coisas que eu prefiro que as pessoas não vejam.

Nicholas ficou quieto por um momento e parou do lado de fora da sala comunal. Ele pegou o braço dela e, talvez, lembrou-se da tinta. Ele se afastou e seus dedos roçaram as jóias na cintura dela. Ele murmurou um pedido de desculpas.

Clara se preparou, a vergonha brotando dentro dela. *Se ele disser algo de elogio sobre a minha aparência, darei um soco feliz nele.*

A tinta em seu rosto era a mais severa de todas, para mascarar quaisquer traços distintivos. Clara viu dentro dele formas estranhas, tão mutáveis quanto nuvens de tempestade.

Ele sorriu, seus olhos firmemente nos dela. —Sinto falta do seu cabelo ruivo. E suas sardas. Eu sempre gostei delas.

Quando ele ofereceu sua mão, ela a pegou.

Durante o almoço de figos assados com mel e alecrim, café com especiarias e um pudim frio coberto com groselhas, Clara teve uma epifania.

—Esse mapa. Foram dois mapas em um.

Nicholas parecia pasmo. —O que você quer dizer?

—Algo estava me incomodando, mas eu não conseguia descobrir o que era. — Ela largou o café e, por um momento, esqueceu

de se importar de estar nua, de Nicholas estar tão perto. —Havia linhas do outro lado, linhas fracas. Pensei que talvez fossem fronteiras desatualizadas, ou rios, mas...

—Pegou isso, não é? — Bo disse, entrando na sala com quase nenhum som. —Eles são túneis.

Nicholas amaldiçoou. —Bo, você é pior que um gato. Eu quase pulei da minha pele.

Ela tirou o chapéu surrado com um floreio.

—Obrigada, senhor. Eu pretendo agradar.

—Onde você esteve, afinal?

—Oh, aqui e ali, e aqui de novo. — Bo jogou um pedaço de metal deformado sobre a mesa. —Me deu um prazer.

Clara recuou com as penas de metal quebradas, os olhos azuis escuros. —Um kambot?

—Gosto de pegar os que posso, nocauteá-los quando eles não estão olhando, religá-los. É mexer com ela, viu? Tirar alguns dos olhos dela. — Bo deu de ombros, arrancando alegremente algumas das penas do kambot ainda mais fora do lugar. —Não posso fazer muito, mas posso fazer isso pelo menos. Eu posso, em pedaços, virar suas próprias máquinas contra eles. E aqui. — Bo tirou o mapa da jaqueta. —Dê outra olhada.

Agora que Clara sabia o que estava procurando, podia ver claramente, sob as linhas mais ousadas dos dez distritos.

—Túneis. — Nicholas respirou, inclinando-se para mais perto. —Isso é brilhante. Podemos usar isso, Clara.

Uma rede em forma de árvore de linhas tênues se espalhava pelo mapa, se ramificando e se entrelaçando em eixos marcados com

pequenos números. Delicados sob as linhas mais arrojadas de distritos e pontos de referência, eles não seriam notados à primeira vista.

Afa entrou, brilhando com um leve brilho de suor. Ela fora obrigada a sair para um compromisso no início da tarde. Clara não conseguiu encontrar seus olhos.

—Ah. — Disse Afa, abanando sua pele superaquecida, — Planejando com minha astúcia desviante chamada de irmã?

—Ainda não havia chegado lá. — Bo apontou para o mapa, no distrito marcado Kafflock. —Aqui é para onde vamos hoje - a estufa do bairro, viu? — Ela disse a Clara e Nicholas. —Como um mercado oficial. Limpo, arrumado e tudo, não como as ruas, mas perigoso. Rastejando com fadas. Soldados, nobreza, empresários de sucesso como nossa Pascha. Eles vão lá para fazer compras. Os humanos também, se tiverem vontade de arriscar. Alimentos mais limpos, assim como água e açúcar.

Nicholas olhou para cima. —Arriscando?

—Às vezes, se os soldados não gostam da sua aparência, eles- — Bo imitava o movimento de uma lança. —Zzzt! Por nenhuma razão. Ou coisas piores que isso.

Afa se sentou em um sofá em frente a eles, amarrando os cabelos úmidos do pescoço em uma trança apressada. Clara não parava de olhar para ela, procurando sinais do que havia acontecido lá em cima. Um fascínio repreensível a dominou. Ela se perguntou se Afa havia sido ferida, humilhada. Se ela tivesse sido forçada a se apresentar para as fadas, e o que exatamente isso implicava.

Clara torceu o guardanapo no colo, tomando cuidado para não borrar a tinta na barriga nua. Imagens perversas ultrapassaram seus pensamentos. Era como se suas roupas novas, o ar sobre a pele estivesse tão acostumado a ela, o conhecimento de onde Afa estivera e o que ela poderia estar fazendo, e a pressão apertada de Nicholas contra sua coxa - toda essa experiência monstruosamente desconhecida - estivesse girando fora de controle. E ela tinha que estar no controle, por ela mesma, pela família dela. Ela tinha que reprimir seus pensamentos errantes, essa curiosidade obscena, o novo pulso de seu sangue que parecia horrivelmente síncrono com a música alta do andar de cima.

—E o que vamos encontrar lá? — Ela se concentrou em Bo, e a visão de seu rosto infantil limpou a cabeça de Clara. —Na estufa?

—Companheiros de viagem, por exemplo. — Respondeu Afa. —Você precisará de guias para viajar pelo país em busca de seu pai, Clara, e também para a capital. Embora, Alteza, como pretende alcançá-lo com Rieden em seu caminho...

—Nós vamos resolver alguma coisa. — Disse Nicholas, cortado, concentrado no mapa.

—E se eu estiver certa — Disse Bo. —E eu normalmente...

Afa pigarreou, os olhos provocando.

—Normalmente, eu disse, querida irmã. Não me dê esse olhar. De qualquer forma, como geralmente estou certa, também podemos encontrar informações sobre seu pai, Clara. — Bo sorriu e, quando ela se aproximou de Clara, era tão gentil, tão silenciosamente confiante, que lembrou Clara de Felicity. Mesmo assim, como Bo os levou a seguir o plano da tarde, Clara não conseguiu bloquear o som da

música no andar de cima e se mexeu inquieta. Ela sentiu os olhos de Afa sobre ela e os de Nicholas. Ela se sentiu transparente sob o escrutínio deles, como se pudessem lê-la e ficassem enojados com o que viram.

Teimosamente, ela olhou para o mapa. Se eles estivessem - e ela não os culparia - esperava que eles guardassem o segredo.

CAPÍTULO VINTE

A estufa estava cheia de fadas, como Bo havia dito: soldados uniformizados, lanças na mão, luvas brilhando; Clara assumiu quem era a nobreza, com mantos ultrajantes e chapéus de penas, cabelos trançados em nós elaborados; comerciantes magros, supervisionando várias barracas tripuladas por humanos de aparência atormentada. Cada humano, como Clara e Nicholas, era marcado por algum tipo de insígnia - uma faixa no pulso, uma tatuagem no pescoço, uma faixa estampada. Eles eram propriedade, como ela estava fingindo ser.

Clara, Nicholas, Afa e Bo entraram na estufa separadamente, para despertar a menor suspeita. Clara não pensou que alguém teria notado seu pequeno grupo nesse caos. Inúmeros outros estavam vestidos de forma extravagante como ela e Nicholas, alguns ainda mais. Embora a enorme quantidade de carne a mortificasse, Clara não pôde deixar de se alegrar. Pelo menos as fadas teriam muitas outras concubinas para procurar. Os humanos também os cercavam, parecendo muito mais saudáveis do que os das ruas - criados e concubinas, arrumados e às vezes resplandecentes, embora nenhum menos glamoroso que as fadas. Eles manejavam barracas, carregavam trouxas para seus donos das fadas e, se eram concubinas,

flertavam de uma maneira exageradamente obsequiosa que parecia agradar seus potenciais clientes das fadas. Certa vez, uma criada humana carregada de cestas de mercadorias tropeçou e caiu contra Clara, quase a derrubando. Um soldado das fadas nas proximidades empurrou a mulher no chão com a ponta de sua lança, derramando seus bens. A lança zumbindo pareceu chocá-la, enviá-la cambaleando, mas ela quase não choramingou, como se estivesse acostumada a tanta dor.

—Minhas desculpas. — Disse o guarda das fadas a Clara depois, mas não havia nada genuíno nele. Ele bateu as faixas em volta dos pulsos com uma unha longa, os olhos no corpo dela. —Da Casa Pascha, você é? Posso ter que fazer uma visita em breve.

Clara tentou não demonstrar repulsa, murmurou agradecimento e se afastou apressadamente.

Ela caminhou em direção ao fundo da estufa, onde paredes de metal estriadas encontravam as vigas de ferro que se arqueavam no alto. Uma porta preta severa marcava o que deveria ter sido a entrada para a estação de cromocast da estufa. Bo havia dito um em cada estufa, e às vezes dois. Um soldado das fadas de aparência entediada estava de guarda diante da porta. Clara procurou a bolsa na cintura, por baixo da saia cortada. Sim, havia o pequeno peso da fechadura que Bo havia presenteado a ela. Deveria ser, ela disse, um tamanho apropriado.

Deveria ser.

Clara parou em uma barraca que vendia tecidos luxuosos. O homem humano que trabalhava na estação olhou para as bandas de Clara e desviou o olhar às pressas, como se tivesse atingido - ou como

se ela o atingisse. Descomposta, ela fingiu vasculhar seus pedaços de tecido até avistar uma forma escura nas vigas, minúscula e veloz.

As batidas do seu coração dispararam. Já era tempo. Se tudo estivesse indo como planejado, Afa e Nicholas estavam naquele momento encontrando as informações necessárias.

E agora, Clara esperava, ela encontraria a dela.

Ela observou a pequena forma escura percorrer as vigas, unida por outra e outra. Ela fez uma oração minúscula e rápida por Bo e se perguntou, não pela primeira vez, se havia um Deus em Cane, e se ele era tão inútil aqui quanto em casa.

As formas explodiram - uma, duas, três - em grandes rajadas de luz escaldantes. Outras explosões se seguiram por toda a sala - escondidas sob bancas de comerciantes, enterradas em pilhas de mercadorias. O ar se encheu de fumaça negra.

Soldados entraram em ação, gritando comandos estrangeiros. A nobreza se abaixou, gritando, cobrindo suas cabeças penteadas reluzentes. Os humanos também gritaram; alguns levantaram as mãos, se jogaram no chão em súplica, mas outros riram e aproveitaram a oportunidade para pegar mercadorias de carros não tripulados.

Clara olhou para a porta. O soldado se foi.

Ela deu uma última olhada frenética no chão da estufa. Várias barracas pegaram fogo enquanto as explosões continuavam, espalhadas por todo o edifício. Um floco de metal chamuscado de uma pena de kambot flutuou do teto para cair aos pés de Clara.

No limite, esticada de medo, Clara sorriu de qualquer maneira. *Bo, eu poderia te beijar.*

Ela se virou para a porta, mexeu na trava com a palheta, limpando o suor dos olhos. Quando ela pensou que tinha, a trava começou a se mover, logo abaixo de seus dedos, com um assobio preto.

Magia das fadas. A porta estava encantada.

Ela recuou e, através de seu alarme, sentiu algo mais construindo dentro dela. Estava frio e penetrante, a mesma força repentina de seu pesadelo, quando o inverno rasgou seu sangue e transformou tudo em chamas. A mesma força repentina que sentiu no trem.

Ela saiu dela como um punho, essa energia, e a jogou contra a parede. Ela caiu ali, apertando a garganta, tossindo por ar. Algo estava dentro dela; algo estava rastejando. Ela estava engasgada como se fosse virar de dentro para fora... E então ela se foi. Isso a deixou, como uma tempestade transbordando dentro e fora da existência.

Onde estava a fechadura, havia agora um buraco, fumegando suavemente, com as bordas carbonizadas. Quando ela tocou o metal circundante, ela assobiou; estava frio ao toque.

Por mais impossível que parecesse, não havia como negar. Ela fez isso.

Como foi outra pergunta. A compreensão pairou no limite de sua consciência. Se ela tivesse algum tempo para pensar, para permanecer neste momento com os calafrios ainda formigando sua pele, ela poderia encontrar uma resposta.

Mas ela não tinha tempo. A estufa permaneceu caótica, mas não demorou muito para as fadas se reagruparem. Então Clara afastou

sua curiosidade com uma pontada de pressentimento e deslizou pela porta.

A estação de cromocast era uma pequena sala, paredes cheias de painéis multicoloridos - os cromocast's, como Clara agora sabia que eram chamados - e espaço suficiente para um soldado das fadas ficar no meio deles.

Afastando o cabelo dos olhos, sem se importar se manchava a tinta de Karras, Clara examinou as telas tremeluzentes. Em algumas das telas, símbolos azuis brilhantes das fadas rolavam em grupos padronizados. Letras, palavras. Era bobagem para ela, e ela o ignorou em favor dos cromocasts exibindo imagens - dezenas delas, centenas, mudando rapidamente de uma para outra. Bo suspeitava, graças às fofocas comuns e suas próprias observações irregulares, que as telas nessas estações transmitiam imagens gravadas pelos kambots, e esse parecia ser o caso. Clara viu imagens do ponto de vista dos pássaros - os topos dos edifícios, os trens subterrâneos dos trens elevados. Estradas, prados congelados, mendigos, favelas de Zarko; ruas lotadas, o interior de outras estufas e várias salas, o quarto de alguém, a sala de estar de alguém - ali.

Um lampejo de vermelho, uma figura borrada e curvada que poderia ter sido um homem. Mas então se foi, essa imagem piscando para a próxima.

Clara gritou de frustração. Ela não poderia ter muito mais tempo. Do lado de fora, o barulho parecia mais baixo, embora ela não soubesse se isso era verdade ou seu próprio medo. Recusando-se a piscar, ela desejou que as imagens no cromocast retornassem. Cada segundo parecia uma hora. Cada segundo enviava o medo em seu

coração espiralando mais febrilmente fora de controle, mas então - ali! Sim, uma cabeça vermelha, uma figura inclinada; um quarto escuro, uma janela solitária, da qual... Essa neve estava caindo?

A imagem passou e Clara decidiu que esperaria mais um ciclo. Mais um, e então ela partiria, e se tudo o que sabia era que havia um homem que poderia ser seu pai mantido em uma sala que poderia estar localizada em uma área onde estava nevando, seria mais informação do que ela tinha tido aquela manhã. Claro, poderia ter sido um truque, ou não ele, ou seu próprio desejo, projetando falsas esperanças.

Ela esperou, tão tensa que seus ombros doíam... e então lá estava novamente. A palma da mão bateu contra a tela, como se agarrá-la pudesse mantê-la lá.

E fez. Ao redor, as outras telas continuavam com seus padrões de ciclismo, mas essa, essa imagem do homem de aparência curvada, permanecia imóvel, tremendo de energia. Clara apertou os olhos, absorvendo o máximo de detalhes possível. Uma sala escura, de aparência irregular, arquitetura elaborada e adornada com ferragens; um palete no chão; uma janela e uma nevasca do lado de fora. A imagem do próprio homem era confusa, mas ele tinha cabelos ruivos e uma forma borrada que parecia do tamanho de John Stole. Ela não viu feridas visíveis nele, mas ele não estava se mexendo. Ela esperava que ele estivesse simplesmente inconsciente.

Ela esperava que não fosse louca por se permitir acreditar, mesmo que por um instante, que a imagem distorcida agora marcada em sua mente era algo relevante para sua busca. Era uma esperança estranha, ingênua. E, no entanto, ela não podia deixar passar.

Nem ela poderia ficar aqui. Tirar a mão da tela era atormentador, mas ela conseguiu, deslizou para fora com a palma da mão apoiada no peito, como se embalasse o pai por dentro. Depois de fechar a porta atrás de si, pensou atrasada em procurar o guarda. Isso não importava. O tumulto ainda reinava do lado de fora. Clara passou por ela, do lado de fora e para o leste, por uma avenida que cheirava a corpos, sangue e carne apimentada. Sua pele ainda formigava estranhamente, e a imagem da fechadura queimada permanecia na borda de seus pensamentos, assustando-a, mas ela não podia pensar nisso agora. Agora não, ainda não. Nunca, se ela pudesse evitar.

Quando chegou ao ponto de encontro, uma loja do lado de fora da qual Afa e Nicholas vasculhavam uma variedade de cachimbos elaborados, ela nem parou para dizer olá ou agradecer ao lojista, uma jovem humana com correntes nos tornozelos que sorria timidamente. Insensível, com o coração partido, ela foi direto para Nicholas, ignorou sua exclamação de alívio e se apoiou no peito dele. Quando os braços dele a envolveram, quando ele sussurrou o nome dela, Clara ficou feliz, pois por baixo dos perfumes de Karras, ele cheirava fracamente à loja do padrinho e a casa.

CAPÍTULO VINTE E UM

Bo deveria encontrá-los de volta na casa e, quando finalmente enfiou a cortina de contas da sala comunal, minutos antes do toque de recolher, Clara estava doente de preocupação e Nicholas estava fazendo um buraco no tapete.

Afa correu para ela e caiu de joelhos. —Querida irmã, querida, corajosa, irmã estúpida. Sua alma certamente deve ter feito um acordo com a própria Zoya. Onde você esteve?

—Fadas me pegaram. Pareciam pensar que eu poderia ter algo a ver com o incidente do piolho. Eles não me conheciam de nenhum dos outros desgraçados, mas estavam com raiva. Precisava de alguém para espancar. Além disso, fui pega na multidão. — Bo deu de ombros, mas o movimento a fez estremecer. Contusões já escurecendo marcavam seu rosto, e sangue seco manchava suas mãos. —Ainda bem que não sou concubina, não é? Não importa muito a minha aparência.

—Oh, Bo-— Clara disse, começando a se desculpar, mas Bo a interrompeu.

—Como tudo aconteceu? Você encontrou o que precisava?

—Afa e eu conhecemos uma festa saindo para o metrô ao anoitecer depois de amanhã. — Disse Nicholas, grave ao inspecionar as feridas de Bo. —Um grupo de quatro. Três homens e uma mulher. Eles estão indo para o Hub 13. Se quisermos nos juntar a eles, vamos encontrá-los na Casa Krezentia.

—Nenhum deles reconheceu Nicholas, mesmo depois que eu limpei um pouco o rosto dele. — Afa ainda estava de joelhos, ainda embalando Bo como se ela fosse uma coisa preciosa. —Mas então ele cantou, e seus rostos, do jeito que eles sorriam... Eu acho que... Irmã, isso pode ser o que esperávamos. Pode ser uma mudança.

Nicholas parecia duvidoso. —Um possível começo, de qualquer maneira. Espero que eles não fiquem fofocando com os amigos. Nosso objetivo aqui não é iniciar uma rebelião ou iniciar uma grande mudança social. A população está muito desarticulada para isso, muito fraca. Seria extinta antes de realmente começar. Discrição e sigilo são a melhor esperança. — Ele olhou para Clara. —Para nós dois.

Ela tentou devolver o sorriso dele, mas parecia desagradável, os eventos do dia pesados em sua mente.

Bo se acomodou cautelosamente em um sofá. —O que você descobriu?

Clara repetiu o que já havia dito a Nicholas e Afa, descrevendo todos os detalhes do que vira no cromocast. Um desejo de descrever a destruição da fechadura a coçava, mas ela resistiu, e as palavras engolidas foram assombradas. Depois que ela terminou, todos pareciam sombrios.

Bo suspirou. —Bem, isso não ajuda muito, não é?

—Não. — Clara se sentiu tola, tendo agora contado sua história duas vezes. Era tão pouco para continuar, uma esperança tão fina. — Poderia ter sido ele. Pode não ter. Poderia ter sido uma imagem falsa, ou alguém completamente diferente.

—Vamos supor que era ele. — Nicholas disse firmemente. —E que ele está sendo mantido mais ao norte. Talvez um dos distritos do norte. Talvez a própria Wahlkraft.

Afa concordou. —Mesmo agora, você não vê nevascas nas terras do sul.

—Mesmo agora? — Perguntou Clara.

—Está muito frio aqui, desde que os magos morreram. — Disse Bo. —Pior, é claro, quanto mais ao norte você for. Gostamos de pensar que era outro, você sabe- — Ela fez um gesto rude e desconhecido que Clara, no entanto, entendeu claramente. — Para as fadas. Eles odeiam o frio. Não posso dizer que os culpo.

Afa ficou de pé, as mãos apertadas firmemente na cintura. Os olhos dela não deixaram a irmã e Clara entendeu. Se Clara voltasse para casa - não, quando o fizesse, com o pai a salvo - duvidava que deixaria Felicity de novo fora de vista. Esse desenvolvimento certamente deixaria Felicity de ótimo humor.

—Discretamente, espalharemos a notícia sobre seu pai, Clara, — Disse Afa, e transmitiremos tudo o que encontrarmos a você e Nicholas através do subterrâneo. Nem sempre é uma maneira confiável de se comunicar, mas é a melhor que temos.

Clara sorriu agradecida e virou-se para Nicholas. —Bem, parece que devemos ir para o norte, então.

Ele inclinou a cabeça. —Você se importa de me fazer companhia por mais um tempo, senhorita Stole?

—Eu tenho uma escolha?

Um lampejo em seu rosto. Ou talvez tenha sido a mudança de sombras. —Você sempre tem uma escolha.

Ela quase riu. Escolha. Talvez ela sempre tivesse uma, sim. Mas quando a escolha era entre duas coisas terríveis - entre pai e irmã, entre o perigo de uma casa de prazer e o desconhecido de uma terra estranha - ela não tinha certeza de que poderia realmente ser chamado de algo tão esperançoso quanto a escolha. Pelo contrário, parecia uma aposta, com os dois caminhos levando a algo terrível. Mas talvez um não seja tão traumático quanto o outro, e foi assim que você tomou sua decisão, por essa chance perigosa.

Afa sugeriu que eles passassem a noite, e o alívio por sua sugestão era palpável. Antes que Bo pudesse escapar, Clara a pegou pelos ombros e se ajoelhou diante dela. Ela se forçou a olhar para o hematoma feio que florescia na bochecha direita de Bo. Não era terrível; poderia ter sido muito pior.

Confusa, Bo pôs a mão na testa de Clara, como se estivesse com febre. —Você está doente? Karras colocou algo no seu café ou algo assim?

—Sinto muito por você ter se machucado. — Clara sussurrou. Os braços delgados de Bo em suas mãos eram tão parecidos com os de Felicity, tão facilmente encaixáveis, como um galho sob pressão. E a proximidade de Bo, sua compostura e bom ânimo, apesar do que havia acontecido com ela... era muito parecida com Felicity, horrivelmente maravilhosa como ela.

—Oh. — Bo acenou com ela. —Realmente não é-

—Verdadeiramente. Eu sinto. Me prometa que não correrá um risco assim novamente. Não para mim.

Bo ergueu as sobrancelhas. —Você ouviu do que estamos falando, certo? Você entende o que está prestes a acontecer? Lamento dizer, mas missões como essas andam de mãos dadas com o risco.

—Apenas me prometa. Não há mais riscos assim, não para mim. Para Nicholas ou Afa, se você preferir, mas não para mim. — Clara cuidadosamente a abraçou. Ela cheirava a Cane, a casa Pascha, mas também a garota, menina pequena demais para ter que suportar essas coisas.

—Tudo bem. — Disse Bo com um tapinha estranho. —Eu prometo.

Foi um prazer egoísta segurá-la, fingir que seus braços eram de Felicity, então Clara a deixou ir.

Mais tarde, Clara ficou na cama contando.

Fazia dois dias desde que ela e Nicholas chegaram em Cane, o que significava, de acordo com sua relação aproximada de Cane para além, que doze horas se passaram em casa. Pareceu pouco tempo à primeira consideração, mas isso deixava apenas seis dias e meio no ultimato de Patricia Plum.

Seis dias e meio. Vinte e seis dias aqui em Cane para navegar no subsolo, de alguma forma atravessar o intransitável Rieden, para esgueirar-se pelo que quer que estivesse guardado por Wahlkraft. E se o pai dela não estivesse lá, afinal, ou eles fossem interceptados antes de chegar à capital? Qualquer coisa pode acontecer entre aqui e ali.

Vinte e seis dias podem não ser suficientes. Ela jogou e virou, inquieta com o pensamento.

—Como está Bo? — Veio a voz de Nicholas do outro lado do quarto, assustando-a.

—Bem. Machucada, mas não muito. Claro que ela não admite.

Uma longa pausa. —Eu poderia matá-los alegremente por fazer isso com ela.

Eu também poderia. Talvez não com alegria, mas prontamente.

—Eu acho que pode ser alegre, para mim.

Clara virou de lado para encará-lo. Na penumbra, ela conseguiu ver a forma dele do outro lado da sala, em sua cama baixa, olhando para o teto. Ela observou seu perfil sombrio, seguiu as sombras perturbadas que brincavam em seu rosto à luz das velas.

—Você já abriu alguma coisa — Ele sussurrou finalmente, — enquanto ainda estava viva?

Atordoada, Clara não respondeu imediatamente. —Eu pensei sobre isso.

—Sério? — Ele parecia surpreso.

—Dr. Victor.

—Ah. Sim, suponho que você pensaria nisso, não é?

Eles ficaram quietos por um momento e então Nicholas disse: —Eu já fiz isso. Cortar as coisas abertas. Seres vivos. E não apenas animais, o que seria ruim o suficiente. Mas seres. Claro, fui criado para pensar que eles eram tão bons quanto bestas, ainda mais baixos que isso...

—As fadas? — Clara disse depois de uma pausa.

—Sim. Drosselmeyer também. Nós éramos homens cruéis, Clara. Nós fizemos coisas cruéis. Você não teria gostado de nós.

Uma imagem surgiu na mente do padrinho de Clara, curvada sobre uma fada amarrada a uma mesa, com um bisturi brilhando nas mãos. Então, o padrinho era o Dr. Victor, e o país das fadas era uma garota órfã com um olhar vazio, e de volta. Clara estremeceu.

—Por que você fez isso? — Ela conseguiu.

—Nós nunca gostamos um do outro, humanos e fadas. As fadas eram selvagens, misteriosas. Travessas e descaradas. Desordenadamente. Nós não os entendemos. — Ele riu amargamente. —As histórias antigas dizem que nasceram dos mares do sul. Que, como o mar, eles estão sempre mudando, nunca no mesmo minuto para o outro, sempre criando.

—Construir algo e depois derrubá-lo. — Disse Clara, pensando em Anise.

—Eu acho que as histórias antigas, pelo menos essas, estão muito bem no ponto. As fadas estavam sempre escondidas, pregando peças nos viajantes. Mais do que tudo, eles amavam o seu trabalho. Construindo coisas, desmontando-as e juntando-as novamente. Dizem que os buracos das fadas naquela época eram profundos na floresta, sempre zumbindo com máquinas.

Ele se virou para ela, os olhos brilhando com a vela tremeluzente. —Veja bem, nós não os entendemos. Eles estavam sempre se escondendo. Por que eles não poderiam cooperar com seus soberanos legítimos como os magos? Eles devem ter algo a esconder. Nós temíamos desesperadamente a magia deles. Nós não entendíamos como funcionava, o que poderia fazer. Os magos sempre foram abertos sobre sua própria magia - seu charme, seu parentesco com animais, seu tremendo intelecto. Arrogante, mas aberto. Por que as fadas não fizeram o mesmo?

Clara estava hipnotizada, apesar de si mesma. —Então você os machuca porque não os entende.

—Fui criado para fazer isso. — Ele se jogou de volta na cama. —E Drosselmeyer era obrigado a fazê-lo, como o resto dos Sete. Você poderia dizer que nenhum de nós teve uma escolha no assunto. Você poderia dizer isso, e eu acreditava nisso, mas não acredito agora. Nós sabíamos exatamente o que estávamos fazendo, e fizemos isso de bom grado.

—Limite? Você quer dizer que fazia parte do serviço dele?

—Literalmente. Os Sete estavam ligados à família real no poder. Era um ritual de sangue, uma mágica antiga. — Ele fez uma pausa, como se estivesse escolhendo apenas as melhores palavras para dizer. —Eles nos serviram, nos protegeram e, por sua vez, foram capazes de proteger os interesses dos magos na corte.

Clara não tinha certeza de como responder a isso. A ideia de se unir em um ritual de sangue parecia bastante bárbara. Estar na presença de Nicholas agora parecia... diferente de alguma forma. Nas garras de uma intimidade perigosa. Ela ficou horrorizada com ele, e

ainda assim entendeu o que ele estava sentindo. Ou ela pensou que sim. O impulso para a violência, o desejo de controlar algo, qualquer coisa, mesmo que isso significasse crueldade.

Uma pequena parte dela até o admirava, ela tinha vergonha de dizer, por ter a temeridade de machucar seus inimigos, de cometer atrocidades que ela apenas entretinha em devaneios.

Uma pequena parte.

—Eles nos machucaram, Clara. — Ele continuou, suavemente. —Os truques que eles jogavam eram tudo inofensivos. Para todas as fadas que raptamos e dissecamos, eles prendiam cinco humanos ao lado da estrada, com seus ossos extraídos, seus rostos... esculpidos. Projetamos armas especialmente para serem usadas contra elas, e em combate elas as transformavam - nossas próprias armas! - contra nós. Imagine, soldados gritando devorados por suas próprias bestas.

Clara não queria imaginar isso. —Então houve guerra.

—Houve guerra. — Ele suspirou. —Uma guerra de décadas. Fui criado por ela, de fato. Uma mãe, um pai e uma guerra. — Ele se virou para ela, a vela agora um mero esboço. Eles eram crianças, encarando-se de suas camas, fofocando no escuro - exceto que não eram fofocas, e Clara não tinha certeza de que Nicholas jamais fora criança, não de verdade.

—Levei muito tempo para ver o que era errado e deixar de lado meu ódio. — Continuou ele. —Mas agora, depois de ver meu povo nesse estado, ver o que as fadas fizeram, o que ela fez... Sinto-me regredindo, Clara. Sinto o ódio voltando e a violência. Quero ser melhor, acreditar nas coisas que digo a mim mesmo - que de alguma forma posso recuperar meu reino sem sangue, que podemos viver

felizes depois disso, como iguais. Mas parece impossível. Se eu acho difícil olhar para as fadas sem querer... — Ele riu tristemente no escuro. —Eu apostaria que não é o que você poderia ter imaginado que sua querida estátua acabaria sendo.

Ela ignorou o comentário. —Eu sei o que é odiar. — Disse ela. —Como você deixou isso de lado, na primeira vez? Abandonar o ódio?

—Eu tive um bom professor. — Suas próprias palavras retornaram a ela e com a mesma tristeza.

—Quem?

Por fim, a vela se apagou.

Uma pausa.

—Um amigo querido. — Depois de um longo silêncio, Nicholas pigarreou. —Você me odeia agora?

—Não. — Disse Clara. —Mas eu confesso...

—Conte-me. Eu mereço saber o que é.

Ela respirou fundo. —O que você fez foi errado. Entendo o ódio, mas espero que você se lembre disso. — Ela tentou encontrar o rosto dele no escuro. —As fadas que você abre não merecem isso, não importa o que o tipo delas tenha feito com você. Ninguém faz.

—Você está certa, é claro. — Ele disse depois de um momento, e eles caíram em um silêncio desconfortável.

Clara teve dificuldade em encontrar sono. Ela se perguntou se Nicholas ainda sorria para ela de manhã. E se ele não? Um príncipe a menos com um passado sombrio para se fixar. Além disso, ela poderia ter feito a mesma coisa na posição dele. Ela não sabia se teria

tido a coragem de rejeitar uma cultura de ódio, de abandonar a pele da violência que a criou.

Mas quando ela acordou mais tarde, para outro pesadelo - este mais violento: gelo lascando seus ossos, estourando fora dela, dividindo-a em lajes congeladas - Nicholas estava lá para alisar os cabelos úmidos. Ele pediu que ela recontasse seu sonho em detalhes, e sua voz era tão suave, tão reconfortante que quase a levou a fazê-lo, mas a brutalidade frígida provocada no corpo de seu pesadelo era perturbadora demais para se pensar. Ele ficou em silêncio então, e a abraçou. Quando o toque dele a acalmou, os pensamentos de guerra - e sua parte - se retiraram cada vez mais da mente de Clara. Durante o resto da noite, ela não conseguiu parar de tremer e ficou feliz por simplesmente ter um amigo sentado ao seu lado.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Na noite seguinte, Afa entrou na sala comunal através da cortina de miçangas, com o véu e as jóias torcidas, o rosto cheio de medo.

—Afa. — Nicholas disse, levantando-se. —O que é isso?

—Bo, para o seu quarto.

Bo fez uma careta. —Mas, Afa-

—Não discuta comigo!

Tanto terror, tanto terror nu na voz de Afa. Os olhos de Bo se arregalaram e ela correu. Afa virou-se para Clara, agarrou suas mãos.

—Você deve ser corajosa agora. — Disse ela, e embora sua voz estivesse firme, Clara percebeu que era um esforço. —Me desculpe.

A expressão no rosto de Nicholas era perigosa. —Afa, conte-nos o que aconteceu.

—Glyn. Era Glyn. — Afa fechou os olhos, balançando a cabeça. —Ela não quis. Ela é uma garota insensata e tola. Ela mencionou novas concubinas nos salões doces, e a palavra chegou a Pascha, e... me dê forças...

Uma garra de medo pegou Clara em seu intestino. Ela vacilou onde estava. —Ele quer nos conhecer.

Afa assentiu, infeliz. —E se ele suspeitar do nosso ardil, ele matará todos nós e fará com que a matança dure o maior tempo possível.

Clara sentiu-se repentinamente selvagem. —Nós devemos correr.

Nicholas pegou o braço dela. —E então o que? Levantar as suspeitas de Pascha, diminuindo sua raiva contra Afa e Bo?

—Melhor que ele descobrir que eles estão abrigando os fugitivos da rainha.

—Eles estão vindo. — Afa sussurrou na porta.

Uma batida depois, e um par de fadas masculinas elegantemente arrogantes apareceu na porta. Atendentes de Pascha, Clara assumiu. Eles usavam luvas mais elegantes que os soldados compatriotas, mas a energia azul ainda chiava ali, esperando. Os olhos deles percorreram primeiro o corpo de Nicholas e depois o de Clara.

—Venham. — Disse um deles, sorrindo como se estivesse encantado com alguma piada inédita. —Pascha está esperando.

Eles não tiveram escolha. Um atendente na frente e outro atrás, deixaram a familiaridade dos aposentos para subir as escadas, através de corredores pesados de incenso, passando por salas com cortinas. Música e risadas surgiram por trás das cortinas, junto com outros sons indecentes que fizeram a pele de Clara se arrepiar de medo. Ela e Nicholas haviam chegado tão perto de escapar de Kafflock sem encontrar Pascha. Uma noite restou antes de partirem para os túneis. Ela desejou que tivessem tido mais tempo para Afa explicar o que seria esperado deles. Eles seriam forçados a se apresentar, como os

outros, e o que isso significava? Ela desejava alcançar a mão de Nicholas para se firmar; ela desejava virar e correr, e nunca parar.

Os atendentes os conduziram através de uma série de quartos luxuosamente decorados - almofadas de seda empilhadas no chão, mesas baixas cheias de pratos suntuosos, sofás envoltos em pano de brocado - e em um terraço cercado por cortinas violetas. Nuvens de tempestade agitavam-se sobre a paisagem tortuosa de Kafflock.

Uma fada estava ali. Pascha, sem dúvida. Seus olhos dançavam com deleite e poder incontestado. Ele usava calças e botas finas e uma camisa de seda que revelava seu peito. Pós extravagantes enfeitavam seu rosto, e seus cabelos brancos trançados, enrolados em fios dourados, caíam nas costas.

Por um momento ninguém se mexeu, embora os olhos de Pascha deslizassem sobre eles, inspecionando-os. Por necessidade, Clara se acostumou um pouco às suas novas roupas, mas, sob o olhar preguiçoso e mercenário de Pascha, ela se sentiu despojada até os ossos.

—Então. — Disse ele, com a voz leve. —Estes são os novos recrutas?

Afa deu um passo à frente, curvando-se. —Sim, Pascha. Eu os encontrei há alguns dias atrás, procurando comida no mercado. Eu os tenho treinado, preparado. Eu queria te surpreender. Eles são um presente, Pascha.

Pascha assentiu, apertando os lábios. Então ele acenou para um de seus atendentes, que prontamente bateu no rosto de Afa.

—Agradeço o sentimento, Afa. — Disse Pascha, impassível. — Mas da próxima vez que você tiver um presente para mim, não espere vários dias para me falar sobre isso.

—Sim, Pascha. — Afa assentiu, segurando sua bochecha com dignidade de olhos brilhantes. —Isso foi um erro. Não vai acontecer novamente.

Alguns momentos terríveis se passaram em silêncio, exceto por um leve estrondo nos céus e um eco do chão. Sacudiu as lanternas penduradas no terraço, e Pascha olhou irritado para elas, colocando um pedaço de fruta rosa brilhante em sua boca.

—Bem? — Ele estalou, pingando suco. —Vamos ver então.

Clara olhou para Afa em busca de orientação, perdida, mas Afa não revelou nada.

—Desculpe-me, senhor. — Disse Nicholas, curvando-se como Afa, suavizando a voz em deferência. — Mas o que você gostaria que fizéssemos?

—Beijo! — Pascha levantou as mãos. —Façam um show! Façam alguma coisa. — Ele estalou os dedos e um atendente pressionou um interruptor mecânico na parede. A música começou, sensual, rítmica, descendo de funis escuros presos às colunas do terraço.

—Seria melhor. — Acrescentou Pascha. —Que vocês não se contenham. Sou facilmente entediado.

Nicholas deu um sorriso tão convincente que até Clara foi atraída por ele.

—Claro, Pascha. — Disse ele, e virou-se para Clara. Ela não conseguia ler a expressão dele, e isso a aterrorizava. Certamente ele estava tão ferido de medo? Ele se aproximou, levou as mãos ao

pescoço dela, acariciando levemente; Clara sentiu a atenção de todos no terraço apertar. Ele roçou os lábios na testa dela, nos cantos dos olhos, na boca, nas curvas das bochechas.

O calor surgiu através dela para encontrar seu toque, surpreendente e insistente. Ela cambaleou, e Nicholas deve ter confundido isso com medo. As mãos dele pegaram sua cintura, apoiando-a contra as linhas duras de seu corpo.

Tão pouco espaço entre eles agora, e tudo isso abrasador. Não fazia sentido, e parte de Clara protestou horrorizada - não era assim que deveria acontecer! - mas era uma parte pequena e rapidamente dominada. A súbita deliciosa percepção de que Nicholas estava tão perto, tão ofegante. Seus dedos, traçando suas feições, brincando com seu lábio inferior. A atração dele. Por um instante, ela pensou em sua quase nudez e se encolheu, mas então as mãos dele se estabeleceram em seus quadris, passando pelos fios de jóias em volta de sua barriga.

Ela não pôde evitar; ela se mudou para ele.

Ela fantasiou sobre isso por anos, meio envergonhada, meio desafiadora - seu pretendente à estátua ganhando vida, envolvendo-a nos braços, juntando-a contra seu corpo. Estava acontecendo agora, o olhar quente de Nicholas fixo em sua boca. Logo ele se inclinaria e sussurraria contra a pele dela, fazendo cócegas no pescoço dela. Ele a beijaria ali, na pele macia atrás da orelha dela.

Ele se inclinou e Clara deixou os olhos fechados. Ela permitiu que isso acontecesse; ela desejou, enevoada com sua própria euforia rápida. Quando ele a beijou, foi um raio, um choque que a deixou doendo. Quando a língua dele separou seus lábios, ela ficou mole contra ele.

Uma das mãos de Nicholas segurou a parte de trás da cabeça; a outra deslizou para acariciar sua coxa.

Ela ofegou, fez um pequeno som de surpresa, e o aperto dele nela apertou. Um gemido baixo escapou de seus lábios, e foi esse som - o estrondo profundo, a masculinidade - que a fez endurecer.

A consciência a atingiu como uma série de socos afiados: sua perna estava presa à dele. A mão dele estava nas costelas dela, avançando mais alto.

Eles não estavam sozinhos. Pascha observava ansiosamente, seus atendentes igualmente extasiados, e o rosto de Afa estava cheio de compaixão.

Espera. Isso não estava certo. Espera.

Ela tentou se afastar e Nicholas se retirou imediatamente. Enquanto ela o olhava, afiada por todo o novo pânico, seu rosto mudou de desejo de medo - por ela, por si mesmo, pelo que eles haviam feito e pelo que poderiam ser forçados a fazer.

Ele se afastou dela e Pascha cantou, batendo palmas. —Ela treme! Oh, delicioso. Quem não ama um humano encolhido? — Seus assistentes riram e o sorriso de Pascha ficou lascivo. —Continue então. Continuem.

Nicholas sussurrou: —Sinto muito. — E apertou o pulso dela com delicadeza. Havia angústia em seus olhos, seu rosto cru de tormento. Quando ele a pressionou contra a coluna nas costas dela, juntando-a em seus braços, seu toque foi suave, como se tivesse medo de quebrá-la e, de alguma forma, isso piorava tudo.

Isso não estava certo. Não era assim que deveria acontecer.

Não.

— Não. — Ela sussurrou no pescoço de Nicholas, pois ele a puxou para perto, afastou-a do olhar de Pascha para protegê-la.

Clara tentou olhar por cima do ombro dele para Afa. Talvez Afa enviasse um sinal para ela - que eles precisavam chegar apenas a um certo ponto, e então Pascha ficaria satisfeito, enviando-os de volta para o andar de baixo.

Mas Clara não conseguia mais ver Afa. Nicholas estava beijando-a, e o ferro de passarinho da coluna com pequenos pássaros decorativos cutucou suas costas nuas. A lógica ditava que ela deveria retribuir os beijos de Nicholas, convencer Pascha de seu potencial, e ela tentou. Mas o que antes parecia tão natural agora parecia tenso agora, falso e vil. O cheiro familiar de Nicholas se tornou enjoativo; os contornos de seu corpo não eram agradáveis, mas ameaçadores.

Ela hesitou, com medo. Ela viu o rosto ansioso de Nicholas, pairando sobre o dela.

Pascha fez um som impaciente, bateu com o punho contra a mesa, jogou um pedaço de fruta neles. Ela caiu molhada contra a perna de Clara. —Mais! — Ele gritou.

As mãos de Nicholas deslizaram ao redor das costas de Clara, pressionando seus quadris para mais perto dos dele. Seus movimentos eram rígidos, seu corpo inflexível. Clara se afogaria na injustiça disso. Sim, era Nicholas, e sim, eles haviam compartilhado... momentos. Toques. Olhares carregados do outro lado da sala.

Mas nunca ela imaginou algo assim.

As mãos dele viajaram pelas costas dela, forçando seu corpo a arquear em direção a ele. Ele beijou seu pescoço, seu esterno e mais

baixo. Através do tecido diáfano de seu corpete, ela sentiu a pressão quente da boca dele.

Uma lasca de algo frio deslizou através de seu sangue, algo separado do terror.

Ah não. Agora não. O que quer que fosse, essa frieza recorrente, essa energia irritante - ela não tinha tempo para explorá-la agora, com os beijos de Nicholas se tornando mais insistentes e Pascha exigindo mais, mais, mais. Por que isso não acontecia quando ela realmente tinha tempo de examiná-la?

O ar que a rodeava vibrou com súbita urgência. Suas jóias estalavam contra a pele como fios elétricos. Assustada, ela tentou mais uma vez se afastar de Nicholas. Ele notaria essa nova estranheza se ela o tocasse? Ele sentiria a centelha fria pronta para explodir de seus dedos?

Algo chamou sua atenção. Ele fez uma pausa para procurar o rosto dela, sua expressão perturbada e... curiosa? Antecipatória? Clara não sabia dizer, e estava desesperada para lhe comunicar o que estava acontecendo. Mas ela não sabia o que dizer, apenas que uma energia desconhecida dentro dela estava se acumulando, que seus dentes estavam começando a bater. A temperatura havia caído nos últimos dez segundos?

—Pascha. — Entoou uma voz das portas do terraço. —Perdoe a interrupção.

Abruptamente, Nicholas se afastou. Meras polegadas, mas foi o suficiente. Ele ficou entre o olhar de Clara e Pascha, e ela cedeu contra a coluna, segurando as ferragens. Ela sentiu marcas nas costas pelos pequenos bicos serrilhados.

—E você deveria pedir perdão. — Pascha estendeu o lábio inferior. —Eu estava me divertindo muito aqui, e você destruiu completamente o clima.

O novo atendente curvou-se à porta. —Sim, Pascha. Me perdoe. Mas Lorde Ingo espera por você no Salão Vermelho.

—Lorde Ingo está adiantado.

—Sim, Pascha. Ele disse que simplesmente não podia esperar até meia-noite.

—Insaciável. — Um sorriso decadente se curvou em seu rosto. —Ele tem sorte de eu gostar tanto dele. Poucos podem me afastar de tal visão.

Pascha se reuniu, seus assistentes seguindo atrás dele. —Vocês dois são certamente... intrigantes. Enlouquecedoramente lentos, mas isso pode ser corrigido. Estou ansioso pelo nosso tempo juntos. Afa, você pode fazê-los funcionar como achar melhor.

Então ele caminhou em direção às portas do terraço e se foi.

Assim que as portas do terraço se fecharam atrás dele, Clara fugiu.

—Clara, espere. — Pediu Nicholas, frenético, mas ela não ouviu. Ela correu para a grade do terraço e, embora Afa gritasse por ela e Nicholas a alcançasse, ela não ouviu. Ela estava pronta para explodir com o inchaço frio dentro dela, e não queria estar perto deles quando isso acontecesse, até que soubesse o que isso significava. Ela precisava de tempo, precisava de privacidade; e se ela ficasse ali e olhasse os lábios inchados de Nicholas e o rosto ferido e decidisse se o odiava por beijá-la ou - terrivelmente, desconcertantemente - queria que ele continuasse, ela explodiria.

Ela pulou o parapeito, pensando no mapa de Bo e nas lições do padrinho - como cair, como se mover sem medo. Os prédios de Kafflock foram esmagados juntos, perto o suficiente para subir do telhado de um prédio para o outro com facilidade, mas seu desembarque em uma varanda vizinha ainda a faria cair de joelhos. O padrinho a teria repreendido.

Seus dentes estalaram na cabeça e ela deixou sangue para trás na pedra lisa de coral. Mais uma vez ela estava fugindo - de Nicholas e Pascha desta vez em vez de padrinho. Ocorreu-lhe que ela nem sempre seria capaz de fugir de coisas que a assustavam.

Ela correu muito e não parou.

CAPÍTULO VINTE E TRES

Clara deslizou pelas ruas enevoadas e brilhantes de Kafflock, esquivando-se de concubinas pintadas em véus transparentes; escravos humanos vendendo jóias, caramelos, açúcar; fadas comprando, fadas patrulhando, fadas cavalgando pelos detritos humanos à beira do esgoto. Os sentidos amplificados de Clara, sofrendo com o frio que batia em seu sangue, notaram vários seres humanos cuja pele estranhamente branca estava espalhada por pedaços de metal presos às pressas, com as orelhas costuradas ao acaso em pontos e cobertas de sangue. Fadas escravizam seres humanos e seres humanos que tentam parecer fadas - com que finalidade? Para impressionar, apaziguar, zombar? Por pura loucura?

Clara podia simpatizar. Ela sentiu seu próprio tipo de loucura furiosa dentro dela. Foi pior desta vez do que nunca: o frio não estava diminuindo e a energia vibrando ao longo de sua pele não estava se acalmando. Se ela tocasse em alguém, certamente os explodiria em pedaços.

Mãos - humanas e fadas - agarraram-na à toa da multidão. Não fosse pela banda que a marcava uma concubina da Pascha House, que ela empurrava para todos que a tocassem, ela poderia não ter

conseguido impedi-los. Ela tropeçou em um beco torto mascarado por uma lona esfarrapada. Bancos caídos ladeavam a passagem estreita. As pessoas colocavam agulhas umas nas outras debaixo das mesas de jogos de cartas. Dentro de uma loja marcada com um toldo manchado, um humano mascarado tatuava outro. Clara reconheceu a forma. Símbolos das fadas.

Eles estavam todos obcecados.

Cegamente, fez uma curva à direita e depois outra à direita, e chegou a um beco sem saída com janelas fechadas e portas trancadas, onde as coisas estavam mais calmas.

Clara afundou na parede. Um rosto sombrio continuava piscando diante de seus olhos. Mudaria e seria Nicholas, seus olhos cheios de tristeza, seus beijos passando pelo pescoço dela - e então mais baixo. Mudaria novamente e seria o Dr. Victor com o bisturi. *Teremos que cortar a maldade de você*, ele dizia, *e cortar, cortar, cortar.*

Ela bateu as mãos nos ouvidos e se imaginou pressionando as imagens, sacudindo-as como insetos.

O que estava acontecendo com ela? O formigamento em suas mãos não desapareceria. Ela os levantou diante do rosto. Elas tremiam violentamente, mas nada além disso parecia fora do comum. Ela gritaria; ela estava perto das lágrimas. O que isto significa?

—Aqui. Beba isso. Isso vai acalmar seu estômago. — Um frasco de vidro escuro apareceu diante dela, e a voz pedindo que ela o pegasse era familiar.

Clara olhou para cima. Ela não pôde conter seu grito de choque.

Ele estava coberto por uma capa, dificilmente reconhecível com um lenço pendurado na metade do rosto.

A metade sem um olho.

Padrinho.



Clara ficou de pé e ele estava lá, ajudando-a, abraçando-a em seus braços enquanto ela chorava seu nome contra seu pescoço. Naquele instante avassalador, ela era uma criança novamente, que nada sabia de fadas, açúcar e lanças que queimavam. Ela estava a salvo, neste momento, a salvo nos braços de Padrinho, e quem se importava se ele tivesse causado a morte de sua mãe inadvertidamente e retido essas informações?

Horrivelmente, Clara descobriu que não. Não neste momento; ela conhecia apenas alívio.

Ela se afastou para examinar o rosto dele. —Você está bem? Você está aqui. Você realmente está. O que aconteceu com você? Por quê você está aqui?

Ele sorriu para ela. Ele a abraçou como se ela fosse uma coisa preciosa. —Pensei que eras tu. No começo eu não tinha certeza. Seu cabelo, suas roupas... Mas eu conheceria seus olhos em qualquer lugar. Você sabe há quanto tempo estou procurando... — O olho dele estava alerta, alegre, mas exausto. —Eu tenho rastreado você, e então vi o acidente de trem, e a mensagem de Anise.

Esperto, querido padrinho. —Você está nos rastreando?

—Demorei mais do que gostaria de admitir para abrir outra porta. Borschalk fechou depois que você saiu com Nicholas, e minha magia está tão fraca agora, tão pouco confiável. Clara- — A voz dele quebrando a palavra -— eu pensei que tinha te perdido. A ela. Para ele.

—Ela— era Anise, é claro. Mas "ele"?

—Você quer dizer Nicholas?

A boca dele se afinou. —Como ele está? Imagino que não esteja satisfeito em ver o que aconteceu com o reino dele.

Clara franziu o cenho para a ponta da voz dele. —Você não gosta dele.

—Eu não confio nele. E eu não gosto que ele seja tudo o que existe entre você e... —Ele acenou com a mão para os arredores em desgosto. —Isto.

—Ele, e todo o treinamento que você me deu. — Clara cruzou os braços. Ele a estava firmando, embora sua pele ainda estivesse fria ao toque. Ele notou? —Esse era seu plano? Para me trazer aqui?

—Não. Nunca. Esta foi a última coisa que eu queria para você. — Ele se aproximou, sério. —Eu quis dizer o que disse no estábulo, Clara. Eu quero mantê-la seguro, levá-la para longe de tudo isso. Esta guerra e a do seu pai.

Ela olhou o frasco ainda na mão dele. —O que é isso?

—Ah. Sim. — Os olhos dele voaram pelo corpo dela, clínicos. —Eu pensei que você poderia precisar.

—Por quê? O que é isso?

—Eu te disse, algo para acalmar seu estômago.

—Eu não acredito em você. — Ela deu um passo atrás. —Como vou saber que não é uma mistura que você planejou me drogar para poder me arrastar de volta para Nova York?

Ele pareceu ofendido. —Eu nunca te enganaria dessa maneira.

Ela atacou. —No entanto, você me enganaria sobre o que aconteceu com a mãe e sua parte nisso.

—Fiz o que achei melhor. — Disse ele baixo. —Sinto muito por sua dor, mas não vou me desculpar por minhas ações.

A conversa começou a mudar rapidamente, mas pelo menos a mente de Clara estava mais clara. Ela sempre podia contar com ele para isso. Ela arriscou. —Por que você nunca me disse que era um mago?

Ele franziu a testa a seus pés. —Eu quase não sou mais um mago.

—Ah, e suponho que seja por isso que você não conseguiu abrir uma porta entre mundos e me encontrar?

—Eu te disse, minha magia está fraca agora-

—Confiável, sim. Eu te ouvi.

Ele chutou o chão com uma bota arranhada. —Todos esses anos de desfazer mágica feérica cobraram meu preço. E ele me agradeceu?

—Não tenho paciência para sua petulância. Enfim. — Ela disse, provocando-o. — Suponho que não importa que você não tenha me falado sobre magos. Eu aprendi tudo sobre eles com Nicholas. Magos, fadas, a guerra. Até dragões.

O rosto do padrinho torceu amargamente. —E onde está o bom príncipe? Ele já recuperou seu trono?

—Encontramos um lugar seguro para nos escondermos, por enquanto. Depois disso, para onde vamos é o nosso negócio.

—Oh, eu tenho uma boa idéia de onde você irá. — Ele se aproximou, e o olhar em seu rosto foi subitamente tão urgente que Clara se sentiu alarmada. — Diga-me, seu nobre Nicholas disse alguma coisa sobre a maneira como seu corpo está mudando? Ele já notou?

Isso a surpreendeu. —Meu corpo é o mesmo que era. — Ela disse a si mesma que ele merecia suas mentiras.

—É? — Padrinho a prendeu no lugar com seu olhar. —Eu acho que você está mentindo. Eu me perguntava se isso se manifestaria. Nosso treinamento, toda a tensão física e nada. Até que lutamos contra os batedores eu não vi nenhum sinal disso.

—Sinal do que? — Mas parte dela sabia - a parte mais profunda de sua mente, a parte que havia abordado a revelação e estava com muito medo de aceitá-la.

—Eu nunca vi o produto de um mago e um humano. — Disse o padrinho em voz baixa. — Presumo que o querido Nicholas tenha lhe dito que essas coisas não foram feitas. Mas vi aquele trem destruído e senti seu poder no salão de baile. Eu sinto isso agora. É bruto, certamente. Eu não poderia ensinar essa parte de você, pois ela nunca despertou - nem em Nova York, nem de maneira coerente. No salão de baile, sim, vi vislumbres, possíveis sinais. Mas aqui... aqui, parece estar acordando com uma vingança.

Clara se afastou dele. —Do que você está falando?

—Clara, Anise agora não é a única mestiça em Cane. Seu pai é John Stole, sim, e ele é humano. Mas sua mãe... —Os olhos do

padrinho se suavizaram, como sempre faziam quando ele falava de Hope Stole. —Sua mãe era uma maga. O sangue dela corre em suas veias. Você tem mágica em você, Clara. E Cane está acordando.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

No rescaldo de suas palavras, um acidente soou ao virar da esquina, respondido por uma gargalhada bêbada. Clara pensou brevemente que choraria. Então ela começou a rir junto com os foliões invisíveis.

—Veja bem. — Começou o padrinho cautelosamente, como se ela fosse louca. — Há muito tempo havia uma jovem azeda chamada Leska.

Leska? Então, sua mãe adotara um novo nome para si mesma em Nova York, uma nova identidade. Leska em Cane, Hope em Nova York. Tudo tinha sido uma mentira? Será que ela resgataria o pai para encontrar um dos brinquedos mecânicos do padrinho disfarçados de pele humana?

—Você vai sentar aqui no beco e me contar a história de vida da minha mãe? — Clara disse incrédula. —Tudo certo. Sim. Deixe-me encontrar um assento confortável...

O padrinho a observava como se a palavra errada a fizesse queimar. Talvez ele não estivesse muito longe; Clara se sentiu um pouco como um pião oscilando na beira da mesa.

—É verdade, amor. — Disse ele. —Leska já foi maga, uma verdadeira dama do norte. E uma poderosa.

Apesar de tudo, Clara ardia de fascinação com a ideia dessa Leska. Uma jovem azeda e poderosa. Uma dama. Sua mãe teria a mesma aparência aqui como em Nova York? Ela sabia que um dia deixaria Cane, conheceria um homem do Além e teria filhos pequenos do Além?

—O que eu não entendo — Disse ela, forçando a uniformidade em sua voz. —É por que você manteve essas informações longe de mim por tanto tempo. Além de você ser um mago, junto com a causa da morte dela. Como você pôde fazer isso?

—Antes de tudo, sempre, para mantê-lo segura. — Disse ele com firmeza. —Segundo, era o desejo de sua mãe. Clara, ela saiu daqui por um motivo. Ela queria uma nova vida e certamente não queria que suas filhas fossem apanhadas em um passado repleto de violência e traição.

—Me poupe sua poesia. Para me manter segura, para agradar minha mãe - eu compro isso até certo ponto. —Ela se voltou contra ele, lutando contra as lágrimas de espanto. — Mas e quando a mãe morreu, o pai se enterrou na bebida e na Concórdia? Felicity veio a mim com pesadelos, e eu vim a você? Mesmo assim, você não me deu uma explicação, me permitiu um pouco de paz?

—Oh, isso teria lhe dado paz, hein? — Agora o padrinho ria. — Saber que sua mãe era uma maga e havia sido morta por monstros? Sim, certamente isso acabaria com os pesadelos.

Clara se virou. Ela não queria que ele visse o rosto dela amassado, ou a ver lançar olhares para os braços, onde arrepios

arrepiavam como agulhas perfurando sua pele. Talvez essa conversa estivesse iludindo seus sentidos, mas sua pele parecia mais cinza do que havia um momento antes. Ela queria rir, mas agora estava exausta demais para isso - e, se fosse sincera, assustada demais. O que significava ser uma maga? E ela estava realmente contemplando isso como verdade?

Enquanto olhava para as mãos cada vez mais alienígenas, um pensamento lhe ocorreu com o peso cansado de uma revelação demais, as peças do quebra-cabeça dos últimos dias se encaixando.

—Anise matou os magos daqui. — Disse ela, sem expressão. — Ou fez ela mesma, suponho.

O padrinho estava tão quieto, tão sobrenatural ainda. —Eu me perguntei isso.

—Ela matou a mãe também. Não? Anise.

—Não com as próprias mãos, talvez. Mas os batedores obedecem a todos os seus comandos, assim como Borschalk. — Ele parecia enojado. —Não, era ele, com seu bando de bestas. Ele, por ordem dela.

Eu poderia matá-la por isso. Ela pensou em Nicholas, sussurrando ódio no escuro. Ela sentiu uma empatia repentina e apaixonada por ele. Eu poderia matar todos eles por isso. O pensamento explodiu através dela, e o choque elétrico em sua pele a fez pular. Ela se inclinou contra a parede, arfando.

O padrinho a segurou, murmurou garantias que a atingiram através de um nevoeiro.

—Você massacrará a obra de Karra. — Ela murmurou tonta.

—O que?

Em resposta, ela riu, ofegando com a dor na barriga. Ela ouvira falar de doenças terríveis matando uma pessoa de dentro para fora, desligando seus órgãos, fazendo-os sangrar seus orifícios. Isso aconteceria com ela? Ela sangraria gelo em vez de sangue.

—Começou, não foi? — Sussurrou o padrinho. —Você sentiu a carga disso, como eletricidade. Você notou o frio, o vento.

Ela balançou a cabeça, cansada, contra a parede. —Eu não sei...

—Você não poderá se esconder para sempre aqui. Imagine - imagine se de repente você visse um demônio pulando pelas ruas de Nova York. Algo temido, algo imundo.

—Uma abominação. — Ela engasgou.

—Não que eu ache que você é uma - longe disso, querida Clara - mas outros o farão. Você será despedaçada. Você será usada. Volte para Nova York comigo. Eu posso mantê-la segura, ajudá-la com isso. E talvez se você deixar Cane, isso interromperá a mudança. Você não precisa suportar isso. Pode ser doloroso.

—Não. Não. Preciso encontrar o pai... —Oh, estava surgindo através dela, como se alguém a tivesse injetado gelo. —Eu tenho que ajudar Nicholas.

O padrinho estava fora de si. —Ai sim? Ajudar a fazer o que exatamente? Reunir os rebeldes? Recuperar seu trono? Ele promete ajudar a encontrar seu pai? Clara e Nicholas, lutando por família e justiça, lado a lado? Não seja boba, Clara. Ele é um político. Você deve saber o que isso significa mais do que a maioria. Ele dirá qualquer coisa para conquistar sua lealdade, e está ganhando tempo porque sabe, Clara. Ele está esperando que seu sangue mude, que suas

habilidades se manifestem. E então ele vai usar você. — Ele a sacudiu gentilmente. —Ele vai atar você, e ele vai usar você para lutar.

Ela não conseguiu esconder um lampejo de reconhecimento com a palavra.

—Ele falou de ligação, não é? — Ele parecia um pouco arrependido por ela, e isso era o pior de tudo. —Processo diplomático adorável. Ajudamos os humanos, e os humanos nos ajudam. Mas a ligação é uma via de mão única. Os humanos nos possuem. Não temos poder sobre eles. Nicholas costumava me dizer o que fazer, e eu não tenho escolha a não ser fazê-lo. Meu sangue me compeliria.

Ele abriria as coisas, dissera Nicholas. E Drosselmeyer era obrigado a fazê-lo, como o resto dos Sete. Poderia a terrível teoria do padrinho ser verdadeira? Não. Nicholas não faria isso. Ele não tinha sido gentil com ela? Ele não a segurou quando ela se recuperou de seu pesadelo?

O pesadelo dela. O coração de Clara caiu, mais frio que a pele gelada. Ela disse a ele. Ela contou a ele que seu sangue estava se transformando em gelo, e ele sentou-se com ela, pacientemente observando seu rosto. Para pistas? Por um sinal de que ela realmente tinha sangue de mago, como ele esperava tão desesperadamente? E ela deveria ir à clandestinidade com ele no dia seguinte. Presa, como uma paciente sendo observada por sinais de agravamento da doença.

A cabeça dela girou. Ela precisava sair desse frio. Os céus estavam escurecendo, os trens uivando.

—Volte comigo. — O padrinho pegou as mãos dela. —Eu vou mantê-la seguro. Vamos vagar pelo mundo. Vamos levar Felicity conosco. Eu prometo.

Ela olhou para ele, incerta. Ela poderia ir com ele, e ele a manteria segura; ele sempre manteve. Mas algo a mantinha enraizada - um desejo de confrontar a própria Nicholas? Uma relutância em abandonar o pai?

Talvez - e esse era um pensamento surpreendente - ver para onde o gelo em seu sangue a levaria.

Uma súbita luz brilhou sobre eles de cima. Um aparelho voador de barriga gorda, como um balão mecânico, pairava lá, zumbindo.

—Você! — Outra luz, do final do beco, e três figuras esbeltas.

Fadas.

Padrinho amaldiçoado. —Eles me encontraram.

—Eles estão te seguindo?

—Não tive a feliz distração de um acidente de trem para me atravessar a parede. Apenas minhas próprias mãos e magia irregular. — Ele acenou para as fadas que se aproximavam. —Olá!

Clara agarrou o braço dele. —Você está louco?

—Sabe, acho que posso estar. Mas também te amo, Clara. — Ele beijou sua testa e seus olhos brilhavam. —Pense nisso e pense no que eu lhe disse.

—Padrinho? — Ele a estava assustando. —O que você está fazendo?

—E lembre-se, leve em seus pés, fique dois passos à frente deles.

—Padrinho, por favor, não-

—Corra.

Ele a empurrou com uma mão e, com a outra, puxou um pequeno mecanismo de clique do bolso. Clara o reconheceu como um dos experimentos fracassados que bagunçavam as prateleiras de sua

loja. Experimentos fracassados com magia das fadas, que, como mago, não era dele.

Ele jogou o dispositivo nas fadas, que explodiu, lançando gás fétido que os fez tossir, e Clara também. Mas foi divertido o suficiente para ela passar por seus membros agarradores - leve em seus pés, fique dois passos à frente. Esquerda e outra esquerda, além das mesas de cartas onde os açucarados a observavam progredir com desinteressante embaraço. Ela ouviu o estalo de lanças das fadas atrás dela. Outra explosão explodiu em suas costas, e o frio estava beliscando seus calcanhares - mas as rachaduras da lança esmagaram todo o resto. Ela os imaginou: redes de azul ao redor do padrinho, queimando-o.

Ela saiu para a via principal, lembrando no último momento que seria melhor parecer imperturbável. Tropeçando até parar, ela passou a mão trêmula pelo cabelo, certificando-se de exibir a pulseira no pulso. Os espectadores a encaravam, incluindo um par de soldados feéricos de aparência severa.

—Noite ruim. — Disse ela, encolhendo os ombros e, mesmo quando os soldados das fadas passaram correndo por ela no beco, as lanças estavam prontas, mesmo quando uma explosão por trás dela abalou tudo na rua, continuou Clara, passando pela multidão murmurante e na direção da Casa Pascha.

Foi lá, uma vez através da lareira e na passagem solitária para os aposentos, que ela se permitiu reviver o som dos gritos de Padrinho ecoando pelo beco enquanto ela fugia. O mundo caiu aos seus pés e ela chorou ali, sozinha na terra.

Nicholas a encontrou. Horas depois, talvez? Impossível dizer.

—Clara. — Ele amaldiçoou suavemente, ajudando-a. —O que aconteceu com você? Para onde você foi? — Silenciosamente: — Ficamos frenéticos, Clara.

Ela se encolheu com o toque dele como se estivesse de volta ao terraço, com Nicholas pressionado contra ela e Pascha observando.

Nicholas a soltou imediatamente. —Está tudo bem. Eu não estou tocando em você. Eu não vou tocar em você. — Ele olhou atentamente para ela. —Você gostaria de ir para a sua cama?

Abençoe-o por não fazer perguntas. Clara não sabia muitas coisas naquele momento - em quem confiar, por exemplo, e em quem acreditar, e o que estava acontecendo com seu interior ainda agitado - mas sabia que não contaria a Nicholas sobre o padrinho. Não que ela o tivesse visto, não o que ele havia dito a ela sobre ligação. Não que ele estivesse provavelmente morto agora.

—Eu gostaria. — Disse ela calmamente, e Nicholas foi fiel à sua palavra. Ele não a tocou no caminho para o quarto deles. Ele acenou para Afa, Bo e Karras, e quando a pobre Glyn, olhando para fora de si com remorso, tentou se desculpar, o olhar de Nicholas foi suficiente para silenciá-la.

Clara ficou agradecida. Ela não queria ser grata a ele, sentir algo em relação a ele, exceto desconfiança pragmática - pelo menos não até que ela determinasse quanto do que o padrinho havia dito era

verdade. Ainda assim, quando Nicholas se virou para sair do quarto, ela se sentou surpresa.

—Onde você vai?

—Para a sala comunal. — Disse ele. —Eu pensei que você poderia gostar-

—Eu não faria isso. — Ela corou, furiosa e confusa, sonolenta de dor. Posso vigiá-lo mais se ele estiver aqui. Isso era bastante razoável. —Por favor fique.

Seu rosto estava tão terno naquele momento, e quando os dois estavam deitados em suas camas, ele estendeu a mão no espaço entre elas. Uma oferta de conforto? Uma desculpa.

Ela aceitou com prazer. Desconfiança pragmática poderia esperar, pelo menos até de manhã.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Eles passaram o dia seguinte se preparando para sair, e a maior parte foi gasta em silêncio. Nicholas parecia sentir que Clara o queria assim. Uma combinação de pesadelos - alguns sobre os ossos dela serem limpos por um vento frio e outros sobre o padrinho coberto de cinzas - a mantiveram acordada a maior parte da noite. Era bom ocupar seus pensamentos com tarefas insensatas e servis: empacotar comida, limpar as adagas, deixar Karras - triste por não ter mais tempo para vesti-la - para ela vestir roupas de viagem.

Clara trabalhou, deixando os sons de Afa e Bo discutindo sobre se Bo os acompanharia ou não. Bo insistiu que Clara e Nicholas precisavam de um guia adequado, e poucos conheciam o submundo melhor do que ela. Bo conhecia algumas pessoas com quem viajariam, mas ela ainda não confiaria nelas, não com isso. Afa, impassível, declarou isso fora de questão.

As duas irmãs deixaram Clara e Nicholas sozinhos apenas uma vez. Nicholas estava afiando a espada - a espada do padrinho, Clara lembrou a si mesma, com uma pontada de desespero silenciosa. Depois de alguns minutos, ele largou a espada e a pedra de afiar e virou-se para ela.

—Eu tenho que dizer isso. Eu sei que você provavelmente não quer falar sobre isso, mas se eu não disser algo, vou me despedaçar.

Apesar de tudo, Clara ficou emocionada com a seriedade de sua expressão.

—Tudo bem. — Disse ela com cuidado.

—Clara, me desculpe. — Ele parecia pronto para pegar as mãos dela, mas ele parou e se ajoelhou diante dela, tenso e perturbado. — Você deve saber, por favor, saiba que eu não queria te beijar assim. Eu nunca te forçaria a me beijar ou me tocar, ou fazer o que você não quisesse. Foi um tormento, me empurrando em você assim. Eu odiava cada segundo disso.

Ele não a obrigaria a fazer o que não queria. Como é apropriado que ele proclama isso depois do aviso do padrinho. Mas ela poderia acreditar nele?

—A cada segundo? — Ele pode estar em conflito, mas o cuidado com que ele a tocara, a intensidade de seus beijos, sugeria um sentimento genuíno. Sabendo disso, ela ficou com um pouco de afronta, por poder desfrutar de um momento assim e estranhamente gratificada. A incongruência a perturbou. —Certamente não sou tão repulsiva.

—Estou falando sério, Clara.

—Eu sei que você está. E obrigada.

—Espero que ainda possamos ser amigos. Eu quero... Eu sinceramente gostaria que sejamos amigos sempre.

Ele era tão sombrio, tão estranhamente formal. Foi uma luta para Clara permanecer neutra. Mas é claro que ela precisava. Até que

ela soubesse com certeza que o padrinho estava errado em suas acusações, ela assumiria que ele estava certo.

—Claro que ainda somos amigos. — Ela tocou o braço de Nicholas. —Não se preocupe. Eu só... Eu tive um momento difícil. Eu estava com medo.

—Eu não culpo você. Eu também estava com medo. Se eu tivesse que, se tivesse aumentado... — Ele balançou a cabeça. —Não sei se poderia ter feito isso, não importa o perigo. Eu não poderia ter vivido comigo mesmo.

—Eu acredito em você. — Disse ela calmamente.

Ele juntou as mãos dela na sua, sepultura. —Eu nunca mentiria para você.

Ela estremeceu. Ela estava relutante em soltar as mãos dele, e mesmo quando o fez, ele permaneceu lá olhando para ela. Ela nunca tinha visto o rosto dele tão aberto.

—Você realmente quer dizer isso? — Ela perguntou.

A pergunta pairava entre eles, puxando e cautelosa.

Mas então Bo entrou na sala, cantando seu triunfo - ela realmente se juntaria a eles, e Afa aumentaria sua ingestão diária de vinho de mel para lidar com a situação, mas quem se importava com a velha rabugenta Afa? - e a pergunta sem resposta se dissolveu como um suspiro e se foi.

Ao anoitecer, partiram para a Casa Krezentia, e Clara se sentiu mais à vontade que já se sentia desde que chegara a Cane, apesar da jornada que os aguardava. Em vez de um vestido esfarrapado ou roupas do tipo fino, ela agora usava calças escuras, luvas e capa forradas de pele e uma túnica utilitária, cada uma esfarrapada artisticamente por Karras para não atrair a atenção. O melhor de tudo, ela havia se reunido com suas botas e punhais. O peso das lâminas na coxa e nos calcanhares deu-lhe uma força renovada, mesmo quando ela teve que se despedir de Afa e deixar para trás a relativa segurança da Casa Pascha.

—Desta vez amanhã. — Disse Bo alegremente, sua sacola de kambots desativados e outras peças de sucata balançando em seu quadril. —Estaremos ao norte e ao sul daqui ao mesmo tempo. Entende? Norte, porque estamos viajando para o norte, mas sul, porque estaremos no subsolo. — Ela bateu em Nicholas no braço. — E você pode ter pensado que nossos cérebros tinham sumido na sua ausência, Alteza.

—Bem. — Disse ele sobriamente. —Talvez nem todos os seus cérebros, mas certamente alguns.

Bo deu um soco nele, e Clara forçou uma risada que ela não sentiu. Seus pensamentos estavam embaralhados demais para sentir qualquer coisa, menos inquietação. Cada olhar que Nicholas a lançou, cada palavra que ele disse, ela interpretou através de um novo véu de suspeita. Era enlouquecedor, pois exteriormente ele não fez nada para justificar tais apreensões.

Ela ignorou a pontada de inquietação em seu coração e o tumulto gélido de seu sangue e seguiu Bo e Nicholas até a Casa

Krezentia tão automaticamente quanto qualquer mecânico de fada. Ela pensaria em salvar sua família e esvaziar sua mente de todo o resto, como se sua mente fosse uma peneira projetada para um propósito e não para outro. Não importaria se Nicholas tentasse usá-la, ou se ela se metamorfoseasse em uma criatura ímpia e meio congelada bem aqui na frente deles, ou que o padrinho tivesse morrido, provavelmente em agonia. Ela continuaria sempre em frente e ignoraria todo o resto, menos isso. Em frente, em frente, em casa.

Esta noite marcaria o fim de seu quarto dia inteiro em Cane, o que significava que agora um dia inteiro teria passado em casa. Em frente, em frente, em casa. Em frente, em frente, em casa. Seria o novo credo dela.

Se seus companheiros notaram a mudança nela, eles não disseram nada. Eles se encontraram com seus companheiros de viagem, perambulando em vários locais ao redor da Casa Krezentia: Erik, de rosto azedo e o aparente líder; Igritt, com cara de javali; dois irmãos, o jovem Herschel e o Jurian ainda mais jovem. Não havia muito tempo para cumprimentos lá na parede dos fundos da casa, que caía ao lado de uma vala em ponte cheia de detritos em forma de homem. Erik e Bo trocaram algumas palavras e deram um tapa nas mãos, Jurian pareceu fora de si ao ver Nicholas, e Clara podia jurar que viu Igritt, conscientemente, alisando os cabelos.

Erik os conduziu por uma passagem estreita sob a Casa Krezentia, e então - graças a uma concubina que os admitiu sem palavras com um aceno para Erik, cujos olhos se voltaram para Nicholas de uma maneira que deixou Clara mais do que um pouco

nervosa - por um caminho ainda mais estreito nos esgotos abaixo da Casa Krezentia. A escuridão caiu sobre eles. Bo distribuiu pequenas luzes que ela criara com fios de kambot despojados e olhos de kambot reaproveitados, para serem usados na cabeça e ligados e desligados com um pequeno interruptor de botão. Finalmente, eles abriram uma grade escondida na parede coberta de gosma do esgoto e entraram na passagem mais estreita ainda. O caminho não era alto o suficiente para ficar de pé, então eles rastejaram através de pedras oleosas, através de um filete de lodo escuro.

Era aqui, onde as paredes negras pareciam sussurrar para as águas negras, onde de fato o mundo inteiro parecia preto e tremendo enquanto os sete formavam uma corrente cautelosa e apertada na escuridão, que Nicholas finalmente perguntou a Clara se havia algo errado.

Pois foi aqui que Clara ouviu a voz pela primeira vez.

Que dizia o nome dela.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



Era uma voz não identificável - nem feminina nem masculina, mas leve, fina e de alguma forma artificial.

Clara...

Ela pulou e bateu a cabeça no teto baixo. Desajeitadamente, ela acendeu a luz, arrancou-a da cabeça e jogou-a na escuridão atrás dela.

—Cuidado com a luz, menina. — Erik rosnou. —Tire isso da minha frente.

Ela passou por ele, por todos, na escuridão. —Quem está aí?

—Clara? — Nicholas, atrás dela.

Ela girou, trazendo a luz com ela. Nicholas pareceu preocupado. Passando por ele, Bo agachou-se, com sua própria adaga minúscula pronta.

—O que é isso? — Ela sussurrou feroz. —Você ouviu alguma coisa?

Com todos a observando, a dúvida inundou Clara. —Eu não sei. Eu poderia jurar que ouvi outra pessoa atrás de nós.

—Alguém na Casa Krezentia poderia ter nos notado. — Disse Igritt. —Talvez sua amiga atendente, Erik-

Erik franziu a testa, irritado. —Ela não faria. Confie em mim. De qualquer forma, ficamos muito tempo na rua.

—Shike. Eu vou checar. —E então Bo se foi, arrastando de volta pelo túnel, como um inseto, em direção ao esgoto principal.

Nicholas colocou a mão na de Clara. —O que foi isso? O que você ouviu?

—Eu não sei. Eu pensei ter ouvido alguém dizer meu nome. Mas talvez.... —E então ela parou, porque estava acontecendo novamente - a onda de frio interior, a vitalidade elétrica cantando em seus membros. Desta vez, assustou-a não porque não sabia o que era, mas porque sabia. Se o padrinho não a tivesse encontrado, provavelmente já teria confiado em Nicholas - que, se acreditasse no padrinho, ficaria muito feliz em ouvi-lo.

Aturdida, ela se afastou do toque de Nicholas e viu sua mágoa com a retirada dela, embora ele a tenha disfarçado rapidamente.

—Talvez? — Ele solicitou.

—Talvez tenha sido o som do nosso movimento na água. — Ela fez uma careta, examinando os dedos com crosta de lodo. —Se você pode chamar assim.

Nicholas sorriu, mas Clara não tinha certeza se ele acreditava nisso. Ela escondeu o rosto - os olhos dele estavam muito atentos, curiosos demais - e quando Bo voltou sem nada para relatar, todos continuaram. Erik resmungou baixinho, queixas sediciosas das quais Clara ouvia apenas pedaços - ela suspeitava que ninguém mais pudesse ouvir mais dele murmurando do que uma linha sombria no meio do gotejamento do túnel - mas ela ouviu o suficiente. Ele não confiava nela.

Ela teria que ter cuidado com ele.

Ela não tinha nenhuma reivindicação de soberania para recorrer, nem mesmo uma reivindicação de cidadania. Sem dúvida, Erik estaria observando-a, e os outros também poderiam estar - observando-a, esperando que ela cometesse um erro. Tinha sido muito fácil com eles até agora; não lhe fizeram perguntas, não exigiram nenhuma garantia de lealdade. Clara não os culpou por sua desconfiança. Em seu lugar, ela certamente suspeitaria de algum estranho que afirma ser de outro mundo - especialmente se esse estranho estivesse, como ela, em uma posição de poder relativo ao lado de um príncipe.

Nicholas virou-se para ela, seu farol lançando estranhos raios em sua visão.

—Tudo bem? — Ele sussurrou.

Clara acenou com a cabeça em resposta, e ele sorriu um sorriso encorajador que iluminou seu coração e elevou seu humor apesar de si mesma. Ela se viu cavando os dedos na lama, para resistir a estender a mão para tocá-lo.

Ela teria que ter cuidado com todos eles.

Na segunda vez que Clara ouviu a voz dizer o nome dela, eles pararam em um beco sem saída. Eles estavam viajando há pouco mais de um dia, de acordo com o pontual relógio de Erik usando um relógio de bolso que ele carregava em sua jaqueta. Tinha sido um dia torturante de muito engatinhar por passagens sufocantes e muito pouco descanso - mas, felizmente, um dia livre de incidentes.

Bo, que pareceu considerar ofensivo o fato de o mapa dela ter sido impreciso, sentou-se com Erik e Igritt discutindo rotas

alternativas, e Jurian se estabeleceu perto de Nicholas. —O que você acha? — Ele disse ansiosamente. —Desmoronar, talvez?

Nicholas, com o rosto manchado de suor e sujeira e os últimos pingos de tinta de Karras, tomou um gole de sua cantina. —Eu não posso dizer.

—Eles dizem que os túneis estão aqui desde antes da guerra. As pessoas as cavavam para que pudessem se esconder no subsolo se sua vila fosse atacada, ou para que pudessem fugir para uma mais segura.

—Sério? — Nicholas parecia terrivelmente triste. —Eu nunca soube disso.

Alheio, Jurian estufou o peito. —Eles foram úteis desde que você partiu, Alteza. Para suprimentos ilegais, o mercado negro de açúcar, escondido das fadas. Mas houve muitos desmoronamentos ao longo dos anos. As pessoas que fizeram isso não eram engenheiros nem nada, você sabe. Eles eram apenas pessoas.

Clara ouviu atentamente, deixando os olhos vagarem pelas paredes do túnel até onde o farol iluminaria. Agora que haviam deixado Kafflock para trás, as paredes haviam mudado de metal preto de fadas e tubulações para pedra e terra compactada, mas uma gavinha ocasional de ferro rastejante ou uma massa dura e borbulhante de máquinas semi-formadas lembravam Clara que elas eram, nenhuma delas, por mais seguro que possa parecer a princípio. Certamente algumas fadas lá em cima sabiam da existência dos túneis; um cidadão descuidado pode ter deixado escapar, ou afundado sob a dor do interrogatório.

Ela estava deixando seus pensamentos se afastarem dela.

Ela fechou os olhos, respirando o ar frio e viciado. Quantas pessoas morreram aqui, em cavernas ou emboscadas ou simplesmente depois de se perderem?

Quantos quase-magos de dois sangues morreriam gritando aqui embaixo, porque o sangue deles não parava de afiar, zumbir e chamuscá-los com frio? Quantos deles morreriam tentando arrancar as mil pequenas facas de suas veias?

Ah, mas espera. Está certo. Nunca houve quase magos de dois sangues. Não até agora. Clara deveria se sentir honrada?

Ela certamente estava se sentindo histérica.

—Vossa Alteza, posso fazer uma pergunta? — Aquele era Herschel de olhos arregalados e assustado. Clara sabia disso sem olhar, porque era a primeira vez que ele falava.

—Claro, Herschel. — Que bom Nicholas, lembrando-se do nome dele, dizendo-o com um interesse tão educado. Como consumado de um político.

—Por quê... É assim que... Quero dizer, desculpe, mas... por que tem metal na sua pele?

Clara ficou tensa; Bo e Erik pararam de discutir sobre rotas e olharam por cima.

—Uma boa pergunta, Herschel. — A voz de Nicholas era calma, seu sorriso firme, mas esse era um momento crucial, não era? O que eles pensariam quando ele lhes dissesse? Honestamente, Clara ficou surpresa por ter demorado tanto tempo para que a pergunta surgisse. Talvez tenha sido a pedido de tato da Afa. —Por favor, faça o que fizer, não pergunte ao príncipe sobre suas partes mecanizadas. Ele fica constrangido com elas.

—Para colocar o mais simples possível. — Disse Nicholas. — Eles são remanescentes da guerra. Eles são o que me manteve longe de você por tanto tempo. Mas você não precisa ter medo delas. —Para demonstrar, ele sacudiu o prato no pulso. Ele fez um som cortante e sem graça. —Morto. E Clara ajudou a matá-los. Ela me libertou deles, de fato, me libertou da maldição deles. E depois que livrarmos nosso reino de seus inimigos, e tiver tempo para me concentrar em coisas superficiais, removêrei-los.

Bem. Esse foi um resumo abreviado e não totalmente exato daquela noite no salão de baile, e Clara tinha uma boa idéia do que o padrinho diria sobre ser omitido da história, mas essas pessoas não precisavam saber disso.

Jurian e Herschel olharam para ela, recém-impressionados.

—Isso é verdade, Lady Clara?

—Lady? — Ela disse, com grosseria.

Eles não ficaram perplexos. —Esse não é o título certo?

—Eu não tenho título.

—Lady Clara. — Nicholas disse, piscando para ela. —É perfeito. — Então ele pegou a mão dela, seu polegar com a tampa de metal roçando sua palma, e foi quando ela ouviu:

Clara.

Foi mais perto desta vez? Ninguém mais ouviu isso? Deus a ajude, ela estava se desfazendo.

Ela sorriu para Herschel e Jurian, ansiosos, estúpidos e ignorantes.

—Tudo bem. — Ela disse firmemente. —Está tudo bem. 'Lady' está bem.

Ela fingiria que não ouviu nada. Ela fingiria que seu corpo não estava mergulhando em temperaturas árticas incalculáveis.

Nicholas esfregou as mãos entre as dele, soprou os dedos entrelaçados para aquecê-las. Sorriu - muito brilhantemente, considerando. —Frio aqui embaixo, não é?

Ela deu de ombros e se afastou. —Talvez para príncipes mimados.

Os outros riram. Bo, exultante, floresceu o mapa na frente deles para mostrar a nova rota, e eles continuaram.

Clara contou em sua cabeça: cinco dias agora. Um dia, seis horas em casa.

Em frente, em frente, em casa.



Sempre que paravam para dormir durante aquele tempo escuro e apertado nos túneis, quando a maioria dos momentos era o mesmo da última e as tentativas de humor de Jurian e Bo irritavam os últimos centímetros desgastados dos nervos de Clara - e, ao que parece, os de Erik também pois ele estava sempre reclamando - Nicholas se instalava perto de Clara. Às vezes, nos trechos mais estreitos do túnel, ele estava tão perto que ela podia esticar os dedos e tocá-lo.

Ela poderia ter, mas não o fez.

Em vez disso, ela olhou para o teto que não conseguia ver e pensar onde seu pai poderia estar e o que Felicity poderia estar

fazendo - se ela estivesse com medo de Clara, ou furiosa com ela por sair sem explicação ou com medo de si mesma. O que Patricia Plum e Dr. Victor estariam fazendo para passar o tempo?

Seis dias aqui; um dia, doze horas em casa. Sete dias. Oito. Dois dias em casa. Ela marcou a passagem do tempo com paciência reveladora, aguardando cada um dos anúncios de Erik como se fossem presentes de valor inestimável. Tantas longas horas dessa escuridão próxima, de crises de sono com Nicholas de um lado e Bo do outro. Rastejando pela lama. Comer carne seca e dura e pão velho. Em pé, quando era possível - uma abençoada mudança de postura que lhes permitia esticar os músculos doloridos. Conversando um com o outro em voz baixa, como se algum som mais alto do que isso viajasse pelo túnel e apresentasse um perigo à espera.

Tantas longas horas batendo em Nicholas, com os dedos raspando um no outro no escuro, com o peso de seu olhar quieto sobre ela, ao mesmo tempo bem-vindo e inquietante. Ela não conseguia se decidir sobre ele, mas parecia que seu corpo havia decidido. Queria aqueles momentos de toque acidental. Queria mais do que isso - intenção, conexão, fechar o espaço entre eles.

Ela ignorou esses impulsos sem nenhum esforço. Lembre-se do padrinho, ela lembrou a si mesma. Lembre-se do que ele lhe disse. E ela fez, seus pensamentos uma bagunça de conflito.

Enquanto isso, Nicholas lutava com uma enxurrada constante de perguntas. O que aconteceria a seguir e qual era sua estratégia para recuperar o trono? O que aconteceria com eles? Para o reino? Sua Alteza realmente achava que ele poderia salvar a todos?

—Seria desonesto dizer que sei que o reino será salvo. — Disse ele, devagar, uma vez, quando pararam de comer. —Mas acredito que sim. — E então, quando ele encontrou cada um de seus olhares - faminto, cético, reverente - Clara notou os ombros se endireitarem, os rostos amolecerem. Até o azedo Erik, até o solene Igritt.

—Conheço a capital. — Ele dissera. —E conheço Wahlkraft. E eu conheço Anise. Melhor do que alguém deixado vivo em Cane, eu a conheço. Durante dezoito anos, lutei com ela. — Ele deu um sorriso sombrio e resoluto. —Estou confiante de que podemos lutar com ela.

Clara poderia jurar que seus olhos se voltaram para ela com essas palavras. O olhar a gelou. O que ele esperava dela? O que ele exigiria?

Ela mordeu a tira de carne seca e não disse nada.

Na terceira vez que Clara ouviu a voz, foi na tarde do quinto dia nos túneis e no nono em Cane. E desta vez, a voz disse algo diferente:

Em breve.

Ela parou na boca do túnel; Nicholas também, ao lado dela. Havia um espaço pouco iluminado à frente, menos apertado do que o túnel. Hub 7, seu ponto intermediário.

—Você ouviu isso? — Ele disse, franzindo a testa.

Exausta, exausta pela ansiedade e pelo frio, Clara poderia ter chorado; ela poderia tê-lo beijado. Principalmente, porém, ela foi cuidadosa. —Ouvi o que?

Nicholas parecia perturbado. Um lampejo de algo cruzou seu rosto. Ele se encolheu, como se de repente estivesse gelado. —Você disse alguma coisa?

—Eu disse: 'Ouvi o que?'

—Não, antes disso.

Ela gesticulou vagamente, encolhendo os ombros.

—Provavelmente foi Bo.

Mentiras e mais mentiras. Clara não fez nada além de mentir para ele desde que viu o Padrinho. Desesperada por confiar nele, uma pontada de cautela a impediu. Ela saiu do túnel para o Hub 7 e tropeçou, pois o alongamento de seus músculos trouxe consigo uma nova onda de frio que quase a fez se dobrar.

Nicholas a pegou pelos braços, mantendo-a na posição vertical.

—Cuidado, Lady.

Ela sorriu, gritando por dentro. —Obrigada, Alteza.

Tornara-se uma piada desde a conversa com Jurian e Herschel. Uma piada terrível, terrível. Pois o padrinho chamara a mãe de Senhora do Norte, não? Lady Leska, maga poderosa. Nicholas sabia? Ele sabia?

O punhado de refugiados no Hub 7 - pessoas comuns, comerciantes, concubinas usadas, crianças, escravos fugitivos - os observou entrar na sala, alguns curiosos, outros assustadoramente inexpressivos. Pilhas de maquinaria bruta de peças de fadas sobressalentes alinhavam-se no espaço, junto com estantes de

suprimentos e um cromocast mal iluminado transmitindo uma imagem borrada de anúncios e avisos distritais. Havia paletes no chão, roupas de baixo puídas penduradas para secar, pessoas comendo e dormindo. Uma mãe e seus filhos; um pai e seu pai. Mesmo aqui em Cane havia esses fios comuns, esses restos familiares da humanidade - famílias e travesseiros, utensílios de cozinha e lavanderia. Clara sentiu lágrimas nos olhos.

Nicholas parou ao lado dela, soltou um suspiro lento. —É assim que se sente. — Ele disse. —Andar pelas ruas de Nova York? Não conheço nenhuma dessas pessoas e, no entanto, elas são minhas amigas, minhas crianças, e eu falhei com elas.

Ele se virou para ela, seus olhos escuros feridos; de repente, ele parecia velho demais para um homem tão jovem. O coração de Clara ansiava por ele. Mas ela não lhe ofereceu conforto.

—Quando ando pelas ruas de Nova York — Disse ela. —Não sinto nada além de medo.

Bo, à frente deles, estava se dirigindo às pessoas reunidas.

—Amigos. — Ela disse, com a tagarelice de alguém três vezes a idade dela e três vezes maior: —Apresento a vocês um grande presente. Tendo finalmente lutado para voltar a nós: Sua Alteza Real, o príncipe Nicholas Drachstelle.

O silêncio seguiu suas palavras. Por mais apaixonada por Bo que Clara se tornara, ela sentiu um desejo de gritar com a criança. Desfocar a introdução de Nicholas dessa maneira não tinha sido o plano. Mas talvez Bo não tivesse conseguido se conter, ao ver tanta miséria. Talvez ela tivesse pensado que isso elevaria o espírito dos

refugiados. Erik, encostado na parede oposta, mudou de posição; Jurian parecia insultado.

—Oh, acorde. — Disse Jurian, não desagradável. —É o nosso príncipe, você não vê? Nenhum de vocês viu os livros antigos? Ele veio para nos salvar!

As pessoas examinaram Nicholas e Clara também. Alguns começaram a mostrar sinais de reconhecimento, impressionados, dando cotoveladas nos amigos, mas a maioria parecia simplesmente confusa.

—Oh? — Um velho curvado, ofegante. —Ele e que exército?

Isso ganhou uma gargalhada nervosa da multidão.

Uma criança pequena, com um ninho emaranhado, apontou para Clara. —Essa não é a garota que a rainha está atrás?

Bo retrucou a criança: —Você não tem nenhuma educação?

Nicholas respirou fundo. Talvez não fosse a recepção que ele esperava.

—Por favor — Ele disse, dando um passo à frente. —Permita-me contar o que aconteceu e compartilhar com vocês a minha história. E então eu gostaria que pudesse ouvir as suas. —Ele sorriu, elegante e totalmente à vontade, como se ele não estivesse de fato coberto de sujeira e, em vez disso, estivesse na corte em tempos muito mais fáceis. A multidão se inclinou para mais perto, já encantada. —Talvez depois de nos familiarizarmos melhor, estaremos melhor preparados para conversar sobre o futuro.

Em breve. Em breve, em breve!

Nicholas parou, cambaleando. E Clara, com os sentidos rugindo da excitação da voz, entrou em colapso. O calafrio mais violento

ainda a tomou, sacudindo-a ali no chão. Ela apertou o estômago, pois certamente se abriria a qualquer segundo agora, mas quando ela abriu a boca para gritar, nada saiu.

—Clara? — Nicholas estava de joelhos, segurando-a, aterrorizado. Os refugiados se levantaram; algumas das crianças estavam chorando. —O que é isso? Fala comigo, por favor.

Clara sabia agora por que estava com tanto frio - muito mais frio aqui do que acima do solo - e por que estava tão nervosa. Era o corpo dela tentando, como qualquer corpo faria, lhe dizer algo. Só que, se o padrinho estivesse certo, seu corpo estava se tornando algo diferente agora. Ela não havia entendido o aviso.

Nos últimos dias, ela imaginara várias vezes que as paredes do túnel pareciam estar rastejando, como se estivessem vivas.

E elas estavam vivas. Eles estavam vindo agora, trazendo a voz - quem quer que fosse a voz - se juntando a eles.

—Eles estão vindo. — Ela ofegou, lutando para se levantar. — Eles nos encontraram. Nós temos que ir!

Jurian parecia confuso. —Nós não podemos. Se formos para a superfície daqui, sairemos bem no meio de Rosche.

Rosche. Clara tentou encontrar o mapa memorizado em sua mente. Rosche, o distrito para onde os humanos que caçaram fadas foram enviados. Onde eles agora eram caçados pelas próprias fadas.

Erik abriu caminho, olhos afiados. —Fala garota. Quem vem?

Mas Clara não precisava dizer que, no momento seguinte, elas se espalharam pela boca do túnel no Hub 7 - uma onda de mecânicos, brilhando em preto, transformando o túnel em um terreno baldio de metal atrás deles.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Erik se moveu primeiro, empurrando Igritt e Herschel atrás dele. Os outros refugiados se levantaram, gritando, correndo pela larga escada presa à parede. Uma escotilha de escape foi construída no teto - Clara lembrou-se disso no mapa de Bo. Acima da escotilha, a escada continuava subindo um poço por quinze metros antes de abrir acima do solo por uma segunda escotilha. Mas como eles alcançariam a superfície a tempo? Os mecânicos já estavam em cascata no chão, beliscando os calcanhares das pessoas, puxando-os para a bagunça de magia negra e azul.

Havia loucura na escada - as pessoas subiam, tropeçando e caindo de volta na multidão de outros gritando para que todos se movessem mais rápido. Erik encontrou Nicholas e agarrou o braço dele, puxando-o. Clara ficou feliz ao ver Bo pendurada em segurança por cima do ombro.

—O príncipe não pode ser comido, não é? — Erik disse com raiva.

Ele empurrou Nicholas pela escada e, quando Clara ficou presa no tumulto de pessoas, a mão dela escorregou da dele e elas foram separadas. Nicholas virou-se para encontrá-la, com os olhos

arregalados. Ele a chamou e Clara foi empurrada por um pai empurrando seus filhos em direção à parede, mas então Igritt sólida estava agarrando sua mão, ajudando-a a voltar para a escada. Nicholas estava debruçado sobre ela, alcançando-a; ele agarrou a mão dela e ela subiu ao lado dele. Ele a abraçou, aliviado, e Clara desejou que pudessem permanecer naquele momento - sem perguntas, sem suspeitas ou missões de resgate, apenas a mão no rosto dela e ela, sorrindo para ele. Eles escalaram, os refugiados os pressionaram.

Uma vez, Clara olhou para trás. Um erro. O Hub7 agitava-se de preto, iluminado por ocasionais lampejos de azul, quebrados por pedaços deformados em forma de homem, que tentavam escapar futilmente. A maquinaria explodiu, o teto estava começando a cair e, enquanto esperava sua vez, ajudando outros a subir, Jurian - de olhos arregalados e alegre - foi arrastado para o escuro.

A subida após a primeira escotilha parecia interminável e, quando finalmente chegaram ao topo do poço, foram necessárias duas pessoas para mudar a pesada barra de madeira que prendia a segunda escotilha. Por um momento, Clara temeu que a escotilha ficasse, prendendo-os para sempre em um cemitério de metal, mas depois eles saíram - caindo no chão, soluçando, ajudando os feridos.

Nicholas ajudou Clara a ficar de pé, e quando Bo bateu no estômago de Clara - talvez pela primeira vez em sua vida sem palavras - Clara a segurou lá, sussurrando garantias do que não sentia.

Erik também estava lá, e Igritt e Herschel.

—Jurian se foi. — Disse Herschel, com os olhos vermelhos, e Erik olhou furioso para Clara, como se a culpa fosse dela. Talvez

fosse. Ninguém mais ouvira aquela voz - exceto Nicholas, nas duas últimas vezes, mas a voz nunca disse seu nome. Só dela. Por quê?

Nicholas agora estava na beira da escotilha, mas não fez nenhum movimento para fechá-la. Ele estava ouvindo. Clara se juntou a ele, Bo na mão.

—O que é isso? — Clara perguntou.

Ele parecia desconfortável. —Eles estão se retirando.

Ela se agachou. Sim, ela podia ouvi-los lá embaixo, seus assobios sobrepostos e pequenas rachaduras de metal recuando como uma onda se afastando da costa.

Então houve silêncio. Clara olhou para Nicholas. Seu rosto estava pesado de culpa. Talvez ele pensasse, como ela, que era por causa deles. Certamente Anise não poderia se importar menos com um bando de refugiados sem importância - mas com um príncipe perdido há muito tempo e uma garota do Além?

Uma mestiça do Além, veio o pensamento terrível.

Ela se levantou para estudar a terra ao seu redor, uma tundra rochosa e desolada, pontilhada de neve e afloramentos de crosta de metal, os tremendos apoios de aço das ferrovias no alto. Não muito longe da escotilha, estavam as ruínas carbonizadas de uma vila.

Era silencioso. Não havia bestas, pessoas ou ventos.

Nicholas foi solene ao seu lado. —Não há muitos lugares para se esconder, existem?

Ela estava pensando a mesma coisa.

No alto, um movimento repentino e sombrio - um pequeno e solitário kambot.

—Bo. — Nicholas disse uniformemente. —Por favor, diga-me que você soltou um de seus kambots por algum motivo.

Mas Bo, olhando de soslaio para o horizonte, não disse nada. Outros haviam notado isso também, e agora começaram a atravessar a vasta tundra congelada em direção à vila em ruínas. Pelo menos era algum abrigo.

Mas de que servia abrigo contra dragões?



Brilhando em preto e bronze entre manchas de escamas brancas manchadas. Pontas de metal nas caudas e pontas de lança longas nos dentes. Dragões, impossível. Dragões, em todo lugar. Eles jogavam dardos com ponta preta de suas caudas e cuspiam fogo azul de suas bocas com terríveis cliques mecanizados. Fumaça negra jorrava das fendas que cobriam seus corpos.

Fadas os cavalgavam, empoleiradas nas costas e atirando flechas, na caçada.

Uma terrível desesperança tomou conta de Clara. —Era uma armadilha. Nós fomos reunidos aqui em cima.

—Dragões? — Bo parecia perdida, minúsculo. —Mas... os dragões vivem no norte. As fadas não gostam do frio.

Nicholas a pegou nos braços, o rosto duro de fúria. —Clara, mexa-se!

Ela olhou, por cima do ombro, para os monstros inimagináveis no céu, tentando encontrar Erik no caos. Lá estava ele, e Igritt e Herschel também. *Por favor, não deixe ninguém mais morrer por nossa causa.*

Era um desejo fútil. Atrás dela, os feridos e velhos foram engolidos pelo fogo do dragão, perfurados por flechas que caíam sobre eles como se fossem do próprio diabo.

Talvez o diabo seja uma fada, Clara pensou loucamente, com os pulmões ardendo quando o ar ficou ácido, inundado pelo fedor de óleo e metal em chamas.

Chegaram à vila em ruínas, com os sobreviventes se escondendo atrás de cabanas meio fechadas e forja de ferreiro, debaixo de valas de animais e pilhas de ração podre. Nicholas empurrou Bo sob uma ponte de pedra, baixo sobre um leito seco do rio, e empurrou Clara atrás dela. Ele então se virou e correu de volta para a tundra, onde os dragões circulavam e as fadas atiravam em retardatários com suas flechas como se fosse um grande jogo.

—Onde você está indo? — Clara chorou.

Mas ela sabia. Eles precisavam de ajuda, e ele não os deixaria, não desta vez. Erik, agachado atrás de um poço próximo, viu Nicholas partir. Clara viu a teimosa onda de orgulho em seu rosto e não ficou surpresa quando ele saltou para seguir Nicholas, pedindo que alguns outros se juntassem a ele. E eles fizeram, pois Nicholas estava liderando o caminho, desembainhando sua espada, mandíbula, olhos escuros brilhando. Ele era o príncipe deles, e ele era, naquele momento desolado, bonito.

Apesar de tudo, Clara sentiu uma pequena emoção que não tinha nada a ver com o frio, e seu coração inchou com um carinho perigoso.

—Por favor, não vá também. — Disse Bo, pequena ao seu lado, e Clara inclinou-se para abraçá-la, mas depois cambaleou, segurando a própria cabeça. Ela mal podia ver a explosão de prata em sua visão; ela estava ficando cega. Ela a atingiu como um punho através de seu núcleo, e agora a estava puxando de dentro para fora com dedos gelados.

Ela caiu de joelhos. —Oh, Deus me ajude, agora não...

—O que há de errado? — Bo se agachou ao lado dela... e depois recuou. —Clara, seu rosto.

Clara estendeu a mão para tocar seus lábios, sua bochecha. Sua pele estava fria e doía seus dedos como um leve choque elétrico. —O que é isso?

—Está mudando...

Então Nicholas gritou. Clara girou para encontrá-lo, procurando - lá estava ele, curvado no chão, o sangue escorrendo de uma ferida na perna.

Um dragão pairava sobre ele, as finas placas de metal de suas asas em gancho brilhando com óleo e suor.

—O que é isso? — Gritou um dos cavaleiros fada. Ele pulou no chão e agarrou o queixo de Nicholas, forçando-o para inspeção. O dragão recuou, como se estivesse em repentina confusão, e as fadas gritaram, em êxtase.

—É Sua Alteza Real, o príncipe! — As fadas riram, acenando para os outros cavaleiros.

A fada chutou Nicholas bem no seu ferimento, e Nicholas gritou uma palavra em agonia - era o nome de Clara?

Independentemente disso, Clara sabia o que tinha que fazer. O instinto a alcançou. Deixou Bo boquiaberta e correu em direção a Nicholas, indiferente aos caídos, aos detritos fumegantes. A dor apunhalou-a por trás dos olhos, na barriga, nas pernas a cada passo. Uma grande força a rasgava em dois, e ela soluçou em agonia, mas não parou.

Vagamente, ouviu o riso sombrio - sem dúvida divertida com essa atacante louca. Ela correu em direção ao som, batendo com as mãos nuas como se golpeasse a fada no rosto, percebendo que ela nem pensara em tirar suas adagas.

Algo atingiu o rosto da fada - ela ouviu o impacto, ouviu a fada gritar e voar de volta - mas não era a mão de Clara.

Houve uma grande explosão, uma rajada de vento frio, uma dor abrasadora nos braços, como se as facas que estavam abrindo seu interior tivessem subitamente explodido. Ela sabia onde Nicholas estava, instintivamente, e abraçou-o, protegendo-o do pior da tempestade que ela criara.

Que ela havia criado.

Ela tinha pensado nisso como ela estava correndo, um pensamento nascido de algum impulso primordial que lhe veio à mente por vontade própria. Ela pensou em uma tempestade arrancando os dragões do céu, jogando as fadas no chão, explodindo-as com frio, força, raiva e gelo - e agora estava acontecendo. Ela podia ouvir a tempestade explodindo ao seu redor, e ela sentiu tanto medo, encolhida ali com o rosto enterrado no ombro de Nicholas, o coração

dele batendo contra o dela, as mãos nos cabelos dela, segurando-a. Poderia ser a última vez que ela poderia tocá-lo. Talvez fosse a última vez que ela pudesse respirar. A dor era insuportável; liberar parte da energia dentro dela parecia exacerbar o tormento dela. E o que todos fariam com ela quando percebessem o que ela era? Ela sabia agora, sem dúvida, que o que o padrinho havia dito era verdade.

O silêncio caiu - o silêncio depois de uma tempestade.

Clara abriu os olhos. A prata permaneceu, brilhando nas bordas de sua visão. Através dela, ela viu os corpos feéricos espalhados em poças de sangue azul através da tundra. Os dragões caídos estremeceram mecanicamente quando as luzes atrás dos olhos se apagaram - algumas desmontadas, outras carbonizadas além do reparo.

Neve fresca os cercava. Caia do céu agora mesmo.

Nicholas a ajudou a se levantar, segurando-a no comprimento do braço. Ele não disse nada, mas o olhar em seu rosto era de admiração e horror. E... alegria?

A bochecha de Clara doeu. Ela colocou os dedos nela e eles ficaram vermelhos.

Vermelho tingido de prata.

Erik mancou na direção deles, o rosto pálido. Outros estavam ao lado dele, incluindo Igritt; eles viram o sangue nas mãos de Clara e recuaram.

—O que você é? — Erik rosnou. —O que você fez?

—Eu... Minha mãe era uma maga. — Começou ela fracamente, segurando-a de lado. A dor estava piorando. Por que não parava?

—Magos nunca foram vistos fazendo isto antes. Fazendo tempestades do nada, puxando raios do céu.

Ah. Daí os dragões carbonizados.

—Por favor. — Disse ela. — Deixe-me explicar.

—Apenas a rainha tem tanto poder. — Veio uma voz baixa, de um homem com um corte no braço e neve no cabelo - a neve de Clara. —Somente a rainha pode fazer coisas assim. Fazer coisas do nada. — O rosto do homem escureceu com suspeita. —O ar cheira a ela também. O mesmo gosto.

—Mas a rainha é uma fada. — Igritt apontou calmamente, — não um mago.

Bo espiou por trás de Erik. —Sim. Está vendo, Erik? Sangue prateado. Sangue de mago. Nós gostamos de magos, lembra?

Erik a afastou. —Prata, azul ou roxo brilhante, eu não ligo. Não é vermelho, é o que conta. Eu conheço essa mágica. Essa é a mágica da rainha, ou tão boa quanto. — Ele fez uma pausa, com o rosto feio - bravo, sim, mas também, Clara pensou, com medo. —Você estava esperando eles atacarem, não estava? Você os levou direto para nós. Que as serpentes te arrastem para águas negras.

—Não, Erik. Por favor, você tem que acreditar em mim. Eu não fiz isso. Eu não. Eu os parei. — Ela se virou para Nicholas. Nicholas, você me conhece. Você sabe tudo que eu quero é encontrar meu pai e depois sair. Por favor, diga a eles que é isso que eu quero.

Os sobreviventes se reuniram ao redor deles, alguns boquiabertos com a destruição, outros olhando furiosos para Clara, todos com medo. Clara sabia que as pessoas assustadas eram mais

propensas do que a maioria a se tornarem cruéis a qualquer momento.

—Você sabia, senhor? — Perguntou Herschel, baixinho. Ele parecia desequilibrado, parado ali, sem Jurian ao seu lado. —Você sabia o que ela era?

A palavra não dita pairava no ar: abominação. Você sabia, senhor, que você trouxe um monstro de histórias antigas para o nosso meio?

Nicholas estava quieto, sua expressão ilegível - até agora, quando algo mudou em seu rosto. O coração de Clara afundou.

Ele sabia o que ela era, ou pelo menos esperava. Mas ele não lhes disse isso; melhor eles pensarem que ela era uma mentirosa do que ele.

Seu rosto era severo quando ele deu um passo para longe dela. Isso era um pedido de desculpas aos seus olhos, um pedido de entendimento?

Provavelmente não.

—Eu não sabia. — Disse ele. —Mas talvez, se formos cuidadosos com ela, podemos usá-la.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Ficou de acordo que Clara era perigosa, que eles deveriam mantê-la sob vigilância até que um plano fosse decidido.

—Ela poderia nos ajudar. — Clara ouviu Nicholas dizendo aos outros. —Estou relutante em confiar nela agora, mas... Acho que vocês concordam que isso pode nos dar uma vantagem incrível contra o Anise.

Alguns concordaram imediatamente, outros protestaram, mas todos se aconchegaram em torno de Nicholas, fervorosamente atentos. Apenas Bo olhou para Clara, angustiada.

Que bom, ela pensou enquanto os encarregados de observá-la a arrastavam para longe. Ele parece ter se encontrado um exército, afinal.

Eles a amarraram a uma viga de madeira em um celeiro sem teto, aberto para o céu. Eles pegaram a adaga no quadril, mas não as de suas botas, pelas quais Clara estava delirantemente agradecida. Mas ela estava com frio e de braços nus, os ombros torcidos para trás, o tronco amarrado tão firmemente à viga com vários cintos, doados ansiosamente pelos donos, que mal conseguia respirar. Ela nunca seria capaz de alcançar suas botas. Ocorreu-lhe que ela poderia tentar

derrubar outra tempestade do céu ou queimar suas amarras. Mas mesmo que ela pudesse, de alguma forma, deixar de lado a dor, fazendo-a vomitar na terra, qualquer demonstração de... o que era isso? A magia dela? Ela quase riu. Qualquer demonstração desse tipo certamente selaria seu destino com esses refugiados. Ela não os culpou. Ela teria atacado alguém como ela também.

—Tente qualquer coisa engraçada. — Disse Erik depois que terminou de contê-la, com os olhos cheios de desconfiança. —E eu vou te matar, não importa o que o príncipe diga.

Clara pensou em morder o nariz. Não teria sido difícil, a maneira como ele se posicionou tão estupidamente perto. Ele realmente não merecia isso, mas com a dor que a atravessava e a humilhação que a compunha, ela poderia ter tentado, se ele não tivesse saído naquele momento. Herschel, de rosto de pedra, vigiava.

Náusea manteve a cabeça girando. A cada poucos minutos, afiava uma dor aguda que surgia em seu corpo em ondas. A combinação de dor e exaustão a jogou dentro e fora de alucinações febris. Herschel fez questão de desviar o olhar dela quando isso acontecia, como se demonstrasse que ele não se importava muito se ela estava com dor ou não.

Luz feia e marrom filtrava através das nuvens de tempestade, e o celeiro rangia ao seu redor com o vento. A noite estava chegando rapidamente nesta terra de céu tumultuado, a tarde desaparecendo no crepúsculo. O suor havia ensopado suas roupas, encharcando-a. Quando uma convulsão a atingiu, ela agarrou-se às amarras, chorando de dor.

—Pare. — Ela sussurrou, desejando ter algo para morder. Certamente seus dentes quebrariam em breve; ela não conseguia parar de triturá-los. —Por favor pare. Deixe-me em paz.

Mas seu sangue era insistente, e quando a dor ficou tão assustadoramente fria que ela teve certeza de que iria morrer, ela gritou, sua garganta cheia de facas.

Herschel se encolheu.

Ela esperava que Nicholas viesse - ela imaginou, ele caindo de joelhos diante dela e pedindo perdão, pedindo desculpas por deixá-la assim, beijando suas lágrimas.

Que pensamento bobo, estupidamente feminino.

—Herschel, por favor, me desamarre. — Foi uma jogada desesperada, mas ele era o único por perto, e ela perderia a cabeça se não tentasse. —Eu não vou machucar ninguém, juro por você. Mas estou com dor suficiente e as amarras...

Ela parou, gritando. Herschel se aproximou cautelosamente, mas ela viu pena nos olhos dele. Gentil, sem Jurian Herschel.

—Como é? — Ele sussurrou, ajoelhando-se diante dela.

Ela poderia ter chorado; ela chorou. —Como todo o inverno sendo forçado dentro de mim.

Herschel estava grave quando a inspecionou, grave ao tentar desfazer as amarras e gentil com as feridas que deixaram nos pulsos.

—Só por um tempo. — Disse ele, e ela assentiu miseravelmente, sabendo o que estava prestes a fazer. Ela caiu do poste, desfeita agora e livre. Herschel chegou para ajudá-la, dizendo algo sobre Jurian, algo perdoador, que não era culpa de Clara, que ele entendeu. As palavras dele rasgaram Clara, mas ela não hesitou. Em seu desespero, foi fácil

agarrá-lo pelos ombros, girar seu corpo leve, esmagar a cabeça contra o poste ao qual ela estava amarrada.

Ele caiu no chão sem fazer barulho e, depois de se assegurar de que ele estava respirando e vivo, ela amarrou-o de pés e mãos com os cintos descartados. A boca dele se abriu e ela pegou uma das luvas e a enfiou dentro, cheia de culpa, instável pela dor.

—Sinto muito. — Ela sussurrou, e o deixou.

Fora do abrigo do celeiro, o vento a cortava como facas. Isso lhe deu uma pausa; deixar a relativa segurança deste lugar era certamente insano. O frio dessa tundra, a solidão dela - ela poderia congelar, ela poderia se perder nos trechos planos e intermináveis do chão duro e frio.

Ela se encostou na parede do celeiro, medindo as probabilidades. Eles não eram bons. Escolha de novo. Escolha entre horrível e ainda mais horrível. Ela riu e o vento captou o som e o engoliu.

Uma aposta, mas ela tinha que fazer. Ela não podia ficar aqui.

Ela iria correr.

No coração da vila em ruínas, em um piquete destinado a animais, os refugiados se reuniram. Clara os viu e poderia ter continuado - deveria ter continuado. Mas uma mancha azul puxou para ela: Bo, sua expressão abandonada.

Então - Nicholas, inconfundível, de perfil. Ele estava dizendo o nome dela.

Corra, minha Clara. O padrinho a aconselharia, mas Clara não resistiu. Ela esgueirou-se para mais perto da multidão, perto o suficiente para ouvir. Ela ouviu atentamente - talvez ele estivesse

tentando convencê-los a confiar nela, a tratá-la bem e pedir desculpas por obrigá-la. Talvez aquele comentário sobre usá-la tivesse sido uma minúscula mentira branca, um desvio momentâneo.

—... mas e se ela não quiser se ligar a você? — Era Igritt.

Clara agarrou o canto da cabana queimada que ela escondia atrás. Cinzas se afastaram ao seu toque.

—Não importa se ela não quer. — Veio a voz de Nicholas, e era dura e insensível, sem nuances de emoção para reinterpretar. Nada além de determinação incansável. —Eu vou fazê-la.

Oh Clara recuou; foi um chute no estômago, uma garra no coração. Oh não, não, não.

Usando ela. Seu comentário não tinha sido uma mentira.



Bo foi a primeira a protestar - e a única, Clara notou. Ela mordeu a língua para não gritar sua dor.

—Você não pode fazer isso, senhor. — Disse Bo, furiosa. — Como você ousa pensar isso?

—O príncipe pode fazer o que quiser. — Disse um dos refugiados. —É por isso que ele é um príncipe. De qualquer forma, por que deveríamos nos importar com o que uma pequena maga mestiça e suja quer, se ela pode nos ajudar a lutar por nosso país?

—Mas e se ela não puder? — Alguém disse incerto. —Parece uma crueldade desnecessária.

—Ela pode. — Disse Nicholas, uma figura sombria no meio deles. Clara passou os olhos pelas linhas do corpo dele, procurando familiaridade e não encontrando nenhuma. Até o seu eu-estátua havia sido mais quente. —Só lamento que demorei tanto para tirá-la dela. Ainda mais vidas poderiam ter sido salvas se seu poder se manifestasse mais cedo.

Momentos voaram para Clara em rápida sucessão, suas máscaras arrancadas para revelar verdades amargas - no trem, no beco onde eles resgataram Bo, nos aposentos de concubina - oh, mesmo no terraço de Pascha. Nicholas estava tão ansioso por ela para descrever seus sonhos. *Como foi Clara quando o trem explodiu? Me conte seus pesadelos, Clara; não deixe seu medo atrapalhar; lute, Clara, lute. Beije-me Clara; isso não pode ser ajudado.*

Ela afundou no chão, e lágrimas de choque queimaram faixas quentes em suas bochechas geladas. Nicholas, a todo momento, tentara derramar seu sangue em seu verdadeiro eu? Todo toque, todo sorriso, todo olhar de feroz solidariedade - Clara e Nicholas, juntos contra os males de Cane - uma manipulação.

Gritos de apoio a Nicholas surgiram dos refugiados. Um novo fanatismo emanava deles, ampliando a cada momento que passava. Nicholas estava dizendo alguma coisa, mas ela não ousou ouvir muito de perto. Erik e Igritt não disseram nada, Clara notou. Talvez, tendo-a conhecido por mais tempo do que os outros, não estivessem tão interessados em ouvi-la discutir dessa maneira: uma arma recém-descoberta, pronta para ser apontada.

Clara se levantou. Ela pensou em Bo e soluçou - por deixá-la aqui com essas pessoas... mas ela não conseguia parar, nem mesmo

por Bo. Ela correria, atravessaria esta miserável tundra com seu dossel de trens e, se tentassem segui-la, se tentassem subjugá-la, ela derrubaria um inferno tão gelado sobre eles.

Que ideia. Poder que ela possa ter, mas usá-lo assim? Impensável. E como ela poderia fingir tentar? Isso a machucou, a cegou; mesmo agora a estava abrindo.

Ela correu pelo solo gélido, tropeçou em pedras cobertas de líquens - por quanto tempo? Horas. Anos. *Afaste-se de Nicholas, afaste-se de Nicholas. A traição dele foi uma mão cruel em seu coração.*

Ela tropeçou em uma crista inesperada de seixos e não se levantou. Uma pequena coisa preta caiu de suas saias, estalou três vezes e ficou em silêncio. Um mecânico? E porque não? Talvez tivesse se apegado a ela durante a horrível subida da escada, achado seu corpo abominável desagradável e adormecido. Ela riu entre lágrimas. Talvez acordasse logo e chamasse seus amigos. Eles a invadiriam enquanto ela dormia, a dobrariam em sua própria estátua.

A noite estava escura e ficando mais escura. Ela deixou a escuridão levá-la, e a lama em sua boca tinha gosto de gelo.

Clara acordou tossindo sangue, respingando rosa prateado no chão. Nevara, a luz em seu corpo como uma pitada de açúcar.

Uma brisa suave flutuava sobre sua pele, mexendo a neve, aquecendo-a. Ela cheirou sal.

Clara, a voz cantou.

A voz! Ela tinha esquecido. Ela levantou a cabeça, forçando os olhos a se concentrarem.

—Clara. — A voz disse novamente - agora real, feminina e clara. Ela sentiu um hálito doce no rosto, viu lindas botas cor de ardósia. Pele branca, túnica cinza, uma faixa de arminho, um colar de cordões de couro.

—Pobre criança. — Disse a voz. Uma mão quente segurou a bochecha de Clara. —O que eles fizeram com você?

O medo tomou conta do coração de Clara. —Anise?

Um rosto adorável apareceu diante dela, pele branca como a neve, cabelos brancos, um turbante peludo.

Anise sorriu. —É hora de você vir comigo agora, Clara.

Clara balançou a cabeça. —Não. Eu não posso.

—Ah? E porque não?

Porque você matou minha mãe. Através da névoa de seu cansaço, Clara lembrou-se dessa verdade simples e terrível, e quase cuspiu aos pés da rainha. Mas ela estava fraca demais para isso. Ela oscilou à beira da consciência, e seu mundo pulsava vermelho prateado. Ela alguma vez conheceu algo além de dor?

—Eu posso ajudá-la. — Sussurrou Anise. —Eu sei. Eu sou a única viva que sabe.

Clara estremeceu. Ela estava cansada, com fome, com frio. Alguém a estava levantando, acomodando-a em suavidade, aconchegando-a no calor.

Ah, o calor! Uma coisa feliz que a fez chorar de gratidão. O vento passou por elas; elas estavam se movendo. Anise sussurrou

palavras guturais para alguém, e o coração de Clara se encheu de ódio - você matou minha mãe - mas o calor a acalmou, assim como um leve cheiro doce. Perfume? Açúcar?

Tonta, ela forçou os olhos a abrir. Eles estavam em um trenó mecanizado preto. Um grupo de fadas em batedores os cercava, e um kambot de olhos azuis empoleirava-se no ombro de Anise, encarando Clara friamente. E Anise estava acariciando os braços de Clara, embrulhada com ela em um cobertor enfeitado de pelo, dizendo a ela que estava tudo bem agora, coitada e torcida. Ela estaria segura agora; ela estava com sua rainha.



Desde o momento em que nasci, fui ensinada a odiá-los.

Todos eram. Todos os pais criavam seus filhos contando o que aconteceria se eles vagassem muito fundo na floresta ou muito longe nas estradas do sul. Cuidado com o anel de Mira e os espíritos que vagam por lá, gritando por calor que nunca terão. Cuidado com as altas montanhas, onde os dragões jazem enrolados e esperando o crepúsculo cair, onde os pássaros noturnos pousam em árvores brancas como ossos e cantam suas canções maliciosas.

Cuidado com as estradas do sul, onde os caminhos ficam cobertos de vegetação e o zumbido de coisas não naturais gira sob a terra, pois é onde as fadas habitam.

A primeira vez que abri uma fada enquanto ela ainda vivia, eu tinha seis anos. O pai ficou atrás de mim, cruzou a mão sobre a minha para firmar. Sua coroa brilhava na luz fria do laboratório, a luz dos magos; ele veio direto do tribunal, ansioso.

—Do pescoço ao umbigo. — O pai sussurrou no meu ouvido. —Mantenha a lâmina reta e seu peso nivelado.

Os olhos dos cirurgiões reais estavam sobre mim. O mesmo acontecia com os Sete. Drosselmeyer, que se ligara a mim, era o mais próximo de todos. Eu pude vê-lo assentindo em aprovação enquanto a faca afundava na carne branca da fada e o sangue azul escorria em riachos escuros.

Fascinado, pressionei a lâmina mais fundo, observando a poça de sangue. A fada, ligada à mesa com um raio de mago, gritou. Embora o som estivesse abafado, ouvi claramente seu medo e fúria.

O som me enfureceu. Quem ousaria ter medo ou raiva, depois do que esse tipo havia feito - invadir nossas aldeias, forçar os humanos mais ao norte, atacando postos avançados com armas estranhas que ninguém conseguia entender. Armas escuras que pareciam impermeáveis até à magia dos magos, pois essas armas estavam sempre mudando, desmoronando e reformando. Eles nunca eram os mesmos de um minuto para o outro. As fadas sempre foram inventoras, mexendo com seus brinquedos nas sombras, obcecadas em criar coisas. Mas essas armas eram diferentes. Elas atiravam... coisas escuras, estridentes, mecanizadas... Quero dizer criaturas, pois pareciam quase vivas e enxameavam como gafanhotos. Essas coisas sombrias devoravam qualquer coisa em seu caminho - pedra, terra, carne - e a reconstruíam como metal encadernado por magia, preto e brilhante, cheirando a sal e vento do mar.

Tínhamos que entender a mágica das fadas, essa magia inexplicável que eles vinham elaborando há anos no subsolo, sob a orientação de Anise. Não tínhamos escolha a não ser entendê-la, custe o que custar. Caso contrário, isso nos destruiria. Mesmo aos seis anos eu sabia disso. Eu o via todos os dias, sentado ao lado de meu pai, enquanto ele mantinha a corte, observando relatos e mais incursões cruzando sua mesa, aldeias humanas invadidas por ferro, sufocadas por uma mágica que construía, construía e construía...

Então eu cortei mais fundo, muito fundo. Minha lâmina ficou imprudente e, antes que eu percebesse, fiquei de pé sobre o país das

fadas, cujo tronco eu havia cortado em pedaços com minha minúscula faca cirúrgica.

Eu ofeguei. O suor escorria dos meus dedos. Eu não conseguia ver nada além de uma névoa nebulosa de branco e azul - carne de fada, sangue de fada. Eu me sinto doente. Eu pensei que iria chorar. Não entendi o que tinha feito.

—Está tudo bem. — Meu pai me disse. —Todos nós fizemos isso. — Os Sete sorriram para mim conscientemente. Drosselmeyer apertou meu ombro como se a experiência tivesse nos unido ainda mais irrevogavelmente.

—Eles merecem. — Eu disse depois de um momento. Ainda consigo ouvir minha própria voz, a memória é tão clara. Uma voz alta, a voz de um garoto. —Eles merecem morrer.

—Sim. — Disse o pai, e estendeu um pano sobre o qual eu poderia limpar minhas mãos. —Todos eles merecem morrer.

PARTE TRES

O PALACIO DE VERAO



Como devo começar a descrever a beleza e o esplendor da cidade que agora estava diante dela... Não eram apenas as paredes e torres das cores mais magníficas, mas as formas dos edifícios eram como nada mais na terra.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



Ela é minha.

Era a voz novamente, sussurrando na mente enevoada de Clara. Sua voz, a voz de Anise, sussurrando alegremente em voz alta:

—Minha, ela é minha.

As palavras deveriam ter incomodado Clara. Ela não era de ninguém, a não ser sua, e certamente não era propriedade de uma rainha assassina. Acima de sua cabeça o vento soprava, mas aqui no ninho de peles de Anise, Clara estava quente e contente.

Ela tentou se levantar, pouco à vontade com o pensamento.

—Silêncio. —Anise murmurou contra sua orelha. —Ainda temos um caminho a percorrer. Descanse. Eu te tenho agora.

Clara se acalmou e não se mexeu novamente.



Luzes a acordaram, em azuis, rosa, roxos, verdes.

Clara tentou falar. —Onde estamos?

—O Palácio de Verão. — Anise ajudou Clara a ficar de pé e apertou as bochechas. Quando sua boca se moveu, o canto de seus lábios roçou os de Clara.

Clara já estava desaparecendo novamente, seu interior ainda latejava de dor, como se eles tivessem sido cruelmente reorganizados. Ela espiou por cima das peles para ver torres em espiral de ferro, ouro e branco; torres de azul; torres de vigia marcadas por luzes verdes; e as estradas sinuosas e escuras de uma cidade pequena, mas grandiosa. As ruas serpenteavam preguiçosamente para cima, até um palácio cinza alinhado com finas luzes em branco, verde e azul. Acima, um centro onde as ferrovias convergiam. Um rugido fraco zumbiu nos ouvidos de Clara - risos, música. Canhões atirando. O estalo dos fogos de artifício, o cheiro da pólvora.

—Temos as festas mais indescritíveis aqui. — Sussurrou Anise. —Você não acreditaria no número de escravos fugitivos que tentam se infiltrar. Eles se empalam nas muralhas. Eles se afogam tentando nadar no rio. — Ela riu, um som sensual. — Ah, Clara. Você vai adorar aqui comigo.

Enquanto Clara tentava digerir isso, elas passaram por uma ponte curva de ferro. Do outro lado, Clara viu fadas em trajes extravagantes percorrendo uma rede de estradas sinuosas. Entre eles havia um humano em trapos, carregando uma bandeja de gelados de limão em taças de cristal. Ele estava sendo conduzido por uma corrente e feridas escorriam por sua pele.

Embora ela lutasse para manter os olhos abertos, era em vão. Mesmo inconsciente, as luzes dançavam atrás de seus olhos, e tudo cheirava doce.

—Leve-a para o meu quarto. — Anise estava dizendo quando Clara acordou em seguida. —E pegue Ketcher. Ela precisará ser examinada. Ela está terrivelmente fraca.

Clara tentou abrir os olhos, mas estava muito claro. Quando ela tentou proteger o rosto, descobriu que não conseguia levantar os braços. Ela estava sendo abaixada sobre uma superfície macia de peles quentes e travesseiros frescos de borla. Cada toque picou sua pele muito sensível, e ela ficou lá, estremecendo.

Alguém sentou ao lado dela.

—Menina bonita. —Sussurrou Anise. —Não tenha medo. — Ela tocou a túnica desgastada de Clara e estalou a língua. —Primeira coisa, depois que você estiver bem - roupas novas. Eu odeio o frio, mas admito que se pode fazer muito mais com um guarda-roupa de inverno. Você ficará encantadora, Clara. Vestirei você apenas da melhor maneira.

Um farfalhar de movimento perto da porta. Anise se virou.

— Aqui, Ketcher. Não tenho certeza do que podemos fazer por ela, mas certamente sugiro algo para apimentar o sangue dela. Deve ser esticado tão fino...

Dedos calejados pegaram o pulso de Clara, sentindo seu pulso. Uma voz frágil com a idade disse: —Você pode me ouvir, criança? Qual é o seu nome?

—Clara. — Disse ela. —Meu nome é Clara Stole.

Então ela dormiu.

Na próxima vez que Clara acordou, ela pôde sentir a diferença imediatamente. Sua visão estava mais clara, seus membros mais fortes, seu estômago mais firme.

E ela estava nua.

Ela se levantou, puxando os lençóis até o queixo. Seda e borlas, peles e colchas felpudas jaziam sobre ela em montes opulentos.

Outra coisa também estava diferente. Embora ainda estivesse fraca, sua dor havia diminuído. Em seu lugar havia uma solidez com cordas de prata, como se seu interior tivesse se transformado em algo vital e mortal.

—Olá? — A palavra mal passou por seus lábios. Descrente, ela pegou o luxo que a cercava. Ela estava deitada em uma cama de dossel emoldurada em ferro. Tecidos finos cor de coral pendiam da cama, das janelas, nas portas. A sala estava revestida de azulejos brancos, azuis e dourados. Chamas azuis brilhavam em velas negras. Uma brisa trouxe rajadas de neve leve de um grande terraço preto.

Do outro lado da sala, a uma grande vaidade coberta com apetrechos além da contagem, estava sentada a rainha, amarrando tranças em seus longos cabelos brancos.

Ela se virou ao som da voz de Clara. —Ah. Você está acordada.

Clara corou e desviou os olhos. Anise usava um roupão dourado que arrastava o chão e pendia descuidadamente aberto, revelando seus seios, barriga, pernas. Ela parecia mais humana do que a maioria das fadas, com exceção dos ouvidos e do conjunto artificialmente afiado de seus ossos. Clara notou que ela não usava uma das luvas mecânicas.

Anise a olhou com curiosidade. —Eu te envergonhei?

Clara manteve os olhos fixos na parede. —O que você fez com minhas roupas?

—Receio que você as tenha arrancado freneticamente durante os últimos estágios de transformação. Tivemos que restringi-la para impedir que você se machucasse.

Quando Clara ainda não se voltou para reconhecê-la, Anise bufou impaciente e fechou o roupão.

—Ok agora. Isso está melhor? — Anise se levantou e se esticou, divertida. —Tenho certeza de que é extraordinário finalmente ter entrado em você. Ter evoluído para o que você sempre deveria ser, depois de anos sofrendo uma existência inferior.

Clara pensara que, se alguma vez conhecesse Anise, a rainha seria malícia e tirania personificada, cheia de insultos sobre sua mãe morta e exigências impossíveis. Certamente que não... acolhedora.

—O que você está jogando?

—Jogando? — O sorriso de Anise se alargou. —Clara, nem começamos a tocar, eu lhe garanto.

O fato de Anise fingir ignorância, de banalizar esse momento, sacudiu Clara com uma raiva que vinha se formando há anos. Ela podia ver o rosto de sua mãe; ela podia sentir o toque de sua mãe. Ela

havia perdido o padrinho e o Nicholas, e em breve poderia perder o pai e a irmã, e tudo era culpa da mulher em pé tão alegremente diante dela.

Cega de fúria, Clara tropeçou na cama, os lençóis emaranhados ao redor de seus pés. Ela estava vagamente consciente de sua nudez, mas descobriu que não se importava. Havia um candelabro em uma mesa próxima. Ela a pegou e jogou direto no Anise.

A rainha se abaixou e caiu no chão atrás dela. Os olhos dela se estreitaram. —O que você pensa que está fazendo, Clara?

Clara não parou. Encontrou uma travessa de comida pela metade, utensílios dourados, um cálice de vinho, um livro pesado, um sapato com borlas e jogou-os no Anise um após o outro, pois eram as únicas armas que ela possuía. Ela gritou maldições incoerentes e acusações, alcançando Anise, pronta para apertar aquela bonita garganta branca. Mas então, cega de lágrimas, ela tropeçou em uma mesa e que a jogou no chão. A queda a abalou, a fez perceber o que havia feito, e ficou sentada em uma bagunça de comida arruinada, miserável, trêmula, doente de fome. Ela morreria agora; Anise a mataria como punição, e o pai de Clara também morreria, onde quer que estivesse.

No silêncio, Clara ouviu uma porta abrir e fechar e olhou para cima. Anise estava ajoelhada diante dela, impassível, ilesa. Atrás dela, à porta de uma antecâmara, estava Borschalk em um belo traje militar - uma capa presa com fechos brilhantes, um casaco severo que caía de joelhos. Ele nunca pareceu mais poderoso. Anise foi até ele, desenhou uma linha sinuosa em seu braço com um dedo branco. Eles compartilharam um olhar caloroso, um olhar cheio, fervendo e

inconfundivelmente adulto. Clara recuou em um nó de membros nus, sentindo-se pequena e envergonhada, ainda fervilhando de raiva.

—Você fez uma bagunça nos meus aposentos. — A voz de Anise era leve quando ela se voltou para Clara. —Por quê?

Clara olhou para Borschalk, tremendo. Ele nem estava olhando para ela. A linha de sua boca estava presa em algum lugar entre presunção e desdém.

—Não se importe com Borschalk. — Anise riu baixo, virou-se para sorrir maliciosamente para ele. Ela estava em miniatura ao lado dele, a coroa da cabeça mal encontrando o peito dele. —Ele tem outras coisas em mente no momento, garanto. Me responda.

—Eu queria te matar. — Isso era real? Clara realmente disse essas palavras?

Anise simplesmente riu por cima do ombro, através da queda de cabelos brancos. —Muitos fazem. Nenhum teve sucesso. Por que você quis?

—Porque você matou minha mãe.

Com isso, Borschalk olhou para ela e ele até - era possível? - pareceu assustado. Ele pareceu encolher, embora seu corpo não se mexesse.

A alegria derreteu do rosto de Anise. Finalmente, ali estava a perigosa fada que a rainha Clara vira no cromocast, com olhos de aço azul e malícia na língua.

—Você está dizendo que Leska está morta? Não minta para mim.

Confusa, Clara deixou escapar um soluço. —Por que você fez isso? Não fizemos nada para você. Por que você não nos deixou em paz?

Anise se afastou de Borschalk, seu corpo não mais flexível, mas rígido. —Como ela morreu?

Descrença - havia genuína descrença no rosto de Anise. Surpreendente. Clara não tinha certeza de como responder.

—Ela... Havia batedores na cidade. Eles a mataram, disse o padrinho. Eu - eu vi as fotografias, de quando a encontraram. Ela estava... eles a rasgaram. — Ela se virou, seu corpo curvando-se sob o peso desse horror revivido. —Devo descrever para você? Você ordenou que eles fizessem isso. Você fez isso. Você.

—Não! — Anise girou, vibrando com fúria. Clara olhou para cima e a viu apontando para Borschalk, e quão notável que uma pessoa tão diminuta pudesse aterrorizar tão completamente um homem tão grande. Os ponteiros de um relógio na vaidade de Anise giravam loucamente, e o calor repentino tomou conta da sala. —Você nem pense em sair daqui.

—Meu amor-

—Você vai me abordar adequadamente. — Cuspiu Anise. —Ou não se verá mais capaz de me dirigir.

Um lampejo de raiva em seu rosto, ou mágoa, ou ambos.

—Minha rainha, permita-me uma chance de explicar. — Borschalk pareceu encolher quando Anise avançou sobre ele. Ele se ajoelhou e abaixou a cabeça, embora o conjunto dos ombros contivesse uma certa teimosia. —Você me acusou de caçar o príncipe, e eu aceitei de bom grado, com honra. Durante anos, procurei, indo e

vindo entre aqui e o Além, com pouco descanso e pouca companhia. Ele olhou para ela. —Para você, minha rainha, eu fiz essa grande coisa.

—Me poupe.

Borschalk desviou o olhar, sua mandíbula trabalhando. —Você me ordenou poupar Lady Leska, onde eu a encontrasse.

O choque atingiu Clara em pequenas ondas de formigamento. Poderia ser verdade? Ela olhou para Anise, procurando.

—Eu entendi suas razões, é claro que entendi. — Ele respirou e olhou para cima, implorando. —Mas eles eram motivos ruins, minha rainha. A despeito de sua sabedoria em todos os outros assuntos, você permitiu essa mulher maga, essa imundície...

Os olhos de Anise brilharam. —Cuidado.

—Vou dizer e com prazer. Sujeira. —Ele ficou de pé agora, apaixonado. —Ela era apenas uma maga, indigna de misericórdia, especialmente de você, minha rainha. Você, que é tão poderosa. Você, que refez o mundo para o seu povo. — Ele fez uma pausa, pôs a mão no rosto dela e embalou a cabeça dela. Ele poderia ter esmagado o crânio dela, mas seu toque era suave. —Eu temia nunca encontrar o príncipe. O guarda mago dele erguera barreiras - para proteger a si mesmo e ao garoto, para protegê-la - mas eles estavam vacilando. O trabalho de desvendar sua maldição estava destruindo sua magia. Você é tão poderosa, minha rainha. Poderosa o suficiente para arruiná-lo, mesmo de longe. E quando as proteções dele começaram a cair, e eu vi a Lady, e percebi quem ela era, eu sabia o que tinha que ser feito. Eu tive que afirmar seu poder, para demonstrar que

ninguém merece sua misericórdia, nem mesmo ela, especialmente ela.

Ele lançou um olhar rápido e venenoso para Clara. —Eu não consigo entender, minha rainha, essa sua curiosidade...

—Você fez isso para me proteger. — Anise o interrompeu uniformemente. Ela beijou os dedos dele, a palma da mão, seus olhos nunca deixando os dele. —Você não, Borschalk?

Os olhos dele estavam quentes no rosto dela, aliviados. —Sim, minha rainha. Proteger seu domínio, assustar o mago, provar que ninguém está a salvo de sua ira, não importa para que mundo eles fujam.

Anise levou o dedo em sua boca, sugado suavemente.

—Você desobedeceu a uma ordem. Não foi, Borschalk?

Uma doçura tão vil em sua voz, até Clara se afastou. Borschalk, cujos olhos estavam fixos nos lábios mordiscados de Anise, tentou dar um passo para trás.

Ele falhou. Anise mordeu com força seu dedo, tirando sangue azul, e o empurrou de joelhos. O ar se apertava ao seu redor, amargo pela magia.

—Ela era uma maga, minha rainha. — Protestou Borschalk, horrorizado. —Em sua sabedoria, você matou todos os magos em Cane. Por que, então, sua sabedoria não se estende ao Além?

—Porque é a minha sabedoria, o meu reino. — Anise se inclinou e enrolou os dedos em torno de seu pescoço brutal, suas unhas afundando em sua carne. —Meu reino e minhas regras. Não é seu, Borschalk. Nunca é seu.

—Mas meu amor-

Anise soltou um grito estranho - havia fúria, sim, mas também algo como mágoa. Ela o jogou em um pilar próximo - com os braços e com a magia que Clara podia sentir se curvando pela sala, mordiscando os dedos dos pés. Sua cabeça bateu no ferro com um estalo doentio e ele caiu no chão, gemendo. Anise o agarrou pelo colarinho e o arrastou em direção às portas, os olhos brilhando. Ela não disse nada a Clara. Ela nem olhou para ela.

No rastro da rainha, Clara não podia fazer nada além de ficar assombrada. Então ela notou os dois soldados uniformizados nas portas da antecâmara e o atendente empoeirado e com joias em outro conjunto de portas que levavam a uma câmara de banho extravagante. Todas as três fadas estavam tentando, e falhando, agir como se não estivessem olhando para Clara. Seria inútil Clara tentar fugir.

Suas pernas e braços ardendo com pequenos cortes da mesa quebrada, Clara mancou até a cama e juntou os lençóis sobre si mesma. Anise realmente não era culpada pela morte de sua mãe? Ou foi um ardil elaborado para ganhar a simpatia de Clara? De qualquer maneira, ela se sentia pequena e fria, e profundamente perturbada. Quando os gritos começaram de uma sala distante - gritos masculinos, quase definitivamente os de Borschalk - Clara tentou encontrar satisfação neles. Independentemente da verdade, alguém que havia participado da morte de sua mãe estava sofrendo, e isso deveria tê-la feito feliz. Mas quando os gritos se transformaram em algo totalmente estranho de agonia, Clara se sentiu doente e tapou os ouvidos para bloquear os sons.

Demorou um pouco para Anise voltar.

Clara estava sentada na beira da cama, embrulhada firmemente no lençol, uma nova variedade de comida estendida diante dela, cortesia dos atendentes de Anise. Ela sabia que deveria comer, mas poderia ter sido envenenada. Enfim, ela não tinha apetite. O relógio na lareira passava, uma criação elaborada de ferro que a lembrava do Padrinho. A cada momento que passava, sua ansiedade aumentava. Ela não sabia quantos dias se passaram, nem quanto tempo ela havia passado em delírio. Pelo menos Nicholas estava muito atrás dela, e se Anise realmente tinha seu pai em algum lugar, Clara estava mais perto de seu objetivo do que nunca. Talvez ela pudesse trocar por sua libertação, e em troca alimentar informações sobre Anise...

Ela rejeitou o pensamento que estava se formando, mesmo quando uma pontada de satisfação vingativa atingiu seu coração. Apesar da traição de Nicholas, ela não retribuiria o favor, a menos que não tivesse outra escolha.

Essa, meu querido príncipe, ela pensou selvagemente, *é a diferença entre você e eu.*

Caro Nicholas. Caro Nicholas, outrora querido. Realmente nunca houve um momento em que ele também sentisse o calor entre eles, a profunda sensação de familiaridade, o conforto de estar na companhia de um amigo ao longo da vida? Ela fechou os olhos, enrolou os dedos no lençol.

As portas da antecâmara se abriram, admitindo Anise. Clara respirou fundo, chorando, observando a aproximação da rainha com o que esperava ser um grau adequado de frescor.

Anise dispensou as atendentes e depois andou na frente de Clara, de olhos brilhantes e tensa. Clara tentou não olhar para o delicado brilho da transpiração na testa de Anise, nem o azul pontilhando seu lindo roupão dourado, ou contemplar o que isso significava para o destino de Borschalk.

—Como é bom. — Anise explodiu finalmente, com a voz grossa, —Quando aqueles que você mais ama se voltam contra você.

Essa abertura, essa emoção crua e impetuosa, era inesperada. A frieza de Clara vacilou e ela se ouviu dizendo: —É a pior sensação do mundo.

Anise virou a cabeça, sua expressão primeiro assustada e depois inescrutável. —Ah sim. Você fala do seu querido Nicholas, suponho?

Uma facada em seu coração. E padrinho. Até meus pais, no caminho deles. Pai escolhendo sua dor sobre suas filhas; Mãe guardando tantos segredos.

Ela apenas disse, cansada: —Ele é um dos muitos, sim.

Os olhos de Anise se estreitaram. O silêncio se estendeu entre eles, pesado com algo que Clara não podia nomear.

Ela mudou, perdida. —Você vai me matar?

—Não.

—Eu sou sua prisioneira?

—Sim.

Clara respirou fundo. —Você vai me machucar?

—Provavelmente.

Uma batida. Duas. Clara sentiu o lento rasteio de medo puxá-la. Ela desviou o olhar.

—Eu não queria sua mãe morta. — Disse Anise categoricamente. —Sou muitas coisas, mas não sou burra. Era óbvio que sua mãe era uma boa alma. Ingênua, mas boa. Ela salvou minha vida uma vez e, portanto, poupei a dela. Uma vida por uma vida. E é tudo o que eu vou dizer sobre isso. Você entende?

Clara assentiu.

—Olhe para mim.

Clara encontrou os olhos da rainha, com medo do que veria lá. —Sim, minha rainha. Compreendo.

Anise sorriu, embora seus olhos ainda estivessem duros. — Você também não é estúpida, Clara?

E o que dizer para isso? A verdade, Clara supunha, mas ela não podia deixar de sentir que isso era algum tipo de truque. —Não.

—Não, eu sabia que você não seria. — Ela olhou para a mesa arruinada imperiosamente. —Destrutiva, mas não estúpida.

Clara se viu fascinada apesar de seu melhor julgamento. Quantos anos tinha Anise, afinal? Ela poderia ter sido uma colega estreante, mas havia uma eternidade sobre ela, atingindo tão de perto, que a tornava difícil de ler.

—Onde está meu pai? — Clara observou Anise com cuidado. Era arriscado perguntar, mas ela estava desesperada para ver como Anise reagiria. —Eu sei que você o tem. O que você fez com ele?

Anise virou, afiado com diversão arrogante. —Ah-ah, Clara. Já decidimos que você não é estúpida, não é? Não aja assim.

Pode ser muito ousado, mas ela também pode continuar. Por que não, afinal? Nenhum padrinho, nem Nicholas, ninguém foi além de Clara para encontrar seu pai, e talvez ela estivesse melhor agora, sozinha. Um soluço sufocou sua voz. —Por que Borschalk o levou, afinal? Por que ele não matou o príncipe e seu mago e acabou com isso?

Lá, isso foi melhor. "Príncipe" e "mago" - palavras anônimas, mesmo inofensivas.

Anise olhou-a intensamente. —Ele levou seu pai porque não podia levá-lo. Seu poder impediu isso. E porque, depois que eu vi você lutando contra meus interesses, eu queria você. Mais do que o pequeno príncipe, eu queria você.

—Por quê? — Clara deixou escapar, chocada demais para se conter.

Anise deu um sorriso muito secreto para interpretar, e não disse nada. Clara baixou os olhos, nervosa. Isso era infinitamente mais assustador do que uma rainha latindo atrocidades de seu trono ou interrogando Clara em uma masmorra escura. E infinitamente mais perigoso.

Enquanto Anise chamava as atendentes de volta, ordenando que trouxessem roupas e alimentos frescos, Clara assistia tensa da cama. Se ela era realmente uma prisioneira, então, ela percebeu, era sua cela - os aposentos da rainha, luxuriantes e opulentos, e cheios de delícias reluzentes.

Mas por que?

Ela pensou que poderia ter preferido o interrogatório da masmorra. Pelo menos então ela saberia como reagir.

CAPÍTULO TRINTA



Elas dormiram juntos, na mesma cama. Anise exigiu isso.

Bem. A rainha dormiu o sono tranquilo de uma criança, esparramada ao lado de Clara nas pilhas de lençóis de seda. Mas Clara estava lá, exausta e impossivelmente acordada enquanto a lua atravessava as janelas do terraço.

Tinha sido uma noite estranha e surreal, com Anise girando em torno de seus aposentos como uma anfitriã maluca, puxando Clara para dentro e para fora de vestidos cada vez mais elaborados. Como se Clara fosse criança, Anise havia alimentado suas frutas vidradas e tortas azuis brilhantes, carne enegrecida com mel e, para a sobremesa, sopros de açúcar de cachimbos dourados que deixavam a boca de Clara seca e a cabeça pesada.

Tudo estava ao gosto de Clara? Clara preferia o vestido dourado ou o azul? Como Clara preferia seu açúcar? Via tubo, ou diretamente para a veia? Clara achou isso inapropriado e bizarro - ela era uma prisioneira, não era? Por que ela estava sendo tão adorada? Sua mente se rebelou com a falta de lógica. Os atendentes de Anise corriam incansavelmente dentro e fora da sala, carregando braçadas de roupas cintilantes. Clara achou as atendentes fascinantes - seus

cabelos, trançados em um estilo semelhante ao da rainha; seus ternos de ombros altos e iridescentes, com coquetéis rodopiantes e bordados elaborados. Eles olhavam Clara com tudo, desde o ódio à perplexidade genuína. Aparentemente, ela não estava sozinha em achar estranho o comportamento de Anise. Ela não tinha certeza se a confusão delas a fazia se sentir melhor ou pior.

Enquanto Anise observava, suas pernas apoiadas preguiçosamente no encosto de uma cadeira, amarraram Clara em um vestido de pêssego com um corpete obscenamente decotado e mangas à mostra nos ombros que seguiam até o chão. Foi então, presa sob o peso de seu escrutínio silencioso, que Clara começou a chorar.

Surgiu do nada, enfurecendo-a. Ela estava condenada aqui, como em Nova York, a ser perpetuamente fraca? Ela deveria ser implacável e sem medo, empurrando e sondando Anise até encontrar a informação que procurava. Ela deveria encontrar o pai. Ela não deveria deixar príncipes e rainhas das fadas tirar o melhor dela. No entanto, lágrimas escorreram de suas pálpebras fechadas para os lábios bem apertados.

Anise estalou os dedos e os atendentes deram um passo atrás.

—Clara? O que é isso?

Para evitar uma repreensão, Clara forçou a abrir os olhos. —Eu... Minha rainha, não é nada.

—Não minta para mim. Você está chorando.

—É constrangedor ficar aqui assim, assim estar... sem roupa. —*E eu pensei que você estaria me torturando, não me mimando. Ainda estou confusa porque não foi você quem matou minha mãe, se essa é realmente a verdade. Ainda não tive tempo de processar essa mudança dentro de mim e*

sinto muita falta de Nicholas, mesmo que não devesse. Estou me perguntando onde ele está.

Nada disso parecia particularmente seguro de se dizer.

Anise piscou, como se o pensamento não tivesse ocorrido a ela.

—Os seres humanos são tão estranhos sobre a nudez. É apenas um corpo, Clara, o único que você já terá. Por que passar a vida com vergonha disso?

Perdida, Clara balançou a cabeça.

—Você deve se endireitar, por exemplo. E pare de esconder seu rosto. — Anise acenou para as atendentes saírem da sala e levou Clara a um espelho no canto. —Olha como você é linda. Não, não vire as costas. Olhe para você.

Envergonhada, mortificada, Clara o fez. Seu reflexo foi surpreendente. A tinta preta desapareceu de seus cabelos e seu vermelho natural estava agora mais vibrante do que nunca. A pele dela brilhava com novidade; seus olhos estavam com medo, mas brilhantes e claros. A aparência que ela tinha agora era, ela assumiu, um produto de - como Anise chamara? - sua transformação, e isso a fascinou. Ela nunca se parecia mais com a mãe. Sua silhueta neste vestido era escandalosamente adulta; ela tentou desviar o olhar, cobrir-se, mas as mãos de Anise estavam firmes, forçando-a a olhar, forçando-a a permanecer imóvel.

A rainha pressionou a bochecha no ombro de Clara, os olhos afiados no rosto de Clara no espelho. —Pele tão bonita. Você cora rosa e prata, humano e mago. — Havia algo melancólico em sua voz, e naquele momento Clara se atreveu a observar a rainha. O rosto de

Anise estava desprotegido, macio - e então seus olhos encontraram os de Clara no espelho.

—Não tenha medo do seu poder. — O olhar de Anise era tão dura que Clara se encolheu. —Você é diferente agora, não vê? Você gosta de mim. Você é a único do seu tipo, e existem aqueles por aí que nunca deixarão você esquecer. Você não pode fugir de si mesma. Olhe o mundo diretamente nos olhos, e ele não pode fazer nada para machucá-la.

Clara olhou, sem respirar, hipnotizada. Ela não sabia por que Anise estava fazendo isso, mas não conseguia desviar o olhar, pois eram lindas juntas no espelho. Ela pensou com uma pitada de vergonha. Brilhante, poderosa e diferente. Inimigas, cheias de sangue de abominações.

Os olhos delas se encontraram. A respiração de Anise estava quente no ombro de Clara.

Eles eram inimigas, não eram? Clara piscou, e o momento desapareceu. Ela percebeu com um sobressalto que Anise poderia estar encantando-a - certamente era isso, a razão por trás daquele momento carregado. Mas então, Clara não podia confiar em nada do que havia aprendido com Nicholas; a própria lembrança dele era suspeita.

Franzindo a testa, Anise se virou e arrastou o dedo irritadamente por uma bandeja de bolos gelados. Clara a observou chupar a cobertura da ponta do dedo.

—Hora de dormir. — Anise anunciou, chamando suas atendentes de volta para limpar a bagunça. —Temos um dia agitado

amanhã. E sem dúvida você está cansada. — Anise se virou, travessa. — Lady Clara.

Então agora Clara estava deitada, rígida na cama ao lado dela, ouvindo a rainha respirar, as palavras "Lady Clara" permanecendo em sua mente. Ela se perguntava o quanto Anise havia observado, através de seus muitos pássaros e seu exército de mecânicos, o que havia acontecido com Clara em Cane. Ela viu Clara bater no trem? Ela viu Nicholas beijá-la no terraço?

Nicholas. Clara fechou os olhos, querendo se enrolar, mas com medo de acordar Anise. Ela sentia falta dele - sua proximidade, seu sorriso, o olhar em seus olhos quando ela o pegava olhando para ela. Ela sentia falta dele com uma dor que não entendia, considerando o que havia testemunhado. Ele estava, onde quer que estivesse, sentindo falta dela também? Ele sentia falta do potencial dela, ela assumiu, a arma que escapara de seu alcance. Tudo estava acontecendo exatamente como o padrinho havia avisado.

Ela mudou miseravelmente para o lado dela. Tal ato de traição, ela sabia, deveria tê-la irrevogavelmente contra Nicholas, mas ela não podia reprimir a pontada de desejo naquele pedaço de seu coração que, durante anos, pertencia ao canto da loja.

Traidora. Traiçoeira, duvidosa. Era isso que ele era - não era amiga e certamente não era nada mais profundo. Clara aguçou as palavras na pedra de amolar, forçando-se a sentir a fatia cruel delas.

Muito depois, meio adormecida, ela teve uma revelação perturbadora.

Os vestidos, a comida, as indulgências misteriosas - poderia ser que Anise era como as bruxas da antiguidade, engordando-a, amolecendo-a para algum destino terrível?

Ela olhou para a rainha, seu ombro fino branco e adorável à luz da lua.

Se esse fosse o plano de Anise, Clara decidiu, ela ficaria decepcionada. Pelo menos uma coisa nessa confusão e perda ainda parecia verdadeira: o pai dela permanecia em algum lugar em Cane, e ele precisava ser salvo. Felicity precisava ser salva. Ela contou, lutando pela neblina das últimas horas para adivinhar o momento. Doze dias em Cane, três dias em Nova York? Era um palpite instável, no entanto, e a deixou se sentindo preocupada.

Amanhã. Sim, amanhã ela confirmaria o dia e começaria a planejar sua fuga. Ela deixaria Anise em pó e mimar o conteúdo de seu coração estranho, mas enquanto isso Clara estaria trabalhando, observando, procurando. Em algum lugar deste palácio estava a informação que ela precisava. Ela o encontraria e escaparia com ele. Talvez ela até encontrasse o pai aqui. Talvez ele estivesse mais perto do que ela ousava ter esperança, respirando o mesmo ar, observando a mesma tempestade de neve enluarada.

Anise mudou, sua mão se curvando através dos lençóis macios, alcançando Clara enquanto dormia, mas sem tocá-la.

Clara, inquieta, afastou-se tanto quanto ousou, seu momentâneo sentimento de resolução desaparecendo. Poderia realmente - ela, Clara Stole - esperar conquistar uma mulher com tanto poder e recursos em seu próprio jogo desconcertante? Clara nem sabia o que era o jogo.

Como se para encorajá-la, seu sangue subiu, enviando calafrios pela pele. Curiosa, meio embaixo da colcha, para que Anise não acordasse e visse, ela pegou um dos cortes em seu braço até que ele abriu e sangrou.

Sim, lá estava - prata, com pitadas de vermelho. Uma pequena gota brilhando em sua pele.

Ela olhou para ele e, embora isso a assustasse, brilhante e estranho, ela se perguntou se também não era um pouco bonito. Talvez essa fosse a chave da liberdade dela e da do pai.

Talvez, ela pensou, espalhando o sangue com a ponta do dedo, ela pudesse usá-lo.



O Palácio de Verão era imenso, uma expansão arquitetônica colossal, e Anise não resistia a exibi-lo.

Durante grande parte do dia seguinte, ela conduziu Clara através de corredor após corredor, sala após sala tremenda e dourada. Galerias espelhadas levavam de um salão de baile para o outro, através de opulentas salas com cortinas, onde as fadas vestiam roupas reais, fumando cigarros compridos e finos e sussurrando atrás de ventiladores iluminados. Ferragens escuras sangravam através do castelo como renda preta, arqueando-se sobre cada porta, embelezando todas as escadas sinuosas. O orgulho de Anise ficou tão

satisfeito que ela até respondeu à pergunta de Clara há quanto tempo ela estava no Palácio de Verão.

—Oh, não muito. — Disse ela alegremente. —Três dias, eu acho. Sim, três. —Então ela pegou a mão de Clara e olhou para os jardins, onde tapeçarias de flores de ferro estavam, gritantes e sinistras, contra lajes pálidas.

Fazia quase doze dias, então, como ela imaginara, e quase três em Nova York. Ela tinha tempo - não o suficiente para o verdadeiro conforto, mas o suficiente para respirar mais facilmente. Seu alívio elevou seu ânimo; efusivamente ela elogiou o design inteligente dos jardins, e Anise sorriu para ela.

À medida que progrediam pelo palácio, Clara de vez em quando pegava um indício de movimento nas sombras - uma fada arrastando um humano por uma grossa corrente negra, ou um humano em pé encurvado, imóvel, mascarado, como uma fada colhia bombons de uma oferta bandeja.

Mesmo que tentassem escondê-lo, humanos e fadas cuidavam de Anise com saudade. Sentavam-se mais retos quando ela passava, esticavam o peito ou jogavam o cabelo para um estilo cada vez mais sofisticado. Se ela lhes mostrasse a menor atenção - um aceno, um leve toque no ombro - eles estremeceriam e sorririam.

Os olhos deles se voltaram para Clara e ardiam de ciúmes. Eles a assustaram, aqueles olhares.

Ao meio-dia, Anise a apresentou alegremente a um refeitório cheio de cortesãos de rosto de pedra como “minha nova prisioneira”, cuja única evidência era a maneira possessiva com que Anise segurava o braço de Clara. Clara havia sido penteada, polvilhada com

pó luminescente, amarrada no vestido da noite anterior e alimentada com um café da manhã grotescamente rico de bolos e vinho, enquanto Anise observava da cama com um sorriso preguiçoso e secreto. Clara se sentiu desconfortavelmente como um animal de estimação, e não como cativa, e os sorrisos bajuladores dos cortesãos, velando com repulsa aversão e desconfiança, aumentaram o efeito. Cada uma de suas reações Clara se escondeu para reflexão. Ela sentiu que havia algo nessas observações que poderia usar, e mais tarde refletiria sobre elas.

No entanto, em meio à incerteza do dia, Clara notou uma coisa óbvia: que ela e Anise deslizaram por sua turnê a uma velocidade que não lhe permitiu muito tempo para fazer uma pausa e olhar em volta. Elas correram por esse corredor e atravessaram a galeria, encontrando esses cortesãos, um após o outro, com pouco descanso, e Anise parecia estar seguindo uma rota estranha e tortuosa, voltando aos lugares que já tinham visto. Clara supunha que isso era para mantê-la desorientada, para que ela não notasse nada muito específico - rotas de fuga em potencial, portas com aparência promissora. De fato, quando Clara diminuiu o ritmo para ajustar a saia na boca de um corredor particularmente sombreado, Anise a puxou impaciente.

—Nós não demoramos, Clara. — Disse ela, enfiando as unhas no braço de Clara. —Não tente minha hospitalidade.

De qualquer forma, Anise não poderia saber até que ponto o padrinho havia aprimorado as habilidades de observação de Clara. Na verdade, ela notou bastante. O labiríntico Salão de Vidro, feito inteiramente de cristal e espelhos, escondia irregularidades nas

paredes reluzentes que podiam indicar a presença de portas mascaradas. Havia menos soldados vigiando no terceiro andar do que no segundo. Para sempre à beira de sua visão, kambots as seguiam pelo palácio, seguindo o progresso de Clara com olhos azuis sem piscar.

Ela não pôde deixar de pensar, com uma emoção de esperança, se aqueles mesmos olhos insensíveis tinham visto o pai.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Jantaram sozinhas nos aposentos de Anise em uma mesa enfeitada com ouro e posta com elegância cristalina. Clara mal podia comer, pois Anise a observava intensamente o dia inteiro. Mesmo agora, seus olhos estavam afiados sobre a borda do cálice.

—O que você achou do palácio?

Certamente essa não era uma pergunta ociosa. Clara esfregou a boca com o guardanapo para se dar um momento. —É surpreendente, minha rainha. — Isso, pelo menos, era verdade. — Lindo e grandioso. Você mesmo desenhou?

Anise ficou satisfeita. Ela se recostou na cadeira, lambendo o vinho dos lábios. —Claro. Era todo um país agrícola bruto antes de eu chegar.

—Antes de você derrubar o rei, você quer dizer?

Clara não quis dizer isso em voz alta. Ela amaldiçoou o cachimbo de açúcar fumando delicadamente ao seu lado - tinha que haver uma maneira de participar desse passatempo da rainha sem deixar que embaçasse sua razão.

—O bom príncipe disse muito a você, ao que parece. — Anise deu uma longa tragada em seu cachimbo e exalou, então a fumaça se

enrolou ao seu redor. —Diga-me, de que crimes ele me acusa, de seu pedestal virtuoso?

Enquanto Clara tentava pensar na melhor maneira de responder a isso e o que havia para contar, começou um gemido alto e fino, flutuando do lado de fora. Foram sirenes? Algum tipo de alarme?

Anise assobiou algo baixinho e se levantou, chutando a cadeira do outro lado da sala. Clara deu um pulo para trás. Era fácil esquecer, dada a leve estrutura de Anise, quão forte ela era.

Mas então veio o pensamento surpreendente - Clara, como um monstro de dois sangues, não deveria ser tão forte? Ela flexionou os braços e as pernas, sutilmente, testando. Desejo de pensar? Se ao menos ela tivesse a chance de avaliar seu poder sem despertar suspeitas. Se ela soubesse como avaliar isso.

Na antecâmara dos aposentos da rainha, as portas se abriram e Borschalk - um pouco mancando, manchado de cortes e contusões - entrou na sala, com o arco rígido de dor. Clara não pôde deixar de ficar perturbada ao vê-lo e se perguntou que feridas escondiam suas roupas, embora não fosse nada, lembrou a si mesma, em comparação com o que havia acontecido com sua mãe. Sua expressão estava em branco, mas Clara percebeu, quando seus olhos se voltaram para os dela, um lampejo de ódio inconfundível.

—Minha rainha, peço desculpas por incomodá-lo, mas há...

—Eu sei para que servem os alarmes. — Anise pegou um pesado casaco de brocado, com contas de cristal, de uma pilha no chão. Ela mal olhou para seu amante ferido enquanto se aproximava das portas. —Clara, venha. Você precisa ver isso.

Clara pegou um casaco de pele da mesma pilha, quase tropeçando em sua pressa de alcançá-la. Borschalk mancou obstinadamente para trás, arruinando a breve onda de esperança de Clara de que ela poderia fugir com Anise tão distraída.

Do lado de fora, nos largos degraus de obsidiana que marcavam a entrada do palácio, Clara tremia de casaco e chinelos de cetim. Além dos degraus, uma estrada escura descia até a cidade circundante. Os soldados das fadas estavam atentos em duas filas de cada lado deles. A neve caia em rajadas cortantes.

Borschalk bateu palmas uma vez. Um grupo de soldados deu um passo à frente e jogou montes sujos de algo no chão. Anise passou pelos montões, seu casaco atrás dela.

Não. Não pilhas. Clara percebeu isso com um lento movimento de consternação.

Os montões eram humanos, vestidos de trapos, ruge e tinta branca manchada em seus rostos. Seus trapos eram restos de roupas desarrumadas. De pé, usavam chinelos dançantes manchados de sangue. Pareciam, pensou Clara, artistas que haviam escapado de um circo macabro - talvez fossem.

—Você pensou que poderia me escapar. — A voz de Anise era suave enquanto ela circulava os humanos, passando os dedos com joias pelas costas. Um deles, um jovem, começou a soluçar. —Você não viu o que acontece com os fugitivos?

Eles não responderam. Seus olhos se fixaram em qualquer coisa, menos nela.

Anise parou na frente deles. Ela não levantou a voz. Ela não precisava. A doce inclinação de suas palavras era assustadora o

suficiente. —Respondam-me, ou vocês morrerão da maneira mais indigna possível.

—Sim. — Um dos humanos suspirou, uma mulher com mechas de cabelos tingidos de verde.

—Sim? — Anise chutou, assistindo friamente. —Mas você não queria vir aqui? Conheço muitas pessoas que matariam para servir no Palácio de Verão. Tenho certeza que alguns de vocês mataram. Ou trairam seus entes queridos. Ou —Anise fez um gesto para o jovem chorando e riu. —Cortou seu próprio braço em algum tipo de comércio no mercado negro, para chegar aqui.

Borschalk, um monstro à luz da noite, arrancou uma prótese bruta do ombro do homem que estava chorando e a esmagou no chão. Um toco mutilado ficou para trás. O homem convulsionou, gritando. Clara queria se afastar, mas ela podia sentir a atenção de Anise nela e não se atreveu.

—Estou ofendida por sua falta de gratidão. — Disse Anise, fazendo beicinho. —Sua raça caça a minha em uma guerra que dura décadas, simplesmente porque somos diferentes de vocês, porque nossa magia confunde vocês. — Ela andava enquanto falava, majestosa e esplêndida. —Vocês nos abriram, invadiram nossas aldeias, nos trancaram em masmorras e laboratórios. E quando me levantei e venci, deixei que vocês vivessem apesar de seus crimes. Até ofereço aos que estão dispostos a trabalhar por isso a chance de morar aqui, no meu próprio palácio. Mas mesmo depois que eu lhe forneço tudo o que vocês poderiam querer aqui, vocês me pagam tentando fugir. É um insulto. — Ela fez uma pausa, com os olhos brilhando. Clara mal conseguia respirar. Ela imaginou Nicholas equilibrado

sobre um paciente feérico, como o Dr. Victor e suas meninas rebeldes - bisturi pronto, venenos em pequenos frascos alinhados. Ela se sentiu dividida entre repulsa e simpatia. Se alguém tivesse feito isso com o próprio povo de Clara, ela não seria tão violenta e vingativa?

Ela descobriu, inquieta, que não podia responder sua própria pergunta.

—Mas eu posso ser magnânima. — Anise contraiu os lábios, como se estivesse pensando profundamente. —Permitirei que vocês escolham seu castigo. Vocês podem ser executados imediatamente...

Aterrorizada pelos humanos, Clara imaginou a si mesma e a seu pai diante de Anise como essas pessoas - sendo julgados e ameaçados, suas vidas penduradas por fios tênues. Ela imaginou Felicity também, vestida com maquiagem e saias rasgadas, chorando por misericórdia como o jovem de um braço. Algo dentro dela começou a se rebelar, algo furioso, assustado e gelado. No pulso, onde ela havia manchado a gota de sangue, uma faísca de prata chamou sua atenção. Quando ela olhou para baixo, tinha sumido.

—Ou— Continuou Anise. —Vocês podem manter suas vidas, mas suas rações de açúcar serão permanentemente suspensas.

No mesmo instante, os humanos lutaram até as mãos e os joelhos, gritando piedosamente.

—Não, por favor! — Eles rastejaram em direção a Anise, mexeram na bainha do casaco. —Qualquer coisa, qualquer coisa menos isso...

O homem de um braço soluçou mais alto. Anise se ajoelhou diante dele e alisou seus cabelos. —Você quer um pouco de açúcar?

—Sim! Sim, minha rainha. Faço isso desesperadamente. — Ele beijou seus dedos, babando sobre seus anéis. —Por favor por favor...

Clara teve que desviar o olhar.

—Muito bem. — Anise assentiu para Borschalk, que sorriu. — Então você o terá.

Clara sabia que nunca esqueceria o que aconteceu a seguir. Mesmo que isso acabasse sendo um sonho, como uma pequena parte dela ainda preferia ter esperança, e ela acordasse em segurança na cama - mesmo assim, Clara se lembraria dos soldados das fadas enfiando agulhas nos braços dos humanos, esvaziando as seringas cheias de líquido azul brilhante em suas veias.

Os humanos sorriram, os olhos caídos enquanto o açúcar líquido bombeava através de seu sangue. Eles começaram a brilhar suavemente, a pele tingida de azul e verde, um brilho doentio brilhando nos olhos.

Quando a dose ficou muito alta, eles começaram a convulsionar. A pele deles estava inchada e rompida, vomitando sangue e fumegante líquido azul. Eles vomitaram, mas isso não ajudou; eles estavam sufocando no doce azul químico. Seus gritos - metade de dor, metade de louco êxtase - ecoaram pela praça. O som rasgou Clara, martelando contra seus ossos. Agitou-a. Eletrificando ela.

Isso poderia acontecer com o pai dela. Talvez já tivesse.

Talvez ela pudesse lutar por eles. Ela piscou, a ideia a surpreendendo, como se não fosse dela. Como se tivesse nascido de algo mais que ela. Em resposta, o sangue dela ganhou vida. Seus sentidos se voltaram para uma atenção fria e furiosa.

Ocorreu-lhe que isso era uma chance de ver o que seu poder, sua nova força prateada, poderia fazer.

Clara deu um passo hesitante à frente, terrivelmente assustada. No fundo de seus ossos, algo frio e ardente agitou. Ela não tinha ideia do que estava fazendo; ela esperava que não a matasse.

Anise deixou os humanos se contorcerem em agonia por longos momentos, sangue mimado borbulhando em seus lábios azuis. Os soldados, esquecidos no decoro, rugiram de tanto rir.

E Clara, ansiosa com raiva e medo, soltou a energia que crescia dentro dela.

Ele entrou em erupção, como um grito retido por muito tempo. Uma onda fria de força pura irrompeu dela, como se libertada pela abertura de suas mãos. Em algum lugar nesse barulho, Clara sentiu uma linha vital e invisível pairando no céu agitado, conectando-a ao céu e, até, ela sentiu, conectando-a às estrelas além.

Ela pegou e puxou.

Um raio brilhou, queimando suas mãos, derrubando-a. O vento gritava mais alto que os trens de Anise.

O silêncio caiu. Um tremor, resultado carregado.

Clara se levantou, tremendo, o queixo cru onde raspara o chão. Do outro lado, dois soldados queimados vivos e gritando. O chão ao redor deles estava carbonizado e escorregadio de gelo, como se uma grande força tivesse caído do céu e os esfolado.

Por um momento ninguém disse ou fez nada. A neve continuou a cair. Os soldados reunidos olhavam pasmos para Clara, e os humanos, agora mal vivos, olhavam para Clara através de sua agonia.

Eles estavam morrendo e, no entanto, seus olhos agora tinham uma última e desesperada esperança - por causa dela.

Borschalk foi o primeiro a se mudar. Ele desembainhou uma grande espada e seguiu em sua direção. Ele não precisava dizer nada; sua intenção era clara.

—Não. — Anise levantou o braço. —Não toque nela.

Clara balançou, as mãos estendidas. Ela se sentiu tonta, agredida. A pele dela estalava com energia, e os dedos brilhavam fracamente, como o raio que caíra do céu.

Se isso era mágico, ela pensou tristemente, então não era de admirar que o Padrinho estivesse tão imprevisivelmente louco, e Anise também. Magia machuca. Era brutal, e ela se sentiu estúpida por sempre pensar que poderia esperar controlá-la. Ela tropeçou, e os soldados que vigiavam murmuraram em alarme. Alguns deles voltaram; outros prepararam suas armas.

Uma batida, e então Anise pegou a espada de Borschalk e virou-se para os humanos. O homem de um braço levantou a mão

—Não. — Ele engasgou. —Espera- — Mas Anise o decapitou, e depois os outros, em quatro movimentos rápidos. Seu lábio se curvou com a bagunça agora manchando os degraus.

—Leve-os para Ketcher. —Disse ela, apontando para os soldados que ainda gritam. —Embora ele não possa fazer muito por eles. Borschalk, leve Clara para meus aposentos.

Borschalk sorriu aquele sorriso terrível e segurou o braço de Clara com força suficiente para machucar. Ela gritou, e os olhos de Anise estalaram de raiva.

—Você seria sábio, Borschalk, para não machucá-la, ou até tocá-la. — Sob seu sorriso, algo triste brilhou em seus olhos e depois foi apagado. —Você experimentou apenas a menor parte do que posso fazer com você. Você está ansioso por mais tão cedo?

Com um rosnado minúsculo, Borschalk soltou o braço de Clara e curvou-se. —Não, minha rainha.

Eles deixaram Anise lá, um espectro branco pensativo nos degraus, e voltaram correndo pelo palácio. As notícias do que havia acontecido já estavam começando a se espalhar. Cortesãos que murmuravam espiavam de suas salas e escravos humanos nas sombras passavam por suas feridas. Clara tentou ignorar o que isso poderia significar, o medo martelando no peito e se concentrou na passagem deles. Lá, no extremo norte do primeiro andar, havia um salão escuro de recepção alinhado com velas e, no extremo sul, um grande salão, talvez a quadra de Anise. Ela as comparou com o mapa que desenhara em sua mente durante o passeio do dia.

—Você gosta do que ela fez comigo, talvez. — Disse Borschalk, baixo, enquanto se aproximavam das câmaras de Anise, no alto da torre mais ao sul.

—Não, não. — Sussurrou Clara, e era a verdade. —Eu juro para você-

—E juro que estou observando você e que, por ordem da minha rainha ou não, castigo ou não, drenarei você de cada gota de prata antes de permitir que você a traia. Não pense por um momento, imunda maga, que você está segura aqui.

Ele desobedeceu Anise então, enquanto puxava o braço de Clara para empurrá-la para dentro da suíte da rainha, e seu rosto

machucado se arrastava com ódio - mas havia também, ela pensou, uma incerteza ali. Cautela.

O prazer correu por sua espinha, enquanto ela apertava seu estômago, seu corpo doendo como se tivesse sofrido muitos golpes.

Quão maravilhoso - pela primeira vez - alguém ter medo dela.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



Clara foi dormir sozinha. Durante a noite, lutou sem sucesso por dormir na cama vazia e, na manhã seguinte, acordou sozinha com o estrondo de um pequeno terremoto que abalou os candelabros.

Ela não tinha ideia de onde Anise tinha ido, e não saber dificultava a calma. Sua ausência parecia insuportavelmente ameaçadora. O jantar da noite anterior ficou um pouco frio e irregular; Clara, no entanto, mordiscou um pouco para aliviar sua fome, mas não fez nada para acalmar seus nervos. Ela começou a andar.

Obviamente ela não podia simplesmente sair; ela sabia que guardas armados estavam do lado de fora das portas. Mas ela ainda podia explorar as câmaras de Anise.

Depois de vestir uma das roupas quentes e forradas de pele de Anise, Clara inspecionou cautelosamente o quarto, arrastando os dedos pelas lâmpadas de cristal, navegando pela coleção de roupas e cosméticos extravagantes de Anise, sempre ouvindo os guardas. Quando algum tempo se passou sem nenhum movimento deles, Clara respirou fundo e começou a testar a sala - pressionando as bordas dos muitos espelhos de Anise por capturas que lhes

permitissem se afastar e revelar uma sala ou passagem escondida, testando as paredes quanto a cavidades locais. No terraço, ela inspecionou as paredes ao redor em busca de pontos de apoio. Talvez ela pudesse sair - mas, não, as paredes eram traiçoeiras e escorregadias, e ela não estava confiante de que poderia navegar em direção à parede externa daqui, muito menos escapar por ela.

Ela ficou lá, encostada no parapeito do terraço e olhando para o amplo palácio, tão grande que poderia ser considerado - e, ela supunha, era - uma cidade em si. O horizonte além era perturbador. O céu havia escurecido, mais doentio do que nunca, e tempestades sombreavam trechos de terra distantes com raios e chuva negra. Era de admirar que tais tempestades constantes não tivessem derrubado os trens.

A hora do almoço chegou e se foi. Clara mordiscou preguiçosamente um bolo de vidro frio. Ela desejou, agitada, que ainda estivesse com as botas. O que havia acontecido com elas?

Talvez ela pudesse tentar usar seu novo poder para sair, além dos guardas. Até agora, esse poder se manifestara imprevisivelmente. Convocar parecia assustador. Mesmo que ela conseguisse convocar e controlá-lo, certamente os kambots acionariam o alarme. Anise viria correndo com metade de seus soldados a reboque.

No entanto, Clara abriu a palma da mão e a estudou. A explosão na noite anterior parecia ter sido desencadeada por emoções profundas, mas isso parecia ineficaz na melhor das hipóteses. As emoções podem ser difíceis de controlar e, se ela se abrisse muito a elas, não tinha certeza de que conseguiria manter a coragem de continuar. O medo a paralisaria; a raiva a deixaria cega.

De alguma forma, ela teria que aprender a ligar e desligar a energia, como uma das criações mecânicas do Padrinho.

Mas como ela conseguiria resolver uma coisa dessas sob vigilância constante? E como ela poderia ter certeza de que não se mataria no processo? A dor da noite anterior ainda persistia em seus ossos.

Naquela noite, Anise finalmente voltou, parecendo abatida e selvagem de temperamento. Sem dizer uma palavra, ela tirou as roupas da noite anterior e vestiu um terno preto justo com gola alta e cachos de elaborados bordados de ouro. Sobre ela, ela colocou uma capa de ébano.

—Venha. — Disse ela a Clara, nem mesmo olhando para ela. A capa girava sobre ela como asas. —Eles estão esperando.

Clara correu para segui-lo. —Perdoe-me, minha rainha, mas quem está esperando?

—Todos.



Anise levou Clara para o grande salão no extremo sul do castelo. A corte da rainha era um grande espaço com tetos abobadados e luz de cintilação azul, tudo esculpido em obsidiana, ferro e vidro. Um trono escuro estava sentado em uma extremidade da sala, e filas altas de assentos alinhavam-se nas paredes leste e oeste.

Clara notou que os assentos, com uma sensação de pavor ao entrar na sala, estavam cheios de fadas - fadas em mantos de pele; crianças feéricas, primitivas e altivas; fadas segurando óculos de aro de ouro como se estivessem sentadas à ópera. Elaboradamente penteadas, elegantemente vestidas. Observando-a. Sussurrando.

—Fique aqui. — Anise estalou, e deixou Clara lá no centro do corredor frio com centenas de olhos nela. Ela puxou o roupão com força ao redor do corpo e desejou ter tido a previsão de mudar para algo mais substancial.

Ao se sentar, Anise continuou batendo os dedos no braço de ferro do trono, obviamente estufando por algum motivo inconcebível. Ao lado dela, Borschalk parecia friamente satisfeito.

—Clara Stole. — Disse Anise, com a voz dura. — Ontem à noite você feriu gravemente dois soldados na guarda do meu palácio. As queimaduras que sofreram levaram à morte nesta manhã.

Desânimo rasgou Clara, fazendo-a balançar em seus pés. Afinal, eles eram apenas soldados seguindo ordens. Ela não pretendia matá-los; ela simplesmente queria parar a violência que estava sendo feita aos humanos. Era assustador ouvir que tipo de dano seu poder havia causado e imaginar quanto mais isso poderia causar.

—O que você tem a dizer sobre isso?

Clara balançou a cabeça. —Só que eu não pretendia, minha rainha.

Sons de descrença ao redor da sala, farfalhares irritáveis. A boca de Anise torceu.

—O que você quis fazer, então?

—Eu... Eu queria ajudar os humanos.

Os olhos de Anise estavam afiados em seu rosto. —Os humanos estavam sendo punidos de acordo com a lei real. Você achou que era seu lugar, como prisioneiro, intervir?

—Bem, eu.... —Não havia como responder a isso, e o desespero a deixou ousada. —Perdoe-me, mas não me sinto muito como um prisioneira.

A indignação disparou pela sala. Os cortesãos reunidos se levantaram. Clara os ouviu assobiar seu desprezo, ouviu pedidos por sua execução imediata. Anise desceu do trono e avançou sobre Clara com a flexibilidade de um gato na caça. O instinto fez Clara tentar correr, mas Anise estendeu a mão antes que ela pudesse ir muito longe. Uma bobina de ferro atravessou o chão de azulejos e envolveu a perna de Clara, arrancando-a do chão; ela gritou, tentou se afastar, mas isso a prendeu lá.

Anise montou nela, agarrando seu pescoço com a força de um torno. Seu rosto era uma massa de contradições frustradas, e Clara não conseguia sentido.

—Se você deseja se sentir mais como uma prisioneira, Clara. —Anise respirou. —Eu certamente posso acomodar você.

Então, com um movimento da mão, Anise soltou o cordão de ferro do tornozelo de Clara e a lançou derrapando pelo piso de ladrilhos lisos.

As fadas ao redor da sala se alvoroçaram, voltando aos seus lugares. Uma sensação silenciosa de expectativa caiu sobre a sala e, quando Clara se levantou, sentiu um medo terrível. Seu tornozelo parecia estar torcido, e seu roupão estava aberto. Envergonhada, atenta aos olhares lascivos e às gargalhadas das fadas, ela tentou

fechá-lo e colocar a faixa, mas Anise estava nela antes que pudesse terminar, prendendo-a na parede. Acima da cabeça de Clara, as fadas se inclinavam para ver melhor.

—Você estava viajando com o príncipe. — A mão de Anise apertou o pescoço de Clara. —Diga-me, qual era o destino dele?

Era uma pergunta tão impossível que, por um momento, Clara ficou boquiaberta, arranhando os dedos de Anise. Eles queimaram sua pele, incrivelmente quente. Responder a ela estava fora de questão - mesmo que Nicholas pretendesse usá-la desde o início, mesmo que a amizade deles, o carinho que ela pensava ter lido em seu rosto, fosse uma mentira.

Lágrimas vieram aos seus olhos e, surpreendentemente, Anise pareceu vacilar com a visão. Mas então o momento se foi e ela jogou Clara no chão.

—Me responda!

—Eu não sei, minha rainha. — Clara ofegou, e então ela ouviu - uma onda doentia familiar.

Anise estava de pé, com os braços estendidos, e aos seus pés uma linha de mecânicos pretos caíam de uma nova costura no chão, como se o chão fosse feito deles e Anise os libertasse. Clara percebeu, horrivelmente, que esse provavelmente era o caso - que o andar, o salão e todo o palácio eram feitos dessas minúsculas máquinas maliciosas, mantidas juntas pelo testamento de Anise.

Eles surgiram para ela, e ela se arrastou para longe, seu corpo doendo com o esforço. Eles começaram a beliscar seus calcanhares, rasgar seus pés descalços, mastigar a faixa de seu roupão. Nesse

momento, Clara sentiu uma pontada de terror que virou e arranhou o ar para eles, frenética para tirá-los.

E aconteceu novamente, em seu momento de pânico: uma onda saindo de suas mãos, do ar ao seu redor. Uma parede fria de energia, repelindo os mecânicos e enviando-os ruidosamente de volta ao chão como tantos brinquedos derramados. Eles giraram lá, atordoados, desorientados, batendo cegamente.

Clara encolheu-se no chão, tremendo. Ela deve se lembrar de como se sentiu, se apegar à sensação e decifrá-la mais tarde. Se, isto é, mais tarde chegar.

Anise estava à distância na sala repentinamente silenciosa. Algumas das fadas estavam agora olhando Clara com admiração, especificamente para seus braços. Ela entendeu, finalmente, que as fadas precisavam das luvas mecanizadas que usavam para concentrar sua magia em armas.

Mas Anise não usava nada disso. E Clara também não.

Ela estremeceu com a realização, com o potencial disso e com o fardo. Não é de admirar que os refugiados de Nicholas a tenham olhado com tanto desgosto e medo.

—Bem — Disse Anise, finalmente. —Posso ver que minha corte terá o programa que lhes foi prometido.

Antes que Clara pudesse dizer qualquer coisa, protestar, implorar ou se preparar para lutar, Anise se lançou contra Clara, impulsionada por uma onda abrasadora de poder. Calor deu um soco em Clara como um punho. Ela caiu e a escuridão a levou.

CAPÍTULO TRINTA E TRES

Clara acordou brevemente quando Borschalk e dois outros soldados a arrastaram escada abaixo para um nível mais baixo do palácio que ela ainda não tinha visto. Eles a depositaram em uma cela preta vazia, cheia de fedor. Quando ficou claro que eles se foram e não voltariam, Clara tentou se levantar.

Todo movimento era agonia. Contusões e cortes sangrentos pontilhavam seu corpo com os golpes de Anise e os dentes astutos dos mecânicos. Eles não a devoraram como muitos outros - um testemunho da força do poder de Clara, por mais indisciplinado que fosse - mas a haviam mordido sem piedade. Suas entranhas doíam ainda mais, como se ela as tivesse arrastado através de exercícios brutais sem preparação - e, ela supunha, sim. O gosto do poder que ela soltou estava amargo na língua. A escuridão aqui estava completa, e parecia bobagem ficar de pé, pois para onde ela poderia ir? Então ela se deixou cair. De algum lugar próximo vieram gritos crus - humanos, fadas, era impossível dizer. Outros prisioneiros sendo torturados?

Ela pensou que se sentiria mais confortável com masmorras e interrogatórios, não acha?

Agora a ideia quase a fez rir.



Horas lentas de dor passaram até Clara acordar com a porta se abrindo. O kambot que a observava de seu poleiro alto no canto chiou mecanicamente, estremeceu e ficou em silêncio. Os sons perturbaram Clara de um sonho, um dos estranhos que ela teria descrito ao padrinho. Os detalhes estavam confusos para ela agora. Ela só sabia, ao acordar, uma sensação de perda terrível e um cheiro de sonho persistente em sua língua - um perfume de especiarias e óleo, de lareira e casa. Não é a mansão, não. Loja do padrinho e todo o seu conteúdo misterioso.

Quanto tempo tinha passado? Onde estava Nicholas e ele estava vivo? Eles haviam enterrado o Padrinho ao matá-lo, ou simplesmente o deixaram lá nas ruas de Kafflock para apodrecer com todo mundo?

Outro prisioneiro, em algum lugar, gritou, e Clara soltou um soluço trêmulo.

—Silêncio. — Disse uma voz severa - Anise, na porta de Clara, em um vestido preto transparente que se fechava com uma faixa de pequenas correntes douradas. Seu cabelo estava solto, caindo em ondas brancas. Ela segurava uma lanterna tremeluzente e se ajoelhou ao lado de Clara. A luz azul lançava uma pálida sombra em sua pele. Depois de inspecionar o rosto de Clara por um longo momento, sua

expressão de pedra suavizou-se. Ela desviou o olhar, perturbada, e mordeu o lábio. A moção pareceu Clara como incongruentemente infantil.

Ela queria bater nela, pedir misericórdia, exigir uma explicação para seu humor estranho. Mas ela estava com muito medo, muito destruída. E então havia o kambot carbonizado no canto, certamente arruinado.

Curioso.

—Levante-se. — Disse Anise, sua expressão fechada. Ela ajudou Clara a se levantar e, antes que Clara conseguisse se orientar, Anise empurrou a palma da mão no ar - como Borschalk fizera naquela noite, arrastando o pai para longe - e depois a puxou para trás, abrindo uma porta. Suas luzes tremeram suavemente. Anise entrou e levou Clara com ela.

Do outro lado, aguardavam as câmaras de Anise, mal iluminadas. A porta se fechou atrás delas em silêncio, e Clara caiu de joelhos. Passar pela porta a deixou se sentindo desorientada, ralada.

Anise sussurrou no alto, pegando panos e uma tigela. Quando ela se sentou ao lado de Clara no chão e começou a limpar com ternura o sangue do rosto, Clara olhou para cima, assustada. Anise não encontrou seus olhos, concentrando-se no lábio inferior cortado de Clara. Clara a observou em silêncio enquanto a tigela de água quente que Anise segurava ficou vermelha e escura, prata brilhando no topo como óleo. Milagrosamente, parecia que as feridas de Clara já haviam começado a curar um pouco. Sua própria magia, ou de Anise? Ela descobriu que estava cansada demais para se importar no momento.

—Você entende por que eu tive que fazê-lo. — Disse Anise uniformemente, depois de um tempo. — Depois do que aconteceu com aqueles humanos, com meus soldados, tive que demonstrar o quanto mais forte que você sou. Meu tribunal é facilmente impressionado e facilmente assustado. Eles já não gostam de você. Muitos deles querem que eu a mate depois de obter as informações necessárias. Suponho que deveria. —Os olhos dela encontraram os de Clara, finalmente. —Eu deveria te matar, mas não quero. Eu gosto de machucar pessoas, mas não gosto de machucar você.

Clara ficou quase surpresa demais para responder. —Eu não entendo.

—E você não precisa. — Anise estalou. Ela se mudou para as pernas de Clara, limpando-as bruscamente. Clara mordeu a língua para não choramingar. Ela não queria perder esse momento entre elas, esse momento frágil e estranho. Ela simplesmente assistiu Anise continuar suas ministrações. Anise parou na faixa do vestido esfarrapado de Clara e seus olhos brilharam, como se pedisse permissão. Clara não reagiu, sem fôlego, para ver onde isso progredia e entender o que aquilo significava, e Anise desviou o olhar, descascando o tecido para cuidar, de maneira suave, dos cortes na barriga de Clara.

O ar entre elas era uma sinfonia de tensão, e a pele de Clara se arrepiava com repulsa - na proximidade de Anise, na intimidade de seu toque e, se ela fosse honesta consigo mesma, na resposta fascinada de seu corpo.

Depois de um momento, Anise jogou o pano sujo no chão e se afastou. —Certamente você entende por que eu fiz isso. — Ela acenou

com a mão com desdém, ajeitou o cabelo. Mas Clara viu seus dedos tremerem. —E farei de novo se for necessário. Isso é esperado. E é claro que quero fazer isso.

Clara fechou o roupão rasgado, revirando esses paradoxos em sua mente. Anise queria machucá-la - e, no entanto, um momento antes, ela havia dito que não queria. A rainha estava tão furiosa no tribunal hoje, tão descaradamente violenta, enquanto agora ela podia ser descrita como envergonhada, até amorosa. Seu toque suave no corpo de Clara tinha sido a coisa mais distante de cruel.

Com algum esforço, Clara se levantou. —Por que você me trouxe aqui? Por que você me tirou da minha cela?

Anise parou na janela, sua expressão uma tempestade confusa. —Porque você é como eu. — Ela abriu a boca, fechou-a e se virou, mas antes disso, Clara teve um vislumbre de olhos brilhantes e uma boca torcendo amargamente.

O sangue de Clara diminuiu com o peso dessa admissão.

—Sal dos mares, não fique aí parada. — Anise se jogou furiosamente na cama. —Eu a levarei de volta a sua cela mais cedo. Ninguém saberá que você se foi. — Os lábios dela se curvaram em um sorriso malandro, mas estava tenso. —Exceto por nós. Será o nosso segredo, nós duas.

Clara fez que sim com a cabeça, deixando Anise tirar a túnica rasgada e ensanguentada dos ombros e substituí-la por um vestido limpo - arejado, virtualmente transparente, decorado com pequenos desenhos de joias que beijavam sua pele como gotas de água. Era vulgar por qualquer padrão de bom gosto e, no entanto, requintado; Anise murmurou de prazer e a guiou para a cama. Elas não se

tocaram depois disso. De fato, a rainha parecia determinada a manter-se o mais longe possível de Clara, mas isso não mudou o que acabara de acontecer, e enquanto Clara estava lá, indescritivelmente acordada, ouvindo Anise respirar, ela colocou uma palavra para sua revelação:

Solitária. Anise estava sozinha. E era assim que Clara a venceria.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



Na manhã seguinte, antes do amanhecer, Clara acordou com a sensação de olhar para ela. Ela deu um pulo e encontrou Anise de pé ao pé da cama, observando-a.

A rainha sorriu, brincando com seus próprios cabelos. —Você é bonita quando dorme. Como uma boneca.

Clara não tinha certeza do que pensava dessa observação e quase puxou os lençóis até o queixo em defesa automática, mas em vez disso, parou e sentou-se ereta, nem mesmo ajustando o ombro da camisola quando ela deslizou pelo braço. Os olhos de Anise se voltaram para a pele revelada e voltaram para o rosto de Clara. O sorriso dela congelou.

Muito a ser aprendido com essa expressão, mas Clara estava nervosa demais para se sentir triunfante.

Anise se virou, pegando o vestido esfarrapado de Clara e delicadamente franzindo o nariz. —Venha. Voltarei à sua cela com você, pequena prisioneira. —Elas não voltaram a falar, mas antes que Anise a deixasse do outro lado da Porta, ela deixou os dedos percorrerem o braço de Clara e pegarem, suavemente, na palma da mão.

Seus olhos se encontraram e Clara sentiu uma linha tensa de perigo entre elas. Então Anise entrou pela porta e se foi.



Clara havia calculado aproximadamente o tempo. Ela imaginou que agora era seu décimo quarto dia em Cane, e com essa percepção seu sangue agitou com nova urgência. Quatorze dias aqui, três dias e seis horas em casa. Muito tempo foi desperdiçado neste palácio; ela teria que se mover mais rapidamente.

Infelizmente, ela tinha muito pouco tempo para si mesma antes de ser buscada mais uma vez e levada a Anise e sua reluzente corte. Interrogada novamente, torturada pelos ataques cruéis da rainha novamente. Mas, para ela, quando Anise lhe lançava perguntas sobre o paradeiro de Nicholas, suas intenções, seus companheiros, ela mandava os mecânicos mordiscá-la e deixava Borschalk lhe dar um soco no estômago quando Clara não respondia. Os cortesãos aplaudiam quando Clara caia, eles zombavam quando ela se levantava de novo, e Anise ficava cada vez mais silenciosa.

Clara manteve-se por tanto tempo quanto pôde, cuspindo um desafio cansado ao cruel e zombeteiro Borschalk, deixando-se cair no chão pelas explosões quentes de magia de Anise. Ela não liberou seu próprio poder. Em vez disso, quando ela se sentiu tão carregada de dor e medo que começou a crescer, picando as palmas das mãos, ela

levou um momento para se aconchegar no chão frio e tentou decifrá-lo.

Como se sentia, fervendo dentro dela?

Como um grito pronto para explodir de seus lábios - exceto que em vez de seus lábios era todo o seu ser, e em vez de um grito eram mil flechas de prata feitas de vento, frio e poder antigo. Estava se rebelando contra esse abuso. Queria que ela se defendesse.

O que seria necessário para liberar esse poder?

Ela concentrou sua mente para segurar a sensação, imaginando sua força como um objeto que ela poderia apreender, virar e examinar. Ela poderia liberá-la agora mesmo com o mínimo esforço; Foi tão difícil lutar. Mas desenhá-la de uma maneira específica, moldá-la como ela queria que fosse, controlá-la, seria como atribuir forma a uma onda oceânica.

Uma mão agarrou seu rosto, arrancando-a do chão - Anise, olhos brilhantes. Com fúria, ou com outra coisa?

—Qual é o plano de ataque do príncipe?

Clara encontrou seu olhar sem vacilar. —Para matar você.

Um murmúrio através das fadas reunidas. O sorriso de Anise foi duro. —Como ele vai fazer isso?

—Sangrento, eu pensaria.

Anise deu-lhe um tapa no rosto. Ela caiu, mas Anise não a deixou cair, abraçando-a em uma paródia de carinho. —Com quem ele está viajando?

—Um exército. — Disse Clara. —Dez mil fortes.

Anise deixou-a cair então e ordenou que ela voltasse para sua cela.

—Podemos fazer isso todos os dias, Clara! — Ela chorou quando Clara foi arrastada. —Até sua mente quebrar, ou seu corpo quebrar. Não importa para mim!

Mas naquela noite Anise veio buscá-la mais uma vez e, quando o fez, parecia pequena, arrependida e talvez até com medo. Uma vez em segurança através da porta e em seus aposentos, ela caiu com Clara no chão, pois Clara estava fraca de fadiga, e quando Clara sorriu debilmente para Anise e sussurrou:

—Você veio por mim, como eu esperava que fosse. — Seu rosto, iluminado com alegria sem restrições. Ela beijou a testa de Clara e suas bochechas, doloridas pelos golpes de Borschalk. Clara recebeu uma noite deitada nos lençóis frios da rainha, bebendo uma bebida quente que aliviou as dores de seu corpo. Anise era uma enfermeira tão gentil e solícita quanto qualquer um que Clara poderia imaginar, esfregando a pomada na pele de Clara e, por um momento, enquanto se dirigia para a inconsciência com os olhos ansiosos da rainha, sentiu uma pontada de culpa.

Pois Anise não podia saber que Clara via claramente o que a proximidade delas significava para a rainha, como Anise estava ansiosa para agradá-la sem ser óbvia, e como Anise se odiava por isso.

E Anise não podia saber que Clara, sozinha em sua cela desde o meio dia, lutou contra sua dor para praticar sua mágica.

No começo, foi difícil se concentrar. Clara nunca havia experimentado tanta dor em sua vida, e por alguns minutos tudo o que ela pôde fazer foi soluçar, ali em sua cela escura, abraçando sua pobre barriga.

Mas os gritos que ocasionalmente perfuravam o silêncio de sua cela, e os gemidos e pedidos - os choramingo - fizeram Clara pensar em seu pai e a silenciaram. Poderia ser ele gritando com facilidade, não é? Se não estiver aqui, então em algum outro lugar em Cane - e talvez estivesse aqui, e ela estava perdendo tempo sentindo pena de si mesma. Pelo menos ela ainda tinha o seu juízo sobre ela. Pelo menos ela não estava sendo torturada agora como essas outras pobres almas.

Ela tentou imaginar o rosto do pai - dele e Felicity, e certamente de mais ninguém, porque isso doeria muito. Ela tinha que se concentrar apenas em seu objetivo. Não poderia haver distrações, nenhum medo e certamente nenhum príncipe.

Na imagem dos rostos de seu pai e Felicity, ela encontrou uma solidez, enterrada na dor e a agarrou.

Era como uma corda saindo do abismo e, determinada, ela a escalou. E então ela percebeu que a solidez era seu poder, pronta e esperando que ela o usasse.

Quão surpreendente é perceber que essa coisa estranha e potente agora vivia dentro dela, e ainda mais surpreendente, que sua mãe também vivia com ela. O padrinho tinha chamado a jovem e amarga Leska de poderosa. O pensamento perturbou Clara e também a confortou, pois, como filha de Leska, ela não deveria ser poderosa também?

Ela desejou que sua mãe tivesse confiado nela. Talvez o poder de Clara não tivesse se manifestado se ela nunca tivesse ido a Cane, mas teria sido um segredo que elas poderiam compartilhar, um tesouro para sussurrar enquanto estavam deitadas sob a colcha de

Clara nas noites frias, quando seu pai ficava até tarde em Rivington. Felicity também - o pensamento era uma fatia de tristeza no coração de Clara. Felicity também tinha esse poder dentro dela, dormente? Felicity alguma vez conheceria o verdadeiro passado de sua mãe?

—Não, se você não voltar a tempo de salvá-la, ela não vai. — Disse Clara, e as palavras garantiram a ela uma calma. Ela enxugou os olhos e se levantou, ignorando a dor.

Sair era a coisa mais importante. Clara não podia ir procurar o palácio de dentro da cela. Ela viu duas pessoas abrirem Portas - Borschalk, no quarto de seu pai, e Anise, exatamente onde Clara estava agora. Ela se aproximou da porta da cela e passou os dedos em volta dela. Era importante ter uma verdadeira abertura à vista para focar? Borschalk estava com a janela; Anise, esta porta. Mas isso parecia desnecessariamente restritivo, e alguém poderia buscá-la a qualquer momento. Talvez o interrogatório dela ainda não tivesse terminado. Talvez Borschalk convencesse Anise de que ele não a havia espancado com força suficiente.

O suor ardeu nos olhos e ela o afastou. Ela precisava se concentrar, tirar tudo de sua mente, exceto a imagem de abrir uma porta. Ela fechou os olhos e lembrou-se de como Borschalk e Anise haviam perfurado o ar com as palmas das mãos abertas e depois se afastaram, apertando os dedos em punhos. Isso parecia bastante simples, e Clara assumiu que ela tinha poder suficiente dentro dela para fazê-lo. Mas certamente havia outro truque. Não poderia ser tão fácil.

Ela andou, seu tornozelo torcido, tornando-a irregular. Como era abrir uma porta? Uma ocorrência tão cotidiana que você não

pensava nisso. Você coloca a mão na maçaneta, gira, abre e entra. E o princípio com essas portas parecia semelhante.

O que você pensa quando abre uma porta?

Ela parou de andar. Ah. Era isso.

Você pensa no que o espera do outro lado. Você pode não perceber que está pensando nisso, mas certamente ficaria desorientado se atravessasse uma porta com a expectativa de emergir em um lugar e, em vez disso, emergisse em outro.

Abruptamente nervosa, Clara se mudou para o outro lado da cela. Talvez fosse muito arriscado tentar ir de sala em sala com isso, sua primeira tentativa. Mas talvez de um lado ao outro da sala...

Ela ficou lá, memorizando a parede oposta e a porta até que ela pudesse esboçar todos os detalhes. Sem colocar toda a concentração no ato, ela passou o braço pelos movimentos - empurrando a palma da mão no ar, recuando e deixando os dedos fecharem com a retirada. Empurre, recue, feche. Ela praticava várias vezes, e quando seu braço começou a doer, ela pegou o fio de seu poder - ela o estava imaginando o tempo todo, como fios tensos em seus membros, suas cordas fora do abismo - e abriu sua mente para isso. Ela era seu poder, e era ela. Quando ela enfiou a palma da mão no ar dessa vez, com todo o peso de sua concentração por trás dela, luzes apareceram diante dela - finas, minguantes, mas elas estavam lá.

Batendo a mão na boca para conter o riso, Clara recostou-se na parede. Quando ela se recuperou, ela alcançou um braço em direção à Porta que havia criado. Isso funcionaria? As luzes no ar eram bonitas, mas inúteis, sem uma saída.

Ela fechou os olhos, segurou a imagem do outro lado da sala em sua mente e pisou nas luzes.

Não foi uma passagem suave. Ela caiu de joelhos em frente à parede oposta, o mundo girando e cheio de estrelas.

Mas funcionou, e ela ficou sentada, rindo baixinho.

Então ela se levantou e fez de novo. E, novamente, e novamente, vinte e sete vezes no total, e quando Anise veio buscá-la naquela noite, Clara manteve o conhecimento das Portas com força em sua mente e coração.



Era difícil para Clara esconder sua alegria e força - pois o dia de trabalhar com seu poder havia restaurado algumas das últimas - mas ela conseguiu naquela noite, tremendo nos braços de Anise, exagerando sua fraqueza.

Quando a rainha alisou um pano embebido em pomada nas costas das coxas machucadas de Clara, Clara tentou parecer adequadamente com medo. Ela não podia permitir que Anise suspeitasse do que tinha feito, nem por um momento adivinhar que Clara sabia o quão profundamente Anise de dois sangues se sentia aqui em sua grande e brilhante torre, uma rainha de pessoas que a temiam, que não eram como ela e quem a amava apenas pela segurança que isso lhes proporcionava.

—Você é gentil comigo. — Clara disse suavemente por cima do ombro. —Por quê?

Anise parou em suas ministrações. Os nós dos dedos roçaram as costas de Clara.

—Você acha que eu me importo com o que esse maldito príncipe está realmente fazendo? — Ela se levantou, caminhou até a mesa de jantar, jogou o vinho inacabado de volta em um único feroz trago. —Este não é o bastão de que Nicholas se lembra. É um estranho para ele. Agora é meu bastão, e ele é um inseto irrelevante, escavando sem rumo, armado com um senso de direito auto-justificado. Estou longe de me preocupar com um inseto pequeno e orgulhoso. — Anise girou, olhos brilhando. —Você sabia que eu também sou da realeza?

Talvez fosse melhor, para ser sincera. Clara sentou-se. —Eu sabia.

Anise estava desdenhosa. —Querido, o virtuoso Nicholas disse a você, disse?

—Seus pais eram um rei humano e uma condessa das fadas. — Clara fez uma pausa. —Eles foram mortos por isso. Para o caso, quero dizer.

—A família de Nicholas os matou por isso. — Corrigiu Anise. —Porque as quatro famílias reais não eram senão um bando de egoístas gananciosos e briguentos. — Ela caiu irritada em uma cadeira. —Eu poderia passar a noite falando sobre suas muitas guerras consanguíneas, mas seria um desperdício de ar. E agora estão todos mortos agora. — Ela sorriu para si mesma.

—Se você tem sangue da realeza. — Clara disse cuidadosamente. —Então por que você não deveria ter tanto direito ao trono quanto Nicholas?

Os olhos de Anise dispararam para ela, surpresos e tentando cobri-la. —Essa é a verdadeira questão, não é? A resposta é sim, e ele não suporta esse fato. Ele e sua família nunca foram capazes de aceitar que minha reivindicação é pelo menos tão forte quanto a deles.

Clara decidiu não salientar que Nicholas poderia não ter um problema com o sangue real de Anise se ela não estivesse de fato usando-o para torturar o reino - o povo e a própria terra.

—Isso parece mesquinho. — Ela disse, e sua expressão irritada era genuína. Nicholas confessou a ela, não tinha, que se sentia regredindo? Sentindo o ódio voltando e a violência. Se ele conseguisse recuperar seu trono, que prova havia de que ele não se transformaria na versão humana de Anise, escravizando e atormentando a população das fadas como ela havia feito com os humanos?

Ela se sentiu desconfortável com o peso desses pensamentos e o olhar penetrante de Anise.

—Você perguntou por que eu fui gentil com você. — Disse Anise finalmente.

Clara assentiu e se forçou a se concentrar, apesar de sua inquietação, pois a voz de Anise continha uma pequena timidez, uma sugestão de confissão.

Anise parecia estar em guerra consigo mesma. —Eu não me importo muito com Nicholas, você percebe. Meus cortesãos sim. Eles pensam nele e no que a vida costumava ser para nós - quão perigosa

era e sangrenta. Penso nele e quero rir. Um pequeno príncipe. O que devo me preocupar com isso? Ele se atreverá a mostrar seu rosto um dia, e eu vou matá-lo e acabar com isso. Não há maldições tolas desta vez. Apenas espadas.

Uma dispensa tão descuidada. Clara lutou para não reagir.

—Mas você Clara... —Anise deixou seus olhos vagarem pelo corpo de Clara e voltarem para o rosto. —Eu vejo um grande potencial em você. Só levará tempo para convencer meu reino disso.

A pele de Clara formigou, arrepiada pelo arrepio do calor do olhar de Anise. Ela não tinha certeza se deveria se sentir admirada, violada ou simplesmente avaliada.

O Anise se levantou, brincando com seu vestido, de um azul tão pálido que quase combinava com sua pele. —Infelizmente para você, o tempo será doloroso. Não pode ser ajudado. —E com isso Anise estava fria, Anise inacessível novamente. Ela terminou de cuidar das feridas de Clara com uma eficiência que beirava a dureza. Só quando Clara adormeceu, Anise observando do travesseiro seguinte, ela percebeu, finalmente, a doçura no rosto de Anise - a preocupação, a culpa e a esperança - quando ela pensou que Clara não estava mais olhando.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



Na manhã seguinte, depois que Anise levou Clara para a cela e antes de voltar pela porta, Clara a pegou pelo braço. Anise voltou, surpresa. Clara não teve que fingir a reverência em sua voz. A rainha era muitas coisas feias, mas, pelo menos na superfície, ela era uma visão. As luzes de mudança da porta pintaram sua pele brilhante.

—Obrigada. — Disse Clara. —Por cuidar de mim.

Ela deu um passo à frente e beijou a bochecha de Anise. Era um risco, mas calculado. Ela ficou ali, as mãos pairando sobre as costas de Anise, os adoráveis cabelos brancos de Anise fazendo cócegas nas palmas das mãos e sussurrando novamente. —Obrigada, minha rainha. — E então, ela não pôde se conter. A proximidade de Anise era uma atração; Clara se inclinou para mais perto. Seus lábios roçaram o pescoço de Anise - um gesto casto, quase reverente - e foi um deleite quente e surpreendente.

Anise saiu sem uma palavra, sua expressão não revelando nada, mas ninguém veio para Clara naquele dia. A manhã chegou e se foi, o meio dia veio e se foi, e ela foi deixada sozinha.

Eles poderiam, ela supôs, procurá-la à tarde. Mas era improvável, se suas suspeitas sobre Anise estavam corretas. E

novamente - aquela pontada de culpa por manipulá-la, aquela vergonhosa sensação de suavidade.

Clara ignorou. Ela não poderia se distrair se quisesse abrir com sucesso uma porta de sua cela.

Viajar por um quarto era uma coisa, mas viajar de um quarto para outro que ela não via era algo completamente diferente. Clara passou alguns minutos agonizantes convencendo-se a fazê-lo, a dúvida amarrando-a em nós.

Foram os gritos dos outros prisioneiros que a convenceram. Um deles, ela pensou, parecia um pouco com o pai. Isso lhe deu coragem e urgência - quinze dias aqui, três dias e dezoito horas em casa. Ela encarou a porta e se preparou, voltando sua concentração para dentro até encontrar seu poder, esperando e firme. Ela imaginou poder sentir o raspar de sangue contra a veia, a vitalidade cantando através de seus nervos.

Clara imaginou o corredor do lado de fora da porta e chamou a imagem em sua mente. Paredes úmidas emolduradas por tubulações expostas, o contorno fraco das portas. Trevas.

Ela respirou fundo e segurou. Daria certo, não? Tinha que dar. Ela praticou. Ela poderia viajar através de sua cela sem sequer tentar agora, e sua desorientação diminuiu para níveis administráveis.

Funcionaria.

Ela empurrou a palma da mão no ar, afastou-a e puxou os dedos em punho. As luzes brilharam e ela entrou e aterrissou desajeitadamente no corredor úmido. Ela vacilou por um momento, instável; a passagem por essa porta fora mais dura que as outras, talvez devido ao nervosismo dela. Mas ela tinha feito isso; ela terminou. Ela se transformou no escuro.



Cada porta da cela tinha uma fenda estreita por onde os alimentos podiam ser depositados. Clara se preparou para o que poderia encontrar antes de se curvar, abriu a tampa articulada do primeiro slot e espiou.

Trevas. Estava tão confuso aqui embaixo. Clara supunha que não havia arandelas iluminadas por tochas para os prisioneiros. Ela não via nada.

As Portas, ela lembrou, emanavam luz. Se ela abrisse uma, uma minúscula que não levaria a lugar algum, mas bem ao lado dela, certamente seu brilho seria suficiente para ver. Além disso, seria uma maneira de praticar o controle do fluxo de seu poder.

Agachada na primeira porta da cela, Clara olhou para o espaço ao lado dela. Ela imaginou seu foco como um olho de agulha através do qual ela de alguma forma deveria enfiar essa força nova e ansiosa dentro dela.

Funcionou, mas não sem o esforço extra de controle temporariamente drenando-a. Ela se sentiu como no Anel de Mira, quando o frio deixou queimaduras na pele, se recuperando do impacto da queda entre os mundos. Mas ela podia ver agora, pelo menos. Ela olhou pela fenda da porta.

Um prisioneiro estava lá, sim, um humano de pele escura, sem braços, deitado em uma poça de seu próprio sangue e excremento. Ele pode ter sido o único que ela ouviu gritar; ele não estava se mexendo.

Clara se virou, desejando não o ter visto. Talvez inspecionar essas celas não fosse a melhor ideia, mas seu pai poderia estar em uma delas, então ela engoliu sua repulsa e se forçou a passar para a próxima cela e para a próxima. No momento em que procurou em todo o corredor, estava zumbindo com força, tonta, mas não tinha visto nada do pai. As celas mantinham prisioneiros fadas e humanos - uma mulher humana parada no canto da cela, de frente para a parede e cantarolando para si mesma; uma fada acorrentada que atacou a porta quando ela espiou.

O desespero a encheu por ter que deixá-los. Ela poderia ter entrado em cada cela através de uma porta e libertado, um a um, mas alguns eram violentos e outros simplesmente loucos. Eles a teriam denunciado.

Então, ela encontrou as escadas que os homens de Borschalk a haviam arrastado nos últimos dias. Os degraus eram estreitos, sinuosos e grossos de sujeira, e Clara os seguiu lentamente, deixando as masmorras para trás.

No topo, após séculos de escalada, ela se achatou contra a parede, fechou os olhos e lutou para controlar a respiração. Se ele pudesse tê-la visto, o padrinho a teria repreendido por deixar seus nervos a sobrecarregarem.

Pensar nele era ao mesmo tempo doloroso e útil. A lembrança de sua voz era um bálsamo. Com cuidado, ela o deixou entrar:

Você deve se mover como se estivesse através da água. O quarto é seu para saber, possuir. A energia dentro de você consome sua energia. Você é o quarto. Você é as sombras. Tente.

A energia dentro dela, de fato. Ocorreu-lhe que ele estava sugerindo o poder latente dela naquele momento - ansioso para contar a ela, mas nunca se permitir, por amor a ela.

Ela olhou ao virar da esquina para encontrar um longo corredor preto, como aqueles que vislumbrara durante a turnê de Anise. O chão polido brilhava com luz da lâmpada azul e kambots sem piscar empoleiravam-se nas vigas. Um deles começou a girar sua minúscula cabeça negra em sua direção.

Clara recuou contra a parede. Kambots. Como ela não pensou nisso? Ela não podia simplesmente passear pelo palácio com a observação de pássaros de Anise.

Vozes vieram para ela do corredor, e o pisar afiado de botas contra pedra. Prendendo a respiração, ela olhou de volta para ver dois soldados das fadas saindo de um quarto, atravessando o corredor e

desaparecendo em outro. Ela ouviu os passos deles, como eles ecoavam, medindo a distância que percorriam. Fracamente, ouviu as portas se abrirem, viu uma leve onda de luz do lado de fora; depois escuridão novamente quando as portas se fecharam.

Lá fora, tão perto. Ar fresco, neve e liberdade. O sangue dela a levou, ansiosa. Dessa forma, parecia implorar. Dessa maneira estaria a fuga! A tentação puxou para ela. Ela ainda tinha tempo de encontrar o pai, mas estava começando a parecer escorregadio, como tentar manter a busca de uma criatura rápida na escuridão. Além disso, de que adiantava escapar sem algum tipo de informação? Ao sair, ela poderia estar abandonando-o a um destino tão medonho quanto os prisioneiros.

E agora? Ela imaginou. Do outro lado dela, a parede oposta brilhava. Ela congelou. Era o reflexo dela, ali na treliça de vidro escuro e ferro de passar rolando. O reflexo dela. A visão provocou uma lembrança de sua visita ao palácio: o Salão de Vidro, com seus muitos espelhos. Será que ela poderia abrir uma porta daqui? Era um pensamento perigoso - ela não tinha como saber se o Salão estaria ocupado e, embora não tivesse notado kambots por lá, certamente poderia ter sentido falta deles.

Ou talvez, ela pensou, a ideia surgindo do nada e fazendo seu coração disparar, eu pudesse abrir uma porta para o pai.

A imagem dele no cromocast - aquele quarto escuro, a nevasca lá fora. Se ela focasse nessa imagem, a Porta a levaria diretamente a ele? Neve, como a tundra lá fora; uma sala escura, como as que revestem os corredores ecoantes do Palácio de Verão. Ele poderia

estar aqui em algum lugar - respirando o mesmo ar, ouvindo o mesmo zumbido sempre presente de máquinas invisíveis.

Ela se forçou a se acalmar, diminuindo a velocidade frenética de seus pensamentos. Até agora, ela apenas viajara curtas distâncias usando Portas, e quem sabia exatamente onde seu pai estava sendo mantido? Ela não sabia nada do que as Portas poderiam ou não fazer além de sua própria experimentação. Era arriscado tentar.

Ela tinha que tentar.

Recuperando a imagem do cromocast de sua mente, ela seguiu em frente antes que o medo a convencesse do contrário, abrindo uma porta ali no corredor, entrando, rígida de expectativa -

- e aterrissando com força sobre os joelhos, a um passo de onde ela acabara de ficar.

Amaldiçoando, ela correu para a parede, mal respirando enquanto ouvia os sinais de que alguém tinha ouvido a barulheira. Um momento se passou e depois outro, mas o corredor permaneceu em silêncio. Ela relaxou, tremendo.

Seus pensamentos estavam muito distraídos para que a Porta funcionasse corretamente - cheia de esperança? Ela tentou repetidamente, com o mesmo resultado, cada passagem a mandando de volta ao mesmo trecho do corredor. A dor da passagem mal sucedida foi tão grande que ela quase mordeu a língua tentando não gritar. Ela caiu, cheia de energia e com medo. Se ela a tivesse perdido, de alguma forma, se seu poder a estivesse falhando...

Ela tentou mais uma vez, cautelosamente, desta vez pensando em sua cela, e quando ela apareceu lá, ilesa e sem dificuldade, ela se perguntou se seu pai estava simplesmente muito longe para

encontrar. Talvez ele não estivesse sendo mantido aqui. Ela piscou para conter as lágrimas de decepção; fora tolice pensar que seria tão fácil encontrá-lo. Por um momento, pensou em tentar novamente, mas descartou a ideia imediatamente, sentindo-se desesperada. Viajar de sala em sala era uma coisa, mas através de um palácio inteiro, e talvez até do reino além, em alguma busca selvagem e sem direção, usando uma mágica que ela apenas começara a entender?

Ela não era forte o suficiente.

No entanto, ela decidiu, agarrando-se ao pensamento daqueles que ela mais prezava - todos eles, até os perdidos sobre quem era insuportável pensar - ela seria.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Quando Anise a buscou naquela noite, Clara doeu de tensão. A rainha saberia o que tinha feito? Kambots a tinha visto? Anise sentiria a mágica persistente das Portas de Clara?

Não. A rainha estava exultante, radiante com alguma alegria secreta. A visão repentina dela à luz da Porta fez a respiração de Clara prender - com medo, sim, como sempre havia medo com Anise, mas também pela beleza dela, tão fina e feroz.

Nos aposentos de Anise, depois que a Porta se fechou, a rainha segurou as mãos de Clara, beijou-as e a girou. Clara se sentou na cama, sem fôlego, quando Anise tirou um vestido após outro do guarda-roupa e, quando bateu palmas, a música começou. Ela descia dos funis nos cantos do teto, como a música no terraço de Pascha.

—Minha rainha. — Disse Clara, nervosa e profundamente curiosa. —O que está acontecendo?

—Eu os convenci, Clara. Eu os convenci. Querida. — Ela se apressou, apertou a mão de Clara na bochecha. Seus olhos tinham um brilho selvagem, e Clara lutou contra um desejo que a deixou rasgada - recuar ou se virar e beijar a palma de Anise. A alegria óbvia da

rainha era contagiosa; o ar estava doce com vapores de açúcar, provocando os sentidos de Clara a maiores alturas.

—Convenceu quem? E de que?

—Estou dando uma festa para te mostrar. A maior festa que já tive. Você encontrará meus cortesãos e dançará com eles, e eles amarão você e terão medo de você, e não precisaremos mais fingir esse negócio desagradável de tortura.

Uma festa? Clara sentiu-se pega de surpresa. —Eles vão me amar? Eu duvido.

—Se mostrarmos a eles, Clara, que estamos unidas, nós duas, que juntos somos duplamente poderosas como eu já estive sozinha, por que isso os convencerá. Eles não terão escolha a não ser aceitar você. — Ela se afastou de Clara, balançando ao som da música febril, descuidada. —Talvez eles estejam tão distraídos com a sua beleza que se esqueçam que minhas festas de caça ainda não conseguiram encontrar seu principezinho repugnante.

Nicholas. Surpreendente a rapidez com que a confusão de Clara escorregou pelas frestas do seu coração e se tornou um terror penetrante.

Anise estava caçando Nicholas. Claro que estavam. Ela esperava que Anise sentasse à toa? Talvez ela não devesse se importar com o destino dele, considerando o que ele havia feito, o que ele queria fazer - mas ela se importava. Todo o seu eu doía de carinho.

—Você e eu, unidas? — Pisou suavemente, Clara. Ela não podia mostrar o quão espetacularmente desequilibrada ela pensava sobre Anise. Ela não podia trair sua agitação repentina, como o nome de Nicholas dançava em seus lábios. —Receio não entender.

Anise se ajoelhou diante dela, olhos brilhantes, cabelos despenteados. —Sabe, eu sempre pensei que minha mãe era uma idiota. E a sua também.

Clara ficou rígida, mas Anise agarrou sua mão. —Não, não se afaste. Quero dizer. Veja bem, quando fui concebida, minha mãe perdeu o poder. Ela era uma fada, mas não era mais uma do povo mágico. E eu sempre achei isso tão estúpido da parte dela. Ela poderia ter se salvado, se ainda tivesse seu poder. Certamente meu pai não era um amante tão habilidoso. Eu vi fotos dele. Um homem sombrio e impetuoso.

—Mas eu pensei —Disse Clara, assustada. —Que as uniões entre humanos e gente mágica eram simplesmente um tabu. Na verdade não é perigoso.

—Tabu por um bom motivo. As pessoas não prestam mais atenção às histórias antigas. Eles não se lembram por que são tão preconceituosos. Eles não se lembram de que há algo no sangue que faz isso - que, se um humano e um do povo mágico se acasalam, o povo mágico perde seu poder. Quão terrível, não é?

Clara surpreendeu o quanto a ideia de abrir mão de seu poder dessa maneira, de perder essa parte assustadora de si mesma, a perturbou. —Mas por que isso acontece?

—Ninguém sabe. Minha antiga enfermeira disse uma vez que era a maneira do mundo de manter um equilíbrio de poder. — Ela fez uma careta. —Acho que o mundo sabia que poderia ser difícil lidar com alguém como eu. Gostei de você.

Clara pensou em sua mãe, sua mãe poderosa, deixando seu reino problemático para trás - e deixando seu poder para trás

também, o que sempre a definira. E para quê? Ela sentiu uma onda de tristeza. —Isso é terrível.

—Ah, mas não é! Pelo menos, não para nós. Estou vendo isso agora. — Anise estava sentada na cama ao lado de Clara. —Nossas mães fizeram isso. Por amor, Clara. Por amor. E porque elas não se importavam com o que alguém pensava delas. Você não vê Clara? Ao fazer o que elas fizeram, elas nos uniram. Elas nos queriam. Elas nos fizeram. — Ela segurou o rosto de Clara nas mãos. —Elas fizeram esse momento entre nós, esse momento no tempo.

A proximidade de Anise era esmagadora. Clara mal conseguia respirar. —Mas... por que desistir tanto? Apenas por amor? Para se rebelar contra a sociedade?

—Talvez...

—Ou — Clara insistiu cautelosamente, apenas considerando a si mesma. —Porque elas pensavam que o mundo poderia ser melhor, que deveria ser melhor, e nesse mundo melhor não haveria ódio?

Um calafrio tomou conta dela.

Os olhos de Anise estavam arregalados. Ela parecia tão jovem, uma mera garota. O que ela teria sido sem a guerra que a criou?

—Não há ódio entre humanos e fadas?

—E nenhum ódio entre humanos e magos. — Acrescentou Clara em voz baixa. —Sem servidão, sem política.

Depois de um momento, Anise pulou da cama e andou, selvagem. —É um pensamento selvagem, Clara. Acho muito selvagem.

—Você nunca pensou sobre isso?

—Não. Sim. Não.

Clara agarrou a cabeceira da cama, assustada com sua própria ousadia. —Não é isso que você está fazendo sendo gentil comigo? Porque você é diferente de todos os outros e há muito tempo. Então você me encontrou e não gosta de ficar sozinha. — Ela fez uma pausa. —E se houvesse mais de nós?

Anise virou as janelas do terraço para encarar. Ela ficou ali por um momento, batendo o pé inquieta. A música tocou. Por fim, ela voltou aos seus vestidos.

—A festa é amanhã. — Disse Anise brilhantemente, com o rosto escondido. —Temos que escolher o vestido perfeito para você, algo ultrajante. Nós, as fadas, adoramos coisas bonitas. Se você estiver impressionante o suficiente, talvez meu tribunal não esteja tão interessado em matá-la.

Clara caiu, derrotada. Por um momento, parecia que ela alcançara um lugar solitário e assustado dentro de Anise - algo mais próximo da criança que ela havia sido.

Clara saiu para o terraço, procurando instintivamente o ar fresco. Lá fora, a noite estava fria, escura e cheia de neve. Ela assistiu, sentindo a aproximação de uma ameaça distante que ela não podia nomear. Em algum lugar lá fora, Nicholas e seu pai capturado, os ossos do padrinho, a minúscula Bo e um reino inteiro de pessoas assustadas, rasgando-se em pedaços e cheios de ódio. Não muito, refletiu tristemente, era diferente em casa. Apenas outro mundo triste de pessoas famintas lutando por comida e poder, e Felicity estava presa ali, sozinha. Mesmo se - quando - Clara voltasse para ela, seria mais o mesmo. Elas fugiriam de Concórdia para outra cidade, presas em outra teia desagradável, ou Plum as pegaria antes que pudessem.

Claro, primeiro haveria uma festa para sobreviver. Uma festa, de todas as coisas, onde as fadas iriam beber, dançar e odiá-la. Que confusão tudo isso.

Anise se juntou a ela na porta, bufando impaciente. —O que você pensa sobre? Eu tenho vestidos para você experimentar.

Clara estava cansada, com o coração pesado. —Estou pensando em como vou sobreviver em um mundo tão empenhado em me destruir. Como é que algum de nós pode sobreviver?

Por um longo momento, Anise ficou quieta. Então ela pegou as mãos de Clara.

—Você vai refazê-lo. — Ela sussurrou. —Nós duas iremos. Como nossas mães tentaram, exceto que realmente o faremos. Porque somos imparáveis, Clara, você e eu. Acho que poderíamos ser. Acho que nossas mães sabiam disso, e acho que é por isso que elas nos criaram. É por isso que eu tenho... Clara, foi assassinato te machucar. Eu não quero te machucar. Eu quero que você esteja aqui comigo. Eu quero que você me ajude.

Como se desencadeada pela paixão de Anise, o palácio tremeu. Elas olharam para o horizonte e viram, ao longe, uma tempestade elétrica e o muro ocidental do palácio desmoronando. Clara se sentiu mal, imaginando os soldados ocupando o muro, os escravos e prisioneiros embaixo dele.

Anise virou-se para ela, as linhas de seu rosto de repente beliscaram, e ainda assim ela estava deslumbrante. —Veja bem, acho que não posso fazer isso por muito tempo sozinha. Eu tentei fazer do meu país o que deveria ser, mas me esgota, um trabalho tão constante. Eu me sinto tão esgotada. Uma mestiça, refazendo um mundo

inteiro? — Ela riu, olhando amargamente para a paisagem em ruínas. —Acho que seria mais fácil com duas.

Uma pausa caiu entre elas, cheia de confusão e possibilidades. Os dedos de Anise queimaram a pele de Clara. Parecia que o sangue da rainha estava tão quente quanto o sangue de Clara agora estava frio.

—Venha. — Anise a soltou, começou a tirar seu lindo robe preto de veludo. —Tire suas roupas.

Clara se afastou. —O que?

—Apenas faça. Nós duas e o mundo, o mundo que vamos refazer exatamente como queremos que seja. Vamos.

Relutantemente, Clara saiu de seu roupão esfarrapado, como em cada uma dessas noites nos aposentos de Anise. Ela se encolheu quando o frio atingiu seu corpo, enquanto refletia no vidro das janelas e pensava, estupidamente por um momento, como era impróprio. Suas mãos voaram para se cobrir, mas Anise as pegou.

—Não. Não tenha vergonha. Eles são apenas corpos, e são nossos, e são poderosos. —Anise a puxou para mais longe no terraço, na neve rodopiante, e correu à frente de Clara, estendendo os braços. Clara a seguiu, braços cruzados firmemente sobre o meio. Ela ansiava correr de volta para dentro e se dobrar no calor da cama de Anise, mas a insistência de Anise, sua beleza na neve, era um imã terrível. O terraço se expandia diante delas, os mecânicos se movendo obedientemente para um corrimão de ferro, em placas de metal que criavam uma escada para o telhado da torre. Ofegando de prazer, Anise arrastou Clara atrás dela, puxando-a cada vez mais rápido, até que ambas estavam correndo a uma velocidade vertiginosa. Anise

estava sobrenatural em sua graça e Clara, tropeçando atrás dela, parecia uma criança - o constrangimento de uma criança, sim, mas também, quando o calor da mão de Anise derreteu suas inibições, a liberdade de uma criança, a falta de ar de uma criança. Ela se viu rindo, para o óbvio deleite de Anise, e desenrolou-se, ficou mais alta, deixou o braço livre cair. As nuvens mudaram e a luz das estrelas atingiu sua pele. Aterrorizante, essa nudez. A sacudiu e sufocou sua vergonha, substituindo-a por um desprezo vertiginoso pela Clara de apenas alguns minutos antes, seu antigo e trêmulo eu. Não era um sentimento completamente confortável, era como ser jogada em águas geladas e perceber que sim, você pode nadar, afinal - mas lutando futilmente por ancorar, independentemente.

No telhado pontiagudo da torre, neste novo terraço feito de um milhão de pequenas máquinas, elas pararam. Anise levantou as mãos entrelaçadas e cantou na noite. O calor a rolou em ondas. Os flocos de neve, quando atingiram sua pele, derreteram imediatamente. Ela era uma coluna de carne branca impecável e pequenas espirais de vapor.

—Aqui estamos nós, os monstros de dois sangues! — Exclamou ela, alegre, desafiadora. —Você é o nosso mundo, e nós faremos de você o nosso!

A excitação de Anise era contagiosa. Clara se viu rindo junto com ela, a energia nervosa explodindo em suspiros.

—Diga alguma coisa! — Disse Anise, aproximando-a. —O mundo está ouvindo.

Clara nem parou para pensar. As palavras explodiram dentro dela como se sempre existissem, esperando. —Vocês acham que

podem nos vencer, mas estão errados! Vocês tentarão nos quebrar e falharão! Vocês pegaram nossas mães, mas nunca vão nos pegar!

Ela se surpreendeu. Como se ela não estivesse mais em Cane, não estivesse mais no telhado do Palácio de Verão, mas voltando para casa, bem acima de sua cidade pobre e cruel, ela gritara ao mundo que isso não a sufocaria. Não, ela se elevaria acima de sua violência. Ela iria transcendê-la e torná-la sua.

Anise estava quieta, com os olhos brilhando. Ela se inclinou para mais perto, e seu olhar caiu nos lábios de Clara, com carinho, e por um momento, por um momento...

Clara prendeu a respiração. Ela não tinha certeza se estava feliz com a ideia, ou com nojo, ou simplesmente ficou tão louca quanto Anise. Havia um poder entre elas, e não era a magia delas; era a noite, o frio e as estrelas, sua nudez imprudente.

Anise girou, e o momento entre elas dançou com a neve. Anise gritou obscenidades e promessas gloriosas durante a noite, e Clara notou que suas promessas estavam cheias do mesmo sangue e violência que estavam destruindo seu reino. Isso a entristeceu, mas não a surpreendeu. Talvez uma criança criada pela guerra nunca possa realmente deixá-la para trás. Todos eles - Anise, Nicholas, ela mesma - poderiam estar condenados a ficar presos nos destroços dos mundos que os haviam formado.

Nicholas. A lembrança de seu toque percorreu-a, e doía com traição - com a dele e com a dela, essa súbita traição de correr nua ao lado da mulher empenhada em matá-lo.

Claro, ele merecia pelo que havia feito. Se Clara decidisse ficar aqui, ao lado de Anise, talvez ela pudesse persuadir Anise de seus

modos violentos, organizar a libertação de seu pai e garantir a segurança de sua família, tudo com o apoio fervoroso de Anise. Certamente valia a pena trair um homem que obviamente pensava tão pouco nela.

Ela olhou de lado para a rainha. Tanta devoção em seu rosto; uma ternura ao abraçar Clara com força, como se fossem garotas sussurrando segredos.

Alguma coisa faria sentido de novo?

Seus pensamentos conflitantes persistiram, mesmo quando ela e Anise estavam de volta aos aposentos da rainha, onde Anise varreu pilhas de vestidos de festa em potencial e puxou Clara com ela para a cama. Eles estavam lá, um emaranhado de membros desgastados e neve derretida.

—Estou feliz que você esteja aqui. — Disse Anise, finalmente, e ela não parecia uma rainha naquele momento, mas uma garota. Uma garota como Clara - quebrando e determinada a não fazê-lo.

Uma segunda picada de traição então, quando Anise se aninhou em seus braços para dormir. Clara sentiu isso e ficou acordada por muito tempo até a noite.

Não mudou nada, ela decidiu. Esta noite não mudou nada - exceto que ela deveria sair mais cedo, antes que Anise a encantasse completamente, antes que ela se esquecesse.

Ela cutucou Anise. Uma genuína emoção de alegria a atingiu quando a rainha abriu os olhos e a assustou.

—Você está me encantando?

Anise estava confusa. —O que?

—Eu sei que o povo mágico pode encantar. É por isso que me sinto assim... —Ela parou, envergonhada.

—Eu não iria desonrá-la com tal engano. — Então, um sorriso sonolento, uma carícia suave. - Você não, querida Clara. Suponho que você realmente me ama.

Amor? Quando Anise voltou a dormir, Clara pensou, perturbada. Não. Não é amor. Ainda não. Mas certamente fascinação e empatia, e o potencial para algo mais. Algo avassalador, algo magnífico e elétrico. Amor? Clara se afastou da palavra. A rainha a abraçou. Aquecida, Clara deixou os olhos fechados.

—Durma. — Sussurrou Anise. —Você precisa descansar para amanhã.

Ah sim. Amanhã.

A festa.

CAPÍTULO TRINTA E SETE



Ao pôr do sol, na noite seguinte, após um dia de preparativos febris, Anise desfilou Clara pela estrada sinuosa principal até a base da cidade, perto do muro externo. Havia duas tendas enormes, recém-criadas para a ocasião - uma azul e dourada, uma ameixa e preta. As imponentes placas de ferro soletravam seus nomes sob luzes brilhantes, como se fizessem parte de um circo itinerante: Rottefest, a tenda azul e dourada; Kabaret Assustador, o de cores ameixa e preto.

Fadas alinhavam-se na rota, com máscaras e peles berrantes, com cocares que passavam pelas pedras pretas e pareciam suspeitosamente feitos de cabelo humano, incrustados de penas e fios de metal. Eles aplaudiam e dançavam, e sua pele brilhava. Eles mantinham humanos próximos em cordas deslumbradas como animais de estimação.

—Todo mundo está esperando. — Disse Anise, apontando para as tendas. Ela usava um vestido brilhante de azul e ameixa, um contraste legal com o vestido de esmeralda e ouro de Clara. Suas bainhas pingavam diamantes e sua pele brilhava com quantidades profanas de brilho. —Eles estão sem fôlego para vê-la. Eu vou te

mostrar, e todo mundo vai dançar, e será perfeito. —Anise deu um beijo quente na mão de Clara. —Eles verão. Eles nos entenderão, Clara, quando nos virem juntas assim.

Clara tentou imaginar os olhos mascarados que a seguiam pela rua olhando para ela com qualquer coisa, exceto ódio e ciúmes, e falhou.

Na entrada de Rottefest, ela fez uma pausa. Os sons vindos de dentro a assaltaram - música implacável e estridente e gritos selvagens. Luzes rodopiantes brilharam no rosto de Anise. Clara estava com muito medo, mas Anise pegou a mão dela e sorriu.

—Venha. — Disse ela. —Eles estão esperando por nós.

Clara não teve escolha a não ser segui-la. Ela forçou um sorriso tímido quando Anise a escoltou para dentro, através de um imenso salão de baile onde humanos grotescamente mascarados mantinham bandejas de comida prontas - bulbos de flores azuis brilhantes cheios de frutas rosa, bolos brancos listrados com glacê carmesim. Outros humanos estavam pendurados em gaiolas no teto, o sangue escorrendo pelas meias. Suas máscaras eram brancas, sem olhos e grandes bocas abertas.

Anise guiou Clara para um trono preto na altura da sala. De lá, eles podiam ver tudo - os dançarinos girando no chão de ladrilhos e os humanos com máscaras brancas caindo em suas gaiolas, estimulados pelas fadas rindo com lanças chiando. Borschalk, espreitando por perto, olhando-as de dentro da nuvem de seu cachimbo. Cabides, roupas e presentes, esperando pacientemente na fila dos degraus sinuosos que levavam ao trono de Anise.

Anise riu por trás da mão. —Olhe para eles, lutando para encontrar seus presentes.

De fato, Clara sentiu-se mal em olhar para eles. Ela sentiu tanto ódio borbulhando com eles e imaginou que Anise também não podia sentir. Ela estava começando a perder a coragem, aqui nesta sala pulsante e furiosa. A estranha euforia da noite anterior foi substituída por um desconforto deslizante. Enquanto mordiscava estranhas criaturas no espeto que ela não podia nomear, cortesãos feericamente com cocares elaborados e tatuagens paravam diante dela. Eles se curvaram, murmuravam adorações, colocaram várias iguarias e jóias brilhantes aos pés dela.

—Minha senhora. — Eles murmuravam. —Para você, minha senhora.

Clara produziu sorriso após sorriso falso, e até isso parecia perigoso. Enquanto as fadas acariciavam suas mãos, beijavam seus dedos, olhavam para ela de maneira cortante por trás de suas penas, ela achou difícil não recuar constantemente.

À meia-noite, a cabeça de Clara doía com o barulho e seus lábios ardiam com a sobremesa que Anise a fizera comer - uma planta roxa e espinhosa cujos espinhos, insistiu Anise, eram divinos se você conseguisse sugar o interior deles sem espetar sua língua. Clara estava desesperada para se mover, bater a mão no ar, convocar uma porta e sair dali. Se ela tivesse que assistir a mais um grupo de escravos humanos desfilando pelo palco em danças frenéticas, açoitadas por soldados e criticados pela plateia, ela perderia a cabeça.

No primeiro momento livre, quando nenhum cortesão se demorou preguiçosamente a seus pés, Clara tocou o braço de Anise.

A rainha se virou, sugando o último espinho do caule roxo em suas mãos.

—Chegue mais perto. — Ela falou demoradamente. Ela estava bêbada - bêbada com vinho, bêbada com açúcar. —Aja como se estivesse compartilhando algo particularmente obsceno comigo. Isso irá intrigá-los e impressioná-los.

Clara forçou um sorriso tímido e se inclinou, os lábios roçando as jóias que revestiam a orelha de Anise. A rainha estremeceu. Os olhos dela se fecharam.

—Ontem à noite. — Disse Clara, baixo. —Conversamos sobre muitas coisas.

—Hum-hum.

—Falamos em refazer o mundo.

—Conversamos sobre nossas mães.

—Mas refazendo o mundo. — Insistiu Clara. —Não foi isso que você disse que quer fazer?

—Claro.

Clara sentiu os olhos nelas - Borschalk à espreita, olhos atentos por trás da máscara de pássaro noturno.

Ele não estava sozinho em observá-las. Fadas por toda a sala - no palco, no chão brilhante, na multidão de corpos dançantes - mantinham nítida atenção. Clara se inclinou para mais perto de Anise e passou os dedos pelo braço.

—Certamente isso— Clara olhou abertamente ao redor delas. —Não é o que você quis dizer com refazer o mundo. Os humanos, minha rainha. Eles estão sendo atormentados. Seus cortesãos estão machucando-os.

Anise riu. —Bem, você não pode esperar que eles mudem da noite para o dia, pode? Primeiro vamos conquistá-los, fazê-los respeitar você.

Ela parecia preguiçosa, terrivelmente despreocupada. Clara recuou, furiosa. —Eu pensei que você quis dizer isso. — Disse ela, envergonhada ao ouvir como sua voz tremia. —Eu pensei que você queria mudar as coisas. Ou você acabou de dizer o que acha que eu queria ouvir?

Anise, ainda relaxada, agarrou seu braço, segurou-o com força. —Como você ousa! Você não confia em mim, Clara?

—Como posso, quando você deixa-

—Porque eles duvidam de mim, Clara. Eles veem como eu te tratei, e isso não faz sentido para eles. Se eu não deixar que eles se divirtam, eles se voltarão contra nós duas. Precisamos desta noite.

A mente de Clara gritou com suspeita. Havia muita diversão no rosto de Anise enquanto ela examinava as atividades horríveis que estavam sendo infligidas aos humanos - muita sede de sangue, muito prazer presunçoso. Clara cruzou as mãos com força no colo, lutando pela compostura em meio a essas ondas de desapontamento. As ondas a acordaram e lançaram sua mente para fora do nevoeiro de Anise. Clara queria tanto acreditar nela. Por mais impossível que parecesse apenas alguns dias antes, ela queria, por um tempo, ficar. Para explorar essa coisa, essa proximidade florescente de Anise. Havia uma certa segurança aqui, sob a bela asa de Anise, e uma certa... delícia.

Refazer o mundo juntas. Que farsa ultrajante, se a expressão alegre de Anise era alguma indicação. Mentiras, camadas de

mentiras, labirintos de mentiras. Clara estava começando a perceber que era o que ela fazia na vida - estar sempre lutando contra o engano.

Isso não importava. Ela não conseguia parar de fingir. —Eu sinto muito. Eu não sabia...

—Não se desculpe. — Anise mudou, as fendas em seu vestido se abriram para revelar longas pernas brancas polvilhadas com pó de prata. —Esse é seu primeiro erro.

Anise estalou os dedos. Um atendente ao lado do trono ligou os interruptores em uma placa mecânica iluminada com mostradores. As luzes, balançando no alto, brilhavam de um azul novo e mais severo. Em resposta, as fadas dançantes espalhadas pelo chão gritaram em agradecimento. A tinta que riscava seus corpos brilhava em cores sobrenaturais. O volume da música aumentou, as vibrações deixando Clara sentindo-se fortemente ferida e desconfortável.

Anise pôs Clara em pé e Clara percebeu, com um sobressalto, que eram as únicas duas pessoas em todo esse grupo frenético sem máscaras para escondê-las.

—Venha, Clara. — Ronronou Anise, aproximando-a. —Dance comigo.

Elas dançaram por horas, cercadas por centenas de fadas - uma pressão ondulante de máscaras de penas, máscaras de ossos, máscaras de chapas finas de metal, espartilhos de couro e correntes

rangendo, golas de arame estriado. No alto das vigas, fadas encapuzadas batiam em tambores do tamanho de automóveis. O suor, tingido com o cheiro do mar, picou as narinas de Clara enquanto ela girava entre Anise e inúmeros cortesãos sem nome e sem rosto. Eles se moveram contra ela, obscenamente perto, murmuravam elogios vagamente ameaçadores em seu ouvido e beijavam suas mãos. Alguns deles agarraram sua cintura com muita força, fazendo-a chorar.

Quando ela voltou para Anise, ela se agarrou ao corpo da rainha com gratidão.

—Divertindo-se? — Anise perguntou, rindo em sua voz.

Como responder a ela? De vez em quando passava uma fada com uma bandeja de cremes gelados e finos canos de açúcar. Com todos a observando, Clara não teve escolha a não ser participar. Sua cabeça doía, sua boca secara, sua visão dançava com cores, e até o toque mais leve em seu corpo enviava um calor trêmulo através dela. Ela nunca se sentiu mais viva, nem mais perto da morte. Ela se viu desejando mais, pegando os cachimbos oferecidos com uma ansiedade que a preocupava quando os alcançava; ela precisava de seus sentidos aguçados e focados para sobreviver à noite.

Se ela iria escapar quando terminasse.

Seu coração deu uma pontada de inquietação. Um plano chegara a ela nos braços de Anise. Ela ainda não sabia onde seu pai estava preso. Talvez se ela ficasse - ah, se ficasse - ela pudesse trocar por ele; ela poderia embotar a lembrança de sua vida anterior no abraço de Anise. Mas era muito perigoso aqui, um momento muito feliz e horrível no seguinte.

—Eu preferi a noite passada a esta festa. — Respondeu Clara, fechando os olhos para saborear o giro não natural da sala, os pontos quentes de luz que eram os dedos de Anise na cintura. —Muito barulho, muitas pessoas.

Anise riu estridente. Elas migraram do Rottefest azul e dourado para o Kabaret Assutador de Plum e preto, onde a luz era mais escura e os canos de açúcar pendurados no teto pareciam cobras. As fadas se prendiam às aberturas como bebês que amamentam. Ocasionalmente, os humanos ousados os esmagavam e conseguiam alguns goles desesperados antes de serem arrastados.

—Borschalk pensa. — Anise se arrastou enquanto se moviam um contra o outro sob as luzes giratórias —Que você pretende me trair.

Clara tentou não reagir. O açúcar em seu sangue dificultava a instrução de seus traços, mas esperando que Anise não pudesse dizer. A rainha era ainda mais instável que ela.

—Ele faz? — Clara disse.

—Ele acha que você não me merece. Ele quer que você saia da minha cama e volte a entrar. Mas você é mais bonita do que ele. Você é mais doce. — Ela se inclinou para perto, conspiratória, enrolou o cabelo de Clara em volta do dedo e levou-o aos lábios. —Ele acha que você não me ama. Na verdade não, de qualquer maneira. Ele acha que você está apaixonada por esse garoto.

O coração de Clara começou a acelerar. Essa era a abertura que ela precisava, mas ela não podia aproveitar. Tal traição, um pesar amargo. Ela sentiu pena de Anise e ficou envergonhada por ela - e aterrorizada por si mesma.

Ela deixou escapar o que esperava ser uma risada descuidada. —Nicholas?

—Bem? — Anise puxou o braço de Clara, insistente, petulante. —Você?

—Talvez eu tenha feito, uma vez. — Isso era verdade, e seu pulso saltou com um desejo vergonhoso. —Mas então eu te conheci. — Ela afastou uma mecha de cabelo úmido da bochecha de Anise, e os olhos da rainha se arregalaram de esperança. —Nós somos iguais, você e eu. Como poderia haver mais alguém?

Curvando-se, segurando o rosto de Anise docemente, ela deu um beijo nos lábios. Anise ofegou contra a boca, tremendo. Novas músicas começaram, ainda mais frenéticas. As fadas ao redor delas levantaram as mãos.

Canhões no perímetro da sala lançavam molhes brilhantes de chamas no ar.

Anise, de olhos brilhantes e feroz, puxou Clara para perto e a beijou profundamente. O beijo doía com duplicidade e com prazer horrível. Clara sabia que deveria estar comemorando, e parte dela estava. Ela tinha dito as coisas certas. Ela podia sentir a alegria de Anise vibrando contra seu corpo, e a alegria a deixaria descuidada. A rainha sussurrou carinhos frenéticos, depois mergulhou para sussurrá-los contra a garganta de Clara. Quando ela riu, estava claro como a manhã.

A música continuou.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Às duas horas, Anise tropeçou com Clara em uma alcova cortinada no mezanino de Kabaret Assustador, lavando seu pescoço com beijos.

—Minha rainha. — Clara ofegou, tentando se destacar. — Espera.

Anise fez beicinho, seus lábios inchados e azuis. —O que?

Isso foi loucura. No entanto, Anise estava bêbada, quase desmoronando, e se Clara pudesse, nesses últimos momentos, tirar dela mesmo a menor sugestão...

Ela se aproximou, acariciando as bochechas de Anise. —Agora que estou aqui, ao seu lado-

Anise murmurou afirmativamente, meio acordado.

—Há o problema do meu pai.

Os olhos da rainha se estreitaram. —Seu o quê?

Ela arruinou? Ela forçou um sorriso e bateu no nariz de Anise.

—Você está bêbada.

Depois de um momento, Anise começou a rir. —Você sabe, eu acho que estou!

—Agora que estou com você, você acha... Você poderia devolvê-lo para casa? Eu poderia pelo menos vê-lo? Tenho certeza que ele está assustado, minha rainha, e ficaria feliz em me ver uma última vez.

—Oh, não se preocupe com seu velho pai estúpido. — Anise acenou com a mão instável. —Ele está bem. Drogado, mas bem. Nós vamos lá juntos. —Suas palavras estavam começando a correr juntas. —Eu preciso lhe mostrar a capital de qualquer maneira.

A capital. Para onde Nicholas estaria indo - se ele ainda estivesse vivo.

Anise deu um beijo apaixonado na boca. —Nossa capital. Será nossa, Clara.

—Minha rainha, você me emociona com essa conversa. — Nem uma mentira, nem mesmo de perto. Clara estava extasiada com uma nova esperança quando desabou com Anise nas almofadas, acariciando seu braço quando os olhos da rainha se fecharam. Ela esperou dez minutos, contando os segundos enquanto a festa se arrastava. Quando Anise não mostrou sinais de acordar, Clara correu através do mezanino para as sinuosas escadas negras que haviam subido. No fundo, havia uma sentinela feérica.

—Eu preciso buscar algumas coisas nos aposentos da minha rainha. — Clara enfatizou a palavra "aposentos", sorrindo sugestivamente. —Ah, e ela não quer ser incomodada. Eu a deixei dentro... Suponho que você possa chamá-lo de estado despojado.

Os olhos do soldado se arregalaram um pouco e Clara passou correndo, rindo. Ela esperava que não parecesse muito frenética. A ansiedade a estava deixando tonta. Anise podia acordar a qualquer

momento, e a festa lotada atrasava o progresso de Clara. Ela continuava sendo levada a dançar, girada entre parceiros alternados, flertada e brigada por cortesãos recém-ansiosos por ganhar seu favor. Era um inferno glamouroso, repleto de fadas e humanos acorrentados.

Clara os enrolou o máximo que pôde, virando distraidamente a dança após a dança. Se ela fizesse uma saída muito rápida, isso seria notado. Borschalk, onde quer que estivesse, notaria. Ela tentou procurá-lo sem ser vista, mas ele não estava em lugar algum. Clara sabia que Borschalk não seria enganado.

Por fim, conseguiu escapar pelas portas principais do salão, abrindo caminho através de um vestíbulo cheio de fadas em vários estados de deboche. O cheiro de açúcar ardeu na língua de Clara. Se ela não saísse logo, a fumaça e seu próprio medo a sufocariam.

Lá - a saída. Ela correu em direção a ela, não tentando mais furtivamente, mas alguém a agarrou pelo braço antes que ela pudesse alcançá-lo. Outro cortesão bajulador?

Clara se virou, frenética. —Por favor, a rainha está me esperando-

A fada que segurava a mão dela estava fortemente encoberta, com um cocar escuro que caía até a cintura e uma máscara pesada que bloqueava tudo, menos os olhos e a boca - uma boca familiar, e olhos não azuis, mas escuros. Quando ele a puxou para seu corpo, Clara o deixou, lembrando no último momento de parecer lisonjeada. As penas do cocar dele sussurravam contra os lados dela, e ela sentiu um leve cheiro, um familiar.

—Nicholas? — Ela respirou.

—É uma festa e tanto. Você pode ver as luzes por quilômetros.

Ela poderia ter lhe dado um soco na cara estúpida e mascarada. Ela poderia ter liberado o poder que agora se agitava dentro dela, tão traidoramente, sem ajuda, feliz.

Em vez disso, ela o puxou para mais perto. —Você perdeu os sentidos? Você não é alto o suficiente para ser uma fada, e seus olhos são escuros, pelo amor de Deus...

—Mas é um disfarce justo, não é? Por tão pouco tempo?

Nicholas, Nicholas...

Ele inclinou a cabeça sobre a dela, respirando o perfume dos cabelos dela. Ele balançou contra ela, superado. —Eu vi você dançando. Clara, pensei que tinha te perdido.

Clara colocou os braços em volta do pescoço dele, deslizando em um abraço íntimo. Fadas entrando e saindo pelas portas paravam para observá-los, com ciúmes das fadas com as mãos no novo animal de estimação da rainha. Ela tentou rir coquete. Ela queria chorar ou gritar.

—Me perdeu. — Sua voz era áspera. Boa. Boa. Ela se agarrou a esse som. —Talvez seja isso que eu queria. Talvez eu não queira você aqui.

Ele ainda estava. —Eu mereço isso.

—Você merece muito pior. — Ela se afastou, e ele a pegou rápido.

—Clara, por favor. — Disse ele desesperadamente. —Não vá.

Ela encontrou os olhos dele, furiosos. —Se você tentar me segurar contra a minha vontade, eu vou te matar.

—Eu sei. Eu sei que você vai.

—Não me tente.

—Eu não vou. Sei muito bem do que você é capaz.

Dançarinos se espalharam pelo saguão, a música os seguindo. Clara começou a dançar também; ela já se destacava o suficiente. Nicholas seguiu o exemplo, suas mãos segurando seus braços nus. Ela poderia ter derretido com a sensação dele tão perto, dominada pela sensação e memória. Tão inesperada, essa reunião, e entupiu sua garganta com lágrimas.

—Por que eu não deveria te matar?

Ele ficou quieto. Seus quadris circulavam, imitando os outros dançando ao seu redor. —Eu não sei.

—É melhor você me dar uma razão.

—Eu não tenho nenhuma. — Ele riu, parecendo perdido, e isso a irritou. Ele não tinha direito à vulnerabilidade. —Só sei uma coisa: desculpe, Clara.

Ela abriu a boca para protestar, impaciente.

—Por favor. — Ele disse. —Deixe-me terminar? Por favor.

Ela se virou nos braços dele, como os outros dançarinos, de costas para a frente dele. Quando ele se inclinou para falar, seu cocar caiu ao seu redor, uma capa de penas pretas.

—Quando você desapareceu. — Ele disse baixo. —Eu perdi a cabeça. Entrando naquele celeiro e descobrindo que você se foi...

—Sim, você ficou arrasado, tenho certeza, ao encontrar sua futura escrava desaparecida.

Um som dolorido em seu ouvido. —Que eu poderia ter pensado uma coisa dessas...

—E você fez isso. — Ela se virou, cruel, e o conduziu através da multidão dançante até uma alcova cortinada, úmida de pele e açúcar. Certamente ninguém ousaria segui-la para dentro, então ela arrancou a máscara dele. Um erro. Ela pensou que isso o deixaria desconfortável, não sendo capaz de se esconder dela. Em vez disso, foi ela quem perdeu o equilíbrio, destruída pela expressão em seu rosto. Havia desculpas lá e uma adoração crua, insuportavelmente familiar. Isso a deixou se sentindo despedaçada e esperançosa, o pior de tudo.

—Eu ouvi você conversando com os outros. — Disse ela, lutando contra o desejo de tocá-lo. —Você disse que me forçaria a me ligar com você, me forçaria a lutar por você.

—Eu disse isso.

—E agora? Por que eu deveria te perdoar?

—Eu não sei por quê. — Ele esfregou a mão no rosto, e isso o envelheceu. —Não consigo pensar em um único motivo para você confiar em mim, Clara, ou em mim, além de um monstro. Mas sei que quando descobri que você se foi, enlouqueci. Não, não porque não podia mais usá-la. Porque eu tinha te perdido - sua amizade, sua inteligência. Sinndrie me salve, sua proximidade. — Ele se virou, se conteve, voltou. Era importante para ela ver o rosto dele. Seu coração torceu. Ele era sincero ou simplesmente aquele mesmo pretendente inteligente? Ela se desesperou por poder confiar nele. —Nós nos dividimos em grupos para procurar por você, e eu abandonei o meu. Eles não estavam se movendo rápido o suficiente. Eles não amavam - Clara, eles conhecem você, mas não como eu. Você esteve comigo todos esses anos. — Seus olhos eram brilhantes, sua voz áspera. Foi

avassalador. —Você era a única amiga que eu tinha. Você é a única amiga que tenho. Drosselmeyer nunca se preocupou em falar comigo, não além do necessário. Eu era um fardo para ele, mas não para você. Você falou comigo. Eu era sua amiga e você era minha. E eu te paguei pensando que eu poderia manipular você para me servir, e por isso você deveria me matar. Eu não mereço nada além disso, e não digo isso para despertar sua pena. É o que eu acredito.

Falar foi um feito. —Então por que você veio aqui hoje à noite?

—Para vê-la. — Disse ele simplesmente. Um sorriso cansado e tenso. —Eu não sabia o que você diria, mas precisava encontrar você. Era tudo o que eu sabia, nesses últimos dias - não responsabilidade ou dever - apenas você. Seus olhos. Sua voz. — Ele ergueu a mão hesitante para o rosto dela. Eles estavam mais próximos agora, pairando perto, e ele a tocou como se não pudesse se conter. —Clara, sempre foi só você, e eu tenho vergonha de ser estúpido o suficiente para pensar o contrário. Não me atrevo a pensar que você pode acreditar em mim, mas tive que dizer. Vou deixar você, se desejar. Diga a palavra e nunca mais precisará me ver.

Ela se inclinou em seu toque, e ele cheirava a casa. —Como você chegou aqui? Eles estão caçando você.

—Eu sei. — Ele disse ironicamente. —Estava colocando em perigo todo mundo até eu sair - Bo, Erik, os outros. Suponho que eles continuaram em Rieden.

—E você não foi com eles.

—Não. Como eu poderia? — Ele respirou instável, seus olhos procurando o rosto dela. —Naquele momento em que percebi que

você se foi, tudo mudou. Eu reconheci meu egoísmo e entendi a verdade.

—Qual é?

—Eu odeio as fadas. Eu sempre as odiarei pelo que fizeram. Não sei como vou parar de odiá-las, ou como reconstruir meu reino, recuperá-lo ou transformá-lo no que sei que deveria ser - um lar seguro, justo, para todas as raças. Eu não sei quem eu sou Eu esqueci, ou talvez eu nunca soubesse. Não sei nada, Clara- — Ele pegou o rosto dela em suas mãos, sua expressão urgente. — Exceto que sinto muito, e que farei qualquer coisa para ajudá-lo. Agora não sei nada além de você.

Quando ela respirou fundo para falar, doeu. —Como posso confiar em você de novo?

Ele ficou calado; ele não teve uma resposta.

Atrás dele, as cortinas se abriram. Um par de fadas rindo tropeçou dentro, já sem roupa, taças na mão - mas congelaram quando viram Clara e Nicholas. Um momento terrível, suspenso ali como a claridade antes de uma queda.

Então elas gritaram uma maldição na linguagem das fadas e voltaram apressadamente pelo caminho por onde haviam chegado, gritando acima da música, disparando o alarme. Clara podia imaginar o que elas estavam dizendo: o príncipe humano está aqui - com ela, o animal de estimação infiel da rainha!

Não havia tempo para julgá-lo confiável ou não, não havia tempo para dizer o que precisava ser dito, e agora a escolha havia sido feita para ela. Eles compartilharam um olhar, e ela agarrou a mão dele, frustrada.

Eles correram.



A cidade-palácio deserta, com seus habitantes distantes, era como um pesadelo do qual todos os demônios haviam ido - estradas negras vazias, torres negras misteriosas. As janelas do palácio brilhavam em um azul escuro, e as torres de vigia ao longo da parede brilhavam em verde. Tudo fervilhava com minúsculas sombras, embora Clara não soubesse se eram os mecânicos de Anise que estavam moldando novas paredes ou se derivavam do próprio medo fervilhante de Clara. Um pequeno flash de azul a fez girar, procurando kambots; uma onda de som escuro a manteve correndo para a frente.

—O muro ocidental. — Ela ofegou. Atrás deles, a música continuava, mas gritos e passos indicavam uma perseguição feroz. — Caiu ontem à noite. Anise estava... emocional.

—Foi assim que entrei. — Nicholas virou uma esquina, deslizando sobre os paralelepípedos de metal frio, escorregadio com óleo. —Suponho que uma festa tão luxuosa seja mais importante do que reconstruir o muro.

—Não é como se houvesse algo para se defender aqui.

—Apenas príncipes com senso questionável. — Ele concordou levemente enquanto desciam uma escada preta e sinuosa para um nível mais baixo da cidade. Ela não gostou da pobre tentativa de

humor. Era insano sair? Ela congelaria na natureza em seu vestido, e Anise dissera que a levaria ao pai. Mas, embora a rainha tivesse falado em refazer o mundo, a noite mostrara a Clara o contrário. Não havia garantia de que Anise cumprisse suas promessas se Clara ficasse, e mesmo se ela o fizesse, Clara seria condenada a uma vida de brincadeiras e mentiras, de fingimento perigoso.

Esta noite marcou o fim de seu décimo sexto dia em Cane; quatro, então, teriam passado em casa.

Escolha, novamente, tão odiosa como sempre. Além disso, ela pensou, olhando de soslaio para Nicholas enquanto eles escalavam os escombros na parede arruinada, aproximando-se de tochas e lanças brilhando em azul por trás deles, ela não podia ficar à toa e deixá-los machucá-lo. Ainda não. Não até que ela tivesse julgado por ele.

O amanhecer não estava longe. Na parede com ameias, banhada pela luz verde pálida da torre de vigia, uma fada vestida com nada além de uma cartola de penas e luvas pediu um voluntário. Soldados rindo jogaram para ele um humano que gritava, seu terror abafado pelos sons de um grande chifre de bronze. Parecia que a festa não estava inteiramente confinada aos salões de baile.

O rosto de Nicholas estava sombrio quando os soldados acima gritaram de tanto rir. Clara desceu atrás dele, tremendo, e então eles estavam do outro lado do muro arruinado, na beira da tundra, na sombra do Palácio de Verão. As torres de aço dos trens de Anise pareciam gigantes. Nas nuvens escuras, as luzes da tempestade e as luzes do trem se misturavam em um emaranhado de eletricidade.

Não havia tempo para se intimidar com essa extensão, no entanto, não quando os soldados atrás deles estavam mais próximos a cada segundo. Raias azuis queimaram o ar. Clara o fez correr, mas Nicholas a segurou pelo braço, um olhar estranho no rosto - como se ele soubesse.

—Você quer ir embora, não é, Clara?

Ela não queria ser desonesta, não depois de dias de manipulações e fingimentos. Que estimulante, para dizer a verdade.

—Parte de mim quer. — Era tudo o que ela diria, por enquanto, com os beijos de Anise ainda queimando em sua pele.

Então o palácio atrás deles explodiu de luz.



Ao longo da parede externa e nas laterais de todas as torres, e acima das grandes tendas onde ainda tocavam os tambores da festa, cem cromocasts se acenderam.

Nelas, ampliadas para proporções grotescas, estava o rosto de John Stole.

—Clara? — Sua voz, gigantesca e distorcida, ecoou pela cidade.

—Clara, é você?

Ao lado de Clara, Nicholas xingou. Clara deu um passo vacilante em direção ao palácio. O cabelo do pai dela estava despenteado, os olhos turvos, mas era inconfundivelmente ele. Como Anise havia dito, ele não se machucou. Confuso, mas não ferido.

Na parede, a fada enluvada - braços banhados em sangue fresco - aplaudiu, aplaudindo e aplaudindo: —Oh, que festa maravilhosa é essa!

—Não sei onde estou. — John Stole esfregou os olhos. Seus lábios estavam manchados de açúcar azul. —Alguém está me dizendo... Eu devo dizer para você parar. O que quer que você esteja fazendo, Clara, pare. Precisamos chegar em casa. Eles estão me dizendo que se você fizer isso, nunca chegaremos em casa. O que eles querem dizer?

Seu rosto querido, sua barba ruiva ridícula. A visão dele foi um alívio terrível. Vê-lo vivo e bem, como Anise prometera... Clara se virou, cheia de dúvida.

—Você acha que é real? —,Perguntou Nicholas. —Talvez seja um truque.

Não, não é um truque. Clara sabia o que era: uma segunda chance. Ela poderia voltar, pedir desculpas, dar-lhes Nicholas e implorar seu caminho de volta às boas graças de Anise. Se ela fizesse isso agora, poderia salvar Anise da humilhação de perguntar.

Talvez ela pudesse salvar seu pai também.

A infeliz miséria disso. Clara estava doente de indecisão. —É real. Talvez seja mais real do que qualquer outra coisa que ela me disse.

O pai dela começou a gritar, torcendo nos chromocasts. Alguém invisível o estava machucando.

As fadas na parede piaram, assobiaram. Acima das grandes tendas, fogos de artifício explodiram.

—Clara, eu não entendo o que está acontecendo, o que eles estão fazendo. — O pai dela estava cheio de dor. —Eles não vão me dizer. É Plum? Eu continuo pedindo por ela. Ninguém vai me ouvir.

Sua confusão foi a pior coisa. Ele pensou que ainda estava em Nova York. Ele achava que era sobre Patricia Plum, sobre Concordia. Na parede, a multidão de soldados das fadas, brilhando em seus trajes de festa, havia parado e estava olhando para onde Clara estava, imóvel, indecisa. Os soldados estavam esperando, sem dúvida, pela palavra de Anise.

Clara se virou.

Nicholas se aproximou. —Clara? O que você quer fazer?

O aço em sua voz e a paciência a trouxeram de volta a si mesma. Ela piscou além das lágrimas, agarrada à intensidade de seu foco.

—Ela me quer de volta com ela. Ela quer que eu a ajude a reconstruir seu reino.

—Entendo.

—É isso que você quer? — Ela deu um passo em sua direção. O alívio discordante de vê-lo vivo estava desaparecendo diante dos gritos de seu pai. —Para eu te ajudar? O padrinho me alertou contra confiar em você, e ele estava certo. Enquanto eu estava enlouquecendo de dor, você estava planejando a melhor maneira de me usar.

Ele parecia perdido por palavras, seus ombros caídos. Ele não pediu desculpas novamente, e ela apreciou isso, quando essas palavras pálidas a teriam enfurecido mais do que qualquer outra coisa. O olhar oco em seus olhos era suficiente, por enquanto.

Seu pai havia escapado do cromocast, mas ela ainda podia ouvi-lo. Seus gritos ficaram histéricos.

—Eu não posso falar sobre isso agora. — Disse Clara chorando, sua respiração tensa. —Temos que correr.

—Mas você tem certeza-

—Eu não serei responsável por sua morte, como você é pela minha mãe. — Ela estava machucando-o com suas palavras, e a acusação era injusta, mas ficou contente em dizer de qualquer maneira. —Apenas corra, antes que eu mude de ideia.

Ela se transformou na noite. O Palácio de Verão era um monstro nas suas costas e, embora isso tornasse tudo mais difícil, ela teve que fugir dele. Anise queria muito que ela se arriscasse a machucar o pai além do reparo, pelo menos até que ela tivesse Clara de volta.

Pelo menos Clara esperava que sim. Era algo incrível para se apostar na vida de seu pai. Talvez a rainha decidisse que Clara não valia a pena esse problema - embora, depois da noite passada, ela pensasse que era improvável.

Então as luzes se apagaram, os chromocasts escurecendo. O ciúme disparou no ar como veneno, como uma coisa real, real e terrível e tão viva quanto qualquer criatura. As paredes do palácio tremiam de raiva.

E Nicholas começou a gritar.

Clara girou ao vê-lo cair no chão, torcendo de dor. Ela correu para ele, sem saber onde tocar, pois ele estava se arranhando. Ela pegou o braço dele, disse o nome dele. Com uma força que a surpreendeu, ele a jogou fora, e ela bateu no chão com força. Imediatamente defensiva, ela ficou de pé e ficou de joelhos - e olhou

horrorizada, pois Nicholas estava arrancando seus cabelos, cada linha musculosa tensa de dor. Sangue irrompeu em jorros quentes, placas de metal ressurgindo em seu corpo, pinos de aço grossos serpenteando em sua carne, uma treliça de aço ecoando em suas veias.

Ela colocou a mão na boca. Isso não. Qualquer coisa menos isso.

—Está voltando, Clara. — Seu rosto estava encharcado de lágrimas. Ele estendeu a mão avisando e o metal explodiu ao longo de seus dedos, envolvendo-os completamente em pratos pontiagudos e adequados. Ele se afastou dela, incapaz de ficar de pé. —A maldição. Ela me encontrou. Ela está acordando.

Nos primeiros dezesseis anos da minha vida, eu não conhecia nada além de ódio e guerra. Fui criado em estratégia e armamentos, em laboratórios com corpos dissecados de fadas, abertos para estudo. Meus pesadelos estavam cheios de monstruosas criaturas negras mecanizadas me engolindo inteiras e me cuspindo de volta, silenciosas e imóveis.

Então eu conheci Leska.

Ela era uma maga, uma verdadeira Dama do Norte, poderosa e ambiciosa - até certo ponto. Enquanto alguns magos fariam qualquer coisa para ser um dos Sete, Leska se apegou a seus princípios. À medida que a guerra entre humanos e fadas aumentava, à medida que a participação dos magos evoluía de relutante para ansiosa, Leska começou a peticionar a nobreza pela paz - negociações, um armistício. Ela até arranjou uma reunião entre o pai e Anise.

Não foi bem.

Ainda me lembro disso. Na ampla e iluminada Hoflicht, onde a pedra branca capturava a luz do sol e fazia todo o pátio brilhar como um mar de vidro, papai e Anise se encontraram no selo Drachstelle. Seria uma saudação cheia de cerimônia e pompa vazia, antes de se encaminhar para um local neutro para negociações.

Lembro-me de ver Anise chegar, sua guarda pessoal a acompanhando. Um em particular, um animal alto de uma fada com um rosto cruel e a faixa sem adornos que significava um novo recruta,

tinha olhos apenas para Anise, seguindo seus movimentos com luxúria indisfarçável. Eu estava atrás de minha mãe e pai, fervendo por que deveríamos nos abaixar tanto. Paz com as fadas? Incompreensível.

Anise deve ter sentido minha raiva. Quando ela se aproximou do pai, seus olhos encontraram os meus. O cocar e as roupas que ela usava a faziam parecer impressionante, apesar de sua forma leve. Até eu podia admitir isso para mim mesmo. Ela me examinou da cabeça aos pés, e o sorriso que se curvou em seus lábios foi desdenhoso, divertido.

Eu quase me joguei para ela.

Eu não tive a oportunidade. No instante seguinte, um tiro foi disparado de algum lugar na multidão da nobreza humana - uma flecha negra que parecia suspeita como uma arma de fada refeita. Reconheci na flecha os esforços dos magos e de nossos melhores ferreiros, que trabalharam incansavelmente para recriar os desenhos das fadas a partir dos destroços de inúmeras escaramuças e invenções confiscadas.

Anise desmontou a coisa no ar, chicoteando na direção dela com um rosnado. No mesmo instante, uma figura colidiu com ela, derrubando-a.

Leska prendeu Anise no chão, protegendo-a com o corpo.

—Você está com raiva? — Leska chorou para a platéia atordoada. —Esta é uma conversa de paz, não um campo de batalha!

O grande soldado das fadas empurrou Leska para longe, atraindo Anise em seus braços por um momento antes que ela o sacudisse, gritando vulgaridades para a multidão. O resto de sua

escolta preparou suas armas - aquelas temíveis luvas pretas, aquelas enormes lanças negras que cuspiam eletricidade azul tão facilmente quanto nossos arqueiros lançavam flechas. Nossa guarda real desembainhou suas espadas.

O pai nem sequer se encolheu. Ele sorriu, assistindo Anise friamente.

Ele sabia que isso iria acontecer. A reunião tinha sido um ardil. Sem dúvida, o pai esperava que a flecha perfurasse seu coração.

As fadas em menor número recuaram após alguns momentos tensos, embora o sorriso feroz e determinado de Anise permanecesse muito tempo depois de sua partida. Olhando para trás, vejo que selamos nosso destino naquele dia.

Na esteira deles, Lady Leska se virou para o meu pai.

—O que você fez? — Ela sussurrou. —Não podemos estar para sempre em guerra, meu rei, ou vamos nos despedaçar.

A expressão do pai era de nojo quando ele a dispensou.

Mas eu estava cativado. Nunca me ocorreu que havia outra opção além da guerra e do ódio. Quando você é criado no ódio ao lado de leite e pão, ele começa a sustentá-lo. Torna-se você.

Como se tornou eu.

Durante semanas, eu contemplava essa mudança em mim, essa mudança provocada pelo aparecimento de Lady Leska com sua mandíbula teimosa e seu olhar destemido. Enviei meus espiões pessoais para reunir informações sobre ela. Finalmente, procurei-a nos bairros sombrios do norte da capital.

Lá encontrei não apenas Leska, mas muitas pessoas - humanos e magos - que se reuniam secretamente e trocavam mensagens

codificadas em plena luz do dia, que falavam de paz, comícios e protestos.

Naquela primeira noite, fui preso por homens mascarados e levado perante a própria Leska.

Uma vez solto, eu a avisei: —Eu poderia executá-la por isso.

—Mas você não vai. — Ela disse, e seu sorriso era gentil. —Você não quer mais ser um carrasco. Você está curioso sobre a paz. Você não está, meu príncipe?

Ela deu palavras a emoções que eu ainda não havia decifrado. Eu estava cansado de matar, cansado de estratégia e espionagem. Fui criado para levar a cabo a guerra de meu pai e me perguntei se havia algo além daquele maldito propósito. Quem era eu debaixo do sangue nas minhas mãos?

Sob a tutela de Leska, aprendi sobre paz. Encoberto por roupas sujas, saí dos meus aposentos vigiados e atravessei os telhados, deslizei pelas calhas. Eu me encontrei com Leska e seus seguidores várias vezes por semana. Eu até consultei fadas que desertaram, que vieram para a capital em busca de ajuda de magos simpáticos, que os escoltaram para o norte para se esconderem.

Leska se tornou a melhor professora que eu já conheci e eu a amava. Eu a adorava. Todos nós pensamos que todos nós temos sede de paz. Como não poderíamos amá-la quando ela ardia com tanto desejo por justiça?

Mas não poderia durar.

Drosselmeyer, meu mago amarrado, meu protetor jurado, meu tutor, meu aliado na corte, tinham um segredo terrível e embaraçoso.

Ele também amava Leska.

E para ele não era apenas uma admiração platônica. Era obsessão. Uma vez, eles tinham sido amantes, como Leska me disse uma noite; houve anos de paixão entre eles. Fiquei chocado ao saber que Drosselmeyer ansiava por paz também. Mas, em última análise, sua ambição o venceu - quando o velho Ehrlmeyer morreu e um assento se abriu nos Sete, Drosselmeyer abandonou os esforços de paz e fez o que pôde para ganhar o favor do pai.

Funcionou. Ele foi designado e, sobre o altar cerimonial, nu como os recém-nascidos, ele e eu juntamos as mãos, trocamos sangue e fomos amarrados.

Mesmo antes de conhecer Leska, eu conhecia Drosselmeyer pelo que ele era - um bajulador com moral dúbia e aspirações políticas implacáveis.

Ele também estava com ciúmes, desesperadamente, de qualquer pessoa com quem Leska sorrisse, pois quando Drosselmeyer abandonou a paz pelos Sete, Leska o abandonou.

Então, quando eu comecei a me esgueirar, quando rumores surgiram por toda a equipe do castelo de que o príncipe estava em contato com alguma amante misteriosa, Drosselmeyer suspeitava do pior. Que Leska tinha me levado para sua cama, que agora me amava, já que não o amaria mais.

Uma noite ele me seguiu e não veio sozinho. Ele trouxe Rohlmeyer, o primeiro dos Sete, determinado a nos humilhar.

Eles nos encontraram no humilde apartamento de Leska, relaxando juntos após uma reunião bem-sucedida. Era tão inocente quanto irmã e irmão, e eu pude ver no rosto de Drosselmeyer que ele entendeu seu erro imediatamente.

Mas era tarde demais para isso. Rohlmeyer prendeu Leska por traição e me levou perante meus pais por punição. Naqueles dias, Drosselmeyer me sombreava por toda parte, um olhar vazio e idiota em seu rosto. Em choque, talvez, por ele ter interpretado mal o nosso relacionamento e, ao fazê-lo, sentenciado à morte seu grande amor.

Pois, é claro, seria a morte de Leska. Os juízes do pai torceram seus esforços de paz em uma rebelião diabólica e nosso relacionamento em algo escandaloso e manipulador.

Eu assisti, arrasado, enquanto os juízes declaravam sua sentença. Ao lado deles, o pai sorriu.

Leska não demonstrou emoção ao pronunciar sua própria execução iminente. Ela manteve a cabeça erguida enquanto a amarravam em correntes.

—Você não tem vergonha, traidora? — Disse a mãe do trono. — Nem mesmo um pedido de misericórdia.

Leska sorriu. —Por que eu teria vergonha, Majestade? Tudo o que eu fiz eu faria novamente. Tudo o que fiz, fiz pelo meu país.

Naquela noite, ouvi Drosselmeyer chorando em seu quarto, que ficavam ao lado do meu. Leska seria executada na manhã seguinte.

Eu sabia o que tinha que fazer.

Eu o chamei, e juntos - embora o ódio entre nós agora invadisse como um inferno, pois cada um de nós culpava o outro pelo destino de Leska - nós nos esgueiramos para a torre da prisão.

Ajudamos Leska a escapar, envoltos em sua magia combinada. Leska era a mais poderosa deles; ela sempre era. Antes de se tornar pacificadora, Leska estaria na fila do lugar de Rohlmeyer. Ela teria governado os Sete e, por sua vez, seria a embaixadora dos magos.

Uma vez fora da capital, ela convocou Portas - pequenas coisas, fortes o suficiente para durar apenas alguns segundos. Elas nos ajudavam as atravessar vasta as extensões do país. Por longas horas, fugimos por sua cadeia frágil de Portas até chegarmos, sem fôlego, ao Anel de Mira. A terra tremia aqui, eternamente inquieta contra a beira do mar.

Drosselmeyer exigiu explicações ao mesmo tempo.

—Pretendemos ajudá-la a escapar, não nos levar a uma jornada louca.

—Você está com ciúmes. — Eu assobiei. Minha paciência estava acabando. —Você gostaria de ter esse tipo de habilidade. Mesmo agora, com Leska salva da morte, você pode pensar apenas no seu ciúme.

—Pare com isso, Nicholas. — Disse Leska. Então ela pegou meu rosto nas mãos e beijou minha bochecha, e eu quase perdi a compostura, pois não conseguia me lembrar de quanto tempo fazia desde que meus próprios pais me tocaram com algo parecido com amor. —Lembre-se do que fizemos juntos. — Ela me disse. —Ainda há a possibilidade de paz.

Drosselmeyer se moveu irritado ao nosso lado, mas eu o ignorei. —Anise nunca vai concordar com a paz.

Uma grande melancolia cruzou o rosto de Leska.

—Talvez ela o faça se lhe for dada uma razão.

Então ela me abraçou, e eu a senti trocar um olhar com Drosselmeyer por cima do meu ombro. Algo carregado, silencioso e triste passou entre eles.

—Cuide dele. — Ela sussurrou, e então se virou e houve um flash de luz - outra porta, forte e sólida, a mais forte que eu já vi. Isso a envolveu, engolindo-a com um som violento.

Então ela se foi. Energia branca estalou em seu rastro.

Drosselmeyer soltou um grito de desespero.

Acenei com as mãos, procurando estupidamente no ar a Porta, como se fosse uma maçaneta que eu pudesse agarrar, uma dobradiça que eu pudesse abrir.

Mas Leska tinha ido para o Além. Drosselmeyer tentou em vão abrir uma porta atrás dela, mas, embora ele pudesse sentir o caminho que ela seguira e pudesse seguir sua mágica familiar tão facilmente quanto uma estrada, ele nunca fora tão poderoso quanto ela. Ele não podia abrir uma porta para Além; ele não tinha habilidade para isso, ficou doente tentando. Eu sabia naquele momento, com Drosselmeyer gritando de joelhos na neve, que nunca conseguiríamos encontrá-la. Aqueles que iam para o Além não retornaram. Se você acreditava nas histórias antigas, significava que ela havia entrado em outro mundo. Talvez o mundo de onde originalmente tínhamos vindo.

Papai sabia o que havíamos feito, mas sem evidências para nos condenar e para salvar a humilhação de prender seu próprio filho, ele simplesmente se tornou ainda mais impossível de se conviver.

Felizmente, não tive que morar com ele por muito tempo.

No meu décimo oitavo aniversário, no auge do inverno, chegaram as fadas. Não uma escolta ou comitiva, mas um exército – elas demoliram Wahlkraft, mataram minha mãe e meu pai enquanto fugiam, mataram os Sete enquanto lutavam para nos defender.

A capital foi perdida por chamas azuis e enxames mecanizados pretos. Drosselmeyer e eu o vimos das terras agrícolas quando fugimos da cidade a cavalo. Nós éramos os únicos dois do tribunal dos meus pais que restavam vivos. Claro que Cane seria cruel o suficiente para me deixar sozinho com ele.

Anise nos perseguiu como uma tempestade indomável. Em todo o país, ela nos perseguiu, seguindo-nos pelas tentativas sem foco de Drosselmeyer com as Portas que nos cuspiam com a pele queimada e os cabelos chamuscados.

No Anel de Mira, nossos cavalos desabaram. Eu procurei na escuridão nevada por Anise e seus tenentes montados em saliências, enquanto Drosselmeyer queimava os dedos tentando abrir uma porta, xingando a si mesmo, xingando Anise, xingando-me mais alto de todos. Ele praticava há anos, desde a partida de Leska, com a intenção de segui-la. Vi que ele seria capaz de fazê-lo se tivesse um momento. Vi seu desespero e o achei patético. Eu me perguntava por que ele não demonstrou tanta devoção a Leska enquanto ela ainda era dele para amar.

O grito de um batedor me disse que Anise estava perto. Eu a vi, envolta em peles, um capacete de metal e penas na cabeça como uma coroa.

A porta se abriu finalmente. Drosselmeyer entrou e me puxou junto com ele, mas na pressa dele não conseguiu me puxar rápido o suficiente, e a arma de Anise me atingiu nas costelas. Agulhas me apunhalaram. Magia das fadas surgiu através do meu sangue, me queimando de dentro para fora. Eu ouvi o riso de Anise, gradualmente diminuindo até um pequeno ponto, pois a maldição

dela estava me engolindo, sufocando a respiração, congelando meus membros. Vi a escuridão nublar meus olhos, senti o metal brotar da minha pele em cascatas de dor.

A última coisa que vi do mundo exterior foi um pouco de relâmpago azul ricocheteando na borda da Porta e cortando o rosto de Drosselmeyer. O sangue jorrou e ele me soltou para apertar a mão sobre a ferida.

Foi um pouco de conforto, então, quando a magia de Anise me comeu vivo, ouvir os gritos de agonia de Drosselmeyer e saber que ele havia perdido o olho.

PARTE QUATRO

A MALDIÇÃO DO PRÍNCIPE

Mas você vê, esses artistas são todos membros de nosso balé mecânico, então eles só podem fazer a mesma coisa repetidamente.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Nicholas agachou-se no chão como uma fera, metal explodindo em seu corpo. O tempo se desenrolou lentamente enquanto Clara o observava, longos impulsos de horror que a envolviam e a apertavam.

—Mas o padrinho quebrou a maldição. Nós libertamos você.

Mesmo quando ela disse as palavras, ela percebeu que não era verdade. O padrinho não teve tempo de remover tudo. Havia pedaços deixados para trás em seu corpo. Talvez, então, a maldição não tivesse sido quebrada, mas simplesmente permaneceu adormecida. Agora ela acordou e se arrastava pelo corpo de Nicholas, dobrando-o de volta para dentro da gaiola. Ele estava uivando, e também o palácio atrás deles, como se algo no fundo estivesse despertando.

Clara se ajoelhou e pegou o alfinete novo que havia saído do braço de Nicholas, coberto de sangue. Ela o desalojaria, jogaria na neve - mas ele já havia se enrolado em seu antebraço como uma videira rastejante.

—Não me toque! — Ele estava chutando ela, se debatendo. Seus dedos eram garras de metal. —Isso pode infectar você. Pode ir para você .

Certamente não. Caso contrário, teria se espalhado de Nicholas através da oficina do padrinho para envolver o padrinho, ou Clara, ou a própria cidade. Nova York, envolta em ferro e preto brilhante.

Ela forçou a voz a uma aparência de calma. —Eu não acho que vai-

—Não, Clara! — Ele se jogou para longe dela. A neve caindo derreteu onde tocou sua pele ondulante. —Fique longe.

Quando Clara se levantou, sentiu uma presença pairando no ar com as mãos invisíveis.

—Clara, o que você fez? — A voz novamente - a voz de Anise. Parecia chamá-la do próprio Nicholas, ou pelo menos do metal que o devorava. —Por que você está me deixando?

—Por causa disso. — Clara estalou, quase chorando, e ela ajudou Nicholas a se levantar, apesar de seus protestos. A raiva dela desapareceu temporariamente diante da dor dele. —Porque você mentiu para mim. Você diz que quer refazer o mundo, mas o que você realmente quer é derramamento de sangue.

A voz estava quieta.

Clara tentou correr, mas o peso flácido de Nicholas era demais. Ela não conseguiu segurá-lo. Eles caíram - Nicholas se contorcendo ao lado dela, sua voz rouca de tanto gritar - e por um momento terrível Clara perdeu a esperança. As torres de vigia estavam girando para iluminar ela e Nicholas. Os soldados retomaram a perseguição. Eles estavam em menor número.

Então uma ideia veio a ela.

Ela arrastou Nicholas a seus pés novamente. —Pense em Rieden.

—O que? Clara, eu não posso... — Ele se inclinou, segurando a cabeça.

—Imagine, no mapa de Bo. Lembra? O círculo escuro ao redor da capital. A floresta em que ninguém pode entrar. Deveria estar ao norte daqui.

—Norte distante. — Ele lutou para respirar. —Mas sim. Tudo certo.

—Imagine e mantenha em sua mente. — Ela se fez sorrir para ele. Eles haviam feito isso juntos uma vez antes, embora tivesse saído pela janela. Parecia há muito tempo. —Você confia em mim?

—Com a minha vida. — Ele murmurou, e Clara não parou para apreciar o calor cuidadoso em seu coração. Em vez disso, ela usou - junto com o som da voz de seu pai, fresca em sua mente, e sua memória do rosto de Felicity - para se concentrar na idéia de Rieden.

Mais uma vez, sentiu a presença de Anise atrás dela, mais perto desta vez, mas ela não voltou. Ela sabia o que veria: Anise, em uma perseguição louca, mecânicos derramando-se ao redor de seus pés como uma maré escura caindo em cascata na direção deles através da tundra.

—Clara. — Disse a voz, sussurrando nos braços trêmulos de Nicholas. —Você vai se arrepender.

A porta entrou em erupção, mais gloriosa e violenta do que qualquer outra Clara já havia convocado. Quando ela passou por ela,

Nicholas pesado em seus braços, a passagem os golpeou sem sentido. Eles aterrissaram com força, o vento os derrubou.

Clara levantou a cabeça. Ela pensou que poderia estar doente. O mundo estava inclinado, o céu estava girando, mas ela podia ver que eles não haviam ido longe o suficiente. Eles estavam no meio de uma vasta tundra - Rosche. Atrás deles, mas não longe de se sentir confortável, brilhavam as luzes do Palácio de Verão. Clara supunha que isso era o máximo que seu poder poderia obter.

Pelo menos em uma tentativa.

Nicholas estava olhando para ela, e a luz em seus olhos a lembrou daquela noite no estábulo, a primeira vez que a vira com seus próprios olhos verdadeiros. Ele estava cheio de admiração e uma alegria silenciosa.

—Lady Clara, de fato. — Ele lhe deu um sorriso instável.

Lady Clara. Lady, como sua mãe. Ainda era estranho ouvir o título, e ainda assim ela apreciava as palavras, pois dentro delas havia um novo senso de parentesco com o fantasma de sua mãe, e ela o embalou ferozmente em seu coração. Ela se inclinou contra Nicholas por um momento, como se fosse ela quem precisasse de ajuda para permanecer em pé. Então uma nova luz brilhou em seu rosto - atrás deles, uma porta que não era de Clara.

Anise.

—Norte. — Disse Nicholas, apontando à frente deles. —O norte é assim. Novamente.

Clara já havia começado a abrir a porta seguinte e depois outra e outra. E cada vez que caíam na neve, ela olhava para trás para ver

que as luzes do Palácio de Verão haviam diminuído um pouco mais e que Anise ainda as seguia.

Quando eles saíram de uma sétima porta, ela estava à beira de uma floresta negra, com uma grande estrutura de amoreiras do tamanho da parede do perímetro e quase tão sólida.

—Rieden. — Clara sussurrou. Seu corpo formigava, doía, zumbia; o ar ao seu redor palpitava com poder. Ela mal podia acreditar, mas aqui estavam eles: Rieden.

Nicholas riu, arfando. —Clara, você conseguiu.

Atrás deles, uma luz fina começou a espiralar.

Clara levantou Nicholas, com um peso pesado contra ela. —Temos que ir. Anise está logo atrás de nós.

Desanimado, ele olhou para a floresta à frente deles.

—Mas como?

Clara não respondeu. Ela agarrou o braço de Nicholas. Pedaços de metal do tamanho de uma aranha correram através de sua carne e se afastaram do toque dela, enterrando-se nas dobras dos cotovelos e embaixo da clavícula. Isso pareceu significativo, mas Clara não conseguiu parar de pensar. Ela endureceu sua mente contra os gritos dele, contra tudo, menos a floresta à sua frente.

Estava chamando por ela, chamando-a para dentro. Ela podia sentir isso em seu sangue. Uma sensação de lar a inundou. Rieden estava encharcado de magia de mago - instável, talvez até rachada, mas lá, e segurando-a com força. Isso a lembrava do padrinho, de ficar do lado de fora de sua loja e saber sem olhar para dentro que ele estava lá. Um magnetismo.

—Clara! — Anise estava atrás deles, saindo de sua porta. Sua voz estava furiosa, espessa de desespero. —Não.

Uma pontada no peito de Clara, ao ouvir a emoção crua da rainha, mas ela a ignorou e alcançou a parede da floresta. Seus dedos arranharam a casca e cederam como se nunca tivesse estado lá, como se fosse ela e ela fosse dela "*você é o quarto. Você é a sombra.*" e as engoliram inteiras.

Com um tremendo som de sucção, a floresta se fechou atrás deles, silenciando os gritos ininteligíveis de Anise. Barulhos estrondosos ecoaram como se algo estivesse batendo na parede da floresta a uma grande distância. Clara viu luzes azuis fracas, como uma tempestade no horizonte, e ouviu gritos distantes de fúria.

A floresta ondulou ao redor deles e ficou em silêncio.

Era um imenso emaranhado de espinhos e trepadeiras cobertas de musgo espinhoso e grandes árvores com troncos tão grossos que os braços unidos de uma dúzia de homens não poderiam ter se envolvido em torno deles.

Densa demais para a brisa, ou talvez magicamente isolada deles, a floresta estava quieta e vigilante. Clara não conseguia ver nem ouvir vestígios da vida selvagem, mas sentia os olhares de incontáveis olhos malévolos.

Ela tocou uma videira. Era como se o resto de seu tempo em Cane tivesse sido experimentado através de um véu, e só agora ela podia ver o país como era. Ela cheirava a especiarias no ar, amadeirada e úmida, e sentia cada pontada de musgo contra a ponta do dedo. Seu sangue corria poderosamente, apertado, frio e vibrando com prata. Não havia mágica das fadas aqui.

Exceto no homem atrás dela. Manchava o ar como uma doença.

—Clara? — Incapaz de se segurar, Nicholas desabou atrás dela. —Alguém está nos observando. Lá, nas árvores.

Clara seguiu sua mão trêmula até uma árvore negra e torta com raízes bulbosas. Na sua base estava uma figura, magra e encoberta. Ele ergueu os braços, algo longo, esbelto e brilhante entre eles.

Nicholas puxou Clara para o chão e se colocou em cima dela. Um raio prateado cortou a árvore atrás deles.

—Fique abaixada. — Ele disse a ela, mas então seu corpo agarrou e ele rolou para fora dela, gritando de dor.

—Nicholas? — Clara inclinou-se sobre ele. Mais placas de metal cortaram sua pele, achatando-se em uma armadura de retalhos na espinha, sobre as omoplatas.

—Por que não parou? — Um frenesi iluminou seus olhos. — Estamos em Rieden, não estamos? Não deveria nos proteger?

—Eu não sei. — Disse ela, impotente.

O movimento atrás dela fez Clara girar. Figuras sombrias se aproximaram da escuridão, encapuzadas e armadas com tremendas bestas. As flechas que carregavam eram prateadas - como lanças feericas e azuis.

Clara se colocou entre Nicholas e os estranhos, protegendo-o com o corpo. A fúria a sacudia em ataques frios. Recordações do trem, do encontro com os dragões, invadiram sua mente. Ela estava perto de um momento agora. Frenética para proteger Nicholas, suas mãos formigavam com energia engarrafada. Ela não queria liberá-la. Seu tempo no Palácio de Verão a ensinara a abrir as Portas, mas não como controlar muito mais seu poder - e se suas suspeitas estavam corretas, ela não queria magoar essas pessoas.

Ela enfiou uma das mãos nas figuras, certificando-se de que pudessem ver a energia lá. —Não chegue mais perto. Se o fizer, nós dois vamos nos arrepender.

Para sua surpresa, eles pararam. O mais próximo deles jogou o capuz para trás. Era um homem alto e esbelto, com cabelos escuros amarrados na base do pescoço e um tom familiar de cinza na pele. Clara pensou no padrinho, e a tristeza apertou seu peito.

—Você é uma maga. — Disse o homem, calmo.

Não era uma pergunta. Como é surpreendente ser reconhecida de maneira tão prosaica. —Eu sou. E você também.

O homem inclinou a cabeça, como um pássaro. —Mas você também é como ela. Sua magia tem o mesmo cheiro. Tem o mesmo gosto. Fria em vez de quente, no entanto. As proteções estavam confusas quando te admitiram lá dentro. E quem quer que seja - gesticulou para Nicholas - cheira a fada.

Outra figura, curvada, pronta, disse secamente: —O que estamos esperando, Ralk? Esta era uma mulher. — Olhos impiedosos sob o capuz. —Cheira a Anise, tem gosto de Anise. O que mais você quer?

—Mas ela entrou na floresta. Anise não pode entrar na floresta.

—Ainda.

O homem, Ralk, abaixou o arco. —O que você é, garota? Fale devagar e não...

A mulher fez um barulho impaciente. Ela esticou a corda do arco e, onde deveria estar uma flecha, a energia estalou, esticada entre as mãos da mulher. Assim como as lanças e luvas das fadas, parecia que os magos poderiam usar objetos para concentrar sua magia em armas. A mulher soltou a flecha e ela voou direto para Clara.

Clara torceu e levantou os braços, cruzando-os. Foi um movimento automático, como observar a posição do padrinho e saber como ele atacaria antes de fazê-lo. Um pequeno choque de luz irrompeu dos pulsos dela e cresceu ao seu redor como um escudo. A flecha ricocheteou inofensiva.

Cuidado, Clara instruiu. Surpreendeu-lhe a facilidade com que ela começou a falar com sua magia, como se fosse uma coisa viva. A energia da abertura da série de Portas ainda estava sobre ela como uma capa, pronta para ouvir. A força disparou dela, derrubando a mulher no chão. Levantando-se, a mulher colocou a mão sobre o ombro. Prata vazou entre seus dedos, e seus olhos estavam com medo.

Outro mago empoleirado nos galhos baixos de uma árvore próxima soltou uma flecha e um terceiro mago soltou mais duas. Clara mudou-se para conhecer cada um deles. De um passado que parecia ter existido muitas vidas atrás, ela ouviu a voz do padrinho enquanto treinavam no escuro.

Não era tão diferente combater essas flechas de raios. Ela estava cansada, insegura, mas caiu no ritmo como uma dança - absorvendo a energia das flechas dos magos, pois absorveria a força dos golpes do padrinho, girando nas pontas dos pés, como teria que combinar com as do padrinho em movimentos rápidos.

Ele a treinara para ajudá-lo, disse ele, e para se defender dos males da cidade.

Talvez ele também a tenha treinado com a pequena esperança de que, se descobrisse seu poder latente algum dia, teria alguma ideia de como lutar com ele. Em vez de tristeza naquele momento, ela sentiu uma onda de gratidão.

Os números diminuíram, abaixando os arcos.

Clara ficou emocionada e exausta com a despesa de poder. Ela sentiu Nicholas tocar seu tornozelo, firmando-a.

Ralk a observou com curiosidade. —Você trabalha mágica como Anise. Você não precisa de nenhum dispositivo externo para usá-lo contra outras pessoas.

Clara olhou para a mulher que a atacara pela primeira vez.

—Não vou me desculpar por me defender.

—Nem você deveria. Minha palavra. O ar está vibrando ao seu redor. — Ralk a observou por outro momento, e então seu rosto relaxou em um leve sorriso. —Você é Clara, não é?

Nicholas tentou se sentar, e a maga parecia atônita ao ver seu rosto.

—Oh, Zoya tem piedade de mim, é você. — Ela caiu de joelhos. —Perdoe-me, senhor. Eu não reconheci você ou sua dama.

Totalmente confusa, Clara ignorou a pergunta de Ralk. —Ou nos ataque ou ajude. Não fique aí boquiaberto.

Ralk riu, e alguém emergiu das árvores. Ela viu rostos familiares - Erik, Igritt e...

Clara ficou enraizada pelo choque quando uma forma minúscula correu em sua direção para fora das sombras e a abraçou.

—Bo? — Nicholas sussurrou com voz rouca.

—Dirigi-me diretamente aqui depois que você saiu, senhor. — Bo se afastou, sem fôlego. —Assim como você nos disse. Os magos nos deixaram entrar depois de muitas queixas e elogios, e quando viram quem havíamos trazido. Se você ainda não estava tão espancado no momento, eu soco sua cara por desaparecer assim.

—Os caçadores-

—Nos deram muitas alegrias, mas estamos todos aqui. Ah, Clara. — Bo a abraçou novamente, radiante. —Foi horrível no Palácio de Verão? Você estava com medo? Anise tem cheiro? Havia bolo?

Mas Clara não estava ouvindo; ela só tinha olhos para a figura mancando na direção deles. *Quando eles viram quem nós trouxemos.* Impossível. Inconcebível. E lá estava ele - apesar do braço enfaixado, da bengala improvisada e das muitas marcas de queimadura, a coisa mais linda que ela já vira. Seu tapa-olho estava faltando, e onde seu olho deveria estar sentado, um nó opaco de metal de fadas retorcido.

Nicholas, lutando para se levantar, respirou fundo.

—Padrinho? — Sua voz soou oca para seus próprios ouvidos. Ela estava correndo em direção a ele, e seu coração não pôde se fixar em nenhuma emoção. Quando ela caiu nos braços dele, ela foi um nó de alegria, alívio, dúvida.

—Clara, Clara. — Ele estava sussurrando, e ela percebeu ao ouvir a voz dele quantos anos ele realmente tinha, e quão sobrecarregado de dor. Ela deu um passo para trás e sorriu chorosa para ele.

—Você está fantástico. — Ela anunciou.

Ele riu e beijou suas bochechas. —Você lisonjeia um homem velho, querido coração.

—Como você... — Ela apertou os braços dele, querendo enterrar o rosto na camisa esfarrapada, mas não ousou tirar os olhos dele agora. —Ouvi fadas naquela noite.

—As fadas daqui esqueceram muito. — Ele sorriu tristemente. A carne zangada enrolou em torno de seu olho arruinado. —Eles mal se lembram de como combater magos. Até os pobres. — O olhar dele estava fixo nela, significativo e encorajador. —Eles esqueceram o poder do que podemos fazer.

Nós. E pensar que ela se sentira tão sozinha durante a dor da transformação. Agora, fazer parte dessas pessoas, por mais devastadas que fossem: ela mesma, padrinho, os magos que os observavam. A mãe dela e todos os que foram massacrados. Uma história de magia, e agora ela fazia parte dela, e isso significava algo, essa coisa. Esse senso de nós.

Ela sentiu a gravidade desse novo orgulho e pegou a mão do padrinho. —Eles machucaram você.

Uma cintilação cruzou seu rosto. —Sim.

—Estou tão-

—Não. Eu os deixaria fazer isso mil vezes, se isso significasse salvar você.

—Anise não matou a mãe. — Ela sussurrou. Era importante para ela que ele soubesse antes que qualquer outra coisa fosse dita.

Ele pareceu surpreso ao ouvir isso, mas não pediu uma explicação. Em vez disso, ele afastou os cabelos do rosto dela, suas mãos ficando úmidas e brilhando com pó.

—Você tem muito a me dizer, não é minha Clara?

Ansiava por pensar na rainha em todos os seus lindos vestidos, em quão perto estava de se perder no Palácio de Verão, na garota que Anise fora outrora e em Nicholas sendo lentamente devorado vivo. Ela se sentiu cansada e muito pequena. Ela estava se segurando por muito tempo e agora se sentia se desfazendo.

—Acho que ela quer me matar. — Disse ela. —Ela vai me matar se eu não me entregar a ela.

A expressão do padrinho escureceu. —Eu não vou deixar ela. Nós não vamos deixá-la.

No alto, trovões ecoavam abafados e relâmpagos se formavam quando a forma de um trem correu acima da rede escura de árvores. Mesmo através da espessa magia de Rieden, a passagem do trem projetava o chão da floresta em tons de azul furioso.

CAPÍTULO QUARENTA

O acampamento dos magos estava oculto nos esconderijos de Rieden. Pequenos chalés de madeira e pedra estavam nas bases das árvores. Chaminés brancas tortas enviavam fumaça para o alto do dossel. Pesadas flores brancas floresciam em grupos gigantescos, e dentro de suas pétalas o pólen brilhava prateado.

O Exército do príncipe, como Bo orgulhosamente considerava os refugiados subterrâneos sobreviventes, já havia acampado, espalhados em cabanas e tendas por uma clareira. Dormiam, comiam e aceitavam coroas de flores de crianças ansiosas de magos, esbeltas e de olhos suaves como jovens corças. Clara contou os sobreviventes - vinte e quatro agora, onde havia dezenas nos túneis. Ela achou difícil encontrar os olhos deles, e se perguntou o que eles achavam dela mais uma vez invadindo seu refúgio, coberta da cabeça aos pés em roupas feias.

Ela observou Ralk ajudar Erik a organizar um Nicholas quase inconsciente em uma mesa em uma das casas. Quando Ralk deu a Clara roupas novas remendadas com tecidos ásperos e com coceira, ela sentiu que não a merecia. Por sua hesitação, Erik suspirou profundamente.

—Oh, pegue elas. Não pode lutar muito em um vestido assim. —A expressão de Erik estava mais amarga do que nunca, mas ele estendeu a mão para ela, uma oferta de paz. —Você pode agora?

—Não. — Disse Clara. Ela apertou a mão dele com a dela e sorriu. —Eu deveria dizer que não.

Ele grunhiu e se virou, mas era um começo. Quando Clara vestiu a túnica nova e uma capa nova, sentiu-se mais esperançosa. As roupas eram simples, mas bem feitas, e a lembraram com carinho de Karras; ela tirou o vestido de festa como uma pele desconfortável. Vestindo um par de botas de couro flexível, ela sentiu uma breve pontada ao lembrar de suas velhas botas. As adagas apodreciam ali, escondidas nos calcanhares, em algum lugar do Palácio de Verão. Talvez se ela se enchesse de doçura o suficiente, o padrinho pudesse criar novas.

De volta ao chalé, ela foi direto para o lado de Nicholas. Ele havia adormecido ou estava inconsciente. Ela acariciou sua sobrancelha febril e olhou do outro lado da mesa para padrinho. Ele olhou para Nicholas com uma expressão ilegível - preocupação, talvez, e a antiga hostilidade que ele sempre dirigira em direção à estátua. Toda expressão que passava por seu rosto, Clara via como se fosse através de um espelho encantado que tirou sua vida anterior e a virou de cabeça para baixo. Ela tinha muitas perguntas - sobre a guerra, o vínculo dele com Nicholas, Leska - mas elas podiam esperar.

Ela afastou os cabelos úmidos de Nicholas da testa. Seus dedos tocaram o metal, e ele assobiou suavemente, mudando. Do seu poleiro em um banquinho aos pés de Nicholas, Bo se animou, os olhos arregalados de fascínio.

—Ele vai ficar bem? — Clara disse.

O padrinho olhou para ela. —Eu não posso dizer. Estar aqui em Cane, e tão perto da capital... Tenho medo de remover qualquer coisa dele e não posso prever o que a maldição fará. Embora, por mais que eu odeie dizer isso, você deva tocá-lo novamente.

—Perdão?

—Apenas na testa, como você fez antes. Lentamente.

Ela obedeceu, passando as pontas dos dedos pela pele dele.

O metal embutido em sua linha do cabelo chiou ao seu toque. Pequenos gritos soaram, silenciosos e estridentes. Nicholas gemeu, seus olhos se abrindo a meio caminho.

—Clara? — Ele murmurou.

—Estou aqui. — Ela se inclinou sobre ele. —Tudo vai ficar bem. O padrinho cuidará de você.

A boca de Nicholas se torceu. —Não me deixe sozinho com ele. Nunca confie...em um mago de um olho só.

—Oh, honestamente. — Padrinho se virou em um bufo.

Clara reprimiu o sorriso. —Eu não estou deixando você. Nós vamos resolver isso.

Algo estranho passou pelo rosto de Nicholas. A escuridão inchava sob a pele de seu pescoço. Clara colocou a mão ali, e ela recuou, enviando um choque agudo pelo braço. Nicholas estremeceu, seus olhos se fechando.

—Que interessante. — O padrinho murmurou. —Seu toque não pode erradicar a maldição que já existe, mas pode impedir que ela piore.

Clara levantou a mão ao nível dos olhos, inspecionando-a.

—Verdadeiramente?

—Assim parece. — Ele olhou para ela, pensativo. —Algum tipo de repulsa? Igual, mas oposto, talvez - sua mágica e a de Anise.

Algo puxou Clara, de volta ao Palácio de Verão - uma pontada de saudade que a encheu de alguma culpa, mas não muito, e que piorou. Ela se inclinou com força sobre a mesa e não disse nada, embora sentisse o padrinho olhando para ela.

Ralk, parado perto da parede no canto, tinha assistido a troca inteira em silêncio. —Eu odeio interromper. — Ele disse finalmente, avançando sem problemas. —Mas muitos do meu pessoal querem respostas, e eu quero algo para lhes dar. Um de vocês é amaldiçoado pela magia das fadas, um de vocês é um mago caído maculado pela magia das fadas, e um de vocês — Ralk virou-se para Clara. — Tem uma magia semelhante à de uma criatura responsável pela quase destruição da minha raça. Tínhamos segurança aqui e paz. Então você bate nas minhas enfermarias — Ele disse, apontando para Drosselmeyer - gritando comigo até eu admitir você e esse bando de humanos desagradáveis, e então ela vem e desliza sem problemas. Contra minha vontade, estou abrigando 31 fugitivos sem fim à vista. No momento, a pessoa em que mais confio nesta sala é a humana de cabelos azuis. Diga-me que não é estranho.

Bo curvou-se, levantando seu boné. —Obrigada, senhor, pela sua boa opinião.

Ralk suspirou. —Bem?

Clara foi a primeira a falar, com apenas alguma hesitação. — Minha mãe era uma Lady chamada Leska. — Ela começou, e o olhar de reconhecimento surpreso de Ralk lhe deu coragem, além de uma

dolorosa onda de orgulho. Ela contou tudo a ele, nunca saindo do lado de Nicholas. Quando ela falou do Palácio de Verão, ela manteve os detalhes escassos. O padrinho a observava atentamente.

Havia coisas para lhe dizer que ela não contaria aos outros, coisas que ela estava desesperada para dizer.

—.... e ela nos perseguiu até aqui. — Clara respirou fundo, com a garganta cheia de conversa. —Eu não tinha certeza de como entrar em Rieden, mas pensei que, sendo uma maga, deveria poder simplesmente em virtude do meu sangue. E funcionou.

Nicholas se mexeu inquieto. Clara pegou a mão dele e uma felicidade cautelosa floresceu nela quando ele pareceu se acalmar em resposta. Ela não parava para examinar o perigo dessa felicidade ainda, não enquanto ele estava tão perto da morte.

Depois de um longo momento, Ralk disse calmamente: —Não quero acreditar em você, mas acredito. Eu sei que ele é um Drachstelle. Sinto a terra respondendo a ele.

Clara assentiu, lembrando-se de Nicholas cantando para Bo naquele beco, eras atrás. O pensamento a encorajou, e ela quase perguntou a Ralk se ele os ajudaria, depois de ouvir toda a história louca. O padrinho lançou um olhar de advertência; ainda não era hora disso. Quando Ralk se foi e Bo também, ela ficou finalmente sozinha com o padrinho, que sorriu para ela.

—Você se afastou de mim agora. — Disse ele.

Ela apertou a mão dele se desculpando. —Eu... tenho muito em que pensar.

Ele se sentou em uma cadeira e a puxou para o lado dele.

—Conte-me.

Por um momento, Clara pensou em esconder para sempre os segredos de seu tempo no Palácio de Verão, mas depois eles se espalharam, silenciosos e febris. Ela começou com a traição de Nicholas naquela noite na tundra - à qual o Padrinho, para seu crédito, não respondeu com nada além de um terrível olhar duro em seus olhos. Como Clara imaginara muitas vezes, ele não se levantou e a ajudou a bater em Nicholas. Ele simplesmente segurou as mãos dela e ouviu como Clara falou de Anise.

Parte dela ficou horrorizada ao dizer o quão adorável Anise tinha sido, como houve momentos em que Clara se viu extasiada e disposta. Mas ela não podia negar, quando um arrependimento tão melancólico e confusão, tanto desejo permaneceu em seu coração.

—Eu acho — Ela sussurrou finalmente. —Que poderíamos ser amigas, ela e eu, se não fosse por isso... tudo

Ela olhou para o padrinho, com medo. —Ela me ensinou coisas sobre mim, coisas que ninguém mais teve.

Ele parecia pensativo. —Como o quê?—

Clara corou, pensando na melhor maneira de dizê-lo. No final, ela decidiu que não havia um caminho delicado. Então, ela colocou de maneira simples:

—Coisas de garotas.

A princípio, o padrinho parecia confuso - e então seu rosto caiu. —Você sentiu falta da sua mãe.

—Você a amava. — Clara deixou escapar. Ela suspeitava disso há anos, e com tantas verdades saindo dela, ela não conseguiu segurar essa. —Não amava?

—O que isso importa? — Desgosto, pesado em sua voz.

—Você poderia ter parado de tentar libertar Nicholas. — Parecia uma crueldade dizer uma coisa dessas enquanto ele estava deitado antes que ela fosse comida viva. —Se você tivesse parado, Anise teria deixado você sozinho.

O padrinho caiu em sua cadeira. —Sim. E acho que teria parado, se pudesse.

—Seu vínculo com Nicholas. Seu sangue te obrigou. Foi o que ele me disse.

—Você poderia dizer isso. "Coagido" seria minha palavra de escolha.

Naquele momento, enquanto a palavra "vínculo" pairava no ar, um pensamento veio a Clara, ou o começo de um, aterrador e emocionante demais para dizer em voz alta - e vergonhoso também, considerando tudo o que lhe acontecera.

—Padrinho. — Disse ela, levantando-se antes que ele pudesse lê-la de perto. —Você se lembra do que costumávamos fazer quando estávamos com raiva, ou um de nós teve um dia particularmente horrível?

—Conhaque? Estatuetas do diabo da moda por horas? Perseguir crianças na rua? —Ele estalou a língua. —Oh, espere um momento - fui eu, não você.

Suas brincadeiras eram frágeis e dolorosamente familiares. — Nós brigaríamos. Nós praticaríamos.

—Ah, é claro. — Um sorriso triste apareceu em seus lábios.

—Aprendi apenas um pouco sobre minha mágica. Eu aguentaria aprender mais.

Os olhos dele brilharam. —Minha mágica está fraca agora. Corrompida.

—Então suas habilidades estão diminuídas, mas presumo que seu conhecimento esteja intacto? Ou sua mente ficou fraca também?

—Garota insolente. — Disse ele, aprovando, e mancou de pé. — Vamos ver o que você pode fazer.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Eles praticaram durante as primeiras horas da manhã até Clara não poder mais ficar acordada e, durante o dia e a noite seguintes, girando e girando, golpeando e fugindo - com braços, galhos caídos, magia. A magia do padrinho era fraca, poluída por anos de dissecação da maldição de Anise. Brilhava em uma prata opaca quando ele a usou para golpear ela em vez de seus punhos, e o esforço de usá-lo taxou-o tão severamente que ele teve que parar a cada poucos minutos para recuperar o fôlego. Apesar disso, o coração de Clara disparou. A força estava voltando para seus membros.

Ela sentiu a pureza do país aqui, imaculada como era pela magia furiosa de Anise e pelas cidades entupidas. Montes de metal descartados ficavam aqui e ali entre as árvores - remanescentes da guerra, ela supunha - mas as pilhas estavam quietas e silenciosas. Encontrou as âncoras da brisa, do luar e da terra molhada, usou a estabilidade delas para se firmar e agarrou-as com a mente. Era difícil, como correr atrás das sombras, mas, quando conseguiu um controle decente, conseguiu usar essas âncoras, essas coisas sólidas e reais, para direcionar sua mágica mais finamente, controlar a intensidade mais sutilmente. Ela tinha muito que aprender. Sim, havia poder

dentro dela, mas ainda precisava de um refinamento incrível, e isso a assustou. Sem controle sobre sua magia, como ela deveria se defender do Anise - ou resgatar seu pai quando se tratava disso?

Ralk saiu para vê-los durante a parte mais profunda de sua segunda noite em Rieden. Alguns de seus compatriotas o acompanharam, observando desconfiados. A mulher impaciente, com olhos ferozes, parecia dividida entre aversão e admiração, quando Clara jogou Padrinho de volta com uma parede de força fria que ondulava no ar.

—Não será tão fácil em Erstadt. — Disse Ralk, —se você planeja ir atrás de seu pai.

Clara limpou o suor da testa. —Claro que pretendo ir atrás dele. Eu pensei que isso era óbvio.

Ralk preocupou as pontas dos cabelos entre dois dedos. —A terra que existe... nada bem. Podemos ver a capital a partir do perímetro da floresta.

—O que você quer dizer?

—Quero dizer, Anise enterrou o país lá em sua magia. Há mais do que em qualquer outro lugar.

Padrinho riu sombriamente. —Claro que ela fez. Foi a sede de seu inimigo por muitos anos.

—Ela torceu em um lugar quebradiço. Camadas e camadas de magia das fadas formam estruturas profundas na terra, e o ar está cheio de resíduos de açúcar, ferro e tempestades sem fim. Mesmo para ela, é um lugar difícil para se viver. Ela quase nunca parece ir lá. Ela deixa para a elite das fadas, que escolhe ficar lá e fazer o que quiser.

Clara sentiu a mesma atração horrível em seu coração e sorriu tristemente. —Ela prefere o Palácio de Verão.

O padrinho colocou a mão no ombro dela. —Se for assim, será difícil usar magia em Erstadt, para qualquer um de nós. Se tivéssemos mais tempo...

—Nós? — Ralk pigarreou. —Uma suposição estranha, Drosselmeyer. Mas então, talvez você tenha errado. Afinal, você passou por uma grande provação.

Um silêncio constrangedor tomou conta deles. É claro que o padrinho assumira que seus irmãos magos iriam pular para ajudá-los, e é claro que Ralk relutaria em arriscar perder a escassa segurança que ele e seu povo haviam trabalhado duro para manter desde a guerra.

Clara ficou calada com enorme esforço, embora a ideia que havia crescido dentro dela desde que chegara a Rieden quase explodisse em seus lábios. Ela não podia culpar esses magos por não pularem a chance de ajudar na tarefa pessoal de resgatar seu pai, mas talvez ela pudesse usar essa ideia para convencê-los a se esconder e entrar em batalha - se não fosse por ela, por si mesmos.

O padrinho inclinou a cabeça educadamente, embora sua careta traísse sua irritação. —Talvez eu tenha falado errado.

—Ele sabe o que disse, Ralk. — Rosnou a mulher de olhos ferozes.

—Kora.— Ralk virou-se. —Caminhe comigo.

Kora obedeceu, resmungando. Alguns dos magos o seguiram. Outros ficaram para trás, considerando Clara pensativa.

—Eles não confiam em nós. — Sussurrou Clara ao padrinho. — Eles não vão ajudar. O exército do príncipe pode, mas não eles.

Ele zombou. —Exército de fato. Qual a utilidade de um grupo de humanos desarrumados contra o que Anise nos espera na capital? Não. Precisamos de mais do que isso. Temos que convencer Ralk a nos ajudar.

O padrinho parecia profundamente pensativo, mesmo quando eles retomaram a disputa, e Clara se perguntou se ele havia chegado à mesma conclusão que ela. Se ele tivesse, certamente estava infeliz com isso e tão assustado quanto ela.



Quando Clara voltou sozinha para a cabana onde Nicholas dormia, algo diferente pairava no ar.

—Onde você esteve? — Uma voz resmungou das sombras.

Clara parou no limiar. —Nicholas?

Ele se levantou de onde estava agachado no canto. Seu rosto apareceu na luz, e era ao mesmo tempo familiar e estranho, assim como sua voz. Algo ondulava em seu corpo, algo sinistro e astuto.

—Onde está o velho?

Clara fechou a porta atrás dela. —Ele foi buscar comida para nós.

—Jantar. — A língua de Nicholas saiu para molhar seus lábios. —Ou é café da manhã? Eu esqueci.

—Café da manhã, suponho. Está quase amanhecendo. — Clara se sentiu subitamente cautelosa. —Como você está se sentindo? Ainda febril? Deixe-me vê-lo.

—Não.

Ali, nessa petulância, tocou uma nota familiar. Seus sentidos se aguçaram de medo. —Deixe-me ver você, Nicholas.

Após um momento tenso, ele se afastou ainda mais da luz. — Clara. — Ele sussurrou, e sua voz mudou, e era puramente ele novamente. Fraco, incerto, mas ele. —Algo está errado.

Ela inspecionou o corpo dele. Cachos de metal escuro brilhavam em meio a linhas de sangue fresco. A estrutura de ferro em seu torso se tornara mais elaborada. —Você ficou pior. Não deveríamos ter deixado você aqui. O padrinho teoriza que minha presença retarda um pouco os efeitos da maldição. Talvez se eu ficar perto de você, ele vai...

—Não, Clara. Você não entende. Algo está errado.

Ele se aproximou dela, agarrou seus pulsos. O aperto dele torceu a pele dela dolorosamente. Ela não tinha certeza se ele estava tentando afastá-la ou rasgá-la.

—Há alguma coisa... dentro de mim. — Ele disse contra sua bochecha. Ele prendeu os braços dela ao lado do corpo, unhas de aço cavando sua carne. Clara reuniu forças e o empurrou para longe.

—Sinto muito. — Ele se afastou, instável. —Algo está errado. Ela é... Clara, eu posso ouvi-la. Eu posso senti-la. E ela está com tanta raiva. Não posso fazê-la parar.

Clara deu um passo atordoado para trás. —Anise?

—Eu posso senti-la dentro de mim. Ela sussurra seu nome repetidamente. Ela tem pensamentos assassinos. Ou penso em pensamentos assassinos. — Nicholas passou as mãos brutalmente pelos cabelos. —Não sei qual é a diferença.

—Isso não pode ser possível. — Murmurou Clara, enquanto se lembrava da voz estranha dos túneis, que a instigava a avançar: Em breve. Nicholas também ouvira, pouco antes dos mecânicos atacarem. Seu rosto tremeu estranhamente. Ela achou um calafrio então, mas agora sabia:

Anise estava falando através de sua própria maldição.

Essa era a sensação sombria na sala - outra presença além da própria. Anise estava aqui, pelo menos em parte.

Nicholas finalmente olhou para ela, seus olhos assombrados. —

—Eu machuquei você?

Ele quase disse, mas ela não disse isso. —Não.

—Você quer dizer, não desta vez, ainda não. — Ele se afastou. —Você não deveria estar perto de mim.

—Estarei onde quiser.

Os olhos dele estavam fracos. —Eu não vou deixar ela me fazer te machucar, Clara. Já fiz o suficiente por conta própria.

—Você não vai me machucar novamente, não para acreditar no seu grande discurso na festa.

—Se eu ordenei que você ficasse longe de mim, como meu assunto, você teria que me obedecer.

Suas palavras enviaram uma emoção de reconhecimento através do sangue dela. A ideia dela virou lentamente em sua cabeça,

cristalizando. —Não acredito que você diria isso depois do que fez comigo.

Ele murchava de vergonha. —Clara, se eu lhe disser que não é seguro estar perto de mim, você deve acreditar.

—Imprudente? Sim. Inseguro? — Ela se forçou a se aproximar, sem piscar. —Eu poderia facilmente parar você.

—Você deveria me parar. Agora, antes que piore.

—Oh, por favor, poupe-me do drama desse mártir. Você tem um reino para salvar. —Outro passo. —Mas não tenho certeza se você merece.

Ele olhou para ela, seu rosto meio na sombra.

—Como vou saber que você não será mais uma Anise, deixando seu ódio tirar o melhor de você, tornando-se violento com aqueles que são diferentes? — Um passo final. Ela estava eletrizada de raiva.

—Você não sabe. — Ele disse calmamente. —Não há nada que eu possa fazer para provar isso, além da minha própria palavra, de que quero ser um homem diferente do que fui criado para me tornar.

—Sua palavra está manchada ultimamente.

—Chamar de 'manchado' é uma gentileza, considerando como eu a tratei.

Ela o encontrou no meio da sala, a borda da mesa pressionando contra o lado de sua coxa. Mesmo como um mero humano, Nicholas se erguia sobre ela como a estátua, e seus olhos estavam quentes. Mas Clara não tinha medo. Ela sabia - e ele sabia; ela podia ver nos olhos dele - que ela podia golpeá-lo a qualquer momento, que ela podia fazê-lo sofrer. Ela estava piscando para conter as lágrimas, pensando mais uma vez no que ele havia feito, na nova fenda entre eles e se

alguma vez poderia ser superada. Era doloroso pensar em tais coisas, mas ela fez assim mesmo, pois sua mágoa era um novo tipo de força contra ele.

—Eu estava perfeitamente feliz. — Ela sussurrou. —Nunca mais te ver. Poderia ter sido melhor para mim e minha família, se eu não tivesse.

Ele ficou quieto. Apenas uma lasca de calor os separava. —Eu não posso discutir com você nisso.

—Pensar que você queria me usar de tal maneira me deixa enojada que eu tenha pensado nisso... —Ela parou, envergonhada, mas não desviou o olhar.

—Eu entendo, Clara. — Disse ele, sua voz rouca, infeliz.

—E ainda assim eu quero você. Eu sempre quis você. —Quando as palavras saíram de seus lábios, elas pareciam abri-la, deixá-la perigosamente vulnerável e instável, mas um poder tomou seu lugar que era inteiramente dela. Não de Cane, não de Anise. Não da mãe dela.

Nicholas estava quieto. —Eu não mereço isso.

—Não. Você não merece. — Ela se mudou para ele; os dedos dela roçaram o pulso dele. O metal lá recuou. —Mas você tem.

Ele fez um som sufocado, disse o nome dela. Agarrou a mão dela e a levou aos lábios.

—Clara? — O padrinho chamou do outro lado da porta. —Eu tenho comida, e os magos querem falar conosco.

Sua voz quebrou os olhares trancados. As bochechas de Clara estavam quentes. Mesmo com o padrinho esperando do lado de fora, ela se sentiu se desdobrando em direção a Nicholas, a uma simples

mudança de peso, envolvendo os braços em volta dele e empurrando o momento de carregada para ardente.

—Desculpe-me, Lady Clara, por sempre pensar em usá-la assim — Sussurrou Nicholas contra a palma da mão. Ela sentiu o suave arranhar dos dentes dele e estremeceu. —Você pode?

—O príncipe se deprecia mais uma vez. — Disse ela. —Pedindo perdão a uma simples dama.

—Não há nada mero em você. Eu devo pedir isso a você. Sempre perguntarei, até não ter mais fôlego.

Agora era ela quem beijava as mãos dele, as mãos semivivas e meio enjauladas. Ela tentou mantê-lo breve, casto, mas mesmo esse pequeno contato foi suficiente para deixá-la sem fôlego. O olhar em seus olhos era indecifrável, confuso, e a seguiu até a luz da manhã, demorando-se como um toque contra sua pele.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Eles se reuniram com os magos em um local com círculos de pedras e pisaram na vegetação rasteira. A manhã abriu caminho entre as árvores atadas e tempestades distantes estrondaram. Tempestades ou algo mais. Clara imaginou um punho de magia das fadas, azul e preto contorcido, batendo contra a parede da floresta.

—Eles não têm muito o que falar aqui. — Bo sussurrou em seu ouvido enquanto os outros chegavam à clareira. Bo havia acampado a noite toda, observando o que parecia ser o centro de atividades dos magos. Ela mordeu a perna de algumas aves assadas, e o tempero picante nela deixou Clara enjoada. Seus nervos estavam precariamente emaranhados. —Um monte de sucata, aqueles arcos que você viu. Algumas armas convencionais, machados e similares. Mas, esse tipo de coisa não fará muito contra quantos soldados Anise tiver. E o exército do príncipe, nós só temos nossos próprios punhos e algumas espadas.

Padrinho, passeando, bateu na cabeça de Bo. —Você está driblando comida nela. Pare com isso.

Nicholas sentou-se em silêncio do outro lado de Clara. Seu corpo formigava com a consciência da coxa dele contra a dela.

—Mas os restos de metal têm potencial. — Bo engoliu os últimos pedaços de carne e arrotou. —Eu poderia fazer algo com isso. Fios em boa forma, circuitos intactos.

—Os magos são competentes o suficiente. — Acrescentou Padrinho. —Competentes, mas no geral inexpressivos Melhor que nada, suponho.

Ralk se adiantara para falar com eles. Alguns dos magos ao seu redor estavam rígidos de expectativa; outros descansavam com descuido equilibrado. Kora andava, agitada.

Clara pensou em seu pai nos chromocasts do Palácio de Verão, em sua horrível confusão, em como ele gritara. Esta noite passariam dezenove dias completos desde sua chegada a Cane, e quatro dias, dezoito horas teriam passado em casa.

Ela não conseguia pensar em Felicity. Com Bo tão perto, isso pedia uma avalanche emocional completa.

—Apresentei sua história e seu pedido de ajuda ao meu povo aqui em Rieden. — Disse Ralk. —Conversamos a noite toda e votamos. — Ele fez uma pausa e Clara soube naquele instante o que ele diria. —Mas receio que não possamos acompanhá-la em sua jornada para a capital.

O silêncio se estendeu pela multidão. Ao lado de Clara, Nicholas tamborilava dedos inquietos na perna.

—Não sei dizer o quanto lamentamos o que aconteceu com seu pai, Clara, e é claro que lamentamos o estado deposto de nosso verdadeiro príncipe. Mas, por favor, entenda. — O rosto de Ralk estava pesado com arrependimento, mas determinado. —Somos tudo o que resta da nossa raça. Vivemos aqui escondidos por muitos anos.

Escolhemos uma vida segura para nós mesmos, por mais escassa que seja. Se brigarmos com você, pode ser o nosso fim. Não abriríamos mão de tal segurança, especialmente quando com toda a probabilidade fracassaríamos em qualquer tentativa de resgate, qualquer assalto. — Ele assinalou as pontas dos dedos. —Estamos em menor número e com pouca oferta, e a capital está cheia de corridas mágicas mecanizadas de Anise. Não podemos arriscar uma coisa dessas.

Por um momento ninguém falou. Clara podia sentir a decepção ao seu redor - padrinho, Bo, Erik e o exército do príncipe, vagando desconfortavelmente nas sombras. Nicholas, sua pele ondulando, suor brilhando em suas têmporas.

Mas Clara estava calma com determinação. Ela pegou a mão de Nicholas na dela, derramando determinação nele. Ele estremeceu, o rosto branco de dor, e Clara sentiu uma onda protetora de raiva.

Você não vai pegá-lo, Anise, ela pensou. Você não vai me pegar. Assim não.

Risos soaram fracamente. Os magos mudaram, e Clara se perguntou se eles teriam ouvido o riso ou se apenas sentiram sua crueldade.

—Você não pode arriscar? — Padrinho zombou. —Se Anise puder ficar louca por muito mais tempo, seu porto seguro não será mais tão seguro. Ou você não percebeu? — Ele levantou os braços para o céu manchado. —As tempestades nunca param de fúria. O chão nunca para de tremer. A magia tem um limite, e Cane também. Ela constrói e destrói e constrói novamente, e continuará fazendo isso até que ela tenha qualquer tipo de mundo que ela pense que deseja -

ou mais provavelmente, até que ela o abra. Então, onde estará sua preciosa floresta? Já está enfraquecendo, e você sabe disso. Suas alas não a manterão fora por muito mais tempo. Eles eram péssimos no começo e agora são mais péssimos. Maldito indisciplinado...

Bo chupou os dentes. —Melhor não os insultar, Caolho. Ou padrinho, ou lorde sete, ou como eu devo chamá-lo.

Padrinho olhou para ela.

—Ou — Disse Nicholas, apesar de claramente lhe custar algum esforço para falar. —Você pode arriscar porque é a coisa certa a fazer. Porque as pessoas lá fora estão morrendo.

—Os magos não estão. — Retrucou Kora.

—Vingança, então, contra a rainha que prejudicou você.

Ralk balançou a cabeça. —Já passamos de vingança, senhor. Você não pode viver em vingança.

Boas palavras, as que Clara esperava que Nicholas levasse a sério - por seu próprio bem.

Ele persistiu. —E a esperança?

O padrinho olhou para Nicholas bruscamente e a respiração de Clara ficou presa.

—Esperança. — Continuou Nicholas. —Por um futuro melhor. A esperança para um reino que governa com com justiça, um reino governado pela misericórdia, não pela loucura. Você poderia lutar por isso? — Ele parou, ofegante, quando um novo túbulo preto deslizou por baixo da unha e serpenteava em torno do polegar, chiando baixinho.

Todos, exceto Clara, voltaram.

—Afaste-se de mim. Por favor. — Os olhos dele estavam frenéticos no rosto dela, mas sua voz era calma. Ele respirou fundo. —Ela quer machucar você. Ela quer que eu te machuque. Clara, por favor...

—O que é isso? — Disse Ralk. —Ele está piorando?

Kora estava lívida. —Ele está infectado, é o que ele é. Ele se espalhará e matará todo mundo se não tomarmos cuidado.

—Não vai. — Clara disse friamente, e ela se levantou e colocou a mão no peito blindado de Nicholas. Ela olhou-o bem nos olhos. — Eu estou bem, não estou? E eu o beijei. Eu o toquei.

O padrinho sussurrou irritado atrás dela, mas ela o ignorou e se virou para encarar os outros. —Eu sei por que vocês deveriam arriscar. Para o país e para o futuro, sim. Mas também porque vocês tem algo contra o qual não pode lutar. Você me tem. E eu conheço Anise. Conheço a mente dela, conheço suas fraquezas, sei como ela luta. Nós somos iguais, ela e eu, como dois lados de uma moeda que nunca deveria ter sido forjada... pelo menos de acordo com as leis e preconceitos do seu país.

Ela fez uma pausa e alguns dos magos pareciam desconfortáveis, como se lembrassem de seus erros passados. Assustou-a quão familiar parecia estar diante de uma multidão expectante. Por um momento, ela era simplesmente Clara Stole, a filha do prefeito. Ela estava de volta à frente do abrigo Bowery Hope. Era Natal, e um azevinho mole pendia dos postes, e ela estava cortando uma fita vermelha brilhante para uma casa de caixões.

—Posso não ser igual a ela em sutileza. — Continuou ela. —Mas estou no poder. Ou eu poderia estar.

Kora não estava convencida. —'Poderia' pode não ser bom o suficiente, Lady.

O padrinho soltou uma maldição suave. Claro que ele havia descoberto suas intenções. Mas ele não a impediria de dizer isso. Ninguém faria isso.

A decisão foi dela, e ela teve poucas delas.

—A única coisa que Anise tem que me falta é sangue da realeza. — Disse ela, e embora a gloriosa autonomia de sua decisão a emocionasse, ainda era assustador considerar, mesmo para uma dama - ou, mais precisamente, uma dama de um dia. Uma dama em treinamento. Mãe, tenha orgulho de mim.

—Anise nasceu a filha bastarda de um rei humano. Por causa disso, ela está ligada à terra. Ela pode trabalhar sua mágica melhor do que ninguém. Destruir e refazer como achar melhor. Se eu pudesse fazer o mesmo, eu poderia combinar seu soco por soco. Eu poderia vencê-la.

A dúvida a atormentava, mas ela passou por ela. Era melhor mentir um pouco e parecer corajosa do lado de fora. Ela pegou a mão de Nicholas e o encarou.

—Portanto, escolho me relacionar com você, Nicholas Drachstelle. Para servi-lo, lutar por você, conquistar sua terra de volta para você. Para ser sua leal Senhora do Norte. Em troca, peço uma coisa de você: que você me ajude a resgatar meu pai. — Ela se virou para os magos. —E peço que vocês, irmãos, irmãs, me ajudem a fazer o mesmo.

Um clamor surgiu.

Bo xingou apreciativamente, esfregando as mãos. Kora gritou protestos, assim como muitos outros. Ralk olhou com espanto e, Clara pensou, com relutância aprovação.

Nicholas balançou a cabeça, recuando. —Não, Clara. Eu não Você não me ouviu antes? Eu não vou fazer isso com você. Eu não posso.

—Você vai, garoto, e não perca o fôlego discutindo. — Pesadamente, o padrinho virou-se para ele. —Se tivermos uma chance, ela deve se relacionar com você. Caso contrário, Anise terá uma vantagem imbatível. Nunca encontraremos John, para não falar em recuperar seu trono.

—Mas os outros magos - eu poderia me relacionar com eles, eu poderia pedir voluntários -

—Esses tolos? — O padrinho acenou com a mão impaciente para os magos discutindo. —Eles serão úteis como infantaria, mas ficaram tão macios quanto as fadas mimadas que tentaram me confinar. Vincular-se a eles pode realmente prejudicar, e não bom. E, além disso, quem diria que o sangue deles poderia suportar se juntar ao seu, amaldiçoado como é? Não. Tem que ser Clara.

Clara estendeu a mão para encontrar a mão dele e pressionou agradecida.

—Clara, você não sabe o que a maldição fará com você. O que ela fará com você. — Nicholas ergueu a mandíbula, encarando-a de frente. —Eu não vou fazer isso. Eu proíbo.

Bo cutucou os dentes, pensativa. —Parece uma má decisão para mim, senhor. O que mais você fará? Sentar-se aqui e apodrecer com

os outros até que a floresta caia sobre você? Passear pela capital sozinho e ser derrubado em cinco minutos?

—Vamos encontrar uma maneira. Vamos dar um jeito. — Nicholas lançou a mão para o padrinho. —Veja o que isso fez com ele! Durante anos, ele cortou essa maldição, e isso tornou sua mágica fraca e não confiável.

—E você é bem-vindo. — Disse o padrinho, sorrindo levemente. —Ele está certo, no entanto. Não sabemos o que isso fará, Clara. É um tremendo perigo.

—Você realmente faria isso? — Ralk se aproximou deles. Atrás dele, os magos se reuniram curiosamente. —Você ligaria com ele, lutaria ao nosso lado como campeã?

—Não, ela não vai. — Disse Nicholas, desesperado rasgando sua voz.

Clara o ignorou, encarou Ralk com uma calma que não sentia. —Eu vou.

Nicholas se moveu diante dela, cortando-a. —Clara, pense no que você está fazendo. É serviço, você entende? Mesmo sem a maldição... você estaria se entregando a mim e não teria escolha. — Ele segurou as mãos dela gentilmente, como se tivesse medo de tocá-la. —Você não merece isso.

O padrinho bufou. —Mas sim, suponho?

Bo sibilou para ele calar a boca ou ela faria isso por ele.

—Mas eu tenho uma escolha. — Disse Clara, mal percebendo. — E eu já consegui. — Um último golpe cruel: —Não é isso que você queria?

Sua boca torceu, amarga. —Uma vez eu queria, e eu fui um tolo horrível. Meu ódio me cegou. De novo não. Por favor, não me peça para machucá-la assim.

—Mas é minha dor escolher. — Ela tocou a bochecha de Nicholas. Uma ironia tão estranha e adorável que durante anos ela imaginou que a estátua ganharia vida, cuidaria dela, baniria seus demônios. —Meu sangue é mais forte que os outros. Sou mestiça, como Anise. Ums dois-sangues, lembra? Uma abominação.

Ele balançou a cabeça, horrorizado. —Não. Nunca. Nunca, Clara.

—Escute-me. Eu quase sou Anise. O que mais há para entender? Estamos ficando sem tempo. — Ao lado dela, Bo mudou seu peso. Clara lembrou de Felicity, e um medo terrível a apunhalou. —Minha família está ficando sem tempo.

O chão embaixo deles tremia com tremores repentinos. O céu acima se agitou em verde, e eles puderam ver mais hoje do que no dia anterior. O padrinho estava certo. As proteções estavam enfraquecendo, a floresta estava diminuindo.

Clara ergueu as sobrancelhas para ele. —Vê?

Nicholas teimosamente desviou o olhar.

—Quando eu era jovem. — Ela disse, trazendo o olhar de volta para ela. —Eu imaginei que você voltaria à vida algum dia. Você seria meu amigo.

Ele estava quieto, seu olhar apaixonado. —Às vezes eu pensava que enlouqueceria naquela jaula. Mas então você iria visitar, e eu poderia respirar novamente.

Ela sorriu, lembranças que a aqueciam que pareciam bizarras para qualquer outra pessoa. —Posso suportar isso, Nicholas. Eu devo, por minha família. Por Cane. Eu quero suportar isso.

Surpreendeu-a dizer isso. Afinal, ela chegou aqui há pouco tempo, mas, novamente, conhecia esse lugar há anos - pedaços dele, enigmas e meias-verdades, nas histórias do Padrinho. E era dela. Era um lar pelo qual lutar.

Inúmeras emoções se moveram no rosto de Nicholas, e Clara não conseguiu discernir quais eram as dele e quais poderiam ser as de Anise. Depois de um longo momento, ele se virou.

—Tudo bem. — Ele murmurou densamente. — Depressa, velho. Prepare-nos. Instrua-a. Começamos ao anoitecer amanhã. Talvez a essa altura você tenha recuperado a consciência, Clara. —E então ele se enfureceu nas árvores e se foi.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

A floresta ficou mais fria durante o dia seguinte. Quando o crepúsculo caiu, a respiração de Clara veio em sopros leves. Penduradas nas árvores, cascatas de flores brancas brilhavam tão brilhantes quanto tochas. Um trovão explodiu ao longe, nuvens negras agitando-se sobre o dossel da floresta. O chão se mexeu e Clara tropeçou, pegando-se no braço do padrinho.

Ele a firmou ternamente. —Você está pronta?

Eles estavam sozinhos em uma das cabanas dos magos. Debaixo de seu robe áspero, Clara estava nua e tremendo, mas estava determinada a esconder.

—Sim. Acho que sim. —Então, lembrando-se das instruções dele, ela fechou os olhos e disse: — Quero dizer, eu sei que estou pronta.

Ela tinha que estar totalmente aberta à ligação; ansiosa por isso, mas não desesperada. Caso contrário, o padrinho havia avisado, a ligação não seria necessária. Seria corrompida ou tênue e, com o sangue de Nicholas já tão torturado, esse passo em falso poderia ser fatal para um ou ambos.

Ela tinha que querer isso.

Uma coisa fácil, querer. Mas, quando Clara seguiu o Poderoso Chefão pelos caminhos sinistros, ela se viu lutando para se concentrar no conceito. Nervosismo nublando sua mente.

—Lembro-me da primeira vez em que vi você esgueirando-se pela estátua dele. — Disse o padrinho, como se pudesse sentir a confusão dela. —Você era uma coisinha, talvez cinco ou seis. Você subiu em um banquinho para poder alcançar os lábios dele e segui-los com o dedo.

Clara vagamente recordou a sensação do metal curvo sob a mão. —Fiquei tão envergonhada quando você me pegou.

—Um constrangimento que gostei bastante. E, no entanto, você não ficou muito tempo depois disso. Suas visitas à loja tornaram-se cada vez mais frequentes ao longo dos anos. Comecei a suspeitar que não era só eu que você veio ver. E então houve o tempo em que te peguei na ponta dos pés para beijá-lo. —A voz dele era cuidadosa e leve. —Confesso que me senti bastante ciumento, Clara, por ter prestado tanta atenção a um objeto sem vida.

—Mesmo que ele não estivesse sem vida. — Ela apontou.

—Mesmo assim.

Ela soltou um longo suspiro, mas isso não acalmou seu nervosismo. —Assim. Você fez isso com Nicholas, fez? Muito tempo atrás?

—Muito tempo atrás. Ele era um garoto pequeno, e eu era um homem não tão velho.

—Velho? Absurdo. Você é bonito.

—Mentirosa. — Ele repreendeu, embora parecesse encantado com o elogio.

—E você tinha que estar, er, nu, então? E Nicholas também? — Isso, estranhamente, ainda era a coisa mais desconcertante no momento - não a maldição de Nicholas, nem a ideia de se abrir para algo tão potencialmente perigoso, mas o simples fato de que ela estava nua sob o manto e Nicholas seria o mesmo embaixo dele.

—Infelizmente. — Padrinho murmurou um pouco. —Nunca entendi por que era necessário.

—Para simbolizar. — Disse Clara, recitando as palavras que havia praticado anteriormente. —A confiança total que se tem no parceiro de vínculo.

—Eu sei o que o ritual diz. Só estou dizendo que é besteira.

À frente deles, um brilho amarelo quente marcava a clareira onde os magos haviam feito fogo e erigido um altar improvisado de árvores derrubadas. Clara viu as figuras escuras com capuz, a forma minúscula de Bo encostada a uma árvore. A silhueta envolta de Nicholas.

Ela agarrou a mão do padrinho, sentindo-se de repente como uma menininha novamente. —Você sabe que eu te amo, padrinho. Você sempre foi querido por mim. Nenhuma estátua ou príncipe pode mudar isso.

A mão dele se fechou na dela. —Eu sei.

Juntos, eles se moveram em direção ao fogo.

O padrinho a instruiu. Nicholas estava de frente para ela. Os magos os cercaram e, mais atrás, o exército do príncipe. Bo empoleirada, ansiosa e de olhos arregalados, em uma árvore negra.

O fogo ardeu. Acima, as tempestades de Anise começaram.

Não havia mais nada a fazer senão começar.

Ajoelharam-se em ambos os lados do altar, padrinho à sua frente. Como um padre, Clara pensou, sentindo-se exausta no silêncio. Um padre com um olho. Um sacerdote mago de um olho.

—Clara. — Avisou o padrinho em voz baixa.

Ela fechou os olhos, desejando se acalmar.

—Desde que os primeiros magos conheceram a família real de Cane. — Começou o padrinho. —Houveram ligações. Elas existem para beneficiar humanos e magos, membros da realeza e servos. Fortalecer e proteger, ensinar e prometer...

Ele continuou entoando a introdução tradicional. A princípio, Clara ouviu com os olhos fechados. O calor do fogo tomou conta dela, e os sons de madeira estalando em seus ouvidos.

Então ela sentiu uma pontada na espinha, nos seios e na barriga, e abriu os olhos.

Nicholas estava olhando para ela. A picada se tornou uma emoção.

O padrinho estava dizendo alguma coisa, mas a princípio ela não ouviu. Ele limpou a garganta e disse de novo: —Agora vocês podem se despir.

Mãos trêmulas, Clara se levantou. Do outro lado da pira, Nicholas a espelhava. Os dedos dos pés ardiam com a proximidade do fogo, mas isso não era nada comparado ao rubor de seu corpo

quando ela tirou o roupão. Por um momento, desejou alcançá-lo, mas depois pensou em Anise, que era uma coisa tão incongruente de se pensar naquele momento que quase a fez rir. Mas a lembrança de estar no telhado sem nada entre ela e a neve, a não ser o ar noturno, era estranhamente um conforto.

É apenas um corpo, Clara, o único que você já terá.

Ela ficou alta, com os braços ao lado do corpo.

Do outro lado dela, as linhas magras do corpo de Nicholas tremeluziam. No glamour da luz do fogo, o metal perverso que o invadia parecia atraente. Ele sorriu suavemente para ela, como se eles compartilhassem um segredo que ninguém mais poderia saber.

O padrinho colocou dois punhais no altar diante deles. —Vocês podem começar.

Essa seria a parte mais difícil. Manter o desejo, a vontade, apesar da dor. Quando Clara agarrou o punho da adaga, ela quase se afastou. A mão dela estava suando.

Então Nicholas estava lá, com as mãos gentis na cintura dela. Ela ficou feliz em sentir em seu toque que ele também estava nervoso. Ele sussurrou "Valente Clara" contra a bochecha dela, levou a lâmina ao ombro dela e cortou.

Doeu, mas Clara rangeu os dentes e continuou. Uma vez que o primeiro corte foi feito, o resto teve que seguir logo depois. Ela cortou o ombro direito dele para espelhar a esquerda, e então seus olhos se levantaram para encontrar os dele.

—Minha vez. — Ela sussurrou.

A sobrancelha dele se curvou. —Seja gentil.

Ela lutou com um sorriso ansioso. Talvez os sorrisos não fossem adequados naquele momento. Mas puxou sua boca de qualquer maneira quando ela cutucou seu peito, e ele o dela; então uma coxa cada, uma bochecha cada; arranhões leves no umbigo, as lâminas frias arrastando a pele nua. Cada corte representava algo diferente: o ombro, força; a bochecha, palavras.

Quando uma dúzia de linhas brilhantes brilhava em cada um de seus corpos, eles abaixaram as facas. Clara se sentia dolorida em toda parte. O vento a mordeu, a fumaça do fogo a picou. Os magos pareciam prender a respiração. Até o rosto de Erik perdeu sua perpetuidade.

—Agora a partilha. — Disse o padrinho de mundos distantes.

Nicholas cortou uma linha nas costas da mão, enfiou o dedo nela e começou a traçar cada um dos cortes de Clara. Os dedos dele deslizaram pelo corpo dela, permanecendo aqui e ali. Enquanto o sangue deles se misturava, ela pensou que podia sentir o batimento cardíaco dele afundar no dela, e desejava desesperadamente beijá-lo. Seus lábios se moveram, silenciosamente murmurando... dois... três — contando cada ferida como se fosse um pedido de desculpas ou oração. Quando chegou a vez dela, o primeiro toque do dedo no corpo dele quase a fez gritar ou rir - qualquer coisa para aliviar a tensão.

Ela continuou, contando. —um... dois... três — Seu ombro, seu peito, sua coxa. —Quatro... cinco... seis. — Sua bochecha, seu umbigo, seu pulso.

Quando terminou, eles olharam para o padrinho. Sua expressão era ilegível.

—Apertem as mãos. — Disse ele, e eles fizeram com o fogo lambendo-os. Este era o momento decisivo, aquele que mais do que qualquer outra coisa determinava a força do vínculo.

Clara tinha que dizer as palavras vinculativas, e elas tinham que ser as certas. Isso foi tudo o que o padrinho havia lhe dito, que o encantamento de cada mago preso era diferente. Que era a única mágica feita com as palavras e indescritivelmente poderosa por causa disso.

Se as palavras estivessem certas.

—Eles deveriam ser da sua alma. — Ele dissera.

A alma dela. Como se isso fosse uma coisa fácil de decifrar.

Ela fechou os olhos, a mão escorregadia nas mãos de Nicholas, e começou. Sua voz era fina, mas ficou mais forte a cada palavra pronunciada.

—Nicholas Drachstelle — Disse ela. — Conheço você desde menina. Contei meus segredos quando ninguém estava olhando. Eu sussurrei meus medos para você.

A mão dele apertou a dela e ela abriu os olhos. Ela não os fechou novamente.

O suor deslizou pela curva de suas costas. O constrangimento, o nervosismo e a doce e dolorosa antecipação a encheram. —Você era a única coisa na minha vida que não exigia nada de mim. Você me aceitou como eu era, uma garota que procurava uma mão segura no escuro. — Ela fez uma pausa, sorriu ironicamente. —Você era apenas uma estátua, mas para mim você era real. Você puxou para mim. E agora você é real, carne e sangue. Você me machucou uma vez. — Um sobressalto atravessou os dois corpos; vergonha nos olhos de

Nicholas. —Mas agora, no seu mais desesperado, no seu momento de maior dor, você coloca minha segurança antes da sua. E é por isso que me vinculo a você agora.

Ela assentiu, sinalizando o fim. Mas os olhos de Nicholas estavam cheios de calor, e ele a puxou suavemente para mais perto, de modo que a pressão total de seu corpo estava contra ela.

Clara engasgou, mudou em seus braços com o contato inesperado, com o puro prazer disso. Ele não deveria fazer mais nada. O ritual estava destinado a terminar. O padrinho se mexeu, mas Clara levantou um dedo para avisá-lo.

—Clara Stole. — Nicholas disse, com a voz baixa: —Juro-lhe com a força desse vínculo que nunca a usarei para machucá-la ou coagi-la, forçá-la a agir contra sua vontade. Eu considerei uma vez. Eu admito isso e tenho vergonha disso. Mas juro que não farei novamente. Nem mesmo com esse vínculo entre nós. Nem mesmo se isso me destruiria para me abster. Nem mesmo nada, Clara. Especialmente isso não.

Clara começou por isso. Ele poderia saber o que ela havia planejado, eles deveriam sobreviver a isso?

Ele não conseguiu.

As palavras ditas, algo antigo rasgou através deles, sangue a sangue. Chocalhava os ossos de Clara. Seus corpos arquearam e caíram, suas mãos entrelaçadas. Um grito se formou na garganta de Clara, e ela o sufocou com força.

Uma força pulou para fora deles, sacudindo o esconderijo de Bo, farfalhando o cabelo de Ralk.

Nauseada, Clara usou o altar para se levantar. Suas feridas estavam fechadas, embora ainda houvesse sangue em sua pele. O padrinho estava lá, envolvendo o roupão em volta dela, enquanto Ralk e Bo ajudavam Nicholas.

No alto, as tempestades continuaram. O chão ainda tremia, e Clara podia sentir isso com mais nitidez, como se um pedaço de Cane tivesse se incorporado nela.

—Clara. — A voz de Nicholas. Desorientada, ela se virou para ele, atordoada nos braços do padrinho.

Nicholas procurou a mão dela. —Você está bem? Você está machucada?

—Um pouco. — Ela sorriu. —Mas não é nada que eu não possa lidar. Nós dois sangues somos feitos de coisas mais severas do que a maioria, você sabe.

As palavras a drenaram. Ela caiu contra o padrinho, mas não antes de Nicholas acariciar seu pulso. —Nada sobre você, Lady Clara — Ele murmurou para ela, e então o padrinho a levou embora, mexendo no manto.

Foi concluído.

Clara virava-se sobre a cama, os cobertores ásperos abrasivos contra a pele muito sensível. Ela não conseguia dormir desde a ligação. Sussurros durante a noite a distraíam, coisas das quais ela já

estava vagamente ciente - folhas morrendo e brisas soprando e a terra gemendo, e a cruel magia de Anise rasgando tudo isso como veneno.

Ela preocupou os dedos sobre o local do umbigo onde estava o corte, onde os dedos de Nicholas haviam permanecido e suspirou profundamente.

É melhor ceder - ela certamente não iria dormir.

Ela passou por Padrinho, que tinha um ronco surpreendentemente delicado, atravessou o bosque preto com seus espinhos floridos e entrou no chalé de Nicholas do outro lado do caminho.

Uma vez lá dentro, ela hesitou na porta. Mas então Nicholas gentilmente chamou o nome dela, e ela fechou a porta e foi até ele.

Eles correram um para o outro e depois pararam, constrangidos. Clara procurou por palavras para dizer, mas não encontrou nenhuma. Ela ouviu a respiração cuidadosa de Nicholas, sentiu a tensão quando ele se conteve. Tudo era novo entre eles, ou talvez simplesmente revelativo. Ela o conhecia e não, ou simplesmente descobrira uma nova parte dele. A desconfiança permaneceu em seu coração, mas ele fez muito para combater isso desde que a encontrou no Palácio de Verão. Ela lutou com essa guerra interior de orgulho e auto respeito, desejo e necessidade.

—Como está se sentindo? — Perguntou Clara, finalmente, ao mesmo tempo em que Nicholas disse: —Você também não conseguia dormir?

Eles riram, envergonhados. Pareciam ter repentinamente dez anos de idade. Então Clara viu algo que a assustou. Sem pensar, ela se aproximou dele.

—A maldição! Está-

—Recuando. Um pouco, pelo menos. De qualquer forma, não piorou.

—Oh, parece muito melhor. Você acha que foi a ligação?

—Sim, eu acho. — Ele fez uma pausa, e havia um peso no ar quando ele abriu a boca e fechou, enquanto seus olhos se fixavam nos dela. O peso de quase.

Ela teve que desviar o olhar, seu pulso vindo em rajadas afiadas. —Eu não conseguia dormir. Você sabe, para responder sua pergunta. Desde antes.

—Nem eu.

Ela uniu os dedos, depois os abaixou, rígidos ao lado do corpo.

—Clara...

—Amanhã discutiremos estratégia. — Disse ela apressadamente. —Temos muito a planejar. Acho que posso levar todo mundo com algumas portas. Sou muito boa em abrir Portas. Ela riu. —Não é tão bom em outras coisas mais úteis, receio. Eu gostaria de ter mais tempo. Eu gostaria de poder ser uma campeã melhor para todos. Como um cavaleiro ou algo assim. Sir Clara. Mas então, não, sou uma dama, não sou?

Ele encontrou a mão dela, acalmando-a. —Nós vamos encontrá-lo, Clara. Nós o levaremos para casa.

Ela olhou para ele, e a suavidade em seu rosto a enviou para seus braços.

Foram beijos desajeitados no começo, enquanto se atrapalhavam no escuro. Então a mão de Nicholas passou pelos

cabelos, e a outra caiu na cintura, segurando-a no lugar. Os beijos se aprofundaram.

O sangue de Clara surgiu através dela, e ela se esticou na ponta dos pés para pressionar-se mais perto dele. O calor que ela sentiu no fogo voltou dez vezes. Ela apertou os braços dele, os ombros dele e, quando seus dedos roçaram o metal, ela não se sentiu repelida, mas encorajada. Ela conhecia esse metal. Era da sua estátua, e ela a beijara quando ninguém mais o faria. Ela confiava nesse sentimento.

Nicholas se abaixou, seus beijos rastejando calorosamente pelo pescoço dela. Ele puxou a gola dela, urgente, e eles tropeçaram para trás, batendo na parede. As mãos dele agarraram a bainha de sua túnica, roçando sua barriga, deslizando docemente pela cintura e depois mais alto. Clara ofegou e abriu os lábios, e Nicholas gemeu.

Não parava - não parava, ou Clara morreria. O sangue dela cantou. Ela não podia beijá-lo profundamente o suficiente, não podia tocá-lo em qualquer lugar que ela quisesse. Apenas algumas horas atrás eles haviam compartilhado sangue, pele e o conhecimento disso corria por suas veias como uma droga. Como açúcar, ela pensou loucamente quando os dedos dele deslizaram por seu pescoço...

... e circulou lá, fechando em torno de sua garganta.

Os olhos dela se abriram. —Nicholas?

As mãos dele se apertaram. Malícia percorreu a sala, possessiva.

—Clara...

Ela não conseguia respirar. Terror a atingiu e fúria. Ela alcançou o ar da noite em busca de âncora, reunindo forças.

—Oh... — Nicholas murmurou, e não era a voz dele. Era mais alta e mais cruel. Seus olhos brilhavam azuis ao luar. —Só mais um pouco, doce Clara...

Clara soltou sua trela. Não o machuque. Apenas o atordoe. Uma onda de força atingiu Nicholas, lançando-o através da sala em uma explosão de energia crepitante. Ele bateu na parede oposta e deslizou para o chão.

Tremendo, ela se aproximou dele. A mágica persistente iluminou sua consternação.

—Eu pensei... —Ele limpou a garganta. —Eu esperava que a ligação a diminuísse.

—Eu também. Você está machucado?

—Não terrivelmente. — Ele olhou para ela, com medo. —Você está?

—Não. Você não, ela não foi longe.

Eles esperaram em um silêncio terrível. Nicholas levantou-se do chão e colocou a maior distância possível entre eles. De alguma forma - mesmo em tal resultado - o calor permaneceu entre eles, mas nenhum deles se moveu para apagá-lo.

—Não vou tocar em você de novo, Clara. — O perfil sombrio dele era tenso, furioso. —Eu quis dizer o que disse na ligaçaõ. Eu nunca vou forçar nada sobre você. Nem ela pode me fazer.

Clara assentiu incerta e saiu sem outra palavra. Ela não dormiu naquela noite, exatamente como pensara, mas por um motivo diferente.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO



Clara acordou antes do amanhecer com a sensação de ser estrangulada.

Ela se levantou, com os braços tensos para atacar, mas ninguém estava lá, exceto Ralk, que havia congelado na porta. Estava aberto atrás dele. Metade do corpo dele ainda estava do lado de fora e ele levantou as mãos.

—Sinto muito por acordá-la.

A lembrança do rosto de Nicholas piscando no de Anise a deixou desequilibrada e cheia de tristeza. —O que é isso?

Ralk hesitou, angustiado. —Há algo que você deve ver.

Ela tirou as pernas da cama e puxou as botas. Lá fora, padrinho, Bo e Nicholas já esperavam. Bo estava brincando com um maço de metal fino, xingando baixinho; ferramentas delgadas brilhavam atrás das orelhas.

Retirado e guardado, Nicholas não encontrou os olhos de Clara. Ele ficou o mais longe possível dela enquanto eles seguiam Ralk pela samambaia. Ela estava feliz, pois a lembrança das mãos dele na garganta ainda estava perto o suficiente para assustá-la, mas era

difícil manter essa distância entre eles - como resistir ao instinto de respirar.

Eles chegaram a uma parte estranha da floresta. O chão tinha crescido cada vez mais irregular, e agora a floresta diante deles tremia como uma miragem espinhosa. Além do emaranhado brilhava uma luz verde-azulada macabra.

—O que é isso? — O som da voz de Nicholas na escuridão assustou Clara. Algo não estava certo aqui. Ela estendeu a mão e sentiu a tensão no ar ondulante e a energia da magia furiosa.

Ralk apontou para a frente. —Vejam por si mesmos.

Eles se amontoaram onde a luz era mais forte. Clara espiou, além de Rieden, e entendeu que a ondulação era a magia que protegia Rieden, se chocando contra o que havia além.

Havia uma cidade negra e cheia de gente... crescendo. Torres subiam e desciam; edifícios caíam um no outro e foram separados. Cordas negras brilhantes se estendiam entre eles antes de estalar, enviando pequenos chuviscos do que Clara percebeu que eram surtos de mecânicos estalando. O chão mudou, montanhoso em um momento e achatado no seguinte, pináculos irregulares alcançando o céu como árvores em uma floresta lutando pela luz do sol. Eles se chocaram, subindo cada vez mais alto até que a altura se tornou muito grande e caíram em cascata em ondas escuras. Pontes de ferro cruzavam o céu. Ela não sabia dizer se era dia ou noite. A luz aqui era turva, o céu denso com nuvens bulbosas e raios que nunca cessavam. Uma grande parede preta cercava tudo.

—Erstadt. — A voz de Nicholas era baixa e furiosa. —O que aconteceu com isso?

—Eu acho que você sabe, Alteza. Anise fez isso. E desde que você chegou, ele cresceu ainda mais sem piedade. Está vendo? — Ralk apontou para uma faixa de terra além da borda da magia dos magos, uma floresta fina de árvores obsidianas magricelas. Cordas finas de metal enrolavam em torno delas, faiscando em azul, impedindo seu crescimento. —Ontem foi Rieden, segura dentro dos limites de nossa proteção.

O padrinho estava certo. —A mágica dela está corroendo suas proteções. — Disse Clara.

—Mesmo agora, se aproxima da floresta.

Enquanto eles observavam, uma linha rasa de Mecânicos rasgou o chão. Alguns, sobrecarregados pelas alas de Rieden, caíram em espasmos e caíram, mas os outros continuaram vindo, empurrados por alguma força implacável.

—Ela está furiosa. — Clara sussurrou.

Os olhos de Nicholas dispararam para ela, mas ela o ignorou. Parte dela temia olhar muito de perto para o rosto dele.

—Não podemos adiar mais. — Disse o padrinho. —Nós temos que ir. Agora.

Sim, eles precisavam. A urgência incomodou Clara, deixando-a ainda mais tensa. Era seu vigésimo dia em Cane - e cinco em casa. *Felicity, voltarei em breve. Eu juro.*

Ralk concordou. —Confesso que não tenho orientação para você, não tenho estratégia. Nunca vi a capital em tanta agitação. — Ele apontou nervosamente os espinhos de uma videira ao seu lado. —Eu nunca vi Anise tão agitada. Você a provocou poderosamente, Lady Clara.

Seu título ainda estava estranhamente ao seu redor, mas não tanto quanto antes. Ela estava se acostumando a isso, como faria com um novo amigo. Seu sangue subiu, gelando-a, e ela abriu sua mente com prazer.

—Anise estará esperando furtividade. — Disse ela. A atenção de Nicholas ainda estava afiada nela, e ela olhou para ele. —Você percebe que não pode conhecer o nosso planejamento, Nicholas. Ela pode ouvir todas as nossas palavras.

Se a frieza natural dela o machucou, ele escondeu bem. Ele assentiu secamente. —Uma palavra, antes de eu deixar você?

Eles se afastaram um pouco dos outros. Clara notou que ele a mantinha à distância, mas o olhar em seu rosto era tudo menos distante. —Clara, você sabe que vou lutar ao seu lado. Maldição ou não maldição.

Ela desejava atraí-lo para ela, tomar e dar conforto. Em vez disso, ela disse: —Certamente.

—E você sabe o que fará se conseguir o melhor de mim. Se eu não conseguir acompanhar, se ela me quebrar, ou se eu me tornar muito perigoso. — Ele pegou a mão dela, os dedos leves na palma da mão. —Você sabe, Clara?

—O que você está dizendo? — Ela sabia, é claro.

—Você vai me parar, não importa o que for preciso. O importante é encontrar seu pai e destruir Anise, se pudermos. Quem se senta no trono depois disso é menos importante.

—Não aja como se isso não importasse. — Disse ela severamente. —Não para mim. Diga-me para matá-lo pelo bem maior, se for necessário, mas não finja que é indiferente.

Ela fez uma pausa. A palavra "matar" pairava torta entre eles.

Com uma intensidade abrasadora, Nicholas estudou seu rosto como se quisesse memorizá-la. Então ele se virou e a deixou.

Clara o observou partir. Quando ela voltou para os outros, seu rosto era uma máscara de frieza. Ela não os deixou ver como ele a abalara.

—Aqui. — Disse ela. —É o que faremos.



Eles começaram ao anoitecer, no mesmo dia.

—É grosseiro. — Disse Bo, deslizando um fone de ouvido minúsculo sobre as orelhas de Clara e escondendo-o sob os cabelos, —Mas serve.

O dispositivo estalou, um rosnado mecanizado.

Bo fez uma careta, com o nariz enrugado como o de Felicity quando via algo impróprio. —Não estava brincando sobre isso, não estava? Desculpe, Lady.

—Por favor. — Disse Clara, observando os outros se reunirem diante dela. —Me chame de Clara.

—Mas você é uma dama, você sabe. — Bo piscou para ela sobre seu próprio emaranhado de finos fios pretos. A voz de Bo chegou a Clara no ar e no ouvido dela, distorcida. —É melhor se acostumar com isso.

—Não me sinto uma dama. Eu me sinto como uma garota.

Bo encolheu os ombros. —Todos as magas mulheres eram meninas em certo momento, não eram? E aposto que algumas delas já planejaram assassinatos.

Clara estremeceu com a palavra.

O padrinho veio e a pegou pelo cotovelo. —Você não deve nada a Anise, Clara. Não duvide de si mesma. Não duvide disso.

—Houve momentos. — Ela sussurrou, muito baixo para os outros ouvirem. —Quando ela era gentil comigo. Me tratou como nunca...

Ela parou. Parecia bobo. Bobo, perigoso e vergonhoso. A magia de Anise estava corroendo o mundo. Ela era perigosa, destrutiva, vingativa. Ela não era uma pessoa com quem se sentisse gentil. Clara se lembraria disso. Ela deve se lembrar disso.

—Eu sei, querido coração. — Disse o padrinho. —Mas foi uma manipulação. Você vê isso, não é?

Sim, ela estava muito acostumada a manipulação. Após a morte de sua mãe, todos os aspectos de sua vida foram uma pechincha, uma manobra cuidadosa. Evadindo a Dr. Victor, guiando seu pai através de sua dor, conduzindo Felicity por um caminho mais estreito de segurança. Navegando na teia de Patricia Plum - para não mencionar o próprio padrinho, por mais que seus enganos possam ter sido para o bem de Clara.

Mas houve momentos, quase frágeis demais para reconhecer, quando Clara viu algo no rosto de Anise - algo que valeria a pena dar uma segunda chance.

Nossas mães fizeram esse momento entre nós, Clara, neste momento.

E que momento, ela pensou amargamente. Poderia ter sido melhor, Anise, se você tivesse coragem.

—Não se preocupe comigo. — Disse ela ao padrinho, e ajustou o fone de ouvido. —Todos estão em posição?

Outro estalo, uma gagueira. Então Ralk falou: —Sim, estamos aqui. Aguardamos seu sinal.

Clara fechou os olhos e desenhou a estrutura do ataque em sua mente. A princípio, ela não fez nada além de imaginar o mapa da capital, como o Padrinho havia esboçado na terra - pelo menos, o que ele sabia disso. Com a magia de Anise tão difundida, qualquer coisa poderia estar esperando por eles agora.

—Estou aqui. — O padrinho murmurou ao seu lado. A presença dele era um consolo. Para a proteção de Clara, Nicholas estava em outro lugar. Bo voltou para as árvores. Seu escasso exército reuniu-se ao longo da linha entre a magia de Rieden e os mecanismos invasores de Anise. Sem o padrinho firme ao seu lado, ela se sentiria um pouco sozinha no mundo.

Não, não totalmente sozinha - mesmo que o padrinho não estivesse lá, ela ainda teria sua magia. Pulsava firmemente dentro dela, esperando instruções. Enquanto ela impunha seu poder à prontidão, preparando-o para as experiências mais extremas de todos os tempos, sentiu a terra lhe responder, o ar a aceitando. Ela podia sentir, e era esmagador, até assustador - uma entidade tremenda e sensível, reconhecendo a novidade de Nicholas em seu sangue. Sentindo, curvando-se e dizendo: Bem-vindo a casa.

A proteção tomou conta dela, uma emoção possessiva que ela não sentia há muito tempo em casa, exceto na loja do padrinho.

Talvez essa pudesse ser sua casa agora. Ou talvez já fosse, ou sempre foi.

—Clara. — O padrinho sussurrou urgentemente. —Não para apressar você, mas quanto mais atrasamos...

Ela se sacudiu. —É claro. — Sem mais hesitações, ela manteve a imagem semi-formada de Erstadt em sua mente e abriu uma Porta à sua frente, a palma da mão no ar. A primeira onda de soldados - alguns do exército do príncipe e os magos com suas flechas chiando - começaram a aparecer. Assim que soube que a Porta estava estável, ela correu para o próximo grupo de espera, que incluía Erik, e abriu outra Porta. Logo antes de Erik entrar com sua equipe, ele bateu nas costas dela. Suspeitou que era o único endosso que poderia receber dele.

Mais três portas, em rápida sucessão, e quando a última pessoa terminou, ela olhou de volta para a costura cintilante de magia que marcava a primeira porta, onde o padrinho estava esperando por ela. Ele parecia mais jovem, como se a briga que se aproximava lhe desse uma nova vida, e tão feroz em suas roupas esfarrapadas - ainda era sua gravata listrada favorita, amarrada agora no pescoço? - que Clara queria correr até ele e dar um beijo certo no seu olho de metal arruinado.

Em vez disso, ela acenou para ele e, juntos, eles saltaram através de suas portas.

—Boa sorte! — Bo gritou atrás deles, e então as Portas os engoliram.

Do outro lado, eles emergiram no caos - uma estrada negra cheia de corpos das fadas, e escravos humanos colados com pontas

de ferro correndo em um frenesi em pânico, suas correntes cortadas. Cavalos mecanizados com carne rançosa e infectada desenhavam carruagens com dossel que poderiam estar bem se não estivessem manchadas de sujeira. O Palácio de Verão era glamouroso e luminoso, polido e suntuoso, mas a capital era uma lama de ferragens e prédios oscilantes, com paredes quebradas e meio construídas. A sujeira negra da destruição constante cobria todas as superfícies, polvilhava a pele de todo ser; o céu estava denso com isso.

E as fadas...

Ferro e chapas de metal os cobriam como segunda pele, com pedaços de fios gastos pendurados em suas longas tranças brancas. Alguns deles usavam botões giratórios azuis para os olhos, iluminados pela mecânica interna como a de um kambot, e a pele manchada dava lugar a aglomerados aleatórios de ossos pretos e engrenagens giratórias de metal. Dentes de metal compridos alinhavam suas bocas. Eles montavam batedores, chicoteando-os com longas hastes de ferro que brilhavam em azul.

Clara surgiu na confusão, horrorizada. Anise enlouqueceu o suficiente para amaldiçoar e atormentar seu próprio povo. Ou talvez, veio o pensamento doentio, que a idolatravam tanto que haviam feito isso consigo mesmos. Soldados autômatos com carne arruinada saltaram das paredes, pistões nas pernas zunindo. A dor fez seus olhos brilharem, mas eles usavam suas peças pela metade como ornamentos orgulhosos.

Os magos e o exército do príncipe lutaram lado a lado pela briga, raios brancos varrendo as laterais dos edifícios, machados

cortando os torsos banhados de soldados das fadas pegos de surpresa.

Clara ainda estava tentando se orientar, com as Portas fechando atrás dela, quando sentiu a raiva de Anise.

Isso a atingiu através de sua ligação com Nicholas, chicoteando através de seu sangue em um choque de dor. Até o padrinho cambaleou, pois parte de seu vínculo com Nicholas permaneceu, por mais corrompido que fosse.

De algum lugar do frenesi, veio um uivo mais selvagem e furioso do que os outros.

Nicholas e Anise. Suas vozes se misturavam em um coro fantasmagórico.

O padrinho a puxou. —Temos que tirá-lo daqui, antes que ele o encontre.

Ela evitou a lança azul de um soldado das fadas, erguendo os braços para criar um escudo invisível. O raio da lança atingiu e se espalhou, se dissolvendo. O padrinho colocou os dois em um beco irregular. Bordas de engrenagem dentadas saíam dos paralelepípedos sujos, como se o conteúdo da loja do Poderoso Chefão tivesse se espalhado pelo mundo.

Clara se apoiou contra uma parede trêmula. Um mecânico perdido saiu da ferragem e beliscou sua bota. Ela chutou para longe.

—Onde está Ralk? — Padrinho murmurou.

—Clara. — Estalou uma voz minúscula.

Ela ajustou o fone de ouvido, apertando os olhos na escuridão. —Ralk?

—Clara, há um problema. É o Nicholas...

Gritos de raiva o cortaram.

Clara começou a voltar por onde eles haviam vindo. —Temos que ir até eles.

O padrinho a agarrou. —Clara, sem você, não temos chance contra Anise.

—O que devo fazer então? Deixá-los para morrer? — Ela se afastou dele. —Fique perto de mim.

Eles dispararam através de gritos, magos, fadas e humanos, naturais e mecânicos. Os soldados atiraram nas lanças e os magos nas flechas brancas. O exército do príncipe brandiu suas espadas cruas com tanta coragem quanto qualquer cavaleiro, e de repente ela ficou imensamente orgulhosa deles. Eles não tinham mágica, e ainda lutavam.

Uma mão agarrou sua perna, quase a tropeçando. Ela olhou para baixo e viu um humano desesperado agachado nos escombros. O pus amarelo cobria seus olhos arregalados.

—Você é como ela. — Ele murmurou. Ele olhou maravilhado para as mãos brancas estalando.

Ela o chutou assustada. —Só um pouco.

Eles encontraram Ralk e Kora em uma curva da estrada sob uma placa de metal queimada. Símbolos das fadas brilhavam em sua superfície; fiação rasgada estalava e torcia.

Nicholas se agachou embaixo, com as mãos nos cabelos.

Kora treinou seu arco nele. —Ele ficou louco.

Um corte de prata bifurcou a bochecha de Ralk. —Temo que ele possa estar perdido para nós. — Disse ele, ofegante.

Nicholas levantou a cabeça. Um lado dele era uma massa brilhante de barras de aço e placas de metal. Fios descia, pela barriga, seguindo as linhas dos músculos. Pequenas placas de metal circulavam seu pescoço, avançando sobre sua mandíbula, perigosamente perto de seus olhos.

O padrinho jurou.

—Clara, não. — Disse Nicholas, levantando-se, como se fosse fugir dela, olhando-se horrorizado. —Cai fora.

Ela foi até ele sem hesitar. Os outros a chamaram de volta, e ela os ignorou. Explosões sacudiam os telhados; fios crepitantes cobriam o chão como enguias. As fadas estavam recolhendo sua artilharia. Explosões imprevisíveis sacudiram a estrada.

Nicholas se afastou, mas Clara pegou o braço dele e segurou-o com força. Imediatamente ele estremeceu de alívio, deixou seus olhos se fecharem. Parte da maldição retrocedeu, afundando de volta nas feridas ao longo de sua carne.

Uma raiva distante emanava dele, mas não era dele.

Um edifício desabou com um gemido, deslizando sob a terra em uma cascata de chapas de metal brilhantes.

—Estou aqui agora. — Clara sussurrou para ele, embora o mundo tremesse ao redor deles. —Você ficará comigo a partir de agora. Tudo certo?

—Clara. — Avisou o padrinho.

Ela se virou para ele. —Eu conheço os riscos! Eu posso lidar com ele. Nós temos um acordo. Não é?

Nicholas riu tristemente. —Melhor morto em suas mãos do que nas dela.

Que romântico, uma minúscula voz maliciosa sibilou do cordão de metal em sua garganta.

O padrinho os conduziu pela estrada, Ralk e Kora os flanqueando com arcos puxados.

—Para que lado? — Perguntou Ralk.

Clara fez uma pausa, o peso quente de Nicholas pressionado contra o lado dela. Ela sentiu ao longo das veias da terra, deixando a força da encadernação esticar a consciência de sua magia pela estrada, na esquina, ao norte, virando à esquerda e depois à direita, mergulhando profundamente, profundamente sob o metal e o aço em pedra e solo. Havia um dreno, barrado e incrustado com resíduos espessos.

As fundações do castelo Wahlkraft.

Ela apontou para a esquina à frente. —Vire para lá, depois em frente até eu dizer o contrário.

O caminho através da capital era quase intransitável. Eles mal conseguiam dar dez passos antes de ter que lutar por uma briga ou outra. Após a emboscada, parecia que toda a população - como era - havia saído às ruas. O caos da magia guerreira no ar rasgou cada estrada e cavalete ferroviário com terremotos e erupções aleatórias. Relâmpagos constantes surgiram de um céu que parecia estar afundando lentamente, envolvendo Erstadt num lamaçal tempestuoso.

Escravos humanos com lábios azulados atacavam fadas, magos, o exército do príncipe, um ao outro. Um homem humano saltou do teto de metal corrugado sobre a cabeça de Clara para o teto coberto de uma carruagem impulsionada por pernas de aço finas. Lá dentro,

uma mulher feérica, seus cabelos, um elaborado terraço de tranças e fios, gritaram e o atingiram. Seu braço enluvado brilhava com joias e um tiro azul dele - mas mais humanos seguiram o primeiro, suas roupas em frangalhos, suas unhas pretas com podridão. Eles enxamearam na carruagem e o ar se encheu de fedor e sprays azuis quentes.

—Isso é loucura. — Kora cuspiu com nojo. Um jovem garoto das fadas saltou das sombras e arranhou sua perna, cuspindo como um animal. Ela atirou nele imediatamente. A flecha dela ardeu em seu peito, e ele caiu, um ponto preto e gelado sobre seu coração. Um de seus olhos se contraiu e se soltou com um pequeno clique, deixando para trás um monte de fontes carbonizadas na órbita ocular.

—Eu não fazia ideia. — Disse Ralk, atordoado. —De que era assim. Nenhuma mesmo. Que a capital se tornou... — Eles pararam em uma ponte preta onde uma torre do relógio caíra, suas engrenagens derramando na água escura. Uma massa de mecânicos confusos se contorcia como um pêndulo que não conseguia se segurar. —É assim em todo lugar, Clara? Em todo lugar em Cane?

—Muita coisa aconteceu. — Murmurou Nicholas. — desde que você se escondeu, lorde mago.

Clara apertou seu braço com força. Ela ouvira o ruído estridente na voz dele. Ela viu o sorriso cruel afiando seu rosto. —Nicholas, me escute...

Ele a jogou para o lado e desembainhou a espada. —Clara, Clara. — Ele cantou, a voz de Anise torcendo a dele. —Pequena Dama Clara, ela disse algumas palavras e compartilhou um pouco de sangue e acha que é algo especial.

—Anise, deixe-o em paz.

Ele a circulou, sorrindo. —Eu acho que não. Isso é muito divertido.

Então ele pulou para ela, sua espada brilhando.

Clara desembainhou as facas presas à cintura em um movimento rápido, abaixou o golpe da espada, girou e pegou a lâmina entre as dela. Seus olhos se encontraram sobre o metal cruzado.

Ela vacilou incerta. Então, com um grito selvagem, ele a empurrou com a espada. Ela mal se esquivou da ponta.

Sozinho no centro da ponte, ele cambaleou até a grade e soltou um pequeno soluço de dor. Os músculos dos braços dele eram tão proeminentes que ela pensou que a pele dele se abriria. —Clara, faça.

—Ouça-o. — Disse Kora por trás dela. —Ele vai te matar e estragar tudo.

Clara estava calma, apertando com força as adagas. —Eu não vou te matar, Nicholas.

—Garota idiota! — Kora gritou.

Nicholas rosnou: —Antes que seja tarde demais. — Então outra voz feminina ecoou, zombeteira: —Tarde demais, tarde demais, antes que seja tarde demais. — Ele desmaiou, ofegando por ar.

Clara deu um passo em sua direção. —Se eu te matar, nosso vínculo não existirá mais. Não vou conseguir igualá-la. — Ela deu outro passo, manteve o rosto duro. —Você precisa ser mais forte. Agora levante-se.

Ele olhou para ela através dos cabelos; estava escorregadio com óleo e suor.

Ela estendeu a mão. —Agora.

Ele pegou e, assim que se levantou, Clara começou a puxá-lo novamente. Ela estava aliviada, mas também frenética de preocupação. Quantas vezes mais ela teria que lutar com ele? Quanto mais profundo Anise afundaria suas garras?

Então ela viu.

—Lá. — Disse ela, apontando. Um ralo, descendo a hidrovia em outra ponte. Um buraco fino no fundo do mundo. Clara fechou os olhos, estendeu seu poder ao longo da água, para a escuridão e para baixo. Ela sentiu como o ar se curvava ao passar por objetos, como esfriava quando o eixo se aprofundava.

Uma escada. Um chão de pedra antigo cobria até os tornozelos em decomposição.

Deve ter sido assim que Anise sentia o mundo. Tal intimidade, um conhecimento tão terrível; Clara entendeu a tentação inerente a esse poder. Como uma arquiteta caia em um mundo de infinita consciência e infinitas possibilidades, ela sentiu um desejo de explorar e criar.

—Vamos descer lá. — Disse ela. —E entrar em Wahlkraft pela barriga.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Kora foi primeiro, depois o padrinho, Clara, Nicholas, Ralk. O caminho era longo, a escada corroída e escorregadia de lama. No fundo, um túnel se estendia em qualquer direção. Suportes de tochas cobertos de teias de aranha pontilhavam as paredes.

No fundo, a luta continuou; tremores sacudiram pedaços de terra do teto.

O padrinho, Ralk e Kora prepararam seus arcos, flechas acendendo. A luz do zumbido era suficiente para ver. Longe do ar fresco, as flechas eram fracas. Clara podia simpatizar - era difícil manter o foco, mesmo que seu vínculo com Nicholas emprestasse sua força.

—Bem? — Kora olhou para a escuridão, batendo com o dedo na corda do arco. —Qual caminho?

—Ela está dizendo coisas. — Nicholas sussurrou.

Imediatamente Ralk apontou uma flecha nele.

Clara levantou a mão, segurando-o. —Dizendo o que?

Nicholas balançou a cabeça e colocou as mãos nos ouvidos. — Saindo para jogar... dançar no escuro... Eu não vou te ouvir, sua perversa, sua mal...

Clara afastou as mãos e as segurou. —Você está certo. Você não vai ouvir. — A inspiração a atingiu. —Você me disse que sentiu o ódio voltar, desde que esteve aqui, desde que viu o que ela fez com seu reino. Você se lembra?

Ele olhou para ela, cansado. —Sim.

—E então você me disse que havia abandonado seu ódio há muito tempo. Antes. Você disse que teve um bom professor. Como eu fiz. Lembra?

O padrinho fez um barulho pequeno e estrangulado e, com esse som, Clara sabia. Ela estava tentando apenas alcançar Nicholas, tirá-lo das garras de Anise com uma lembrança de algo bom, algo justo. E agora ela entendeu.

—Era minha mãe, não era? — Ela sorriu para Nicholas, tentando não chorar. —Ela era sua professora.

Nicholas inclinou a cabeça. Suas testas se tocaram, metal contra pele. —Tenho muito a lhe dizer, Clara. Que história maravilhosa e terrível.

—E você me dirá, assim que vencermos o dia. Eu vou te abraçar. Os príncipes sempre cumprem suas promessas, não é?

—Sempre, para você.

—Você está melhor agora?

Ele encontrou os olhos dela. —Eu posso lutar.

—E você vai. — Ela sacudiu a cabeça para os outros. —Deste jeito.

Por um tempo, o caminho ficou claro. O poder de Clara chegou muito além dela, seguindo o caminho do ar frio e parado do túnel, mas algo os esperava no final dele - algo que a confundiu.

Quando eles chegaram, ela viu o porquê.

Seu túnel terminava onde formava uma junção com outra, em forma de T. No cruzamento havia uma porta de aço entreaberta. De dentro brilhava uma luz azul vacilante.

Kora olhou desconfiada. —E o que seus sentidos de dois sangues lhe dizem sobre este quarto?

Clara a ignorou. O ar aqui era rançoso, mas mais do que isso, parecia ranqueado, alinhado com algo insidioso e torto. A injustiça disso a atraiu, insistindo que ela investigasse.

Ela olhou para o padrinho. Ele assentiu; talvez ele também sentisse isso.

Ela abriu a porta.

Além dela, havia um quarto cheio de camas. Cada cama estava coberta com tecido outrora rico, enegrecido por mofo e decomposição. O lustre no centro da sala estava cheio de morcegos e lixo.

Em cada cama havia um mago.

Seus olhos injetados de sangue se abriram e fecharam; eles usavam roupas de seda e cetim manchadas de suor. Tubos se estendiam da carne de seus braços até uma bagunça elaborada de canos no teto, onde um enxame lento de mecânicos zumbia, estalando azul entre eles. Os pistões sibilavam ritmicamente enquanto um líquido azul brilhante descia do teto, através dos tubos e para os magos.

Ralk abaixou o arco. —O que em nome das estrelas é esse lugar?

O padrinho se curvou na cama mais próxima, puxando a pele para baixo dos olhos do mago. O mago gemeu e torceu, como se

estivesse sonhando, e quando ele exalou, sorrindo distante, espuma azul se juntou no canto da boca.

—Ela os mantém drogados. — O padrinho inspecionou cada um deles, enojado. —Eles estão vivos, mas mal.

—Por quê? — Kora parecia pequena e subitamente frágil. —Por que ela faria isso?

Clara ficou no meio da sala. —Ela se uniu a eles. — Ela podia sentir as amarras, estendendo-se dos magos até o castelo, onde quer que Anise estivesse, como invisíveis, correntes sinistras. Como se em resposta, algo a puxou em direção a Nicholas.

Ralk ficou furioso. —Mas por que?

—Talvez ela acredite que quanto mais magos estão ligados a ela, mais controle para ela, como realeza, terá sobre a terra.

O padrinho assentiu. —A terra que está rapidamente saindo do controle dela.

Nicholas inclinou-se com força sobre a cabeceira da cama, a pele brilhando de suor. —Ela os mantém azuis e os mantém doces, droga suas mentes e drena sua carne.

A mão de Clara voou para sua adaga. —Nicholas?

—Estou bem. Eu a ouço, no entanto. Enigmas e músicas. Ela está em um canto de mim em algum lugar, balançando. Dançando. Cavando. —Seus olhos escuros procuraram seu rosto. —Clara, você deve pensar em mim-

—Bravo. Sim. — Ela pegou a mão dele. —Forte. É isso que eu penso.

Seus olhos se suavizaram, e por um momento ele pareceu totalmente ele mesmo. Havia linhas cansadas em torno de seus olhos

e boca. Então um choque o atravessou. Ele empurrou Clara de volta para a porta.

—Saia! Vai! Agora!

Clara sentiu no instante seguinte - um distúrbio no ar, o chão tremendo quando algo correu na direção deles. Uma porta do outro lado da sala se abriu. Quatro fadas entraram, vestindo uniformes de cordas de couro trançado e botas pretas altas.

Um deles era Borschalk.



—Ah. — Disse Borschalk, com o rosto tenso de ódio. —Se não é a princesinha da rainha.

Ele disparou na direção deles, os outros soldados atrás dele.

Clara se preparou para lutar, mas antes que pudesse atacar, uma luz branca brilhou no teto. Uma explosão elétrica jogou faíscas azuis no chão; canos de açúcar estouraram, vomitando líquido. Vigas de metal caíram do teto, bloqueando o caminho de Borschalk.

—Vá! — Ralk convocou outra flecha.

Clara hesitou, mas Nicholas a puxou e, quando voltaram correndo pela porta pela qual entraram - padrinho e Kora atrás deles - ouviram outro estrondo, um estalo de osso, um grito.

Kora gritou: —Ralk-

—Queria que corrêssemos. — Padrinho a empurrou.

Clara os conduziu pelo túnel gotejante, tentando freneticamente manter o foco na navegação, mas a porta estava se abrindo atrás deles, e fortes salpicos marcavam a busca de Borschalk. Ela se sentiu tonta de medo.

Para cima, ela pensou, o instinto assumindo. Fora desses túneis. Ela não queria morrer presa no subsolo como um rato. Mas o túnel estava dobrado, eterno. A respiração de Nicholas chocalhava atrás dela. Então ela sentiu, um rascunho da direita. Uma nova onda de ar.

Ela os transformou no escuro. Na parte traseira, Kora fez uma flecha; aqui era mais forte, no ar mais fresco. Ela entalhou, deixou voar. Ele disparou no escuro atrás deles, e uma fada gritou.

O fone de ouvido de Clara estalou e a voz de Bo falou em seu ouvido, minúscula e preocupada. —Clara? O que está acontecendo? Eu te perdi por um tempo.

—Subterrâneo. — Havia uma luz azul de tochas à frente, escadas e depois um arco. Clara correu para os degraus, e os outros seguiram.

—A cidade ficou louca, Clara. Eu posso ver tudo daqui. A parede está balançando e as tempestades...

—Não posso falar, Bo!

Chegaram ao topo da escada, correram para um corredor mais amplo, com paredes negras nuas, arandelas de ferro e janelas altas perto do teto. O poder se reuniu na ponta dos dedos de Clara, saindo de seu intestino. *Precisamos de uma fuga*, ela a dirigiu, e ela obedeceu, batendo através de uma porta semi-formada que caiu em cascata em mecânicos sem vida ao seu toque.

—Espere. — Nicholas murmurou. —Eu sei onde estamos.

Empurrou-os para a sala do outro lado - uma ampla galeria, com altas janelas pontudas de vidro escuro com teias de ferro, cortinas com bainhas desgastadas, um teto alto.

Um trono, preto e monstruoso, brilhando com jóias azuis.

—Eles vieram até nós aqui. — Sua voz era assombrada, seu rosto desenhado. —Eles colidiram com as janelas e se arrastaram pelas paredes...

Então ele caiu, gritando. Um monte de ferros irrompeu em seus ossos, rasgando sua camisa.

Atrás deles, Kora gritou. Clara se virou a tempo de vê-la recuar, atravessar a porta e entrar na escuridão. O arco dela voou dela. Sons terríveis de trituração rasgaram o ar; a eletricidade azul crepitante queimava o nariz de Clara.

Borschalk saltou para a sala do trono, as mãos pingando prata. Ele fixou os olhos em Clara e levantou a lança.

—Volte. — Disse o padrinho, empurrando-a em direção a Nicholas, mas Nicholas se soltou de suas garras com um grito selvagem e correu em direção às fadas, com a espada pronta.

Clara correu atrás dele, mal evitando a lança de Borschalk. Ela se virou e o encontrou com as próprias mãos, empurrando-o para trás com uma onda de poder que a surpreendeu. O rosto de Borschalk tremeu de incerteza. Clara pensou: Você está certo em me temer. Mas então o momento passou e ele atacou.

Ele era forte, seu corpo magro e duro, mas Clara combinava com ele golpe por golpe - girando para chutar suas pernas debaixo dele, lançando ondas geladas de magia contra ele que ele não

conseguia se esquivar. Uma pegou o pé e o mandou voando para uma janela.

Atrás dela, Nicholas gritou de dor.

Ela girou. Ele lutou contra um dos guardas das fadas, e o padrinho, o outro, e os dois estavam vacilando. As fadas eram ágeis, suas armas rápidas. Tão imprudentemente quanto Nicholas empunhava sua espada, quantas vezes sua lâmina atingia uma armadura feérica, não seria suficiente. Clara podia ver isso. A maldição estava cobrando seu preço.

E padrinho - ele estava se esforçando muito e se sustentando bastante bem, considerando, mas estava instável sem a bengala. A lança de seu oponente o pegou debaixo do braço. Sangue prateado jorrou; ele tropeçou, mas ainda conseguiu apontar por cima do ombro de Clara e gritar.

Clara virou-se para o aviso dele e viu as fadas - quatro, seis - entrando pela porta.

Eles estavam em menor número.

Desesperada, ela saltou para eles e esticou o braço, paralelo ao corpo. A magia no ar explodiu na direção deles, derrubando-os.

Mas Borschalk estava saltando para ela; ela podia sentir a sombra dele caindo sobre ela.

Ela rolou para longe, evitando a queda do corpo dele. Instantaneamente ele se levantou, pulando para ela de quatro, bestial. Longos fios de jóias pendiam da orelha direita, e Clara os reconheceu como os de Anise.

Nicholas mergulhou nele, selvagem, e enfiou a espada nas costas. Borschalk uivou, recuou e o jogou fora. Nicholas derrapou no chão, raspando o metal, e ficou quieto.

Clara olhou para sua forma de bruços aterrorizada. Um grito atrás dela chamou sua atenção. As fadas estavam fervilhando sobre o Poderoso Chefão, e o coração de Clara disparou com orgulho ao vê-lo lutar tão lindamente, apesar de suas feridas, apesar de sua magia enfraquecida. Ele lutou com pouca luz e espada, seu casaco girando sobre ele. Este era o homem que ela conhecia, o homem que havia lhe ensinado tudo.

Mas não foi suficiente. Ele estava caindo; as fadas estavam se aproximando dele. Nicholas estava quieto; Borschalk, ofegando, rastejou em direção à lança caída.

Ela fechou os olhos, agarrou seu poder e empurrou-o para baixo - passando pelo piso de metal rebitado, além das camadas de mecânicos em movimento prontos para mover-se ao comando de Anise, na pedra e na terra das fundações mais antigas de Wahlkraft.

Uma vez lá, ela encontrou os pilares e as vigas que sustentavam a sala do trono e mergulhou abaixo deles no coração da terra. Lá - terra fresca e bolsões de ar. Ela podia respirar novamente, e sua magia também. E doeu, a escala de magia que ela estava prestes a liberar; rasgou seus músculos, cegando-a com dor. Mas ela se forçou a se concentrar, e procurou o chão e puxou.

O chão começou a dobrar.

As fadas fizeram uma pausa, olhando em volta.

Clara encontrou o padrinho, captou o querido e solitário olho cinza. —Proteja-o.

Por um instante, ele pareceu arrasado, como se algo tivesse desmoronado dentro dele. Mas o chão estava balançando perigosamente e as fadas estavam gritando em pânico, lutando para fugir.

Um grande peso abaixo deles estalou. O padrinho levantou Nicholas e cambaleou com ele em segurança. Eles mal chegaram à beira do quarto antes do chão desabar, as fundações cedendo, a terra separada sob eles. As fadas caíram, tentando comprar no chão inclinado. O último que viu foi Borschalk, agarrado a uma viga. Sua magia pulsava pela sala mais espessa que o ar, dificultando a respiração, fazendo crosta na mão estendida dele com gelo.

Então a viga estalou e ele deslizou na escuridão.

Do outro lado do abismo que havia sido a sala do trono, o padrinho se jogou e Nicholas no chão. Clara tropeçou contra o trono, protegendo os olhos.

O impacto despertou Nicholas. Ele a chamou através das nuvens de poeira negra. Ela viu a figura dele, os punhos cerrados, o rosto ferido. —Clara, não! O que é que você fez?

No ouvido de Clara, o fone de ouvido estalou, gemeu e se transformou em um zumbido baixo. —Bo? Bo, você está aí?

Nada. A luz em sua bochecha ficou fraca.

Nicholas estava fora de si. —Clara, pare!

Ela se virou para o trono, atrás da qual uma grande porta com cortinas levava a escadas envoltas em trevas.

Clara, a voz de Anise sussurrou alegremente nas paredes.

Furiosa, com os olhos lacrimejando pela picada de destroços, açúcar e podridão sulfurosa, Clara enxugou o suor das palmas das mãos. —Onde está você?

Venha me encontrar.

As paredes se moveram, ondulando. Então elas se iluminaram, e um rosto apareceu em painéis em todas as paredes - sangrando e inchado, com a barba por fazer. Compensada em um raio azul.

John Stole estava gritando. A magia queimava linhas de raiva no rosto. Pequenos mecânicos negros subiam por sua garganta, pululando como abelhas. Ele arranhou-os; seus gritos se tornaram desumanos, histéricos. Atrás dele, Clara viu um céu verde e torres negras.

Ele estava torcendo estranhamente.

Ela olhou mais. Ele estava no ar.

—O telhado! — O padrinho gritou de onde estava deitado, segurando o que parecia ser uma perna quebrada. Prata se juntou embaixo dele.

Ela assentiu. Sim. Acima de todos, para todo o reino ver. Anise não resistia em fazer um show.

Nicholas estendeu a mão para ela, gritando seu nome, implorando para que ela parasse, mas ela se virou e passou pelas cortinas do trono na escada macia com sombras. Sussurros riram de seus calcanhares. Os gritos de seu pai e os apelos de Nicholas a seguiram.

E para cima e para cima.

Os sussurros disseram, *Clara.*

Clara.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

As escadas levavam a uma torre e depois saíam para uma rede de passarelas delgadas que se projetavam das ameias e ligavam grupos de torres como uma treliça. Estátuas grotescas e parapeitos elaborados alinhavam-se em cada passagem, e gárgulas se projetavam das paredes arredondadas da torre - serpentes do mar, batedores, veados monstruosos. O castelo estava preto e brilhante, e o céu estava iluminado por uma tempestade.

Acima da passarela de Clara, pendia um homem em uma rede azul ardente. Ele estava congelado no lugar, com os membros retorcidos.

Pai. Ela mal resistiu em chamar por ele.

Anise esperava, pálida em sua pele branca, com os cabelos soltos, como tinha estado naquela noite. Clara se endureceu contra o pensamento.

—Finalmente. — Disse Anise, entediada, divertida. Os olhos dela estavam por toda parte. Kambots alinhados nas torres irregulares, silenciosos e esperando.

Clara saiu para a passarela. Era estável, mas, ao seu redor, as torres se deslocavam e subiam, enrolando e desenroscando como fusos sendo feitos das sombras.

Em todos os lugares - afixados às ameias, pendurados em cavaletes ferroviários - os chromocasts exibiam a imagem de Clara, a imagem de Anise e a imagem de seu pai, como uma sala de espelhos iluminados. Era como se isso fosse um palco e ela e Anise os jogadores.

Aqui em cima, sozinha, com lembranças de Anise corroendo os limites de sua coragem, Clara sentiu-se subitamente insegura. Mas a visão de seu pai suspensa como o brinquedo de um demônio a manteve seguindo em frente.

—Olá, Anise.

Anise sorriu, seu arco uma zombaria. —Lady Clara. Senhora do norte.

Clara levantou o queixo. —Está certo.

Anise preguiçosa circulou o dedo no ar. John Stole girou, combinando seu movimento. —Eu acho que você está ligada ao príncipe usurpador. Eu posso sentir a mudança em você e no ar. Surpreendente, Clara, que você se entregue a alguém que o considera um monstro, que a traiu completamente.

—Ele não acha que eu sou um monstro. — Clara examinou tudo, observando a proximidade das nuvens, a temperatura do ar, o gosto da neve que se aproximava. A inclinação traiçoeira do telhado abaixo dela e à esquerda, coroando uma torre agachada. —Ele luta contra o preconceito e me traiu uma vez, mas ele quer mudar. Ele quer melhorar, e não vai me machucar. Eu sou mais forte do que ele.

—Oh céus. Eu pensei que você era mais esperta do que isso, Clara.

—E eu fui inteligente em confiar em você, em você? Muito aconteceu desde o seu quarto.

Para responder, Anise riu. Ela bateu palmas, e John Stole deu um pulo e caiu, e voltou a pular de novo e depois voltou à sua posição anterior.

Aconteceu tão rápido que Clara nem conseguia se mexer.

Anise colocou uma mão delicada na boca. —Oh, que desajeitado da minha parte. Esqueci de mencionar que, com um movimento errado de você ou de mim - um gesto, um piscar de olhos - posso mandar seu pai despencar...

—Você não precisa explicar. Compreendo. Eu sou como você. Você é como eu. — Ela fez uma pausa e houve uma mágoa dentro dela; ela a segurou no lugar, teimosamente, para que não pudesse crescer mais. —Eu pensei que você queria refazer o mundo. Você disse que poderíamos fazer isso juntas. Você disse que seríamos imparáveis. — Ela sorriu tristemente. —Nós poderíamos ter sido amigas.

—Ah - aí. — Anise vacilou, incerta. Havia aquela vulnerabilidade no telhado da torre com neve; havia a fervorosa esperança, o terrível carinho.

Mas apenas por um instante.

—Eu estava errada. — Disse Anise, sua voz dura, e o ar fervilhava de vingança. Clara sentiu seu poder crescer dentro dela em resposta defensiva, o ar curvando-se em sua direção e os minúsculos pelos de seu corpo subindo para encontrá-lo.

Ela se moveu antes que Anise pudesse, correndo pela passarela com o vento nas costas. Ela juntou magia em seus dedos, extraiu força dos raios no ar e rezou para que ela pudesse ser forte o suficiente para pelo menos fazer uma boa ação.



O primeiro ataque pegou Anise de surpresa, um impulso frio de ar batendo em sua barriga e jogando-a de volta contra a torre oposta. Mas ela caiu graciosamente, levantou-se e se recuperou, depois jogou as peles com um sorriso selvagem. Ela usava um espartilho de corrente e metal curvado, os braços nus. Ela jogou um deles violentamente para o lado, arrancando placas de metal afiadas dos telhados móveis ao lado deles. Eles dispararam direto para Clara, assobiando no ar, e ela saltou para evitá-los, e caiu de joelhos.

Abaixo dela, em um terraço escondido sob contrafortes, ela viu um pátio abandonado para negligenciar, um emaranhado de árvores velhas e solo preto. Aproximando-se dela, ofegando pela sufocante espiga de ferro no ar, ela se levantou e jogou os braços sobre o rosto, exatamente quando uma onda de mecânicos a atingiu, fazendo-a recuar. Ela rolou, ainda agarrada à âncora das árvores abaixo, e lançou flechas de luz instáveis em Anise, mas a rainha as esquivou agilmente, saltando da passarela para uma gárgula que adornava uma torre adjacente.

Ela caiu nas mãos e nos pés e cortou o braço no ar. Um dos kambots assistindo voou em direção a Clara em um flash de azul e preto afiado. Clara pulou para evitá-lo, depois estendeu a mão e a mandou de volta a Anise na funda do vento, mas Anise estendeu a mão e dissecou a coisa enquanto ela voava, seus fios e metais espalhando-se.

Clara se escondeu sob os escombros voadores; o pé ficou preso em uma fenda na passarela. Ela cambaleou e recuou, procurando por pegas na estátua mais próxima - uma serpente marinha, com a boca presa aberta. Suas escamas cortaram suas mãos, incorporando pequenos fragmentos pretos nas palmas das mãos. Ela ficou lá, com as pernas balançando para comprar na borda estreita abaixo dela.

Era isso então. Isso foi rápido. Pelo canto do olho, Clara podia se ver nos chromocasts, centenas de imagens dela balançando de medo, e esperava que, onde quer que estivessem, Nicholas e Padrinho não precisassem ver.

—Que vergonha.

Clara olhou para cima. Anise estava empoleirada acima dela, como um gato, nas costas da serpente. O vento emaranhou seus cabelos; a tempestade iluminou seus olhos. No alto, os kambots haviam voado e agora circulavam, esperando para limpar os ossos de Clara.

—Que pena? — Perguntou Clara, parando. Se ela pudesse abaixar-se o suficiente, atravessar o estreito beiral preto, ela poderia fazê-lo. A torre que ela subira estava a alguns passos de distância, sua parede de metal cheia de apoios para os pés e janelas estreitas. Ela

poderia escalá-la, usar a gárgula da serpente lá para se puxar de volta para a passarela.

—Eu pensei que você se mostraria mais forte do que isso. — Dizia Anise. —Talvez seja uma coisa boa que você me traiu. Estou bem livre de você.

Seria convincente, se a voz dela não tivesse uma nota tão infantilmente emburrada. Mas uma criança mal-humorada ainda podia ser perigosa, então Clara pulou e caiu com força na borda abaixo dela. A dor bateu nas canelas e ela quase caiu, mas encontrou o equilíbrio e seguiu em frente, não se permitindo olhar para a íngreme queda à esquerda, onde as torres mais baixas do castelo se agitavam - ou além das ameias distantes, onde a capital ardia.

Anise estava atrás e acima dela, pulando de parapeito em parapeito no que era quase uma dança, jogando kambots como dardos. Eles atingiram a parede contra a qual Clara se inclinou, as penas voando, derrubando mecânicos como pedras de granizo. Clara foi para a torre em meio a uma chuva deles, gritando quando eles arranharam seu rosto. Quando ela alcançou a torre onde a borda parou, ela se agarrou ao canto onde as paredes se encontravam, lutando por força.

Acima, Anise riu. Ela estava empoleirada em um parapeito, com vista para a gárgula que Clara precisava escalar, e o olhar desdenhoso e petulante em seu rosto encheu Clara de fúria fria. Como ela ousa agir como se isso fosse culpa de Clara? Solitária ou não, a rainha não merecia piedade.

—Eu sou mais forte que isso. — Clara sibilou, e abriu uma porta no céu.

Uma coisa tão simples, uma porta, que Clara não pensara em usá-la até agora.

Ela surgiu atrás de Anise, segura na passarela, tendo atravessado a Porta no espaço de um piscar de olhos. A força disso jogou Anise para trás e ela perdeu o equilíbrio. Os kambots também vacilaram, tão intimamente ligados que estavam à rainha. Clara se abaixou para evitar os pequenos cortes de suas asas, mas Anise estava atordoada, desajeitada. Uma centena de asas passou por ela, cortou-a e equilibrou-se.

Houve um grito na confusão, um som terrível, perdido e assustado. Em meio à lama de nuvens de tempestade, relâmpagos e pássaros negros, Clara viu uma figura branca tombar do parapeito e cair. Ela ouviu uma crise doentia, um ruído sufocado.

Acima dela, outro grito soou.

Clara se virou e viu o pai caindo. A rede que o segurava havia desaparecido.

—Não. — Ela disse calmamente, e embora o medo tomou conta de seu coração, embora o humano nela a instasse a correr, a Lady nela sussurrou: —Suavemente. Ele pulou através dos ventos e se reuniu abaixo do pai em uma curva suave de ar cintilante. Ele caiu nela, foi embalado por ela e foi empurrado para a passarela.

Só então ela correu para ele, e era tão estranho vê-lo assim - tocar seu rosto devastado e sentir a barba por baixo de suas mãos -

que lágrimas encheram seus olhos. A exaustão tomou conta dela, e embora ele estivesse inconsciente e mal respirando, ela desejava acordá-lo, pedir que ele a abraçasse e lhe dissesse que tudo ficaria bem.

Como se ele a tivesse ouvido, seus olhos se abriram.

—Pai. — Ela sussurrou, acariciando sua bochecha. —Você está seguro agora. Estou aqui.

—Clara?

Ela assentiu, incapaz de falar. A testa dele enrugou.

—Você tem... — Seus olhos se agitaram mais uma vez e se fecharam, mas ele ainda estava respirando - inteiro e respirando, e a coisa mais bonita que Clara já vira. Ela se curvou e beijou sua bochecha, tão feliz que começou a rir.

Atrás dela algo borbulhou.

Ela soube imediatamente o que era, o que veria quando se virasse. Ela se recompôs em um nó duro de determinação, de insensibilidade e se virou.

Anise estava presa ali, embaixo dos parapeitos no extremo oposto da passarela, presa na longa cauda enrolada da gárgula da serpente. Ele a empalou, encharcando-a de azul.

Clara se aproximou dela com uma estranha sensação de calma. Ajoelhou-se entre os parapeitos e se forçou a olhar.

—Você... —A voz do Anise estava cheia de sangue. Seus olhos eram vagos e desbotados, e seu corpo continuava tremendo, a morte puxando as cordas de seus membros. —Tu é...

Clara pegou a mão dela. Ela não tinha nada a temer de Anise agora; apesar de sua decisão de permanecer imóvel, a pena a inundou e uma vida inteira de que se. —O que eu sou?

—Uma Lady.— Anise tossiu. Seus dedos apertaram os de Clara e, finalmente, seu rosto estava macio. —Uma Senhora do Norte.

Então ela ficou quieta. Seu corpo mole afundou ainda mais na pedra afiada com um som horrível que fez Clara se virar - mas em todos os lugares que ela olhava havia um cromocast, a imagem de si mesma e do corpo de Anise brilhando nos céus.

—Você conseguiu! — Um grito irrompeu em seu ouvido. Com um gemido agudo, o fone de ouvido voltou à vida.

Clara estremeceu, afastou-a da orelha. —Bo?

—Clara, todo mundo viu. Todo mundo. —A voz de Bo estava em êxtase, salpicada de gritos que ela não podia conter.

—O que você quer dizer com todo mundo?

—Os cromos, eles mostraram a coisa toda! Por toda a cidade, provavelmente por todo o reino, conhecendo Anise. Ela gostaria que todos vissem você morrer, não acha?

Clara piscou, voltando ao mundo e olhou em volta. Ela ouviu os gritos triunfantes dos magos sobreviventes das ruínas fumegantes da cidade bem abaixo, ecoando por Bo em seu ouvido. Ela se perguntava se o país inteiro realmente tinha visto seu duelo com Anise, se celebrações semelhantes estavam ocorrendo nas ruas sufocadas de Zarko e nas opulentas de Kafflock. O que as fadas estavam pensando, sem liderança em seus postos e nos montes de enfeites de festa desbotados no Palácio de Verão? Alguns teriam

medo; muitos ficariam zangados. Talvez alguns, aqueles com algum sentido, ficariam aliviados.

O vento era suave, o chão havia parado e as torres do castelo não mais se mexiam nem se contorciam. O ar estava calmo, onde momentos antes haviam sido misturados ao caos de Anise. Acima, as nuvens estavam desaparecendo tão abruptamente quanto a rede de prisioneiro de John Stole havia desaparecido. Agora, no lugar das nuvens, brilhavam inúmeras estrelas, suas configurações estranhas a Clara e uma lua gorda e luminosa que banhava a cidade com um brilho refrescante.

—A tempestade. — Veio a voz de Bo, espessa de admiração. — A tempestade está saindo.

Clara voltou para o corpo sem vida de Anise. Mesmo agora, seus membros delgados sustentavam a postura de uma dançarina.

—Não. A tempestade já se foi.

Então uma voz falou baixinho em seu ouvido, cortando através de Bo. —Clara? Você está aí?

A mão dela voou para o fone de ouvido. —Nicholas? Estou aqui. Eu estou... —Ela mal podia falar por seu alívio. —Onde está você?

—Do lado de fora de Wahlkraft, perto das portas da frente. Nós fomos forçados a sair. Nós tivemos que continuar lutando...

Bo ficou em silêncio. Clara olhou para o pai; ele estava respirando e seguro. Ela correu para a torre.

—O que há de errado? — Clara perguntou.

—Venha depressa. — Sussurrou Nicholas, e Clara sabia, enquanto descia as escadas, o que encontraria.

Uma pequena multidão se reuniu às imensas portas negras de Wahlkraft, compostas por magos - ensanguentados, maltratados e significativamente menos do que haviam entrado na capital - e fadas, mantidas na ponta de lança por um exército do príncipe de rosto sombrio. As fadas deixadas de pé estavam terrivelmente mutiladas, pois as partes que Anise havia feito desapareceram, deixando feridas abertas para trás; alguns obviamente não sobreviveriam por muito mais tempo. Elas pareciam perdidas, assustadas, grotescas, e Clara teve pena delas. Na periferia, à espreita nas sombras, os humanos observavam desconfiados.

Nicholas se virou quando Clara saiu correndo do castelo e desceu os degraus. Eles estavam marcados com os buracos da magia que estiveram lá, e agora de repente não estavam.

Havia uma figura atrás de onde Nicholas estava, e a respiração de Clara ficou presa em uma armadilha de desgosto.

—Ele me salvou. — A voz de Nicholas era estranha, seus olhos brilhantes. Suas roupas estavam esfarrapadas e ensanguentadas, e ele se apoiou com força em um pilar quebrado, mas Clara podia ver que a maior parte da maldição de Anise o havia deixado. Restavam algumas peças teimosas, minúsculas e brilhantes. Não surpreendeu Clara - tal ódio terrível, ela supôs, deixava cicatrizes permanentes.

—Clara, sinto muito. — Disse Nicholas, pegando a mão dela. Ele era selvagem. Ele lutou como... Eu não pedi, mas ele me salvou.

—Eu pedi para ele. — Disse Clara, e ela passou gentilmente por ele para se ajoelhar no chão duro. O sangue manchava suas roupas de prata, mas ela não se importou. —Olá, padrinho.

Seus olhos estavam calmos e abertos, o outro era um nó de pele com nós onde a maldição de Anise o atingira. O metal se foi.

Mesmo agora, seu rosto se iluminou ao vê-la. Ele procurou a mão dela.

—Minha Clara. — Sua respiração estava tensa e irregular. — Está feito? Eu terminei agora?

As palavras agarraram a garganta de Clara com lágrimas. Ela pensou nos dias em que não tinha visitado, e desejou repentinamente, ferozmente, que tivesse ido todos os dias, sempre. Tantos anos de serviço, sozinho naquela loja cavernosa, e para quê?

—Por você. — Ele sussurrou, um suspiro no ar. Ele sempre foi capaz de lê-la. —Por você, Clara.

Ela não conseguia respirar nada além de goles sufocados. Ele estava escorregando, ele a estava deixando. Ela pressionou todo o seu amor por ele em sua mão, desejou que ele sentisse a imensidão disso.

—Sim. Você terminou agora, padrinho. Você terminou.

Ele sorriu, voltando ao chão. Sua mão livre acenou para ela se aproximar.

—Aqui. — Disse ele, e ela se inclinou e beijou sua bochecha. Os cabelos dela caíram contra o rosto dele, protegendo-os para que, quando ele sussurrasse suas últimas palavras para ela, suas instruções finais, ela só pudesse ouvir. Quando ela se levantou, não tinha certeza se sorria ou chorava, então fez as duas coisas, segurando firme o lugar em forma de padrinho em seu coração.

Nicholas a observou com curiosidade. —O que é isso? O que ele disse?

—Ele me disse que eu deveria deixá-lo e continuar com isso. — Era uma mentira, mas inofensiva.

—Continuar com o quê?

—Prometer lealdade ao novo rei.

Clara se ajoelhou diante dele, mas manteve os olhos nos dele. Algo agridoce vibrou profundamente em seu coração quando ela viu o olhar perturbado em seu rosto. Ela desejava ir até ele, garantir que ele estivesse realmente bem. Ela queria se deixar chorar pelo padrinho, por Anise e beijar Nicholas pela primeira vez com os dois totalmente sendo eles mesmos. Sem maldições, sem confusão. Ela queria, acima de tudo, desmoronar, descansar e ouvir a história que ele prometera contar - a história dele e de sua mãe, e tudo o que havia acontecido aqui antes.

Mas, em vez disso, ela se ajoelhou e os outros começaram a se ajoelhar atrás dela. Ela ouviu os barulhos macios dos magos primeiro e depois, aos poucos, as fadas. Uma garota humana de orelhas ensanguentadas, acorrentada, sorriu timidamente e fez uma reverência desajeitada.

Nicholas se endireitou. Algo se afastou dele, deixando uma novidade em seu lugar, crua, pesada e pronta. Ele passou por Clara para se dirigir à multidão; os dedos dele roçaram seu ombro e o calor a percorreu com cansaço.

—Amigos. — Ele começou. —E inimigos. Ambos são o mesmo agora. Ou devem ser, se quisermos salvar a terra que pertence a todos nós. Somos três povos, mas temos uma casa e ela precisa de nossa ajuda para salvá-la.

Era um começo.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE



—Levará muitos anos para reconstruir. — Disse Nicholas. —O reino está em caos.

Clara assentiu, os braços cruzados sobre o peito. Era a única coisa que a sustentava. Eles ficaram na passarela onde ela lutou com Anise. A tempestade há muito se dissipara; o céu da tarde estava limpo e frio. Fazia quase dois dias desde que ela liderou o ataque a Erstadt, dois dias tendendo a ferimentos e luto pelos mortos, estabelecendo um hospital improvisado e limpando os escombros que podiam das ruas. Eles haviam trabalhado sem cessar, e o corpo de Clara estava rígido de tensão, mas isso era apenas o começo. Havia muito mais o que fazer - uma quantidade absurda, de fato - e a enormidade da tarefa que Nicholas tinha antes dele deixou Clara cansada até de pensar.

Ele estava ao lado dela, coberto, as mangas da túnica arregaçadas até os cotovelos. Ele parecia trabalhador e desgastado, bonito em sua solenidade. Ela desejava atraí-la para ele, enfiar os dois em um local tranquilo para descansar, mas se conteve e olhou para o horizonte, ordenando seus pensamentos.

—A magia do Anise ligava tudo. — Disse Clara. —Os chromocasts, os trens. E agora que se foi...

—Comunicar-se com os distritos é a coisa mais importante. — Nicholas começou a andar, a testa franzida com o tipo de clara concentração que Clara nunca o viu usar. O olhar lhe convinha, embora a deixasse se sentindo tímida diante dele. Muito do que ela sabia sobre ele se foi; restava muito pouco de sua estátua de infância. —Eles precisam saber que não há nada a temer. Embora, sem meios de lhes enviar notícias...

—Sem dúvida, a luta começou. — Acrescentou Clara. — Qualquer estrutura econômica entrará em colapso. Sem mencionar a estrutura física das coisas - os trens, os edifícios...

—As paredes que mantêm o Anel de Mira fechado para o resto do país. Os muros separam os distritos um do outro. — Nicholas suspirou. —Os viciados em açúcar, que Zoya seja gentil com eles.

—As pessoas serão incertas, confusas. Os soldados de Anise tentarão manter a ordem...

—E eles terão problemas para fazê-lo, com o medo nas ruas. Eles próprios terão medo.

Nicholas parou no parapeito acima de onde Anise havia morrido. Seu corpo fora removido da gárgula logo abaixo, mas o azul permanecia na pedra, uma mancha escura. Ele a encarou pensativo. —A mágica em torno de Rieden terá que ser removida. Fácil viagem e comunicação de e para a capital é essencial para restabelecer a ordem.

—Os magos não vão gostar disso. — Destacou Clara. —Muitos deles podem ver essa pausa como tênue, na melhor das hipóteses.

Eles podem pensar que outra fada se levantará no lugar de Anise, levará seu povo à guerra mais uma vez.

—E aqueles magos que libertamos da adega no andar de baixo...

—Eles podem nutrir amargura em relação às fadas mais do que qualquer um, considerando o tratamento que Anise lhes deu, e tentar provocar descontentamento entre os magos. Eles podem não querer paz e não estarão sozinhos.

Nicholas riu tristemente. —Bem. Isso não soa muito divertido?

Clara olhou para a cidade em ruínas.

A fumaça ainda subia dos incêndios que começaram na batalha. O ar cheirava a cinzas e chamuscava metal e sangue, e provavelmente por algum tempo. Mas aqui em cima, onde o céu estava limpo, Clara podia ver por uma longa distância. As torres da capital foram deformadas, mas ainda de alguma forma grandiosas. Havia potencial para reconstrução espetacular. Além das muralhas da cidade, pairava Rieden, emaranhada e escura, e além disso, a mais fina sugestão de tundra iluminada pela lua - Rosche, e tudo o que estava além. E em algum lugar, ela sabia, lembrando o mapa de Bo, havia áreas selvagens que Anise ainda não havia tocado, onde dezenas de magos, humanos ou fadas incontáveis poderiam ter riscado vidas secretas para si mesmos após a guerra.

—Não é divertido, não. — Ela admitiu. — Mas possível? Absolutamente.

Nicholas não disse nada enquanto a observava. A brisa gelada passou por eles, e Clara respirou fundo, esperando que eles lavassem sua dor de cabeça. Não deu certo.

—Anda comigo? — Nicholas disse suavemente, estendendo o braço. Ela pegou, tremendo até na maior parte do sobretudo do padrinho. Ela não os deixou queimar com o corpo dele; continha seu perfume, sua risada e estranheza.

Juntos, eles desceram as escadas da torre.

—Seu pai parece estar se recuperando bem. — A voz de Nicholas era leve e agradável, o tom de conversa de um político, e quase a enganou.

—Sim, exceto pelas explosões ocasionais quando ele acorda e exige saber onde ele está, conversar com o chefe Greeley e convocar George para tomar um conhaque neste instante.

—Quem é George?

—Nosso mordomo.

Nicholas riu. —Felizmente, encontramos medicamentos suficientes nos laboratórios para mantê-lo sedado.

Os laboratórios onde você corta fadas abertas. As palavras pairavam no ar, não ditas, mas o rosto desenhado de Nicholas dizia mais alto do que as palavras poderiam ter feito. Os ferimentos que ele sofreu foram além do físico, e Clara se perguntou se eles iriam se curar - ou se deveriam.

—Como você vai explicar tudo para ele, antes que ele volte para casa?

Antes que ele volte para casa. O coração de Clara torceu. Nicholas. —Acho que ele não viu o suficiente, nem entendeu o suficiente do que viu, para que isso seja um problema. Sem dúvida, ele acordará com uma ressaca desagradável e se perguntará por que

ele foi ferido. Vou dizer a ele que ele estava bêbado, caiu por uma janela e acabou com isso.

Nicholas a guiou para a sala do trono, onde o chão se abriu como uma grande boca. Eles se transformaram em um corredor lateral pendurado com tapeçarias arruinadas e retratos com rostos sombreados.

—Você terá que quebrar uma janela para tornar essa história convincente. — Disse Nicholas.

—Há muitas, na mansão. — Ela pensou na casa de sua família em ruínas, em Patricia Plum e na loja vazia do Dr. Victor e do padrinho, e em todas as outras coisas quebradas à sua espera que a teriam enchido de pavor muito tempo atrás. Agora ela sentia apenas uma determinação inflexível.

Eles pararam perto do final de um longo corredor em um conjunto quebrado de portas. Além delas, havia uma suíte de quartos outrora grandiosos, agora pretas de sujeira. Uma cama com dossel. Um guarda-roupa cheio de teias de aranha.

—Suíte dos meus pais. — Nicholas disse secamente. —Anise certamente não fez muito com isso.

Clara entrou no quarto e tocou as cortinas arruinadas da cama. —Ela odiava isso aqui. Ela preferia o Palácio de Verão.

Nicholas a seguiu. A presença dele era quente e sólida atrás dela, e Clara fechou os olhos para memorizar a sensação. —Por que você acha isso? — Ele perguntou.

—Acho que ela estava plenamente consciente do que havia feito. Para Cane, para seu povo e para a própria terra. Eu acho que ela estava com medo, e estar aqui, no poder, lembrou-a disso.

—Você a entendeu.

Clara abriu os olhos e voltou-se para ele. Sua proximidade era intoxicante. Na esteira de tudo, nesta sala cheia de memória, isso a emocionou e a firmou. —Eu sei como é. — Ela disse cuidadosamente, —Querer controle, querer vingança e poder, a qualquer custo. Para que seu mundo o transforme em algo que você prefere não ser e não sabe como consertá-lo.

—Vocês eram muito parecidas, vocês duas.

—De certa forma, sim. Não é assim nos outros. — Ela fez uma pausa e passou os dedos pelas colchas arruinadas. Ela Anise, era uma parte secreta de si mesma para ser retirada e examinada em momentos seguros; ela até queria contar a Nicholas sobre isso, mas agora não era a hora.

Após um momento de observá-la, Nicholas se virou. —Você está indo embora, não está?

Ouvir em voz alta foi tão final, tão assustador, que ela pensou em negar. —Sim. Eu estou. Depois de amanhã, papai e eu iremos para casa.

—Para Nova York. Para corrigir os erros lá.

Sua voz era tão baixa. Mas Clara foi resoluta. —Para consertar as coisas.

—Suponho que poderia mantê-la aqui. Eu poderia ordenar que você ficasse, e seu sangue a obrigaria a me obedecer.

Ela girou, indignada, o poder girando automaticamente na ponta dos dedos. —Você não fará isso. Você disse que não.

—Não. — Ele voltou-se para ela, com o rosto resignado. —Eu não vou. Você não é minha para controlar. Além disso, não seria muito principesco da minha parte, seria?

—De fato, seria totalmente vilanesco.

Seu sorriso triste ficou imprudente. —Malvado, até.

Clara se aproximou dele lentamente. —Eu nunca estarei, você sabe. Seu controle. — Era estranho dizer, saber. O fantasma daquela noite, de ouvi-lo traí-la, permaneceu em seu coração - levaria algum tempo para desaparecer completamente. Mas seu rosto era terno quando ele a alcançou, e a força de resposta em seu coração superou seu medo.

—E graças a todos os deuses, em todos os lugares, em todos os mundos, por isso. — Ele a puxou para perto. —Gosto das minhas mulheres com espinha dorsal.

Ela deu um soco no braço dele. —Suas mulheres?

—Bem, mulher. Singular.

—Eu não sou sua mulher. — Embora fosse um pensamento surpreendentemente atraente. A mulher dele. Certamente esse não era um pensamento que qualquer Lady que se preze teria.

—Não. Você não é mulher de ninguém. — Ele beijou os dedos dela e depois as palmas das mãos. —Mas você seria uma rainha magnífica.

O significado de suas palavras afundou nela. —Talvez eu possa voltar um dia. — Disse ela, horrorizada ao se ver chorando —Quando tudo em Nova York estiver como deveria ser.

Nicholas se curvou e roçou os lábios nos dela. —Eu esperaria por você.

—O tempo passa mais rápido aqui do que além. Você será mais velho, será cortejado por todos daqui até o Anel de Mira -

—Sim. — Ele concordou, pegando o rosto dela em suas mãos, —Mas eu quero você.

Então ele a beijou, lenta e profundamente, e desta vez não havia nada na sala além deles. Nenhuma fada assistindo, nenhuma maldição ou perigo, mas uma doce plenitude, uma sensação de descoberta cuidadosa - e então, quando eles se moveram instáveis para a cama, os lábios de Nicholas quentes contra seu pescoço, as mãos deslizando pelos cabelos, uma sensação de querer e precisar. Clara engasgou com o prazer disso, virou-se em seu peito e derreteu-se no berço trêmulo de seus braços, deixou-o puxá-la sobre ele e encontrou seus beijos com alegria. As mãos dele deslizaram pelas costas dela, por baixo da blusa, virando-a, e então ele estava acima dela, e Clara não conseguia mais pensar. Ela podia sentir apenas a emoção abrasadora de seu corpo contra o dela, o cuidado com que ele a tocava, a correção de ser amada por ele.

—Clara. — Ele murmurou contra sua orelha.

—Hmm? — Oh, ele estava falando? Para quê?

Ele encontrou o lábio inferior e o beliscou suavemente. —Eu só tenho que dizer...

—Bem, seja rápido!

—Que esta cama... — Ele parou de beijá-la por um momento para encontrar seus olhos, sua expressão sombria. —É nojenta.

Ela se afastou. —O que?

—Quero dizer, realmente, olhe para isso. Empoeirado, terrivelmente fora de moda...

—Você está louco?

—Não sei o que é esse remendo por lá. Talvez algo crescendo...

Indignada, ela encontrou um travesseiro e o esmurrou com ele. —Eu não me importo com a cama. — Ela tentou dizer, mas o travesseiro havia liberado uma nuvem de poeira, e os dois começaram a tossir.

Nicholas caiu ao lado dela, rindo. —Oh, o olhar no seu rosto!

Ela espirrou, descontente. Isso tinha sido tão bom - um beijo, e ela foi capaz de apreciá-lo e não ter medo, vergonha ou preocupação pela vida dela, e ele a arruinou. —E o meu rosto, seu idiota?

—Parecia que você costumava estar na loja com o velho Drosselmeyer e não conseguia dar um soco certo. — Ele enxugou os olhos. —Você ficaria tão furiosa, e seu rosto ficaria enrugado assim - sim, assim - e eu pensaria comigo mesmo: Oh, daria tudo para poder rir agora. Você sempre me fez querer rir. Você me trouxe uma alegria tão rara, Clara.

Tocada, Clara se inclinou sobre ele, apreciando como seus olhos se suavizaram com a proximidade dela. —Meu rosto fez você querer rir? Isso é... um pouco ofensivo.

—Não é a mais galante das observações, é?

—Nem um pouco.

—E se eu disser que seu rosto é um presente? Que isso me salvou?

—Isso. — Disse ela. —É muito melhor.

Quando ele passou os braços em volta dela, juntando-a em um beijo, um vento suave sacudiu as janelas atrás deles e trouxe consigo um leve turbilhão de neve.

Mais tarde, eles ficaram em silêncio satisfeito. A neve estava caindo firmemente agora e, embora a cama deixasse algo a desejar, não era tão ruim, com a capa de Nicholas embaixo deles e o casaco do padrinho pendurado sobre eles. Clara fechou os olhos e se aconchegou mais profundamente nos braços de Nicholas.

—Você prometeu que me contaria uma história. — Disse ela depois de um longo tempo, quase caindo no sono pelo ritmo do polegar dele acariciando seu ombro. —Sobre tudo o que aconteceu antes. Sobre você e a mãe.

—Então eu fiz.

Ela olhou para ele, confusa. —Diga-me agora?

—Exigente, não é? — Ele sorriu para ela.

—Por favor.

—Qualquer coisa para minha senhora. — Ele enroscou os cabelos em volta dos dedos. — Suponho que deveria começar do começo. Você já deve saber um pouco, mas há algo a ser dito para ouvi-lo na ordem certa. — Ele inspirou e expirou; a mão dele pousou na cintura dela. —Nossas histórias mais antigas dizem que, quando o mundo humano foi criado, nem tudo era adequado...

A primeira vez que você me notou, você era pequena e quieta - uma coisinha séria com cabelos ruivos e olhos afiados que notavam tudo. Você segurou a mão de sua mãe e usava uma fita no cabelo. Quando Leska se sentou com o velho para conversar em sussurros silenciosos durante o chá, você foi à loja.

Suas saias, botas e luvas de renda em miniatura eram tão primitivas, a própria imagem de decoro. Mas seu rosto estava mais curioso do que qualquer outro que eu já vi enquanto olhava pelas prateleiras de bugigangas e brinquedos, tocando delicadamente as figuras curvas de dançarinas e as caudas afiadas dos goblins. Você estufou o rosto e soprou os cata-ventos de madeira em um frenesi; você ficou diante da parede de relógios e os observou marcando.

Então você me encontrou.

Eu acho que te assustei. Você parou no meio do caminho e ficou olhando. Você olhou para sua mãe e seu padrinho, como se tivesse certeza de que não estavam assistindo.

Então você veio até mim.

Fiquei tão feliz pela companhia que poderia ter dançado. Mas é claro que não. Eu só podia assistir e, enquanto eu fazia, a voz da rainha das fadas que se enrolava insidiosamente em meu ouvido parecia desaparecer.

Eu queria me curvar diante de você e tirar meu chapéu. Eu queria ser ridículo e fazer você sorrir.

Mas é claro que não pude.

Você ficou na minha frente por um longo tempo, franzindo a testa. Seus olhos traçavam cada centímetro de mim, desde a zombaria irregular de uma coroa na minha cabeça, minha armadura de metal com nervuras até minhas botas com cravos. Então você encontrou um banquinho, quase tão alto quanto você, e lutou para arrastá-lo para mim sem chamar a atenção dos outros.

O riso se alojou na minha garganta congelada, incapaz de escapar.

Você subiu no banquinho, tão perto que eu podia ver as sardas na sua pele. Você estendeu a mão e tocou meu rosto com um dedo. Você tocou minha testa, minhas maçãs do rosto, meu queixo.

Você traçou meus lábios.

Então você sorriu, Clara, colocou uma mão em volta da boca e inclinou-se para sussurrar:

—Olá.

PARTE CINCO

A DAMA

Ela ouviu um estranho canto, zumbido e zumbido, que diminuía ao longe. Mais e mais, ela se levantou, como se estivesse nas ondas da montanha - cada vez mais alto e mais alto.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Clara acordou em uma sala de jacarandá escuro e cortinas de renda. Havia uma vaidade de mogno nas proximidades, sobre a qual repousava uma moldura de porcelana com uma fotografia do rosto de sua mãe dentro.

O quarto dela. O quarto dela em casa.

Ela se levantou e saiu da cama, vacilante, como se estivesse com novas pernas.

A lareira estava escura, o piso de madeira coberto de felpudos tapetes florais. No canto ao lado da janela aberta, pendia o portátil que o padrinho havia feito para ela.

Só agora ela reconheceu as criaturas penduradas nela pelos símbolos que realmente eram.

Ou tudo isso foi um sonho?

A lembrança das mãos de Nicholas em seu corpo e os lábios dele em sua pele diziam que não era nada, e as palavras de sua história - dele, de padrinho e de sua brava mãe - ainda estavam frescas em sua mente. E, no entanto, ela se sentia completamente normal, inteiramente como antes. Antes da batalha no salão de baile

na véspera de Natal, antes de Cane e do Palácio de Verão, antes de seu tempo na cidade negra quebrada.

Antes do Anise.

Antes de Nicholas.

Ela colocou os dedos nos lábios. Se ela fechou os olhos, ela podia ouvi-lo sussurrando seu nome enquanto se moviam juntos. Ela se lembrava da onda de magia em seu sangue quando abriu a porta que a ajudou a derrotar Anise.

Mas quando ela tentou invocar a mesma mágica agora, quando se moveu para a janela aberta e enfiou a cabeça no frio e respirou fundo, não sentiu nada. Nenhum puxão de resposta na ponta dos dedos, nenhuma vitalidade em seu sangue além do conhecimento de que ela estava respirando e viva.

A solidão disso a atingiu. Ela encostou a bochecha no painel congelado e lembrou-se da Porta que a carregara até aqui. O esforço para criá-la foi tão intenso que os outros magos tiveram que ajudá-la. Uma escuridão opressiva a arrastou, jogando-a contra fronteiras invisíveis que ressoavam através dela como um trovão. Lembrou-se de ter caído no quarto com o pai semi-consciente a reboque, ajudando-o a descer o corredor até o próprio quarto e depois - fraco, com o coração cansado - se puxando para a própria cama.

Ela olhou em volta freneticamente. Sim, lá estava - o emaranhado de fios na mesa de cabeceira.

Fone de ouvido de Bo.

—Você nunca sabe. — Bo disse, sorrindo com um sorriso atrevido e empurrando a coisa nas mãos de Clara. —Você pode querer visitar um dia.

Quando elas se abraçaram, ela olhou por cima do ombro de Bo para Nicholas e corou com o olhar em seu rosto. Não havia necessidade de se despedir em voz alta, agora não. Houve apenas um beijo ardente, um prolongado dos dedos dele nas costas dela. Um murmúrio baixo: —Boa sorte, Clara Stole.

Passos correndo pelo corredor do lado de fora tiraram Clara de sua memória. Ela correu para o fone de ouvido e enfiou-o em uma gaveta assim que a porta se abriu.

—Onde você esteve?

Clara se virou. Um som sufocado saiu dela. Ela correu em direção à irmã e a abraçou. —Felicity. Felicity, oh Deus, você está bem.

—E não, obrigada por você. — Felicity empurrou Clara para longe, seu rosto enrugado em fúria. —Eu não sei o que você e o pai estão fazendo, mas primeiro ele aparece com cicatrizes e crostas por todo o corpo, e então eu ouço esse estrondo gigante e vim aqui para encontrá-la dormindo como se nunca tivesse saído. E... e vocês dois me deixaram aqui sozinha por toda a semana, com a sra. Plum e o Dr. Victor respirando no meu pescoço, e eu nem consigo encontrar o velho e terrível padrinho, e... — Ela parou, se dissolvendo em lágrimas. —Clara, eu não entendo o que aconteceu!

Clara a puxou para perto, enxugando o rosto. —Sinto muito, desculpe, querida, por tudo, mas o pai ficou com medo, entende? Coisas grandes e perigosas estão acontecendo em Concordia, e...

—Oh, pendure Concordia! — Felicity chorou.

Clara deu um sorriso secreto. —Em breve.

—O que... O que você quer dizer?

—Só sei que o pai ficou assustado e saiu para tentar melhorar as coisas, mas não funcionou, e eu tive que encontrá-lo e trazê-lo de volta.

Felicity fungou. —E agora você voltou para sempre?

Algo agridoce apunhalou o coração de Clara. —Para o bem.

—E onde está o padrinho? Não que eu o culpe por não mostrar seu rosto aqui depois daquela exibição embaraçosa na festa. Mas ele poderia ter pelo menos passado para ter certeza de que eu estava bem, pelo amor de Deus.

—Ele está... — Clara desviou o olhar, lutando contra uma onda de tristeza. —Ele foi embora agora. Ele terminou o que precisava fazer.

—Você quer dizer que ele fechou a loja?

Um pensamento atingiu Clara e a encheu de alegria rápida e inesperada. —Bem, não exatamente. É complicado.

Felicity a estava observando estranhamente. —Clara, o que aconteceu? Você parece diferente. Estranha, de alguma forma.

—Estou esquisito agora, estou?— Clara brincou, subitamente nervosa. Sua transformação seria perceptível aqui?

—Oh, eu não quis dizer isso. Quero dizer... — Felicity balançou a cabeça. —Deixa pra lá. Venha tomar café conosco, sim? George trouxe para o quarto do pai e precisamos nos preparar em breve. A cerimônia será hoje à noite e, positivamente, todos estarão lá.

Clara pegou o roupão do gancho e seguiu a irmã pelo familiar corredor, com seus painéis escuros e lambris e rico papel de parede vermelho. —A cerimônia? — Ela disse cuidadosamente.

Felicity apertou os lábios. —A cerimônia de passagem de ano, Clara. Honestamente, você e o pai perderam os sentidos.

—Claro. Que bobo da minha parte. — Mas Clara sabia muito bem o que era esta noite e o que isso traria.

O quarto de John Stole era quente e escuro, com paredes verde-floresta e grossas cortinas bordô. Ele se sentou em sua cama alta com uma bandeja de comida ao seu lado, imerso em pensamentos. Alguém tentou raspar e deixou vários cortes no rosto; aqueles combinados com os traços de lesões de Cane o fizeram parecer assustador.

Felicity subiu no banquinho ao lado de sua cama para pentear seus cabelos. —O cabelo dele não vai mais ficar liso. Não sei para onde você foi, pai, mas parece que você o desgrenhara completamente, por dentro e por fora. Você sabia, Clara, que ele não come sua torrada? Ele diz que deixa um cheiro estranho na boca!

—John Stole olhou para cima com alívio. —Ah, Clara.

Ela veio ao seu lado da cama. —Olá Pai.

—Não tema, pai. — Disse Felicity. —Eu já repreendi Clara com muita força sobre como vocês dois me deixaram aqui e, mesmo que fosse para fazer alguma coisa para enforcar Concordia, não me importo muito no momento. Aposto que se você pensasse nisso pelo resto da vida, não entenderia como eu estava assustada.

—Algo para pendurar Concordia? — Ele olhou para Clara, um olhar penetrante nos olhos enquanto examinava a cabeça dela aos pés.

Ela engoliu em seco. —Oh, uma piada que tive com Felicity.

Felicity murmurou e pegou um pano da bacia. — Seus braços estão sujos, pai. Em que você se meteu?

—Uma boa pergunta. — Disse John Stole. —Diga-me, Clara, quais são esses cortes nos meus braços? E essas bandagens no meu rosto? Você sabe?

Clara respirou fundo. —Quando te encontrei, você ficou bêbado e caiu por uma janela. Você estava inconsciente. Eu enfaixei você e cuidei de você, e trouxe você de volta aqui ontem à noite, muito tarde.

Sua testa franziu, como se estivesse tentando se lembrar. —E... onde você me encontrou exatamente?

—Em algum esconderijo seu ou de outro, no centro da cidade. Não devo dizer detalhes; não gostaríamos de ouvir ouvidos inocentes. — Ela deu um sorriso calmo. —Nós?

—De fato não. — Ele franziu a testa ainda mais profundamente. —E o que eu estava fazendo lá? Nesse... esconderijo?

—Você estava no meio de documentos e papéis. Eu não conseguia fazer cara ou coroa deles, mas você continuou falando sobre um ótimo plano de deixar Concordia para sempre. — Ela encolheu os ombros. —Não se preocupe. Eu colecionei suas coisas e as coloquei em seu escritório. Eles devem estar exatamente onde você os deixou.

Ele esfregou o queixo, seus olhos nunca a deixando. —De fato.

Ela se virou e disse, levemente: —Bem, eu deveria verificar a casa, ver o que os servos causaram na minha ausência.

—Tudo bem, tudo bem. — Seu pai murmurou, e quando Clara passou pela porta, ela o ouviu dizer: —Felicity, querida, eu acredito que tive o sonho mais estranho...

—E eu gostaria de ouvir tudo sobre isso um dia. — Disse Felicity rapidamente. —Mas agora é hora de me vestir. Após a véspera de Natal, você simplesmente deve dar uma boa impressão.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE



No pé da escada, seu mordomo, George, viu Clara correndo e quase deixou cair os casacos nos braços. Atrás dele, a sra. Hancock soltou um grande grito borbulhante.

—Senhorita Stole. — George ofegou. —É verdade. Você voltou!

—Sim, George, voltei e devo pedir desculpas por toda a confusão. — Ela caminhou pelo perímetro da sala, observando que os empregados haviam feito muito para limpar os destroços. As janelas foram fechadas com tábuas para evitar o frio, presumivelmente até a chegada de novos vidros. As cortinas rasgadas foram descartadas, deixando a sala parecendo ter perdido o chapéu. Grandes barras com garras marcavam o chão e, no canto, onde ficava a árvore de Natal, estava em pedaços o relógio arruinado do avô. Clara estremeceu, lembrando.

George ficou horrorizado. —Senhorita Stole, garanto que trabalhamos dia e noite para-

Ela sorriu para confortá-lo. —Eu confio que você fez um balanço dos danos, encomendou móveis novos?

—Bem, é claro, mas...— George se apressou a fechar, os olhos com medo. — Stole, devo avisá-lo, agora pode não ser o melhor momento para discutir o assunto. Eles estão aqui todos os dias...

—Ah. Clara. Aí está você.

A voz era inconfundível, a raiva dentro dela era palpável, mas Clara percebeu quando ela se virou para encarar que não estava com medo. Não depois do que ela viu, e não com as últimas palavras do padrinho que permanecem em sua mente.

Ela sorriu docilmente. —Sra. Plum. Que gentileza sua chamar.

Pelas portas do salão de baile, suas cortinas franzidas torciam deslizando Patricia Plum, cabelos presos com jóias brilhando tão friamente quanto seus olhos. Ela usava um vestido de seda, uma elegante camada de bordô profundo e um xale adornado com arminho. O Dr. Victor, magro e alto em seu casaco e chapéu escuros, estava bem atrás dela. A neve espanou seus ombros.

Clara fez uma reverência. Ela não precisou se aprofundar muito para encontrar os restos de medo da véspera de Natal, quando o Dr. Victor a agarrou com tanta crueldade na pista de dança. Ela esperava que isso aparecesse em seu rosto.

—Você não me engana com essa fachada recatada, Clara. — Sussurrou Patricia Plum, e quando o Dr. Victor agarrou Clara pelo cotovelo, ela deixou acontecer, deixou o corpo mole e deixou lágrimas nos olhos.

—Você está me machucando. — Ela tremeu por uma boa medida.

—Não é nada comparado ao que eu vou fazer com você hoje à noite. — Dr. Victor sussurrou, seus lábios frios no ouvido dela. George e a sra. Hancock se apressaram a sair. Clara estava sozinha.

—Onde você esteve? — Enquanto Clara lutava com as garras do Dr. Victor, o rosto de Plum estava impassível, mas seus olhos estavam furiosos. —Clara querida, você quase perdeu nosso prazo.

—Sim, senhora Plum. — Disse Clara. —Mas voltamos agora. Pai também. Ele está lá em cima com Felicity, tomando café da manhã e se preparando para a cerimônia hoje à noite. Você pode vê-lo por si mesma.

Plum apontou a cabeça para o Dr. Victor, que soltou Clara para subir as escadas. A luva da Concórdia brilhava na mão esquerda; deixando marcas na pele de Clara.

Uma vez que estavam sozinhas, Plum flutuou mais perto.

—Vamos tentar novamente. Diga-me, Clara, onde você esteve na semana passada?

—Papai estava com medo. — Clara olhou para cima, mordendo o lábio, torcendo as mãos. Ocorreu-lhe que ninguém em Cane acreditaria nessa frente tímida por um instante. O pensamento a animou. —Ele sabia como você estava terrivelmente zangada. Ele fugiu, se escondeu. Mas eu o conheço bem. Eu conheço todos os seus pequenos esconderijos.

Plum sorriu. —O covarde.

Clara a ignorou. —Encontrei-o, disse-lhe que ele tinha uma responsabilidade com sua cidade, comigo e Felicity. Ele não podia se esconder e torcer para que seus problemas desaparecessem. Era fácil culpá-lo. Ele estava tão terrivelmente bêbado.

Plum relaxada; Clara podia praticamente sentir a mulher aceitando sua história, se divertindo no sentido dela.

O Dr. Victor voltou, com uma expressão azeda. —Ela está certa. Ele voltou, com a garota. Quando entrei, pensei que ele se irritaria.

—Por favor, Dr. Victor, essa linguagem grosseira. — Reprovou Plum. Ela considerou Clara cuidadosamente por um momento e depois deu de ombros delicados. —Suponho que terminamos aqui e devemos deixá-lo para se preparar.

Dr. Victor agarrou os pulsos de Clara e a puxou de volta contra ele. Ela gritou piedosamente, embora por dentro desejasse gritar, se libertar de suas mãos e atacá-lo. Não fosse pelo que ela pretendia realizar hoje à noite, ela teria.

Ela não temia mais suas mãos brutais, seu hálito fedorento e medicinal.

Patricia Plum levantou o queixo. —Nos vemos hoje à noite, Clara. E não esqueça nossa pechincha, pelo menos por Felicity, hmm?

Atrás de Clara, o Dr. Victor riu; Clara sentiu o hálito molhado em seu pescoço.

Ela assentiu, as lágrimas nos olhos inteiramente genuínas. Ela ficou furiosa.

Plum sorriu. —Muito bem. Feliz Ano Novo.

George correu para ela depois que eles se foram, com o rosto pálido. —Oh, senhorita Stole. Você está bem?

Clara mal o ouviu. Ela estava olhando para as portas da frente, que o Dr. Victor havia deixado abertas. A neve rodopiava, geada no chão de madeira. Ela secou as bochechas e sorriu.

—Sim. — Ela disse. —Eu estou bem.

E logo, com a ajuda do padrinho, todos eles estariam.

CAPÍTULO CINQUENTA



Às onze horas da noite, John Stole saiu de sua carruagem em Wall Street e Broadway para tocar no Ano Novo.

Clara saiu atrás dele, Felicity firmemente na mão.

Na outra mão, enfiada dentro da luva forrada de pele com as astutas fitas de cetim, havia um pequeno frasco, gelado contra sua pele.

A carruagem estava iluminada com lâmpadas e cheia de guirlandas de azevinho. Os cavalos que pisavam usavam sinos no pescoço e fitas vermelhas nas caudas. John Stole era resplandecente em sua cartola e camisa de seda elegante, seu colete e cachecol vermelho, seu sobretudo escuro. Ele levantou as mãos para cumprimentar a multidão, e um holofote em um carrinho rolante o iluminou, transformando a queda de neve em uma cortina brilhante.

No alto, as torres da Igreja da Trindade se estendiam na noite fria e negra, e os sinos tocavam alegremente. Por toda a multidão, cidadãos de casacos remendados, luvas de couro e malhas desfiadas gritaram e aplaudiram, alegres com a noite, alegres com a bebida, as bochechas vermelhas e as vozes roucas. Das árvores, os meninos jogavam maços de confete que se misturavam com a neve e a

tornavam colorida. O ar estava cheio de barulhentos e assobios, sinos de badalo e buzinas de brinquedo.

Um tremendo relógio foi levado ao palco de madeira, construído especialmente para este evento. Clara lembrou-se de quando foi comissionado, anos atrás. Ela sentou-se no colo do padrinho, os dedos dele sobre os dela enquanto juntos moldavam os rostos das figuras de barro que circundavam o relógio.

Quando a família Stole finalmente abriu caminho entre a multidão, onde seu pai apertou o maior número de mãos possível e Leo Wiley o forçou a responder a algumas perguntas de repórteres trêmulos - concentrando-se principalmente em rumores de seu recente desaparecimento e relatando que o antigo fabricante de brinquedos Drosselmeyer enlouqueceu na véspera de Natal e saquearam a mansão do prefeito - eles subiram as escadas e subiram ao palco.

Clara estava nervosa de antecipação. Ela passou os dedos enluvados pela borda do relógio, descendo a curva da cauda de uma serpente, subindo a asa de um pássaro noturno e pensando em casa.

Ela começou. Casa? Mas a casa era aqui, em Nova York.

Ou talvez, ela pensou, sejam os dois. Nova York e Cane. Humana e maga. Uma filha de dois mundos e de dois sangues.

O pensamento a encheu de um conforto que deslizou da cabeça aos pés, fortalecendo-a. Ela passou Felicity para o Sr. Wiley, que lhe deu um tapinha na cabeça distraidamente. Felicity olhou de volta para Clara por baixo da aba do chapéu de feltro, mas Clara a levou junto. Patricia Plum estava subindo as escadas do outro lado do palco, com um vestido e casaco escuros enfeitados com rendas, pelos claros

e joias brancas brilhantes. A multidão se acalmou um pouco com a aparência dela. O Dr. Victor apareceu atrás dela, com o chapéu de coco cheio de neve.

—Clara. — Sussurrou Felicity, afastando-se indignada do Sr. Wiley, mas Clara balançou a cabeça.

Acredite em mim, querida irmã, Clara pensou, observando Plum com o que esperava ser uma quantidade adequada de pesar resignada, *você não quer nada disso.*

Ela olhou para o relógio. Eram onze e quarenta e cinco. Hora do discurso de seu pai e quase hora de sua morte - pelo menos até onde Patricia Plum sabia. Clara encontrou os olhos azuis presunçosos do outro lado do palco e deixou o rosto contrair, deixando os olhos caírem.

O Sr. Wiley avançou e murmurou no ouvido do pai. John Stole assentiu e levantou as mãos para a multidão.

—Para as boas pessoas da cidade de Nova York. — Ele chamou na noite de neve. —Bem-vindos à primeira noite de um novo começo.

Clara olhou para o pai, perplexa. Ela também notou que Leo Wiley, que olhou para o discurso planejado em suas mãos antes de tossir alto e acenar com um pouco de fanfarronada nervosa.

Clara sabia que não era assim que o discurso começava. Ela havia ensaiado com o pai naquela tarde.

Em frente a ela, o Dr. Victor se mexeu, as mãos nos bolsos do casaco e os olhos na multidão. Clara seguiu o olhar dele e viu um homem de aparência oleosa, com cabelos oleosos e um rosto cheio de marcas, abafado no nariz com um lenço escuro.

Seu braço direito estava rígido, sua mão obscurecida.

O atirador.

Clara apertou as mãos na cintura e inclinou a cabeça, como se estivesse ouvindo pensativamente as palavras do pai. Ela tirou o frasco da luva.

Estava cheio de prata. Sua palma enfaixada recentemente doía para olhar para ela.

—... foram alguns anos difíceis para nós. — Dizia o pai. — E para alguns mais do que para outros. Houve injustiça em nossa cidade, um grande número de injustiças que deixaram muitos cidadãos trabalhadores pobres, com frio e com fome, enquanto outros se deleitam com seus incêndios. O crime corre desenfreado, a economia é pobre, os tribunais são corruptos e cheios de ganância e como seu prefeito... Eu devo assumir a responsabilidade por isso. Por sua fome, por seu frio e cansaço, sua raiva e medo.

A multidão estava em silêncio, mudando, mas seus olhos estavam em John Stole, cuja imagem brilhava intensamente na luz nevada. Eles o encararam - incertos e zangados, sim, mas esperançosos acima de tudo.

—Minha esposa — Continuou ele. —Era uma mulher de grande integridade que acreditava na justiça e na generosidade, tanto do pão quanto do espírito. Ela trabalhou incansavelmente por vocês, por cada um de nós, e acho que ela estaria... —Sua voz falhou; ele teve que fazer uma pausa. A multidão de olhos arregalados se aproximou. —Ela teria vergonha do que deixei acontecer desde a morte dela. De como eu me comportei. Eu não fiz direito por ela. Não fiz o certo por minhas filhas, que me lembram dela sempre que vejo seus rostos.

Ele se virou para Felicity, que parecia presa entre mortificação e deleite com a atenção, as bochechas dela brilhando em rosa. Ela colocou a mão na boca e fez uma reverência perfeita. Então John Stole olhou para Clara, e seus olhos se encontraram. Naquele momento, com a memória de sua mãe cercando-os, Clara percebeu com um choque que talvez ele se lembrasse mais do que havia acontecido em Cane do que ele havia deixado transparecer. Os olhos dele nela também sabiam.

—Elas me ensinaram mais do que eu jamais pensei possível. — Continuou ele. —Especialmente você, Clara. — Ele soprou um beijo suave. —Sua mãe teria ficado tão orgulhosa de você.

Por um momento, enquanto a multidão murmurava em aprovação, Clara ficou impressionada. Mas então ela viu como Patricia Plum fumegava, como os olhos do Dr. Victor estavam concentrados no atirador.

Clara acenou com a cabeça para a multidão, sorriu e abriu o frasco, derramou duas gotas de seu próprio sangue invernal na pele do pulso.

Talvez ela não pudesse acessar sua magia tão facilmente, agora que ela não estava em Cane, mas ainda estava em seu sangue. O padrinho usara seu último suspiro para dizer a ela que, com um pequeno dízimo - um ponto de dor para criar foco e trazer seu sangue à tona - ela ainda seria capaz de usar seu poder. Essa tinha sido sua própria solução, a noite terrível em que lançou sua própria raça especial de mecânicos no salão de baile, banhada em prata.

Então Clara se concentrou naquele ponto no pulso, na dor da palma da mão, e usou a dor como um amplificador para se estender

para fora, a consciência inundando-a. O céu estava preto mais escuro, a neve mais fria e mais brilhante, e em algum lugar, tão distante que ela pensou que poderia ser um truque de sua mente, ela sentiu a linha do sangue de outra pessoa, correndo fina, mas firme dentro dela. Isso a puxou inefavelmente em direção a um mundo invisível.

Como se ele estivesse ao lado dela, Clara podia ouvir a voz de Nicholas dizer, com aquela confiança fácil: *Bem, continue. Você sabe o que deve fazer.*

Ela apontou sua atenção para o atirador, que estava avançando na multidão, preparando o braço dele...

—... por isso é com solenidade, humildade e, o mais importante, uma promessa, que peço que me ajudem a tocar neste novo ano, neste novo século, ouso dizer nesta nova era...

Do outro lado do palco, o Dr. Victor começou a suar; Clara podia ver na testa dele. Patricia Plum, no entanto, era imperturbável, seus olhos frios treinados no perfil de John Stole.

Clara se preparou, sua magia equilibrada, com a âncora de seu sangue - o sangue de Cane - firmando-o. Ela desenhou uma imagem em sua mente do que aconteceria a seguir e a manteve lá.

—....com uma determinação de melhorar a nós mesmos, melhorar um ao outro e melhorar a nossa cidade.

A multidão começou a aplaudir. Dr. Victor sacudiu a cabeça. O atirador avançou para a fila da frente e levantou o braço.

Clara levantou um dedo, enviou uma onda de magia do seu núcleo através do sangue em seu pulso. Ela se reuniu com a energia do ar gelado, feliz por ser liberada nesse novo ambiente estranho, e

correu em direção ao atirador com um pequeno flash branco fugaz demais para que qualquer um entendesse.

Enterrou-se na pistola do atirador e pegou fogo.

Houve uma breve e aguda explosão, o cheiro acre de pólvora.

O atirador gritou, caindo de joelhos. Sua mão era um esboço sangrento, a arma um emaranhado de metal fumegante a seus pés. A multidão mais próxima dele saltou para longe, gritando. Dois policiais saltaram de suas posições nas escadas do palco para jogar John Stole no chão e cobri-lo. Outros agarraram Felicity, Leo Wiley e Clara.

Ela mal percebeu. A multidão era um mar de caos e, do outro lado, os olhos de Patricia Plum brilharam fúria azul. O chefe Greeley tentou afastá-la, mas ela deu um tapa nele.

—Deixe-me em paz, seu tolo. — Clara a ouviu dizer.

Atrás de Plum, o Dr. Victor estava farfalhando em seu longo casaco escuro. Um flash de prata brilhou em sua mão, e não era a luva de Concordia.

Clara empurrou os policiais. Eles a agarraram. Sua pele estava tensa de medo, mas ela não vacilou ao derramar o que restava no frasco em seu pulso, empurrou os dedos para o Dr. Victor pela segurança de seu casaco e deixou sua mágica voar nítida e verdadeira.

Nesse instante, quando uma forte luz branca se abriu no palco e a multidão gritou, Clara ficou sem fôlego. Seria o suficiente?

Um tiro foi disparado. Todo mundo se abaixou. Mas no enxame de uniformes pretos e bonés de polícia foscos, lenços, saias

encharcadas de neve e broches de bagas de azevinho, uma figura não se mexeu.

Patricia Plum estava deitada no chão do palco, com os membros torcidos. A escuridão se acumulava de uma ferida na barriga e seus olhos olhavam fixos para as estrelas.

O Dr. Victor não conseguiu se mexer quando a viu, a pistola ainda no ar. Seu espanto não poderia ter sido mais completo.

—Mas eu apontei... — Clara o ouviu murmurar. —Eu apontei diretamente para ele. Não para ela.

—Assassino! — Alguém gritou.

O chefe Greeley gritou com seus homens, e eles correram para o Dr. Victor, o contiveram. Quando a arma foi arrancada de sua mão, ele pareceu acordar.

—Mas eu não estava mirando nela! — Seus olhos eram selvagens. Ele lutou para se libertar, mas os oficiais se mantiveram firmes. Eles puxaram seus braços atrás das costas, prendendo-o em correntes. —Algo abalou minha pontaria, finalmente... Era você, não era?

Ele apontou a cabeça para Clara, a força de seu ódio apontando para ela mais do que qualquer mão jamais poderia ter. —Ela fê-lo. Ela fê-lo. Não sei como... Saia de perto de mim! A pequena vadia do diabo... Sempre houve algo de errado com ela. Escute-me. Escutem, todos vocês!

O chefe Greeley pegou seu taco e o atingiu no estômago do Dr. Victor que ficou mole.

—Tire ele daqui. — Disse Greeley, enojado, e seus policiais arrastaram o Dr. Victor, suas botas fazendo trilhas sujas na neve.

—Clara, você está bem? — O pai dela estava lá, dentro do círculo protetor dos casacos da polícia. Imediatamente Felicity se agarrou a ele. Eles estavam sendo levados do palco para a carruagem, onde dois oficiais seguravam os cavalos assustados pelas rédeas.

Logo antes da porta se fechar, Clara olhou além do ombro do pai. Lá, parecendo perdidos e furiosos e até, Clara pensou, um pouco assustada, estavam os irmãos Merry Butcher e Proctor.

—Pai. — Ela sussurrou, acenando para eles. —Vá até eles. Diga alguma coisa agora, ou alguém alcançará o poder de Plum. Afirme sua autoridade. Ainda não estamos seguros.

Ele lançou um olhar esquisito, mas ficou sem outra palavra. Clara o observou pela janela da carruagem, Felicity tremendo em seus braços. Ele bateu palmas nas costas do açougueiro e apertou a mão de Hiram Proctor. O policial que estava de guarda atrás dele, as mãos simpáticas e de olhos brilhantes alcançando-o na multidão, não passou despercebido. Uma certa luz saiu dos olhos do açougueiro. Ele assentiu, apertou o casaco com mais força e derreteu na multidão. Os outros seguiram o exemplo.

Clara sorriu. Não era o fim da Concórdia; levaria meses, até anos, para cortar as muitas sequências da teia de Patricia Plum. Poderia se tornar ainda mais difícil agora, com as figuras mais poderosas de Concordia lutando para controlar as partes fraturadas do império. Mas era um começo, um passo na direção certa. Pelo menos agora, ela esperava, seu pai teria mais convicção de fazer o que deveria ser feito.

—Clara? — Veio uma voz baixa.

—O que é isso?

Felicity franziu o cenho para ela. —Você tem algo no seu pulso.

Clara riu levemente e abaixou a manga. —Oh. Uma mancha de tinta, eu espero. Você sabe que eu estava ajudando meu pai a redigir seu discurso mais cedo.

—Tinta prateada?

—Não seja boba. Não existe tinta prateada.

Felicity parecia totalmente não convencida, mas então a porta se abriu, admitindo o pai e uma rajada de vento nevado. A porta se fechou e a carruagem começou a se mover.

—Pai! — Felicity chorou. Ela foi até ele e cheirou lindamente em seus braços enquanto ele alisava seus cabelos. —Oh, como isso foi horrível, pai. Você estava com muito medo?

—Aconteceu rápido demais para eu ter medo, querida. Não se preocupe.

Clara manteve os olhos fixos no mundo passando pela janela, mas mesmo assim ela sentiu a atenção do pai nela.

—Você está notavelmente calma, Clara querida.

—Eu suspeito que estou em choque, pai. — Disse ela, deixando sua voz vacilar.

—De fato. — Ele ficou quieto por um momento, colocando Felicity debaixo do casaco para aquecê-la. —Ou talvez seja que você também teve um sonho estranho ontem à noite?

Atordoada demais para pensar melhor, Clara virou a cabeça. Seu rosto estava pensativo, seus olhos distantes, e ocorreu a Clara que talvez John Stole soubesse mais sobre o passado de sua esposa do que Clara imaginara. Um calafrio tomou conta dela quando ela pensou na

soma da história, memórias e segredos que ela ainda tinha que descobrir.

Mas agora - com os sinos da igreja tocando a meia-noite atrás deles e o ano novo com seu trabalho à frente deles - não era hora de perguntar.

Em vez disso, Clara disse:

—Feliz Ano Novo, pai. — E o beijou levemente na bochecha.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Mais uma hora - uma foto ou duas, uma citação inteligente para os repórteres e a carruagem voltando para casa - e Clara Stole poderia terminar de fazer as malas.

Ela se afastou do prédio cinza gasto atrás dela e voltou para a multidão, com seus casacos de inverno e regatas de pele, os lenços ondulando no vento forte do Hudson. O ar cheirava a inverno; seria a primeira neve do ano, e Clara mal conseguia ficar quieta por sua excitação.

Excitação - e, se ela fosse honesta consigo mesma, apreensão.

Seria o mesmo, depois de todo esse tempo? Dois anos aqui; oito em Cane. Depois de criar um lugar para si mesma aqui, ela seria capaz de fazer o mesmo lá?

Seu sangue subiu em afirmação ansiosa.

Ainda não, ela repreendeu e, em algum lugar distante, um puxão paciente em resposta provocou um calor profundo em sua barriga.

—Eles dizem que uma civilização pode ser julgada em como trata seus indefesos e infelizes, seus jovens e seus velhos. — Disse ela, erguendo a voz para a multidão. Os rostos que a olhavam eram tão

diferentes dos cautelosos que a observavam no Bowery Hope Shelter há dois anos que, por um momento, a deixaram sem fôlego. Muita coisa aconteceu naquele tempo.

Após a morte de Patricia Plum e o encarceramento de Victor, e principalmente devido ao aumento de popularidade de seu pai após seu quase assassinato, Concordia caiu. Ainda existia, é claro, como partes de seu todo anterior, e não havia perigo de ser descartada. Mas seus membros haviam se espalhado nas sombras como baratas e, embora sua relativa dormência pudesse ser temporária, era algo. Havia esperança nas ruas novamente, e o dinheiro nas placas de coleta nas igrejas da cidade e o azevinho que eles colocaram nos postes do parque para inaugurar as férias eram frescos e verdes.

Sob a supervisão rigorosa de Clara, a Trifles & Trinkets reabriu com um novo fabricante de brinquedos em casa, o Sr. Peter Hoffmann, que ficou tão satisfeito ao ver o inventário fantástico do padrinho pela primeira vez que precisou ser administrado com um ventilador e um pano frio, como um debutante tagarelo.

Dores de perda aconteciam com Clara toda vez que ela visitava o Sr. Hoffmann, e toda vez que ela ficava embaixo do móvel em seu quarto e girava, deixando as sombras de dragões e pássaros noturnos atravessarem sua pele. Mas ela sabia que o padrinho teria orgulho dela - tinha orgulho dela - e que, embora doesse pensar nisso, ele provavelmente ficara feliz em morrer, depois daqueles longos e solitários anos de estar tão perto de sua mãe e ainda assim nunca perto o suficiente. Várias vezes desde que ouviu a história de Nicholas, ela tentou reunir raiva contra o padrinho - por amar sua mãe tão cegamente, por trair Leska não uma vez, mas duas vezes.

Mas Clara não conseguiu controlar a raiva por muito tempo; ele já sofrera o suficiente por sua própria ação, e por isso ela manteve a memória dele próxima, querida e livre de culpa.

Clara fechou as tesouras. A fita vermelha brilhante flutuou para longe de cada lado dela, e aplausos surgiram da multidão.

Ao lado dela, a sra. Von Meck, vestida de forma simples, com o rosto rosado, agarrou a mão de Clara e a apertou. Ela deveria ser a diretora aqui e sem dúvida uma das mulheres mais agradáveis e inteligentes que Clara já conhecera. As meninas estariam em boas mãos.

Era uma coisa a menos para ela se preocupar, uma coisa a menos para se sentir culpada por sair.

—Este. — Disse a sra. Von Meck. —É o dia mais marcante, senhorita Stole. — Havia lágrimas nos olhos. —Este será um lugar de esperança para muitos.

Clara sorriu para a imperiosa fachada cinza com seus pilares de mármore e as palavras CASA HARROD gravadas severamente na pedra. Ainda a deixava um pouco nervosa, pensar que aquele lugar já fora do Dr. Victor, que as salas de aula agora reluzindo com madeira polida e forrada com livros já foram células segurando macas ensanguentadas e garotas trêmulas.

Não mais. Agora seria uma escola, e essas meninas não se encolheriam em seus berços, mas se aconchegariam nelas tarde da noite para estudar para exames ou compartilhar as últimas fofocas. Seria aberto a qualquer uma que desejasse continuar sua educação, que olhasse para a universidade e além. Suas aulas mantinham a

mente afiada e os exercícios mantinham os membros fortes, e nenhum deles teria motivos para ter medo.

Clara apertou as mãos da sra. Von Meck.

—Já é um lugar de esperança para mim. — Disse ela, e virou-se para sorrir para o fotógrafo.

Mais tarde, Clara ficou na frente do espelho, as malas aos pés e ergueu o queixo.

—Fiz o que eu disse que faria. — Disse ela à reflexão. — Coloquei o pai de pé e no caminho para corrigir os erros de Concordia. Eu cuidei do trabalho do padrinho, garanti a segurança da minha família e ajudei a reconstruir minha cidade... e eu floresci fazendo isso.

Ela fez uma pausa, aproximou-se do espelho. O nariz dela quase tocando o vidro.

—Então, você pode tentar me fazer sentir culpada a qualquer momento. — Disse ela com firmeza. —Mas não vai funcionar. Não tenho nada para me sentir culpada.

Ela esperou sentir, algum senso de responsabilidade que a manteria aqui, mas nenhum veio. Seu reflexo estava calmo.

Ela terminou aqui. Já era tempo.

—O que você está fazendo? — Veio a voz aguda de Felicity da porta.

Clara imediatamente voltou para a mala, enfiando o retrato de sua mãe sob uma camada de roupa íntima. —Embalando, é claro.

—Não, eu quis dizer antes. — Felicity sentou-se primariamente na penteadeira, arrumando suas saias. —Você estava falando sozinha no espelho.

Clara sorriu. Ela raramente conseguia enganar a irmã de verdade, e essa habilidade diminuiu ainda mais nos últimos dois anos. Se Clara floresceu durante esse tempo, Felicity o fez dez vezes. Ela ainda gostava de coisas bonitas - as rendas nas saias, a escova de cabelo prateada, o chapéu com fita favorito - mas estava constantemente ao lado do pai, aprendendo política, aprendendo governo e todos que a conheceram sussurraram para John Stole:

—Cuidado! Com ela; a mente dela é duas vezes mais aguçada do que a sua. — E todo jovem que a conheceu ficou agitado e com uma língua presa, para grande desgosto de John Stole.

—Eu estava me dando coragem. — Disse Clara, amarrando a bolsa. —É difícil sair de casa pela primeira vez.

Felicity ficou quieta, observando Clara andar pelo quarto, arrumando coisas que não precisavam ser arrumadas.

Finalmente, ela disse: —Clara, você está realmente indo para a universidade?

Clara virou-se para a janela. O ar cortante do lado de fora a puxou, insistente.

—Claro que sim. — Disse ela rindo. —Estou embarcando em um navio esta tarde. Você sabe disso, sua coisa boba.

—Sim, indo para a escola no exterior. Ver o mundo e encontrar aventuras. Para esticar as pernas.

—Você vai querer fazer o mesmo um dia.

—Talvez. — Então Felicity se inclinou para mais perto, pensativa. Clara nunca a tinha visto tão séria. —Você vai voltar?

—Vou visitá-la com frequência. — Clara beijou sua bochecha e brincou: —Talvez eu até traga um marido comigo!

Felicity começou a rir, e com isso o momento passou. —Você? Clara Stole? O dia em que você traz para casa um marido é o dia em que gero asas e voo.

Clara jogou um travesseiro nela, e Felicity gritou e correu para fora da porta, suas fitas correndo atrás dela.

Sozinha, Clara esperou até ouvir a voz de Felicity misturar-se com o pai no corredor, depois pegou suas malas e correu escada abaixo. Eles ficariam chateados com ela por partir sem um adeus formal, mas mesmo que seu sangue estivesse tocando como sinos em seus ouvidos, e ela dificilmente pudesse manter o sorriso nervoso do rosto, ela temia vê-los e se envolver em seus abraços acabariam com sua coragem.

Ela correu para o inverno que se aproximava e fechou as grandes portas da mansão suavemente atrás dela.

Quando ela virou a esquina para a rua setuagésima sexta, um treinador e quatro jogavam sujeira nas saias e um grupo de meninos passou correndo, jogando uma bola entre eles. A luz do dia estava escurecendo, lavando a cidade em tons de rosa e cinza frios. Quando chegou a Trifles & Trinkets na vigésima terceira e sexta, Clara parou na janela e deixou os dedos tocarem o vidro.

Ela fechou os olhos e deixou os sons da cidade caírem sobre ela - os bondes e os barulhos dos cavalos, os sinos das portas das lojas e o riso dos transeuntes e as profundas buzinas do rio.

Então, deu uma última olhada na familiar loja e suas letras douradas e se virou para o beco próximo.

Ela largou as malas e tirou o fone de ouvido das dobras do casaco. Com as mãos trêmulas, ela a colocou na cabeça, por baixo da aba do chapéu e ligou o mecanismo na orelha.

—Olá? — Ela parecia incerta e mais jovem do que se sentia há muito tempo. —Tem alguém aí? Bo?

Uma pausa. Uma quietude pesada e insuportável. Ela não ouviu nada além de um ruído crepitante, magro e irregular. Então um assobio alto e o som de alguém pigarreando ruidosamente.

—Bem. — Disse Bo. —Está na hora.

Clara ouviu o sorriso familiar em sua voz, embora fosse mais velha agora, e ficou fraca de alívio.

—Bo, eu-

—Não se preocupe. Vou remendá-lo agora.

—O quê? — O pânico repentino a atingiu. Ela não estava pronta; era muito cedo. —Bo, espere...

Um estalo, uma mudança no silêncio, como se qualquer mágica conectada aos dois mundos tivesse se inclinado, mudada.

Então uma voz disse: —Clara? Você está aí?

Era diferente, essa voz. Mais velha, mais ria, alinhada com a passagem de vários anos e a sabedoria que vinha com ela.

Clara pressionou os dedos no fone de ouvido, aproximando a voz dele. Sua visão estava quente de lágrimas. —Sim. Sou eu. Olá Nicholas.

O nome dele estava estranhamente na língua dela, embora ela tivesse dito isso várias vezes nos últimos dois anos, sozinha na segurança íntima de seu quarto. Ela se viu rindo. Seu coração inchou, erguendo-a.

Ele soltou um suspiro lento no ouvido dela. —Senti sua falta, minha Lady. — Disse ele depois de um momento, e sua voz era densa. Ela se perguntou como ele seria agora, se suas mãos seriam iguais, se seus beijos seriam tão irresistíveis e como seria bonito aprender a conhecê-lo, finalmente, como duas pessoas que fizeram o que precisavam fazer e sobreviveram para celebrá-lo.

—Venha para casa para mim. — Ele murmurou, e era como braços a envolvendo. —Estou aqui.

Clara fechou os olhos, deslizou a luva da palma enfaixada e esvaziou o conteúdo do frasco na ponta dos dedos. Então ela deixou cair. O vidro quebrou na calçada. Em algum lugar na estrada, sinos tocavam alegremente. Ela concentrou os sentidos, provou o inverno na língua e estendeu a mão para o frio. A sensação de ir para casa a encheu, e ela sussurrou: —Leve-me para casa.

Quando a porta se formou, ela sentiu a luz sem abrir os olhos. Ela sorriu, segurou-a e entrou.

Homecoming

Epílogo

A primeira coisa que Clara viu depois de atravessar a Porta não era apenas uma cor, atirando-se para ela:

Azul.

Azul brilhante, antinatural, como as luzes elétricas do Poderoso Chefão, como mágica das fadas.

Azul como o crescente raio de luz na coxa da estátua - véspera de Natal, há dois anos. Os pequenos dragões de relógio do padrinho sangrando prata. Bestas arrombando as janelas.

Um homem nu, tremendo no chão.

Nicholas.

Dois anos para ela; oito para ele.

O que isso significa? O que teria mudado?

Demais? Ou não foi o suficiente?

Todos os dias, desde que deixara Cane e voltara para casa em Nova York, Clara tentara se preparar para a realidade disso - a passagem desigual do tempo. Devagar em casa, mais rápido aqui. Idade, memória, perda e saudade, e como isso aconteceria entre ela e Nicholas, ou se o fariam. Se um deles fosse deixado querendo algo mais do que o outro poderia dar.

Ou se, pior ainda, não restasse nada. Sem conexão, sem calor. Apenas um passado compartilhado, alguma reminiscência ao lado de um incêndio. Silêncios constrangedores, tentativas atrapalhadas de encontrar o que antes fora.

Sim, Clara havia pensado nessas coisas. Ela se preparara para esperar diferenças - um mundo antigo, progresso feito sem ela, decisões indo e vindo.

Mas, sabendo algo e realmente vendo, ela estava descobrindo duas coisas radicalmente diferentes.

Por um lado, ela sabia exatamente onde estava - na sala do trono de Wahlkraft - mas parecia tão diferente do que ela lembrava que se sentiu balançar, desequilibrada.

Havia uma jovem a abraçando.

—Bo? — A respiração de Clara agitou a bagunça de cabelos azuis pressionados contra sua bochecha. —É você?

—Não. — Disse a mulher, sua voz abafada. —Eu não estou a deixando ir. Ainda não. E você não pode me fazer.

Clara se viu sorrindo. Alívio puxou os nós em seu coração.

—Prometo que não vou a lugar nenhum, pelo menos não imediatamente.

Bo se afastou, olhando furiosa. —Não imediatamente? O que isso deveria significar?

—Bo. Bo. — Então Clara não conseguiu encontrar sua voz.

Ela havia se preparado - ela tinha. Ela imaginou como eles poderiam ser agora, como eles poderiam ter crescido. Muitas noites ela ficou acordada, desenhando o rosto de Nicholas em sua mente, repassando as linhas dele até que ela memorizasse o possível Nicholas, se familiarizasse com o corpo dele, se aquecesse imaginando sua voz profunda, suas mãos mais ásperas.

Mas Bo não era uma garota agora, mas uma mulher e mais alta. O rosto dela afinou, as pernas se alongaram. Seu casaco, enfeitado

com flores de índigo e violeta mais profundo, era fino e lisonjeiro, em vez da velha coisa de retalhos de antes.

—Você está velha. — Disse Clara, porque no humor havia uma certa segurança.

Ela esperava.

A sobrancelha de Bo torceu. Era uma expressão estranha e familiar - a criança Bo espiando pelo rosto dessa Bo mais velha.

—Cuidado. — Bo repreendeu. —Tudo o que fiz foi alcançá-la.

Clara riu. Estava muito alto nesta sala em expansão. Ela estava feliz por elas estarem sozinhos.

—Onde está... ? — Ela parou. Ela disse a si mesma que não choraria, que não devia ser sentimental. Que ela deveria se afastar dele - de todos eles - até descobrir como fazer isso. Como se ajustar de volta a este lugar quando ela temia que nunca pudesse.

—Ele está em outro lugar. —Disse Bo. —Eu disse a ele para se manter ocupado até que estivéssemos prontas para ele.

—Você imaginou que eu seria emocionalmente... bem, seja o que for. — Clara passou a mão pelo rosto. —Deus, eu nem sei o que dizer agora. O que sentir.

—Você está tão abalada quanto qualquer outra pessoa. —Disse Bo simplesmente. —Não é uma coisa pequena, vir aqui depois de todo esse tempo. Então, vamos dar pequenos passos. — Então a voz de Bo ficou alegre. — Além do mais, se ele estivesse aqui desde o início, haveria beijos estranhos e provavelmente lágrimas, e possivelmente declarações de amor e devoção eterna, e tudo bem na minha frente, e não tenho certeza de que estou apta a ver isso. Não

estou preparada para ver meu rei se fazer de bobo assim, não importa o quão feliz eu esteja por ele finalmente ter a chance.

Meu rei.

Clara enxugou os olhos e soltou uma gargalhada nervosa. Um rei, beijos e devoção eterna. Essas imagens não fizeram nada por sua sensação de calma.

—Senti falta da sua franqueza, Bo. — Disse ela.

Bo passou o braço pelo de Clara. —Eu também teria sentido minha falta. Estou encantada.

Elas caminharam pela sala do trono, Bo apontando as mudanças que foram feitas nos últimos oito anos. Cortinas rasgadas foram substituídas por novas em escarlate, enfeitadas com ouro. Novas janelas brilhavam. A luz do sol brilhava através de retratos em vitrais de magos de olhos prateados e fadas, todos em branco. Os seres humanos estavam entre eles, os braços estendidos.

Uma janela, na parede sul, exibia uma mulher com cabelos ruivos, vestidos de peles e botas altas, segurando uma adaga em cada mão.

Clara parou. Como era estranho olhar para cima e ver-se olhando assim...

—Impressionante, não é? — Comentou Bo, sorrindo.

Bem, sim. Ela era. Ou melhor, esse retrato obviamente trabalhava com tanto cuidado. E, no entanto, há dois anos e algumas semanas atrás, Clara teria desviado o olhar da imagem. Ela teria pensado que era falso, uma zombaria. Ela não teria sido capaz de aceitar a ideia de que alguém a via dessa maneira - feroz, de pé. Uma força.

Agora, ela apenas sorriu e desejou por um momento melancólico que seu pai pudesse ver isso. Talvez um dia ele o fizesse.

—Meu cabelo está muito... dramático. — Ela observou.

—Nicholas era muito particular em relação ao seu retrato. — Disse Bo. — Especialmente os cabelos. Eu pensei que o fabricante de vidro perderia a cabeça.

Nicholas. Clara respirou fundo, devagar. —Conte-me. Como ele está?

—Ele é um rei. Ele trabalha com muita frequência. Ele dorme muito pouco. Ele se importa muito. — Saíram para um terraço e pararam em uma grade de pedra. A luz do sol do meio-dia brilhava nos muitos brincos de Bo.

—O que você acha? — Bo perguntou em voz baixa.

A capital - Erstadt - estendia-se diante deles, uma extensão de torres brancas e telhados cinzentos, paredes de pedra ainda semiconstruídas, estradas sinuosas e ocasionais floreios decorativos de ferragens. Uma concessão para as fadas? Talvez um gesto de confiança.

Olhando para baixo daquela altura, Clara podia ver pátios, escondidos entre prédios e empilhados com muito verde - e o ocasional pedaço de terra morto, enegrecido e vazio. Cicatrizes, ela supôs, das décadas sob o domínio de Anise, quando sua magia se espalhou pelo mundo como veneno nas veias.

Muitas vezes, quando deitada acordada em sua cama na cidade de Nova York, Clara pensava não apenas em Nicholas, mas em Anise - o que poderia ter sido, o que havia sido. Houve noites em que Clara

acordou, confusa, por confundir a inclinação da luz da lua através de sua janela como a própria Anise, envolta em alguma túnica.

Às vezes Clara se perguntava: e se ela não tivesse matado Anise? E se ela tivesse conseguido, de alguma maneira, chegar até ela, naquele telhado coberto de neve, com kambots acima delas?

Nicholas teria tolerado uma aliança com ela? Eles poderiam ter conseguido governar em conjunto? E como Clara se encaixaria nesse arranjo? Teria havido espaço para ela?

—Onde você está? — Bo pressionou os dedos contra a palma da mão de Clara. — Você se afastou agora. Você está de volta em casa? Você está...? — Bo fez uma pausa. —Você gostaria de não ter vindo?

—Não! — Clara apertou a mão de Bo. —De modo nenhum. Somente...

—Recordações?

Clara sorriu tristemente. —Muitas delas.

Bo ficou quieta. Após o silêncio entre elas, Clara pôde ouvir o zumbido baixo de movimento, riso, indústria: uma cidade saudável e em expansão. Nicholas tinha feito isso, Bo e o padrinho.

Ela fez isso. Ela tornou isso possível.

Uma pontada de algo afundou nela como uma lâmina - pequena, mas cruel. Ela sabia que tinha feito a coisa certa, retornando a Nova York, ajudando o pai, desembaraçando a teia de Patricia Plum.

Mas o que isso significava para a vida dela aqui? Dois anos atrás, depois de se curar no castelo em ruínas de Nicholas, Clara estava começando a sentir como se ela pudesse pertencer a este lugar, e então ela partiu e agora...?

Ela tentou encontrar as palavras certas para dizer a Bo - algo inteligente, algo tranquilizador e significativo. Em vez disso, tudo o que ela conseguiu foi:

—Eu nunca vi uma cidade tão bonita.

É verdade, mas não exatamente significativo.

—Não precisa ter medo. Estávamos esperando por você. Nós queremos você aqui, conosco. Ei? — Bo sorriu e levantou o queixo de Clara. Era uma coisa estranha ser mãe de alguém que ela só conhecera quando criança. Então Bo beijou a bochecha de Clara e disse:

—Venha. Acho que o mantivemos esperando o suficiente.



Ao se perguntar como seria se reunir com Nicholas, Clara normalmente imaginava uma variação estranha de velhos amigos se reencontrando depois de um longo tempo separados.

Tendo caído do ritmo um do outro, eles não sabiam o que dizer, como se manter. O que a outra pessoa faria a seguir? Se houvesse um beijo, eles batiam no nariz, na testa? Seria apropriado tocar ou havia regras de decoro quando se tratava de cumprimentar reis?

Às vezes, no entanto...

Às vezes, nas noites tranquilas em que o ar estava calmo e fechado, Clara não podia deixar de pensar em uma lembrança calorosa, em uma imagem fugaz dele - Nicholas na casa de prazer, mantendo-se cuidadosamente longe dela, com seus corpos cheios de

tintas, jóias e metal escuro. Nicholas, lutando com ela através do trem das fadas, exibindo um sorriso sombrio quando a lâmina encontrou a lâmina.

Nicholas, nos últimos dias de frio de Erstadt - tremendo não da umidade, mas da proximidade de Clara. Beijos de penas em seu corpo. Encontrando, no antigo guarda-roupa de sua mãe, uma túnica esquecida, enfeitada com peles e bordada com fios de ouro - ainda cheirando levemente a óleo perfumado. Dobrando Clara nela, de brincadeira, e então... não tão divertidamente. Ajoelhando-se diante dela enquanto passava os dedos pelos cabelos dele. Sussurrando o nome dela contra a pele.

Sim, às vezes Clara se permitia pensar naqueles dias secretos, e se perguntava - seria assim, vê-lo novamente? Deliciosa e deliberada, uma reunião calma e lenta em alguma sala privada, escondida dos olhos curiosos. Cortinas puxadas, portas trancadas, luxuosas e sem pressa em uma cama feita para uma rainha.

—Clara? Clara.

Ela girou, esperando o sorriso de Bo.

Mas Bo apenas pigarreou e olhou ansiosamente para as portas pelas quais ela havia passado. —Eles estão prontos para você.

Clara ficou rígida. —Eles?

—Bem...

—Você me disse que seria apenas Nicholas.

—Aparentemente, todos querem conhecer você. Agora.

—Quem?

Bo parecia um pouco dolorida. —O conselho do rei.

—Você não pode estar falando sério.

—Quanto mais tempo eles ficam esperando, mais ranzinzas ficam. Vamos lá, vamos entrar e acabar com isso.

Bo guiou Clara em direção às pesadas portas de madeira que marcavam a entrada da Grande Sala. Então Bo se aproximou e sussurrou:

—Sinto muito por isso. Mas se houver algum consolo, nunca o vi mais feliz do que ele está agora.

As palavras de Bo enviaram uma pequena vibração de alegria no coração de Clara - e então ela entrou pelas portas.

A luz do sol a atingiu no rosto, tão brilhante que ela não teve escolha a não ser proteger os olhos, apesar de sua determinação de parecer real e tranquila. As janelas altas na parede oposta percorriam toda a extensão da sala. Havia uma mesa escura e enorme, polida a um brilho impossível.

Doze pessoas estavam sentadas ao redor, vestidas com esplendor em casacos longos e vestidos de seda - homens e mulheres, humanos e magos e... fadas.

Fadas, no conselho do rei. De cabelos brancos e pele branca. Alguns divertidos, outros mais vigiados. Mas sem animosidade, pelo menos pelo que ela podia ver.

Apesar do desconforto, os olhos de Clara se encheram de lágrimas.

Eles fizeram isso. Ela fez isso. Fadas, magos e humanos, sentados ao redor de uma mesa no castelo do rei, como amigos.

Um movimento em algum lugar no brilho brilhante da sala a fez se virar.

—Clara. — Veio uma voz familiar e ao mesmo tempo não. Diferente. Aprofundada.

Ela ouvira apenas algumas horas antes:

Clara. Você está aí?

Senti sua falta, minha Lady.

Volte para casa, para mim. Estou aqui.

Ela tentou dizer o nome dele, mas depois parou. Era impróprio dirigir-se a ele como Nicholas nessa empresa?

Sua Majestade?

—Meu rei. — Ela sussurrou, e então ele estava lá, envolvendo-a em seus braços, enterrando seu rosto em seus cabelos. Ele cheirava o mesmo, de ar do mar e pele quente. Algo frio e metálico pressionou contra sua bochecha - um daqueles pedaços remanescentes da maldição, alojados nele para sempre.

—Você está aqui. — Disse ele, sua voz rouca. Ela sentiu o barulho de uma barba, ouviu-o inspirar, ouviu sua respiração prender. —Clara, Clara.

Então ele se afastou, segurando o rosto dela para olhá-la - e lá estava ele.

Os mesmos olhos escuros. A mesma boca cheia. Cabelo escuro, indisciplinado. Uma barba, aparada ordenadamente e perto de sua pele. Restantes pedaços de metal - na têmpora, no colarinho.

Um rosto mais agudo e mais velho, sim, mas...

—É você. — Ela respirou, sorrindo, chorando, mas não se importou, pois mesmo com oito anos de uso e tempo no rosto, ele ainda era totalmente ele mesmo. O alívio disso baniu sua mente de qualquer preocupação com o decoro.

Os olhos dele brilhavam. Ele sorriu largamente, infantilmente.

—É você. — Disse ele, e então se abaixou e a beijou.

O corpo de Clara levantou-se para encontrar o dele como se não tivesse passado tempo, deslizando os braços em volta do pescoço dele, tonta e cega de alegria. Seu corpo era mais sólido, mais duro, não tão frágil e magro quanto antes, sob o domínio da maldição de Anise. Ele estava impossivelmente quente; ela se inclinou para ele, enrolou os dedos no casaco dele. Ele mordeu o lábio inferior. Uma selvageria tomou conta dela; ela podia facilmente imaginá-los continuando isso na mesa iluminada pelo sol.

Então ele sussurrou contra a boca dela duas palavras:

—Mais tarde, querida. — Pegou seus pulsos, beijou as palmas das mãos e se afastou.

—Estávamos imaginando se vocês se lembrariam que estávamos aqui. — Disse o mago mais próximo. Uma onda de risada gentil varreu a sala.

Nicholas curvou-se, sorrindo. A cor estava alta em suas bochechas.

—Meus amigos, perdoem-nos. Clara e eu... — Ele se virou para ela, e o ar estava subitamente espesso demais para respirar. Ele olhou para ela como se o fato dela, aqui de pé, fosse milagroso. —Muitos de vocês foram separados de seus entes queridos durante a guerra. Tenho certeza de que vocês podem entender como nos sentimos neste momento.

A voz dele. A voz dele. Clara queria se envolver com isso, roubá-lo dessas pessoas curiosas e divertidas e descobrir como seria

essa voz, agora, anos depois, quando o tocasse como na noite anterior em Erstadt.

Mas o conselho estava aqui, se aproximando dela. Nicholas a guiou na direção deles, os dedos traçando círculos em seu pulso. Muitas palavras se amontoaram na garganta de Clara. Ela soltou a mão de Nicholas, apertou a mandíbula, tentou acalmar seu corpo traiçoeiro e trêmulo.

O desejo de ordenar que todos partissem de uma vez e rapidamente - agora - quase a dominou.

Em vez disso, ela se aproximou do mago que havia falado. Ele era mais velho do que o padrinho quando morreu, seus cabelos escuros ficando quase prateados. O sorriso dele desapareceu quando ele se ajoelhou e segurou a mão dela. Ao toque de seus parentes, Clara sentiu o poder em seu sangue aumentar em reconhecimento.

—Estamos em dívida com você, Lady Clara. — Disse o mago, com a voz agora solene. — E estamos honrados, humilhados, por você ter escolhido voltar para nós.

O resto do conselho seguiu seu exemplo, ajoelhando-se e inclinando a cabeça. Eles murmuraram o nome dela, acolhendo sua casa.

Casa.

Clara olhou para onde Nicholas estava, as mãos cruzadas atrás das costas, tendo se afastado alguns passos. Ele sorriu suavemente para ela, e havia muitas coisas naquele olhar sombrio para Clara analisar - afeto, certamente, muito mais do que ela ousara ter esperança.

Orgulho.

Arrependimento por ela ter partido? Que ela voltou? Que tanto tempo se passou?

Fome.

Sua pele formigou. Ela se viu profundamente ciente do fato de que Nicholas era um homem agora. Oito anos mais velho - mais firme, gracioso. Desapareceram as linhas sombrias da maldição, os restos duros da guerra. E, no entanto, havia uma grosseria nele, de alguma forma, apesar de seu fino casaco vermelho e o dragão dourado brilhando em sua gola. Uma inclinação acentuada em suas bochechas e uma luz em seus olhos que a lembrava do garoto áspero que ela conhecera.

Se ele não parasse de olhá-la assim, ela realmente diria a essas pessoas para sair, Domínio seja condenado.

Ela respirou fundo e se virou. Mesmo de costas para Nicholas, ela podia sentir a atenção dele, como se o olhar dele fosse algo tangível que ela pudesse apoiar, acariciar e abraçar.

Mais tarde.

—Você me honra com sua gratidão. — Clara disse ao mago. — E com sua bondade. — Então ela o convidou a se levantar e perguntou o nome dele.

A suíte reservada para Clara era um conjunto confortável e arejado de quartos - paredes de cor creme, móveis de madeira usados

pintados de azul, cortinas finas em lavanda e lilás. O banheiro era decadente; Clara sentiu o gosto antigo e afiado pela superfície de Anise quando viu o azulejo de marfim polido e o lavatório enfeitado com ouro, enquanto passava os dedos por toalhas macias como pétalas. Um manto de renda índigo com uma faixa de cetim estava caído sobre um banco perto da janela, que estava cheia de almofadas com borlas.

Sim, Anise certamente teria aprovado esse luxo.

Clara demorou o máximo que pôde para tomar banho, e com cada golpe de suas mãos, ela imaginava que podia sentir a areia da cidade de Nova York derretendo. O sabão cheirava a madressilva, os óleos de baunilha e canela - e também um perfume que ela não reconheceu, algo único de Cane que a lembrou de uma fogueira no outono, o ar fresco e picante.

—Eu venho carregando vestidos. — Gritou uma voz de sua sala de estar. Uma porta se fechou e houve um farfalhar de tecido. —É um sinal de como eu gosto de você que estou me incomodando com essas coisas.

Clara sorriu, envolvendo-se no roupão e emocionada ao sentir a renda beijando seu corpo. —Não é uma conhecedora de moda, querida Bo?

Bo bufou. —Se eu tivesse o meu jeito, ainda usaria meu casaco velho, apenas com alguns ajustes. Mas, aparentemente, como assessora do rei, não tenho permissão para parecer um maldito rufião.

—Palavras de Nicholas?

—Bem, elas certamente não são minhas. Agora se apresse, quanto mais eu ficar aqui brincando de me vestir, mais rapidamente eu morro por dentro.

Ainda sorrindo, Clara soltou os cabelos úmidos, sacudiu-os até cair nas costas em uma cascata de vermelho. Aqui em Cane, os poucos fios de prata que haviam permanecido desde sua transformação pareciam mais brilhantes.

Seu poder parecia se aquecer nesse ambiente, onde não havia necessidade de se esconder. Ela examinou o comprimento do seu corpo. A túnica era... não recatada. Não faz muito tempo, a visão de si mesma de maneira tão reveladora a teria deixado envergonhada e pequena.

Agora ela simplesmente se sentia... poderosa. E não tinha nada a ver com a centelha do inverno formigando em seu sangue.

Bo bateu na porta aberta, olhando furiosa. —Estou falando sério, você sabe. Pedaços de mim mesma, desmoronando a cada segundo.

Clara deu um beijo na testa. —Estou pronta, sua mal-humorada. Apenas me divertindo.

—Bem, já é hora, eu digo. Agora aqui, escolha uma. — Bo acenou com o braço com desdém para a pilha de vestidos na cama de Clara.

Clara levantou uma sobrancelha. —Você não vai me ajudar a escolher?

Bo se jogou em uma cadeira e pressionou uma almofada no rosto. —Por favor, não me faça. Vou amarrar faixas, apertar botões, até trançar seu cabelo. Mas nenhuma tomada de decisão. Ou

realmente qualquer coisa que exija verdadeiro esforço, para ser mais precisa.

—Você é impossível.

—Já me disseram.

Clara sorriu. —Tudo bem, eu vou lidar com os vestidos. Você acabou de falar comigo. Como estão as coisas lá embaixo?

—Ah, você sabe. Preparações típicas. Comida. Decorações. Vinho, vinho, vinho. Um dos servidores deixou cair uma pilha de pratos. Minha irmã gosta de arrancar os cabelos antes que a noite acabe.

Clara se virou. —Afa! Ela está aqui?

—Oh, sim, e fora de si com emoção de vê-la novamente. Nicholas a convidou para morar no palácio e organizar todas as coisas cerimoniais tediosas - festivais, festas. Coroações. — Bo abaixou a almofada e encarou Clara. —Quando você chegou aqui, disse que não iria embora imediatamente. O que você quer dizer com isso?

A pele de Clara esquentou. Ela fingiu preocupação com sua seleção de vestidos. Ela os ergueu, um após o outro, inspecionando cada um deles no grande espelho dourado que estava encostado na parede ao lado de sua cama. Um vestido de seda tingido de violeta e verde, o decote e a bainha com bordas de trepadeiras douradas. Um vestido justo de renda azul-gelo, minúsculas jóias tecidas nas mangas. Um vestido de ébano, sem costas, com uma gola muito cortada e um decote profundo.

—Clara? — Bo entrou em sua linha de visão, encostada no espelho enorme. —Você está me ignorando.

—Eu não estou. Só não sei como responder.

—Sinceramente, e sem pensar em poupar meus sentimentos."

Clara suspirou bruscamente, descartou o vestido de ébano.

—Eu quis dizer que não sairia imediatamente porque não vou, mas talvez não fique.

—Por que não?

Clara sentou na cama e encarou Bo.

—Porque é possível que eu possa não pertencer a este lugar. Disse ela sem rodeios. —Eu não estive aqui por muito tempo antes, e enquanto eu estava aqui, todo mundo estava em guerra. As circunstâncias foram... incomuns. Nicholas e eu nunca tivemos a chance de nos conhecermos... bem, como pessoas. Não como soldados, nem como prisioneiros. — Ela fez uma pausa, pensando naquele voo solitário através da tundra de Rosche, para longe dele. Fria até os ossos e assustada com seu próprio corpo. Traída. De coração partido. Há muito tempo ela perdoara Nicholas, mas isso não diminuía a dor de lembrar. — Não como inimigos. E se agora, depois de todo esse tempo, toda essa espera, descobrirmos que não somos nada um para o outro? E se eu não conseguir me adaptar à vida aqui? E se minha presença despertar raiva antiga entre as fadas? Eu não sou uma heroína para todos.

Bo ficou muito quieta. Muito quieta. —Não. Você não é.

—Houve raiva pelo meu retorno?

Bo não disse nada.

—Bo. Sinceramente, e sem pensar em poupar meus sentimentos."

—Houve alguns... incidentes.

—Incidentes.

—Nada para você se preocupar.

Clara ficou em pé, encarando. —Bo. Eu devo saber. É minha responsabilidade saber. Ajudei a moldar este mundo, e se vou morar aqui, especialmente como convidada do rei, ou como... — O quê? Uma amiga? Uma amante?

Rainha?

Ela inspirou e expirou, lentamente. Ela voltou sua atenção para dentro, procurou seu poder, agarrou o cordão de prata reconfortante, deixou esfriar e acalmá-la. —Se eu tiver alguma esperança de pertencer aqui, devo saber.

—Protestos. — Bo disse categoricamente. —Pequenas disputas entre alguns agitadores remanescentes das fadas e a guarda real.

—Nicholas esteve em perigo?

—Ainda não.

Ainda. Clara se virou, uma sensação de mal estar tomando conta dela.

—Mas isso não importa, Clara. — Bo pegou as mãos de Clara, sua expressão agora aberta e feroz. —A vida de nenhum rei está livre de riscos. Nenhum reino está livre de inquietação. Se você mora aqui ou no Além, algumas pessoas sempre acham um motivo de raiva.

Clara olhou para o tapete, onde os símbolos das quatro primeiras famílias se entrelaçavam - o pássaro noturno, o garanhão, a serpente do mar e o dragão. Depois de um momento, ela disse: — Eu posso fazer o bem aqui.

—Sim. Você pode. Você tem. Existem aqueles que estão com raiva e depois há aqueles que são gratos, que querem conhecê-la, obrigada.

Uma imagem brilhou diante dos olhos de Clara - Anise, seu tronco manchado de azul brilhante, seu lindo rosto caído. —Algumas das coisas que fiz... Não tenho orgulho. Não os culpo por estarem zangados comigo.

Depois de um momento de pausa, Bo disse baixinho:

—Nicholas me contou um pouco do que aconteceu entre você e Anise. Nem todas. — Disse ela rapidamente. — Mas o suficiente. Houve uma pausa pesada. —Clara, se ela quisesse ser salva, ela não teria forçado sua mão.

Na expressão preocupada da amiga, Clara piscou para conter as lágrimas e sorriu. Ela aproximou Bo e beijou sua bochecha. —Bem. Acho que não posso tomar nenhuma decisão hoje à noite. Há uma festa para participar.

Bo a observou com olhos estreitados. —Você não vai me deixar tão facilmente assim.

Clara virou-se para o próximo vestido na pilha. No momento em que tocou o tecido, ela sabia que seria esse. —Talvez eu precise de muitas outras garantias, Bo, se quiser fazer isso. Se eu ficar. Você terá que ser paciente comigo.

—Eu vou. E ele também, Clara. — Bo ajudou Clara a passar o vestido por cima da cabeça, puxando gentilmente o cabelo para fora do decote. —Não exagerei quando digo que nunca o vi mais feliz. Se houver trabalho a ser feito, relações a serem suavizadas, ele estará ao seu lado a cada momento.

Trabalharam em silêncio por alguns minutos e, quando Bo se afastou e Clara se viu no espelho, ela esqueceu tudo, exceto o simples prazer de se ver em um lindo vestido.

Tecido dourado enrolado em seu torso em camadas confortáveis, passando do ombro direito ao quadril esquerdo. As tiras eram finas, cordas de seda, o decote baixo. Quando ela se moveu, o tecido frio mudou deliciosamente em sua pele, brilhando em um azul sutil e iridescente. A parte de trás estava aberta, exceto por pedaços de tecido e renda em um padrão caótico que deixava nuas manchas de sua pele sardenta. A saia estava esfarrapada artisticamente, como se alguém tivesse costurado finas bainhas de ouro. Tiras de renda apareciam por baixo do ouro, dando à saia um ar arejado. Era um vestido de nuvem e brilho de metal.

O sorriso de Bo no espelho era total alegria.

—Tudo bem, vou descer cedo para encontrar um bom lugar. E então, quando ele te ver, eu vou ficar lá e assistir a boca dele abrir, apontar e rir. Bem, eu não vou apontar e rir, suponho, mas vou rir. Internamente. Ou pelo menos em silêncio.

Clara começou a rir. —Se você me fizer rir lá embaixo, eu mato você. Eu deveria parecer uma rainha.

—Então você vai ficar. — Disse Bo. —Eu sabia.

Clara lançou-lhe um olhar severo, mas não funcionou. Ela não conseguia parar de sorrir. —Apenas me ajude com meu cabelo.

A sala do trono era um festival de luzes - velas às centenas, candelabros que dançavam com chamas brancas, fios de luzes elétricas crepitando em azul das fadas. Quatro salões de baile menores ao redor da sala do trono estavam com as portas abertas para um fluxo constante de dançarinos, cortesãos de peles e jóias, criados em casacos compridos. Mesas compridas estavam cheias de comida - carnes defumadas, bolos gelados, frutas desconhecidas empilhadas no alto.

Clara se permitiu um momento no topo da grande escadaria para se orientar. Firmar-se contra o corrimão. Respirar.

Quando a dança atual terminou, um aceno de Bo sinalizou para os músicos começarem algo novo - uma procissão, imponente e ainda delicada, as notas girando docemente como folhas caindo.

Clara respirou fundo outra vez e desceu, uma mão seguindo o corrimão de ferro. Todos os olhos se voltaram para ela; o ar estava pesado com o silêncio. Ela deixou o olhar percorrer a multidão reunida, encarando os cortesãos ou criados ocasionais e sorrindo da maneira que esperava ser uma maneira tranquilizadora - e esperando que eles não pudessem adivinhar o quão freneticamente seu coração batia. Ela desejou que a maldita escada não fosse tão longa.

Quando ela chegou ao salão de baile, a multidão começou a se separar diante dela e ali, no extremo oposto da sala, estava Nicholas.

A respiração dela ficou presa.

Ele usava um longo casaco escarlate com bordas douradas - as cores Drachstelle - calças escuras, botas escuras, camisa branca e colete escuro. Seus cabelos escuros tinham sido penteados para trás, arrumados em um estilo que o fazia parecer mais um estranho para

Clara do que todos os anos perdidos entre eles. Ela nunca o tinha visto tão bem, tão... limpo. Ele estava alto e reto ao pé de seu trono - e então ele se moveu, devagar a princípio e depois caminhava em direção a ela, seus olhos escuros fixos nos dela.

O coração de Clara cantou ao se aproximar dele. Ela murmurou uma saudação formal e começou a se ajoelhar, mas ele pegou a mão dela antes que ela pudesse.

—Lady Clara. —Ele murmurou, e passou os lábios pelos dedos dela. Até aquele beijo casto enviou um choque no corpo de Clara. —Você nos honra com sua presença.

—E você me honra com sua bondade, meu rei, como todos aqui presentes.

Havia mais que ela deveria dizer, uma saudação que ela e Bo haviam praticado antes de descer de seu quarto. Mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Os olhos de Nicholas sobre ela eram demais para suportar - muito suaves, quentes demais, cheios de coisas não ditas. Anos longos e noites solitárias.

Então Clara não disse nada. Em vez disso, ela estendeu a mão e colocou a mão em sua bochecha, maravilhada com a sensação familiar do metal em sua têmpora e o desconhecimento de sua barba áspera. Então ela encontrou a outra mão dele e a levou, apertada, ao coração. Ela queria que ele sentisse como aquilo corria; ela queria que ele entendesse o que isso significava para ela estar aqui - a emoção, o medo. Como o poder dentro dela ansiava por estar mais perto dele.

O que eles seriam um para o outro agora?

Antes que pudesse pensar se era apropriado ou não, ela se esticou na ponta dos pés e o beijou.

Toda dúvida desapareceu nem um instante depois, quando a multidão ao redor deles começou a aplaudir, o assobio penetrante de Bo mais alto de todos.

Foi breve - muito breve - mas eles se separaram rapidamente, rindo. Nicholas soltou um suspiro e passou a mão pelo cabelo, despenteando-o. Seus olhos brilhavam como os lustres tremeluzentes. Ele se curvou; Clara seguiu, fazendo uma reverência. Ao redor deles, o salão de baile era um mar cintilante de risadas, aplausos e comemorações.

—Mais vinho! — Nicholas gritou. —E mais música! Dê as boas-vindas a nossa Lady Clara de todo o coração, como desejamos fazer há anos!

A orquestra começou imediatamente uma melodia alegre e valsa. Os cortesãos mais próximos de Clara correram para cumprimentá-la.

Quando eles se viraram para enfrentar a multidão de simpatizantes, Nicholas disse baixinho: —Dança comigo depois?

—A noite toda, se você quiser. — Respondeu Clara, e ficou satisfeita ao sentir a mão dele apertar a dela.

A noite voou em um turbilhão de cor, música, dança, comida e muito vinho.

Clara conheceu Lady Ilona, uma fada gregária que parecia totalmente encantada por conhecer Clara e não conseguia parar de elogiar sua escolha de vestido; um mago sério, de fala mansa, Lorde Kambrach, que agradeceu a Clara por terminar a guerra que havia reivindicado toda a sua família. Felizmente, houve uma reunião com Afa, que puxou Clara para os braços cheios de joias e beijou suas bochechas.

—Sentimos sua falta. — Sussurrou Afa contra o ouvido de Clara. —Você se foi por muito tempo.

—Estava fora no tempo que precisei. — Disse Clara gentilmente.

—Claro. Eu sei disso. É só... — Sorrindo, Afa segurou as mãos de Clara e deu um passo para trás para olhá-la. —Só que agora sinto que as coisas são como deveriam ser.

Clara sentiu uma pontada de desconforto. —Fico feliz que pelo menos uma de nós se sinta tão confiante.

Afa fez uma careta. —Você está tendo dúvidas?

—Tudo está acontecendo tão rápido. Eu mal tive a chance de pensar desde que cheguei. Pensei que talvez tivesse alguns dias para mim primeiro, alguns dias para...

—Para gastar com ele, sozinha?

—Afa.

O sorriso de Afa era suave. —Não quero provocar você. Eu só quis dizer, hora de se conhecerem novamente.

—Sim. Exatamente. E ele age como se não houvesse nada com o que se preocupar. Como se tudo já tivesse sido respondido por nós e não resta mais nada a não ser seguir as instruções.

—Acho que você ficará surpresa quando tiver a chance de falar com ele.

—Você não pode dizer que ele está nervoso também.

—Claro que ele está. O que você acha, já que ele é mais velho, que ele é um rei, que ele não conhece o medo? Que ele não conhece incerteza?

—Bem, não, isso não seria justo comigo.

Afa assentiu serenamente. —De fato. Apenas deem a si mesmos o tempo necessário. Depois desta noite, será mais fácil. Agora, perdoe-me, mas tenho deveres a cumprir e acredito que você está prestes a dançar. — Ela se virou com um pequeno sorriso.

Clara sentiu sua presença antes de vê-lo. A atenção dele deslizou por seu corpo em trilhas de calor, e o ar atrás dela parecia subitamente mais leve, mais vital.

—Você vai dançar comigo, Lady Clara?

Ela se virou com a voz baixa, sorriu. —Eu nunca dancei em Cane antes. Você terá que me ensinar os passos, meu rei.

Nicholas a abraçou, uma mão firme contra a parte inferior das costas, a outra entrelaçando os dedos. As palmas das mãos dele queimaram sua pele. A música mudou, e ele se inclinou para sussurrar em seus cabelos: —Senti sua falta.

Ela esperava que ele a provocasse, mas a aspereza em sua voz transmitiu uma emoção profunda que pôs seus olhos em chamas. Ela piscou para afastar as lágrimas e o deixou levá-la pela pista de dança. Ela não se permitia fazer papel de boba aqui, com todos os observando.

—Não vou me desculpar por sair. — Disse ela em breve, depois de controlar a voz.

Ele se afastou o suficiente para franzir o cenho para ela. —Não estou pedindo para você fazer isso. Tudo o que eu disse foi que senti sua falta, Clara.

Ela queria se afastar dele, endurecer-se contra essa suavidade em sua voz até que ela tivesse mais certeza de si mesma.

Ela queria confessar o quanto sentia sua falta, quantas noites pensava em nada além dele. Como ela estava assustada com a intensidade dele, com isso.

Ela queria derreter-se ainda mais em seu abraço, deixá-lo reprimir essa dor dentro dela como suas mãos nunca foram capazes, sozinhas em sua cama.

Ela desviou o olhar, sorrindo para a multidão de cortesãos, para que não percebessem sua angústia. Eles dançaram em silêncio por um longo momento, os olhos de Nicholas nela. A música alegre parecia irritante e ridícula.

Por fim, Clara falou, embora, mesmo assim, não tenha certeza do que dizer. —Nicholas, eu...

A dança terminou. Outra começou. Um jovem humano ansioso, um dos cortesãos inferiores, apresentou-se a Clara timidamente.

— Você me daria a alegria de uma dança, Lady?

—Claro. — Clara conseguiu, e fez uma reverência para ele.

Antes de Nicholas se afastar, ele disse em seu ouvido:

—Encontre-me na Grande Sala em vinte minutos. Por favor, Clara?

Ela assentiu uma vez, sem encontrar os olhos dele. Então ele se foi.

Como Nicholas pediu, Clara logo conseguiu escapar do salão de baile e encontrar a Grande Sala escura. Uma vez lá dentro, ela se viu sozinha. A mesa enorme brilhava com a luz da lua e as janelas abertas ostentavam uma vista impossível das estrelas.

Uma porta do outro lado da sala se abriu, admitindo uma passagem de luz. A silhueta de Nicholas era alta, desconhecida e querida.

—Vem comigo? — Ele perguntou calmamente, estendendo a mão para ela.

Ela pegou e deixou que ele a conduzisse por um corredor silencioso de pedra, forrado com tapeçarias e um tapete felpudo. Tochas iluminavam sua passagem e, quando chegaram a uma pequena sala modestamente mobiliada, silenciosa e confortável, Clara sentiu um pouco da tensão em seu corpo relaxar.

—Este é o meu local particular. — Explicou Nicholas. — Ninguém vem aqui além de mim - nem conselheiros, nem membros do conselho. É a minha retirada. — Ele fechou a porta atrás deles e pareceu subitamente tímido. —Está tudo bem? Pensei que devíamos ter algum tempo para conversar.

—É perfeito. — Clara atravessou a sala, ficou em frente à janela. — Eu estava ficando um pouco nervosa por lá.

Em silêncio, Nicholas acendeu velas pela sala, banhando-a em um brilho quente e dourado. Clara olhou para a cidade iluminada pela lua, tentando parecer firme quando sentiu algo. Cada um dos movimentos silenciosos de Nicholas parecia reverberar dentro dela, puxando sua barriga, apertando sua garganta.

—Você está chateada. — Ele observou, depois de um longo momento.

Ela se virou e o encontrou observando-a com firmeza, as mãos cruzadas atrás das costas. —Eu estou... não sei o que estou sentindo.

—O que isso significa?

—Eu disse que não sei.

—Mas se você tentar explicar isso...

O som de sua voz paciente a quebrou. Ela estendeu as mãos, soltou um som que era meio riso, meio soluço sufocado. —Estou feliz em ver você. Eu estou intimidada por todas essas pessoas. Não sei quais delas me odeiam, quais delas me admiram, quais delas já estão me avaliando e me faltando. Sinto falta da minha família e nem saí há um dia. Não sei se pertenço a este lugar. Não sei mais falar com você. Quero descobrir, descobrir como fazer isso de novo, mas estou com medo de não conseguir. Eu me sinto jovem perto de você. Muito jovem. Você cresceu e me deixou para trás. E eu quero que você me toque. Não. É mais do que querer. Eu preciso que você me toque. Sinto como se você não me tocasse e logo perderei a cabeça. Talvez se você me tocar, minha cabeça ficará clara o suficiente para pensar. Mas

ninguém me deixa ter você desde que cheguei aqui. Ninguém nos deu tempo.

Ela parou, olhando para ele. — Isso explica as coisas melhor para você?

Ele soltou um suspiro lento e deu-lhe um sorriso tímido. —Eu tenho que dizer, tudo isso me faz sentir melhor.

—Como isso pode fazer você se sentir melhor? — Ela exigiu. Ela queria gritar. Ela não se permitiu chorar.

—Porque estou feliz em vê-la e sou intimidado por todas essas pessoas. — Ele começou a dar passos lentos e medidos em direção a ela. Os olhos dele nunca deixaram o rosto dela. —Eu não sei qual deles vai te odiar, ou me odeio por te pedir de volta aqui. Não sei qual deles me acha louco por querer ter uma garota do Além como minha rainha. Eu sinto sua falta há tanto tempo que parece impossível que você finalmente esteja aqui. Não sei se posso viver de acordo com sua memória de mim. Quero ter tempo para conhecê-la, sem pressa e sem mácula, mas sei que não conseguiremos, porque sou o rei, e alguém sempre precisará de mim. Eu cresci e perdi muitos anos com você.

Ele estava perto dela agora, perto o suficiente para que o ar estivesse tenso e abrasador. Clara imaginou o vínculo entre eles como um cordão trovejante. Era certo estar tão perto dele, encontrar-se mais perto. Todo o seu corpo gritava que estava certo.

—Eu quero tocar em você. — Nicholas continuou, sua voz baixa. —Eu preciso tocar em você. Eu sonho em tocar em você há anos. Mas desde que você chegou, ninguém me deixou tê-la sozinho. Ninguém me deu tempo para tranquilizá-la, tranquilizar-me, ser

Clara e Nicholas, não um rei e uma dama. — Ele deu um sorriso melancólico. —Apenas uma garota curiosa e uma estátua no canto.

Os olhos de Clara estavam cheios. Se ela se mexesse, eles transbordariam. —Nicholas

Ele se aproximou. Ele passou as mãos pelos lados dela; o ritmo constante disso a acalmava. Ela fechou os olhos e ele beijou suas bochechas molhadas.

—Você não é a única que está assustada e insegura. — Ele murmurou, os lábios contra a pele dela enviando calafrios de necessidade por sua espinha. —Mas podemos resolver isso juntos, se você concordar. Diga a palavra e eu deixarei você, Clara. Você não é e nunca será digna de mim. Se você acha que não pode viver aqui, se prefere voltar para casa, é livre para fazê-lo. Você sabe disso, não é?

Ela assentiu, movendo as mãos pelo torso dele para descansar sobre o coração dele. Ela forçou os olhos a abrir, trancou-os nos dele. —E se eu optar por ficar, mas não com você, eu vou.

—Claro.

—E se eu optar por ficar, mas levo tempo para aceitá-lo, para aceitar isso...

Os olhos dele eram macios. —Então eu vou esperar.

Ela sentiu o rosto amassar, tentou combater. —Você esperou por tanto tempo.

—Nós esperamos. — Ele beijou sua testa, suas bochechas, a pele macia atrás das orelhas. Ela ofegou, arqueando nele.

—Clara. — Disse ele bruscamente, afastando-se dela. — Talvez devêssemos parar.

—Não. —Ela enrolou os dedos na camisa dele, puxando-o para mais perto. Seus olhos estavam molhados, mas ela não desviou o olhar. Ela sentiu uma onda de poder quando o olhar dele escureceu. Se eles parassem agora, ela temia que se dissolvesse. Ela precisava dele como respirar. —Toque me. Agora.

Um momento se passou, quieto e quente.

Ela traçou as linhas do rosto dele com os dedos - as maçãs do rosto, as sobrancelhas, os lábios. —Por favor, Nicholas.

Uma batida e depois outra. Então Nicholas soltou um suspiro irregular e seus lábios colidiram com os dela.

Os braços dele a envolveram, prendendo os dela entre eles. Clara sentiu-se cercada pela força dele; ela se sentiu iluminada por dentro. A mão dele enrolou nos cabelos dela, enredando-se nas fitas que Bo amarrara; ele passou os dedos entre o tecido cruzando as costas dela. A mão dele pressionou sua pele, marcando-a. Ela soltou um grito suave contra a boca dele, agarrou sua cintura e puxou-o para mais perto.

Eles tropeçaram contra uma cortina grossa de brocado que margeava uma janela. Clara sentiu a almofada de veludo nas costas e os planos duros do corpo de Nicholas pressionando contra sua frente. Ela ofegou, inclinou a cabeça para trás e tentou respirar enquanto ele pressionava beijos quentes em seu pescoço, sua clavícula, beliscando levemente.

Ele disse o nome dela, uma ponta em sua voz que ela nunca tinha ouvido antes. O calor a atravessou, e ela estava viva. Ela era poderosa e ela mesma. Ela era dele.

—Mais. — Ela respirou, puxando os braços livres para puxar o casaco dele pelos braços. Ela avistou seu rosto corado e alegre e sorriu, jogou o casaco para fora e passou os braços em volta do pescoço dele, deixando-o erguê-la no lugar contra seus quadris.

Seus beijos se aprofundaram, suavizaram. A língua dele separou seus lábios e ela o devorou. Ela estava flutuando; ela estava voando. Um som estridente encheu seus ouvidos, pulsando com o ritmo de seus beijos. Os dedos dele, entrelaçados nas tiras do vestido dela, puxaram com crescente desespero.

—Este vestido é complicado. — Disse ele com um grunhido. — Eu reclamaria mais se você não parecesse tão requintada nele.

Com sua frustração ofegante, uma leveza floresceu dentro dela. Ela jogou a cabeça para trás e riu, e então ele conseguiu deslizar a manga do vestido pelo braço, e ela não estava mais rindo.

Ela ofegou, estremeceu, segurou-o para ela, e então eles estavam se movendo, indo para a espreguiçadeira baixa empurrada contra as janelas. Era larga e macia; caíram contra ela e travesseiros se espalharam.

—Camisa, fora. — Ela ofegou, puxando o colete, a camisa branca por baixo. Ele sentou-se, as pernas presas juntas, e ela tentou recuperar o fôlego quando ele tirou o colete e depois puxou a camisa por cima da cabeça.

—Espere. — Disse ela, pressionando as mãos contra o estômago dele, traçando as linhas musculosas de seu corpo, seguindo o caminho emaranhado com os poucos pedaços de metal ainda enrolados em sua pele.

—Espere. Disse ela, mais calmamente, e pressionou os lábios em cada pedaço de metal, sentindo o gosto da magia das fadas de longa data em sua língua. Ela deixou os dentes roçarem a pele dele, regozijando-se com a forma como seu toque o fez tremer.

Ela encontrou o cinto dele, enrolou os dedos em torno dele. Suas mãos convulsionaram em seus cabelos, e ele disse o nome dela em um sussurro estrangulado.

—Clara, você vai me despedaçar.

Ela puxou gentilmente os braços dele, trazendo-o de volta contra ela. Pele a pele, lábios aos lábios. Ela sentiu as batidas do coração dele ecoando em seu sangue, uma resposta própria. A mão dele deslizou por seu lado, por sua coxa. Quando ele encontrou a fenda do vestido, quando a palma de sua mão descansou contra a pele nua, ela arqueou-se contra ele e agarrou as almofadas com força.

—Posso, Clara? — Ele respirou contra os lábios dela. Sua pele formigava do arranhão da barba dele, e ela torceu nos braços dele, derretendo quando o corpo dele pressionou o dela. Cada toque era uma inundação de calor em seus dedos.

Ela lhe disse:

—Por favor. — E quando a mão dele deslizou por sua coxa, por baixo do tecido de seu vestido, ela soltou um grito suave.

Ao som, sua mão vacilou contra ela. Com o outro braço, ele a abraçou, e ela se agarrou alegremente, envolvendo-se o mais perto possível dele. A boca dele encontrou a dela, desesperada, e depois mergulhou mais baixo, até o pescoço dela.

—Imaginei que, quando a visse novamente. — Ele disse com voz rouca. — Eu a beijaria por horas. Mas...

—Mais tarde. — Ela disse, e pegou o rosto dele em suas mãos. Ela afastou o cabelo dele da testa e deixou-se sorrir como não fazia anos. —Temos tempo de sobra.

Ele encostou a testa na dela e o amor em seu rosto a deixou sem fôlego. —Eu vou te abraçar, minha Lady. — Ele sussurrou.

Então ele se inclinou para beijá-la, deslizando a mão pelas costas dela para trazê-la para mais perto dele. Suas carícias sem pressa se tornaram urgentes, e Clara se perdeu nelas, nele, na pressão de seu corpo e na provocação de seus lábios. Ela passou os braços em volta do pescoço dele, deixou o toque dele invadi-la em uma névoa de sentimentos, até que ela não passou de uma corrida de sangue e o zumbido firme de seus laços e o fogo frio de seu poder, atraindo-a cada vez mais



Horas depois, Wahlkraft estava quieta e silenciosa, os salões de baile desertos.

A lua transbordava pelas janelas de estudo, banhando Nicholas em uma luz fria e branca. Por fim, adormecera e Clara estava deitada ao lado dele, observando com carinho enquanto os sonhos se moviam em seu rosto. Quando ela não aguentou mais, soprou um sopro suave de ar contra a barba dele.

A boca dele se contraiu.

Abafando o riso, ela soprou novamente.

Ele grunhiu, sonolento. —Está se divertindo?

—Sim.

Isso lhe rendeu um sorriso e um braço forte enganchando-se calorosamente em sua cintura. —Você é incansável.

—É só que eu tenho algo a lhe dizer.

—E o que é isso?

Clara respirou fundo, devagar. —Pode ser prematuro da minha parte.

Ele abriu os olhos. —Você parece séria.

—Eu estou. E como eu disse, pode ser prematuro da minha parte. Mas do jeito que eu vejo, eu penso sobre isso há muito tempo, e você pensa sobre isso por mais tempo, e embora não possamos passar o tempo todo assim... isto...

—Sem roupa, você quer dizer.

Ela sorriu. —Eu não estou brincando, Nicholas. Mesmo que nem sempre seja assim, e temos muito o que discutir e muitas coisas difíceis para resolver entre nós, e com toda a probabilidade muitas coisas mais difíceis de resolver com o seu pessoal - apesar de tudo, eu me conheço. Depois de te ver, depois de estar com você... Não posso negar como isso me faz sentir. Sei que estou no lugar certo e gostaria de ficar.

Depois de um momento, ele piscou. —Você poderia ter esperado até que eu estivesse mais acordado para começar uma discussão tão importante.

—Bem, isso teria sido muito misericordioso da minha parte, eu acho.

Ele se levantou nos braços. O cobertor forrado de pele que eles encontraram para aquecê-los escorregou pelo peito dele, revelando linhas cinzeladas que ela não resistiu a tocar.

—Clara. — Disse ele, pegando as mãos dela e observando-a atentamente. —Você não precisa tomar essa decisão agora.

—Eu sei que não preciso. Mas eu quero e tenho. Depois de tudo o que aconteceu, acho que sou capaz de me decidir. — Ela se inclinou sobre ele, chegando mais perto. —Você mesmo aprendeu o que acontece quando tenta me impedir de fazer o que eu quero.

Nicholas colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. No mar vermelho, um fio de prata chamou a luz da lua. —Seria mais bem-sucedido em mover montanhas.

—Bem então.

Um sorriso lento se espalhou por seu rosto. —Ontem, você estava a um mundo de distância. Esta noite, você está nos meus braços. Clara. — Ele a puxou para perto, deu um beijo suave em sua têmpora. —Clara.

Ela deixou seus olhos se fecharem, sentiu seu corpo quente com o toque dele. —Gostaria que Bo fosse minha consultora pessoal, se ela concordasse.

Outro beijo e outro, franzindo ao longo da mandíbula. —Bem. Então você será quem terá que aturar ela.

Clara riu. —E eu gostaria que meu pai e minha irmã morassem aqui, em Wahlkraft, quando nossos negócios estiverem em ordem e se eles concordarem em deixar Nova York. — Outro beijo em sua garganta; um leve beliscão na clavícula. Ela ofegou, se contorceu mais perto. Nicholas a ajudou, as mãos gentis nos quadris dela.

—É claro. — Ele concordou, beijando seus ombros nus. —Eles deveriam estar aqui para a sua coroação também. —Então ele fez uma pausa, se afastou para olhá-la. —Clara.

—Mmm?

—Pode ser difícil o que temos pela frente. Este país ainda tem uma longa jornada a fazer antes que possa ser inteiro novamente. — Ele ergueu o queixo dela, seu olhar procurando. —Eu sei que você entende isso, mas eu preciso ouvir você dizer isso.

Ela ligou os dedos com os dele e os segurou contra o peito. Seu sangue zumbia com o ritmo dele, com a força de seu vínculo, e, embora soubesse que ele podia senti-lo exatamente como ela podia, queria lembrá-lo disso - do que haviam passado juntos, do que haviam visto e compartilhado. Lembrou-se de encontrá-lo quando criança, olhando para o rosto feroz dele. Lembrou-se de como ele se elevava sobre ela e, no entanto, como nunca tinha tido medo dele.

—Clara? — Ele questionou. O polegar dele circulou suavemente contra a palma da mão, e o amor inchou nela como o sol nascente.

—Será uma longa jornada. — Ela concordou, inclinando-se para beijá-lo. —Mas vamos fazer isso juntos.

FIM